



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras



CAMILA ANDRÉ DO NASCIMENTO DA SILVA

**A TOPONÍMIA INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL: UM ESTUDO
ETNOLINGUÍSTICO**

**Três Lagoas – MS
2020**



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras



CAMILA ANDRÉ DO NASCIMENTO DA SILVA

**A TOPONÍMIA INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL: UM ESTUDO
ETNOLINGUÍSTICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do *Campus* de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo.

**Três Lagoas – MS
2020**

CAMILA ANDRÉ DO NASCIMENTO DA SILVA

**A TOPONÍMIA INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL: UM ESTUDO
ETNOLINGUÍSTICO**

A Banca Examinadora, abaixo nomeada, aprova a Tese defendida pela autora citada para a obtenção do título de DOUTORA EM LETRAS pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, *Campus* de Três Lagoas.

Professora Dra. Aparecida Negri Isquerdo (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Professora Dra. Carmem Lucia Reis Rodrigues
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Professora Dra. Karylleila Andrade
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Professora Dra. Marilze Tavares
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Professor Dr. Renato Rodrigues Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Três Lagoas/MS, 14 de setembro de 2020

"Este trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES)".

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida: à minha mãe *Creusa* e ao meu pai *Elmiro*, minha origem...onde minha história começa; aos meus irmãos *Elmiro Filho e Emílio*, guardiões das minhas melhores recordações; às minhas sobrinhas *Emilly* e *Beatriz*, hoje é com elas que a minha história se eterniza; aos criadores e às criaturas!

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Aparecida Negri Isquierdo, por ter aceitado orientar este trabalho; pelo cuidado, rigor e sensibilidade com que o fez; por me mostrar o melhor caminho a seguir, de forma única, admirável e exemplar, e, fundamentalmente, por acreditar em mim.

Ao grupo de pesquisa do **Projeto ATEMS** pela disponibilização do *corpus* para a realização deste trabalho.

À **CAPES**, pelo apoio financeiro propiciado por meio da Bolsa de Demanda Social, imprescindível apoio no último ano de execução deste trabalho, e pela Bolsa de Estudos para Doutorado Sanduíche (**CAPES/Cofecub**) que me proporcionou ir além do Oceano Atlântico para desenvolver pesquisas em arquivos europeus.

Aos professores Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel, Dra. Elizabete Aparecida Marques, Dra. Carmem Lúcia Reis Rodrigues, Dra. Karylleila Andrade, Dra. Marilze Tavares e Dr. Renato Rodrigues Pereira pelas contribuições a este trabalho por ocasião dos exames de qualificação e defesa.

À professora Dra. Marcela Paim pelo apoio dado ao processo de seleção de bolsa para o doutorado-sanduíche – Programa **CAPES/Cofecub**.

Ao professor Dr. Salah Mejri, coorientador de estágio doutoral, pelos ensinamentos que muito contribuíram para meu aperfeiçoamento acadêmico.

Aos professores Dra. Inês Sfar e Dr. Lichao Zhu, pela amizade, simpatia, apoio e disponibilidade demonstrada (uma tunisiana e um chinês de corações genuinamente brasileiros), que, com muito carinho, me permitiram uma *immersion brutale dans la langue français*.

Aos meus familiares, por fazerem parte da minha existência; sou quem sou porque vocês estiveram e estão sempre ao meu lado. Agradeço, em especial, meus tios Denício Martins de Paula, Elza Moraes do Nascimento e Ramilda Moraes de Paula. Muito obrigada pela confiança, incentivo, auxílio, acolhimento e, principalmente, por compartilharem dos meus sonhos.

A minha amiga Mirian Regina do Nascimento e ~~nessas~~ suas filhas Emily, Késsya e Sophia, “uma amizade incondicional” num exercício pleno de carinho e companheirismo; a família que tive o prazer de escolher.

A minha amiga Aline Lopes Santos, ouvinte atenta de algumas dúvidas, inquietações, desânimos e sucessos, pelo apoio incondicional, pela confiança e pela valorização sempre tão entusiasta do meu trabalho.

As minhas amigas das Letras e da Vida, Acácia Gimenez Barreto, Débora Wege e Rosângela Simões, pelo enorme carinho, apoio, companheirismo e pela forma como, ao longo de quinze anos, tão bem souberam se fazer presentes na minha vida.

A minha amiga Kálita Gomes de Oliveira, agradeço a amizade e a companhia de todos os dias. Seu *bonjour*, seu café e nossas confabulações foram mais que essenciais nesta caminhada.

A geração 2018 da *Maison du Brésil*: Ablo Dianka (*in memoriam*) *notre fidèle agente de sécurité*, Adriana, Ana Godeiro, Dam, David, Carine, Larissa, Leila, Lucas, Lúcio, Marianna, Mariela Piccin, Monique, Nayara, Rodrigo(s), Willian, pela amizade e companheirismo durante o período em que estivemos juntos “respirando Paris e conservando nossas almas” e, em especial, à Vanessa Yida, agradeço por *profitez de Paris* comigo e me provar que realmente “existem apenas dois lugares no mundo onde se pode viver feliz: em casa e em Paris”. Obrigada por transformarem o 2^{ème} em uma grande família. A vocês, minha gratidão eterna!

Aos meus companheiros de laboratório (T.T.N) Rouam Abdelahdi e Imen Mizouri, muito obrigada pela atenção, carinho e cuidados, por cada *thé* oferecido na tentativa de amenizar o *désolé* pelo frio de *Villetaneuse* e pela paciência em tentar entender meu francês a cada nova palavra aprendida.

Aos companheiros de Doutorado: Letícia, Nágila, Quentin, Tânia e Thierry, pelas alegrias, angústias e estímulos compartilhados em nossa trajetória.

Agradeço infinitamente a Jeová Deus, meu melhor amigo, pela luz, inspiração e proteção nos momentos difíceis e, sobretudo, por ter colocado em minha vida alguns “anjos sem asas” que estiveram comigo nesta jornada e que, de alguma forma, transmitiram força e confiança a mim.

Muito Obrigada!

“Os povos indígenas não estão no fim da história, senão no início de um futuro diferente. Quem tem tido a oportunidade de estar com eles sabe de sua sabedoria e dos horizontes que ela nos tem aberto para pensarmos o bem viver; sabe da esperança de que outro mundo foi e é possível. Se os povos indígenas não existissem, teríamos que inventá-los. Mas não é necessário, eles reinventam-se a cada dia e amanhecem de novo a cada manhã” (MELIÀ, 2015, p. 17).

SILVA, Camila André do Nascimento. **A toponímia indígena em Mato Grosso do Sul: um estudo etnolinguístico**. 2020, 629 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Três Lagoas, 2020.

RESUMO

Esta tese tem como objeto de investigação a toponímia indígena rural do estado de Mato Grosso do Sul e concebe o topônimo, na sua essência, como signo linguístico, discutindo sua relação com a cultura e a história social do homem que habita e/ou habitou o espaço nomeado. O *corpus* da pesquisa reúne 1.750 topônimos que nomeiam acidentes físicos rurais pertencentes aos 79 municípios sul-mato-grossenses, em sua grande maioria extraídos do Sistema de Dados informatizados do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS), com atualização por meio de consulta aos mapas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010). A pesquisa orienta-se pelos seguintes objetivos: investigar a influência indígena no processo de nomeação dos acidentes geográficos do espaço estudado; evidenciar a contribuição vocabular ameríndia ao léxico da língua portuguesa e demonstrar que os topônimos de base indígena são parte integrante da identidade linguístico-cultural do estado de Mato Grosso do Sul. Como primeira hipótese de pesquisa considerou-se a tese de que os topônimos de base indígena foram influenciados por particularidades sócio-histórico-culturais e preservados na nomenclatura geográfica do Estado, privilegiando elementos da natureza circundante, como a flora, a fauna, a água, o solo. Na busca de resposta para a segunda hipótese constatou-se que os topônimos indígenas analisados, especialmente os de estrutura complexa, evidenciam um processo de *soldadura ortográfica*, o que amplia a proposta de formação morfológica dos topônimos de Dick (1992) com a discussão desse novo processo de geração de nomes compostos. A análise dos dados foi orientada, fundamentalmente, pelas orientações teórico-metodológicas propostas por Longnon (1920); Dauzat (1947); Drumond (1965) e Dick (1982; 1987; 1990; 1992; 1997; 2000; 2006; 2008). A descrição etimológica e a consequente análise da língua de origem dos topônimos foram subsidiadas por obras que versam sobre línguas indígenas, como Rodrigues (1951; 1993; 1996; 1999; 2002); Edelweiss (1958; 1969); Gregório (1980) e Seki (1999; 2000), incluindo, em especial, dicionários de línguas indígenas, como Sampaio (1928); Barbosa (1956); Tibiriçá (1985; 1989); Cunha (1998; 1999); Navarro (2005; 2013); Assis (2008); Guasch; Ortiz (2008) e Stradelli (2014). Em relação à motivação (DICK, 1992) os dados confirmam que as taxionomias de natureza física, com 81,37%, prevalecem sobre as de natureza antropocultural, com 13,60% (5,03% dos topônimos aguardam descrição etimológica que subsidiem a classificação). Esses dados demonstram que a influência indígena é mais intensa nos topônimos de natureza física, justamente por se relacionarem ao ambiente cuja nomeação faz parte do universo lexical do denominador, principalmente os motivados pela presença de plantas, animais e água. O produto deste estudo evidenciou maior incidência de topônimos de origem indígena na mesorregião Sudoeste e na microrregião de Iguatemi, áreas que abrigam contingentes significativos de populações indígenas: respectivamente, 46,00% e 23,08% do *corpus* analisado. No que se refere às categorias taxionômicas, foram identificadas no *corpus* três taxas com maior índice de produtividade: os *fitotopônimos* (37,37%); os *zootopônimos* (24,97%) e os *hidrotopônimos* (11,60%), todas de natureza física. Já em relação à estrutura morfológica, foi apurado maior produtividade dos topônimos compostos por justaposição (32,28%) e dos compostos por aglutinação (27,60%), enquanto os de estrutura simples alçaram a terceira posição (16,57%), e os compostos híbridos e simples híbridos (10,40% e 5,31%) o quarto e o quinto lugar, respectivamente. No que diz respeito à língua de origem, os resultados confirmam que a

toponímia indígena tem forte influência na toponímia do Estado, o que foi atribuído, especialmente, a condicionantes socioambientais no processo de nomeação e à concentração de povos indígenas, sobretudo, do Tupi, com 59,65% de ocorrências e do Guarani com 5,65%. Entre os topônimos híbridos destacaram-se duas categorias: a composição Tupi + LP (10,91% dos casos) e a LP + Tupi (8,34% das ocorrências), sinalizando a contribuição indígena ao léxico da língua portuguesa. Em síntese, os resultados da pesquisa confirmam a forte influência da história social no léxico toponímico, a importância das pesquisas toponímicas para o resgate de aspectos linguísticos, culturais e ideológicos de uma comunidade de falantes e o papel da toponímia indígena como um bem imaterial importante para o patrimônio ambiental, cultural e linguístico de uma comunidade de falantes.

Palavras-chave: Onomástica; Toponímia; Línguas Indígenas; Etnolinguística; Morfologia; ATEMS.

SILVA, Camila André do Nascimento. **La toponymie indigène dans le Mato Grosso do Sul: une étude ethnologique.** 2020, 629 f. Thèse (Doctorat en lettres). Université fédérale du Mato Grosso do Sul, *Campus* des Três Lagoas, 2020.

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour objet de recherche la toponymie indigène rurale de l'état du Mato Grosso do Sul et conçoit le toponyme, en substance, comme un signe linguistique, discutant sa relation avec la culture et l'histoire sociale de l'homme qui habite et/ou a habité l'espace nommé. Le *corpus* de la recherche réunit 1.750 toponymes qui nomment des accidents physiques ruraux appartenant aux 79 municipalités de cet état du Brésil, dans leurs grandes majorités extraites du Système de Données Informatisé de l'Atlas Toponymique de l'État du Mato Grosso do Sul (ATEMS), avec une actualisation par la consultation des cartes de l'Institut Brésilien de Géographie et de statistiques (IBGE/2010). La recherche est guidée selon les objectifs suivants : établir l'influence amérindienne dans le processus de nomination des accidents géographiques de l'espace étudié ; mettre en évidence la contribution du vocabulaire amérindien dans le lexique de la langue portugaise et démontrer que les toponymes à base indigène font partie intégrante de l'identité linguistique et culturelle de l'état du Mato Grosso do Sul. Comme première hypothèse de recherche, on a considéré la thèse selon laquelle les toponymes à base indigène ont été influencés par des particularités socio-historico-culturelles et préservés dans la nomenclature géographique de l'État, privilégiant des éléments de la nature environnante, comme la flore, la faune, l'eau, le sol. Dans la recherche de la réponse à la seconde hypothèse, il a été constaté que les toponymes indigènes analysés, en particulier ceux à structure complexe, mettent en évidence un processus de *soudure orthographique*, ce qui élargit la proposition de formation morphologique des toponymes de Dick (1992) avec la discussion de ce nouveau processus de génération de noms composés. L'analyse des données a été essentiellement axée sur les orientations théoriques et méthodologiques proposées par Longnon (1920) ; Dauzat (1947) ; Drumond (1965) et Dick (1982 ; 1987 ; 1990 ; 1992 ; 1997 ; 2000 ; 2006 ; 2008). La description étymologique et l'analyse de la langue d'origine des toponymes ont été traitées par la consultation d'ouvrages traitant des langues indigènes, comme Rodrigues (1951 ; 1993 ; 1996 ; 1999 ; 2002) ; Edelweiss (1958 ; 1969) ; Gregório (1980) et Seki (1999 ; 2000), notamment des dictionnaires de langues indigènes tels que Sampaio (1928) ; Barbosa (1956) ; Tibiriçá (1985 ; 1989) ; Cunha (1998 ; 1999) ; Navarro (2005 ; 2013) ; Assis (2008) ; Guasch ; Ortiz (2008) et Stradelli (2014). En ce qui concerne la motivation (DICK, 1992), les données confirment que les taxinomies de nature physique avec 81,37%, prévalent sur celles de nature anthropoculturelle avec 13,60% (5,03% des toponymes attendent une description étymologique pour intégrer la classification). Ces données démontrent que l'influence indigène est plus intense dans les toponymes de nature physique, précisément parce qu'ils se rapportent à l'environnement dont la nomination fait partie de l'univers lexical du dénominateur, principalement ceux motivés par la présence de plantes, d'animaux et d'eau. Le résultat de cette étude a mis en évidence une plus grande incidence de toponymes d'origine indigène dans la mésorégion sud-ouest et dans la microrégion d'Iguatemi, zones abritant des contingents significatifs de populations indigènes : respectivement 46,00% et 23,08% du corpus analysé. En ce qui concerne les catégories taxinomiques, trois taxons avec le taux de productivité le plus élevé ont été identifiées dans le corpus : les *phytotoponymes* (37,37%) ; les *zootoponymes* (24,97%) et les *hydrotoponymes* (11,60%), tous de nature physique. Déjà par rapport à la structure morphologique, on a constaté une plus grande productivité des toponymes composés par juxtaposition (32,28%) et des composés par agglutination (27,60%), tandis

que ceux à structure simple prenaient la troisième position (16,57%), et les composés hybrides et simples hybrides (10,40 % et 5,31 %) respectivement au quatrième et au cinquième rang. En ce qui concerne la langue d'origine, les résultats confirment que la toponymie indigène a une forte influence sur la toponymie de l'État, ce qui a été attribué en particulier à des contraintes socioenvironnementales dans le processus de nomination et à la concentration des peuples indigènes, Tupi, avec 59,65 % d'occurrences et Guarani avec 5,65 %. Parmi les toponymes hybrides se distinguent deux catégories : la composition Tupi + LP (10,91% des cas) et la LP + Tupi (8,34% des occurrences), signalant la contribution indigène au lexique de la langue portugaise. En résumé, les résultats de la recherche confirment la forte influence de l'histoire sociale sur le lexique toponymique, l'importance des recherches toponymiques pour la préservation des aspects linguistiques, culturelles et idéologiques d'une communauté de locuteurs et le rôle de la toponymie indigène comme un bien immatériel important pour le patrimoine environnemental, culturel et linguistique d'une communauté de locuteurs.

Mots-clés : Onomastique ; Toponymie ; Langues Indigènes ; Ethnolinguistique ; Morphologie ; ATEMS.

SILVA, Camila André do Nascimento. **The indigenous toponymy in Mato Grosso do Sul: an ethnolinguistic study**. 2020, 629 f. Thesis (Doctorate in Letters) - Federal University of Mato Grosso do Sul, *Campus* of Três Lagoas, 2020.

ABSTRACT

This thesis has as its object of investigation the rural indigenous toponymy of the state of Mato Grosso do Sul and conceives the toponym, in its essence, as a linguistic sign, discussing its relation with the culture and the social history of the man who inhabits and/or inhabited the named space. The research corpus gathers 1,750 toponyms that name rural physical accidents belonging to the 79 municipalities in the state of Mato Grosso do Sul, most of them extracted from the computerized data system of the Toponymy Atlas of the State of Mato Grosso do Sul (ATEMS), updated by consulting the maps of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE/2010). The research is guided by the following objectives: to investigate the indigenous influence in the naming process of geographical accidents in the studied space; to evidence the Amerindian vocabular contribution to the lexicon of the Portuguese language and to demonstrate that indigenous-based toponyms are an integral part of the linguistic-cultural identity of the state of Mato Grosso do Sul. As a first research hypothesis we considered the fact that indigenous-based toponyms were influenced by socio-historical-cultural particularities and preserved in the geographic nomenclature of the state, privileging elements of the surrounding nature, such as flora, fauna, water, and soil. In the search for an answer to the second hypothesis, it was found that the analyzed indigenous toponyms, especially those with a complex structure, show an orthographic '*welding*' process, which extends Dick (1992) proposal for the morphological formation of toponyms with the discussion of this new process of generating compound names. The data analysis was guided, fundamentally, by the theoretical and methodological orientations proposed by Longnon (1920); Dauzat (1947); Drumond (1965) and Dick (1982; 1987; 1990; 1992; 1997; 2000; 2006; 2008). The etymological description and the consequent analysis of the language of origin of the toponyms were supported by works on indigenous languages, such as Rodrigues (1951; 1993; 1996; 1999; 2002); Edelweiss (1958; 1969); Gregório (1980) and Seki (1999; 2000), including, in particular, dictionaries of indigenous languages, such as Sampaio (1928); Barbosa (1956); Tibiriçá (1985; 1989); Cunha (1998; 1999); Navarro (2005; 2013); Assis (2008); Guasch; Ortiz (2008) and Stradelli (2014). Regarding motivation, the data confirm that taxonomies of a physical nature, with 81.37%, prevail over those of an anthropocultural nature, with 13.60% (5.03% of the toponyms await etymological description to support the classification). These data show that the indigenous influence is more intense in toponyms of a physical nature, precisely because they relate to the environment whose naming is part of the lexical universe of the denominator, especially those motivated by the presence of plants, animals and water. The result of this study showed a higher incidence of toponyms of indigenous origin in the southwest mesoregion and the micro-region of Iguatemi, areas that hold significant contingents of indigenous populations: 46.00% and 23.08% of the analyzed *corpus*, respectively. With regard to taxonomic categories, three taxes with the highest productivity index were identified in the corpus: *phytotoponyms* (37.37%); *zootoponyms* (24.97%) and *hydrotoponyms* (11.60%), all of a physical nature. As for the morphological structure, the toponyms composed by juxtaposition (32.28%) and by agglutination (27.60%) had the highest productivity, while the simple structure toponyms ranked third (16.57%), and the hybrid and simple hybrid compounds (10.40% and 5.31%) ranked fourth and fifth, respectively. Regarding the language of origin, the results confirm that indigenous toponymy has a strong influence in the toponymy of the state, which was

attributed, especially, to socio-environmental conditioning factors in the nomination process and the concentration of indigenous people, especially Tupi, with 59.65% of occurrences and Guarani with 5.65%. Among the hybrid toponyms, two categories stood out: the composition Tupi + LP (10.91% of the cases) and LP + Tupi (8.34% of the occurrences), indicating the indigenous contribution to the Portuguese language lexicon. In summary, the results of the research confirm the strong influence of social history in the toponymic lexicon, the importance of toponymic research to rescue linguistic, cultural and ideological aspects of a community of speakers and the role of indigenous toponymy as an important immaterial asset for the environmental, cultural and linguistic heritage of a community of speakers.

Key-words: Onomastics; Toponymy; Indigenous Languages; Ethnolinguistics; Morphology; ATEMS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da localização do indígena brasileiro (GREGÓRIO, 1980).....	89
Figura 2 - Mapa da População indígena segundo etnias (MELATTI, 2007).....	90
Figura 3 - Mapa de Densidade da população indígena (IBGE, 2010).....	92
Figura 4 - Localização geográfica do Tronco Tupi.....	95
Figura 5 - Localização geográfica do Tronco Macro-Jê.	99
Figura 6 - Mapa das Terras indígenas em Mato Grosso do Sul.....	106
Figura 7 - Terras Indígenas de Mato Grosso do Sul	115
Figura 8 - Mato Grosso do Sul Terras Indígenas	116
Figura 9 - Derivação no tupi	145
Figura 10 - Derivação por sufixação no tupi.....	146
Figura 11 - Classificação dos morfemas do guarani	152
Figura 12 - Classificação dos verbos	163
Figura 13 - Características do verbo no guarani em Guasch e Ortiz (2008).....	165
Figura 14 - Modelo da Ficha Lexicográfico-toponímica (DICK, 2004).....	176
Figura 15 - Ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS.....	177
Figura 16 - Mapa da divisão mesorregional de Mato Grosso do Sul.....	187
Figura 17- Mapa da divisão microrregional de Mato Grosso do Sul.....	187
Figura 18 - Mapa das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediária no Brasil.....	189

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Taxionomias toponímicas de natureza física (DICK, 1992, p. 31-34).....	65
Quadro 2 - Taxionomias toponímicas de natureza antropocultural (DICK, 1992, p. 33-34	66
Quadro 3 - Constituição interna da família Tupi-Guarani.....	96
Quadro 4 - Distribuição das línguas da família Tupi-Guarani no Brasil.....	97
Quadro 5 - Distribuição das línguas do tronco Macro-Jê no Brasil.....	100
Quadro 6 - Línguas isoladas faladas no Brasil.....	101
Quadro 7 - Línguas Indígenas em Mato Grosso do Sul.....	106
Quadro 8 - O substantivo no tupi em Sampaio (1928).....	119
Quadro 9 - O substantivo no tupi em Pontes (1981).....	121
Quadro 10 - O substantivo no tupi em Navarro (2005).....	123
Quadro 11 - O adjetivo no tupi em Sampaio (1928).....	124
Quadro 12 - Adjetivos qualificativos e predicativos no tupi em Navarro (2005).....	126
Quadro 13 - O pronome no tupi em Sampaio (1928).....	130
Quadro 14 - Os pronomes pessoais no tupi em Navarro (2005).....	131
Quadro 15 - Os pronomes possessivos no tupi em Navarro (2005).....	132
Quadro 16 - Conjugação do verbo matar no tupi em Sampaio (1928).....	133
Quadro 17 - O verbo no tupi em Sampaio (1928).....	133
Quadro 18 - O advérbio no tupi em Sampaio (1928).....	136
Quadro 19 - As preposições no tupi em Sampaio (1928).....	138
Quadro 20 - As posições no tupi em Navarro (2005).....	140
Quadro 21 - Os afixos derivacionais no tupi em Barbosa (1956).....	141
Quadro 22 - O substantivo no guarani em Assis (2008).....	154
Quadro 23 - O adjetivo no guarani em Canese e Alcaraz (2007).....	156
Quadro 24 - O adjetivo no guarani em Assis (2008).....	156
Quadro 25 - O pronome no guarani em Muniagurria (1947).....	158
Quadro 26 - O pronome no guarani em Canese e Alcaraz (2007).....	159
Quadro 27 - O pronome no guarani em Assis (2008).....	159
Quadro 28 - O verbo no guarani em Muniagurria (1947).....	160
Quadro 29 - O verbo no guarani em Canese e Alcaraz (2007).....	161
Quadro 30 - O verbo no guarani em Assis (2008).....	164

Quadro 31 - O advérbio no guarani em Assis (2008)	166
Quadro 32 - A preposição no guarani em Muniagurria (1947)	167
Quadro 33 - A conjunção no guarani em Muniagurria (1947)	168
Quadro 34 - A interjeição no guarani em Muniagurria (1947).....	169
Quadro 35 - Quadro-síntese dos parâmetros de avaliação dos topônimos	178
Quadro 36 - Excerto do quadro de registro de dados (SILVA, 2020)	179
Quadro 37 - Amostra de topônimos candidatos à <i>soldadura ortográfica</i>	184
Quadro 38 - Divisão micro e mesorregional de Mato Grosso do Sul.....	185
Quadro 39 - Divisão Regional do Mato Grosso do Sul em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias (IBGE, 2017)	188
Quadro 40 - Distribuição geográfica da área de pesquisa.....	192
Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul.....	195
Quadro 42 - Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul	267
Quadro 43 - Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul.....	378
Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanais de Mato Grosso do Sul	524
Quadro 45 - Topônimos indígenas na toponímia sul-mato-grossense com soldadura ortográfica.....	597
Quadro 46 - Grau diminutivo no tupi	607
Quadro 47 - Grau aumentativo no tupi	608

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses por mesorregiões	570
Gráfico 2 - Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses por microrregiões	571
Gráfico 3 - Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas segundo as mesos e microrregiões de Mato Grosso do Sul e conforme a taxionomia (DICK, 1992)	575
Gráfico 4 – Produtividade de topônimos indígenas segundo a natureza da motivação semântica (DICK, 1992)	577
Gráfico 5 - Distribuição quantitativa das taxas de natureza física (DICK, 1992) na toponímia indígena de acidentes físicos de Mato Grosso do Sul.....	578
Gráfico 6 - Distribuição quantitativa das taxas de natureza antropocultural (DICK, 1992) na toponímia indígena de acidentes físicos de Mato Grosso do Sul.....	579
Gráfico 7 - Distribuição dos topônimos indígenas de Mato Grosso do Sul quanto à língua de origem	586
Gráfico 8 - Principais estruturas morfológicas identificadas na toponímia indígena sul-mato-grossense.....	587
Gráfico 9 - Distribuição quantitativa dos principais* tipos de estrutura morfológica identificadas na toponímia indígena sul-mato-grossense	589

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Povos indígenas no Brasil (IBGE, 2000-2012)	911
Tabela 2 - Distribuição quantitativa dos topônimos segundo as mesorregiões e microrregiões de Mato Grosso do Sul	569
Tabela 3 - Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses segundo a taxionomia toponímica.....	572
Tabela 4 - Distribuição quantitativa de topônimos indígenas distribuídos segundo as taxionomias de natureza física e antropocultural (DICK, 1992)	576
Tabela 5 - Topônimos com taxionomia não identificada.....	584
Tabela 6 - Línguas de origem dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses	585
Tabela 7 - Análise quantitativa da Estrutura Morfológica.....	590

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul
ATESP	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	Instituto Socioambiental
LP	Língua Portuguesa
MS	Mato Grosso do Sul
PI	Posto Indígena
PIB	Povos Indígenas no Brasil
PibISA	Povos Indígenas no Brasil Instituto Socioambiental
RI	Reserva Indígena
STF	Supremo Tribunal Federal
TI	Terra Indígena
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFP	Universidade Federal do Pará
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1 – LEXICOLOGIA E ONOMÁSTICA: UM OLHAR SOBRE O LÉXICO TOPONÍMICO INDÍGENA SUL-MATO-GROSSENSE	31
1.1 A palavra: estrutura e formação	31
1.1.1 Considerações sobre o léxico	31
1.1.2 Descrição morfológica do português: conceitos gerais	35
1.1.3 Classes de palavras	36
1.1.4 Estrutura das palavras	36
1.1.5 Formação de palavras	37
1.1.6 Conceito de derivação	38
1.1.7 Conceito de composição	39
1.1.8 O processo de composição e a hipótese de soldadura	41
1.2. O topônimo e o espaço nomeado	47
1.2.1 O léxico e o processo de nomeação da realidade	47
1.2.2 Toponímia e cultura	49
1.2.3 Estudos toponímicos: um breve percurso histórico	53
1.2.4 Modelos Taxionômicos	61
1.2.5 Estudos toponímicos em Mato Grosso do Sul	75
1.2.6 Considerações sobre a toponímia indígena	77
CAPÍTULO 2 - ASPECTOS DESCRITIVOS E HISTÓRICOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS	85
2.1 As línguas indígenas do Brasil	85
2.2 O tronco Tupi e suas famílias	94
2.2.1 Família Tupi-Guarani	96
2.3 O tronco Macro-Jê e suas famílias	98
2.4 As famílias isoladas	100
2.5 A língua geral	101
2.6 Contribuição das línguas indígenas ao português do Brasil	102
2.7 Os povos indígenas do Mato Grosso do Sul	103

2.7.1 Línguas da família Tupi-Guarani	107
2.7.1.1 Nãndeva, Mbya e Kaiowá	107
2.7.2 Línguas do Tronco Macro-Jê	108
2.7.2.1 Guató	108
2.7.2.2 Ofaié	109
2.7.3 Línguas da família Aruák	110
2.7.3.1 Terena	110
2.7.3.2 Kiniquinau	111
2.7.4 Família Guaicuru	112
2.7.4.1 Kadiwéu	112
2.7.5 Línguas não classificadas	113
2.7.5.1 Atikum	113
2.7.5.2 Kamba	113

CAPÍTULO 3 - A MORFOLOGIA DO TUPI E DO GUARANI: UM PANORAMA

.....117

3.1 Descrição morfológica do tupi: conceitos gerais	117
3.1.1 Classes de palavras	118
3.1.1.1 Substantivo	118
3.1.1.2 Adjetivo	124
3.1.1.3 Numeral	127
3.1.1.4 Pronome	130
3.1.1.5 Verbo	132
3.1.1.6 Advérbio	136
3.1.1.7 Conjunção	137
3.1.1.8 Interjeição	137
3.1.1.9 Posposição	138
3.2 Estrutura das palavras	141
3.2.1 Raiz/Radical	142
3.2.2 Tema	142
3.2.3 Afixo	142
3.2.4 Desinências	143
3.3 Classificação das palavras	143

3.3.1	Palavras primárias	143
3.3.2	Palavras secundárias	144
3.4	Formação de palavras	144
3.4.1	Conceito de derivação	145
3.4.2	Conceito de composição	146
3.4.2.1	Composição em tupi – Barbosa (1951)	146
3.4.2.2	Composição em tupi – Rodrigues (1951)	147
3.5	Descrição morfológica do guarani: conceitos gerais	150
3.5.1	Classes de palavras	151
3.5.1.1	Substantivo	152
3.5.1.2	Adjetivo	155
3.5.1.3	Numeral	157
3.5.1.4	Pronome	158
3.5.1.5	Verbo	160
3.5.1.6	Advérbio	165
3.5.1.7	Preposição	166
3.5.1.8	Conjunção	168
3.5.1.9	Interjeição	168
3.6	Estrutura das palavras	169
3.7	Formação das palavras	170
3.7.1	Conceito de derivação	172
3.7.2	Conceito de composição	172
CAPÍTULO 4 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA		174
4.1	Metodologia aplicada à pesquisa	174
4.2	Sistematização dos dados	175
4.3	Área de pesquisa	185
4.3.1	Mesorregiões geográficas, microrregiões e respectivos municípios	185
4.4	Dicionários de línguas indígenas	189
CAPÍTULO 5 - OS DADOS DA PESQUISA		191
CAPÍTULO 6 - ANÁLISE DOS DADOS		568

6.1 Topônimos indígenas sul-mato-grossenses: abordagem quantitativa	569
6.2 Taxionomias com maior recorrência na toponímia indígena de Mato Grosso do Sul	579
6.2.1 Fitotopônimos	580
6.2.2 Zootopônimos	580
6.2.3 Hidrotopônimos	581
6.2.4 Ergotopônimos	581
6.2.5 Litotopônimos	581
6.2.6 Antropotopônimos	582
6.2.7 Ecotopônimos	582
6.2.8 Etnotopônimos	583
6.2.9 Dimensiotopônimos	583
6.3 Considerações sobre a estrutura morfológica dos topônimos	587
6.4 O processo de <i>soldadura</i> ortográfica	596
6.5 A questão da toponimização	604
6.6 Marcas sufixais	606
6.6.1 Sufixos diminutivos	606
6.6.2 Sufixos aumentativos	607
6.6.3 Outras derivações sufixais	608
CONCLUSÕES	611
REFERÊNCIAS	617

INTRODUÇÃO

Um dos resultados imediatos da colonização do Brasil foi a miscigenação étnica, seguida da cultural, por meio de um intercâmbio de usos e costumes. A história evidencia que as fronteiras do solo brasileiro foram abertas e, conseqüentemente, topônimos de origem indígena batizaram o Brasil. Os câmbios culturais e linguísticos que se processaram entre europeus e indígenas deixaram marcas e contribuíram para a construção da identidade brasileira. Assim, no âmbito do léxico, a herança indígena enriqueceu expressivamente o português do Brasil.

Os portugueses, desde o descobrimento, perceberam a utilidade das denominações indígenas. Dick (1990, p. 54) assegura que a grande maioria dos topônimos do período da colonização é de origem indígena, sobretudo, do tupi¹. No entanto, como tentativa de mudar essa realidade, a história registra o projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a proibição do uso da língua geral², com o intuito de abafar as vozes dos indígenas, levando-os ao silenciamento. Assim, por meio da ação protagonizada pela figura do colonizador, se produz a tentativa de apagamento do léxico indígena, instaurando-se substituições lexicais ordenadas para ocultar a origem desse léxico e, por extensão, dos topônimos, porém, a despeito dessas políticas do colonizador, a herança indígena sobreviveu e ainda é evidente no léxico do português.

No período da colonização verifica-se ainda que a nomeação era uma atividade cotidiana para os europeus e, conseqüentemente, os colonizadores tinham urgência em demarcar o território conquistado. Apagar nomes oriundos das línguas dos nativos para inserir nomes lusitanos era a vontade de Pombal³, assim topônimos de origem indígena foram apagados para conferir às novas terras marcas lusitanas. Em outras palavras, os europeus entendiam que renomear era necessário para dar uma nova identidade ao território e, assim, atingir o sonhado desenvolvimento.

¹ Nesse universo, apesar do predomínio do tupi no cenário indígena nacional, outras línguas indígenas também fizeram e fazem parte da constituição da identidade brasileira, mesmo que em menor proporção, admitindo que a ideia de homogeneidade etnolinguística no Brasil durante a colonização não se confirma, mas pode ser justificada pelo fato de os primeiros colonizadores terem conhecido inicialmente a língua tupi, que dominava a costa brasileira, o que não representa a real situação étnica daquele período.

² Segundo Edelweiss (1969, p. 17-18), Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, fez publicar, com data em 3 de maio de 1757, o célebre Diretório de proibição oficial do uso da língua geral e instituiu o português como única língua do Brasil. Esse Diretório foi confirmado e convertido em lei pelo alvará de 17 de agosto de 1758.

³ Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como Marquês de Pombal (1699-1782) foi um nobre, diplomata e estadista português, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e também Ministro do Reino de Portugal de 1750 a 1777.

O princípio subjacente a esta pesquisa é o de que a toponímia não só pode atuar como fonte de conhecimento acerca da presença de grupos étnicos em uma dada região, de acontecimentos históricos, de influências interculturais, de costumes e de informações sobre a língua falada quando o acidente geográfico foi nomeado, como também substanciar informações acerca do que era mais importante para o grupo em um dado momento da sua história, isto é, a motivação preservada no signo toponímico que, muitas vezes, revela a visão de mundo do denominador e do grupo a que pertence. Assim, sob esse ângulo, pode-se dizer que a toponímia registra a língua em uso e, conseqüentemente, perpetua o léxico da população que habita o espaço geográfico nomeado.

Tomando como fio condutor o fato de o estado de Mato Grosso do Sul abrigar a segunda maior população indígena declarada do Brasil, segundo o censo de 2010/IBGE⁴, esta Tese tem como um dos seus propósitos identificar a vitalidade da herança indígena na toponímia sul-mato-grossense, considerando que a presença e a distribuição de povos indígenas no Brasil refletem-se de forma muito significativa no panorama toponímico do Estado. Conseqüentemente, os nomes de lugares de origem indígena pertencentes à toponímia de Mato Grosso do Sul são um documento vivo da preferência inicial dada ao tupi como instrumento de comunicação.

Outro fator que motivou a produção desta Tese foi, sobretudo, o número reduzido de pesquisas linguísticas sobre a toponímia indígena em proporção à riqueza de topônimos indígenas existentes na toponímia brasileira. O estudo foi também pensado como uma forma de fornecer novos olhares, novos conhecimentos linguísticos acerca da toponímia indígena sul-mato-grossense e, por extensão, enriquecer a alimentação do Sistema de Dados do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul em termos de registro de informações linguísticas sobre os topônimos de base indígena. Além disso, a realização desta investigação considerou a importância do estudo toponímico como forma de recuperação de fatos históricos, linguísticos, etnológicos e sociais da região estudada.

Dessa maneira, partindo do princípio de que o léxico pode revelar traços do ambiente físico-social no qual o falante está inserido, entende-se que o estudo do léxico toponímico representa também uma forma de conhecimento de características ambientais

⁴ Em números absolutos, o estado do Amazonas é o que apresenta a maior população indígena declarada, com 168.680 habitantes. O Mato Grosso do Sul aparece na lista com a segunda maior população (73.295). Na sequência destacam-se: Bahia (56.381), Pernambuco (53.284) e Roraima (49.637). Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2012/04/ibge-aponta-que-mais-de-42-mil-indios-vivem-em-mato-grosso.html>. Acesso em: 26 out.2020.

perpetuadas nos nomes de lugares, isso em razão de o signo linguístico em função toponímica – o topônimo – ser influenciado por particularidades sócio-histórico-culturais da região, preservadas na nomeação, sobretudo, de acidentes físicos.

Desse modo, pode-se considerar que os topônimos de origem indígena documentados representam a força das línguas nativas cujo léxico sobreviveu às tentativas de um possível apagamento direcionado pelo colonizador aqui já assinalado. Isso demonstra que os topônimos não são simples demarcadores de lugares, mas também fazem parte da construção identitária de uma nação. Nessa perspectiva, neste estudo, busca-se demonstrar em que proporção a herança lexical de base indígena se perpetua na toponímia, no caso, na circunscrita ao estado de Mato Grosso do Sul. Para tal efeito, o estudo baseia-se, sobretudo, no estudo dos **1.750** topônimos indígenas que nomeiam acidentes físicos rurais que constituem o *corpus* desta pesquisa.

Nesse sentido, define-se aqui uma primeira hipótese a ser avaliada no âmbito desta pesquisa: os topônimos de acidentes físicos rurais do estado de Mato Grosso do Sul preservam estratos linguísticos oriundos das línguas das diferentes etnias que habitam e/ou habitaram a área geográfica estudada.

Nessa mesma direção, a segunda hipótese considera que se pode conjecturar que os aspectos da realidade extralinguística, particularmente os relativos à realidade física, refletem-se nos topônimos indígenas que nomeiam acidentes geográficos, privilegiando os principais elementos da natureza: vegetação, animal, água e solo.

Essas duas primeiras hipóteses conduzem à busca de reflexões acerca de funções assumidas pelos topônimos de origem indígena na configuração do espaço nomeado e, por extensão, na valorização da herança indígena em termos culturais e linguísticos, ou seja, colocando em evidência uma produção de sentido que auxilia na organização da história, considerando-se que a toponímia indígena pode se configurar como “ferramenta” auxiliar na retomada de uma consciência cultural, além de revelar marcas de culturas nativas na base da identidade nacional.

Como terceira hipótese considera-se que os topônimos indígenas analisados, especialmente os de estrutura complexa, resultam de um processo de *soldadura ortográfica*⁵, à medida que essa *soldadura* pode representar a possibilidade de conceber

⁵ Segundo Radimský (2005, p. 10), o critério de *soldadura* tem importantes repercussões no domínio da lexicografia e no tratamento informatizado da língua. Para o autor, o grau de *soldadura* dos elementos de um composto define o termo composto em relação às estruturas mais sintáticas (locuções, sinapses etc.).

o topônimo como uma unidade fraseológica, com ênfase no aspecto da fixidez, umas das propriedades dos fraseologismos.

Desta forma, definiu-se como objetivo geral da pesquisa investigar influências linguísticas, sociais e culturais subjacentes nos topônimos de base indígena que nomeiam acidentes físico-rurais dos 79 municípios que integram o estado de Mato Grosso do Sul, do ponto de vista onomástico-toponímico.

A opção pelo estudo dos topônimos que nomeiam acidentes físicos foi motivada pelo interesse em averiguar como o homem alocado no ambiente rural, tendo ao seu dispor as várias possibilidades de designações disponíveis na língua, foi influenciado pelo meio ambiente na nomeação dos acidentes geográficos de natureza física. E é nesse contexto que surge a necessidade de verificar em que proporção particularidades ambientais como as riquezas naturais – a fauna, a flora, a diversidade de cursos de água como rios, córregos, vazantes – que compõem o cenário da região influenciaram o sistema de nomeação dos acidentes geográficos físicos. Para tanto, tornou-se necessário averiguar contribuições do léxico ameríndio impressas nos topônimos, a partir da análise do sintagma toponímico e demonstrar que os topônimos de base indígena são parte integrante da identidade linguístico-cultural de Mato Grosso do Sul.

Desta forma, em termos de objetivos específicos, o estudo busca:

- a) resgatar a língua de origem dos topônimos da região investigada com vistas a identificar os estratos linguísticos predominantes na toponímia sul-mato-grossense;
- b) apurar aspectos etimológicos dos topônimos de base indígena que formam o *corpus* da pesquisa, como requisito para a análise da estrutura morfológica dos nomes de lugares;
- c) descrever aspectos morfológicos dos topônimos, focalizando a hipótese da *soldadura* ortográfica, ou seja, a relação entre o processo de acomodação fonética e a formação de topônimos compostos por justaposição e aglutinação;
- d) classificar os topônimos pesquisados, segundo o modelo taxionômico proposto por Dick (1992) e, por extensão, identificar tendências da toponímia estudada em termos de motivação;
- e) analisar as categorias taxionômicas mais produtivas, com vistas a recuperar condicionantes de natureza socioambiental que podem ter motivado a origem dos topônimos;

- f) identificar áreas de maior concentração de toponímia indígena na área investigada, bem como apurar a língua indígena predominante nessas áreas.

Para responder aos objetivos propostos, esta Tese foi organizada de acordo com a estrutura a seguir detalhada.

O primeiro capítulo, de caráter teórico, apresenta um panorama dos estudos toponímicos como área de investigação linguística, pautando-se, fundamentalmente, em teorias sobre o léxico, incluindo reflexões sobre o processo de nomeação da realidade; na sequência apresenta e discute a hipótese de *soldadura* ortográfica como um mecanismo que poderá ampliar a proposta de formação morfológica de Dick (1992). Finalizam o capítulo a discussão acerca da correlação entre toponímia e cultura e de aspectos da toponímia indígena, em particular os evidenciados por estudos toponímicos no Mato Grosso do Sul.

O segundo capítulo, de caráter etnolinguístico e histórico, disponibiliza aspectos descritivos relativos a línguas indígenas brasileiras, com destaque para as faladas por povos fixados no estado de Mato Grosso do Sul.

O terceiro capítulo centra-se em noções gramaticais sobre o tupi e o guarani, a partir de uma descrição morfológica. Sem a pretensão de ser exaustivo, o capítulo tem a finalidade basilar de identificar padrões gramaticais das línguas tupi e guarani, identificando suas funções na estrutura morfológica dos topônimos, não tendo, pois, como propósito realizar comparação ou mesmo organizar um novo modelo gramatical dessas línguas.

O quarto capítulo, por sua vez, discorre sobre o caminho metodológico percorrido com vistas a alcançar os objetivos traçados para a pesquisa. Descreve as etapas seguidas para a execução do trabalho, incluindo o processo de constituição do *corpus* e a sistematização dos dados; descreve a área de pesquisa e discute os parâmetros utilizados para a análise dos topônimos indígenas catalogados.

O quinto capítulo apresenta o *corpus* da pesquisa, ou seja, os **1.750** topônimos indígenas analisados. Os dados toponímicos foram disponibilizados por meio de quatro quadros, um destinado a cada mesorregião do Estado. Os quadros adotam a estrutura da ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS que, por sua vez, tem como base o modelo concebido por Dick (2004) para os projetos ATB (Atlas Toponímico do Brasil) e ATESP (atlas Toponímico do Estado de São Paulo).

O sexto e último capítulo destina-se à análise dos topônimos, com foco na taxionomia toponímica, na língua de origem e na estrutura morfológica com ênfase no critério de acomodação fonética e formação de palavras por justaposição e aglutinação, incluindo o processo de *soldadura* ortográfica. Esse capítulo busca, pois, responder às hipóteses e objetivos da pesquisa ratificando a tese de que os estudos toponímicos representam também uma forma de registro e descrição do léxico da língua.

Por fim, as considerações finais trazem um panorama geral dos resultados alcançados com a pesquisa. Finaliza o trabalho a sessão destinada ao registro das referências das obras que embasaram o estudo.

CAPÍTULO 1

LEXICOLOGIA E ONOMÁSTICA: UM OLHAR SOBRE O LÉXICO TOPONÍMICO INDÍGENA SUL-MATO-GROSSENSE

Neste capítulo, apresenta-se um panorama da Lexicologia e a Toponímia como área de investigação linguística, com destaque para os pressupostos teóricos que fundamentaram a análise dos dados desta pesquisa que consiste, sobretudo, no estudo do léxico toponímico, em uma dimensão etnolinguística, com foco na análise da origem dos nomes, verificando em que proporção, no ato da nomeação de um lugar, o denominador se apropriou de nomes oriundos dos diferentes estratos linguísticos que influenciaram a formação do léxico da língua portuguesa, nomeadamente o de base indígena.

O capítulo está organizado da seguinte forma: a primeira seção discute noções gerais sobre o léxico e a morfologia do português (caracterização e perspectivas de estudo); na sequência, aborda o surgimento e o processo evolutivo dos estudos toponímicos como área de pesquisa e, por fim, focaliza aspectos da formação e características da toponímia brasileira como um todo e da sul-mato-grossense em particular, com atenção especial para a de base indígena.

1.1 A palavra: estrutura e formação

1.1.1 Considerações sobre o léxico

A língua possui uma capacidade especial de rearranjar-se criativamente a partir do uso. Dessa forma, ultrapassa a condição de código e ganha o *status* de sistema de representação, permitindo o reconhecimento de mundo e de aspectos do universo cultural do grupo que a tem como língua natural. Pode-se considerar que o homem encontrou, por meio da língua, uma forma de materializar seus pensamentos e representar o mundo em que vive. Assim, a análise da língua pode apontar traços culturais e ideológicos do grupo que dela faz uso, por ser ela um produto da cultura. Na perspectiva de Sapir (1971, p. 205), a língua é uma das principais formas de acesso à cultura de um povo e, por isso, “não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas”.

Nessa perspectiva, o homem identifica os elementos da realidade por meio dos códigos por ele elaborados, isso em razão de os signos linguísticos refletirem a visão de mundo de grupos sociais visto que o repertório lexical se associa às posições ideológicas assumidas por esse grupo. Assim, sendo o signo de natureza cultural e ideológica, o conceito de cultura se relaciona ao de lexia, unidade lexical memorizada. Nessa abordagem, Barbosa (1981, p. 66), pautando-se em Pottier (1978), conceitua lexia como “unidade de comportamento, unidade memorizada, disponível para atualização”, ou seja, a lexia configura-se como uma unidade funcional significativa de comportamento lexical.

O estudo científico dos diferentes tipos de lexia cabe à Lexicologia⁶, área da Linguística que estuda a unidade lexical quanto ao seu significado e ocupa-se do léxico das línguas de forma completa e integrada. A Lexicologia estuda, pois, o léxico em todos os seus aspectos, atentando-se para a totalidade do signo linguístico. Para Ullmann (1973, p. 62-64), a palavra exerce uma função tão crucial na estrutura da língua que necessita de um ramo especial da Linguística para examinar todos os seus aspectos. Daí a importância da Lexicologia, uma “ciência antiga, que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 16).

Ainda em relação à complexidade do conceito de palavra é preciso considerar que não se trata de uma tarefa simples. Para Biderman (1984, p. 141) palavra é uma “unidade psico-sociológica fundamental da língua, essencial tanto no processo de comunicação, como no processo simbólico de apreensão do universo pelos sujeitos”. Em outros termos, Biderman (1998, p. 81) registra que “a palavra é a pedra de toque da linguagem humana. Vários são os ângulos sob os quais esta complexa matéria pode ser analisada”, dentre os quais a autora destaca três dimensões:

O valor mágico da palavra e a potência criadora do verbo; a dimensão cognitiva que se associa ao problema da nomeação e da designação da realidade, gerando o vocabulário das línguas naturais; a dimensão significativa onde se examina a questão do signo linguístico e sua relação com a realidade (BIDERMAN, 1998, p. 81).

Na sua dimensão mágico-religiosa, a palavra é mais que uma forma de comunicação: “por ser mágica, cabalística, sagrada, a palavra tende a construir uma realidade dotada de poder” (BIDERMAN, 1998, p. 81). Para ilustrar esse poder, a autora ressalta que, nas numerosas tradições culturais, a linguagem surge com a palavra

⁶ “Ciência que se ocupa do estudo do vocabulário de uma língua. Ela procura estudar o léxico enquanto sistema, e os seus elementos constitutivos nas suas peculiaridades” (BIDERMAN, 1984, p. 140).

instituidora, que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Desse modo, o homem, desde o início dos tempos, vem fazendo uso das palavras para nomear todo o seu entorno.

Em relação à dimensão cognitiva, Biderman (1998, p. 88) argumenta que “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. A autora pontua ainda que “a atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extra-lingüísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização”, ou seja, da classificação dos objetos existentes no mundo real.

Por fim, no que se refere à terceira dimensão, Biderman (1998, p. 104-105) assegura que a palavra também possui uma dimensão significativa ou linguística e é examinada a partir do modelo clássico do signo linguístico, significado e referência⁷. Conforme a mesma autora, “no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras – os signos lingüísticos⁸” (BIDERMAN, 1996, p. 28). A autora ainda ressalta que “o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos”, que pode ser transmitido verbalmente pela interação humana ou pode ser armazenado na memória do indivíduo, para que ele possa recuperar as palavras nesse tesouro vocabular, quando precisar se comunicar (BIDERMAN, 1996, p. 44).

Na verdade, a definição de dimensão linguística da palavra tem sido um problema complexo para os linguistas em geral, pois não se trata de um conceito de valor universal. Para Basílio (2013), quando se busca uma definição universal de palavra esbarra-se em algumas impossibilidades, pois ainda há muitos problemas em sua conceituação. No entanto, para que se possa conviver com essa complexidade, “pensamos sobretudo na palavra como uma unidade lexical” (BASÍLIO, 2013, p. 18).

Conforme Biderman (1978, p. 85), só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua, ou seja, a palavra continua sendo,

⁷ No que se refere à natureza do signo linguístico, Saussure ([1916] 2006, p. 80-81) defende que “o signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica”, propondo “conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante”. Além disso, defende que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário”, ou seja, a arbitrariedade é uma característica básica do signo linguístico (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 81).

⁸ “Sabemos, também, que a referência à realidade extralingüística nos discursos humanos faz-se pelos signos lingüísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas. Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana” (BIDERMAN, 1996, p. 27).

para linguistas e não linguistas, a unidade formadora da língua e o conjunto dessas palavras constitui o léxico.

O léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categorias para gerar novas palavras (BIDERMAN, 1998, p. 12).

De fato, todos os aspectos vinculados à realidade social e cultural de um povo estão relacionados com o léxico, pois considera-se que os aspectos do mundo real de um povo são refletidos nas palavras que constituem o sistema lexical da sua língua. Assim, o léxico reúne o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade e compreende o conjunto de todas as palavras de uma língua que estão à disposição do falante. Essa relação entre língua e realidade social foi especialmente tratada por Edward Sapir e, posteriormente, em associação com Benjamin Lee Whorf, por meio da teoria conhecida como Hipótese Sapir-Whorf, que concebe a língua como reflexo da visão de mundo, por meio da qual ideias são formadas, condicionadas.

Nesse sentido, a teoria de que a língua está condicionada a seus falantes e ao universo em que se circunscreve foi lançada por Edward Sapir e serve como um dos pressupostos para este trabalho, tendo em vista sua vertente etnolinguística. Sapir (1969) concebe o léxico como o nível linguístico que mais se aproxima da realidade cultural de um grupo, e seu estudo pode demonstrar características que vão além dos traços linguísticos de uma sociedade. E assim, caracterizando o ambiente em que se insere e representando o pensar de um grupo social e suas inter-relações, que se entende o léxico.

Ainda de acordo com Sapir (1969), o léxico é concebido como parte viva da língua, um patrimônio social e cultural entendido como representação de um sistema de possibilidades que abrange palavras e suas bases de formação. Assim, Sapir (1969, p. 45) conceitua o léxico “como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que aqambracam a atenção da comunidade”, ou seja, o léxico é o nível linguístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais e a maneira como a sociedade vê e representa o mundo.

Em uma concepção mais estrita, Biderman (1996) define léxico como a junção de palavras que resultam de experiências acumuladas por uma sociedade, pois as mudanças culturais e sociais modificam e enriquecem o léxico, originando novas palavras ou acrescentando novos sentidos a palavras já existentes, o que confirma o fato de o léxico

se renovar por influência da sociedade. Para a autora, “o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras – os signos linguísticos” (BIDERMAN, 1996, p. 27-28).

Basílio (2013, p. 9), por sua vez, alerta que “o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados”. A mesma autora assegura que, de fato, o léxico de uma língua se constitui, sobretudo, de palavras, mas, como um sistema dinâmico, apresenta estruturas⁹ e funções a serem utilizadas em sua expansão tanto de formas já existentes quanto de formas ainda a serem construídas. Para a autora, essas estruturas, “[...] os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante” (BASÍLIO, 2013, p. 9).

Em síntese, essas concepções de léxico levam ao consenso de que os estudos lexicais permitem observar e descrever cientificamente as unidades lexicais de uma língua e consideram que cada palavra reporta a particularidades relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural. Além disso, pode-se conceber o léxico de uma língua como o resultado de ideias, interesses e ocupações, constituindo um amplo vocabulário relativo a diferentes áreas do conhecimento humano. Desse ângulo, entende-se, por fim, que o léxico se relaciona com o processo de cognição da realidade, ou seja, constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo (BIDERMAN, 1998).

Na sequência, focaliza-se aspectos da descrição morfológica do português brasileiro, conteúdo que está dividido em três grandes temas: classes, estrutura e formação das palavras. Por sua vez, esses tópicos se subdividem em unidades menores.

1.1.2 Descrição morfológica do português: conceitos gerais

Este item centra-se na apresentação da teoria sobre morfologia que está detalhada na seção 1.1.2 e subseções seguintes. É importante pontuar que não se pretende fazer uma

⁹ “Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante” (BASÍLIO, 2013, p. 9).

descrição sistemática da morfologia do português, mas sim elencar e sistematizar os aspectos que subsidiaram a análise toponímica realizada nos capítulos 5 e 6 desta Tese que tem como foco a apresentação e a análise dos dados.

1.1.3 Classes de palavras

Classes gramaticais ou classes de palavras é o nome dado ao conjunto de palavras com características próprias, baseando-se na estrutura sintática e morfológica do vocábulo, em outros termos, são categorias nas quais as palavras são distribuídas de acordo com a sua natureza e função gramatical. Na língua portuguesa, existem dez classes gramaticais, que são subdivididas entre variáveis (substantivos, adjetivos, artigos, numerais, pronomes e verbos) e invariáveis (advérbios, preposições, conjunções e interjeições), essas classificações pautam-se no critério de composição denominado morfo-semântico. Resumidamente, a palavra como uma unidade linguística exerce funções distintas na língua a depender do contexto de uso e um dos fundamentos da organização de palavras em classes está relacionado ao significado extralinguístico evidenciado pela unidade lexical.

De acordo com Cunha e Cintra (2013, p. 90), é nesse momento que a noção de morfema passa a ser explicitada como um fragmento mínimo capaz de expressar significado ou a menor unidade significativa que se pode identificar em uma língua. Os autores distinguem a existência de dois tipos de morfemas: os morfemas livres, “que podem figurar sozinhos como vocábulos”, e os morfemas presos, “que não se encontram nunca isolados, com autonomia vocabular”. Os mesmos autores esclarecem ainda que, em relação à natureza da significação, os morfemas são classificados em lexicais (com significação externa), que indicam o sentido básico da palavra, e em gramaticais (com significação interna à sua estrutura), que expressam gênero, número, pessoa, modo, tempo etc.

Conforme Basílio (2013, p. 24), “as classes de palavras ou categorias lexicais também são a base fundamental para a descrição dos processos de formação de palavras”, isto é, “a definição de classes de palavras deve atender não apenas aos requisitos da descrição gramatical, mas também aos requisitos dos processos de formação de palavras” (BASÍLIO, 2013, p. 24), tema focalizado nas próximas seções deste trabalho.

1.1.4 Estrutura das palavras

Como pontuado na seção anterior, a palavra é constituída de uma base fônica e duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, denominadas de morfema. No entanto, na estrutura e na formação das palavras, os elementos mórficos podem apresentar formas diferentes, como o radical, o tema, as desinências e os afixos.

Cunha e Cintra (2013), por exemplo, concebem o radical como o constituinte que resta da palavra, quando se extraem dela os constituintes temático e flexional, ou seja, trata-se de um morfema básico, indivisível, que pode ser denominado morfema lexical. Conforme os autores, o radical é responsável por conectar as palavras de uma mesma família e transmitir-lhes uma base de significação comum. Em outros termos, um radical, na maioria das vezes, pode ser extraído por meio de comparações feitas entre várias palavras de uma mesma família e “a ele se agregam [...] os morfemas gramaticais, que podem ser uma desinência (ou morfema flexional), um afixo (ou morfema derivacional) ou uma vogal temática” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 92).

O tema, por sua vez, é formado pelo radical mais o constituinte temático, este também denominado como vogal temática. O constituinte temático se junta à direita do radical e tem como função mostrar como aquele lexema se comporta em termos flexionais (RODRIGUES et al., 2013, p. 57).

As desinências, ou morfemas flexionais, por sua vez, segundo Cunha e Cintra (2013), têm a função de indicar gênero e número dos substantivos, adjetivos e de alguns pronomes; também assinala número e pessoa dos verbos. Na língua portuguesa há desinências nominais (-o, -a, -s) e verbais (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e infinitivo pessoal, isto é, futuro do subjuntivo) (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 92-93).

Por fim, os afixos são descritos como elementos secundários que se juntam a um radical para formar palavras derivadas. Segundo Cunha e Cintra (2013, p. 93), “os afixos, ou morfemas derivacionais, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam. Os afixos que se antepõem ao radical chamam-se prefixos; os que a ele se pospõem denominam-se sufixos”.

1.1.5 Formação de palavras

Dubois (2004, p. 289) define o processo de formação de palavras como “o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com

base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os processos de composição”.

Antes de discutir esses dois processos, vale distinguir os conceitos de palavras primitivas e derivadas e de palavras simples e compostas. As palavras primitivas não se formam de nenhuma outra e permitem que delas se origine novas palavras na língua, ao contrário das derivadas que se formam de outras palavras por meio de acréscimo de prefixos ou sufixos ao radical. Logo, as palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas ou derivadas, denominam-se simples e são compostas as que contêm mais de um radical (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 96).

Sintetizando, os principais processos de formação de palavras são a derivação e a composição. A derivação consiste na formação de palavras novas (derivadas) a partir de outras já existentes na língua (primitivas) por meio de acréscimos de afixos que se dividem em prefixos e sufixos. Já a composição consiste na criação de uma palavra nova composta por meio de duas outras ou mais, cujas significações dependem das que encerram os seus componentes. Em suma, como já mencionado, os principais processos de formação são a derivação e a composição, temas tratados na sequência deste tópico iniciando pelo processo de derivação.

1.1.6 Conceito de derivação

De acordo com Dubois (2004, p. 172), a derivação “pode designar de modo geral o processo de formação das unidades léxicas”. Baseia-se, sobretudo, “na aglutinação de elementos léxicos, dos quais pelo menos um não é suscetível de emprego independente, numa forma única”. Na derivação, há combinação de um lexema, na maior parte dos casos, um radical ou um tema, com um afixo. A formação de novos termos por derivação inclui, nomeadamente, processos de prefixação, de sufixação ou de parassíntese.

Na concepção de Bechara (2009, p. 357), a “derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos”. De modo geral, os afixos se dividem em prefixos ou sufixos, daí a divisão em derivação prefixal e sufixal.

Cunha e Cintra (2013, p. 98), por sua vez, asseguram que “tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam, de regra, uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes”. Os autores destacam ainda que a nova palavra resulta sempre do acréscimo de afixos (prefixos e/ou sufixos), conectados

ao radical, deixando em evidência que há uma constante nesse processo: a palavra derivada amplia a primitiva.

Por fim, no tocante à derivação, as gramáticas de Bechara (2009) e de Cunha e Cintra (2013) esclarecem que o processo de formação de palavras consiste, basicamente, na adição de prefixos ou sufixos a um radical com a função de formar novas palavras. Em outros termos, os afixos são elementos formativos, que se articulam com o radical do nome que modifica, resultando um todo morfológico e fonético. De tal modo, prefixos e sufixos têm como características comuns serem elementos presos e servirem para formar inúmeras palavras e distinguem-se entre si pelo fato de serem antepostos e/ou pospostos à base, respectivamente. O tópico subsequente trata do processo de formação de palavras por composição.

1.1.7 Conceito de composição

Tomando por base, inicialmente, a posição de Coutinho (1969, p. 175), entende-se que a “composição é o processo de formação de palavras pela união de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria¹⁰, que se combinam para representar uma ideia nova e única”. Ou seja, a composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de, no mínimo, dois radicais relacionados entre si. Trata-se da constituição de um todo e do modo pelo qual os elementos constituintes do todo se dispõem e se integram.

Conforme Coutinho (1969, p. 176), a formação de palavras por composição pode efetuar-se de três modos: por prefixação, por justaposição e por aglutinação, porém as fronteiras entre estruturas de prefixação e de composição constituem um tema muito complexo. Os prefixos, por exemplo, assumem um valor significativo que empresta ao radical um novo sentido, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária. Baseados nisso, a gramática tradicional e alguns autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras:

Consiste a justaposição na junção de duas ou mais palavras, para formarem uma terceira, sem que haja alteração dos elementos componentes. Este processo de formação pode ser indicado pelo hífen ou pela simples aposição dos elementos formadores. Como quer que seja, nenhum deles é atingido em sua integridade material. À vista e ao ouvido são claramente distintos os

¹⁰ É importante pontuar que, de acordo com Kehdi (2007, p. 35), “na palavra composta, os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de um único conceito, novo, global”.

elementos que entram nessa composição. Consiste a aglutinação na união íntima de duas ou mais palavras, para formarem uma terceira, o que se não dá sem prejuízo da integridade material de um dos elementos (alguns autores chamam a esta formação de palavras *composição perfeita*). Na aglutinação, o vocábulo composto fica subordinado a uma única acentuação tônica (COUTINHO, 1969, p. 180).

Carone (1986), por sua vez, destaca que o papel da composição¹¹ é apenas de gerador de unidades léxicas. A composição surge entre vocábulos que se encontram em sequência linear e, para tanto, é estritamente necessário que estejam entrelaçadas por relações sintáticas. No português, a composição é o processo linguístico resultante de uma sequência sintática formada por dois ou mais radicais, aglutinados ou justapostos. De acordo com a autora, “o português não faz exceção: a palavra composta é resultante da cristalização de uma sequência sintática onde haja pelo menos dois radicais” (CARONE, 1986, p. 18).

Dito de outro modo, a mesma autora define composição como o “procedimento pelo qual uma construção sintática se imobiliza, dando origem a uma unidade cristalizada”. Para a autora, “realiza-se a composição com um mínimo de duas palavras portadoras de radical. Cada uma delas conserva sua identidade de vocábulo fonológico (justaposição); ou incorporam-se ambas em um só (aglutinação)” (CARONE, 1986, p. 37). Trata-se, pois, de uma associação dos componentes das palavras compostas; trata-se de dois estágios de um mesmo processo, e não duas formas diferentes de composição.

De acordo com Kehdi (2007, p. 35), a composição é um processo “de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existentes”. Conforme o autor, ocorre a justaposição quando não há redução de nenhum dos elementos mórficos das palavras que se agrupam, consideradas suas realidades fonológicas, isto é, “quando os termos associados conservam a sua individualidade”. Em contrapartida, tem-se a aglutinação quando, na combinação das palavras que se agrupam, há perda ou adaptação fonética de algum elemento, ou seja, “quando os vocábulos ligados se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos fonéticos (acento tônico, vogais ou consoantes)” (KEHDI, 2007, p. 36).

Para Bechara (2009, p. 351), composição é “a junção de dois elementos identificáveis pelo falante em uma unidade nova de significado único e constante: *papel-*

¹¹ “Outro aspecto importante da composição é o fato de que as palavras que a formam estão relacionadas sintaticamente, por subordinação ou coordenação” (CARONE, 1986, p. 38).

moeda, boquiaberto, planalto”. Em geral, o vocábulo é composto quando duas ideias se unem para formar uma terceira que deve ter forma gráfica também fundida.

Dubois (2004), por sua vez, registra que a composição

[...] designa a formação de uma unidade semântica a partir de elementos léxicos suscetíveis de ter por si mesmos uma autonomia na língua. [...] chama-se palavra composta uma palavra que contém dois ou mais morfemas léxicos e que correspondem a uma unidade significativa (DUBOIS, 2004, p. 127-128).

Em síntese, a palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Quanto à forma, os elementos de uma palavra composta podem estar simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade, ou intimamente unidos. Em outros termos, a composição pode ocorrer por meio de justaposição, quando não há alteração nas palavras componentes, ou aglutinação, quando há perda de fonemas de formantes. Em suma, todas essas considerações evidenciam a cristalização do conceito de composição como a junção de dois elementos identificáveis pelo falante em uma unidade nova de significado único, ou seja, a composição é claramente vista como a constituição de um todo e do modo pelo qual os elementos constituintes do todo se dispõem e integram sua organização.

Na sequência, no item 1.1.8, discute-se a hipótese da *soldadura*¹², uma abordagem teórica original e complexa para o exame do processo de composição no âmbito da toponímia indígena, considerada, no campo desta pesquisa, um viés teórico que se aplica aos dados toponímicos em estudo.

1.1.8 O processo de composição e a hipótese de soldadura

O estatuto das palavras compostas é objeto de muitas discussões, seja no que se refere à estrutura, seja no tocante à grafia. Defende-se, pois, que o ponto de partida dessa discussão deve ser o processo de composição, no domínio da *soldadura ortográfica*, como recurso para a compreensão de nomes compostos no âmbito da toponímia, no caso, dos nomes próprios de lugares de base indígena. Tem-se, pois, como propósitos discutir

¹² A hipótese de *soldadura*, como uma característica da toponímia indígena do estado de Mato Grosso do Sul, foi discutida por Silva e Isquero no artigo *A hipótese da soldadura na formação de topônimos indígenas monolexicais de estrutura poliléxica na língua de origem*. Esse artigo discute resultados do projeto de estágio doutoral (sanduíche), desenvolvido na Universidade Paris XIII, Villetaneuse, França, sob a supervisão do Prof. Dr. Salah Mejri. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2698>. Acesso em 23.ago.2020.

o critério de reconhecimento de palavras compostas pautado essencialmente na noção de lexicalização e defender proposições para o uso do processo de *soldadura* na formação de unidades léxicas compostas. Em termos teóricos essa reflexão orienta-se, fundamentalmente, em Gross (1996) e em Mejri (1997; 2006).

Gross (1996, p. 4) define composição como “[...] la formation d’une unité sémantique à partir d’éléments susceptibles d’avoir par eux-mêmes une autonomie dans la langue”¹³. De fato, o autor defende que os elementos de uma composição devem existir como palavras autônomas, especificadas com o critério de polilexicalidade¹⁴. Nessa linha de raciocínio, os compostos são obtidos pela fusão de duas ou mais palavras e o critério da autonomia é indispensável para delimitações léxico-gramaticais.

Mejri (2006, p. 214), por seu turno, considera a polilexicalidade como “[...] la caractéristique morphologique propre aux unités lexicales formées de plusieurs unités lexicales et dont les constituants sont, à l’origine, des unités autonomes”¹⁵. O autor propõe, pois, o conceito de palavra polilexical como requisito para classificação de formações compostas, por entender que as locuções também são formações dessa categoria.

Ainda segundo Gross (1996), a unidade lexical “composta” é polissêmica na tradição gramatical e provoca muitos equívocos de interpretação, pois as diferentes definições propostas provocam a mudança de foco quanto ao funcionamento real dos elementos linguísticos em favor de preocupações terminológicas. O autor conceitua *mot racine* (palavra raiz) ou *mot simple* (palavra simples) como uma unidade não suscetível à decomposição. Para o linguista francês, qualquer outra palavra é concebida como *construit* (construída). Contudo, o autor faz duas distinções entre as palavras construídas: palavras *dérivés* (derivadas) são formadas por afixos e palavras *polylexicaux* ou *complexes* (polilexicais ou complexas), que correspondem a qualquer unidade composta por duas ou mais palavras simples (GROSS, 1996, p. 7).

Observa-se, pois, que Gross (1996) defende uma concepção ampla do processo de composição que engloba todas as estruturas fixas, soldadas ou não, ou seja, a posição do autor é a de que a composição é um fenômeno complexo que envolve fatores

¹³ “[...] a formação de uma unidade semântica a partir de elementos suscetíveis de terem, por si próprios, autonomia na língua” (GROSS, 1996, p. 4, *tradução da autora*).

¹⁴ A polilexicalidade pode ser definida como uma propriedade das unidades fraseológicas constituída por duas ou mais palavras que têm existência autônoma.

¹⁵ “[...] A característica morfológica própria das unidades lexicais formadas por várias unidades lexicais e cujos constituintes são, na origem, unidades autônomas” (MEJRI, 2006, p. 214, *tradução da autora*).

heterogêneos. Nesse contexto, o termo alemão *soudure* é tomado por Gross (1996) como um critério empregado para definir uma palavra composta. Observa-se que o autor reconhece a palavra composta como uma unidade semanticamente indecomponível que corresponde a uma única unidade significativa. Para Gross (1996, p. 4), “on appelle mot composé un mot contenant deux, ou plus de deux, morphèmes lexicaux et correspondant à une unité significative: chou-fleur, malheureux, pomme de terre sont des mots composés”¹⁶. Desse modo,

La soudure est le critère utilisé en allemand pour définir un mot composé (Kompositum). La définition est donc morphologique dans cette langue: un mot composé est un mot soudé fusionnant graphiquement deux ou plusieurs autres, indépendamment du caractère opaque ou non de la signification. (GROSS, 1996, p. 7)¹⁷.

Ainda segundo Gross (1996), no processo de lexicalização os componentes *soldados* tornam-se opacos, semanticamente e/ou formalmente, pois a lexicalização reflete o fato de pelo menos um constituinte não ser autônomo, pela forma e/ou pelo significado. Para o autor, a opacidade semântica relaciona-se ao sentido da sequência enquanto produto de seus componentes, ou seja, constata-se opacidade do elemento quando não for possível visualizar no significado isolado de seus componentes o significado do todo.

Nesse particular, Radimský (2005, p. 10), na tentativa de explorar o critério da soldadura ortográfica, esclarece que:

En fait, A. Darmesteter (1894: 2-3) note le critère de la soudure graphique parmi ceux qui s’offrent à l’esprit en premier; ainsi, les formations comme licol, rouge-gorge et pomme de terre se différencieraient précisément par leur degré de soudure. Mais il ajoute aussitôt qu’une soudure formelle («agglutination») est un «pur accident» dans l’histoire de la langue et constitue, par conséquent, un critère artificiel. Nous trouverons donc dans son répertoire des composés de nombreuses structures de type N+e+N (juge de paix, hôtel de ville), N+a+N (chambre à coucher, moulin à vent), N+en+N (arc-en-ciel, docteur en droit), etc. (Darmesteter A., 1894: 48)¹⁸.

¹⁶ “É chamada palavra composta uma palavra que contém dois, ou mais de dois morfemas lexicais e que correspondem a uma unidade significativa: *chou-fleur*, *malheureux*, *pomme de terre* são palavras compostas” (GROSS, 1996, p. 4, *tradução da autora*).

¹⁷ “A soldadura é o critério utilizado em alemão para definir uma palavra composta (Kompositum). A definição é, portanto, morfológica nesta língua: uma palavra composta é uma palavra soldada que funde graficamente duas ou mais outras, independentemente do carácter opaco ou não da significação” (GROSS, 1996, p. 7, *tradução da autora*).

¹⁸ “De fato, A. Darmesteter (1894: 2-3) observa o critério da soldadura gráfica entre o que se oferece à mente em primeiro lugar; assim, as formações como *licol*, *rouge-gorge* e *pomme de terre* diferenciar-se-iam precisamente pelo seu grau de soldadura. Mas acrescenta também que uma soldadura formal («aglutinação») é um «puro acidente» na história da língua e constitui, por conseguinte, um critério artificial. Encontramos, portanto, no repertório dos compostos numerosas estruturas de tipo N + de + N

Conforme ainda o mesmo autor, muitos linguistas não levam em conta o critério da soldadura gráfica, apenas tratam de compostos e não discutem a questão da estrutura. “F. Gaudin et L. Guespin par exemple (2000: 283-2850) parlent de «composés» dans le cas des lexèmes du type A+N, N+A, N+à+N, N+de+N, N+N, V+N, P+N; ils ne disent toutefois rien sur d’autres structures, comme N+em+N (arc-en-ciel, mise en scène)” (RADIMSKÝ, 2005, p. 10)¹⁹.

Desse modo, vale ressaltar que Gross (1996, p. 10) estabelece “une conception assez large de la composition englobant toutes les structures figées, soudées ou non”²⁰. Considerando a amplitude dessa concepção, ao discutir a unidade toponímica composta com características fraseológicas, Marques (2017), pautando-se nas ideias de Gross (1996, p. 154), esclarece que o autor “já alertava para a parcialidade da fixidez ao afirmar que nem toda sequência é totalmente fixa. Existem graus de liberdade que oscilam de um ponto que vai das formas totalmente fixas às formas que sofrem algum tipo de variação” (MARQUES, 2017, p. 26).

A mesma autora pondera ainda que a fixidez, também denominada de cristalização, se configura como estabilidade da forma e ocorre nos planos formal e semântico: “no plano formal, a cristalização diz respeito à soldadura entre os itens lexicais que integram a unidade fraseológica ou, neste caso, o fraseotopônimo”²¹, enquanto no plano semântico “cada item lexical que compõe o nome deixa de expressar isoladamente o significado que comporta” (MARQUES, 2017, p. 26).

Como já anteriormente assinalado, Marques (2017) busca, sobretudo, aliar a descrição das unidades fraseológicas à pesquisa toponímica²². Para tanto, alicerçada em Mejri (1997, p. 29), a autora parte da acepção de fraseologismos como estrutura cristalizada pelo uso da língua e formada por combinações sintagmáticas que não podem ser improvisadas e, nessa perspectiva, apresenta o topônimo composto como “un

(*jugé de paix, hôtel de ville*), N + a + N (*chambre à coucher, moulin à vent*), N + em + N (*arc-en-ciel, docteur en droit*), etc. (Darmesteter A., 1894: 48)” (RADIMSKÝ, 2005, p. 10, tradução da autora).

¹⁹ “F. Gaudin e L. Guespin, por exemplo (2000: 283-2850) falam de «compostos» no caso dos lexemas do tipo A + N, N + A, N + à + N, N + de + N, N + N, V + N, P + N; mas não dizem nada sobre outras estruturas, como por exemplo, N+em+N (*arc-en-ciel, mise en scène*)” (RADIMSKÝ, 2005, p. 10, tradução da autora).

²⁰ “Uma concepção bastante ampla de composição, englobando todas as estruturas fixas, soldadas ou não” (GROSS, 1996, p. 10, tradução da autora).

²¹ Neste trabalho, toma-se o termo *fraseotopônimo*, na acepção em que foi cunhado por Marques (2017), com base no diálogo estabelecido pela autora entre a Fraseologia e a Toponímia.

²² Um estudo toponímico, na perspectiva da fraseologia, também foi discutido por Silva e Isquardo (2020), no artigo *Fraseo(topônimos): um estudo de topônimos polilexicais na perspectiva da fraseologia*. Disponível em: file:///C:/Users/User/Desktop/Doutorado%202019/TESE%20-%20FINAL/2450-10968-1-PB.pdf. Acesso em: 11 de nov. 2020.

syntagme formé conformément à la syntaxe de la langue et qui, une fois réutilisé et entré dans l’usage, sera lui aussi une séquence figée”²³.

Nesse contexto, o conceito de fixidez é fundamental para justificar a perspectiva teórica assumida neste estudo. De acordo com Gross (1996), as expressões fixas podem apresentar diferentes graus²⁴ de fixidez, o que justifica a proposição de onze propriedades que caracterizam as expressões fixas apresentadas pelo autor. Para este estudo, foram utilizadas como parâmetro duas dessas propriedades – *polilexicalidade* e *fixidez* – para classificar os topônimos como uma sequência fixa com *soldadura ortográfica*.

Para Gross (1996, p. 28), as unidades formadas por dois ou mais itens lexicais, que em bloco adquirem um sentido que nem sempre é composicional, denomina-se *expressão fixa*²⁵ ou unidade fraseológica. Segundo essa linha de raciocínio, as lexias compostas são consideradas expressões fixas, pois “un nom composé fonctionne comme un seul bloc du point de vue de ses relations avec les autres de la phrase”²⁶. Desse modo, a proposta desse linguísta leva em conta a tese de que os elementos de um composto devem existir como palavras autônomas, para que sejam solvidos com o critério de polilexicalidade.

De modo geral, as expressões fixas são formadas por duas ou mais unidades lexicais autônomas da língua, detentoras de sentido próprio, cujo sentido, em geral, não resulta da soma dos significados de suas unidades simples anteriores. Em outras palavras, a fixidez se dá a partir do momento em que os significados das palavras não podem ser entendidos pela soma dos seus constituintes, pois o sentido deve ser tomado de modo global e, em muitos casos, constituído por uma combinação lexical metafórica.

Pode-se entender, pois, que a hipótese de *soldadura* se manifesta, sobretudo, no âmbito da Fraseologia. Desta forma, ao discutir a estrutura do sintagma toponímico, a relação entre a Fraseologia e a Toponímia justifica-se pelo fato de que muitos topônimos parecem possuir propriedades análogas às unidades fraseológicas, o que, no âmbito da toponímia, remete à posição de Dick (1992, p. 10), de que o sintagma toponímico é formado por dois elementos basilares:

²³ “Um sintagma formado em conformidade com a sintaxe da língua e que, uma vez reutilizado e introduzido no uso, será também uma sequência estática” (MEJRI, 1997, p. 29, *tradução da autora*).

²⁴ Nesse sentido Mejri (1997) afirma categoricamente que a expressão fixa tem diferentes graus de fixidez e que cada sequência fixa traz consigo uma evolução de cristalização ou fixação.

²⁵ Mejri (1997) utiliza o termo *sequência fixa*.

²⁶ “Um nome composto funciona como um bloco do ponto de vista das suas relações com o resto da frase” (GROSS, 1996, p. 28, *tradução da autora*).

“[...] um que se convencionou denominar termo ou elemento genérico, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes.

Para testar essa hipótese, verifica-se o grau de *soldadura* existente entre os elementos que compõem uma forma poliléxica, no caso, o sintagma toponímico, aplicando-se testes linguísticos como, por exemplo, a preposição faz parte do nome do córrego? No questionamento (como se chama este córrego?) – [este córrego se chama] córrego do *Arapuá* e não [este córrego se chama] *Arapuá* ou do *Arapuá*. O processo de *soldadura*, na maioria das vezes, une o elemento genérico ao específico para denominar o acidente geográfico e, por sua vez, o sintagma toponímico recebe uma estrutura de frase, principalmente, no caso de denominações com combinações lexicais metafóricas e/ou preposições como em: (Ilha) Tira *Catinga*; (Serra) das *Araras*; (Cabeceira) do *Buriti*; (Lagoa) da *Peroba* e (Serra) de *Camapuã*, citando apenas alguns exemplos.

Em estruturas compostas com elevado grau de fixidez, qualquer especificação terá escopo sobre a totalidade da estrutura e não apenas sobre um dos seus elementos. Por meio dos exemplos apresentados, percebe-se que não é possível determinar e/ou especificar individualmente nenhuma das unidades que participam da formação das sequências compostas, o que as afasta da simples justaposição sintagmática. Todavia, o mesmo não ocorre com os sintagmas livres, nos quais é perfeitamente possível fazer incidir diferentes determinações sobre cada um dos elementos do grupo, como acontece, por exemplo, no composto justaposto: (Córrego) *Macaúba*, sendo *macaúba* e/ou *macayba* um “s. f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e yba árvore [...]” (BUENO, 2008, p. 204). Observa-se que o topônimo *macaúba* é formado pela composição por justaposição de duas palavras totalmente livres, sem fixidez, apontando para uma estrutura de composição simples com ausência de *soldadura ortográfica*.

Os topônimos polilêxicais analisados demonstraram que nem todos os compostos evidenciam fixidez, marcando, sobretudo, a falta de *soldadura* entre os elementos que os compõem. Assim, os topônimos compostos com nenhum grau de fixidez foram assinalados, no âmbito deste estudo, como combinatórias totalmente livres sem *soldadura*, como ocorre em: (Córrego) *Baguaçu*; (Rio) *Jauru*; (Cabeceira) *Jibóia*; (Morro) *Jurubeba*; (Serra) *Maracaju* e (Córrego) *Macaúba*. O recurso à formulação de perguntas/respostas permite constatar que essas estruturas evidenciam, à semelhança dos compostos tradicionais, sem *soldadura*, com um funcionamento similar ao das unidades lexicais simples, como ocorre, por exemplo, no composto aglutinado (Córrego) *Baguaçu*,

sendo *Babaçu* um “s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua’su, iua<i’ua ‘fruta’ + ua’su ‘grande’. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu” (CUNHA, 1999, p. 67). Na interrogativa (como se chama este córrego?) – [este córrego se chama] *Baguaçu*, e não necessariamente [este córrego se chama] Córrego *Baguaçu*. Nota-se que, nesse caso, o sintagma toponímico não recebe, obrigatoriamente, uma estrutura de frase e, por sua vez, não une o elemento genérico ao específico para denominar o acidente geográfico. Em situações como essas, o topônimo não evidencia qualquer comportamento sintático ou semântico particular que o distancie da estrutura composta tradicional, assinalando, sobretudo, a presença de um composto aglutinado totalmente livre, sem nenhum tipo de *fixidez* e *soldadura ortográfica*.

Em síntese, este estudo procura demonstrar que analisar a estrutura do sintagma toponímico é também examinar as combinações sintagmáticas e os diferentes graus de fixidez e de soldadura existentes no âmbito dos topônimos, partindo-se do pressuposto de que a Fraseologia é um fenômeno que se exprime por meio de associações sintagmáticas recorrentes e da fixidez enquanto processo pelo qual essas associações se realizam. Desta forma, nos capítulos cinco e seis desta Tese, destinado à apresentação e análise dos dados, busca-se argumentar a favor do pressuposto de que os topônimos polilexicais são exemplos produtivos para distinguir graus de fixidez, o que aponta para a importância do estudo toponímico segundo os parâmetros da Fraseologia, pautando-se no princípio de que os dados em análise atendem ao critério de polilexicalidade e de fixidez defendido por Gross (1996) e Mejri (1997), além de sugerirem que os topônimos possuem característica morfológica polilexical, indissociável, com graus distintos de fixação, atestando que a hipótese de *soldadura* aqui proposta poderá aplicar-se ao exame de nomes próprios de lugares.

O item que segue muda o foco de discussão à medida que tece considerações acerca da nomeação da realidade, no âmbito do léxico toponímico²⁷, e sobre a arte de dar nome às coisas por meio de novas palavras.

1.2 O topônimo e o espaço nomeado

1.2.1 O léxico e o processo de nomeação da realidade

²⁷ O termo *léxico toponímico* é definido por Isquierdo (2012, p. 116) como o conjunto de “unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos”.

Pela necessidade de nomeação, o homem utiliza diversas estruturas linguísticas, combinando convenção, identificação e motivação. A nomeação é uma das questões centrais quando o assunto é a relação entre linguagem e realidade. Grosso modo, nomear pressupõe a existência de algo. De acordo com Biderman (1998, p. 88-90), o ato de nomear é fundamental porque, quando se atribui um nome a um elemento da realidade, cria-se um universo significativo e, quando surge uma nova realidade, adequam-se os critérios ao novo referente, garantindo, assim, uma renovação lexical.

No entender de Biderman (2001, p. 13), “o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade [...] e constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Assim, o processo de nomeação pode ser considerado uma apropriação do real, cristalizada em signos linguísticos, ou seja, em palavras. O ato de nomear está diretamente relacionado, sobretudo, aos valores, às ações e às reações do ser humano; “foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais” (BIDERMAN, 2001, p. 13).

No âmbito desta pesquisa, parte-se do princípio de que as palavras que compõem o sistema lexical de uma língua refletem os aspectos do mundo real, pois ao nomear o indivíduo se apropria de elementos da realidade. Ainda é preciso considerar que o acervo lexical de uma comunidade está conectado ao seu modo de ver a realidade e à forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, principalmente quando nomeiam pessoas e lugares. A preocupação com a nomeação e a sua relação com o ser ou coisa nomeada tem sido objeto de profundas reflexões. Nesse contexto, no âmbito da toponímia pode-se considerar que o topônimo (nome de lugar) é parte do léxico de uma língua, por isso é referenciado como léxico toponímico, um indicador cultural, uma vez que a língua é veiculada pelo povo, evidenciando a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade.

Em síntese, o estudo do léxico toponímico revela elementos que atravessam o tempo, o que favorece o resgate da história e, em determinados casos, da própria transparência do topônimo no ato de nomeação já que o ato de nomear reflete a visão de mundo do denominador, pois é por meio do nome próprio (topônimo) que o homem se apropria do espaço e delimita a realidade na qual se insere, razão pela qual os estudos toponímicos contribuem significativamente com os estudos sobre o léxico, como já

defendera Longnon (1920, p. 1): “les noms de lieu forment la plus riche des nomenclatures qui se rattachent à la langue usuelle”²⁸.

Nas seções subsequentes, discutem-se pressupostos teóricos que embasam a pesquisa toponímica, destacando aspectos conceituais da toponímia; o percurso histórico dos estudos toponímicos; os modelos taxionômicos; a toponímia indígena e, por fim, os estudos toponímicos no Mato Grosso do Sul.

1.2.2 Toponímia e cultura

A Toponímia é o ramo da Onomástica que estuda os nomes próprios de lugares, levando em consideração sua origem, evolução, motivação e, por extensão, consolida aspectos relacionados às camadas linguísticas, à história, à geografia, enquanto a Antroponímia dedica-se ao exame dos nomes próprios de pessoas, prenomes e sobrenomes. Conforme Dick (1990; 1992), tanto a Antroponímia como a Toponímia são responsáveis pela preservação de fatos culturais em uma determinada área geográfica. Atuam, funcionalmente, como formas conservadoras da memória do núcleo de diversas origens e causas, que se fazem presente nos diferentes estágios denominativos.

O topônimo, objeto de estudo da Toponímia, configura-se, portanto, como fato de língua, normalmente uma unidade do léxico comum que é investido de estatuto de nome próprio de lugar. Os topônimos configuram-se, pois, como importantes fatores de comunicação, à medida que garantem a referência da entidade nomeada. Dick (1992) considera que, para se chegar à verdade de um topônimo, faz-se necessária a adoção de uma investigação com base em todos os recursos científicos disponíveis, a saber: “análise, comparação, interpretação e seleção e, em quantas oportunidades, a conversão das hipóteses em teorias que podem chegar, mesmo, a princípios gerais reguladores da matéria” (DICK, 1992, p. III).

Considerando o topônimo como um signo linguístico com características próprias, Isquierdo (2012, p. 116) define “*léxico toponímico* como o universo de topônimos de uma língua que, por sua vez, estão circunscritos a diferentes espaços geográficos do território coberto por esse sistema linguístico”. Em outras palavras, a autora define “o *léxico toponímico* como as unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos”

²⁸ “Os nomes de lugar formam a mais rica das nomenclaturas que se ligam à língua usual” (LONGNON, 1920, p. 1, tradução da autora).

(ISQUERDO, 2012, p. 116). De modo geral, o léxico toponímico, mais especificamente, configura-se como um importante indicador da identidade de um grupo social. Subjacentes a uma denominação, existem aspectos culturais e históricos, ou seja, o ato da nomeação é gerado a partir de uma causa denominativa e de uma motivação, marcadas pelo contexto físico e social.

Na visão de Dick (1992, p. 178), os topônimos são recursos linguísticos que “ultrapassam, em muito, a conceituação teórica que lhes é atribuída, tornando-se, nas Ciências Humanas, fontes de conhecimento tão excelentes quanto as melhores evidências documentais”. Nesse sentido, para a autora, é imprescindível que os topônimos pioneiros sejam preservados como um ato de cidadania e que a memória social – os valores socioculturais, históricos e ideológicos que conservam os traços identitários de um determinado espaço – não seja silenciada.

Desse modo, o topônimo, como um depósito de memória coletiva, acaba evidenciando a realidade na qual o nome está registrado: fatos históricos, aspectos do ambiente, dos acidentes físicos e humanos, ideologias e crenças do grupo denominador. Isso porque, conforme anteriormente pontuado, como um produto linguístico-social, o nome próprio de lugar materializa aspectos físicos e culturais da comunidade.

Em outros termos, observando-se os diferentes sistemas culturais, em que topônimos, ou nomes próprios de lugares, são tomados como objeto de pesquisa, nota-se que a busca de sentido do item lexical da língua investido de função toponímica é o ponto de partida do estudo do topônimo como signo linguístico. Além de denominar lugares, os topônimos atuam como formas conservadoras de tradições e costumes de uma comunidade, posto que o léxico toponímico se insere na cultura linguística do espaço nomeado.

Assim, um estudo toponímico sempre terá como propósito examinar a relação entre língua, cultura e ambiente manifestada no sistema lexical de uma língua e, por extensão, na toponímia de uma área geográfica. De acordo com Isquierdo (2008, p. 34), o vocabulário onomástico-toponímico:

[...] tende a ser marcado ideologicamente por consubstanciar a visão do denominador num tempo e num espaço determinados. Enfim, os topônimos confirmam a tese de que a história das palavras caminha muito próxima à história de vida do grupo que dela faz uso, razão pela qual a ação de atribuir um nome a um lugar corporifica uma soma de diversificados fatores – linguísticos, étnicos, socioculturais, históricos, ideológicos – do grupo que habita o espaço geográfico tomado como objeto de investigação.

Dessa forma, assim como são diversas as sociedades e as culturas, diverso é também o léxico de uma língua em decorrência, tanto das características linguísticas, quanto das propriedades socioculturais e históricas. Nesse contexto, convergem muitos fatores de ordem histórica, social, cultural, ideológica, o que leva Dick (1990, p. 35) a conceituar a Toponímia como “um imenso complexo *língua-cultural*, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente, e, não, exclusivamente” (DICK, 1990, p. 35). Nesse particular, a pesquisa toponímica de um espaço geográfico revela informações diversas além, das de cunho linguístico, ratificando que para analisar um topônimo é preciso considerar contribuições de outras áreas de conhecimento como a História, a Geografia, a Antropologia, a Etnolinguística, entre outras.

Na perspectiva de Casado Velarde (1988, p. 40-41), a Etnolinguística estuda “las relaciones entre el idioma y el grupo humano caracterizado por su comunidade cultural: la etnia”²⁹. O autor ainda explica que por meio da toponímia é possível reconstruir como foi realizada a ocupação dos espaços. De modo geral, as reflexões de Casado Velarde (1988) ratificam que os topônimos também podem ser estudados pela Etnolinguística, na relação entre a língua e a etnia.

É relevante pontuar que, para Dick (2008, p. 177), a definição do termo etnia passa pelo crivo de vários fatores intrincados entre si, como: “[...] localização espacial do grupo em questão, situação sociológica interna, tipologia das sociedades, práticas culturais características dos contatos, por exemplo”.

Ainda de acordo com Dick (2008, p. 178), independentemente da região estudada, de suas características físicas ou de sua constituição étnico-social, os nomes escolhidos para os lugares refletem uma formação sociológica, conscientemente ou não. Em outras palavras, o indivíduo divide, no cotidiano de suas relações intersociais, os diversos saberes que comandam e coordenam sua percepção do mundo.

Em se tratando da Etnolinguística, tem-se como objeto de estudo as relações entre o pensamento e a linguagem dos povos, preservados por meio da cultura. Coseriu (1990, p. 28-29), no campo da interseção entre línguas e culturas, estabelece uma delimitação significativa à luz de pressupostos etnolinguísticos, afirmando que “a etnolinguística é o estudo da linguagem em relação com a civilização e cultura das comunidades falantes”. Para o autor, a Etnolinguística centra-se no estudo da “variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura”.

²⁹ “As relações entre o idioma e o grupo humano caracterizado pela sua comunidade cultural: a etnia”. (CASADO VELARDE, 1988, p. 40, *tradução da autora*).

Ainda segundo Coseriu (1990, p. 30), esse estudo ocorre a partir de dois planos diferentes: “no plano histórico³⁰, a Etnolinguística é o estudo da civilização e da cultura refletidas nas línguas, quer dizer fundamentalmente da organização da cultura material e intelectual manifestada no léxico”. Nesse mesmo plano, é objeto de estudo etnolinguístico, a mudança linguística, em relação com as transformações na civilização e na cultura. Já no plano dos discursos, “é objeto da etnolinguística o estudo dos tipos e da estrutura peculiar dos discursos tradicionais específicos duma cultura. Neste plano a etnolinguística aproxima-se da sociolinguística³¹ e pode até coincidir com ela: só o ponto de vista é diferente” (COSERIU, 1990, p. 30).

Por sua vez, Duranti (2000, p. 20-21) registra que a Etnolinguística “forma parte de un intento deliberado de consolidar y redefinir el estudio del lenguaje y la cultura como uno de los subcampos principales de la antropología”³². Em outros termos, na perspectiva de Duranti (2000), a Etnolinguística abrange domínios da Linguística e da Antropologia, por isso não pode ser considerada uma disciplina autônoma. O autor ainda destaca que se a linguagem deve ser entendida como uma prática cultural, o conceito de cultura precisa ser estabelecido, argumentando que “la “cultura” es lo que “otros” tienen, lo que los hace y los mantiene diferentes, separados de nosotros”³³ (DURANTI, 2000, p. 47).

Em face dos três conceitos, de etnolinguística, aqui expostos, pode-se confirmar a concepção de Sapir (1969, p. 45), de que “o léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”. Em síntese, pode-se dizer que a cultura e a língua estão integradas à identidade de um grupo social que, por sua vez, eterniza sua história, deixando o ambiente a sua volta marcado pelo processo de nomeação, ou seja, o homem revela aspectos históricos, sociais e culturais na toponímia. Dito isto, cabe ainda ressaltar que nem sempre a origem de um topônimo se revela por intermédio do seu registro em dicionários, pois a sua etimologia, muitas vezes, só é obtida por meio de uma análise linguística de natureza descritiva. Desse modo, o trabalho do toponimista requer, além de uma sólida formação linguístico-histórica, uma atitude investigativa em termos

³⁰ No que se refere a relação existente entre a etno-história e a toponímia, Isquierdo (2012, p. 126), considera que “independente do sistema toponomástico tomado como referência, abundam exemplos de topônimos que refletem aspectos da história social do espaço nomeado e da formação étnica da população local”.

³¹ Nesse momento, Coseriu (1990, p. 28) define a sociolinguística como “o estudo da linguagem em relação com o contexto social (ou com a estrutura social das comunidades falantes)”.

³² “Faz parte de uma tentativa deliberada de consolidar e redefinir o estudo da linguagem e da cultura como um dos subcampos principais da antropologia” (DURANTI, 2000, p. 20-21, *tradução da autora*).

³³ “A “cultura” é o que “outros” têm, o que os faz e os mantém diferentes, separados de nós” (DURANTI, 2000, p. 47, *tradução da autora*).

da elucidação da etimologia do topônimo, em especial, quando o objeto de estudo for topônimos de base indígena.

Focalizados aspectos conceituais relacionados à área da Toponímia, reitera-se que em pesquisas toponímicas, investiga-se acima de tudo o léxico, nível da língua que revela peculiaridades da norma lexical de um grupo linguístico que se refletem na nomeação do espaço geográfico rural ou urbano.

A próxima seção tem conteúdo de caráter histórico e focaliza aspectos relacionados às origens dos estudos toponímicos e a tendências manifestadas especialmente no Brasil.

1.2.3 Estudos toponímicos: um breve percurso histórico

Como já assinalado anteriormente, os nomes dos lugares permitem que deles sejam extraídas informações acerca da cultura e de costumes de um povo, haja vista que aspectos regionais, naturais ou antropoculturais, emergem no estudo dos topônimos, refletindo identidades individuais ou o papel específico de cada membro social numa perspectiva coletiva. Em outros termos, a toponímia, o estudo dos nomes de lugar, apresenta várias potencialidades de aplicações, sejam elas ambientais, cartográficas, geográficas, históricas, linguísticas entre outras. Nesse sentido, esta pesquisa aborda a toponímia de uma forma multidisciplinar, por tratar-se de um complexo línguo-cultural, que envolve várias áreas das ciências, apoiando-se, em especial, em autores como Longnon (1844), Vasconcellos (1931), Dauzat (1947), Stewart (1954), Salazar-Quijada (1985), Rostaing (1997) e Gendron (2008), além de Sampaio (1901), Levy Cardoso (1961), Drumond (1965), Dick (1990; 1992) e, mais recentemente, Isquierdo (2012), também embasam este estudo.

Desde os mais remotos tempos o homem sempre deu nome aos lugares. No entanto, a Toponímia só nasceu oficialmente como disciplina autônoma, no século XIX, por volta de 1878. Os primeiros estudos nessa área foram realizados no continente europeu e logo se destacaram e despertaram interesse de pesquisadores em vários outros continentes.

Augusto Longnon, por exemplo, introduziu a pesquisa toponímica na França: “le véritable fondateur de la toponymie française fut Auguste Longnon, pour qui avait été fondée une chaire spéciale à l’École pratique des Hautes-Études et au Collège de France”

(DAUZAT, 1947, p. 12)³⁴. O mesmo linguista registra que “l’enseignement de Longnon, tout en attirant de nombreux auditeurs, ne forma aucun disciple, et il disparut après sa mort (1911), faute de continuateurs immédiats” (DAUZAT, 1947, p. 12).³⁵ A valorização das contribuições de Augusto Longnon é evidenciada por Dauzat (1947, p. 13) ao argumentar o seguinte: “[...] nous avons pensé qu’il était utile de faire revivre un tel enseignement, en lui consacrant, depuis 1922, une de nos conférences à l’École Pratique des Hautes-Études”³⁶.

Nesse sentido, nota-se que a tentativa de vivificar os estudos de Augusto Longnon, por meio de uma homenagem foi bem-sucedida. Rostaing (1997) destaca que, depois da morte de Longnon, seus estudos foram seguidos por Dauzat (1926) com a produção de um manual sobre nomes de lugares e Vincent (1937) com seus primeiros registros sobre a Toponímia da França. Na sequência, o autor descreve que o ano de 1963 ficou marcado pela publicação do primeiro *Dictionnaire des noms de lieux en France*³⁷, iniciado por Albert Dauzat e concluído por Charles Rostaing (ROSTAINING, 1997, p. 5).

Gendron (2008, p. 21, grifo do autor), por sua vez, apresenta os estudiosos que se destacaram nos primórdios dos estudos toponímicos na Europa, ressaltando os precursores da toponímia francesa. Para o autor, em harmonia com os pensamentos de Dauzat (1947), “le premier ouvrage³⁸ de synthèse digne de ce nom est l’œuvre **Auguste Longnon** (1844-1911), que l’on considère – à juste titre – comme le fondateur des études françaises de toponymie”³⁹.

Gendron (2008, p. 21) destaca, ainda, que, com Albert Dauzat (1877-1955), a toponímia torna-se domínio da Linguística e não apenas da história⁴⁰.

³⁴ “O verdadeiro fundador da toponímia francesa foi Auguste Longnon, para quem tinha sido fundada uma cadeira especial na Escola *Pratique des Hautes-Études* e no Colégio da França” (DAUZAT, 1947, p. 12, *tradução da autora*).

³⁵ “O ensinamento de Longnon, ao atrair numerosos ouvintes, não formou nenhum discípulo, e desapareceu depois da sua morte (1911), por falta de continuadores imediatos” (DAUZAT, 1947, p. 13, *tradução da autora*).

³⁶ “Pensamos que seria útil fazer reviver tal ensinamento, dedicando-lhe, desde 1922, uma das nossas conferências na Escola *Pratique des Hautes-Études*” (DAUZAT, 1947, p. 13, *tradução da autora*).

³⁷ “Dicionário de nomes de lugares na França” (ROSTAINING, 1997, p. 5, *tradução da autora*).

³⁸ Nesse contexto, o autor faz referência a obra: *Les noms de lieu de la France, leur origine leur significations, leurs transformations* destacando que esta publicação marca um avanço notável para a toponímia e sanciona que de fato nada dispôs Augusto Longnon a tornar-se o mestre incontestável da geografia histórica e da toponímia francesa.

³⁹ “A primeira obra de síntese digna desse nome é a obra de **Auguste Longnon** (1844-1911), que se considera - com razão - o fundador dos estudos franceses de toponímia” (GENDRON, 2008, p. 21, *tradução da autora*).

⁴⁰ “La toponymie, conjuguée avec l’histoire, indique ou précise les mouvements anciens des peuples, les migrations, les aires de colonisation, les régions où tel ou tel groupe linguistique a laissé ses traces” (DAUZAT, 1947, p. 7). “A toponímia, conjugada com a história, indica ou precisa os movimentos antigos

Auteur d'une thèse de dialectologie, *l'Essai de méthodologie linguistique dans le domaine des langues et des patois romans* (Université de Paris, 1906), Albert Dauzat est nommé directeur d'études à l'École Pratique des Hautes Études en 1921, où il réintroduira l'enseignement de la toponymie et de la dialectologie en 1937 (GENDRON, 2008, p. 21)⁴¹.

Dentre outras contribuições, os estudos de Dauzat (1947) demonstram que os nomes de lugares fornecem elementos importantes para a reconstituição do que já é sabido a respeito de uma determinada língua, ou seja, permite recuperar ou confirmar movimentos de limites linguísticos, reconstruindo a cronologia das evoluções morfológicas e leis fonéticas. Resumidamente, o autor assegura que “anciennement cristallisés, les noms de lieux présentent de précieux fossiles” (DAUZAT, 1947, p. 8)⁴².

Outra figura marcante dos estudos onomásticos franceses, destacada por Gendron (2008, p. 22), é Charles Rostaing (1904-1999),

Auteur d'une thèse publiée en 1950, et qui doit beaucoup aux travaux de l'école italienne: *Essai sur la Toponymie de la Provence (des origines aux invasions barbares)*, et d'une importante série d'articles portant essentiellement sur la toponymie de langue d'oc: *Les domaines gallo-romains en Provence (Congrès intern. de Toponymie et d'Anthroponymie, Paris 1939)* (GENDRON, 2008, p. 22)⁴³.

Na perspectiva de Rostaing (1997, p. 3), “la Toponymie se propose de rechercher la signification et l'origine des noms de lieux et aussi d'étudier leurs transformations”⁴⁴. Além disso, o autor ainda destaca que a toponímia “déterminer avec précision à quelle couche de population appartiennent les toponymes, et par conséquent quel est l'apport respectif de chacun des peuples qui ont occupé notre pays”⁴⁵ (ROSTAINING, 1997, p. 3). Nesse contexto, observa-se que o autor descreve o objetivo dos estudos toponímicos,

dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde este ou aquele grupo linguístico deixou os seus traços” (DAUZAT, 1947, p. 7, *tradução da autora*).

⁴¹ “Autor de uma tese de dialetologia, *Ensaio de metodologia linguística no domínio das línguas e dos dialetos romanos* (Universidade de Paris, 1906), Albert Dauzat é nomeado diretor de estudos na Escola Pratique des Hautes Études em 1921, onde reintroduz o ensino da toponímia e da dialetologia em 1937” (GENDRON, 2008, p. 21, *tradução da autora*).

⁴² “Anteriormente cristalizados, os nomes de lugar apresentam preciosos fósseis” (DAUZAT, 1947, p. 8, *tradução da autora*).

⁴³ Autor de uma tese publicada em 1950, e que deve muito aos trabalhos da escola italiana: *Ensaio sobre a Toponímia da Provença (das origens às invasões bárbaras)*, e de uma importante série de artigos que incidem essencialmente sobre a toponímia da língua: *As propriedades galo-romanos em Provença* (Congresso intern. de Toponímia e de Antroponímia, Paris 1939) (GENDRON, 2008, p. 22, *tradução da autora*).

⁴⁴ “A Toponímia propõe estudar a significação e origem dos nomes de lugares e também estuda suas transformações” (ROSTAINING, 1997, p. 3, *tradução da autora*).

⁴⁵ “Determina com precisão a que camada da população pertencem os topônimos, e conseqüentemente, qual é a contribuição respectiva de cada um dos povos que ocuparam nosso país” (ROSTAINING, 1997, p. 3, *tradução da autora*).

ratificando que a toponímia compreende uma pesquisa etimológica e histórica dos topônimos e, sobretudo, afirma que “c’est l’étude de l’onymie et de l’hydronymie nous amènera à découvrir les vestiges des populations les plus anciennes, les «fossiles» toponymiques”⁴⁶ (ROSTAINING, 1997, p. 3-4). Em suma, nota-se que a designação dos topônimos tem um caráter preciso e essencialmente utilitário, os acidentes geográficos, sobretudo, recebem um nome específico na medida em que os habitantes precisam distingui-los.

Além da França, berço dos estudos toponímicos numa perspectiva linguística, outros países também se destacam nessa área. Dauzat (1947, p. 14) apresenta uma lista de pesquisadores que consagraram os estudos toponímicos: na Bélgica: Wauters, Tarlier e G. Kurth incluem A. Carnoy, De Flou, Feller, Mansion, Vannérus, A. Vincent e Van de Wijer; na Holanda, M. J. Winkler se ocupa dos estudos de nomes de lugares e nomes de pessoas; na Suíça, H. Jaccard, E. Muret, M. M. AEBischer e Huubschmied fizeram grandes esforços pela toponímia; na Alemanha, destaca-se, sobretudo, o trabalho de Foerstemann, dedicado ao nome de pessoas; na Itália, os estudos toponímicos são desenvolvidos por C. Battisti, Bertoldi, Olivieri, Pieri, G. Serra; na Catalunha, os primeiros trabalhos são de Balari e Juvany e, por fim, em Portugal, J. Leite de Vasconcellos agrupa estudos toponímicos em um de seus *Opusculos* (DAUZAT, 1947, p. 14).

Dick (1987, p. 95), por sua vez, também confirma a evolução dos estudos toponímicos no mundo quando faz referência aos Congressos de Onomástica, idealizados por Dauzat. De acordo com a autora, as conferências eram realizadas com regularidade, em diferentes regiões. Para dar uma ideia da diversidade dos temas debatidos, cita o Terceiro Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, em Bruxelas (1949), e o Oitavo, realizado em Haia (1966).

Contemporaneamente, Amaral e Seide (2020, p. 12) pontuam que “[...] a virada do século XIX para o século XX presenciou um aumento geral na investigação de nomes próprios em todo o mundo”. No século XX, importantes associações ou sociedades civis surgem em diferentes países com o objetivo de desenvolver pesquisas onomásticas, dentre elas o *International Congress of Onomastic Sciences* (ICOS), promovido pelo *Conselho*

⁴⁶ “Os estudos da onomímia e da hidronímia nos levará a descobrir os vestígios das populações mais antigas, os “fósseis” toponímicos” (ROSTAINING, 1997, p. 3-4, tradução da autora).

Internacional de Ciências Onomásticas (<https://icosweb.net/drupal/>)⁴⁷ (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 13).

Ainda discorrendo acerca do panorama dos estudos toponímicos, Dick (1987, p. 94) registra que “na América Setentrional, Estados Unidos e Canadá pontificam como expoentes dos estudos toponímicos atuais, através da atuação de diversos estudos e de órgãos especializados”. De acordo com a autora, a revista *Names*, publicação oficial da American Name Society, fundada em Detroit, em 1951, tem George Stewart como um de seus mais preciosos colaboradores e foi autor de *Names of the land* (1945) e de *A classification of place: names* (1954), entre outros trabalhos (DICK, 1987, p. 94).

Segundo a mesma autora, no Canadá, desde 1966, há “um Grupo de Estudos de Toponímia e de Terminologia Geográfica, associado à Universidade Laval de Québec” (DICK, 1987, p. 94). Já na Europa russa quem faz uma retrospectiva da Toponímia na União Soviética é Pospelov, “salientando, entre os centros linguísticos existentes, o papel desenvolvido pelo Instituto de Linguística da Academia de Ciências da Ucrânia e pela Sociedade de Geografia Russa, onde funcionam onze Comissões Toponímicas nos seus organismos locais” (DICK, 1987, p. 94-95).

A autora destaca também alguns encontros temáticos realizados na África (Marcel Cohen, Paris e Jack Beny, School of Oriental and African Studies, Universidade de Londres), no Saara Ocidental (Vicente Monteil, Paris), Marrocos (Charles Pellet, Paris e Arsène Roux, Instituto de Altos Estudos Marroquinos, Rabat), Rússia (O. Unbegaum, Universidade de Strasbourg e Uar Slavutych), China (Wolfgang Bauer), Turquia (Mehemet Erüz) e Istambul (Amiran Kurtkan) (DICK, 1987, p. 95).

Já na América do Sul, cita-se o projeto *A toponímia indígena de Costa Rica*, de Miguel Angel Quesada Pacheco (2006), na Universidade de Costa Rica. Na Venezuela, destaca-se *La Toponímia en Venezuela*, produzida pelo antropólogo Adolfo Salazar-Quijada (1985). Nesse trabalho, o autor define a toponímia como um “rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y em tempo, de los aspectos: geo-históricos, socioeconómicos e antro-linguísticos, que permitieron y permiten que

⁴⁷ A primeira edição ocorreu em Paris, no ano de 1938, e atualmente tem sido realizado de três em três anos, especialmente, mas não exclusivamente, em cidades europeias. O antepenúltimo congresso ICOS ocorreu em 2011, em Barcelona, o evento seguinte foi em 2014, em Glasgow, e em 2017, o congresso ocorreu em Debrecen, na Hungria (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 40).

um nome de lugar se origine y subsista”⁴⁸ (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 18). Ainda de acordo com o autor venezuelano:

La toponimia permite conocer las características culturales de los hombres que habitaron y habitan en una determinada región; ya que los topónimos, como los yacimientos arqueológicos, son a veces la única evidencia de la permanencia histórica de grupos humanos en un área geográfica y se constituyen como inscripciones grabadas en el suelo, arraigados a un lugar, identificándolo y diferenciándolo de las demás cosas o fenómenos que lo rodean (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 29-30)⁴⁹.

Além disso, Salazar-Quijada (1985, p. 29) registra a importância linguística de um topônimo, afirmando que “los topónimos constituyen una fuente de invaluable importancia para el acervo científico y patrimonial de cualquier país, pues a través de ellos la nación obtiene una personalidad geográfica propia y se particulariza con respecto a los demás territorios del mundo” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 29)⁵⁰.

Em Portugal, destaca-se o trabalho de José Leite de Vasconcelos, responsável por uma pesquisa sobre a onomástica portuguesa, com o livro *Opúsculos* (Vol. III): Onomatologia, publicado em 1931. Nessa obra pioneira, Vasconcelos (1931, p. 3) dedica-se à discussão de alguns critérios de estudos toponímicos que relacionam categorias de causas designativas e motivações toponímicas e define a Toponímia como “estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, [...] rios, montes etc.”. Nesse trabalho Vasconcelos propõe a divisão dos estudos toponímicos em “três secções maiores: nomes de lugar, classificados por línguas; modos de formação toponímica; categorias de nomes, segundo as causas que lhes deram origem” (VASCONCELOS, 1931, p. 139).

No Chile, merece destaque a obra de Mario Bernal Lilo, *En Busca de los Nombres: toponímia indígena e hispânica* (2002). Além dessa, outras obras merecem destaque pela contribuição dada a documentações de nomes de origem indígena, como, por exemplo, no Paraguai, a obra *Toponímia guarani y origen e história de pueblos em*

⁴⁸ “Ramo da onomástica que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antro-po-linguísticos, que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 18, *tradução da autora*).

⁴⁹ “A toponímia permite conhecer as características culturais dos homens que habitaram e habitam uma determinada região; já que os topônimos, como os sítios arqueológicos, são às vezes a única evidência da permanência histórica de grupos humanos em uma área geográfica e constituem-se como inscrições gravadas no solo, arraigados a um lugar, identificando-o e diferenciando-o das demais coisas ou fenômenos que o rodeiam” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 29-30, *tradução da autora*).

⁵⁰ “Os topônimos constituem uma fonte de inestimável importância para o acervo científico e patrimonial de qualquer país, pois através deles a nação obtém uma personalidade geográfica própria e se particulariza em relação aos demais territórios do mundo” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 29, *tradução da autora*).

Paraguay, de Dionísio M. Gonzalez Torres (1995), e, na Argentina, o trabalho do argentino Esteban Erize, *Toponímia Mapuche* (1988).

No Brasil, pode-se considerar que os estudos toponímicos se iniciaram em 1901, sob uma perspectiva etimológica e com base em topônimos de origem indígena Tupi, com a obra *O Tupi e a Geografia Nacional*, de Theodoro Sampaio. Apoiando-se na leitura do trabalho de Sampaio (1901), segundo Dick (1987, p. 95), “a participação de especialistas em estudos toponímicos foi levantada por Levy Cardoso, pondo em evidência o caráter praticamente histórico das publicações, de preferência voltadas para a lexicologia indígena”. Em resumo, Levy Cardoso dedicou-se, principalmente, ao estudo da Toponímia brasílica amazônica e publicou, em 1961, a obra *Toponímia Brasílica*. Outra contribuição para os estudos toponímicos brasileiros foi a obra de Carlos Drumond (1965), *Contribuição do bororo à toponímia brasílica*, que contém os resultados do estudo sobre a etnia bororo fixada na Região Centro-Oeste à toponímia brasileira.

Posteriormente, Dick, seguindo fundamentalmente as diretrizes do francês Dauzat, enriqueceu os estudos toponímicos propondo uma metodologia de estudo dos topônimos a partir de uma natureza física e antropocultural. Dick representa a principal referência para os estudos toponímicos no Brasil, tanto pela originalidade da sua teoria como pela relevância de sua pesquisa no país. Em 1980, defende sua tese de doutoramento: *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*⁵¹, publicada em 1990, com o título *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. O trabalho de Dick fortalece as pesquisas sobre Toponímia no Brasil, exatamente pelo fato de a toponimista ter se dedicado aos estudos onomásticos e à sistematização de uma teoria toponímica.

A metodologia proposta por Dick (1990) para a interpretação do sistema toponímico do Brasil grosso modo não difere, em sua base, do estabelecido por Dauzat (1926) para a apreensão da nomenclatura geográfica da França. Como estudo metódico e regular, os estudos toponímicos no Brasil se iniciaram tendo como base as diretrizes traçadas por Dauzat (1926) para a toponímia francesa, metodologia que se encontra entre as mais produtivas nessa área de pesquisa linguística.

A consolidação da pesquisa toponímica no Brasil acontece quando Dick (1990) discute o conceito de toponímia a partir da língua, da história e da cultura de um povo,

⁵¹ Esse modelo, segundo Dick (2006, p. 96), posteriormente passa a “estudar não apenas o lugar, mas, conjuntamente, o espaço e o nome do espaço”.

somadas aos aspectos físicos. A potencialidade dos topônimos é também um dos aspectos evidenciados pela autora, à medida que os considera:

[...] verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (DICK, 1990, p. 22).

Em caráter de síntese, Isquierdo (2012) propõe uma cronologia dos estudos toponímicos no Brasil, sistematizada em três fases, ou três sincronismos. Para tanto, a autora toma como parâmetro as características evidenciadas por esses estudos ao longo da sua história: a primeira sincronia, entre 1901-1979; a segunda, entre 1980-1990 e a terceira, a partir da década de 1990. A primeira sincronia compreende o período em que os estudos eram voltados apenas para a toponímia de base indígena e reúne as obras de três autores de reconhecida expressão no âmbito dos estudos sobre a toponímia indígena no Brasil: Sampaio (1901), Levy Cardoso (1961) e Drumond (1965) (ISQUERDO, 2012, p. 17).

A segunda sincronia, segundo a autora, foi inaugurada com a Tese de Doutorado de Dick, defendida em 1980, na Universidade de São Paulo, que representa um divisor de águas nas pesquisas toponímicas no Brasil. O modelo teórico construído por Dick como produto do seu doutoramento contemplou o universo de topônimos brasileiros, ou seja, nomes relacionados às três camadas étnicas que sedimentam a formação da população brasileira – o branco, o índio e o negro – e, por extensão, as bases de formação da variante brasileira do português, particularmente evidenciadas no sistema lexical, incluindo o léxico toponímico (ISQUERDO, 2012, p. 17).

Por fim, a terceira e última fase tem início na década de 1990 e perdura até a atualidade, tendo em vista que, a partir do fim dessa década, um novo quadro passa a ser desenhado com a descentralização desses estudos, até então circunscritos praticamente à USP, quando surgem novos projetos de atlas toponímicos em outras universidades públicas brasileiras. Essa nova fase tem sido marcada por uma franca expansão dessa área de investigação, especialmente a partir da primeira década do século XXI. Essa década registra nova fase de expansão dos estudos toponímicos no Brasil, particularmente por meio de produção de dissertações e teses no âmbito de programas de pós-graduação vinculados a universidades das diferentes regiões do Brasil (ISQUERDO, 2012, p. 17).

Na sequência, são discutidos modelos taxionômicos representativos na Europa e, em especial, o proposto por Dick (1980), que classifica o topônimo de acordo com a motivação evidenciada pelo próprio nome do lugar.

1.2.4 Modelos Taxionômicos

Examinam-se, neste tópico do trabalho, alguns modelos taxionômicos que fornecem diretrizes para a interpretação dos nomes de lugares com maior segurança. Para tanto, são retomadas propostas de classificação representativas na Europa, continente que conta com a primazia das iniciativas de estudos toponímicos; modelos elaborados na América e, em especial, o modelo taxionômico de Dick (1992), que tem orientado as investigações no Brasil.

O francês Albert Dauzat (1926)⁵² foi o primeiro estudioso a manifestar uma preocupação com a classificação dos nomes geográficos. Dick (1999, p. 140) considera “como ponto de partida a divisão empregada por Dauzat (1936) ao incluir os topônimos franceses em dois campos de influências: o da geografia física e o da geografia humana”. No entanto, Dauzat (1947, p. 10) dividiu o mecanismo de nomeação em séries lógicas e em categorias históricas, estabelecendo um método de investigação toponímica. Assim, ao estudar os topônimos a partir desses dois ângulos, o pesquisador dá uma atenção especial às investigações, classificando-os segundo a ordem histórica de suas formações.

A classificação adotada por Dauzat (1947) destaca que “as repartições no interior de cada um dos blocos referiam-se a ocorrências ou recortes espaciais identificados pelos paradigmas hidrográficos ou geomorfológicos” e pelas realizações humanas referentes à fixação do homem no terreno, à ocupação do solo, “à construção das vilas e cidades, de acordo com as camadas étnicas constitutivas do povo francês” (DICK, 1999, p. 140-141).

A segunda proposta aqui recuperada é a do filólogo português José Leite de Vasconcellos que, ao estudar os nomes de lugares de Portugal, propõe uma classificação dos nomes geográficos em três seções, a saber: nomes de lugar classificados por línguas; modos de formação toponímica e categorias de nomes segundo as causas que os originaram (VASCONCELLOS, 1931, p. 139).

⁵² A obra *Les noms de lieux. Origine et évolution: Villes et villages – pays – cours d'eau montagnes – lieux-dits*, do francês Albert Dauzat, teve a primeira edição publicada em 1926. Para este trabalho foi consultada a edição, publicada em 1947.

As investigações desse estudioso, no campo dos nomes geográficos de Portugal, o levaram a identificar a presença de várias línguas na toponímia local como a pré-romana, a romana, a germânica e a portuguesa, propriamente dita, presença essa que pode ser explicada pelas próprias fases de dominação da região pelos falantes dessas línguas e, por fim, pela formação e pela consolidação da própria língua materna, a portuguesa. Quanto ao modo de formação toponímica, as investigações estão relacionadas aos estudos gramaticais do sintagma nominativo. Já as categorias de nomes se relacionam às causas que lhes deram origem, como a flora, a fauna, a natureza do solo, a história, a religião.

Dauzat (1926) e Vasconcellos (1931) deixaram como legado a tese de que os nomes geográficos recuperam características naturais do meio ambiente e aspectos sociais e culturais presentes na nomeação geográfica, postulando, também, a importância de estudos históricos e etimológicos do topônimo.

Na América, o estudioso que marcou os estudos toponímicos foi o norte-americano Stewart (1954), para quem “all naming of places stems from one basic motive, that is, the desire to identify a place and thus distinguish it from others. In order to do so, the namer makes use of one of several different mechanisms, e. g. description”. (STEWART, 1954, p. 1)⁵³. O mesmo autor apresenta uma proposta de categorização dos topônimos composta por nove mecanismos de nomeação toponímica: “1) Descriptive names, 2) Possessive names 3) Incident names, 4) Commemorative names, 5) Euphemistic names, 6) Manufactured names, 7) Shift names, 8) Folk etymologies, 9) Mistake names. In addition it is recognized that border-line cases may occur” (STEWART, 1954, p. 2)⁵⁴.

Stewart (1954, p. 2), ainda argumenta: “I have some confidence that this classification is practical and is as nearly all-inclusive as can be expected. I worked it out some years ago and have tested it pretty thoroughly since that time”⁵⁵. Dick (1999, p. 141), referindo-se à proposta de Stewart (1954), pondera que “destes mecanismos, os nomes descritivos e os comemorativos devem ser vistos com atenção especial, porque

⁵³ “Toda a nomeação de lugar decorre de um motivo básico, isto é, o desejo de identificar um lugar e, portanto, distingui-lo dos outros. Para tanto, o nomeador faz uso de um dos vários mecanismos diferentes, por exemplo, a descrição” (STEWART, 1954, p. 1, *tradução da autora*).

⁵⁴ “1) Nomes Descritivos, 2) Nomes Possessivos, 3) Nomes Incidentais, 4) Nomes Comemorativos, 5) Nomes Eufemísticos, 6) Nomes Manufaturados, 7) Nomes deslocados, 8) Etimologias Populares, 9) Nomes Errados. Além disso, reconhece-se que podem ocorrer casos de fronteira” (STEWART, 1954, p. 2, *tradução da autora*).

⁵⁵ “Tenho confiança de que estas classificações são práticas e tão abrangentes quanto se poderia esperar delas. Eu trabalhei nisso alguns anos atrás e as testei completamente desde essa época” (STEWART, 1954, p. 2, *tradução da autora*).

constituem protótipos de atividades denominativas gerais ou comuns a diferentes povos”. As demais categorias, segundo a autora, têm menor índice de uso, quando aplicadas a uma macrotoponímia. Além disso, adverte que o modelo de Stewart foi proposto para o contexto americano, de base inglesa, com validade para às camadas indígenas daquele território (DICK, 1999, p. 141).

Dick (1992) pontua também que a aplicabilidade⁵⁶ da classificação do pesquisador americano, em termos abrangentes e a um maior número de casos, pode não satisfazer a todas as particularidades toponímicas, uma vez que alguns dos topos tidos como genéricos podem não ocorrer em todos os sistemas onomásticos conhecidos, restringindo, assim, o emprego dos mecanismos de nomeação na sua totalidade.

Dessa forma, pode-se considerar que o sistema classificatório elaborado por Dick (1980) se difere do de Stewart quanto à finalidade e a perspectiva temporal de análise. Isso porque a proposta de Dick “possui uma visível base terminológica e se organizou no plano sincrônico das significações sígnicas, para evitar, na medida do possível, a recorrência à diacronia, na primeira etapa do processo” (DICK, 1999, p. 141).

No Brasil, a maior contribuição teórico-metodológica vem do modelo de classificação de Dick (1980; 1990; 1992).

A pesquisa do material ilustrativo foi realizada no Índice dos Topônimos do Brasil 1:1.000.000 (IBGE, 1968) e teve como objetivo reconhecer as características da nomenclatura onomástica brasileira, determinando-lhe o padrão motivador e dando-lhe um tratamento semântico-distribucional por áreas de ocorrência, segundo os parâmetros lexicais e terminológicos pertinentes (DICK, 1999, p. 141-142).

Ainda de acordo com Dick (1999, p. 142), a primeira versão de um modelo de classificação dos topônimos, foi proposta em 1980, à época composto por 19 categorias. Depois, ampliou-se⁵⁷ esse número para as atuais 27 taxes, 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural.

Segundo Dick (1992, p. 10), a terminologia definida para identificar cada taxé é composta pelo *termo genérico* que justifica a escolha do elemento denominativo e pelo *termo específico* que identifica o topônimo propriamente dito. O primeiro elemento do sintagma toponímico tem por finalidade definir a classe genérica, no caso o nome do

⁵⁶ “Está claro que a observação não reveste o intuito de crítica; apenas intenta marcar quão problemático se torna, na maioria das vezes, o emprego da correta expressão designativa, que defina, com menor probabilidade de erro, os motivos toponímicos” (DICK, 1992, p. 25).

⁵⁷ Dick (1992, p. 31-34) apresenta o modelo ampliado das taxionomias toponímicas.

acidente nomeado (rio, cidade, montanha, rua...), enquanto o segundo indica a procedência do campo de estudo específico, no caso o do topônimo. Em síntese, a terminologia técnica utilizada por Dick (1992, p. 31-34) é formada pelo termo que justifica a escolha do elemento denominativo – água (*hidro*), animal (*zoo*), nome de pessoa (*antropo*), entidade religiosa (*hiero/hagio/mito*), estado anímico (*animo*) etc. – e pelo termo que identifica a ciência específica – *topônimo* → *hidrotopônimo*; *zootopônimo*; *antropotopônimo*; *hierotopônimo*; *hagiotopônimo*; *mitotopônimo*; *animotopônimo* etc.

Do modo geral, os nomes de lugares são estudados a partir de três planos: o da motivação, o da estrutura (morfologia) e o da língua de origem (etimologia). No que se refere ao plano da motivação, o modelo taxionômico de Dick (1992, p. 31-34) é organizado em duas grandes categorias, a de natureza física e a de natureza antropocultural, ambas subdivididas conforme o elemento que teria motivado o denominador no ato da atribuição do nome. Nota-se, pois, que Dick (1992) desenvolveu o estudo dos motivos toponomásticos ao formalizar as taxionomias toponímicas em dois grupos, cada um comportando uma seriação lógica, de acordo com a temática neles incluída. Além disso, a autora discorre mais explicitamente sobre os princípios teóricos e os modelos taxionômicos, evidenciando o panorama motivador dos topônimos no Brasil.

Considerando esse raciocínio, Dick (1992, p. 26) entende que, em um primeiro momento, o homem é quem preside a escolha do nome, permitindo a verificação de todos os impulsos que sujeitaram o ato nomeador. Num segundo momento, é a denominação que condicionará e determinará os rumos dos estudos toponímicos, aceitando-se a repartição genérica física e antropocultural para o enquadramento dos topônimos, por meio da formulação de uma terminologia técnica, composta do elemento “topônimo”, antecedido de um elemento genérico definidor da classe onomástica.

Os quadros 1 e 2, a seguir, detalham as taxes de cada categoria. Os exemplos foram retirados do *corpus* desta pesquisa, com exceção de quatro taxes⁵⁸ para as quais, não foram identificadas amostras.

⁵⁸ As sete taxionomias para as quais não foram encontrados exemplos no *corpus* desta pesquisa são as seguintes: *astrotopônimos*, *axiotopônimos*, *cardinotopônimos*, *corotopônimos*, *historiotopônimos*, *morfotopônimos* e *poliotopônimos*. Nos Quadros 1 e 2, esses casos foram assinalados com (*) e exemplificados com base em Dick (1992, p. 31-34).

Quadro 1 - Taxionomias toponímicas de natureza física (DICK, 1992, p. 31-34) (continua)

Taxionomia	Elementos motivadores	Exemplos	Etimologia
Astrotopônimos	Elementos relativos aos corpos celestes.	Cabeceira do Sol* (AF/MS)	Sol: “sm. Centro do sistema planetário em torno do qual giram a Terra e os demais planetas; estrela que é o centro de um sistema planetário” (CUNHA, 2010, p. 603).
Cardinotopônimos	Elementos relativos às posições geográficas.	Córrego da Divisa* (AF/MS)	Divisa: “Sinal ou marco que divide ou separa; Marco; Linha que divide, separa duas terras, terrenos; Fronteira; Limite” (AULETE, 2006).
Cromotopônimos	Elementos relativos a cores, à escala cromática.	Córrego Morotim (AF/MS)	Morotim: “corr. Moro-ti, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo ti ou tinga, branco, no grau superlativo” (SAMPAIO, 1928, p. 269).
Dimensiotopônimos	Elementos relativos às características dimensionais.	Córrego Guaçu (AF/MS)	Guaçu: “Como adjetivo, exprime – grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçú, uçú” (SAMPAIO, 1928, p. 206).
Fitotopônimos	Elementos de natureza vegetal.	Córrego Timbaúva (AF/MS)	Timbaúba: “corr. timbó-yba, a árvore de espuma. O fruto desta planta, quando tratado com água, dá espuma, alt. Timnoíba, timboúba” (SAMPAIO, 1928, p. 324).
Geomorfotopônimos	Elementos relativos às formas topográficas.	Córrego Nhu Guaçu (AF/MS)	Nhu: “s. campo, prado (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 133). Guaçu: grande, grosso, largo, amplo (SAMPAIO, 1928, p. 206). Nhu Guassu: s. pampa, savana” (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 133).
Hidrotopônimos	Elementos relativos à hidrografia.	Rio Iguatemi (AF/MS)	Iguatemi: “ygua-(ba)-temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58).
Litotopônimos	Elementos de natureza mineral.	Córrego Tauá (AF/MS)	Taguá: “contr. taguaba, pedra ou argila de comer; barreiro. Alt. Taguaba, Taguá, Tauá . V. Itaguaba. Pode proceder ainda de itaguá, ou ita-guá, significando pedra ou argila variegada, de cores diversas” (SAMPAIO, 1928, p. 313).
Meteorotopônimos	Elementos relativos a fenômenos atmosféricos.	Córrego Araci (AF/MS)	Aracy: “s.c. ara-cy, a mãe do dia, a aurora. Bahia. Significa também a cigarra” (SAMPAIO, 1928, p.157).

Quadro 1 – Taxionomias toponímicas de natureza física (DICK, 1992, p. 31-34) (conclusão)

Morfotopônimos	Elementos que refletem o sentido de forma geométrica.	Ilha Quadrada* (AF/RS)	Quadrada: s. f. compartimento; quadra. F. Quadrado. (AULETE DIGITAL).
Zootopônimos	Elementos de natureza animal.	Rio Canindé (AF/MS)	Canindé: “s., a arara azul retinto e amarelo. É a mesma Araúna. (Ara ararauna, L.) Alt. Calindé” (SAMPAIO, 1928, p.179).

Fonte: Elaboração da autora, baseado em Dick (1992, p. 31-32) e com exemplos extraídos do Sistema de Dados do Projeto ATEMS.

Observa-se que as taxes propostas por Dick (1992) foram organizadas com a finalidade de categorizar os topônimos segundo a motivação.

Quadro 2 - Taxionomias toponímicas de natureza antropocultural (DICK, 1992, p. 33-34) (continua)

Taxionomia	Elementos motivadores	Exemplos	Etimologia
Animotopônimos⁵⁹ ou nootopônimos	Elementos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano.	Córrego Destino-Cué (AF/MS)	Destino: “Deriv. Regressivo de destinar. Determinar com antecipação, decidir, fixar previamente” (CUNHA, 2010). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).
Antropotopônimos	Elementos relativos aos nomes próprios individuais, como prenome e apelidos.	Rio Feliz-Cué (AF/MS)	Felix: Nome próprio. Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).

⁵⁹ Importa registrar aqui a subdivisão para a categoria dos *animotopônimos* proposta por Isquierdo (1996, p. 118). A autora propõe duas subcategorias para os animotopônimos, acrescentando-lhe os elementos especificadores eufórico e disfórico. Os animotopônimos eufóricos são representados por lexias que transmitem sensação agradável, enquanto os animotopônimos disfóricos recuperam lexias que transmitem sensação desagradável.

Quadro 2 - Taxionomias toponímicas de natureza antropocultural (DICK, 1992, p. 33-34) (continuação)

Axiotopônimos	Elementos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais, como presidente e doutor.	Córrego Rainha* (AF/MS)	Rainha: => rei – sm. soberano que rege ou governa um estado monárquico/ rainha sf. A esposa do rei soberana que rege ou governa um reino (CUNHA, 2010, p. 545).
Corotopônimos	Elementos relativos aos nomes de cidades, estados, países, regiões e continentes.	Serra do Perú* (AF/MS)	Perú: Peru, oficialmente chamado de República do Peru, é um país sul-americano limitado ao norte pelo Equador e pela Colômbia, a leste pelo Brasil e pela Bolívia e ao sul pelo Chile. Peru: de Pi-ru; aquilo que se estreita, que se aperta, alusão ao correr do rio entre montes em leito apertado (BORDONI, s/d, p. 496).
Cronotopônimos	Elementos que encerram indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo/nova, velho/velha.	Córrego dos Cuês (AF/MS)	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).
Ecotopônimos	Elementos relativos às habitações.	Cabeceira Tapera (AF/MS)	Tapera: tab-éra, aldeia extinta, a ruína, lugar onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra (SAMPAIO, 1928, p. 316).
Ergotopônimos	Elementos relativos à cultura material.	Córrego Jacuba (AF/MS).	Jacuba: de y-acub, água quente; bebida preparada com água, farinha e açúcar (BORDONI, s/d, p. 293).
Etnotopônimos	Elementos étnicos, isolados ou não, como povos, tribos e castas.	Córrego Carajá (AF/MS)	Carajá: corr. carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos. O gentio deste nome, em Goyaz, é assim apelidado pelos seus contrários (SAMPAIO, 1928, p. 181).
Dirrematopônimos	Elementos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.	Ilha Tira Catinga (AF/MS)	Catinga: de caá-tinga, mato branco, esbranqueçado, ralo, próprio das regiões semi-áridas do nordeste brasileiro (BUENO, 2008, p. 99).

Quadro 2 - Taxionomias toponímicas de natureza antropocultural (DICK, 1992, p. 33-34) (conclusão).

Hierotopônimos	Elementos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças. Podem apresentar duas subdivisões: a) hagiotopônimos: topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano; b) mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas.	Córrego Iandejara (AF/MS) Córrego Pai Cuê (AF/MS)	Iandeyara: Nosso Senhor. De Iandé, de nós, nosso + Yara, Senhor (BORDONI, s/d, p. 234). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).
Historiotopônimos	Elementos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes.	Córrego Independência * (AF/MS)	O Dia da Independência é um feriado nacional do Brasil. A data comemora a Declaração de Independência do Brasil do Império Português no dia 7 de setembro de 1822, proclamada por Dom Pedro I.
Hodotopônimos	Elementos relacionados às vias de comunicação rural ou urbana.	Cabeceira Tapei-cuê (AF/MS).	Tape-i: s. senda, vereda (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 161). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).
Numerotopônimos	Elementos referentes aos adjetivos numerais.	Vazante Dois Buritis (AF/MS)	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira (Mauritia Vinifera, Mart.) Alt. Murity, Murity, Mority (SAMPAIO, 1928, p. 171).
Poliotopônimos	Elementos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.	Córrego Aldeia* (AF/MS)	Aldeia: s.f. pequena povoação [do ár. Ad-day'a] (CUNHA, 1999, p. 23).
Sociotopônimos	Elementos relativos às atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade.	Córrego Carapina (AF/MS)	Carapina: corr. carapin, tirar a casca grossa; descascar, lavar. Como adjetivo: aparado, cortado curto, breve (SAMPAIO, 1928, p. 182). Do tupi kara'pina, carpinteiro (CUNHA, 1999, p. 104).
Somatotopônimos	Elementos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal.	Cabeceira Turuno (AF/MS)	Turuna: corr. tyr-una, o cano preto, o membro genital masculino, preto, escuro (também forte, poderoso, valente) (SAMPAIO, 1928, p. 331).

Fonte: Elaboração da autora, baseado em DICK (1992, p. 32-34) e com exemplos extraídos do Sistema de Dados do ATEMS.

O modelo teórico concebido por Dick (1980; 1992) tem servido de base para os estudos toponímicos realizados em todo o Brasil. A pesquisadora construiu um “modelo sistêmico” que pudesse fornecer respostas para o toponimista na fase de análise dos dados e esse modelo foi fundamentado “na realidade etnocultural conhecida ou a conhecer” (DICK, 2006, p. 91). Na verdade, a motivação é um dos pontos mais relevantes da pesquisa toponímica. Para a composição do seu modelo classificatório, Dick (1992, p. 26) procurou sistematizar as taxionomias de forma abrangente, para diminuir a necessidade de volta ao passado para entender o significado do topônimo, que é fornecido pela “interpretação linguística de seus elementos formadores”.

No que se refere à análise da estrutura do sintagma toponímico, Dick (1992, p. 10) explica que “o topônimo, em sua formação na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que o identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem seus termos formadores”. Desse conjunto, depreendem-se os elementos *genérico* e *específico*.

Dessa simbiose, depreendem-se dois dados básicos, um, que se convencionou denominar *termo ou elemento genérico*, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o *elemento ou termo específico*, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes. Atuam ambos no sintagma toponímico, de forma justaposta (rio das Amazonas) ou aglutinada (Parauna, “rio negro”), conforme, portanto, a natureza da língua que os inscreve (DICK, 1992, p. 10, grifo da autora).

O elemento genérico indica o acidente a ser nomeado, é aquele relativo à entidade geográfica que será um acidente físico (rio, córrego, montanha etc.): *córrego Perdizes*, *ilha do Sapé*; ou humano (povoado, cidade, bairro, rua, fazenda etc.): *fazenda Urutu*, *sítio Sucupira*. Já o elemento específico refere-se ao denominativo, ao topônimo propriamente dito, aquele que particulariza a entidade geográfica, distinguindo-a das demais semelhantes. Nos exemplos citados, *Perdizes*, *Sapé*, *Capão*, *Urutu* e *Sucupira* são os elementos específicos do sintagma toponímico. Ambos, termos genéricos e específicos, atuam no sintagma toponímico, ou seja, “no conjunto formado pela nomenclatura onomástica e pelo acidente identificado, de forma justaposta ou aglutinada” (DICK, 1992, p. 10).

No entanto, antes de discutir a questão da estrutura, é importante delinear como são formados os topônimos de um modo geral. Ressalte-se que o nome e o acidente geográfico aparecem intimamente ligados e, para que haja distinção entre seus elementos formadores, há que se fazer uma divisão entre eles. O sintagma toponímico é concebido

como o resultado da relação binária entre o acidente geográfico⁶⁰ (elemento determinado) e o topônimo (elemento determinante)⁶¹.

Ao designar o nome próprio de lugar, o topônimo liga-se ao acidente geográfico, formado por um *elemento genérico* (córrego, rio, ribeirão, lagoa, cabeceira, ilha etc.) que corresponde à entidade geográfica que receberá a denominação, e um *elemento específico* (*capim, capivara, aguapé, aruranha, Caarapã* etc.), o topônimo propriamente dito, que particulariza a noção espacial. Ambos formam o sintagma toponímico, de forma justaposta ou aglutinada, conforme a natureza morfológica da língua que os inscreve. Este último é classificado como simples ou composto (DICK, 1992, p. 10).

Com relação à estrutura morfológica dos topônimos indígenas, no que se refere à incorporação de indigenismos na língua portuguesa, sabe-se que o processo foi tão perfeito que eles se tornaram produtivos, servindo para a formação de compostos e derivados. À luz da proposta de Dick (1992, p. 13-14), a formação morfológica dos topônimos se dá de três maneiras: (i) *elemento específico simples*, definido por um só formante, acompanhado ou não por sufixos (*açaí, apa, arara, bambu, buriti* etc.); (ii) *elemento específico composto* (*Apa-Mi, Boi Taguá, Boi-Jaga, Capi-Y, Guju Mirim* etc.), estruturado a partir de elementos formadores de origens diversas e (iii) *elemento específico híbrido*, formado por itens lexicais oriundos de línguas diferentes.

Nesse último caso, quanto à formação, os topônimos podem se configurar como simples híbridos (*Aguassuzinho, buritizal, catingueiro* etc.), e como compostos híbridos (*Indaiá do Sul, Islã Guaçu, João Cuê* etc.). Dick (1992 p. 14, grifo da autora) esclarece que o “Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido, [...], é aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências; a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa”.

Estruturalmente, o topônimo, segundo Dick (1992, p. 18), é uma “forma de língua” ou um “significante, animado por uma substância de conteúdo” como qualquer outro signo, porém seu uso “adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário [...] transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente

⁶⁰ O acidente geográfico refere-se ao elemento genérico do sintagma toponímico (córrego, cabeceira, cachoeira, rio, ribeirão, serra etc.).

⁶¹ O elemento determinante tem por função especificar o sentido de outro termo, enquanto o determinado é um termo cujo sentido é especificado pelo anterior, sendo a ele subordinado.

motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo”.

Em se tratando do duplo aspecto da motivação toponímica, a mesma autora explica que a motivação é evidenciada, primeiramente, na intenção do denominador ao nomear o acidente geográfico e, depois, na origem semântica do nome, seu significado (opaco ou transparente) e sua procedência. “Essas duas modalidades de aferição do fenômeno motivador dos topônimos configuram perspectivas diacrônicas e sincrônicas no estudo da Toponímia e irão, realmente, influir na formalização das taxonomias dos nomes de lugares” (DICK, 1992, p.18).

Enfim, o topônimo ainda pode representar “um verdadeiro fóssil linguístico, expressão tomada ao geógrafo francês Jean Brunhes, que o considerava um ‘fóssil da geografia humana’”⁶² (DICK, 1992, p. 20, grifo da autora). Mas essa função cristalizadora da significância só é aceitável porque o topônimo exerce o papel de uma verdadeira crônica, em que os fatos atuais se projetam no futuro, através da inscrição onomástica, permitindo, dessa forma, a sua análise posterior (DICK, 1992, p. 20-22).

Outro modelo de classificação é o apresentado por Salazar-Quijada (1985). Esse modelo é estruturado em cinco categorias, segundo seus *elementos*, sua *extensão*, sua *localização*, sua *aplicação* e sua *motivação*⁶³. No âmbito de cada uma dessas categorias, o autor propõe outras classificações (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21).

Assim, a categoria *elementos* diz respeito às bases formadoras dos topônimos, que podem ser *simples*, quando formados apenas por elementos específicos, independentemente do número de palavras (Ex: *Caracas, Maracay, Guarenas, Río Caribe*⁶⁴, *San Juan de Los Morros, San José de El Avila, etc.*)⁶⁵ e *composto* formado por um elemento genérico (Ex: *Río, Caño, Cerro, Morro, Puerto, etc.*) que define a classe

⁶² Backheuser (1949/1950. p. 163) registra que “o nome geográfico é muita vez um “fóssil” linguístico, cujas raízes perpetuam através do tempo a língua extinta de passados remotos, na qual nasceu e quem com ele viveu”.

⁶³ “En este sentido se propondrá una clasificación según: 1. Sus Elementos. 2. Su Extensión. 3. Su Ubicación. 4. Su aplicación. 5. Su Motivo” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21).

⁶⁴ “En caso de que el topónimo sea Río Caribe, que tiene dos palabras, pero está acotado a un centro poblado del Estado Sucre, nos estamos refiriendo a un topónimo simple, ya que la palabra Río, en este momento, no está definiendo al accidente, es decir no cumple el papel de Término Geográfico; se trata, en particular, de un topónimo simple formado de dos palabras. Igualmente ocurre con San Juan de Los Morros, topónimos simples de cinco palabras” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21).

⁶⁵ Os nomes formados por meio da recuperação de nomes de acidentes podem ter sido motivados pelo próprio ambiente físico, já que são característicos do lugar. O aproveitamento de nomes de acidentes fluviais que fazem parte de um curso d’água na toponímia é denominado por Dick (1990, p. 245) como *toponimização* de nomes genéricos de acidentes. Nesta pesquisa, são exemplos de toponimização: (Cabeceira) do **Rio Amambai**; (Cabeceira) do **Rio Apa**; (Cachoeira) do **Rio Indaiá**; (Cabeceira) do **Rio Maracá**; (Foz) do **Rio Paranaíba**, citando apenas alguns.

do acidente que designa e por um elemento específico (Ex: *Orinoco, Manamo, El Avila, San Juan, Cabello*) que identifica o acidente propriamente dito⁶⁶. Ou seja, o topônimo composto possui um termo genérico e mais de um termo específico (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21-22).

Já a *extensão* relaciona-se ao tamanho do acidente que determina o topônimo e classifica-se em *microtopônimo, mesotopônimo e macrotopônimo*⁶⁷ (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 22). O autor evidencia que essas categorias só têm validade como mecanismo de referência, uma vez que indicam o tamanho do topônimo sempre em relação a outro. Em se tratando da *localização*, o autor apresenta as categorias *terrestres* e *extraterrestres*⁶⁸, que são topônimos que servem para identificar acidentes da terra (nomes geográficos. Ex: América, Ásia etc.) e corpos do universo fora do planeta terra, respectivamente (Ex: Júpiter, Venus, Marte etc.) (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 23).

No que se refere à categoria *aplicação*⁶⁹, o autor considera o motivo ou a significação dos nomes e agrupa-os em *actinômicos*, aplicados a acidentes costeiros (Ex: *Cabo Codera, Bahía de Cata, Punta Caimán* etc; *astinômicos*, aplicados a acidentes urbanos ou cidades (Ex: *Caracas, Plaza Bolívar, Barquisimeto* etc.); *Corónimos*, aplicados à descrição de uma região (Ex: *Los Andes, El Amazonas, Guayana* etc.); *insunônimos*, quando se referem a ilhas, arquipélagos e recifes (Ex: *Isla de Margarita, Archipiélago Los Roques, Cayo Sal* etc.); *hidrônimos*, topônimos que se referem a acidentes como mares, oceanos, correntes de água, lagos etc., (Ex: *Río Orinoco, Cãno Manamo, Lago de Maracaibo* etc.); *odônimos*, nomes que se referem a caminhos, a autopistas e a ruas (Ex: *Autopista del Este, Ruta de Losada, Camino Viejo* etc.); *orônimos*, nomes que se referem a montanhas (Ex: *Cerro El Avila, Cordilheira de Los Andes, Pico Espejo*); *epeleónimos* que se referem a grutas e a formações subterrâneas (Ex: *Cueva del Guácharo, Cueva del Toro, Cueva del Tigre* etc.) e, por fim, *selenônimos*, termo aplicado a nomes de acidentes que recuperam acidentes lunares (Ex: *Mar de la Tranquilidad, Golfo*

⁶⁶ “Según sus elementos, los topónimos se clasifican en: simples y compuestos [...]” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21).

⁶⁷ “Según su extensión, o tamaño del accidente que determina los topónimos se clasifican en: a. Microtopónimos. b. Mesotopónimos y, c. Macrotopónimos” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 22).

⁶⁸ “Según su ubicación, en el contexto del universo, los topónimos pueden ser: a. Terrestres y Extraterrestres” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 23).

⁶⁹ “Según su Aplicación, o sea, de acuerdo con el tipo de accidente al cual se apliquen los topónimos, y haciendo abstracción del motivo o significación de las denominaciones, se pueden agrupar en: a) Actinómicos, b) Astinónimos, c) Corónimos, d) Insunóminos, e) Hidrónimos, f) Odónimos, g) Orónimos, h) Espeleónimos, i) Selenónimos” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 23).

de los Astronautas, *Océano de las Tempestades* etc.) (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 23-25).

Já na quinta classificação, os topônimos são agrupados segundo a *motivação*⁷⁰ semântica em 11 (onze) taxes: *fisiotopônimos*⁷¹: nomes descritivos das características naturais do acidente geográfico (Ex: *El Potachuelo, Las Adjuntas, Quebrada Seca* etc.); *zootopônimos*: topônimos que fazem referência à fauna (Ex: *El Tigre, Viboral, Montañas del Venado* etc.); *fitotopônimos*: topônimos que fazem referência a nomes da flora (Ex: *Flor Amarilla, El Mamón, El Guayabal* etc.); *minerotopônimos*: topônimos que fazem referência a materiais inorgânicos do reino mineral (Ex: *El Cobre, El Oro, El Peñón* etc.); *epotopônimos*: são designativos que recuperam personagens históricos (Ex: *El Tirano, Pico Humboldt, Distrito Arismendi* etc.); *hagiotopônimos*: são topônimos que recuperam a memória de santos (Ex: *San Antonio de Los Altos, San Pedro, San Juan de los Morros* etc.); *somatopônimos*: topônimos que se referem a características físicas humanas, partes do corpo, postura do corpo, ou alguma enfermidade ou doença (Ex: *Las Bonitas, Las Caras, La Fiebre* etc.); *animotopônimos*: nomes referentes ao estado de ânimo/espírito do homem (Ex: *La Alegría, La Pena, La Esperanza* etc.); *cognomotopônimos*: designativos que recuperam nomes de pessoas, apelidos ou gentílicos (Ex: *Los González, Las Mercedes, Portuguesa* etc.); *pragmatopônimos*: topônimos que recordam algum fato do cotidiano, utensílios usados em tarefas diárias ou lugares onde se realizam tais tarefas (Ex: *El Trabajo, La Rochela, El Abasto* etc.); *topotopônimos*: topônimos que recuperam topônimos (Ex: *Venezuela recuerda a Venecia*) (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 21-28).

Comparando os modelos classificatórios mencionados pode-se afirmar que o modelo de Salazar-Quijada (1985), apesar de focalizar a motivação toponímica, ao que parece, é pouco prático, uma vez que para utilizá-lo o pesquisador teria que se voltar para outras classificações dentro do próprio modelo. Já o modelo de Dick (1992) oferece maior praticidade tendo em vista a abrangência com que focaliza o fenômeno da motivação. O modelo de Dick (1992) é também mais amplo, se considerado o número de taxes proposto pela toponimista em relação ao de Salazar-Quijada (1985).

⁷⁰ En este sentido, de acuerdo con el motivo, los topónimos pueden agruparse tentativamente en: a) Fisiotopónimos, b) Zootopónimos, c) Fitotopónimos, d) Minerotopónimos, e) Epotopónimos, f) Hagiotopónimos, g) Somatotopónimos, h) Animotopónimos, i) Cognomotopónimos, j) Pragmatopónimos, k) Topotopónimos (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 25).

⁷¹ “Estos nombres se pueden denominar también topónimos descriptivos, ya que sugieren o describen, como su nombre lo indica, las características de determinados accidentes” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 25).

Comparando-se ainda as classificações focalizadas, pode-se considerar como objetivo primordial das pesquisas de Dauzat (1926) reconstituir e descobrir o significado dos nomes próprios. Nesse aspecto, os pontos de vista de Dauzat (1926) e o de Vasconcellos (1931) se aproximam por privilegiarem a investigação etimológica dos nomes e se diferem pelo fato de Dauzat (1926) propor um método de interpretação dos nomes considerando aspectos da psicologia social, como tendências místicas e realistas, enquanto Vasconcellos (1931) se detém ao estudo da etimologia e ao significado do nome.

Já o modelo de classificação de Stewart (1954) se diferencia dos estudos de Vasconcellos (1931) e de Dauzat (1928), por considerar não apenas aspectos de investigação linguística do nome, mas também por vislumbrar em suas pesquisas a possível motivação extralinguística nos nomes geográficos. Apesar de a questão da motivação já estar presente no modelo do estudioso americano, Dick (1990, p. 50) esclarece que Stewart (1954) não quis tratar da motivação toponímica, pois, no entender desse pesquisador, um estudo dos motivos teria que envolver noções mais profundas de psicologia humana, o que fugiria aos objetivos da investigação toponímica, já que, de acordo com seu ponto de vista, “ao toponimista, mais do que o exame dos motivos do denominador, interessaria a análise semântica das denominações” (STEWART, 1954, *apud* DICK, 1990, p. 51).

Observa-se que no modelo classificatório proposto por Dick (1992) figura em primeiro plano o conteúdo semântico que pode ser percebido nos topônimos, enquanto signos linguísticos e, em segundo plano, a intenção do denominador no ato da nomeação visando, por meio de uma investigação sem muito recuo ao passado histórico, buscar as causas motivadoras, os pressupostos semânticos que dão vida aos designativos geográficos, porém não descartando a possibilidade de muitas vezes necessitar de uma pesquisa mais pormenorizada para apreensão do significado.

Do exposto sobre os estudos de Dauzat (1926), Vasconcellos (1931), Stewart (1954) e Dick (1980; 1990; 1992), percebe-se que a toponimista brasileira enfatiza, como primeiro aspecto a ser considerado no estudo da toponímia, o conteúdo semântico perceptível no topônimo. Nessa perspectiva, a investigação do nome geográfico tem como ponto de partida o próprio nome que, segundo Dick (1992), pode ser motivado, isto é, no ato da denominação o nome pode ter sofrido influência de aspectos extralinguísticos de ordem física ou de natureza antropocultural.

Desse breve paralelo entre os modelos de classificação do topônimo, percebe-se que a toponímia brasileira contempla tendências que podem estar presentes na toponímia de uma região, pois enquanto Dauzat (1926) encontrou duas tendências, a mística e a realista, Dick (1992) evidenciou vinte e sete e as dividiu em taxionomias de natureza física e de natureza antropológica, como já foi explicitado anteriormente.

Em síntese, é possível afirmar que Dick (1992) difere dos pesquisadores europeus e norte-americanos no que se refere à perspectiva de pesquisa. Nos estudos de Dauzat (1926) e de Vasconcellos (1931) a perspectiva da pesquisa é voltada para o nível diacrônico do nome. Para Stewart (1954), é a história do nome que irá determinar o enquadramento em um dos nove mecanismos de nomeação proposto por ele. Já na proposta de Dick (1992), os estudos desenvolvem-se em um nível sincrônico dos fatos e a investigação diacrônica dos dados fica em segundo plano, isto é, no momento de passar ao estudo das taxes isoladamente consideradas.

A aplicação do modelo teórico-metodológico de Dick (1990; 1992) disseminou-se e tem dado sustentação a outras pesquisas toponímicas realizadas no Brasil, algumas delas com propostas de outras taxes ao modelo classificatório da pesquisadora brasileira.

Na sequência, apresentam-se de forma sumária considerações acerca dos estudos toponímicos no estado de Mato Grosso do Sul.

1.2.5 Estudos toponímicos em Mato Grosso do Sul

Em Mato Grosso do Sul, os estudos toponímicos encontram-se bem avançados, graças ao Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Aparecida Negri Isquierdo e sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O projeto reúne pesquisadores de três instituições de ensino superior (UFMS, UEMS e UFGD) e da rede pública de ensino do Estado, contando ainda com a colaboração de uma pesquisadora da UFT.

O projeto tem como objetivo mais amplo a realização do inventário e do estudo dos topônimos oficiais circunscritos aos 79 municípios do estado de Mato Grosso do Sul que se distribuem por quatro mesorregiões e onze microrregiões, com vistas à produção do Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul e do Dicionário de Topônimos Sul-mato-grossenses. Orienta-se pelos fundamentos teórico-metodológicos da Onomástica e da Toponímia, particularmente pelo modelo teórico de Dick (1982; 1987; 1990; 1992; 1997; 1999; 2001; 2002-2003; 2004; 2006), com as devidas adaptações às particularidades da

toponímia sul-mato-grossense, além de buscar responder ao duplo desafio de estudar a toponímia do estado, nas perspectivas linguística e etnodialetológica.

A metodologia do Projeto ATEMS tem orientado um significativo contingente de pesquisas sobre a toponímia rural e urbana de Mato Grosso do Sul, a saber: *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal Sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos* (SCHNEIDER, 2002); *Entre Buritis e Veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense* (DARGEL, 2003); *A toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina* (TAVARES, 2004); *Um estudo da toponímia da porção sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos* (GONSALVES, 2004); *Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história* (TAVARES, 2005); *Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna* (SOUZA, 2006); *Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense* (CASTIGLIONI, 2008); *A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do sul goiano* (PEREIRA, 2009); *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses* (CAZAROTTO, 2010); *Toponímia urbana da região central de Campo Grande – MS: um olhar socioetnolinguístico* (OLIVEIRA, 2014); *Religiosidade na toponímia urbana de Campo Grande/MS: entrelaçamentos históricos e linguísticos* (RIBEIRO, 2015); *Toponímia urbana da cidade de Três Lagoas/MS: interfaces entre léxico, cultura e história* (BITTENCOURT, 2015) e *Léxico toponímico urbano na cidade de Campo Grande/MS: região do Imbirussu* (CAVALCANTE, 2016); *A toponímia urbana de Campo Grande/MS: um estudo etnolinguístico da região do Segredo* (AMORIM, 2017); *Interfaces entre a toponímia brasileira e a paraguaia em área de fronteira: perspectiva etnodialetológica* (CAZAROTTO, 2020); *Toponímia urbana de Campo Grande/MS: um estudo etnolinguístico dos nomes de logradouros da região do Prosa* (NEVES, 2019); *A toponímia urbana da região do Anhanduizinho/Campo Grande/MS: um estudo etnolinguístico* (QUISNAU, 2019)⁷².

Há que se registrar, ainda, outro trabalho que, embora não esteja voltado especificamente para a toponímia sul-mato-grossense, tem contribuído significativamente com as investigações toponímicas realizadas no estado. Trata-se da Tese de Doutorado de Aparecida Negri Isquierdo, intitulada *O Fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Essa tese apresenta um levantamento e estudo do

⁷² Esses trabalhos estão disponíveis para consulta no site do Projeto ATEMS: www.atems.ufms.br.

léxico do seringueiro do estado do Acre, inclusive dos topônimos que nomeiam os seringais e as colocações. Nesse campo, a autora evidencia a motivação semântica dos nomes, estabelecendo relação com a realidade sócio-histórica e cultural do seringueiro. Como já mencionado, essa pesquisadora propôs uma subdivisão para a taxa *animotopônimo* (DICK, 1992), considerando o contexto sócio-histórico e cultural onde foi registrado o nome: *animotopônimos eufóricos* e *disfóricos*. Estes passam a classificar, no trabalho da estudiosa, nomes de seringais que deixam antever expectativas positivas e negativas do denominador, respectivamente (ISQUERDO, 1996, p.118).

Em síntese, essas pesquisas ratificam a importância da ampliação dos estudos toponímicos a partir de outras perspectivas e de fontes diversificadas de dados. Este, como já mencionado, trabalho discute a interface entre toponímia indígena e etnolinguística. A próxima seção tece considerações sobre a toponímia indígena.

1.2.6 Considerações sobre a toponímia indígena

Tudo teve início com a chegada de Cabral que, ao aportar no Novo Mundo, se deparou com povos, costumes e línguas diversos, até então desconhecidos. Como parte do projeto colonizador também aportaram as terras do novo território os padres jesuítas com a missão de catequisar os povos nativos transformando-os em cristãos. Para concretizar esse propósito tiveram que aprender as línguas indígenas, em especial o tupi, o que deu origem à primeira gramática de falares brasileiros, *Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, do padre José de Anchieta. A finalidade era ensinar a outros religiosos a língua tupinambá e tornar efetiva a catequese (LEITE; CALLOU, 2002, p. 60). Todavia, essa descrição seguiria os padrões da gramática latina, o que significa que se procurava enquadrar a língua indígena aos padrões já conhecidos e estudados de línguas canônicas, falseando, por vezes, a real essência do tupi.

Segundo Leite e Callou (2002, p. 62), a política posta em prática pelos jesuítas com apoio da Coroa Portuguesa tirou dos índios seus costumes, suas terras, sua cosmologia, sua música e sua língua. A uma diversidade condenada impôs-se uma homogeneidade, cujo objetivo era manter a unidade do território conquistado. No entanto, o contato entre o português e o indígena deixou marcas profundas na formação da sociedade brasileira, incluindo a herança linguística que se reflete na heterogeneidade do português do Brasil. Em um ambiente tão diverso do europeu, o colonizador aprendeu com o indígena

[...] a identificar, a denominar e a classificar e usar toda a natureza tropical. [...] Aprenderam, igualmente, com eles, técnicas eficazes ajustadas às condições locais e às diferentes estações do ano, relativas ao cultivo e preparação de variados produtos de suas lavouras, à caça na mata e à pesca no mar (RIBEIRO, 1995, p. 129).

Segundo Antônio Gonçalves Dias, em sua obra *O Brasil e a Oceânia*, os índios chegaram a ter algumas noções muito concretas sobre os lineamentos gerais da geografia do continente. Os indígenas dominavam conhecimentos geográficos, abrangendo vastas regiões continentais, pois, forçados pelas necessidades, deslocavam-se com frequência. Eles mostravam grande discernimento na escolha dos lugares em que habitavam; os jesuítas apenas os acompanhavam no desígnio já feito por eles (DIAS, s/data, p. 185, apud GREGÓRIO, 1980, p. 183).

Na perspectiva de Backheuser (1949-1950),

Os estrangeiros ouvindo todos os indígenas nomearem o acidente por um só nome, transformam-no em específico e daí por diante, por antonomásia, inscrevem-no nas cartas e fazem-no figurar nas descrições. Graças a isso, os mapas apresentam variado rol de nomes, mas grande parte deles significa a mesma coisa (*ou rio*, ou *lago* ou *pôrto*), variando apenas a palavra designativa consoante o idioma local (BACKHEUSER, 1949-1950, p. 168).

De acordo com Gregório (1980, p. 183), os indígenas valiam-se da argúcia instintiva para caracterizar “o local por traços precisos, mediante a composição de vocábulos expressivos. Recorriam à flora, à fauna, aos minerais, ao relevo, indicados por termos já existentes, ou que se cunhavam na ocasião, mercê da flexibilidade dos elementos lingüísticos”⁷³. Dessa forma, os topônimos brasileiros de origem indígena configuram-se como um documento vivo da preferência inicial atribuída ao tupi como instrumento de comunicação.

Para Melo (1946, p. 35), foi imensa “a contribuição do Tupi ao vocabulário da língua portuguesa americana. Se levarmos em conta a toponímia, talvez orcem por 10.000 os vocábulos que ao Português advieram da principal fonte indígena, o que constitui valiosíssimo legado”. São milhares de palavras do tupi no léxico do português do Brasil, muito frequentes na designação de acidentes topográficos como morros, serras, cavernas e cursos de água como, por exemplo: Morro *Bocaina*; Serra *Aquidauana*; Caverna *Cambaúba*; Canal *Araçatuba*; Vazante *Arara*; Lagoa *Areré*; Córrego *Babaçu*; Cabeceira *Cambaí* etc. Na extensão e riqueza dessa natureza viva, uma grande parte dos seres

⁷³ De acordo com Gregório (1980, p. 183), essa informação está disponível em: Virgílio Corrêa Fº. -16; IBGE b, n.º 88: Notas sobre toponímia.

naturais é conhecida por nomes atribuídos por indígenas como Rio *Canindé*; Cabeceira do *Capão*; Corixo *Capivara*; Córrego *Cateto*; Ribeirão *Imbaúba*; Lagoa *Jacaré* etc.⁷⁴

Segundo Dick (1982, p. 75), “a ocorrência de falantes distintos no território brasileiro acabaria por marcar, também distintamente, a toponímia local”. Sabe-se que, quando os europeus chegaram ao Brasil, depararam-se com uma nomenclatura indígena básica, incorporada à toponomástica que então se constituiu. De acordo com a autora, “a toponímia portuguesa que para aqui se transportou envolve certas características históricas peculiares, [...] porque veio em substituição à uma nomenclatura indígena já estabelecida” (DICK, 1982, p. 83).

A influência indígena nos nomes, conforme Dick (1992), é o diferencial da toponímia brasileira em comparação à europeia. A autora ainda lembra que “a denominação dos acidentes costeiros, nos primórdios da ocupação, por desconhecimento dessa camada primitiva, foi feita segundo os padrões vigentes na cultura lusitana” (conforme expedições de reconhecimento) e logo as denominações nativas foram se tornando presentes à medida que se firmavam os contatos e o conhecimento e aprendizagem da língua (DICK, 1992, p. 81).

A história registra que o processo de nomeação era uma atividade cotidiana para os europeus na “descoberta” de novos povos e realidades. À época da colonização, não foi diferente, os colonizadores portugueses tentaram desconsiderar os nomes já existentes no solo brasileiro e renomearam os lugares com designativos de etimologia portuguesa, para fazer desaparecer o topônimo aborígine e dissimular a origem indígena dos povoados, ou para impedir que o idioma dos indígenas continuasse a suplantar o dos colonizadores. Esse processo, identificado por Dick (1990) como uma superposição toponímica, representa uma forma de demarcar o domínio do invasor sobre um território invadido.

Nesse processo de demarcação de território, houve então dois períodos de apagamento de topônimos nativos:

[...] existe documentação suficiente para determinar, com precisão, o **deslocamento** de topônimos portugueses, já consagrados em Portugal, para localidades da região norte do país, denominadas com os nomes indígenas dos primitivos habitantes. Levy Cardoso dá conta desses acontecimentos, ilustrando-os com ocorrências verídicas: numa primeira fase, a denominação autóctone foi alterada por motivos de convicção religiosa dos padres missionários e colonizadores, e, num segundo momento, a alteração consubstanciou medida autoritária do governo português, através de carta-

⁷⁴ Esses exemplos foram retirados do *corpus* analisado para esta pesquisa.

régia expedida pelo Marquês de Pombal, ao perceber, na permanência dos nomes de lugares indígenas, uma forma indireta de se conservarem vivos os idiomas nativos, tornados proibidos de se difundir, a partir de então (DICK, 1990, p. 54-55, grifo da autora).

Apesar disso, o primitivismo não impediu que a cultura indígena influenciasse o ambiente colonial. Desse modo, é possível afirmar que a formação do Brasil como um país multicultural se deve, sobretudo, à presença de centenas de grupos indígenas que habitavam o seu território. Em outras palavras, a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas influenciaram os modos de ser da população mestiça que, a partir da mistura de diferentes matrizes, caracterizaria a população brasileira atual, uma miscigenação de europeus, africanos e indígenas.

Ainda conforme Dick (1992, p. 81), “a formação etno-histórica do Brasil acusa a existência de estratos populacionais diversos como os ameríndios, distribuídos em vários troncos e famílias, os portugueses, os africanos e os de procedência estrangeira”. Já em época posterior à colonização, a autora declara que “essa origem heterogênea deixou reflexos diferenciados na língua, nos usos e costumes, nas tradições regionais e, conseqüentemente, na toponímia do país”. É evidente, contudo, que a maior contribuição em relação à escolha dos topônimos, em especial dos acidentes geográficos, é de origem indígena, sobretudo do tupi.

As principais línguas faladas pelos habitantes do litoral (o tupinambá e o guarani) foram documentadas já no início da colonização. De acordo com Bearzoti Filho (2002, p. 33), “durante o século XVI, praticamente todos os europeus que viveram no Brasil estiveram familiarizados com o tupi, dominando-o com grau variável de competência”. Ainda segundo o autor, “pode-se empregar tupi ou tupi antigo em referência à língua dos índios tupis do litoral, e a expressão língua geral, para designar o idioma de base tupi empregado pela população envolvida no processo colonial” (BEARZOTI FILHO, 2002, p. 34).

Entretanto, o predomínio da população indígena em relação à europeia nos primeiros séculos da colonização brasileira – início do século XVI e a primeira metade do século XIX – tornava natural que não fosse o português, mas o tupi, o idioma adotado de forma prioritária como meio de comunicação entre a população envolvida no ainda incipiente processo colonial. No vocabulário, por exemplo, é inegável a presença de tupinismos, sobretudo em áreas específicas, como a toponímia, a antroponímia, a culinária e, especialmente, a fauna e a flora brasileiras.

Conforme Rodrigues (2002, p. 21),

[...] numa amostra de pouco mais de mil nomes brasileiros populares de aves, um terço, cerca de 350 nomes, são oriundos do Tupinambá. Na área da fauna, numa amostra de 550 nomes de peixes, quase a metade (225 ou 46%) veio da língua indígena. Além disso, é notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá na ortografia jesuítica do século XVIII.

Nota-se ainda que é enorme a influência tupi nas denominações geográficas das diferentes regiões brasileiras. De acordo com Dick (1992), o sistema lexical tupi:

[...] como reflexo de uma sociedade de economia mista, deixou uma gama variada de contribuição linguística ao português, que preservou, nos vocábulos fossilizados, as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiência. Se muitos desses designativos, hoje, escapam ao linguajar corrente do brasileiro, impulsionado, constantemente, pela dinâmica da língua, outro tanto não ocorre na Toponímia, que se vale deles como fonte contínua de motivação, mantendo, assim, vivas, as tradições culturais indígenas (DICK, 1992, p. 39).

Desse modo, o processo de nomeação se tornou um importante mecanismo para que o homem pudesse organizar e controlar o mundo, a fim de facilitar sua socialização e, conseqüentemente, possibilitar um melhor conhecimento da realidade que o rodeia, utilizando quase sempre o próprio ambiente como forma de motivação desse ato. Esse mecanismo de apropriação tornou-se atividade comum, especialmente no que diz respeito às etnias indígenas, nas quais se recorre constantemente a elementos do ambiente, como a fauna e a flora, para nomear os acidentes físicos e humanos de uma região.

Os povos indígenas deixaram para a sociedade brasileira uma diversidade cultural muito importante para a formação da população brasileira. A influência da cultura indígena no Brasil é visível em diferentes esferas. Pode-se citar, como exemplo, o fato de que os índios cultivavam diversos alimentos que atualmente fazem parte da dieta alimentar dos brasileiros, como a *mandioca* e o *maracujá*, e faziam doces, como a *pamonha* e a *paçoca*. Além disso, alguns costumes indígenas permanecem até hoje, como o hábito de descansar e dormir em redes.

Segundo Masucci (1979, p. 8), “a frequência com que são empregadas palavras do idioma tupi para designar acidentes geográficos na nossa geonômica atesta a importância dada à língua, pelo povo brasileiro”.

Na língua portuguesa falada no Brasil, há milhares de expressões tupis entremeadas, e tão bem articuladas, que o povo usa sem perceber o empréstimo. Enquanto isto, vai o português falado no Brasil ampliando a sua

capacidade de expressão, com base no que nos deixou de herança o indígena, primeiro habitante desta terra de Santa Cruz (MASUCCI, 1979, p. 9).

Sampaio (1928, p. I), por sua vez, argumenta que há um sentimento nacionalista integrado à raça americana, vencida, afirmando que “nem tudo se perdeu e que se, no sangue dos descendentes, a dosagem diminui a se apagar, a memória dos primitivos íncolas perdura ainda com os nomes dos lugares onde a civilização ostenta os seus triunfos”. O fato é que o tupi predominou na formação da toponímia brasileira, para o mesmo autor, “a predileção do brasileiro pelos nomes indígenas na denominação dos lugares é hoje tão accentuada que a toponymia primitiva vai aos poucos se restaurando e às localidades novas dão-se de preferencia nomes tirados da língua dos ameríndios tupis” (SAMPAIO, 1928, p. I). Por fim, é importante ressaltar que a influência cultural do indígena continua presente no território brasileiro.

Ainda nessa mesma óptica, Bordoni (s/d. p. 11) assevera que “a frequência com que são usadas palavras da língua tupi para denominar acidentes geográficos afiança a importância desta no conceito do povo brasileiro”. Ainda segundo o mesmo autor, “as línguas dos povos de cultura primitiva fazem parte de um acervo cultural, indispensável para qualquer nação que tem consideração pelas suas raízes históricas e que zela pela imortalidade dos usos, costumes e falares de seus antepassados” (BORDONI, s/d. p. 11). Isso sugere que a língua portuguesa preservou em seus topônimos aspectos da cultura indígena, por meio de marcas sociais e culturais, especialmente, no meio físico e social, em que, de acordo com a tradição, esses povos têm vivido.

Ainda não se fez um levantamento cientificamente conduzido das contribuições lexicais das línguas indígenas ao português falado no Brasil. O Padre Lemos Barbosa estima em mais de dez mil palavras e achamos que este número poderá ser facilmente duplicado, pois todas as denominações de lugares, de rios, de montanhas, de plantas, de frutos pertencem ao tupi e ao guarani, bem como a outros falares de tribos ainda não bem conhecidas e estudadas até este momento (BUENO, 2008, p. 18).

Assim, pode-se dizer que refletir sobre a formação da toponímia brasileira é aceitar a variedade de línguas e culturas que originaram o português do Brasil. Desse modo, é imprescindível à pesquisa toponímica a realização de investigações históricas para que se possa ter uma melhor compreensão das relações entre língua, espaço, cultura e poder subjacentes nos nomes de lugares.

Deve-se registrar, mormente, que a toponímia brasileira de origem indígena está impregnada de contrastes e faz-se presente em elementos que remontam à cultura material

e espiritual do povo brasileiro. Para Dick (1992, p. 122), “o sistema léxico tupi, envolvendo aspectos da cultura material, deixou uma gama variada de contribuições ao português do Brasil, que preservou, realmente, nos vocábulos fossilizados, as tipicidades de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiência”. É, sobretudo, “nos dados naturais ou físicos, principalmente, que essa toponímia encontra uma definição mais relevante”. Em outras palavras, é possível afirmar que as características físicas do ambiente são as principais vias de motivação para as denominações (DICK, 1992, p. 123).

Conforme a mesma autora, essa grande propagação dos topônimos indígenas ocorreu não só devido “à maior mobilidade geográfica ou mesmo sociocultural do grupo, como também à ação religiosa dos missionários e à participação das antigas bandeiras, que difundiram a língua dita então geral, dilatando, conseqüentemente, a área ocupada por esses indígenas” (DICK, 1992, p. 123). Com o tempo os jesuítas conseguiram compreender as línguas indígenas, especialmente, a tupi, e o conhecimento dessas línguas, associado ao português, possibilitou o surgimento da língua geral, que favoreceu um maior entendimento da organização social dos índios e, por conseguinte, facilitou a ação de conversão operada pelos jesuítas.

Denominações geográficas, explicáveis e naturalíssimas numa época em que o tupi era a língua geral ou a mais falada no país, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações cotidianas ou as inevitáveis corruptelas vão tornando indecifráveis. Portanto, preservar-lhes a grafia verdadeira, e a verdadeira pronúncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véo obscuro dos metaplasmos, vale tanto como resguardar um monumento histórico (SAMPAIO, 1928, p. XXXIV).

Segundo Cardoso (1961, p. 87-88), o tupi teve sempre os seus cultores, um núcleo de verdadeiros tupinólogos, entre os quais avultam, além dos missionários e dos catequistas dos primeiros séculos, as grandes figuras do século XIX, como Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Batista Caetano e, mais modernamente, Teodoro Sampaio. Quanto às demais línguas brasílicas, Cardoso (1961, p. 89) destaca o testemunho de Teodoro Sampaio: “O estudo das línguas, consideradas estranhas à família Tupi, não logrou, entre nós, o mesmo interesse que esta última, cultivada pelos missionários e religiosos desde os primeiros tempos da conquista”.

Desse modo, como já pontuado anteriormente, é preciso levar em consideração que a toponímia do Brasil não é homogênea em termos de base linguística, uma vez que, ao lado da abundante toponímia representativa da língua dos colonizadores, há um

número muito significativo de topônimos de origem indígena, muitos deles, na atualidade, confirmando o caráter de “fóssil linguístico” do nome geográfico e as marcas de sua influência no léxico da língua portuguesa. Sintetizando, é evidente que os vestígios da dominação indígena estão presentes nas designações de lugares, e esse fato deve ser levado em consideração quando se analisa a toponímia indígena no Brasil.

Por fim, é possível reiterar que a toponímia indígena do Brasil é estruturada a partir de elementos formadores da etnia brasileira, razão pela qual esta seção foi centrada nas contribuições da língua e da cultura indígena na toponímia, buscando trazer um panorama dessas influências no sistema toponímico brasileiro. De modo geral, este capítulo teve como propósito discutir aspectos teóricos relacionados aos estudos toponímicos, com destaque para as contribuições teóricas de Dick (1980; 1982; 1987; 1990; 1992; 1999; 2006; 2008), aqui tomadas como parâmetro para o estudo da toponímia indígena na área geográfica estabelecida para a pesquisa.

O capítulo seguinte apresenta um panorama das línguas indígenas brasileiras, com destaque para as faladas por povos do estado de Mato Grosso do Sul.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS DESCRITIVOS E HISTÓRICOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Este capítulo tem o objetivo de apresentar um panorama das línguas indígenas brasileiras⁷⁵, com destaque para as faladas por povos do estado de Mato Grosso do Sul. A partir da fundamentação teórica da Etnolinguística, são discutidos aspectos históricos e descritivos das línguas indígenas, considerando relações de parentesco entre línguas, os falantes e a localização geográfica das etnias.

O capítulo está organizado em seções e subseções. Na primeira parte, apresenta-se um panorama geral da história das línguas indígenas no Brasil. O item seguinte, aborda a questão da caracterização dos povos indígenas brasileiros e a consequente descrição dos troncos e famílias das línguas por eles faladas. Na sequência destacam-se contribuições das línguas indígenas para o português brasileiro e a seção subsequente focaliza os povos indígenas que habitam no estado de Mato Grosso do Sul.

2.1 As línguas indígenas do Brasil

A história das línguas indígenas do Brasil inicia-se com uma descrição da natureza brasileira, feita por alguém que a “descobre”, que a vê pela primeira vez, como um imenso território, com muita novidade, exotismo e habitantes selvagens. Tudo começa quando Cabral e sua tripulação aportam em terras brasileiras e encontram a área, que hoje constitui o Brasil, habitada por uma população nativa, tribos seminômades, que os europeus denominaram índios, por acreditarem que haviam chegado à Índia.

A história do Brasil é contada, comumente, a partir da vinda dos colonos portugueses no continente americano, porém eles não foram os primeiros a chegar nessa região. O litoral brasileiro já era ocupado por inúmeras sociedades indígenas, entre as quais predominava o grupo que falava o tupi, a primeira língua nativa que os missionários aprenderam, modificaram e, sobretudo, impuseram às populações indígenas de outras

⁷⁵ Em relação à grafia de nomes de sociedades e línguas indígenas seguiu-se nesta Tese a convenção para grafia de nomes indígenas estabelecida na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, publicada na Revista de Antropologia, vol. 2, n. 2, São Paulo: Companhia Editorial Nacional, segundo a qual os nomes de povos e línguas indígenas escrevem-se com inicial maiúscula, não sendo flexionados em número ou gênero. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/8378/558>. Acesso em: 12 out. 2020.

etnias. De acordo com Rodrigues (2010, p. 30-31), “os contatos principais dos portugueses com as línguas indígenas no Brasil deram-se logo a partir da década de 30 do século XVI, quando o número de colonos ainda era pequeno e mais dependente dos indígenas para conhecer a terra e nela sobreviver”.

De maneira geral, estudar línguas indígenas no Brasil implica compreender uma diversidade de povos, com costumes diferentes dos padrões culturais da sociedade não índia. Segundo Câmara Jr. (1965, p. 189-190), “o estudo das línguas indígenas é importante para o conhecimento geral de estruturas linguísticas [...], para o trabalho comparativo, histórico e classificatório no sentido genético [...] e para o conhecimento da etnologia dos povos”.

Atualmente, existem, no Brasil, centenas de povos indígenas, cada qual com sua cultura, crença, língua e identidade étnica, única e exclusiva. No entanto, os cidadãos brasileiros, em sua maioria, entreveem o Brasil como um país monolíngue e, por extensão, acreditam que o português brasileiro é língua única no Brasil. Quando admitem a existência de outras línguas, pensam que o tupi é a única língua indígena existente no país, apagando da diversidade cultural e linguística do povo brasileiro as línguas faladas por grupos minoritários. Nesse particular, Seki (2000, p. 234) pondera que “um dos resultados do mencionado apagamento é o fato de que, no limiar do século XXI, ainda é bastante difundida a ideia de que o Brasil é um país monolíngue e de cultura única”.

Apesar de quinhentos anos de apagamento, as línguas indígenas que sobreviveram comprovam que o Brasil não é um país monolíngue. Conforme Melatti (2007, p. 32), “não é raro encontrar pessoas que acreditam que todos os índios do Brasil falam língua Tupi. Essa ideia se deve a uma supervalorização da língua e dos índios Tupí diante dos demais indígenas brasileiros”. Essa crença de que o tupi é a única ou a mais importante língua do país, todavia, só pode ser justificada se desconsideradas as evidências de que muitas outras línguas são faladas pelos indígenas brasileiros⁷⁶.

Em sentido oposto, entende-se que o cenário linguístico brasileiro evidencia a existência de diferentes línguas que convivem com o português, configurando, assim, o Brasil como um país plurilíngue, visão essa que atrai a atenção dos linguistas que se dedicam a pesquisas na área da língua e da cultura de povos indígenas. Mattoso Câmara Jr. (1965, p. 99), por exemplo, faz um instrutivo retrospecto dos primeiros estudos acerca das línguas indígenas no Brasil, apontando os critérios experimentados para classificá-

⁷⁶ De acordo com Edelweiss (1969, p. 63), “excluir os rudimentos da língua tupi dos estudos especificamente brasileiros é quase como suprimir o latim e o grego nos estudos clássicos”.

las, como também o caminho percorrido para, pouco a pouco, serem identificadas as diferentes famílias de línguas conhecidas na atualidade.

O primeiro contato dos portugueses com os índios, de acordo com Seki (2000, p. 235), ocorreu com os povos Tupi que ocupavam toda a costa brasileira, cuja língua “foi a única estudada nos primeiros trezentos anos de colonização e os materiais linguísticos existentes foram produzidos sobretudo por missionários jesuítas portugueses”. Segundo a autora, informações sobre línguas não tupi começaram a surgir no século XIX, por meio do trabalho de missionários que tiveram contato direto com os falantes nativos. Todavia, a ênfase no estudo e nos registros do tupi fez com que as demais línguas ficassem “invisíveis” por trezentos anos, línguas essas que começaram a ganhar visibilidade somente a partir do século XIX.

Rodrigues (2002), por sua vez, argumenta que a língua indígena mais conhecida dos brasileiros, tradicionalmente, é o tupinambá, língua predominante nos contatos entre portugueses e índios nos séculos XVI e XVII. Para o autor, “uma das consequências da prolongada convivência do Tupinambá com o português foi a incorporação a este último de considerável número de palavras daquele” (RODRIGUES, 2002, p. 21).

A realidade, porém, é que os estudos científicos a respeito das línguas indígenas são insuficientes, pois muitos conhecimentos acerca dessa realidade linguística revestem-se ainda de muitas imprecisões. De modo geral, sabe-se pouco da história indígena; nem a origem, nem o que realmente aconteceu e muito menos os registros de população são seguros. No Brasil, os linguistas estimam que ainda sobrevivem, em graus variados de vitalidade, em torno de 170⁷⁷ línguas indígenas (RODRIGUES, 2002, p. 18-19). Algumas das línguas desaparecidas foram documentadas, mas a maioria delas desapareceu sem que houvesse registro.

A estimativa de que se dispõe sobre a diversidade das línguas indígenas existentes no Brasil há 500 anos, antes do início da colonização desta parte da América do Sul pelos europeus, é a apresentada por Rodrigues (1993). Segundo essa estimativa, eram faladas no Brasil cerca de 1.175 línguas indígenas, por uma população de, aproximadamente, cinco milhões de habitantes. O cálculo de Rodrigues foi baseado em projeções de amostras de quantidades de línguas no território brasileiro, partindo de documentos produzidos pelos jesuítas, que datam do século XVI. Nota-se que em pouco mais de 500

⁷⁷ Convém assinalar que o número de línguas indígenas, no Brasil, oscila entre 170 e 180 línguas de acordo com Rodrigues (2002) e Seki (2000) respectivamente.

anos houve uma perda de mais ou menos 1.000 línguas, ou seja, 85% das línguas existentes no território brasileiro no período da colonização.

Esses dados apontam para o fato de, no Brasil, o processo de colonização relacionar-se diretamente com o desaparecimento de grupos nativos, absorvidos pela sociedade dos colonizadores e dizimados pela violência a que os índios, historicamente, têm sido submetidos, inclusive nos últimos séculos, o que resultou no desaparecimento de inúmeras línguas indígenas sem deixarem vestígios. Não se sabe com precisão quantos grupos indígenas existiam no Brasil, desde a conquista em 1500. Sabe-se, entretanto, que a população aborígine decresceu desde então de forma rápida e continua diminuindo até atualmente. Todavia, entre acomodação e extermínio a história do Brasil tem mostrado que o primitivismo não impediu que a cultura indígena influenciasse o ambiente colonial⁷⁸. Enfim, a formação do Brasil como um país multicultural se deve, sobretudo, à presença dos grupos indígenas que habitaram e habitam o território brasileiro.

Conforme esclarece Seki (2000, p. 234), “aos 500 anos de penoso contato, violências e discriminações, sobreviveram mais de duzentos povos indígenas, com suas crenças, costumes, organização social e visão de mundo próprio, falantes de cerca de 180 distintas línguas”. Ainda de acordo com a mesma autora:

[...] cerca de mil línguas se perderam devido ao desaparecimento físico dos falantes, em decorrência de epidemias, extermínio direto, escravização, redução de territórios, destruição das condições de sobrevivência e aculturação forçada, entre outros fatores que sempre acompanharam as frentes de expansão desde o período colonial até nossos dias (SEKI, 2000, p. 238).

Assim, entende-se que a história da colonização do Brasil evidencia que a população indígena brasileira, desde a chegada dos conquistadores europeus, tem decrescido continuamente⁷⁹. Muito conhecimento sobre as línguas e sobre as implicações de sua originalidade para o melhor entendimento da capacidade humana de produzir línguas e de comunicar-se fica perdido com cada língua indígena que deixa de ser falada. Apesar disso, o número de línguas indígenas brasileiras ainda existentes representa uma grande diversidade linguística que merece respeito e estudos.

Urquiza (2016, p. 54), por exemplo, reconhece que a diversidade sociocultural dos povos indígenas brasileiros “se expressa pela presença de mais ou menos 283 povos

⁷⁸ Rodrigues (1993; 2002); Seki (2000); Brand (2001); Bearzoti Filho (2002) entre outros.

⁷⁹ Todas as estimativas devem ser consideradas com certa cautela, pois as línguas indígenas encontram-se sob as mais diferentes pressões, sofrendo o impacto do crescente contato com a população envolvente e a língua majoritária.

indígenas distintos, habitando centenas de aldeias localizadas em praticamente todos os estados da Federação”. Segundo o mesmo autor, os povos indígenas do Brasil⁸⁰ “vivem em 628 terras indígenas descontínuas, totalizando 12,54% do território nacional. Apesar da ampla distribuição, mais de 60% da população indígena está concentrada na região da Amazônia Legal” (URQUIZA, 2016, p. 54).

A título de comparação, apresentam-se, na sequência, dois mapas que registram a localização e consequente distribuição dos indígenas do Brasil. O mapa 1, de 1980, documenta a presença de quatro grupos étnicos indígenas: Tupi-Guarani, Jê, Aruaque e Cariba, com as suas principais etnias (GREGÓRIO, 1980, p. 17).

Figura 1 - Mapa da localização do indígena brasileiro (GREGÓRIO, 1980)

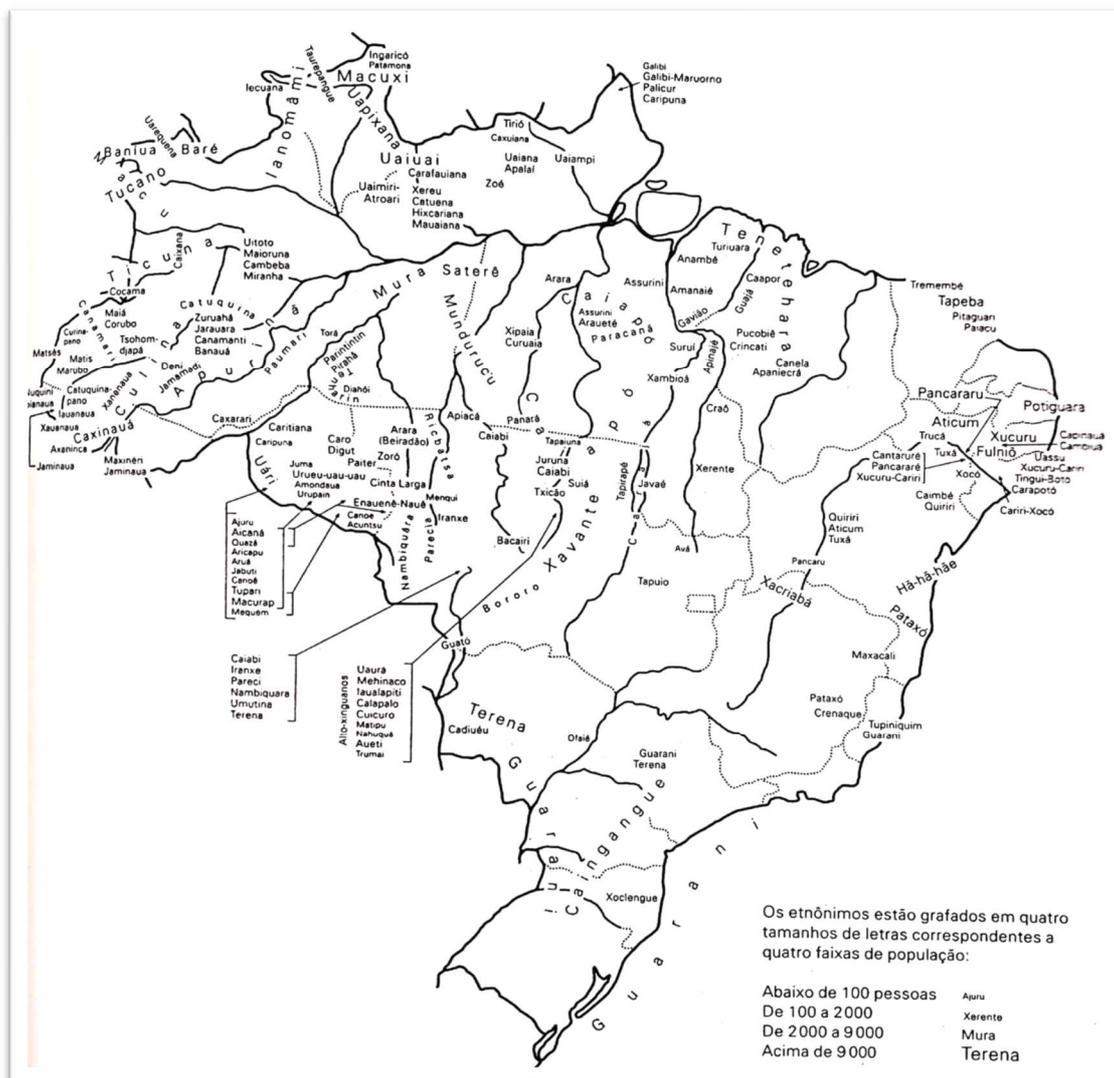


Fonte: Gregório (1980, p. 17).

O mapa apresentado na figura 2, por sua vez, registra os pontos de distribuição da população indígena no Brasil em 2007, com destaque para as distinções étnicas (MELATTI, 2007, p. 53).

⁸⁰ A tabela contendo todos os grupos indígenas que habitam o território nacional, baseada em dados atuais, pode ser encontrada no site do Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br>>. Acesso em 06 ago.2020.

Figura 2 - Mapa da População indígena segundo etnias (MELATTI, 2007)



Fonte: Melatti (2007, p. 53).

O conteúdo dos dois mapas se difere, especialmente porque, na década de 1980, observa-se uma tendência de reversão da curva demográfica, à medida que a população indígena no Brasil tem crescido de forma constante, o que sinaliza para uma retomada demográfica no âmbito da maioria dos povos indígenas brasileiros. Acresce-se ainda o fato de os povos indígenas contemporâneos estarem espalhados por todo o território brasileiro. Esses dois mapas permitem, pois, uma avaliação de um movimento demográfico que leva em conta os agrupamentos étnicos existentes no Brasil. A população indígena brasileira sofreu um enorme decréscimo entre o século XVI e o XX. No entanto, após a década de 1980, esse cenário sofreu mudanças e a população indígena voltou a crescer.

De acordo com o IBGE (2012)⁸¹, desde 1991, o censo demográfico coleta dados sobre a população indígena brasileira. O censo 2000 revelou um crescimento da população indígena muito acima da expectativa. Esse aumento expressivo não poderia ser compreendido apenas como um efeito demográfico, mas como um possível crescimento no número de pessoas que se reconheceram como indígenas. Como os censos demográficos de 1991 e 2000 não investigaram a filiação étnica e linguística, as perguntas sobre quem eram essas pessoas, onde viviam e por que haviam mudado sua resposta, entre um censo e outro, permaneceram sem uma resposta satisfatória. Contudo, no censo demográfico 2010, foi introduzido um conjunto de perguntas específicas para as pessoas que se declararam indígenas. Foram questionadas a etnia, a língua falada e a localização do domicílio (dentro ou fora de Terras Indígenas) e, conseqüentemente, o resultado foi incorporado aos novos dados relativos aos diferentes recortes geográficos.

Na tabela, a seguir, Urquiza (2016) pautando-se nos dados censitários do IBGE apresenta o censo demográfico dos povos indígenas brasileiros, no período de 2000 a 2012.

Tabela 1 - Povos indígenas no Brasil (IBGE, 2000-2012)

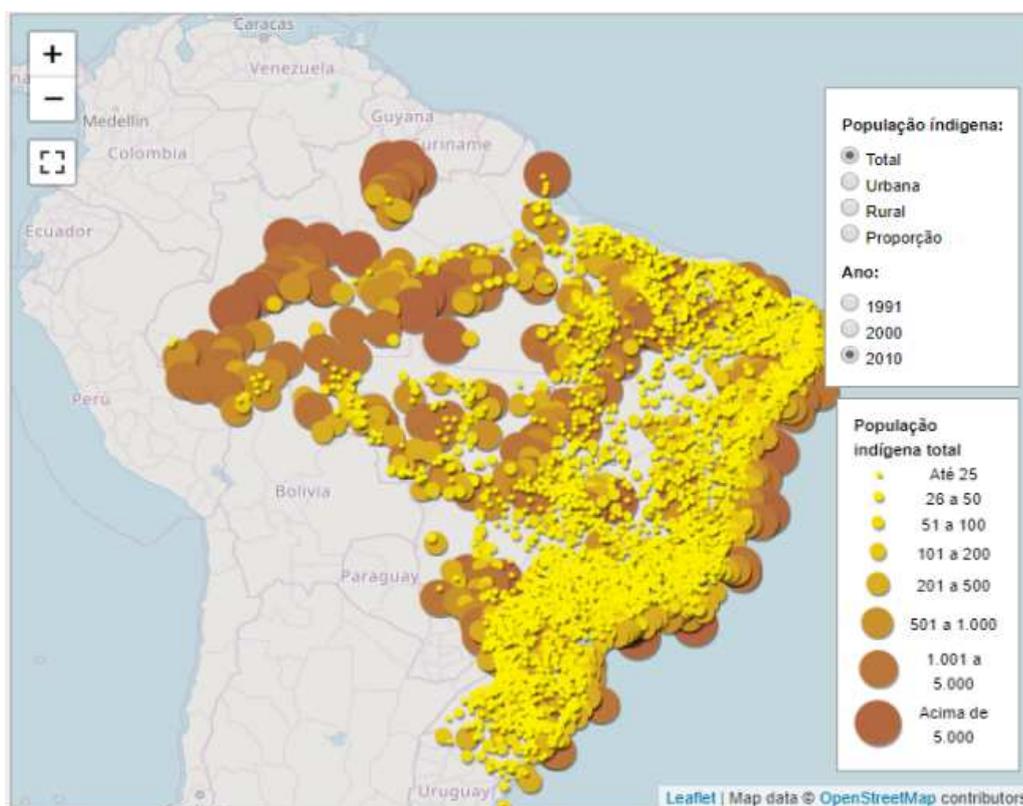
	FUNASA/IBGE Censo de 2000	IBGE Censo de 2010	IBGE Censo de 2012
População indígena	716.605	817,9 mil	896,9 mil
Etnias indígenas	283	283	305
Terras indígenas	597	628	505
Aldeias indígenas	4.067	4.067	–
Línguas indígenas	180	180	274

Fonte: Urquiza (2016, p. 54).

Considerando a estimativa de que, no Brasil, havia mais de mil línguas autóctones, de vários grupos linguísticos, no início da colonização (RODRIGUES, 1993), os dados da tabela 1 indicam que aproximadamente 85% dessas línguas ou foram dizimadas ou continuam a desaparecer. Na sequência, a figura 3 apresenta o mapa da distribuição da população autodeclarada indígena no território brasileiro, com base no censo do IBGE (2010).

⁸¹ Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em 23.ago.2020.

Figura 3 - Mapa de Densidade da população indígena (IBGE, 2010)



Fonte: IBGE (2010)⁸².

Os dados representados na figura 3 indicam a distribuição espacial da população indígena informando as áreas com maior ou menor densidade de povoações. Observa-se que a região Norte do Brasil é a que registra o maior contingente e o Amazonas o estado que abriga a maior concentração indígena no Brasil; na região Nordeste, destaca-se o estado da Bahia; na região Centro-Oeste, o Mato Grosso do Sul, estado que concentra a segunda maior população indígena do Brasil⁸³; na região Sudeste, o estado de São Paulo e na região Sul, o estado do Rio Grande do Sul. Percebe-se que a região Sul é a que reúne o menor contingente de população indígena no país.

Os dados demográficos representam um fator significativo para a compreensão da formação histórica das línguas. As línguas ganham vida, contudo, se delas for possível deprender a dinâmica das populações que as utilizam. De acordo com Melatti (2007, p. 59), existem várias maneiras de se fazer uma classificação das línguas, mas os linguistas

⁸² Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>. Acesso em: 23 ago. 2020.

⁸³ De acordo com o IBGE (2012), o estado de Mato Grosso do Sul concentra a segunda maior população indígena do Brasil, com 73.295 indivíduos autodeclarados indígenas. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020.

priorizam a classificação do tipo genético e só recorrem a outras classificações quando não há dados suficientes para realizá-la. Segundo o autor, o tipo genético agrupa, em uma única classe, as línguas que tiveram origem comum em uma língua anterior.

Desse modo, as línguas que têm origem comum são todas agrupadas em famílias, tendo-se como base evidências linguísticas de caráter genético, e as famílias oriundas de uma língua ainda mais remota são reunidas em tronco. Dá-se o nome de família linguística ao conjunto de línguas geneticamente originárias, e uma das formas de verificar o parentesco entre as línguas é procurar evidências linguísticas comuns a duas, três ou a um grupo de línguas.

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no decorrer do tempo, de uma só língua anterior (RODRIGUES, 2002, p. 29).

Com base no critério genético, Melatti (2007, p. 60) esclarece que “os linguistas se esforçam para conseguir incluir as línguas ainda não classificadas numa família, as famílias isoladas num bloco⁸⁴ e assim por diante”. Ainda segundo o mesmo autor, além do valor que representa para a Linguística, a classificação das línguas indígenas pelo critério genético auxilia o trabalho dos etnólogos, à medida que verifica se as línguas de uma mesma família têm origem em uma mesma língua anterior, isso significa que os grupos indígenas que as falam podem ter tido origem em um único grupo mais antigo. Em outras palavras, o fato de dois povos falarem línguas da mesma família pode indicar uma conexão histórica ao passado.

Nesse particular, Rodrigues (2002) estabeleceu uma classificação genética das línguas indígenas faladas no Brasil, agrupando-as em famílias e troncos linguísticos. De fato, das línguas indígenas faladas atualmente, a maioria está filiada a uma família e a um tronco linguístico. Essa distribuição é confirmada pelos quadros do Instituto Socioambiental⁸⁵, que podem ser considerados como a melhor representação dos troncos, famílias e línguas indígenas no Brasil.

Assim, tronco e família são grupos de línguas que apresentam entre si semelhanças de maneira que só podem ser explicadas por uma origem comum, mais ou

⁸⁴ O linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues utilizou em seus trabalhos o termo *bloco* para se referir a um tronco.

⁸⁵ Os quadros apresentados pelo Instituto Socioambiental (ISA) seguem a classificação realizada por Rodrigues (1986) que foram atualizados em 1997.

menos remota, isto é, grupos de línguas que constituem fases modernas, diferenciadas, daquilo que no passado foi uma só e mesma língua. Assim, um tronco, de maior antiguidade, pode compreender várias famílias, além de línguas isoladas. Nas próximas seções, são descritas as línguas indígenas brasileiras, conforme o tronco a que pertencem.

2.2 O tronco Tupi e suas famílias

O nome “Tupi”, conforme Melatti (2007, p. 61), pode ser usado segundo três níveis de compreensão. O primeiro corresponde ao nome da língua falada por indígenas do litoral quando chegaram os europeus. No segundo nível, esse termo é anexado ao nome “Guarani” para denominar uma família linguística, a Tupi-Guarani. No terceiro e último nível, “Tupi” é o nome de um tronco linguístico que inclui a família Tupi-Guarani, além de outras. Houve, portanto, uma generalização do nome Tupi.

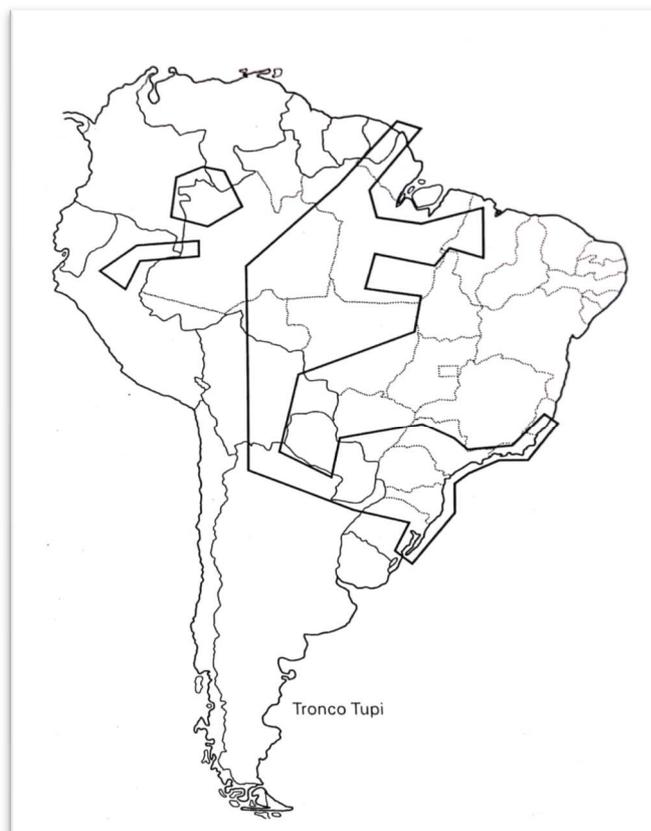
Segundo Barbosa (1950, p. 181, apud GREGÓRIO, 1980, p. 196), a combinação tupi-guarani é insustentável como nome de uma língua, pois não existe a língua tupi-guarani, mas sim as línguas tupi e guarani. No entanto, a expressão torna-se compreensível quando aplicada ao grupo de línguas ou dialetos entre os quais, por motivos de ordem histórica, o tupi e o guarani ocupam posição relevante.

Edelweiss (1969), por sua vez, ressalta as características peculiares ao ramo tupi e ao ramo guarani. Para o autor, o tupi e o guarani são ramos de um tronco comum desconhecido, de uma língua-mãe hipotética, que pode ser chamada de tupi-guarani. Desse modo, a língua tupi, como entidade linguística, não se confunde com o guarani, o tupi se distingue do guarani, embora as divergências não sejam profundas; esses termos não são e nunca foram sinônimos, por isso não podem denominar uma língua, ainda que seja sob a denominação de língua tupi-guarani.

Na perspectiva de Rodrigues (1996, p. 57), o tupi, na tradição brasileira, corresponde a uma realidade linguística complexa. “O Tupinambá, em que se baseiam as línguas gerais da época colonial, a língua brasílica, a língua geral paulista e a língua geral amazônica, extinto desde a primeira metade do século XVIII, foi uma das línguas da grande família linguística Tupi-Guarani”. Para o linguista, nas classificações dos especialistas, chama-se Tupi-Guarani “porque o Tupi(nambá) e o Guarani foram as primeiras línguas documentadas da família e assim serviram como definição” (RODRIGUES, 1996, p. 57).

Hoje, não é possível mais fundir o guarani e o tupi. A localização do tronco linguístico Tupi no território brasileiro pode ser identificada no mapa a seguir⁸⁶.

Figura 4 - Localização geográfica do Tronco Tupi



Fonte: Melatti (2007, p. 62).

Ao tratar do tronco Tupi, Rodrigues (2002, p. 42) assevera que, “além da família Tupí-Guarani, muitas outras famílias linguísticas têm sido reconhecidas na América do Sul. Algumas destas revelam parentesco mais remoto com a família Tupi-Guarani e, junto com esta, constituem um tronco, o tronco Tupí”.

O tronco Tupi configura-se, pois, como um grande grupo de línguas, com enorme ramificação. A maioria das línguas pertence a um ramo único, da família Tupi-Guarani, um dos mais difundidos na América do Sul. Além da Tupi-Guarani, com 33 línguas e dialetos, esse tronco inclui outras cinco famílias genéticas: Mondé (com sete línguas), Tupari (com três línguas), Juruna, Munduruku e Ramarana (cada uma com duas línguas). Abrange ainda algumas línguas isoladas, como Aweti, Mawé e Puruborá (SEKI, 1999, p. 259). Apresenta-se, a seguir, a classificação das línguas das famílias do tronco Tupi.

⁸⁶ Os mapas de distribuição de troncos e famílias linguísticas apresentados neste capítulo foram retirados de Melatti (2007).

2.2.1 Família Tupi-Guarani

O Tupi-Guarani constitui a maior família linguística do Brasil e estão localizados em vasta área que se estende além das fronteiras brasileiras.

No século XVI, foram encontradas línguas dessa família sendo faladas em praticamente toda a extensão do litoral oriental do Brasil e na bacia do rio Paraná. Hoje, falam-se línguas dessa família no Maranhão, Pará, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Espírito Santo, assim como em outros países: Bolívia, Peru, Venezuela, Guiana Francesa, Colômbia, Paraguai e Argentina (RODRIGUES, 2002, p. 32). A constituição dessa família é apresentada no quadro a seguir.

Quadro 3 – Constituição interna da família Tupi-Guarani

Ramos	Línguas
Ramo I	<ul style="list-style-type: none"> • Guaraní Antigo • Kaiwá (Kayová, Pãí), Ñandeva (Txiripá), Guaraní Paraguaio • Mbyá • Xetá (Serra dos Dourados) • Tapieté, Chiriguano (Ava), Izoceño (Chané) • Guayakí (Axé)
Ramo II	<ul style="list-style-type: none"> • Guarayo (Guarayú) • Sirionó, Horá (Jorá)
Ramo III	<ul style="list-style-type: none"> • Tupí, Língua Geral Paulista (Tupí Austral) • Tupinambá, Língua Geral Amazônica (Nhe'engatú)
Ramo IV	<ul style="list-style-type: none"> • Tapirapé • Asuriní do Tocantins, Parakanã, Suruí (Mujetire) • Avá-Canoeiro • Tembé, Guajajára, Turiwára
Ramo V	<ul style="list-style-type: none"> • Araweté, Ararandewára-Amanajé, Anambé do Cairarí • Asuriní do Xingu
Ramo VI	<ul style="list-style-type: none"> • Kayabí, Apiaká • Parintintín (Kagwahíb), Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, Uruewauwau, Amondáva, Karipúna etc.) • Juma
Ramo VII	<ul style="list-style-type: none"> • Kamayurá
Ramo VIII	<ul style="list-style-type: none"> • Wayampí (Oyampí), Wayampípukú, Emérillon, Jo'é • Urubu-Ka'apór, Anambé de Ehrenreich • Guajá • Awré e Awrá • Takunhapé

Fonte: Rodrigues; Cabral (2002, p. 327-337).

Essa grande dispersão geográfica das línguas da família Tupi-Guarani indica que os antepassados dos povos que as falam empreenderam muitas e longas migrações. Compreende-se melhor essa distribuição recorrendo à classificação das línguas indígenas brasileiras, elaborada por Rodrigues (2002). O linguista esclarece que “ao todo, 21 línguas

vivas da família Tupí-Guaraní, identificadas em território brasileiro, são faladas por cerca de 33.000 pessoas” e, segundo ele, “duas dessas línguas foram documentadas durante o período colonial e adquiriram uma importância histórica especial: o Tupinambá ou Tupi Antigo e o Guarani Antigo” (RODRIGUES, 2002, p. 33).

O quadro 4, a seguir, permite observar a distribuição das línguas da família Tupi-Guarani no Brasil⁸⁷, conforme o estado e o número de falantes.

Quadro 4 - Distribuição das línguas da família Tupi-Guarani no Brasil

AKWÁWA	ESTADO	Nº DE FALANTES
• Asuriní do Tocantins (A. do Trocará, Akwáwa)	PA	131
• Suruí do Tocantins (Mudjetíre)	PA	101
• Parakanã	PA	297
Amanayé	PA	?
Anambé (Turiwára?)	PA	61
Apiaká	MT	(65) 2
Araweté	PA	136
Asuriní do Xingu (A. do Coatinema, Awaeté)	PA	53
Avá (Canoeiro)	GO	101
Guajá	MA	240
GUARANÍ	ESTADO	Nº DE FALANTES
• Kaiwá (Kayová)	MS	7.000
• Mbiá (Mbüá, Mbyá, Guarani)	RS, SC, PR, SP, RJ, ES	2.248
• Nhandéva (Txiripá, Guarani)	PR, SP, MS	4.900
Kamayurá	MT	207
Kayabí	MT	620
Kokáma	AM	(411) ?
Língua Geral Amazônica (Nheengatú, Tupí Moderno)	AM	3.000
Omágua (Kambéba)	AM	(240)?
PARINTINTÍN	ESTADO	Nº DE FALANTES
• Diahói	AM	13
• Júma	AM	9
• Parintintín (Kagwahív)	AM	118
• Tenharín	AM	256
Tapirapé	MT	202
TENETEHÁRA	ESTADO	Nº DE FALANTES
• Guajajára	MA	6.776
• Tembé	MA, PA	410
Uruewauwáu	RO	215
Urubú (Urubú-Kaapór)	MA	494
Wayampí (Oyampí)	AP	291
Xetá	PR	5

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2002, p. 39).

⁸⁷ Apresenta-se a classificação genética das línguas indígenas do Brasil por intermédio de quadros elaborados por Rodrigues (2002), adaptados segundo as necessidades deste trabalho.

O Tupi Antigo, pertencente à família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi, de acordo com Navarro (2013, p. 11-12), “deixou de ser falado no final do século XVII, quando se acham seus últimos documentos escritos. Hoje são vinte e uma as línguas que compõem aquela família linguística, algumas faladas por menos de cem indivíduos”. No entanto, haja vista a antiguidade de sua descrição e a abundância de textos nela escritos, é a língua indígena brasileira mais bem conhecida. No período da colonização, foi usada nos contatos entre portugueses e indígenas, em uma vasta extensão da costa do Brasil. Na perspectiva de Navarro (2013, p. 12), “o léxico do Tupi antigo reflete a cultura do Brasil nos séculos XVI e XVII, fruto do encontro das culturas europeias com a dos índios da costa e com culturas africanas”.

Em síntese, de acordo com Franchetto et al. (2019, p. 19), o Tupinambá foi amplamente documentado nos séculos XVI e XVII, inicialmente por franceses, como Jean de Léry, que publicou, em 1578, um diálogo analisado para facilitar a comunicação entre índios e mercadores. Como já dito anteriormente, a obra mais famosa sobre o Tupinambá – *Arte da grammatica da língua mais usada na costa do Brasil* - foi escrita pelo jesuíta José de Anchieta e publicada em Coimbra em 1595. Contudo, é também importante destacar a gramática de Luis Figueira - *Arte da Língua Brasílica* - que foi publicada em Lisboa em 1621.

Em síntese, neste estudo, os trabalhos de Rodrigues (1951) e de Lemos Barbosa (1951 e 1956) foram as fontes básicas sobre as línguas indígenas brasileiras. No *Curso de Tupi Antigo* de 1956, Lemos Barbosa apresenta uma sistematização dos dados registrados nas gramáticas produzidas nos dois séculos. Trata-se de uma obra que descreve os fatos linguísticos de uma maneira detalhada como se pode observar no terceiro capítulo desta Tese.

2.3 O tronco Macro-Jê e suas famílias

O tronco linguístico Macro-jê não evidencia tantas evidências quanto as relacionadas ao tronco Tupi. Segundo Rodrigues (2002, p. 47), o constituinte maior desse tronco é a família linguística Jê que compreende línguas faladas no sul do Maranhão, Pará, Goiás e Mato Grosso, até os campos meridionais dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Na época da chegada dos europeus à América do Sul, os povos ameríndios de língua Jê viviam, sobretudo, no interior do Brasil, uma vez que os Tupi ocupavam

praticamente todo o litoral. No entanto, o tronco Macro-Jê compreende muitas outras famílias, além da Jê. A constituição desse tronco é, conforme Rodrigues (2002, p. 49), “altamente hipotética”; o que há, segundo o autor, “são mais indícios do que evidências da filiação de certas famílias ou línguas a esse tronco”. O mapa a seguir destaca a localização do Tronco Macro-Jê no Brasil.

Figura 5 - Localização geográfica do Tronco Macro-Jê.



Fonte: Melatti (2007, p. 65).

Conforme a argumentação de Rodrigues (1999), mesmo que o tronco Macro-Jê seja ainda considerado uma hipótese de trabalho em andamento, os resultados obtidos pelas pesquisas empreendidas por Rodrigues e por seus seguidores têm fortalecido a hipótese de um agrupamento genético constituído por 12 famílias linguísticas: Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa.

Na sequência, o quadro 5 reúne dados acerca da classificação de algumas das diversas famílias que constituem o tronco Macro-Jê, conforme o estado e o número de falantes.

Quadro 5 – Distribuição das línguas do tronco Macro-Jê no Brasil

LÍNGUAS	ESTADO	Nº DE FALANTES
Família Boróro		
• Boróro (Boróro Oriental, Orari)	MT	752
• Umutína	MT	160
Família Botocudo		
• Krenák, Nakrehé	MG, SP	70 (15?)
Família Jê		
Akwén (Akwẽ)		
• Xakriabá (Xikriabá)	MG	(3.500)?
• Xavánte (A'wé)	MT	4.413
• Xerénte (Akwẽ)	GO	850
Apinayé	GO	508
Kaingáng (Coroado)	RS, SC, PR, SP	10.426
Kayapó		
• Gorotíre	PA	1.030
• Kararaô	PA	26
• Kokraimôro	PA	120
• Kubenkrangnotí	PA	?
• Kubenkrankêgn	PA	361
• Menkrangnotí	PA	?
• Tapayúna (?)	MT	26
• Txukahamãe (Mentuktíre)	MT	202
• Xikrín (Xikrĩ)	PA	469
Kren-akarôre	MT	31
Suyá	MT	114
Timbira		
• Canela Apâniekra	MA	274
• Canela Rramkókamekra	MA	718
• Gavião do Pará (Parakáteye)	PA	173
• Gavião do Maranhão (Puko-byé)	MA	306
• Krahô	GO	894
• Krêyê (krenjê)	MA	30
• Krikatí (Krinkati)	MA	325
• Xakléng (Aweikoma)	SC	634
Família Karajá		
Javaé	GO	383
Karajá	GO, MT	1.194
Xambioá	GO	102
Família Maxakalí		
Maxakalí	MG	500
Pataxó	BA	(1.762)?
Pataxó Hãhãhãe	BA	(1.270)?
Outras línguas		
Guató	MS	220
Ofayé (Ofayé-Xavánte)	MS	23
Rikbaktsá (Erikbaktsá, Arikpaktsá)	MT	466
Yatê (Fulniô, Karnijó)	PE	4.000

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2002, p. 56).

2.4 As famílias isoladas

Os denominados “isolados linguísticos” ou “línguas isoladas” são aqueles que não revelam parentesco genético com nenhuma outra língua, ou seja, não pertencem a nenhuma família (ou tronco) e constituem famílias de um só membro. De acordo com Rodrigues (2002, p. 93), as línguas isoladas representam tipos linguísticos únicos, diferentemente de línguas pertencentes a uma família, cujas características se evidenciam em outras línguas da mesma família.

Existem, conforme Rodrigues (2002, p. 98), 18.393 falantes de línguas isoladas no Brasil. Infelizmente, a maioria delas se encontra ameaçada de desaparecimento, uma vez que não foram estudadas e/ou possuem um número muito reduzido de falantes. Os dados relacionados a essas línguas, segundo o estado e o número de falantes, são sintetizados no quadro a seguir.

Quadro 6 - Línguas isoladas faladas no Brasil

LÍNGUAS	ESTADO	Nº DE FALANTES
Aikaná (Aikanã, Huari, Masaká, Tubarão, Kasupá, Mundé, Corumbiara)	RO	80
Arikapú	RO	?
Awakê	RR	17?
Irántxe (Iránxe; Mynky, Münkü)	MT	195
Jabutí	RO	40
Kanoê (Kapixaná)	RO	20
Koiá (Arara)	RO	7
Máku	RR	?
Trumái	MT	34
Tukúna (Tikúna)	AM	18.000

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2002, p. 98).

2.5 A língua geral

Segundo Gregório (1980, p. 191, grifo do autor), a língua geral pode ser definida como o “**tupi antigo** da costa ou **língua brasílica**: língua pura dos índios, uniformizada e enriquecida com neologismos indispensáveis, tornada mais suave e clara pelos jesuítas que conviveram com os índios segregados; daí o **Vocabulário na Língua Brasílica**”⁸⁸.

Cumpram ainda esclarecer que os jesuítas não formaram uma língua geral brasílica, mas serviram-se da que já era geral na costa, introduzindo nela apenas algumas expressões e acepções novas, para os novos conceitos e fatos trazidos com a colonização e a catequese (GREGÓRIO, 1980, p. 196).

⁸⁸ Para Gregório (1980, p. 191), “não deram o nome tupi, porque o nome de uma tribo não convinha a uma língua uniformizada, com termos mais usados de diversos dialetos”.

A expressão “língua geral”, conforme Rodrigues (2002, p. 99), foi utilizada inicialmente para identificar línguas indígenas de grande difusão em uma área. No Brasil, todavia, esse processo aconteceu tardiamente; apenas na segunda metade do século XVIII esse nome começou a ser utilizado, respeitando, assim, o processo de crioulização⁸⁹ pelo qual um *pidgin*⁹⁰ se expande e se torna linguisticamente mais complexo, tornando-se a língua materna de uma determinada comunidade, mais especificamente, a língua materna dos filhos de colonos que vieram para o Brasil e se casaram com mulheres índias. A chamada língua geral é, desse modo, um tupi modificado por efeito de aculturações e de mestiçagens.

A língua geral legou muitos topônimos brasileiros e seu ponto de partida foi o tupi, em razão da magnitude da influência do tupi antigo na onomástica brasileira. Por tudo isso, é inegável a contribuição de Rodrigues (1951; 1993; 1996; 1999; 2002; 2005; 2010; 2011) para o conhecimento da classificação genética de línguas indígenas brasileiras, para o entendimento da história dessas línguas e da pré-história dos povos que falaram e dos que continuam falando línguas desse agrupamento genético.

2.6 Contribuição das línguas indígenas ao português do Brasil

Durante vários séculos, a língua portuguesa e as línguas indígenas, por meio de seus falantes, coexistiram no território brasileiro e produziram, ao longo da história, inúmeras contribuições lexicais para a norma lexical do português do Brasil. Desde os primeiros contatos entre colonizadores e povos indígenas, a língua portuguesa foi tomando, por empréstimo, palavras do léxico indígena, para nomear a nova realidade ambiental e os novos itens culturais. A herança, sobretudo do tupi, marcou a língua transplantada com características linguísticas que contribuíram para que a língua portuguesa brasileira assumisse traços distintos da língua-mãe lusitana. Desse modo, o tupi coloca em movimento toda uma história do contato e de processos de significação. O legado que a população ameríndia deixou para a língua portuguesa confirma que ela é

⁸⁹ Quando um *pidgin* se estabelece em uma comunidade multilíngue, pode chegar um momento em que uma geração de crianças dispõe apenas do *pidgin* para falar entre si. Nesse caso, quase inevitavelmente, as crianças transformam o *pidgin* em uma verdadeira língua, completada por um vocabulário amplo e um rico sistema gramatical. Essa nova língua natural é denominada *crioulo* e o processo pelo qual se transforma um *pidgin* em um *crioulo* é a *crioulização* (BEARZOTI FILHO, 2002, p. 46-47).

⁹⁰ *Pidgin* ou *língua de contacto* designa qualquer língua criada, normalmente de forma espontânea, a partir da mistura de duas ou mais línguas e que serve de meio de comunicação entre os falantes dessas línguas (BEARZOTI FILHO, 2002, p. 46).

inevitavelmente o resultado histórico de miscigenação e torna-se relevante redimensionar as marcas das línguas indígenas, presentes na estrutura da língua portuguesa brasileira.

A frequência com que são usadas palavras da língua tupi para denominar acidentes geográficos corrobora a sua importância para o povo brasileiro. Navarro (2013, p. 538) esclarece que a busca de etimologias de topônimos enriquece o conhecimento sobre o passado do Brasil e revela que, muitas vezes, pode-se estar diante de nomes pré-cabralinos como *Anhangabaú* e *Paraguaçu*, de nomes que acompanharam o avanço das bandeiras e monções como *Uberaba*, *Cuiabá* e *Piracicaba*, de nomes que acompanharam o avanço das missões católicas às margens dos rios Amazônicos, como *Surubiú* e *Arucará*. Em síntese, analisar topônimos dessa natureza é também penetrar na história do Brasil que, por sua vez, evidencia que os povos indígenas deram contribuições significativas para a sociedade e foram importantes aliados dos portugueses, mesmo que de maneira involuntária, na consolidação da conquista territorial.

Como já assinalado, na língua portuguesa do Brasil, há milhares de itens lexicais e expressões de base tupi que são entremeadas e muito bem articuladas ao ponto de o povo as utilizar sem perceber o empréstimo. Assim, o português brasileiro vai ampliando a sua capacidade de expressão, com base no legado dos povos indígenas, primeiros habitantes desta terra. Não há como desconsiderar as línguas indígenas brasileiras, com especial atenção para a influência tupi, como parte formadora da identidade linguística e cultural brasileira.

No capítulo de análise dos dados apresenta-se uma amostra da riqueza linguística indígena, corrente no estado de Mato Grosso do Sul, especialmente, no trato do ambiente físico rural. Esse mesmo capítulo busca atestar que a busca da etimologia dos topônimos configura-se como uma relevante ferramenta para o estudo dos topônimos, considerando-se que pode revelar aspectos do ambiente físico e humano do passado.

Na próxima seção, volta-se a atenção, especificamente, para a história dos povos indígenas do Mato Grosso do Sul, com destaque para a diversidade étnica da população sul-mato-grossense nas diferentes fases da sua história.

2.7 Os povos indígenas do Mato Grosso do Sul

Considerando o panorama étnico-histórico das populações indígenas do estado de Mato Grosso do Sul, Martins (2002, p. 11) esclarece que, quando os colonizadores europeus chegaram a essa região, encontraram grupos de povos indígenas, “compostos

por etnias representantes de três dos quatro troncos linguísticos que formam o universo etno-linguístico brasileiro”.

Martins (2002, p. 40) assinala que na época do “descobrimento” do Brasil, no início do século XVI, o território do atual estado de Mato Grosso do Sul era densamente povoado por índios Guarani, Guató, Ofayé, Kaiapó Meridional, Payaguá e outros povos indígenas que ainda não foram identificados pela arqueologia e pela etno-história.

De modo geral, as informações mais pontuais acerca do povoamento indígena de Mato Grosso do Sul coincidem com a chegada dos europeus. Contudo, segundo Chamorro (2015, p. 27) “nenhuma dessas populações teve sua origem no estado e é exclusiva dele. Elas nasceram na dinâmica do povoamento da América do Sul a partir do último período glacial e se desenvolveram em espaços diferenciados, que ultrapassaram os limites do estado”. Ainda de acordo com Chamorro (2015, p. 28-29), “a arqueologia expandiu-se tardiamente para Mato Grosso do Sul [...]. Hoje, é sabido que o primeiro povoamento indígena do estado recua a 12.000 anos”.

Além disso, na perspectiva de Mangolim (1993, p. 15), o território que atualmente abrange o estado de Mato Grosso do Sul já foi habitado por povos pré-históricos.

Pelo menos três grandes famílias: ARUAK, GUAICURU, TUPI-GUARANI (além de outros povos cujas línguas não foram classificadas em família como, por exemplo, os GUATÓ e os CAMBA) povoaram o território sul-mato-grossense e serviram de ligação entre a fase pré-histórica e a histórica. São povos remanescentes destas grandes famílias: os Terena (ARUAK); os Kaiová e os Ñandeva (TUPI-GUARANI); e os Kadiwéu (GUAICURU) (MANGOLIM, 1993, p. 15).

A isso cabe acrescentar o fato de o estado de Mato Grosso do Sul ter hoje a segunda maior concentração de população indígena do Brasil, ou seja, é o segundo estado brasileiro em número de habitantes indígenas, com grande diversidade demográfica, de múltiplos *ethos* culturais e, no contexto dessa singularidade cultural, reúne uma significativa população indígena, estimada em 73.295 pessoas (IBGE, 2010)⁹¹. Nota-se, também, que o Mato Grosso do Sul se destaca no cenário nacional, não apenas pelo volume demográfico, mas pela quantidade de povos indígenas que nele residem e/ou residiram. De acordo com Urquiza (2010, p. 12-13), destacam-se, no cenário multicultural do estado, os seguintes povos indígenas: Kaiowá, Guarani (Ñandeva), Terena, Kadiwéu, Guató, Ofaié, Kinikinau, Atikum e Kamba.

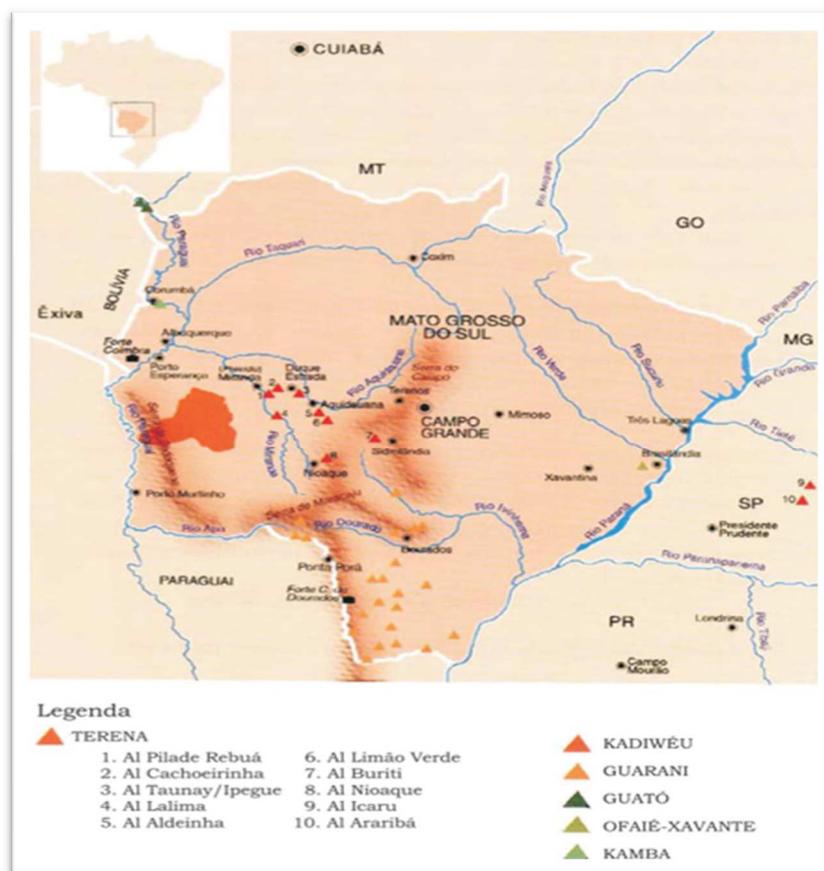
⁹¹ Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em 23.ago. 2020.

Nessa direção, Urquiza (2016, p. 94), informa que “os nove grupos indígenas representados em Mato Grosso do Sul fazem parte linguisticamente dos troncos: Tupi e Macro-Jê, e das famílias: Aruak e Guaikuru”. No entanto, ainda segundo o autor, não há mais falantes do Atikun e Kamba no estado, e os Guató e Ofayé possuem uma situação dramática de manutenção linguística, pelo número reduzido de falantes vivos. No que se refere aos Guató, em uma população de 152 indivíduos existe apenas um falante, por isso a língua é considerada extinta. Já no caso dos Ofayé, há cinco falantes entre os 60 moradores da aldeia, o que os colocam em risco de extinção.

Chamorro (2015, p. 20), por sua vez, defende a existência de onze grupos indígenas em Mato Grosso do Sul: Terena e Kinikinau, da família linguística Arawak; Kaiowá e Guarani, da família linguística Tupi-Guarani; Kadiwéu, de língua Guaikurú; Ofaié e Guató, do tronco Macro-Jê; Chamacoco e Ayoreo de língua Zamuco; Atikum e Camba.

Na opinião de Brand (2001, p. 2), há apenas cinco etnias no Mato Grosso do Sul: Kaiowá/Guarani, Terena, Kadiwéu, Guató e Ofayé-Xavante. Para o autor, os Guarani contemporâneos são, convencionalmente, divididos em três subgrupos: Ñandeva/Chiripá, Mbyá e Kaiowá. No entanto, os Kaiowá/Guarani e os Terena recebem destaque por reunirem a maior população indígena do Estado, com 25 mil e 20 mil pessoas, respectivamente, além de constituírem, quantitativamente, duas das mais importantes populações indígenas do Brasil.

Já na perspectiva de Bittencourt e Ladeira (2000, p. 40), as terras indígenas do estado abrigam seis etnias: Terena, Kadiwéu, Guarani, Guató, Ofaié-Xavante e Kamba. A figura 6, a seguir, contém o mapa de localização geográfica desses grupos.

Figura 6 - Mapa das Terras indígenas em Mato Grosso do Sul

Fonte: Bittencourt; Ladeira (2000, p. 40)

Em caráter de síntese e com o intuito de dirimir as divergências relacionadas ao número de etnias indígenas do Estado mencionadas, o quadro 7, a seguir, reúne dados sobre a língua, a família, o tronco, a localização e a população de falantes das línguas indígenas que subsistem no Mato Grosso do Sul com base em dados censitários do IBGE (2010), principal provedor de informações geográficas e estatísticas do Brasil.

Quadro 7 - Línguas Indígenas em Mato Grosso do Sul

Língua	Família	Tronco	Localização	População
Atikun (†)	Cariri	Macro-Jê	Nioaque	120
Guarani/Kaiowá e Nhandéva	Tupi-Guarani	Tupi	Dourados e municípios do Sul e sudoeste do estado	51.970
Guató	Guató	Macro-Jê	Ilha Ínsua (Corumbá)	131
Kadiwéu	Guaicuru	?	Porto Murtinho e Bodoquena	1.575
Kamba	?	?	Corumbá	?
Kinikinau	Aruak		P. Murtinho, Bonito e Miranda	213
Ofayé	Ofayé	Macro-Jê	Brasilândia	60
Terena	Aruak	Aruak	Aquidauana, Miranda, Buriti, Nioaque, Sidrolândia, Dourados	28.845

Fonte: IBGE (2010)

Na sequência, apresentam-se características de cada um dos principais povos indígenas do estado de Mato Grosso do Sul, considerando as famílias e os troncos a que pertencem, como também o que foi possível recuperar sobre os três grupos étnicos que representam a família Tupi-Guarani.

2.7.1 Línguas da família Tupi-Guarani

2.7.1.1 Nãndeva, Mbya e Kaiowá

A Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil, publicada pelo Instituto Socioambiental - PibISA⁹², registra que os Guarani constituem uma das populações indígenas de maior presença territorial no continente sul-americano e “são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kaingúá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembkuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é *Avá*, que significa, em Guarani, “pessoa””. Também assinala que esse povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina, porém, os grupos Guarani que hoje vivem no Brasil são os seguintes: *Mbya*, Pãi-Tavyterã, também denominado como *Kaiowá* e Avá Guarani, alcunhado *Ñandeva*.

No caso específico do estado de Mato Grosso do Sul, Mangolim (1993, p. 18) descreve que “os Guarani, há aproximadamente 200 anos, ocupavam quarenta por cento do território que hoje compreende o Estado do Mato Grosso do Sul”. No entanto, no processo de ocupação recente e, sobretudo, durante a exploração da erva-mate no sul do estado em especial (1870), aos Guarani restou a acomodação em pequenas reservas. Segundo o autor, essas reservas continuam sendo invadidas, os seus territórios sagrados sendo explorados e o povo Guarani ocupa hoje menos de um por cento das terras do Estado (MANGOLIM, 1993, p. 18).

Martins (2002, p. 41), por sua vez, esclarece que “na geografia humana nativa de Mato Grosso do Sul, no período colonial, as sociedades indígenas mais numerosas foram as falantes da língua Guarani, filiadas à família linguística Tupi-Guarani, integrante do tronco Tupi”. Para o autor, há aproximadamente vinte e cinco mil índios da etnia Guarani que “vivem no sul do Estado e estão subdivididos em três sociedades étnicas, os Kaiowá, os Nhandeva e os Mbya, dos quais, em termos demográficos, os primeiros compõem o contingente mais expressivo” (MARTINS, 2002, p. 43).

⁹² Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani>. Acesso em: 23 ago. 2020.

Aylwin (2009, p. 30), por seu turno, complementa que, “apesar de compartilhar uma mesma raiz linguística e uma cultura nômade, os guaranis se dividiam historicamente em diferentes grupos: os mbiá (mbuá, mbwa, mbya), os ñandeva também conhecidos como xiripá, e os kaiowá”. O mesmo autor pondera ainda que:

De acordo com dados da FUNASA, as populações guarani kaiowá e ñandeva em MS chegam a 37.317 pessoas, constituindo parte significativa do total da população guarani no Brasil, estimada em torno de 50 mil. De acordo com a mesma entidade quase dois terços desta população, num total de 19.638 pessoas, concentram-se em três terras indígenas demarcadas à época do SPI: Dourados, Amambaí e Caarapo, que no conjunto têm uma superfície de 9.498 há de terra (AYLWIN, 2009, p. 34).

Destaca-se, por fim, a posição de Urquiza (2010, p. 14-16) de que, no Brasil, os Guarani estão distribuídos em três subgrupos: Nãndeva, Mbya e Kaiowá, com aproximadamente 50 mil pessoas⁹³. Para o autor, os Kaiowá e os Guarani são os dois povos demograficamente mais importantes que vivem em Mato Grosso do Sul e estão distribuídos em oito reservas históricas, totalizando 22 Terras Indígenas (TI). Dentre esses grupos, merecem destaque as Terras Indígenas de Dourados, Amambaí e Caarapó que, juntas, atingem a maior densidade demográfica por hectares do Estado.

A sessão seguinte tece considerações acerca das línguas do tronco Macro-Jê.

2.7.2 Línguas do Tronco Macro-Jê

2.7.2.1 Guató

Conforme Martins (2002, p. 69), o povo Guató é linguisticamente enquadrado por alguns autores ao tronco Macro-Jê e considerado falantes de um grupo linguístico isolado para outros. Essa informação também é apresentada pela Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil – PibISA⁹⁴, até a década de 1960, a língua Guató permaneceu classificada como língua isolada. Porém, em 1970, Aryon D. Rodrigues propôs pela primeira vez sua filiação no tronco Macro-Jê. Em face disso, apesar de estar filiada ao tronco Macro-Jê, a língua Guató não pertence a nenhuma família linguística a ele relacionada, inclusive a família Jê. Entretanto, acredita-se que a língua Guató pode ser alternativamente

⁹³ Os Guarani do Brasil estão nos estados de MS, SP, PR, RS, RJ, ES, PA, SC, TO e são 57.923 (SIASI/SESAI, 2012). Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani>. Acesso em: 23 ago. 2020.

⁹⁴ Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guat%C3%B3>. Acesso em: 23 ago. 2020.

considerada como uma família linguística de um só membro, pertencendo ao tronco Macro-Jê, a família Guató e a língua Guató.

Urquiza (2010), por sua vez, esclarece que os Guató, considerados o povo do Pantanal por excelência, são conhecidos como índios canoeiros ou simplesmente índios d'água, e vivem em uma região marcada por uma extensa planície alagável, mais conhecida como Pantanal e podem ser encontrados nas ilhas e ao longo das margens do rio Paraguai. Ainda segundo o mesmo autor, atualmente, os índios Guató são considerados os últimos canoeiros de todos os povos indígenas que ocuparam as terras baixas do Pantanal e restringem-se a 175 pessoas que ocupam uma área de 10.900 hectares, conhecida como ilha de Ínsua, localizada no norte do estado, na fronteira com a Bolívia. A Terra Indígena (TI) desse grupo situa-se nas proximidades do município de Corumbá e é composta por apenas uma aldeia indígena denominada Uberaba (URQUIZA, 2010, p. 24-27).

2.7.2.2 Ofaié

Martins (2002, p. 73) registra que, desde a segunda metade do século XIX, os Ofayé vivem às margens do rio Paraná e salienta que “este grupo indígena, filiado ao tronco linguístico Macro-Jê, é, hoje, em termos numéricos, o mais reduzido dos que habitaram o Estado”. O mesmo autor esclarece ainda que, após serem considerados como extintos, nas décadas de 1960 e 1970, os Ofayé ocupam atualmente uma parte da área para eles demarcada pela FUNAI e lutam, sobretudo, pela posse de uma área suficiente para conservar viva sua cultura e pelo reconhecimento de seus direitos étnicos (MARTINS, 2002, p. 74).

De acordo com a investigação de Urquiza (2010), a população indígena *Ofaié* está concentrada em uma Reserva, cedida pela hidrelétrica instalada na região (CESP), com uma área de 484 ha. Quanto à situação jurídica da Terra Indígena *Ofaié* (TI 1.937,625 ha), localizada no município de Brasilândia, no leste do estado de Mato Grosso do Sul, foi declarada como ocupação tradicional. Depois disso não houve mais andamento no processo demarcatório. A população dessa etnia, segundo o censo do IBGE (2010), é estimada em pouco mais de 70 pessoas, a qual se somam 40 da etnia Kaiowá, sendo todas residentes na Aldeia Indígena *Ofaié*. Dessa população, apenas alguns idosos são falantes da língua (URQUIZA, 2010, p. 22-24).

Na sequência, são detalhadas algumas características das línguas pertencentes à família Aruák.

2.7.3 Línguas da família Aruák

As relações entre as línguas da família Aruák são ainda pouco conhecidas. Segundo Rodrigues (2002), o nome Aruák passou a ser usado para designar o conjunto de línguas encontradas no interior do continente, aparentadas à língua Aruák. Houve um tempo em que o Aruák foi considerado um tronco linguístico, mas Rodrigues (2002) refere-se ao Aruák como uma família, e não houve mais razão para assim considerá-lo. Podemos, portanto, falar de uma família Aruák, que continua presente em uma grande área, desde a península Guajira, no extremo setentrional da América do Sul, até o Mato Grosso do Sul.

De acordo com Rodrigues (2002, p. 65-66), “as línguas da família Aruák se encontram na ampla região guianesa, intercaladas entre as línguas da família Karíb” [...], e em outras regiões, como no oeste de Mato Grosso e no Brasil Central, no alto Xingu. Em Mato Grosso do Sul, conforme o autor, a língua dessa família falada mais ao sul, a leste do rio Paraguai, é o Terena.

2.7.3.1 Terena

Depois do povo Guarani, os Terena são considerados a segunda maior população indígena em Mato Grosso do Sul. Conforme Martins (2002, p. 63), “[...] acompanhando o ingresso dos Guaikuru em território brasileiro, várias etnias chaquenhas, integrantes da família linguística Guaná, filiadas ao tronco Aruák, entraram, a partir do século XVIII, em território sul-mato-grossense, entre elas destacam-se os Terena”, remanescentes do grupo Txané-Guaná, fazem parte da família linguística Aruák e, por isso, apresentam várias características socioculturais resultantes dessa tradição.

Conforme Mangolim (1993), por uma tática de sobrevivência, os Terena “[...] aceitavam com facilidade as regras do dominador sendo este um dos motivos de uma certa descaracterização [...]. Ocasionalmente os Terena foram dominados pelos Guaicuru e, em troca de produção de alimentos, os Guaicuru lhes ofereciam proteção”. Ainda segundo o mesmo autor, os Terena foram uma das últimas nações indígenas a entrar na Guerra da Tríplice Aliança e, talvez, tenha sido esta a razão de não terem sido totalmente

dizimados. “Após a Guerra, os Terena passaram a ser mão-de-obra dos senhores brasileiros que foram favorecidos com os territórios ocupados. Foram despejados de seus territórios, dispersos pelas fazendas do sul do Mato Grosso e usados como escravos” (MANGOLIM, 1993, p. 43-46).

De acordo com Martins (2002, p. 65-66), há aproximadamente dezoito mil índios Terena no estado de Mato Grosso do Sul. Entendemos, porém, que cerca de dez mil indígenas vivem em áreas reservadas pelo extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI), desde o início do século XX, nos municípios de Miranda, Aquidauana, Nioaque, Sidrolândia e Dois Irmão do Buriti. Algumas comunidades menores situam-se nos municípios de Dourados e Porto Murtinho e o restante vive na condição de índios desaldeados, em fazendas ou cidades vizinhas às suas aldeias.

De acordo com Urquiza (2010), atualmente, a população Terena está estimada em aproximadamente 23 mil pessoas, distribuídas em dez terras indígenas, totalizando 19 mil hectares de terras. As suas aldeias são cercadas por fazendas e espalhadas por sete municípios do estado: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Sidrolândia, Dois Irmãos do Buriti, Nioaque e Rochedo. Esse grupo também reside na Reserva Guarani, no município de Dourados, na Reserva Kadiwéu, município de Porto Murtinho, e no Estado de São Paulo, na Reserva de *Araribá* (URQUIZA, 2010, p. 17-19).

2.7.3.2 Kiniquinau

A Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil – PibISA⁹⁵ registra que os indígenas Kinikinau, na atualidade, vivem espalhados por algumas aldeias do estado de Mato Grosso do Sul. A maior concentração do grupo habita a aldeia São João, ao sudeste da Reserva Indígena (RI) Kadiwéu, município de Porto Murtinho. Contudo, há indígenas kinikinau residindo em aldeias Terena, nos municípios de Aquidauana, Miranda e Nioaque. Estima-se que, juntos, os Kinikinau dispersos em aldeias Terena e aqueles que estão na aldeia São João cheguem a aproximadamente 250 pessoas.

Urquiza (2010, p. 27-28) descreve que os Kiniquinau pertencem ao subgrupo Guaná, grupo linguístico Aruák. Esse povo tem se organizado e se empenhado na luta pelos seus direitos e pelo seu devido reconhecimento junto ao órgão indigenista e à

⁹⁵ Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kinikinau>. Acesso em: 23 ago. 2020.

sociedade nacional e espera, atualmente, readquirir a posse das suas terras tradicionais para reconstruir sua vida, história e cultura.

2.7.4 Família Guaicuru

As poucas línguas da família Guaicuru situam-se na Argentina, no Paraguai e no Brasil. Em território brasileiro há apenas o Kadiwéus, em Mato Grosso do Sul.

2.7.4.1 Kadiwéu

Também conhecidos como “índios cavaleiros”, sobreviventes dos Mbayá, um ramo dos Guaikurú, os Kadiwéu guardam a lembrança de um glorioso passado. A partir da segunda metade do século XVII, aproveitando-se do ataque dos bandeirantes ao Guarani, “várias etnias de origem chaquenha, falantes de línguas do tronco Aruak e da família Guaikuru, atravessaram o rio Paraguai e, [...] preencheram o vácuo demográfico ocasionado pelo genocídio bandeirante na região sul do Pantanal”. Dentre esses grupos Guaikurú, os Kadiwéu formaram, sobretudo, “uma das maiores barreiras indígenas à colonização na história da América do Sul” (MARTINS, 2002, p. 55-58).

Nesse particular, Mangolim (1993, p. 33) esclarece que “os Mbayá dividem-se em vários sub-grupos, um dos quais, os Cadiguedodis, tem como representantes contemporâneos, os Kadiwéu”. O mesmo autor esclarece ainda que os Kadiwéu são “os últimos remanescentes da grande família Mbayá-Guaicuru, um povo semi-nômade que habita a região da bacia do Rio Paraguai”.

Também é significativa a presença dos Kadiwéu no Pantanal do Mato Grosso do Sul. A Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil – PibISA⁹⁶ informa que, dentro desse território, a população Kadiwéu se divide entre quatro aldeias: Bodoquena, Campina, Tomázia e São João. Algumas famílias Kadiwéu vivem ainda em pequenos grupos, em localidades no interior da Terra Indígena Kadiwéu, mais afastadas das aldeias principais.

É importante registrar que, na perspectiva de Urquiza (2010), essa Reserva Indígena abriga cinco grandes aldeias e as duas maiores concentram-se em torno do posto da FUNAI. A Bodoquena (antigo Posto Indígena Presidente Alves de Barros), a maior aldeia desse povo, localiza-se no nordeste da Terra Indígena, ao pé da Serra da

⁹⁶ Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u>. Acesso em: 23 ago 2020.

Bodoquena, vizinha à aldeia Campina, situada a 5 km de Bodoquena. Na porção oeste do estado, situa-se a Aldeia Indígena Barro Preto, enquanto a Aldeia Tomazia fica a, aproximadamente, 30 km do Posto Indígena (PI) São João, mais especificamente, ao sul da Terra Indígena. Nas proximidades, encontra-se também a Aldeia São João que abriga Terena e remanescentes dos Kinikinau (URQUIZA, 2010, p. 19-22).

Pode-se, por fim, considerar que a população indígena Kadiwéu é a única no estado de Mato Grosso do Sul que manteve a posse de uma extensão significativa de terras⁹⁷, o que lhe permite, hoje, viver em melhores condições de vida. Atualmente, a Terra Indígena Kadiwéu situa-se no município de Porto Murtinho, em uma área de difícil acesso aos não índios, e reúne uma população indígena estimada em 1.417 pessoas (URQUIZA, 2010, p. 19-20).

2.7.5 Línguas não classificadas

2.7.5.1 Atikum

O povo Atikum é oriundo de Pernambuco e chegou ao Mato Grosso do Sul no início da década de 1980. De acordo com o IBGE (2010), os Atikum somam, aproximadamente, 55 indígenas (de etnia Terena), localizados na Área Indígena de Nioaque, falantes apenas do português que não se recordam nem de vestígios do léxico de uma língua anterior⁹⁸. Possuem a cor da pele negra, sem o fenótipo característico dos indígenas da região e, por isso, são vistos não como indígenas, mas como negros. O grupo étnico Atikum possui um total de 7.499 índios, dos quais 4.273 residem fora de Terras Indígenas, constituindo a 15ª maior população indígena do Brasil fora de reservas (URQUIZA, 2010, p. 28-29).

2.7.5.2 Kamba

Segundo Mangolim (1993), em 1977, uma equipe de pastoral indigenista fez contato com o povo Camba e estimou-o em 2.000 índios, todos vivendo em situação de extrema de pobreza e sofrendo dupla discriminação: bolivianos e indígenas. Ainda

⁹⁷ “O governo do Estado de Mato Grosso, como forma de pagamento aos serviços prestados durante a Guerra do Paraguai, mandou delimitar um território para os índios Kadiwéu, cuja área era de aproximadamente 373.024 ha e sua extensão demarcada atingia as proximidades da Serra da Bodoquena até o Rio Paraguai [...] a nova demarcação de terras, concluída em 1981, definiu a área da Reserva Indígena em 538.535,7804 ha” (URQUIZA, 2016, p. 66-67).

⁹⁸ De acordo com o ISA (2012), não há registros da língua que os Atikum falavam.

segundo o autor, o grupo vivia em “São Francisco, um reduto ao pé do morro no bairro Cristo Redentor, na periferia da cidade de Corumbá” e era frequentemente “chamado pelos bolivianos de Puerto Suarez de “índios sem terra”, o que de certo modo não deixa de ser verdade. O próprio termo “Cambar” (de cambiar) quer dizer: mudar de rumo, passar de um lado para outro” (MANGOLIM, 1993, p. 37).

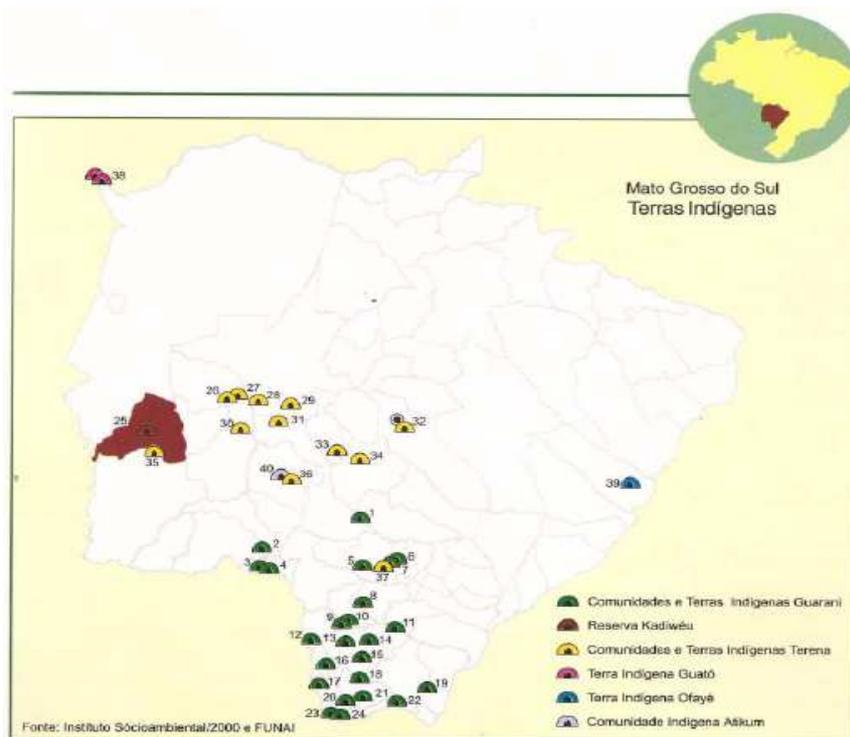
Urquiza (2016), por seu turno, apresenta o povo Kamba como descendentes dos Chiquitanos da Bolívia. De acordo com o autor, desde que chegaram ao Brasil, os Kamba são vistos pelos não índios como estrangeiros, seja pela população corumbaense seja pelo Estado brasileiro, o que dificulta o reconhecimento da identidade indígena desse povo no Mato Grosso do Sul pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Para o autor, os Kamba são reconhecidos como índios bolivianos, por terem migrado da Bolívia para o Brasil no século XX. Em suma, sem reconhecimento oficial pela FUNAI como indígenas no Brasil, os Kamba não podem usufruir de políticas públicas destinadas às comunidades indígenas brasileiras (URQUIZA, 2016, p. 76-78).

Finalmente, se comparado com alguns outros estados brasileiros, o papel histórico desempenhado pelos povos indígenas, em Mato Grosso do Sul, evoluiu significativamente. Segundo Martins (2002, p. 86), “nos últimos vinte anos, a população indígena sul-mato-grossense cresceu significativamente, recuperou sua auto-estima e passou a construir o seu próprio futuro”. A seguir, as figuras 7 e 8 trazem dados acerca do povo, da população e da extensão dos municípios que integram as terras indígenas de Mato Grosso do Sul.

Figura 7 - Terras Indígenas de Mato Grosso do Sul

TERRA INDÍGENA	POVO	POPULAÇÃO (Nº, FONTE, DATA)	EXTENSÃO MUNICÍPIO (HA)
1. Sucuriy	Guarani Kaiowá	84 PKG: 98	535 Maracajú
2. Pirakua	Guarani Kaiowá	270 PKG: 98	2.384 Bela Vista
3. Serra Maragatu	Guarani Kaiowá	200 FUNAI	0 Antônio João
4. Aídeia Campestre	Guarani Kaiowá	236 PKG: 98	9 Antônio João
5. Dourados	Guarani Nandeva / Terena / Guarani Kaiowá	6.756 PKG: 98	3.475 Dourados
6. Panambi	Guarani Kaiowá	551 PKG: 98	2.037 Dourados
7. Panambiozinho	Guarani Kaiowá	253 PKG: 98	1.240 Douradina
8. Casarapó	Guarani Kaiowá / Guarani Nandeva	2.896 PKG: 98	3.594 Casarapó
9. Guaimbé	Guarani Kaiowá	258 PKG: 98	717 Ponta Porã
10. Rancho Jacaré	Guarani Kaiowá	505 PKG: 98	778 Ponta Porã
11. Jarara	Guarani Kaiowá / Guarani Nandeva	249 PKG: 98	479 Juti
12. Guaçuti	Guarani Kaiowá	164 PKG: 98	930 Aral Moreira
13. Amambai	Guarani Kaiowá / Guarani Nandeva	4.485 PKG: 98	2.429 Amambai
14. Jaguarí	Guarani Kaiowá / Guarani Nandeva	150 FUNAI: 99	405 Amambai
15. Aídeia Limão Verde	Guarani Kaiowá	390 Mangalim: 93	660 Amambai
16. Taquaperí	Guarani Kaiowá	1.800 PKG: 98	1.888 Amambai
17. Seta Cerrcos	Guarani Kaiowá / Guarani Nandeva	230 Mangalim: 93	8.584 Cel. Sapucaia
18. Sessoró	Guarani Kaiowá / Guarani Nandeva	1.351 PKG: 98	1.923 Ponta Porã
19. Carrito	Guarani Kaiowá / Guarani Nandeva	186 PKG: 98	2.040 Eldorado
20. Takuaroty/Yvykuarusu	Guarani Kaiowá	360 FUNAI: 99	2.609 Paranhos
21. Jaguapiré	Guarani Kaiowá	429 PKG: 98	2.349 Tacuru
22. Porto Lindo	Guarani Nandeva	1.858 PKG: 98	1.649 Mundo Novo
23. Patrons Guaçú	Guarani Nandeva	620 Rel. Identif.: 98	4.025 Paranhos
24. Pirajú	Guarani Nandeva	1.879 PKG: 98	2.116 Sete Oeiras
25. Reserva Kadiwêu	Terena / Kadiwêu	1.592 Pechincha, M.T.: 98	538.536 Porto Murtinho
26. Píade Rebuá	Terena	1.391 FUNAI: 99	208 Miranda
27. Cachostirinha	Terena	3.500 Mangalim: 93	2.644 Miranda
28. Taunay/Ipegue	Terena	4.601 FUNAI: 99	6.461 Aquidauana
29. Limão Verde	Terena	675 PKG: 98	4.888 Aquidauana
30. Lalima	Terena	1.137 FUNAI: 99	3.000 Miranda
31. Aídeinba	Terena	328 Mangalim: 93	4 Anastácio
32. Campo Grande	Terena	1.500 Gilson	- Campo Grande
33. Buiti	Terena	1.783 FUNAI: 99	2.090 Dois Irmãos Buiti / Sidrolândia
34. Buitiminho	Terena	320 FUNAI: 99	10 Sidrolândia
35. Reserva Kadiwêu	Terena / Kirikinau	1.300 FUNAI	- Porto Murtinho
36. Nioaque	Terena	1.080 Mangalim: 93	3.029 Nioque
37. Dourados	Terena	300 FUNAI	- Dourados
38. Guató	Guató	382 FUNAI: 99	10.900 Corumbá
39. Olayé	Olayé	58 Funasa: 89	1.637 Brasilândia
40. Nioaque	Atykum	70 Silva: 00	- Nioaque

Fonte: Martins (2002, p. 86).

Figura 8 - Mato Grosso do Sul Terras Indígenas

Fonte: Martins (2002, p. 87).

Finalizando, neste capítulo, buscou-se apresentar, de forma sintetizada, aspectos da diversidade étnica do Brasil e, sobretudo, da população sul-mato-grossense nas diferentes fases da sua história. A partir de estudos etnográficos, descreveram-se aspectos históricos e classificatórios das línguas indígenas brasileiras e as raízes da formação da sociedade brasileira, considerando a multiplicidade de línguas e de culturas que conviveram entre si em graus distintos de interinfluências.

Enfim, os povos indígenas do Brasil compreendem diferentes grupos étnicos que habitam o país desde milênios antes do início da colonização portuguesa. Nota-se, também, que diversas etnias indígenas fazem parte do cenário multicultural do estado sul-mato-grossense. A pesquisa demonstrou que o estado de Mato Grosso do Sul, devido a sua significativa população indígena, atrai a atenção de estudos que documentam o mosaico étnico estadual. Contudo, ainda que tenham uma presença significativa, os estudos das línguas desses povos ainda são incipientes, impossibilitando uma descrição precisa. É necessário, portanto, investimentos em pesquisas nessa área, para que a diversidade linguística seja ao menos registrada.

O capítulo a seguir traz, de forma sucinta, noções gramaticais do tupi e do guarani a partir de uma descrição morfológica.

CAPÍTULO 3

A MORFOLOGIA DO TUPI E DO GUARANI: UM PANORAMA

Neste capítulo, destacam-se algumas noções gramaticais do tupi e do guarani, a partir de uma breve descrição morfológica. A finalidade central é descrever os aspectos morfológicos das duas línguas e não realizar um estudo comparativo entre elas. Não se pretende apresentar um modelo de gramática, mas fazer um exercício de identificação de padrões gramaticais e suas respectivas funções nas línguas tupi e guarani. O capítulo está organizado em duas partes, cada uma formada por várias seções: a primeira parte é dedicada à descrição dos aspectos morfológicos do tupi, enquanto a segunda traz a descrição da morfologia do guarani.

3.1 Descrição morfológica do Tupi: conceitos gerais

Considerando que umas das características marcantes da língua portuguesa no Brasil é o substrato tupi, neste item objetiva-se apresentar conceitos gerais sobre a morfologia tupi. Segundo Rodrigues (2011, p. 45), “ainda não se publicou nenhum estudo amplo da morfologia do tupi antigo. Embora essa língua venha, há mais de 15 anos, sendo objeto de estudo em centros universitários, ainda não apareceu nenhuma descrição moderna de sua estrutura”⁹⁹. Este trabalho não tem como pretensão fazer uma descrição sistemática da morfologia tupi, mas tão somente descrever e tecer comentários acerca de determinados aspectos morfológicos, tomando por base a análise de topônimos indígenas sul-mato-grossenses.

De modo geral, são destacadas neste capítulo noções básicas da gramática tupi com foco na estrutura morfológica: morfemas depreendidos e organizados por classes temáticas, por afixos (prefixos e sufixos) e, especialmente, por derivação e composição,

⁹⁹ Os estudos de morfologia que têm aparecido, desde a fundação, em 1935, da Cadeira de Língua Tupi-Guarani na Universidade de São Paulo, são as teses dos professores daquela cadeira, Plínio Ayrosa (1939) e Carlos Drummond (1946), e diversos artigos de Lemos Barbosa, da Universidade Católica do Rio de Janeiro (1941; 1947; 1951) e de Dall’Igna Rodrigues (1947; 1950^a; 1950b; 1950c; 1951^a; 1951b; 1951c). Também há observações acerca da morfologia na edição de Ayrosa dos “Poemas Brasílicos” de Cristóvão Valente (Ayrosa, 1941) e na “Contribuição para o estudo do teatro tupi de Anchieta”, de Paula Martins (Paula Martins, 1941), bem como nas notas críticas de Lemos Barbosa sobre “Traduções de Poesias Tupis” (Lemos Barbosa, 1949). Merecem especial referência os artigos de Lemos Barbosa “Juká — o paradigma da conjugação tupi” (1941) e “Nova categoria gramatical em Tupi” (1947) (RODRIGUES, 2011, p. 45).

principais processos identificados na língua. A seguir apresenta-se uma descrição das classes de palavras e dos principais traços distintivos da morfologia do tupi.

3.1.1 Classes de palavras

As classes de palavras são elementos fulcrais na descrição de uma língua porque expressam propriedades de seus elementos e possibilitam descrever os mecanismos gramaticais mais gerais. O tupi é uma língua sem registros orais e de tendências aglutinantes¹⁰⁰, com uma enorme gama de afixos. Nessa língua não é possível se obter, com segurança, o domínio total de suas estruturas.

Observando determinados aspectos morfológicos do tupi, Edelweiss (1958, p. 13-14) esclarece que, entre as categorias de palavras, é fundamental destacar as classes que “representam ideias autônomas: de substância, de estado, de qualidade, de movimento ou ação, em torno às quais se agrupam as séries das partículas, desempenhando na oração aquelas funções variadas [...]”. Para o autor, as categorias autônomas abrangem: substantivo, adjetivo, advérbio e verbo, enquanto as partículas são as seguintes classes: pronome, artigo, preposição ou posposição e conjunção¹⁰¹.

Pautando-se nessa sistematização, nota-se que as palavras de base tupi passíveis de serem analisadas morfológicamente, sem preocupação com o lugar/a função que ocupam na construção de uma frase, são divididas em nove grupos principais focalizados na sequência: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição (posposição), conjunção e interjeição.

3.1.1.1 Substantivo

De acordo com Sampaio (1928, p. 19), o substantivo é a classe de palavras com que se denominam os seres: “o substantivo tupi representa coisa ou pessoa material ou abstrata”. Observa-se que, assim como na língua portuguesa, no tupi os substantivos denominam seres e coisas, entretanto, também são representados como classe de palavras que, do ponto de vista semântico, contêm as noções de ação, processo ou estado, ou seja, indicam categorias de tempo.

¹⁰⁰ O tupi é um idioma de estrutura bastante diferente da língua portuguesa. O português se classifica como uma língua flexiva e o tupi, como aglutinante.

¹⁰¹ As categorias autônomas que abrangem: substantivo, adjetivo, advérbio e verbo e as partículas que representam as classes de: pronome, artigo, preposição ou posposição e conjunção serão descritas no decorrer do capítulo.

Uma das originalidades desta língua é que o substantivo tem tempos como os verbos: o presente, o passado, o futuro. Ex.: abá, o homem no presente; abacuéra ou abacué, o homem que já foi, no passado; abarama, o homem que há de ser, no futuro; abaranguêra, o homem que havia de ter sido (SAMPAIO, 1928, p. 22).

Na sequência, o quadro 8 resume as observações fornecidas por Sampaio (1928) com relação à classe dos substantivos no tupi.

Quadro 8 - O substantivo no tupi em Sampaio (1928) (continua)

SUBSTANTIVO	DESCRIÇÃO
Nomes próprios	Os tupis designavam a si mesmos por nomes próprios ou apelidos enfáticos, lendários e poéticos. Já os nomes dos gentios refletiam qualidades salientes ou defeitos físicos dos indivíduos.
Substantivos derivados de verbo	Os substantivos derivados de verbo formam-se acrescentando ao infinitivo o sufixo <i>caba</i> ou <i>çaba</i> , <i>gaba</i> , <i>aba</i> , <i>daba</i> , conforme o radical. Ex.: <i>epiaca</i> (ver) forma <i>epiacaba</i> (a vista, a observação, o lugar de ver); <i>cyca</i> (colher) faz <i>cycaba</i> (a colheita). Todavia, quando o substantivo verbal exprime o que faz ação, emprega-se depois do infinitivo do verbo o sufixo <i>ára</i> ou <i>çára</i> como em: <i>iucá</i> (matar); <i>iucaçára</i> (o matador).
Substantivos derivados de adjetivo	Os substantivos derivados de adjetivos seguem a mesma regra dos substantivos derivados de verbo. Ex.: <i>catú</i> (bom); <i>catúçaba</i> (bondade); <i>poram</i> (belo, formoso), <i>porangaba</i> (beleza, formosura).
Substantivos compostos	Os substantivos compostos formam-se por aglutinação de outros substantivos, de adjetivos e verbos. Ex.: <i>Ara</i> (hora, tempo) e <i>rangaba</i> (sinal, figura) de <i>Ara</i> se faz <i>ararangaba</i> (relógio); <i>Yby</i> (terra) e <i>peba</i> (chata, plana) faz <i>ybypeba</i> (planície); <i>Yby</i> (terra) e <i>ryry</i> (tremor) faz <i>ybyryry</i> (terremoto). Na composição, quase sempre o primeiro dos componentes se contrai. Ex.: <i>aguará</i> (o cachorro, o cão); <i>nambi</i> (orelha); <i>aguanambi</i> , em vez de <i>aguaranambi</i> exprimirá (orelha de cão). Com os vocábulos <i>rerú</i> , <i>rendy</i> e <i>acema</i> ou <i>acê</i> se forma grande número de outros compostos.
Gênero dos nomes	O gênero dos nomes é invariável na sua terminação, ou seja, os substantivos da língua não mudam de terminação e, por isso, não têm gênero nem plural. Para distinguir o sexo, basta antepor ou pospor aos substantivos as palavras <i>cunhã</i> (mulher, fêmea) e <i>apyaba</i> (homem, macho). Ex.: <i>iaguara-apyaba</i> (cão); <i>iaguara-cunhã</i> (cadela).
Número	Os nomes, em tupi, são invariáveis para o número, isto é, não há flexão para os números; o mesmo nome pode estar no singular ou plural dependendo do sentido da frase. Também não há número gramatical; as palavras correspondem igualmente ao singular e ao plural do português. Contudo é possível marcar o plural por meio da reduplicação. No tupi colonial, passou-se a empregar <i>eté</i> (muitos) para realçar a pluralidade, mas esse não era o sentido primitivo e seria errôneo abusar desse indefinido, especialmente se o plural já se subentende.
Coletivos	Os nomes coletivos formam-se com o emprego de vários sufixos. Ex.: <i>tyba</i> (ou <i>tibaltuba</i>) exprime abundância e vale pelo sufixo al ou eiro do português; <i>reiya</i> exprime multidão e vale pelo sufixo português ada ; <i>rendaba</i> exprime coleção. Ex.: <i>ita</i> (pedra – <i>itatyba</i> – pedregal); <i>guirá</i> (pássaro – <i>guirareiya</i> – passarada); <i>potyra</i> (flor – <i>potyrendaba</i> – jardim, coleção de flores).
Grau aumentativo	Para a formação do aumentativo, no tupi, basta pospor ao substantivo no grau normal o sufixo <i>guaçu</i> ou <i>açu</i> , que dá a ideia de grandeza, grossura. O sufixo aumentativo é <i>guaçu</i> para os nomes terminados em vogal tônica e <i>uçu</i> para os outros. Com adjetivos e verbos, <i>guaçu</i> ou <i>uçu</i> significa muito; com os verbos transitivos, faz-se objeto; com os intransitivos, sujeito. O aumentativo pode ser formado, ainda, pela repetição do sufixo, <i>êtê/eté</i> ou <i>têy</i> . Ex.: <i>caaêtê</i> (mata virgem, matão); repetindo o sufixo <i>êtê</i> , teremos <i>caaêtê-êtê</i> ou <i>caetê</i> (o matão grandíssimo).

Quadro 8 - O substantivo no tupi em Sampaio (1928) (conclusão)

Grau diminutivo	O grau diminutivo forma-se com a posposição dos sufixos: <i>mirim</i> , <i>mini</i> , <i>y</i> e <i>im</i> que significam pequeno, pouco, miúdo, breve. Ex.: <i>itá</i> (pedra) – <i>itamirim</i> ou <i>itaim</i> ou <i>itay</i> (pedrinha). O sufixo <i>mirim</i> é também um adjetivo e o diminutivo no feminino se forma com a posposição do vocábulo <i>tahim</i> , <i>tay</i> ou <i>tem</i> , como: de <i>cunhã</i> (mulher), <i>cunhãtahim</i> ou <i>cunhãtem</i> (menina).
Distinção dos casos	A distinção dos casos se faz por meio de preposições que são, na verdade, posposições, porque sempre se empregam depois dos nomes a que regem: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo.
Nominativo	No nominativo, o vocábulo tupi se apresenta sem artigo e sem preposição. Ex.: <i>curumî</i> (o menino ou os meninos).
Genitivo	O genitivo se exprime por meio da aglutinação dos substantivos (possuidor + possuído). Ex.: <i>Tupãcy</i> (a mãe de Deus). Por sua vez, a matéria de que uma coisa é feita se exprime por essa mesma forma de genitivo. Ex.: <i>itaóca</i> (casa de pedra).
Dativo	O dativo se manifesta com as preposições <i>upê</i> ou <i>çupêi</i> e a preposição <i>pe</i> , é modificada, às vezes, em <i>be</i> . Ex.: <i>Abaré-upê</i> ou <i>abaré-çupê</i> (ao padre). No entanto, o dativo dos pronomes pessoais, como o do indefinido <i>acê</i> , forma-se com as preposições <i>be</i> ou <i>bo</i> . Ex.: <i>ixébe</i> (a mim); <i>ndébe</i> ou <i>ndébo</i> (a ti); <i>orébe</i> ou <i>orébo</i> (a nós outros); <i>iandébe</i> ou <i>iandébo</i> (a nós todos); <i>peême</i> ou <i>peêmo</i> (a vós outros). Já o pronome da terceira pessoa, fora do nominativo, é <i>y</i> no dativo. Ex.: <i>yçupê</i> (a ele, a ela, a eles, a elas, lhe, lhes) e, por fim, o indefinido <i>acê</i> faz o dativo <i>acébe</i> ou <i>acébo</i> .
Acusativo	O acusativo aparece junto ao verbo anteposto ou posposto. Ex.: <i>amonhan oca</i> ou <i>oca amonhan</i> (eu faço a casa). Entretanto, com os verbos de movimento, empregam-se as preposições <i>pyri</i> , <i>pe</i> , <i>rupí</i> , <i>bo</i> .
Vocativo	O vocativo é uma das originalidades da língua tupi e se apresenta de acordo com o sexo do indivíduo que chama: os homens empregam o sufixo <i>gué</i> ou <i>guí</i> e as mulheres <i>iú</i> ou <i>ió</i> . Ex.: <i>abarégue!</i> (ó padre!); <i>abareiu!</i> (ó padre!). Além disso, os nomes terminados em vogal com sílaba predominante na penúltima formam-se eliminando a vogal. Ex.: <i>tuxuba</i> é <i>tuxáb!</i> (ó chefe!).
Ablativo	O ablativo se revela com a preposição <i>çuí</i> , que vale por <i>ex</i> ou <i>de</i> , do latim. Ex.: <i>our mairy çuí</i> (ele vem da cidade).

Fonte: Elaboração da autora com base em Sampaio (1928, p. 20-30).

Barbosa (1956, p. 43), por sua vez, defende, categoricamente, que o substantivo pode ser monossilábico ou polissilábico, termina sempre em vogal tônica ou em **-a** átono e pode ser simples, composto ou derivado: *y* (água, rio), *nhandu* (ema), *py* (pé), *pysã* (dedo do pé) e *pysapema* (unha do dedo do pé). Além disso, o autor esclarece que “o substantivo não sofre alterações de número, gênero e caso. Recebe, porém, sufixos de tempo, de negação, prefixos de referência pessoal (possessivos etc.), além das partículas pospositivas”. Nesse sentido, defende que “não há nomes abstratos de qualidades e semelhantes, como beleza, bondade, cor, tamanho etc. Há, porém, a tendência para substantivar tanto os adjetivos como os infinitivos” (BARBOSA, 1956, p. 46).

Ainda segundo Barbosa (1956, p. 100-101), “os substantivos têm futuro e passado. Formam-se com *rama* e *pûera*”. O autor esclarece também que o **a** final é um sufixo nominal, enquanto os sufixos temporais são *ram* e *pûer*; por fim, o infinitivo e os participios formam os seus tempos com o substantivo, como nos exemplos:

- (1) *ybá* (fruta) + f. *rama* = *ybá-rama* (a que será fruta, futura fruta)

- (2) *ybá* (fruta) + p. *pûera* = *ybá-pûera* (a que foi fruta, ex-fruta)
(BARBOSA, 1956, p. 100-101)

Fernandes (1960, p. 110), por sua vez, corrobora as definições mencionadas e acrescenta que o substantivo pode ser acentuado como “toda e qualquer palavra que serve para nomear ou designar coisas e seres animados e inanimados” e divide-se em “concreto, abstrato, próprio, comum, simples, composto, aglutinado, coletivo, neutro e promíscuo”. Além disso, Fernandes (1960, p. 112) pondera, em sintonia com Sampaio (1928) e com Barbosa (1956), que os substantivos têm duas propriedades basilares: *gênero* (para representar os seres e as coisas) e *número* (para exprimir a unidade e a pluralidade dos seres ou das coisas).

A categoria do substantivo atende seu modo de formação, ou seja, os substantivos podem ser classificados quanto à origem. Desse modo, são classificados em primitivos ou derivados, isto é, de formação originária ou secundária. Na concepção de Pontes (1981, p. 13), o substantivo:

Pode ser monossilábico ou polissilábico. Termina sempre em vogal tônica ou em *a* átono. Quando o tema termina em consoante ou semivogal toma o sufixo *a*. O substantivo não sofre alteração de número, gênero e caso. Recebe, porém, sufixos de tempo, de negação, prefixos de referência pessoal (possessivos etc.), além das partículas prepositivas. Em tupi não há artigo definido nem indefinido. O substantivo tupi pode ser simples ou primitivo e compostos ou derivados.

O quadro 9 apresenta, de forma resumida, as categorias que delimitam o substantivo, de acordo com Pontes (1981, p. 13-22).

Quadro 9 - O substantivo no tupi em Pontes (1981) (continua)

SUBSTANTIVO	DESCRIÇÃO
Substantivo (simples e derivado ou composto)	São exemplos de substantivos simples: <i>y</i> (água, rio), <i>cy</i> (mãe, fonte, origem), <i>uba</i> (pae), <i>itá</i> (pedra), <i>yby</i> (a terra, o chão), <i>abá</i> (pessoa, humano, homem, índio, gente), <i>pirá</i> (peixe), <i>oca</i> (casa), <i>eçá</i> (olho, olhos). São substantivos derivados: <i>Itabira</i> (<i>itá-byra</i>) – a pedra alta; <i>Parainuna</i> (<i>pará-aiba-una</i> ou <i>parayb-una</i>) – o paraíso preto ou o rio de água escura. Os derivados ou compostos são inúmeros e formaram-se dos primitivos justapostos reunidos a adjetivos e a verbos, ou modificados por sufixos.
Composição dos substantivos	Em qualquer composição, o primeiro elemento, sendo oxítono, conserva-se inalterado; sendo paroxítono, diante de vogal, perde a última vogal; diante de consoante, perde a última sílaba.
Reunião de dois substantivos	Ex.: <i>Abá</i> (índio) + <i>nheenga</i> (língua) = <i>abanheenga</i> (língua de índio).
Reunião de um substantivo e de adjetivo	Ex.: <i>pirá</i> (peixe) + <i>yu</i> ou <i>yuba</i> (amarelo) = <i>piraju</i> ou <i>pirajuba</i> (o peixe amarelo, o dourado); <i>Boiúna</i> de <i>Mboy</i> (cobra) + <i>una</i> (preta) = <i>boiúna</i> (cobra preta).

Quadro 9 - O substantivo no tupi em Pontes (1981) (conclusão)

Reunião de um substantivo e de um verbo	Ex.: <i>Yú</i> (beber água), de <i>Y</i> (água) + <i>Ú</i> (beber).
Substantivos compostos	Os substantivos compostos se formam por aglutinação de outros substantivos, de adjetivos, de verbos e de sufixos. Por exemplo: de <i>Yby</i> (terra) e do adjetivo <i>Peba</i> , <i>Opeba</i> , <i>Peva</i> , <i>Pé</i> (chato, plano, raso, rasteiro, baixo, inferior) se faz <i>Ybypeba</i> (terra plana, planície), <i>Paraopeba</i> (rio de água rasa). Esses exemplos evidenciam a facilidade de formar substantivos compostos em tupi.
Substantivos próprios	Entre os indígenas, os nomes próprios eram dados por ironia, qualidades morais ou defeitos físicos. Pontes (1981, p. 18-19) cita Padre A. Lemos Barbosa, ao descrever que “apenas nascida uma criança, o pai lhe dava um nome, [...]. Aos homens davam-se, amiúde, nomes de animais ferozes; às mulheres, nomes de pássaros, peixes ou frutas. Mas não em norma rigorosa: para ambos os sexos se escolhiam nomes de antepassados, e sobretudo alcunhas, tiradas de defeitos ou particularidades da criança”. Como pode-se observar nos exemplos: <i>Iracy</i> – a mãe do mel, a abelha); <i>Jandyra</i> (yandy-eíra) – a abelha de mel, a melífera; <i>Iracema</i> – a saída ou fluxo do mel, ou a saída das abelhas.
Gêneros e números dos substantivos	Os substantivos da língua tupi nunca mudam de terminação e, por isso, não têm gênero nem plural. Para distinguir o sexo, basta antepor ou pospor as palavras <i>cunhã</i> (mulher) e <i>apyaba</i> (homem). Porém alguns nomes de parentesco divergem para cada sexo, como em: <i>tuba</i> (pai) – <i>cy</i> (mãe); <i>mena</i> (marido) – <i>emireco</i> (esposa/mulher). Todavia, quando se trata de plural, usam-se as partículas adjetivas <i>etá</i> (muitos); <i>cuera</i> (repetido); <i>erá</i> (muitas vezes).
Coletivos	Os nomes coletivos se formam com o emprego de vários sufixos, como: <i>tyba</i> , <i>tuba</i> , <i>dyba</i> , que significam abundância.
Grau aumentativo	Para a formação do aumentativo, basta pospor ao substantivo o sufixo <i>guaçu</i> (grande). Esse sufixo apresenta-se também sob as formas <i>açu</i> , <i>uçu</i> , <i>turuçu</i> e <i>buruçu</i> .
Grau diminutivo	O grau diminutivo forma-se com a posposição de um dos sufixos: <i>mirim</i> , <i>mini</i> , <i>im</i> , <i>i</i> , <i>ii</i> , que significam pequeno, pouco, miúdo, breve.

Fonte: Elaboração da autora com base em Pontes (1981, p. 13-22).

Para Navarro (2005, p. 27), “o substantivo tupi é invariável em número. Às vezes, emprega-se **ETÁ** como se fosse morfema de flexão de plural”. Isso pode ser observado nos exemplos seguintes:

- (3) O índio tem medo.
Abá o-sykyié.
- (4) Os índios têm medo.
Abá o-sykyié.
- (5) O português sai da canoa.
Peró ygara súi o-sem.
- (6) Os portugueses saem da canoa.
Peró ygara súi o-sem.
- (7) Aos santos falamos.
Santos-etá supé oro-nhe'eng.

(NAVARRO, 2005, p. 27)

Nota-se, pois, que o substantivo possui uma característica relevante na língua tupi: a ocorrência de marcadores de tempo nos nomes. Esses marcadores, descritos como indicadores nominais de tempo, ocorrem sufixados ao nome e caracterizam os referentes

em termos de tempo passado, futuro e futuro pretérito (ver exemplos (3) a (7) apresentados).

Segundo Navarro (2005, p. 48), “em tupi os nomes podem ser possuíveis ou não possuíveis. Os não possuíveis devem ser usados sem possessivos (i.e., nunca se põe um XE, NDE etc. antes deles) e sem outro substantivo anteposto. Os possuíveis admitem ou até exigem tais possessivos ou a anteposição de um substantivo”. Ainda de acordo com o autor, nomes possuíveis “são os que designam pessoas e coisas que são tomadas como partes de um todo ou como membros de um sistema de relações”. Já os nomes não possuíveis “são os que designam seres que não se concebem como posse de alguém. P.ex., os elementos naturais” (NAVARRO, 2005, p. 48).

Na sequência, o quadro 10 apresenta uma síntese da categoria de substantivo no tupi sob a perspectiva de Navarro (2005).

Quadro 10 - O substantivo no tupi em Navarro (2005)

SUBSTANTIVO	EXEMPLOS
Todo nome possuível em tupi pode converter-se em adjetivo, adquirindo a ideia de ter algo. Pode-se dizer, assim, que esses nomes têm uma forma substantiva e outra forma adjetiva ou de predicado nominal.	(1) <i>xe poranga</i> – minha beleza (2) <i>xe porang.</i> – Eu sou belo, eu tenho beleza. (3) <i>nde nema</i> – teu fedor (4) <i>nde nem.</i> – Tu és fedorento, tu tens fedor.
Os substantivos transitivos (de tema verbal) exigem um complemento nominal antes de si e para se tornarem adjetivos. Nesse caso, eles se classificam como adjetivos compostos.	(1) <i>kunumĩ</i> – a matança de meninos (2) <i>abá-kunumĩ</i> – homem matador de meninos
Alguns substantivos podem assumir, além do valor de adjetivos (em predicados nominais), também o valor de verbos (em predicados verbais).	(1) <i>xe nhe'enga</i> – minha fala (2) <i>xe nhe'eng</i> – eu (sou) falante (predicado nominal) (3) <i>anhe'eng</i> – falo (predicado verbal)
O -A final átono é um sufixo substantivador. A palavra que o tiver tem, geralmente, valor de substantivo. Perdendo esse -A, volta a ser adjetivo, verbo, adjetivo demonstrativo etc.	(1) <i>xe ruba</i> – meu pai (2) <i>Xe rub</i> – Eu tenho pai, eu (sou) “paizado”
Se o substantivo for oxítono, sua forma predicada (adjetival ou verbal) é igual a ele. Se ele for paroxítono, cai a vogal final, que é sempre -A (sufixo substantivador).	(1) <i>gûatá</i> - caminhada (2) <i>Xe gûatá</i> – Eu (sou) caminhante (3) <i>A-gûatá</i> – caminho; ando (como <i>gûatá</i> é oxítono, a forma substantiva não se distingue da forma predicativa).
Em tupi antigo, o substantivo é a categoria mais abrangente. Todo substantivo possuível pode ser adjetivo e, às vezes, também verbo. Todo adjetivo ou verbo pode tornar-se um substantivo possuível. Os substantivos não possuíveis são sempre substantivos.	(1) <i>îaguara</i> – onça (nunca se torna adjetivo ou verbo porque é substantivo não possuível) (2) <i>kysé</i> – faca (nunca se torna verbo, embora seja possuível) (3) <i>gûatá</i> – caminhar (torna-se adjetivo ou substantivo)
A maior parte dos substantivos, adjetivos, verbos e posições em tupi tem uma só forma de se expressar. Essas palavras se chamam uniformes.	(1) <i>aoba</i> - roupa (2) <i>pindá</i> – anzol (3) <i>itá</i> - pedra
Existem, porém, palavras que apresentam várias formas de se expressar, recebendo diferentes prefixos de relação (T-, R-, S-): são os pluriformes.	(1) <i>era, t-era, r-era, s-era</i> – nome

Fonte: Elaboração da autora com base em Navarro (2005, p. 72-73).

3.1.1.2 Adjetivo

Sampaio (1928) define o adjetivo como a parte do discurso que, acrescida ao substantivo, descreve, especifica e determina melhor as qualidades. Conforme essa concepção, os adjetivos podem dividir-se em qualificativo e determinativo. O quadro 11, a seguir, exhibe os fundamentos dessa proposição de forma resumida e descreve brevemente os graus dos adjetivos.

Quadro 11 - O adjetivo no tupi em Sampaio (1928)

ADJETIVO	DESCRIÇÃO
Adjetivo qualificativo	Os adjetivos qualificativos são invariáveis no gênero e número, pospõem-se aos substantivos e declinam-se como eles, com as mesmas partículas. Ex.: <i>itá poranga</i> (pedra bonita); <i>abá una</i> (homem preto); <i>guirá tinga</i> (pássaro branco). Além disso, os adjetivos que se derivam de substantivo formam-se com os sufixos: <i>oéra</i> e <i>rapixara</i> ; os adjetivos que se formam de outros adjetivos têm por sufixos <i>oéra</i> e <i>cerane</i> e os adjetivos derivados de verbos, os particípios passados, formam-se com o sufixo <i>pyra</i> . Formam-se ainda adjetivos com os sufixos <i>ima</i> ou <i>eíma</i> .
Adjetivo determinativo	De modo geral, os adjetivos determinativos podem ser: numerais, ordinais, distributivos e demonstrativos.
Grau dos adjetivos	As formas que admitem os adjetivos chamam-se graus de significação. O grau dos adjetivos, por sua vez, é representado com o emprego dos sufixos <i>peure</i> para o comparativo e <i>êtê</i> para o superlativo.
Grau comparativo	No tupi, o grau comparativo emprega as preposições <i>çui</i> ou <i>çocê</i> depois do último termo da comparação. Já no guarani, aplica-se a preposição <i>guí</i> ou <i>heguí</i> . Ex.: <i>caá turuçuêtê itaçocê</i> ou <i>caá turuçuêtê itaheguí</i> . Além disso, segundo Sampaio (1901, p. 30), o grau comparativo dos adjetivos se forma com o sufixo <i>peure</i> . Ex.: de <i>catú</i> (bom), <i>catúpeure</i> (melhor).
Grau superlativo	De acordo com Sampaio (1901, p. 30), o grau superlativo dos adjetivos se forma com o sufixo <i>retê</i> . Ex.: <i>caturetê</i> (ótimo), de <i>turuçú</i> (grande), <i>turuçúpeure</i> (maior), <i>turuçúretê</i> (máximo).
Adjetivos demonstrativos	Os adjetivos demonstrativos distinguem-se conforme a proximidade e a visibilidade. Ex.: <i>ahé</i> (este), <i>aãa</i> (estes); <i>icó</i> , <i>có</i> (este servindo para os dois sexos). Ex.: <i>Co ara</i> (este tempo). Sampaio (1901, p. 30) cita como exemplo: <i>quahá</i> (este); <i>nhãnhá</i> (aquele); <i>nhãnhá-amú</i> (aquele outro); <i>ko</i> (este), servindo para os dois sexos.
Adjetivos indefinidos	Alguns exemplos de adjetivos indefinidos são: <i>yepê</i> (um certo); <i>amô/amû</i> (algum, alguma, outro, outra); <i>cetê</i> (muito, muita); <i>auá</i> ou <i>abá</i> (qual); <i>mobyry</i> (quanto, quanta).
Adjetivos possessivos	Os adjetivos possessivos se formam dos pronomes pessoais e precedem sempre o substantivo. Ex.: <i>xe/che</i> (meu, minha para ambos os números); <i>nde/ndê</i> (teu, tua); <i>i</i> (seu, sua); <i>ianê/ore</i> (nosso, nossa); <i>penhê/pê</i> (vosso, vossa); <i>i</i> (seu, deles, delas). Além disso, para formar o plural dos possessivos, acrescenta-se o sufixo <i>etá</i> (muitos).

Fonte: Elaboração da autora com base em Sampaio (1928, p. 30-34).

Na concepção de Barbosa (1956, p. 47-48), os adjetivos, também denominados pelo autor como qualificativos, são invariáveis, pospõem-se ao substantivo e este, se for oxítono, não sofre alteração, como se pode observar nos exemplos a seguir:

(8) *itá* (pedra) + *tinga* (branco) = *itátinga* (pedra branca)

(9) *y* (rio) + *puku* (comprido) = *ypu(ku)* (rio comprido)

(BARBOSA, 1956, p. 47-48)

No entanto, se o substantivo for paroxítono, antes de vogal, perde a última vogal; antes de consoante ou semivogal, perde a última sílaba, como em:

- (10) *taba* (aldeia) + *ybaté* (alto) = *tab'ybaté* (aldeia alta)
 (11) *ybaka* (céu) + *piranga* (vermelho) = *ybá'piranga* (céu vermelho).
 (BARBOSA, 1956, p. 47-48)

Já nos paroxítonos dissilábicos é rara a elisão da sílaba, como se pode observar no exemplo que segue:

- (12) *aba* (cabelo) + *tinga* (branco) = *aba* ou *á'tinga* (cabelo branco).
 (BARBOSA, 1956, p. 47-48)

A exceção são os adjetivos que perdem o **t** ou **s** iniciais, como em:

- (13) *y* (rio) + *toby* (verde, azul) = *y'oby* (rio verde)
 (14) *abá* (homem) + *setá* (muitos) = *abá'etá* (muitos homens)
 (15) *ybaka* (céu) + *tuna* (negro) = *ybak'uma* (céu negro).
 (BARBOSA, 1956, p. 47-48)

Nesse contexto, Sampaio (1928) e Barbosa (1956) asseguram que os adjetivos se pospõem aos substantivos. O fato de o adjetivo ser definido como a palavra que se refere a um substantivo explica o ponto de vista de Edelweiss (1958, p. 14), segundo o qual “não é sem fundamento que houve quem reunisse adjetivo e substantivo numa categoria única – a do nome [...], embora sejam categorias distintas, ainda exigem tratamento gramatical idêntico”.

Fernandes (1960, p. 137) define o adjetivo em tupi como “a palavra que modifica o substantivo juntando-lhe uma ideia que o modifica ou determina [...]”. Em outras palavras, o autor explica que os adjetivos qualificativos expressam qualidades dos substantivos que são pospostos.

Navarro (2005, p. 26), por seu turno, afirma que “o adjetivo que qualifica um substantivo está sempre em composição com ele e é invariável em número. Também a composição de substantivo + adjetivo deve terminar sempre em vogal. Acrescentamos **A** se o segundo termo da composição terminar em consoante”. Por exemplo:

- (16) *porang* > *Kunhã-porang-a*
 ‘bonito’ ‘mulher bonita’ (ou mulheres bonitas)
 (17) *katu* > *abá-katu*
 ‘bom’ ‘homem bom’ (ou homens bons).
 (NAVARRO, 2005, p. 26)

No exemplo (16), acrescentou-se o sufixo **-A** porque o adjetivo termina em consoante, enquanto em (17) a composição termina em vogal (u). Assim, não se acrescenta o sufixo **-A**.

Navarro (2005) classifica os adjetivos em qualificativos ou predicativos, como mostra o quadro 12:

Quadro 12 - Adjetivos qualificativos e predicativos no tupi em Navarro (2005)

QUALIFICATIVOS		PREDICATIVOS	
<i>ta(ba)-porang-a</i>	aldeia bonita	<i>taba i porang</i>	a aldeia, ela (é) bonita
<i>upa(ba)-nem-a</i>	lago fedorento	<i>upaba i nem</i>	o lago, ele (é) fedorento
<i>'y-pyrang-a</i>	rio vermelho	<i>'y i pyrang</i>	o rio, ele (é) vermelho

Fonte: Elaboração da autora com base em Navarro (2005, p. 35).

Segundo Navarro (2005, p. 35), quando se diz *casa bonita*, usa-se um adjetivo qualificativo, porque ele se prende diretamente ao substantivo. Já na sentença *a casa é bonita*, usa-se um adjetivo predicativo, porque ele se prende ao substantivo por meio de verbo de ligação. Segundo o autor, neste último caso, nós afirmamos alguma coisa da casa (que ela é bonita). Analisando esse exemplo, em português, usa-se um verbo de ligação, que no exemplo apresentado é o verbo ser. Subentende o verbo ser, que em tupi não tem correspondente.

No entanto, “se o sujeito for substantivo, o adjetivo predicativo deverá vir sempre antecedido do pronome pessoal I, que é um sujeito pleonástico”, por exemplo:

(18) *kunhã i katu*
‘a mulher, ela (é) bondosa’

(19) *kunhã i porang*
‘a mulher, ela (é) bonita’

(NAVARRO, 2005, p. 35)

Em síntese, o adjetivo que qualifica um substantivo se aglutina automaticamente, quando o segundo termo da composição terminar em consoante, pois o processo de composição de substantivo + adjetivo deve terminar sempre em vogal, caso contrário, acrescenta-se o sufixo **-A**.

Quando o adjetivo for qualificativo, o sufixo **-A** (usado com substantivos) vem depois do adjetivo se ele terminar em consoante. Esse **-A** refere-se não ao adjetivo, mas à composição formada pelo substantivo e pelo adjetivo. O adjetivo qualificativo sempre está em composição com o substantivo. Assim, sempre se usa hífen entre um substantivo e um adjetivo qualificativo (NAVARRO, 2005, p. 35).

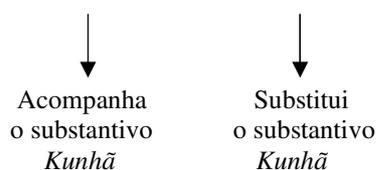
Os três exemplos apresentados, na sequência, atestam que o adjetivo qualificativo sempre está em composição com o substantivo.

- (20) *taba + porang* > *tá-porang-a*
 ‘aldeia bonita’
 (21) *upaba + nem* > *upá-nem-a*
 ‘lago fedorento’
 (22) *‘y + pyrang* > *‘y-pyrang-a*
 ‘rio vermelho’

(NAVARRO, 2005, p. 35)

Por fim, os adjetivos demonstrativos, segundo Navarro (2005, p. 36-37), “distinguem-se conforme a proximidade e a visibilidade (i.e., variam, dependendo do fato de as coisas ou as pessoas serem vistas ou não). Podem mostrar os seres no espaço ou no texto somente, referindo-se ao que já foi dito antes”. Conforme o autor, “os demonstrativos podem ser adjetivos (adjetivos demonstrativos – que só acompanham o substantivo) ou substantivos (pronomes demonstrativos – que substituem o nome)”. Por exemplo:

- (23) *Kûeî* *Kunhã o-só*, *akûeîa* *o-pytá*. – **Aquela** mulher vai, **aquela** fica.



(NAVARRO, 2005, p. 37)

3.1.1.3 Numeral

Os numerais ou quantitativos, como denomina Sampaio (1928), raramente “excediam de quatro ou cinco entre os selvagens, mas com o contato civilizador dos europeus [...] a numeração decimal se desenvolveu”. Nessa perspectiva, os numerais ordinais “formam-se com o sufixo *uara*: *yepérum-ara*, o primeiro; *mocõiuara*, o segundo; *moçapirauara*, o terceiro; *peyéuara*, o décimo; *peyéuara-yepê*, o undécimo”. Por sua vez, os numerais distributivos “formam-se repetindo o cardinal: *yepê-yepê*, um a um; *mocõe-mocõe*, dois a dois” (SAMPAIO, 1928, p. 33-34).

Barbosa (1956) descreve os numerais cardinais da seguinte forma:

- (24) *oîepé*, *móiepé* (um)
 (25) *mokõî* (dois)
 (26) *mosapyr*, *mosapyt* (três)
 (27) *irundyk* (quatro)

(BARBOSA, 1956, p. 99)

Na visão de Barbosa (1956, p. 99), “não há exata tradução para “quatro” [...]. Cinco e números maiores não há. No caso em que seja necessário exprimir números maiores de quatro, faz-se um circunlóquio”. Além disso, o autor acrescenta que se pode dizer: *ã-mbó* (cinco) ou melhor *mbó* (mão da gente); *xe pó* (minha mão); *opá kó mbó* (dez: todas estas mãos); *xe pó xe py* (vinte: minhas mãos e meus pés) ou ainda *nã* (tantos, assim) e mostrar tantos dedos ou outras coisas que representam a quantidade das unidades referidas.

Segundo Barbosa (1956, p. 99-100), “os cardinais em geral precedem, mas podem igualmente seguir o nome”, como atestam os exemplos 28 e 29:

- (28) *oîepé pysá* ou *pysá oîepé* (uma rede)
 (29) *mokôî pykasu pu pykasu mokôî* (duas pombas).

(BARBOSA, 1956, p. 99-100)

De acordo com Barbosa (1956), os numerais ordinais são:

- (30)
 1º *ypy* (primeiro)
 2º *mokôîa* (segundo)
 3º *mosapyra* (terceiro)
 4º *irundyka* (quarto)

(BARBOSA, 1956, p. 99-100)

Os números ordinais, conforme Barbosa (1956), exigem ser pospostos ao nome ou pronome, como nos exemplos a seguir:

- (31) *i mokôîa* (segundo deles)
 (32) *abá mokôîa* (o segundo homem ou dos homens)
 (33) *xe mosapyra* (o terceiro de mim)
 (34) *i-î ypy* (o primeiro deles)

(BARBOSA, 1956, p. 99-100)

Além disso, os numerais *mokôîa*, *mosapyra* e *irundyka* significam também dois, três, quatro juntos. Nesses casos, o paroxítono perde a sílaba final, como em: *abá mokôîa* (dois homens juntos, em um só; ou dois-homens); *akã' mosapyra* (três cabeças juntas; ou três-cabeças) (BARBOSA, 1956, p. 99-100). Quanto aos numerais distributivos, Barbosa (1956) apresenta a seguinte estrutura:

- (35) *oîepé-îepé*
 ‘um a um’
 (36) *mokô'-mokôî*
 ‘dois a dois’
 (37) *mosapy'-sapyr*
 ‘três a três’

- (38) *irundy'-rundyk*
'quatro a quatro'

(BARBOSA, 1956, p. 100)

Barbosa (1956, p. 100) também descreve os advérbios numerais, afirmando que os numerais e palavras afins, antepostos ao verbo, se adverbializam, como em:

- (39) *mokôî o-kanhem*
'desapareceu duas vezes'
(40) *moby-r-pe ere-no-nhen?*
'quantas vezes o corrigiste?'
(41) *nã*
'tantas vezes'
(42) *oîepé*
'todos juntos, à uma'

(BARBOSA, 1956, p. 100)

Observe-se que a falta dos respectivos nomes não significa que o tupi não tenha a ideia de número superior a quatro. Segundo Barbosa (1956, p. 100), em uma “economia e comércio primitivos, pouca utilidade havia de maior precisão matemática. Quando fosse o caso, entendiam-se por sinais ou circunlóquios - Assim, às nossas línguas falta às vezes o nome exato de uma cor, que entretanto distinguimos de qualquer outra”.

Conforme Pontes (1981, p. 24), “os indígenas, para exprimir a ideia de cinco, mostravam a mão, isto é, os cinco dedos; para o número dez, as duas mãos; duas mãos e um pé valiam quinze; duas mãos e dois pés seriam vinte”. Mais tarde, segundo o autor, os colonizadores desenvolveram os termos para designar os números pelo sistema decimal, dizendo-se dez e um, dez e dois etc.

Ainda de acordo com Pontes (1981, p. 24), os *cinco* primeiros números no tupi eram representados pelas seguintes expressões:

- (43)
1 – *Iepê* (ele só) ou *Moiepé*
2 – *Mocoin* (fez par)
3 – *Moçapyr* (faz vértice)
4 – *Irundyc* ou *Irundyca* = 4.º
5 – *Ambó* (a mão que tem cinco dedos)

(PONTES, 1981, p. 24)

Pontes (1981, p. 24) esclarece que, no tupi colonial empregava-se *eté* (muitos), para enfatizar a pluralidade, com o apagamento da letra **a** final das paroxítonas, como ocorre em 44 e 45:

- (44) *pirá* (peixe) = *piraetá* (peixes)
(45) *paca* (paca) = *pak'etá* (pacas)

(PONTES, 1981, p. 24)

Por fim, diante dos números ordinais, basta pospor o sufixo *-uara* às denominações dos números: *iepêuara* (o primeiro); *mocaiuara* (o segundo); *moçapyrauara* (o terceiro), ou também, *ypy* (primeiro); *mocõia* (segundo); *moçapyra* (terceiro); *irundica* (quarto).

3.1.1.4 Pronome

Sampaio (1928) descreve seis tipos de pronomes que marcam a língua tupi: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. O quadro 13, a seguir, resume os principais pronomes em tupi, com suas indicações de uso.

Quadro 13 - O Pronome no tupi em Sampaio (1928)

PRONOME	DESCRIÇÃO
Pronomes pessoais	Os pronomes pessoais dividem-se em singular e plural. No singular, os principais pronomes são: <i>ichê</i> , <i>chê</i> ou <i>xê</i> (eu); <i>ndê</i> , <i>inê</i> (tu); <i>i</i> (ele, ela). No plural, são: <i>iandê</i> ou <i>ore</i> (nós); <i>penhê</i> ou <i>pê</i> (vós); <i>i</i> (eles, elas); <i>xearama</i> , <i>chearama</i> (a mim ou para mim); <i>xeirúmo</i> (comigo); <i>ndearama</i> (a ti ou para ti); <i>ndeirúmo</i> (contigo); <i>iandearama</i> (a nós ou para nós) e <i>iandê-irúmo</i> (conosco).
Pronomes possessivos	Os pronomes possessivos são como os pessoais e se assemelham aos adjetivos da mesma classe. Ex.: <i>xê</i> ou <i>chê</i> (o meu); no plural, <i>xeretá</i> (os meus); <i>ndê</i> (o teu); <i>ndêtá</i> (os teus); <i>iandetá</i> (os nossos); <i>pendetá</i> (os vossos) e <i>iaetá</i> (os deles).
Pronomes demonstrativos	Os pronomes demonstrativos são como os adjetivos da mesma classe. Ex.: <i>ahê</i> (este), <i>aôa</i> (estes); <i>aéaé</i> , <i>aébaé</i> (esse mesmo, esse).
Pronomes relativos	Os pronomes relativos são alocados sobretudo no fim da frase: <i>uaá</i> (que, o qual, os que, os quais, as quais). Por exemplo: a mulher que é bonita, no tupi, <i>cunhã poranga uaá</i> (mulher bonita que).
Pronomes interrogativos	Ex.: <i>auá?</i> (quem, qual, que coisa); <i>auá-uaá?</i> (quem, qual deles, quais); <i>madá?</i> (que, qual, quais, que coisa); <i>mad-táa?</i> (que, a que).
Pronomes indefinidos	Ex.: <i>auá-amô</i> (alguém); <i>nitio auá</i> (ninguém); <i>opabinhê</i> (tudo); <i>nitio-mbaê</i> (nada).

Fonte: Elaboração da autora com base em Sampaio (1928, p. 34-36).

Observa-se, no quadro, a inclusão dos afixos pronominais de flexão verbal. Esses tipos de afixos, morfemas presos que marcam a flexão verbal, serão tratados no tópico que versa sobre os verbos (ver seção 3.1.1.5).

Segundo Fernandes (1960, p. 1144), o pronome, no tupi, é também denominado de sujeito, definido como “a palavra que se coloca em lugar do nome, indicando ao mesmo tempo as pessoas gramaticais [...], antepõem-se sempre aos tempos verbais”.

Já Navarro (2005, p. 37) informa que “as formas dos pronomes demonstrativos do tupi traduzem também isto, isso ou aquilo do português. Alguns que já terminam em vogal podem ter um de tais significados sem precisar de sufixos”. Quanto aos pronomes

personais, eles também podem ser usados com as posposições e as locuções pospositivas, como nos exemplos 46 e 47:

- (46) *o-sykyié nde suí Anhanga (...)*.
‘O diabo tem medo de ti.’
(47) (...) *nde irũnamo a-ĩkó (...)*
‘Contigo estou’

(NAVARRO, 2005, p. 46)

O autor ainda declara que, em Tupi Antigo, os pronomes pessoais servem como sujeito e dividem-se em duas séries, como mostra o quadro 14 a seguir.

Quadro 14 - Os pronomes pessoais no tupi em Navarro (2005)

PRIMEIRA SÉRIE		SEGUNDA SÉRIE	
ixé	- eu	Xe	- eu
endé	- tu	nde ou ne	- tu
a'e	- ele, ela	I	- ele, ela
oré	- nós (excl.)	Oré	- nós (excl.)
ĩandé	- nós (incl.)	Ĩandé	- nós (incl.)
peẽ	- vós	Pe	- vós
a'e	- eles, elas	I	- eles, elas
asé	- a gente; nós todos		

Fonte: Elaboração da autora com base em Navarro (2005, p. 33).

Com adjetivos predicativos, de acordo com Navarro (2005, p. 33), usam-se preferencialmente os pronomes pessoais da segunda série. O pronome I de 3ª pessoa só se usa com eles. Por exemplo:

- (48) *xe porang* ‘eu (sou) bonito’
(49) *nde porang* ‘tu (és) bonito’
(50) *i porang* ‘ele (é) bonito’
(51) *oré porang* ‘nós (somos) bonitos’ (excl.)
(52) *ĩandé porang* ‘nós (somos) bonitos’ (incl.)
(53) *pe porang* ‘vós (sois) bonitos’
(54) *i porang* ‘eles (são) bonitos’.

(NAVARRO, 2005, p. 33)

Já com os substantivos são usadas as duas séries, menos o pronome I, que, na função de sujeito, só se usa com adjetivos. Podem vir antes ou depois do substantivo, como nos seguintes exemplos:

- (55) *xe morubixaba* ‘eu (sou) o cacique’
(56) *ixé morubixaba* ‘eu (sou) o cacique’
(57) *morubixaba ixé* ‘o cacique (sou) eu’

(NAVARRO, 2005, p. 33)

Navarro (2005, p. 46) conclui que “em tupi não existem pronomes possessivos nem adjetivos possessivos. Os possessivos são pronomes pessoais em relação genitiva (que se obtém, em tupi, invertendo-se o nome da coisa possuída e o nome do possuidor: faca de Pindobuçu: **Pindobusu kysé**)”. Observe os exemplos a seguir:

- (58) *xe anama* de mim família ‘**minha** família’
 (59) *nde ygara* ou *ne ygara* de ti canoa ‘**tua** canoa’
 (60) *i taba* dele aldeia ‘**sua** aldeia’ *o taba* dele próprio aldeia ‘**sua** própria aldeia’
 (61) *oré anama* (excl.) de nós família ‘**nossa** família’ (não inclui as pessoas com quem se fala)
 (62) *îandé anama* (incl.) de nós família ‘**nossa** família’ (i.e., inclui as pessoas com quem se fala)
 (63) *Asé anama* da gente família ‘família **nossa**’ (minha, tua, dele) pessoas (1ª, 2ª e 3ª)

(NAVARRO, 2005, p. 46)

Os pronomes possessivos, em tupi, são apresentados no quadro 15 a seguir.

Quadro 15 - Os pronomes possessivos no tupi em Navarro (2005)

PRONOMES POSSESSIVOS	PORTUGUÊS
xe	- meu, minha, meus, minhas
nde ou ne	- teu, tua, teus, tuas
i	- seu, sua, seus, suas; dele, dela, deles, delas
o	- seu próprio, seus próprios, sua própria, suas próprias
oré	- nosso, nossa, nossos, nossas (exclusivo)
îandé	- nosso, nossa, nossos, nossas (inclusivo)
asé	- nosso, nossa, nossos, nossas (universal)
pe	- vosso, vossa, vossos, vossas

Fonte: Elaboração da autora com base em Navarro (2005, p. 46).

3.1.1.5 Verbo

De acordo com Sampaio (1928, p. 36), “o verbo, no tupi, não se conjuga, como no português, por modificação na terminação, mas por anteposição de partículas”. No português, por exemplo, o verbo matar se conjuga: mat-o, mat-as, mat-a, mat-amos, mat-ais, mata-am. No tupi, o verbo *jucá* (matar) é conjugado da seguinte forma: a-jucá, re-jucá, o-jucá, ya-jucá, pe-jucá, o-jucá e então se conjuga com os pronomes, como pode-se observar no quadro 16:

Quadro 16 – Conjugação do verbo matar no tupi em Sampaio (1928)

TUPI	PORTUGUÊS
Chê ajucá	Eu mato
Ndê rejucá	Tu matas
I ojucá ou ahé ojucá	Ele mata
Ianê yajucá	Nós matamos
Penhê pejucá	Vós matais
I ojucá ou aetá ojucá	Eles matam

Fonte: Elaboração da autora com base em Sampaio (1928, p. 37).

Seguindo a linha de pensamento de Sampaio (1928, p. 37-38), há, no tupi, verbos ativos, passivos, neutros e absolutos. Todos têm as suas formas negativas e se conjugam por meio de partículas que se lhes antepõem. O autor pondera que, “no geral, a voz nua dos verbos é sempre a mesma ao exprimir os diversos tempos, presente, pretérito imperfeito, perfeito e mais que perfeito”. Para a coerência do sentido, quanto ao tempo do verbo, empregam-se, então, certas partículas e advérbios, como mostra o quadro 17 a seguir.

Quadro 17 – O verbo no tupi em Sampaio (1928) (continua)

VERBO	PARTÍCULAS E ADVÉRBIOS
Pretérito imperfeito do indicativo	Partícula <i>aéreme</i> posposta ao verbo no presente. Ex.: <i>Ajucá</i> (eu mato); <i>Ajucá-aéreme</i> (eu matava).
Pretérito perfeito do modo indicativo	Partícula <i>umã</i> , que exprime – já. Ex.: <i>Ajucáumã</i> (eu matei).
Pretérito mais que perfeito	Partículas <i>aéreme</i> e <i>umã</i> (simultaneamente). Ex.: <i>Ajucá umã aéreme</i> (já eu tinha morto ou matara).
Futuro imperfeito	Partícula <i>ne</i> (em um tempo fixo). Ex.: <i>Ajucáne</i> (eu matarei).
Modo imperativo	O presente se exprime pela seguinte forma: <i>Ejucá</i> (mata tu); <i>Tojucá</i> (mate ele); <i>Tiajucá</i> (matemos nós); <i>Pejucá</i> (matai vós); <i>Tojucá</i> (matem eles).
Modo conjuntivo	No presente, no imperfeito, no pretérito, no mais que perfeito e no futuro, a forma é a mesma. Ex.: <i>jucá</i> (matar), o conjuntivo é <i>jucáreme</i> .
Modo infinitivo	O verbo no modo infinitivo, presente, aparece sem notas e vale até por um substantivo. Ex.: <i>jucá</i> (matar). O pretérito e o mais que perfeito se exprimem com a partícula <i>agoéra</i> . Ex.: <i>jucáagoéra</i> . O futuro e o supino em <i>dum</i> se exprimem com a partícula <i>rama</i> ou <i>ðama</i> . Ex.: <i>jucarama</i> ou <i>jucáðama</i> (haver de matar). O futuro imperfeito do infinitivo é <i>Jucarambôéra</i> . O supino passivo ou particípio faz <i>Ijucapyrama</i> (o que há de ser morto), e o gerúndio e o supino fazem <i>Jucabo</i> (a matar, para matar, matando).
Modo mandativo	No modo mandativo, há, apenas, a forma futuro, para as terceiras pessoas. Ex.: <i>Terejucáne</i> (matarás tu); <i>Tapejucáne</i> (matareis vós outros).
Modo optativo	No modo optativo, os diversos tempos se formam com o indicativo, acrescentando a expressão <i>Temomã</i> (oxalá). Ex.: <i>Ajucátémomã</i> (oxalá matasse eu), no presente e no imperfeito. No pretérito perfeito e no mais que perfeito, usa-se <i>meimã</i> ou <i>meimomã</i> . Ex.: <i>Erejucámeimã</i> (tiveras tu morto). No futuro, usa-se <i>momã</i> . Ex.: <i>Ajucámomã</i> (oxalá mate eu).
Modo permissivo	No permissivo, presente, diz <i>Tajucá</i> (mas que mate eu); <i>Tojucá</i> (mate ele embora); <i>Tiajucá</i> (mas que matemos). No imperfeito, <i>Ajucamo</i> (eu matara ou mataria). No pretérito perfeito e no mais que perfeito: <i>Ajucaumãmo</i> (já eu teria morto). No futuro, <i>Tajucane</i> (matarei eu embora).
Negativa	A conjugação do verbo pela negativa se faz com as partículas <i>na</i> ou <i>nda</i> , antes do verbo na afirmativa, e a partícula <i>i</i> , no fim, anexando tudo ao verbo. Ex.: <i>ajucá</i> (matar); <i>najucái</i> (não matar).

Quadro 17 – O verbo no tupi em Sampaio (1928) (conclusão)

Verbos auxiliares	Não há, no tupi, o verbo substantivo ser, mas com o emprego adequado de pronomes, todos os nomes ou adjetivos que, conjugados com pronomes, se fazem verbos, incluem, em si, o verbo ser, latente, e o sentido de ter, como no latim. Ex.: <i>guaçú</i> (grande), <i>paguaçú</i> (vós sois grandes).
Verbo na voz passiva	Os verbos ativos fazem-se passivos, no tupi, com o emprego das partículas <i>nhê</i> ou <i>ie</i> . Ex.: <i>Ajúcá</i> (eu mato), na ativa, se faz, na passiva, <i>Aiejucá</i> (eu sou morto).
Verbos reflexivos	Os verbos reflexivos se formam como os passivos, com o emprego das partículas <i>nhe</i> ou <i>ie</i> . Ex.: <i>ajucá</i> (eu mato); <i>Aiejucá</i> (eu me mato).
Do gerúndio-supino e participios nominais	O gerúndio, no tupi, corresponde aos gerúndios latinos em -do, -dum e ao supino. Ex.: <i>apóbo</i> , gerúndio do verbo <i>apó</i> (agir, atuar, fazer), equivale a <i>faciendo, faciendum, factum</i> . Em regra geral, forma-se o gerúndio-supino com a posposição ao tema da partícula <i>bo</i> ou <i>obo</i> . Ex.: <i>jucá</i> (matar), <i>jucábo</i> (matando).
Do participio passado adjetivo	Este participio se forma com o sufixo <i>pyra</i> ou <i>byra</i> junto aos temas verbais transitivos do índice pronominal da terceira pessoa. Ex.: <i>jucá</i> (matar); <i>Ijucápyra</i> (o morto).
Do participio passado substantivo	Este participio se forma com os prefixos: <i>tembí</i> ou <i>temí</i> , <i>rembí</i> ou <i>remí</i> , <i>sembi</i> ou <i>semi</i> , <i>gemi</i> ou <i>gemi</i> . Ex.: <i>temimboé</i> (o ensinado ou o discípulo).

Fonte: Elaboração da autora com base em Sampaio (1928, p. 38-48).

Outra classificação, mais recente em comparação a de Sampaio (1928), foi feita por Barbosa (1956, p. 65). Segundo o autor, há duas conjugações em tupi: “1ª) verbos de pronomes pacientes *xe*, *nde*, *i* etc.; 2ª) de prefixos ou pronomes agentes *a-*, *ere-*, *o-* etc”. Ambas correspondem, respectivamente, a dois tipos de frases: equacionais e narrativas.

O verbo tupi não conhece a noção de tempo: exprime apenas um processo ou ação (ou uma equação, se o verbo é predicativo). Na sua forma geral, o indicativo aplica-se a qualquer tempo. É mais comum traduzir pelo passado. O nosso presente gramatical supõe sempre algo de passado. O futuro, como em nossa linguagem familiar (“eu vou e trago-o”), pode ser expresso pela forma geral. Quando o futuro implica resolução ou desejo de quem fala, confunde-se com o modo deliberativo ou permissivo. É usada também a partícula *-ne*, quando há uma expectativa de quem fala (BARBOSA, 1956, p. 66).

Fernandes (1960, p. 146-147), por sua vez, declara que o verbo é a parte mais original da língua tupi, serve de nexos entre o atributo e o sujeito da oração, afirmando ou negando sua existência, qualidades, modo de ser e a ação que desenvolve ou sofre. O verbo é, sobretudo, “a palavra que exprime uma ação ou um estado, atribuindo em tempo e modo, a uma pessoa ou coisa que se chama sujeito”.

Navarro (2005, p. 108), por seu turno, destaca o tempo nominal em tupi ao afirmar que o verbo não expressa tempo, porém existe o tempo do substantivo.

Em tupi existe o tempo do substantivo. Para tanto, usam-se os adjetivos **RAM** (futuro, promissor, que vai ser) e **PÛER** (passado, velho, superado, que já foi), que recebem, na composição, o sufixo **-A**: **RAM-A**, **PÛER-A**. Eles são tratados, também, como se fossem sufixos, apresentando, então, as formas -

ŪAM(A) [-AM(A)] e -ŪER(A) [-ER(A)] (NAVARRO, 2005, p. 108, grifo do autor).

De acordo com Navarro (2005, p. 108-109, grifo do autor), “há também composições das formas **RAM(A)** e **PŪER(A)**”. O composto -pŭeram(a) é de uso raro. Observe os exemplos, a seguir:

- (64) *ybyrá* ‘árvore’
 - (65) *ybyrá-ram-a* ‘a futura árvore’ ou ‘o que será árvore’ (muda ou arbusto)
 - (66) *ybyrá-pŭer-a* ‘a ex-árvore’ ou ‘a árvore que foi’ (tronco seco caído ou árvore morta)
 - (67) *ybyrá-rambŭera* ‘o que seria árvore’ (mas não o foi), ou seja, um arbusto que alguém cortou antes que se tornasse uma árvore.
 - (68) *Ybyrá-pŭerama* ‘o que terá sido uma árvore’
- (NAVARRO, 2005, p. 108-109)

Navarro (2005, p. 110) destaca ainda a forma substantiva do verbo, em tupi. Para o autor, “se o tema do verbo terminar em vogal, sua forma substantiva é igual a ele. Se terminar em consoante, sua forma substantiva constrói-se com o acréscimo de -A. Se terminar em ditongo decrescente, também se acrescenta -A para se obter a forma substantiva”. Por exemplo:

- (69) (i) *A-só* ‘vou’
 - (ii) *só* ‘ir’ (forma substantiva)
 - (70) (i) *Ere-îuká* ‘matas’
 - (ii) *îuká* ‘matar’ (forma substantiva)
 - (71) (i) *O-guatá* ‘anda’
 - (ii) *guatá* ‘andar’ (forma substantiva)
- (NAVARRO, 2005, p. 110)

De acordo com Navarro (2005, p. 111, grifo do autor), “a forma substantiva verbal em tupi é um autêntico substantivo. O que prova isso é o fato de a forma substantiva do verbo receber os mesmos morfemas **PŪER(A)** e **RAM(A)** que expressam o tempo do substantivo”. Observe os exemplos, a seguir:

- (72) *A-î-potar nde só.* quero tua ida ‘Quero que vás’
 - (73) *A-î-potar nde só-rama.* quero tua futura ida ‘Quero que vás futuramente’
 - (74) *A-î-potar nse só-pŭera.* quis tua passada ida ‘Quis que fosses’
- (NAVARRO, 2005, p. 111)

Concluindo a análise dessa categoria, Navarro (2005, p. 27) declara que “o verbo ser do português muitas vezes não se traduz em tupi antigo”. Por exemplo:

- (75) Quem (és) tu? *abá-pe endé?* (quem) (tu)

(76) O menino é Pedro *Kunumĩ* Pedro (o menino) (Pedro)

(77) Vós sois índios *Peẽ abá* (vós) (índios)

(NAVARRO, 2005, p. 27)

3.1.1.6 Advérbio

Em tupi, os advérbios podem ser agrupados nas seguintes categorias: tempo, lugar, modo, quantidade, comparação, ordem, afirmação, negação, dúvida, interrogação etc. Sem pretender esgotá-los, o quadro 18 reúne exemplos dos principais advérbios, de acordo com Sampaio (1928).

Quadro 18 - O advérbio no tupi em Sampaio (1928)

ADVÉRBIOS	EXEMPLOS
Advérbios de lugar	Ex.: <i>mamé</i> (onde); <i>iké</i> (aqui); <i>mime</i> (ali); <i>arpe</i> (acima); <i>uerpe</i> (abaixo); <i>apé</i> (longe); <i>apé-katu</i> (lá longe).
Advérbios de tempo	Ex.: <i>mairaré</i> (quando); <i>koité</i> (então); <i>ajii</i> ou <i>uhy</i> (hoje); <i>uirandé</i> (amanhã); <i>kisé</i> (ontem); <i>amôkisé</i> (anteontem); <i>kury</i> (já, agora); <i>ariry</i> (depois); <i>ranhé</i> (ainda).
Advérbios de quantidade	Ex.: <i>uelepe</i> (muito, bastante); <i>amoiré</i> (mais); <i>chinga</i> (menos, apenas); <i>pau</i> ou <i>pauué</i> (tão, tanto); <i>muôre</i> (quão, quanto); <i>reté</i> (demais); <i>nhum</i> (só); <i>nhonte</i> (somente); <i>mirente</i> (quase); <i>upaem</i> (assás).
Advérbios de modo	Ex.: <i>catuente</i> ou <i>ecatú</i> (bem); <i>meoán</i> (mal); <i>yauê</i> (assim); <i>mahy</i> (como); <i>empó</i> (talvez). Em geral, os advérbios de modo terminados em “mente” formam-se pospondo-se aos substantivos ou adjetivos o sufixo <i>rupy</i> ou <i>retê</i> . Ex.: <i>meuê-rupy</i> (vagarosamente).
Advérbios de afirmação	Ex.: <i>heen</i> (sim); <i>çupi catú</i> (certamente); <i>çupirupy</i> (realmente).
Advérbios de designação	Ex.: <i>cocicôi</i> (eis, eis aqui).
Advérbios de interrogação	Ex.: <i>maiabê?</i> (como?); <i>mbaé recê?</i> (por quê?); <i>mbaé-ramé?</i> (quando?).
Advérbios de negação	Ex.: <i>ani</i> , <i>nitio</i> , <i>enti</i> , <i>onti</i> , (não); <i>nitio mbaé</i> (nada); <i>áne</i> (nunca).

Fonte: Elaboração da autora com base em Sampaio (1928, p. 52).

Assim, pode-se definir o advérbio como “uma palavra que serve para modificar o verbo, um adjetivo ou mesmo um outro advérbio” (FERNANDES, 1960, p. 223). Todavia, segundo Navarro (2005, p. 45), “alguns demonstrativos têm também a função de advérbios de lugar ou de tempo, recebendo, muitas vezes, posições”, por exemplo:

(78) *kó*
este (ou também, aqui, eis que, eis que aqui)

(79) *akûêi*
aquele

(80) *a'e*
esse, aquele

(81) *akûeipe*
ali

(82) *a'epe*
ali, lá

(83) *a'e riré*
depois

(NAVARRO, 2005, p. 45)

3.1.1.7 Conjunção

No tupi, segundo Fernandes (1960, p. 228), a conjunção “serve para ligar ou indicar a relação que existe entre as partes da oração”. É importante não confundir a conjunção com a preposição. “A preposição apenas indica a relação entre as palavras, ainda mesmo que elas sejam de natureza diversa, enquanto a conjunção exprime a relação entre as orações, ou entre palavras de natureza semelhante” (FERNANDES, 1960, p. 228).

Pontes (1981, p. 34) enumera seis conjunções basilares do tupi:

(84)

- (a) Copulativas: *aé* – e, ainda, também;
- (b) Continuativas: *anhé* – pois, assim é;
- (c) Adversativas: *te, tene* – mas, antes, senão;
- (d) Condicionais: *saé* – se;
- (e) Conclusivas: *coyte* – enfim, então;
- (e) Interrogativas: *mbaé recé* – por quê?

(PONTES, 1981, p. 34)

Para Pontes (1981, p. 34), “os substantivos e pronomes, quando estritamente necessário, se unem pelas preposições *Pabê* (todos, tudo); *Ndi* (com), *Aé*. Os advérbios, igualmente, substituem a conjunção”.

3.1.1.8 Interjeição

Em tupi, há abundância de partículas que exprimem os pormenores de ações e sentimentos. Fernandes (1960, p. 229) esclarece que a interjeição exprime “os movimentos ou afetos de alma, fazendo vazar os sentimentos de dor, de saudade, de admiração etc.”

A interjeição é, sobretudo, a palavra que expressa os sentimentos vivos e espontâneos da nossa alma. Seguem algumas das principais interjeições e partículas afetivas do tupi:

(85)

- (a) *Íu!* ou *Ió* - Ó vocativo feminino
- (b) *Gúé* ou *Gúí* - Ó vocativo masculino (espanto ou zombaria)
- (c) *Té!* - Ó! Êta!
- (d) *Muru* - partícula de maldição, raiva
- (e) *Moxi* - maldito!
- (f) *Acái-!* - oh! Ai! dó, dor, medo (homens)
- (g) *Aké* ou *Aki* - dó, dor, medo (mulheres)
- (h) *Cué* ou *ahem* - oh! Upa! (espanto de homens)

- (e) *Anauê* - salve!
 (f) *Angá* - oh! Oh sim! Oh que bom!

(PONTES, 1981, p. 35)

3.1.1.9 Posposição

No tupi não havia preposições, mas posposições, pois elas, quando usadas, apareciam após as palavras a que se referiam. Assim *pe* (na, no, em), *pupé* (dentro), *sui* (de), *supé* (para, referindo-se a pessoas) aparecem finalizando a palavra como em: *iguape*: *y* = rio + *kuá* = enseada + *pe* = na, ‘na enseada do rio’. Essa informação é ratificada por Sampaio (1928, p. 48) que nomeia a preposição de posposição, pois “as preposições, no tupi, são verdadeiras posposições, porque sempre se empregam após os nomes a que regem. Ex.: *itaçocê* [*itá-çocê*], sobre as pedras; *Tupã-recê*, por amor de Deus, ou por Deus”. Assim, pode-se afirmar que as preposições no tupi, por se colocarem sempre após o nome que regem, devem com toda a propriedade ser chamadas de posposições. O quadro 19 exemplifica o uso das preposições na concepção do autor.

Quadro 19 - As preposições no tupi em Sampaio (1928) (continua)

PREPOSIÇÕES	EXEMPLOS
Áribo	Vale o mesmo que <i>sobre</i> ou <i>em cima</i> . Ex.: <i>ocáribo</i> [<i>oca áribo</i>] (em cima da casa).
Bo	Vale pelo latim <i>per</i> ; <i>pelo</i> , <i>pela</i> . Ex.: <i>iché-bo</i> (por mim ou a mim).
Be, pe, me	Valem pelo latim <i>in</i> , com acusativo, com verbos de movimento. Ex.: <i>açó caápe</i> (vou ao mato).
Çocê	Vale pelas preposições latinas <i>super</i> ou <i>supra</i> . Ex.: <i>itá-çocê</i> (sobre a pedra).
Coty	Vale pelo latim <i>versus</i> ; <i>contra</i> , <i>até</i> . Ex.: <i>camonoçara oçó yaguara coty</i> (o caçador avançou contra a onça).
Çui	Equivale ao latim <i>ex</i> ou <i>de</i> – preposição de ablativo. Ex.: <i>acêm taba çui</i> (eu saio da aldeia).
Çupi (upi, çupi, gupi, rupi)	Equivale ao latim <i>secundum</i> , isto é, <i>como</i> , <i>com</i> etc. Ex.: <i>imena çupi</i> (ao marido, segundo o marido).
Eymebé	Vale pelo latim <i>ante</i> , ou <i>priusquam</i> . Ex.: <i>Nde uatá eymebé che acêm</i> (eu saio antes de partires).
I	Vale latim <i>ad</i> , <i>circa</i> , <i>a</i> , <i>para</i> , <i>em</i> . Ex.: <i>Ajur-i</i> (ao pescoço).
Irúnamo ou Irúmo	Equivale ao latim <i>cum</i> e <i>juxta</i> ; <i>junto</i> , <i>perto</i> , <i>em companhia</i> , <i>com</i> , <i>e</i> . Ex.: <i>ché irúnamo</i> (comigo).
Pocé	Corresponde ao português <i>com</i> , para exprimir uma união íntima. Ex.: <i>che pocé oké</i> (dorme comigo, na mesma cama).
Porupí	<i>Ao longo de</i> , <i>ao lado de</i> . Ex.: <i>Nde porupí aker</i> (durmo ao teu lado, ou ao longo de ti).
Pupé	Corresponde ao <i>in</i> latino, com ablativo, isto é: <i>em</i> , <i>com</i> , <i>a</i> . Ex.: <i>che ygára pupé</i> (na minha canoa).
Pyri	Corresponde a <i>com</i> , <i>para</i> , <i>em</i> , <i>a</i> , equivalendo ao latim <i>ad</i> , com acusativo. Ex.: <i>Açó Cunhambebe pyri</i> (vou ter com Cunhambebe).
Recé	Corresponde ao latim <i>propter</i> ; <i>por causa de</i> , <i>por amor de</i> , <i>à vista de</i> , <i>com</i> , <i>a</i> , <i>para</i> . Ex.: <i>Abá-recé</i> (por amor de alguém).

Quadro 19 - As preposições no tupi em Sampaio (1928) (conclusão)

Ri	Tem o mesmo significado que <i>recé</i> .
Riré, roiré, r,	Correspondem ao latim <i>post</i> ou <i>postquam</i> ; <i>depois, em seguida</i> . Ex.: <i>co riré</i> (depois disto).
Rupi	Corresponde as preposições latinas <i>per, cum, juxta, propter, in</i> . Ex.: <i>yby rupi açó</i> (vou por terra).
Tenondé (enondé, gue nondé, renondé)	Vale pelo <i>ante</i> latino; <i>diante de</i> , preposição <i>que</i> . Ex.: <i>che renondé</i> (diante de mim).
Tobaké ou tobaquê (robaké, hobaké)	Corresponde a <i>coram, apud</i> , no latim, isto é: <i>em presença de, diante de</i> . Ex.: <i>Nde robaké</i> (diante de ti).
Upé ou çupé	Corresponde ao latim <i>ad; para, mas</i> . Ex.: <i>ameê nde ruba çupé</i> (ofereço a teu pai).

Fonte: Elaboração da autora com base em Sampaio (1928, p. 48-51).

Observe-se que as preposições do português correspondem, em tupi, a posposições, porque aparecem depois dos termos que regem. Segundo Fernandes (1960, p. 226-227), a preposição “é uma palavra que por si mesma não tem nenhuma significação completa e exprime apenas a relação que existe entre dois ou mais termos [...]”. Além disso, em tupi as preposições podem ser simples (*Renundé* – antes) ou aglutinadas (*Renundeçui* – antes de).

Segundo Navarro (2005, p. 38), não existe, em tupi, uma posposição correspondente à preposição **de** do português, que exprime uma relação de posse como casa de Pedro, ou outras relações como facas de prata (relação de matéria). Para exprimi-las, porém, basta juntar os dois substantivos em ordem inversa à do português, como faz o inglês, por exemplo, em *Peter's house* (casa de Pedro) ou como faz o alemão em *Volkswagen* (carro do povo). Para o autor, em tupi, a relação que leva, em português, a preposição **de** entre dois substantivos e que exprime posse é denominada de *genitivo ou determinante*. Essa relação pode ser observada nos seguintes exemplos:

- (86) *Pindobusu sy*
mãe de *Pindobuçú*
- (87) *tatu 'y*
rio do *tatu*
- (88) *îakaré 'y*
rio do *jacaré*
- (89) *'y kuá*
enseada do rio
- (90) *peró ygarusu*
navio dos portugueses
- (91) *abá nhe'enga*
língua dos índios

(NAVARRO, 2005, p. 38)

Conforme Navarro (2005, p. 25), “as preposições do português correspondem, em tupi, a posposições, porque aparecem após os termos que regem. Há posposições átonas, que aparecem ligadas por hífen, mas a maior parte delas é tônica, vindo separadas dos termos que regem”. Por exemplo:

Quadro 20 - As posposições no tupi em Navarro (2005)

POSPOSIÇÕES	SIGNIFICADOS	EXEMPLOS
PE	em, para (geralmente locativo). É posposição átona.	'y <i>kûá-pe</i> – na enseada do rio, para a enseada do rio siri 'y- <i>pe</i> – no rio dos siris, para o rio dos siris <i>îakaré</i> 'y- <i>pe</i> – no rio dos jacarés, para o rio dos jacarés <i>ygarusu-pe</i> – no navio, para o navio tatu 'y- <i>pe</i> – no rio dos tatus, para o rio dos tatus
SUPÉ	para (dativo) – só para a 3ª pessoa	<i>peró supé</i> – para o português <i>abá supé</i> – para o índio <i>morubixaba supé</i> – para o cacique <i>Pedro supé</i> – para Pedro
UÍ	de (proveniência, causa)	'y <i>kûá suí</i> – da enseada do rio <i>îakaré</i> 'y <i>suí</i> – do rio dos jacarés tatu 'y <i>suí</i> – do rio dos tatus <i>Nhoesembé suí</i> – de <i>Nhoesembé</i> (antigo nome de Porto Seguro, BA)
PUPÉ	dentro de	<i>ygarusu pupé</i> – dentro do navio <i>îagûara kûara pupé</i> – dentro da toca da onça <i>oka pupé</i> – dentro da casa

Fonte: Elaboração da autora com base em Navarro (2005, p. 25).

Ainda segundo Navarro (2005, p. 26), “o adjetivo **etá** (muitos, muitas) vem sempre posposto, formando uma composição com o substantivo. Faz cair o -A átono final do substantivo com o qual se compõe”, como exemplificado a seguir.

- (92) *pak(a)-etá* > *pak-etá* – muitas pacas
 (93) *peró-etá* – muitos portugueses
 (94) *abá-etá* – muitos índios
 (95) *morubixaba(a)-etá* > *morubixaba-etá* – muitos caciques
 (96) *ygarusu-etá* – muitos navios
 (97) *gûyrá-ting(a)-etá* > *gûyrá-tinga-etá* – muitas garças
 (NAVARRO, 2005, p. 26)

As posposições podem ser acompanhadas por pronomes reflexivos ou recíprocos, como nos exemplos que seguem:

- (98) *A-î-mosem Anhanga xe îo-suí* (ou *xe îe-suí*)
 ‘Faço sair o diabo de mim mesmo’ (posposição reflexiva)
 (99) *E'ikatupe o îo-esé omendá?*
 ‘Podem casar-se um com o outro?’ (posposição recíproca)

(NAVARRO, 2005, p. 436)

Por fim, os exemplos apresentados nesta seção evidenciam a produtividade do léxico de origem tupi na língua portuguesa, sobretudo em topônimos compostos e derivados morfologicamente híbridos. Em seguida, são apresentados alguns apontamentos sobre a estrutura das palavras e, subsequentemente, sobre o processo de formação de novas palavras.

3.2 Estrutura das palavras

Em tupi, “como a maioria das línguas, a palavra pode ser um aglomerado de dois ou mais elementos semânticos” e “chamam-se morfemas os últimos elementos de sentido próprio – embora nem sempre de uso autônomo – que integram palavras e frases” (BARBOSA, 1956, p. 392).

Observando-se a estrutura das palavras, na língua tupi, nota-se que, assim como no português, os morfemas se dividem em radicais e afixos (prefixos e sufixos). De acordo com Barbosa (1956, p. 392), “o radical denomina um ser (nome) ou um processo (verbo). Os afixos: 1º) acrescentam precisões de gênero, número, grau, tempo, modo, pessoa, caso etc., 2º) formam novos temas de verbos e nomes”.

Os afixos, segundo Barbosa (1956, p. 392), dividem-se em derivacionais (criam temas de nomes ou de verbos) e paradigmáticos (formam paradigmas nominais e verbais por meio de relações gramaticais). Os derivacionais dizem respeito a conceitos concretos do âmbito da palavra, enquanto os paradigmáticos referem-se a conceitos de relação do âmbito da oração.

Barbosa (1956) defende que há quatro tipos de afixos derivacionais em tupi:

Quadro 21 - Os afixos derivacionais no tupi em Barbosa (1956)

TIPO	EXEMPLOS
Os nominais, que de nomes formam nomes	Ex.: pref. á-, apá-, apé-, pó-, py-; suf. -ĩ, -gûasu ou -usu, -eté, -tyb.
Os nominais, que de nomes formam verbos	Ex.: pref. mo-, ro-.
Os verbais, que de verbos formam nomes	Ex.: pref. mbi-, suf. -sar/, -sab/, -bae, -sûar/, -sûer/, -por/, -bor/.
Os verbais, que de verbos formam verbos	Ex.: pref. mo-, ro-, suf. -ukar e a reduplicação.

Fonte: Elaboração da autora com base em Barbosa (1956, p. 393).

Os paradigmáticos, por sua vez, são afixos pessoais e verbais de modo (*ta-*, *-mo*), tempo (*-ne*), negação (*nda-*, *-i*), interrogação (*-pe?*), de ilação (*-te*), conexão (*-no*),

subordinação (-i, û-). Por fim, há ainda os nominais de tempo (*raml*, *pûerl*), negação (*eyml*), número (*etá*) e abundância (*tybl*) (BARBOSA, 1956, p. 393).

A distinção entre verbo e nome, conforme Barbosa (1956, p. 393), não é nítida, pois todo nome pode tornar-se verbo predicativo e todo verbo no infinitivo é um nome. Ambos os morfemas parecem ter dois *status*: verbal e nominal. Além disso, o autor ressalta que alguns afixos estão no limite entre afixos e radicais, por exemplo: *á*, *apá*, *apé*, *pó* e *py* são quase-afixos. Um caso especial é marcado pelo sufixo nominal -a, não vocativo, sempre final e que só aparece junto a temas¹⁰² terminados em consoante ou em semivogal.

Conforme Barbosa (1956), existem quatro elementos estruturais principais na língua tupi:

3.2.1 Raiz/Radical

Elemento mínimo, básico e significativo que contém o sentido central da palavra e dá o significado geral a todas as palavras da mesma família, visto sob um aspecto gramatical e prático.

3.2.2 Tema

Radical modificado ou enriquecido por uma vogal ou sílaba, capaz de receber sufixos, desinências, adjetivos e posposições. Segundo Navarro (2005, p. 23), “tema é a forma do vocábulo sem prefixos nem sufixos. Pode ser tema nominal (de substantivo ou adjetivo) ou tema verbal”, como mostram os exemplos a seguir.

(100)

(a) *ygar-a ygar*: tema nominal canoa

(b) *sem-a sem*: tema verbal sair, a saída

(NAVARRO, 2005, p. 23)

3.2.3 Afixo

Partícula ou sílaba afixada, presa ao radical, no começo ou no fim da palavra que modifica o seu sentido. Quando o afixo anteceder o radical há um prefixo e, quando o

¹⁰² Barbosa (1956, p. 393) destaca a importância de não se confundir *radical* com *tema*: “o radical é o elemento principal, isolado de todos os afixos, enquanto o tema pode constar afixos”.

seguir, ocorre um sufixo. Segundo Barbosa (1951, p. 182-183), os prefixos e sufixos que mais integram nomes derivados são os seguintes: 1) Prefixos: *mo- ou mbo-, r(o)- ou no-, por(o)-, po-, mor(o)-, mbor(o)-, pe-, pend-; opo-, i-, ij-, j-; inh-, nh-; s, t-, jo- ou nho-; joss- ou nhoss-, o-, ogu-, og-, gu-, g-, mbaé, te- ou t-, se- ou s-, xe; a-; güi-, nde, ne, de; ere-; e-; oro-, ja- ou nha-, oré; oro-, güe-, -e-, je- ou nhe-, jo- ou nho-, mi- ou mbi-, re- ou r-, nda-, nd-, na-, n-, ta-, t-.* 2) Sufixos: *saba, aba, taba, -ma, -ba, sara, ara, tara, ana, pyra, mbyra, -bae, pora, bora, tyba, ndyba, suara, xuara, nduara, guara, guana, suera, xuera, nduera, puera, uera, era, nduera, mbuera, rama, ama, ucara, eyma, -ne, -a, -i, -u, -pe, -be, -me, -bo, -i, -pe?, -ne, -reme, -neme, -eme, -me, -e, -bo, -mo, -abo, amo, -a, -no, -ete, -ramo, -namo, -amo, -i, -mo.* Ainda segundo o mesmo autor, “as formas precedidas de hífen são átonas e enclíticas [...] alguns afixos, como -i, vêm indicados mais de uma vez: sinal que têm várias funções”.

3.2.4 Desinências

As desinências são elementos terminais indicativos das flexões das palavras. “No gerúndio, ante a desinência *abo*, procedem diferentemente as vogais abertas e as fechadas. Estas (i, u, y) se semivocalizam; aquelas (a, e, o) elidem o a inicial do sufixo”. (BARBOSA, 1956, p. 417).

Abertas	Fechadas
<i>îuká + abo = îuká-bo</i>	<i>apiti + abo = apitî-abo</i>
<i>mbo-é + abo = mbo-é-bo</i>	<i>mo-pu + abo = mo-pû-abo</i>
<i>mo-ndó + abo = mo-ndó-bo</i>	<i>apy + abo = apý-abo</i>

(BARBOSA, 1956, p. 417)

Ainda segundo a autora, “a semivocalização pode dar-se também nos verbais (s)ara e (s)aba: *apiti-sara, apiti-saba ou apitî-ara, apitî-aba*” (BARBOSA, 1956, p. 417).

3.3 Classificação das palavras

Em termos de estrutura das palavras, Barbosa (1956, p. 395) descreve dois tipos básicos:

3.3.1 Palavras primárias

São subdivididas em *palavras-morfemas* (consistem em um só morfema), como em: *y, á, pirá* (cpr. port. sol, homem, azul) e *palavras derivadas primárias* (contém mais de um elemento dependente), por exemplo: *ro-bîar, mo-nhang* (cpr. port. re-ceb-er, perceb-er).

3.3.2 Palavras secundárias

Subdivididas em *palavras derivadas secundárias* (contém um elemento independente e outros dependentes), como: *îuká-sara, a-î-pysyk* (cpr. port. dorm-i, velh-inh-o) e *palavras compostas* (contém mais de um elemento independente), por exemplo: *mbaé-atá, gûyrá-îagûara* (cpr. port. ponta-pé, couve-flor).

O item que segue discute os conceitos gerais do processo de formação de palavras em tupi, com base em Barbosa (1951; 1956) e em Fernandes (1960).

3.4 Formação de palavras

As palavras que compõem o léxico da língua tupi, assim como na língua portuguesa, são formadas principalmente por dois processos morfológicos: derivação e composição. Barbosa (1956, p. 399) esclarece que *derivação* é o processo pelo qual, da justaposição de dois ou mais morfemas, um radical e afixos, formam uma terceira palavra independente, relacionada pelo sentido com o elemento independente formador, como em: *mo-nhang* (fazer) + *ara*: suf. = *mo-nhang-ara* (o que faz).

Já a *composição*¹⁰³ é descrita por Barbosa (1956, p. 399) como uma justaposição íntima de dois elementos não dependentes que resulta em um terceiro elemento não dependente, de sentido próprio, que se comporta como elemento simples, como no exemplo: *eir-uba* = abelha (*eira* mel + *uba* pai).

Para tanto, Barbosa (1956, p. 398-399) caracteriza a *justaposição* como “o processo pelo qual se colocam em sequência imediata, sem pausa, dois ou mais morfemas, para exprimirem um ou mais conceitos gramaticais”, por exemplo: *morubixaba py* (o pé do chefe). Por sua vez, a *aglutinação*, denominada pelo autor de *incorporação*, é considerada “uma justaposição íntima de dois elementos não-dependentes, que conservam cada qual o seu sentido próprio, perdendo, porém, o primeiro – quando o tem

¹⁰³ “Nem sempre é fácil distinguir os casos de composição e de aglutinação ou incorporação” (BARBOSA, 1956, p. 399).

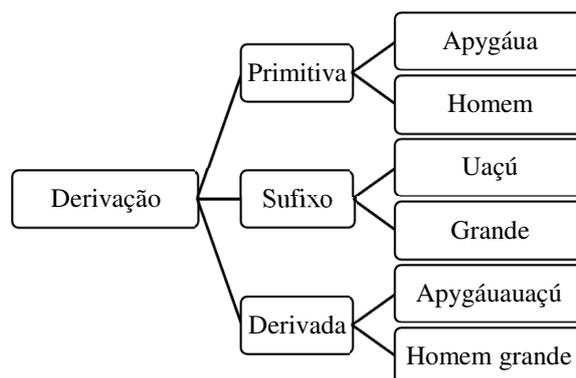
– o sufixo **-a** (nominal ou infinitivo), ou, diante de consoante, a última sílaba átona”, por exemplo: *pirá-ú* (comer peixe) = (*pirá* + *ú*).

Por outro lado, Fernandes (1960, p. 229-230) defende que as palavras no tupi, “em relação à *derivação* e *composição*, distinguem-se pelos seus *elementos morfológicos*, que são: radical e afixos”. Com efeito, pode-se afirmar que uma característica notável na formação de palavras em tupi é o uso de processos morfológicos produtivos de derivação e composição.

3.4.1 Conceito de derivação

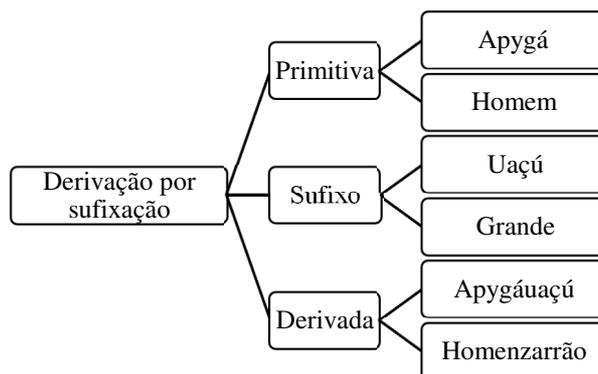
Fernandes (1960, p. 229-230) esclarece que “a *derivação* é o modo pelo qual uma palavra se forma de outra, sendo que a primeira é a primitiva e a segunda é a *derivada*”. Esse processo é representado, a seguir:

Figura 9 - Derivação no tupi



Fonte: Elaboração da autora com base em Fernandes (1960, p. 230).

Na perspectiva de Fernandes (1960, p. 230), “verifica-se que o *sufixo*, no idioma tupi, ou é formado por um adjetivo ou por uma desinência e vem sempre posposto ao *tema*”. Essa assertiva é muito clara na exemplificação da figura 9, em que o sufixo e adjetivo *uaçu* é posposto ao substantivo *apygáua*, evidenciando a derivação como o acréscimo de um afixo a uma raiz. Na sequência, a figura 10 apresenta uma amostra desse fenômeno:

Figura 10 - Derivação por sufixação no tupi

Fonte: Elaboração da autora com base em Fernandes (1960, p. 230).

Nas figuras 9 e 10, tem-se uma formação por aglutinação, isto é, uma união de duas ou mais palavras em uma nova unidade léxica. Em *apygáuaçu*, temos uma palavra formada por composição, que, no tupi, é o agrupamento de mais de um elemento formando uma só palavra com novo significado. Assim, *apygáuaçu* pode ser tanto *homenzarrão* como *homem grande* ou *grande homem*, ao passo que *apygáuaçu*, como forma aglutinada, só pode ser *homenzarrão* (FERNANDES, 1960, p. 230).

Na sequência, é discutido o conceito de composição de forma mais detalhada, fundamentalmente pelo fato de o tupi ser uma língua aglutinante e, também, por ser o fenômeno de maior recorrência no *corpus* analisado.

3.4.2 Conceito de composição

Como já observado, a composição é particularmente relevante, considerando que o aspecto mais produtivo da toponímia indígena está relacionado aos topônimos compostos. Nas próximas seções, esse processo será descrito conforme a posição de dois autores.

3.4.2.1 - Composição em tupi – Barbosa (1951)

O conceito de composição, apresentado nesta seção, fundamenta-se no opúsculo *Pequeno vocabulário Tupi-Português* (BARBOSA, 1951, p. 168-202). Para o mesmo autor (1951, p. 177), os casos mais comuns de composição são: “1º) substantivo + adjetivo; 2º) substantivo + substantivo; 3º) substantivo + verbo e 4º) adjetivo ou verbo +

advérbio”. Geralmente, “em toda e qualquer composição, o primeiro elemento, sendo oxítono, conserva-se inalterado; sendo paroxítono, diante de vogal perde a última vogal; diante de consoante, perde a última sílaba”. Isso pode ser observado nos exemplos a seguir:

- (101) *itá + piranga = itapiranga*
 ‘pedra’ ‘vermelho’ ‘pedra vermelha’
 (102) *ybaka + oby = ybacoby*
 ‘céu’ ‘azul’ ‘céu azul’
 (103) *aba + uma = abuna* “cabelo preto”
 ‘cabelo, pluma, pena’ ‘preto’ ‘cabelo preto’
 (104) *nheenga + atã = nheengatã*
 ‘falar, voz’ ‘duro’ ‘falar duro ou alto’

(BARBOSA, 1951, p. 177)

Barbosa (1951, p. 9) reconhece, contudo, que topônimos de origem tupi não são palavras genuínas do tupi, mas sim palavras de origem tupi. O topônimo *Pernambuco*, por exemplo, resulta de uma alteração luso-brasileira de *Paranambuca*. “Num vocabulário Tupi há-se de procurar *Paranambuca* (ou seus elementos componentes) e não *Pernambuco*”. Pode ocorrer, portanto, que um tupinista não consiga explicar certos topônimos de origem tupi, assim como um conhecedor de português, latim e grego talvez não saiba dar razão à grande parte dos topônimos portugueses de origem greco-romana, quão profundas são as alterações fonéticas por que passaram.

Na sequência, apresenta-se uma síntese acerca da concepção de Rodrigues (1951) sobre o processo de composição em tupi, dentro do estritamente indispensável.

3.4.2.2 Composição em tupi – Rodrigues (1951)

Neste item, apresenta-se um resumo da obra *A composição em tupi*, de Rodrigues (1951, p. 3-8). Conforme Rodrigues (1951), um dos aspectos mais importante do tupi antigo, para quem deseja realizar investigações etimológicas, é, sem dúvida, o processo de composição, por tratar-se de uma língua predominantemente incorporante. O autor realiza uma tentativa de sistematização da composição em tupi e, de início, reitera que “a etimologia, como ciência linguística bem caracterizada, tem seu método e seu rigor muito próprios”. Pautando-se em Dauzat, o autor pondera que a etimologia “é sem dúvida o mais sedutor aspecto da linguística, todos os que se apanham com um vocabulário indígena nas mãos entregam-se afoitamente à tarefa de ‘fazer etimologia’ [...]” (RODRIGUES, 1951, p. 1-2).

Para Rodrigues (1951, p. 4, grifo do autor), a composição se distingue em dois aspectos: a) composição propriamente dita e b) incorporação. Segundo o autor, “a composição propriamente dita é aquela em que se reúnem dois ou mais temas para formar um novo substantivo, que se comporta na frase como qualquer substantivo simples. Os compostos são de dois tipos: **determinativos** e **atributivos**”. Os primeiros “são constituídos por temas de substantivos, dos quais o primeiro é o determinante e o segundo o determinado” (RODRIGUES, 1951, p. 4-5), como pode ser observado nos exemplos 105 a 107:

- (105) t. *pirá* + t. *ñandy* = *piráñandy*
 ‘peixe’ ‘óleo’ ‘óleo de peixe’
 (106) t. *mberú* + t. *ay’r* = *mberúay’ra*
 ‘mosca’ ‘filho’ ‘vareja’
 (107) t. *mén* + t. *sy* = *méndy*
 ‘marido’ ‘mãe’ ‘sogra’

(RODRIGUES, 1951, p. 4-5)

De acordo com Rodrigues (1951, p. 5), “a um composto determinativo pode reunir-se novo tema, que o determina, por exemplo: *atá* ‘fogo’ + t. *endy* ‘luz’ = *atáendy* ‘luz do fogo’ + t. *urú* ‘recipiente’ = *atáendy’urú* (forma absoluta *tatáendy’urú*) ‘candieiro’”. Nos compostos atributivos, por sua vez,

O primeiro elemento é o determinado e o segundo o determinante; este exprime um atributo daquele. O determinado sempre é um tema de substantivo, o determinante pode ser um tema de substantivo ou um tema verbal. Quando o determinante é tema de substantivo, o composto pode ser **apositivo** ou **possessivo** (RODRIGUES, 1951, p. 5, grifo do autor).

Ainda segundo Rodrigues (1951, p. 5), “é apositivo o composto em que o determinante funciona como simples aposto do terminado”, como nos exemplos:

- (108) t. *ybá* + t. *kamusí* = *ybákamusí*
 ‘fruta’ ‘pote’ ‘fruta-pote’
 (118) t. *guyrá* + t. *iaguár* = *guyráiaguára*
 ‘pássaro’ ‘jaguar’ ‘pássaro-jaguar’
 (119) t. *mbaé* + t. *atá* (abs. *tatá*) = *mbaétatá*
 ‘coisa’ ‘fogo’ ‘coisa-fogo’ (coisa que é fogo)

(RODRIGUES, 1951, p. 5)

No composto possessivo, Rodrigues (1951, p. 5-6) esclarece que “o determinado possui ou contém em si o determinante, ou que tem o determinante com alguma particularidade especial”. Observe os exemplos citados pelo autor, na sequência:

- (120) t. *andyrá* + t. *ák* = *andyrááka*
 ‘morcego’ ‘chifre’ ‘morcego que tem chifre’
 (121) t. *guamaiakú* + t. *apé* = *guamaiakúapé*

- ‘baiacu’ ‘casca’ ‘baiacu que tem casca’
 (122) t. *abá* + t. *obá* = *abáobá*
 ‘pessoa’ ‘rosto’ ‘pessoa que tem o rosto com alguma particularidade’
 (RODRIGUES, 1951, p. 6)

Rodrigues (1951, p. 6) também defende que, em um composto possessivo, “o determinante poderá já ser, por sua vez, um composto por incorporação do epíteto”, o que é exemplificado nos exemplos a seguir:

- (123) t. *pirá* + *akámukú* (comp. de t. *akáng*) + t. *pukú* = *piráakámukú*
 ‘peixe’ ‘cabeça’ ‘comprido’ ‘peixe que tem cabeça comprida’ (espécie de bagre)
 (124) t. *káb* + *obáíub* (comp. de t. *obá*) + t. *iúb* = *kábobáíúba* ‘vespa’ ‘cara’
 ‘amarelo’ ‘vespa que tem cara amarela’
 (125) t. *pirá* + *iurúmembék* (comp. de t. *iurú*) + t. *membék* =
piráiurúmembéka ‘peixe’ ‘boca’ ‘mole’ ‘peixe que tem boca mole’

(RODRIGUES, 1951, p. 6)

Nos compostos atributivos, segundo Rodrigues (1951, p. 6-7), “o determinante é um tema verbal”. Veja os exemplos:

- (126) t. *teiú* + t. *ñán* = *teiúñána*
 ‘teju’ ‘correr’ ‘teju que corre, teju corredor’
 (127) t. *pirá* + t. *bebé* = *pirábebé*
 ‘peixe’ ‘voar’ ‘peixe voador’
 (128) t. *yby* + t. *ám* = *yby’áma*
 ‘terra’ ‘estar em pé, estar levantado’ ‘terra levantada, barranco’.
 (RODRIGUES, 1951, p. 6-7)

Para Rodrigues (1951, p. 7, grifo do autor), “a incorporação é a composição que consiste na reunião íntima do adjetivo epíteto ao substantivo ou ao verbo que qualifica, ou do substantivo objeto direto ao verbo transitivo. Há, pois, dois tipos de incorporação: **incorporação do epíteto e incorporação do objeto**”. Na incorporação do epíteto, “o tema do adjetivo segue o do substantivo ou do verbo que ele qualifica, com o qual constitui um todo que se comporta como qualquer substantivo ou qualquer verbo simples, respectivamente”. Por exemplo:

- (129) t. *iurú* + t. *membék* = *iurúmembéka*
 ‘boca’ ‘mole’ ‘boca mole’
 (130) t. *kaá* + t. *pomóng* = *kaápomónnga*
 ‘erva’ ‘viscoso’ ‘erva viscosa’
 (131) t. *ybyrá* + t. *pytáng* = *ybyrápytángga*
 ‘madeira’ ‘pardo, vermelho’ ‘madeira vermelha’.
 (RODRIGUES, 1951, p. 7)

Conforme Rodrigues (1951, p. 7-8), “a um composto por incorporação do epíteto pode incorporar-se, ainda, outro epíteto, que qualifica o composto anterior como um

todo”; por exemplo: itá “metal” + iúb “amarelo” = itáiúb (aspecto nominal itáiúba “metal amarelo, isto é, ouro, dinheiro”) + t. tíng “branco” = itáiútínga “dinheiro branco, isto é, dinheiro de prata” (lit. “metal-amarelo-branco”). Assim,

[...] na incorporação do objeto, o tema do substantivo precede o tema verbal transitivo. Se o substantivo incorporado estiver na forma absoluta, ou se for inconjugável, ou se empregar indeterminadamente, o todo resultante será um verbo intransitivo; em caso contrário, isto é, se for conjugável, não estando na forma absoluta, será um verbo transitivo (RODRIGUES, 1951, p. 8).

Observe os exemplos:

- (132) t. *pysá* + t. *eity'k* = *pysáeity'k*
 ‘rede de pesca’ ‘lançar’ ‘lançar rede’ (intr.)
 (133) t. *obá* + t. *peték* = *obápeték*
 ‘rosto’ ‘dar palmada em’ ‘dar bofetada em’ (trans.)
 (134) t. *kó* + t. *moñáng* = *kómañáng*
 ‘roça’ ‘fazer’ ‘fazer roça para alguém’ (trans.)

(RODRIGUES, 1951, p. 8)

Segundo Navarro (2005, p. 49), em uma “composição (que envolve somente temas nominais ou verbais), geralmente desaparecem os sufixos e prefixos que estão na fronteira das palavras que entram em composição. Encontrando-se, então, duas consoantes, cai a primeira”, como nos exemplos:

- (135)
 (i) *ybaka pyrang*
 céu vermelho
 (ii) *ybak(a)-pyrang* > desaparece o sufixo -a, na fronteira das duas palavras
 (iii) *yba(k)-pyrang* > cai a consoante k (o tupi não admite encontros consonantais)
 (iv) *ybá'-pyrang* + -a > como a composição tem um valor substantivo e como os substantivos em tupi sempre terminam em vogal, acrescenta-se o sufixo -a à composição formada.

(NAVARRO, 2005, p. 49)

Ainda segundo Navarro (2005, p. 50), “quando se juntam partículas que começam por consoante ou ênclise a um tema nominal ou verbal terminado também em consoante, não cai a consoante final desse tema, mas aparece aí um -Y- entre as duas consoantes. Ex.: *xe tutyr-y gué* – ó meu tio!”

Na sequência, são partilhadas algumas noções da gramática guarani, tendo como parâmetro, fundamentalmente, as contribuições dos seguintes teóricos: Edelweiss (1969), Canese e Alcaraz (2007), Assis (2008) e Marilin e Benítez (2010).

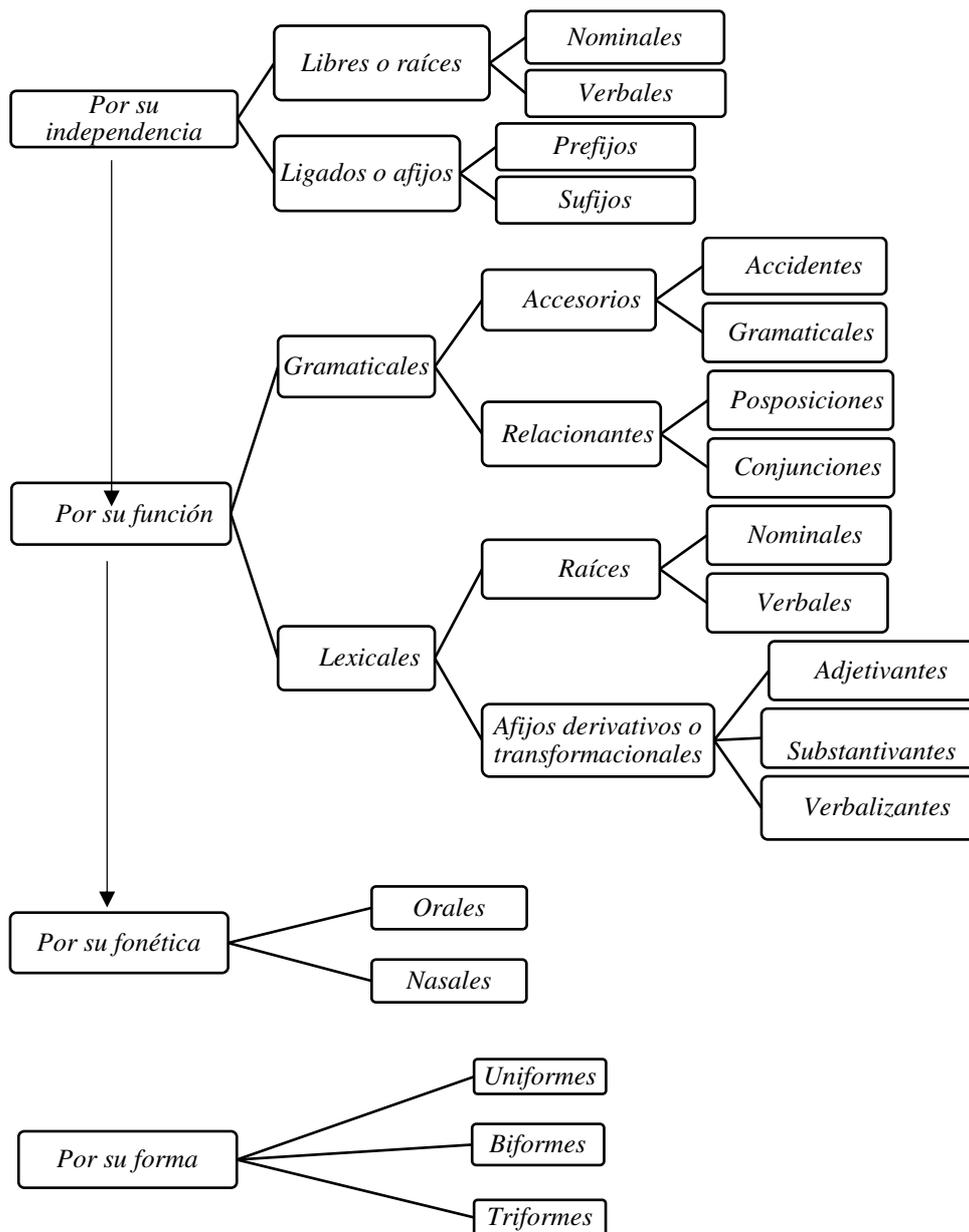
3.5 Descrição morfológica do guarani: conceitos gerais

As características morfológicas do guarani são muito semelhantes às do tupi. Nesta seção, apresenta-se uma descrição morfológica da língua guarani, focalizando suas classes de palavras, estruturas e o processo de formação de novas palavras, sobretudo por meio de derivação e composição. O entendimento das classes de palavras foi o ponto de partida, como se demonstra a seguir.

3.5.1 Classes de palavras

No guarani, podem ser identificadas classes abertas e classes fechadas de palavras, refletindo o que parece ser recorrente nas línguas do mundo, ou seja, classes cujos membros são, em princípio, ilimitados e aquelas que contêm um número fixo e geralmente pequeno de palavras. Os critérios morfológicos da língua guarani permitem distinguir como classes abertas substantivos, verbos, advérbios e adjetivos e como classes fechadas, pronomes, conjunções, preposições e numerais.

Na sequência, a figura 11 traz uma visualização do sistema de classificação dos morfemas em guarani sob a perspectiva de Canese e Alcaraz (2007, p. 52).

Figura 11 - Classificação dos morfemas do guarani

Fonte: Elaboração da autora com base em Canese; Alcaraz (2007, p. 52).

Conforme Canese e Alcaraz (2007) são reconhecidas na língua guarani oito classes gramaticais que são descritas na sequência deste tópico: substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, pronome, conjunção, interjeição e posposição.

3.5.1.1 Substantivo

Os substantivos, conforme Canese e Alcaraz (2007, p. 52), se classificam por sua fonética oral e nasal e por sua forma uniforme, biforme e triforme:

Los sustantivos son palabras que representan la parte estática de la realidad: un ser, un objeto, un concepto o una idea. Dentro de la oración pueden tener función de núcleo del sujeto; complemento de otro sustantivo o de un verbo, con o sin posposición; y de núcleo de un predicado nominal. Otra función de los sustantivos son los vocativos que no forman parte de la estructura de la oración, se usan para llamar la atención del interlocutor y se escriben entre comas¹⁰⁴ (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 53).

Os substantivos são palavras que representam o equilíbrio da realidade, por isso atuam sempre como núcleo das funções sintáticas em que estão inseridos. Na perspectiva de Canese e Alcaraz (2007, p. 53), os substantivos podem ser classificados em próprios e comuns.

Los sustantivos propios son los que nombre un ser u objeto único e identificable. [...]. Los sustantivos comunes son los que designan uno de muchos objetos o personas con propiedades parecidas y pueden separar-se en concretos y abstractos según si designan objetos materiales o inmateriales¹⁰⁵ (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 53-54).

O substantivo comum é aquele que dá nome aos seres da mesma espécie de forma genérica e o substantivo próprio é definido como uma das subdivisões dos substantivos, cuja função é atribuir nomes para especificar algo ou alguém. É comum haver confusão entre o substantivo comum e próprio. Para evitar que isso ocorra, é preciso ressaltar que, enquanto o primeiro é usado de forma genérica, o segundo é utilizado para particularizar o substantivo.

Quanto à forma, os substantivos podem ser simples, compostos ou derivados. O substantivo simples é formado por apenas uma palavra; o composto possui mais de uma palavra em sua estrutura, ou seja, é um substantivo que contém dois radicais e o derivado é aquele que é formado a partir de outra palavra.

1º Los simples tienen una sola raíz nominal [...].

2º Los sustantivos compuestos tienen más de una raíz [...].

¹⁰⁴ “Os substantivos são palavras que representam a parte estática da realidade: um ser, um objeto, um conceito ou uma ideia. Dentro da oração podem ter função de núcleo do sujeito; complemento de outro substantivo ou de um verbo, com ou sem posposição; e de núcleo de um predicado nominal. Outra função dos substantivos são os vocativos que não fazem parte da estrutura da oração, são usados para chamar a atenção do interlocutor e se escrevem entre vírgulas” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 53, *tradução da autora*).

¹⁰⁵ “Os substantivos próprios são aqueles que nomeiam um ser ou objeto único e identificável. [...]. Os substantivos comuns são aqueles que designam um de muitos objetos ou pessoas com propriedades similares e podem separar-se em concretos e abstratos segundo se designam objetos materiais ou imateriais” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 53-54, *tradução da autora*).

3º Los derivados son raíces acompañadas por morfemas derivativos que cambian el significado del sustantivo o que transforman un adjetivo o un verbo en sustantivo¹⁰⁶ (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 54).

De acordo com Assis (2008, p. 871), em guarani, assim como no tupi, o substantivo não possui variação de número e gênero. O substantivo é a principal categoria gramatical em guarani; é polifuncional, pode ser utilizado como verbo e ser conjugado. A conjugação e a forma verbal são, notadamente, implícitas na própria forma de expressar o substantivo. De modo geral, a incorporação nominal é um processo mais restrito nesta língua do que era em tupi. O quadro 22, a seguir, exhibe uma classificação dos substantivos conforme Assis (2008).

Quadro 22 - O substantivo no guarani em Assis (2008) (continua)

SUBSTANTIVO	DESCRIÇÃO
<i>Tero</i> (Substantivo)	Substantivo é a classe de palavras com que se denominam os seres, animados ou inanimados, concretos ou abstratos, as coisas ou partes delas, os estados, as qualidades, as ações. Funcionam na frase como: sujeito, predicativo do sujeito, aposto, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva e adjunto adverbial.
<i>Tero Tigua</i> (Substantivo nasal)	Ex.: <i>ñani</i> (aranha), <i>nāndu</i> (corrida).
<i>Tero jurugua</i> (Substantivo oral)	Ex.: <i>jagua</i> (cachorro), <i>vaka</i> (vaca).
<i>Tero ysajateĩva</i> (Substantivo uniforme)	Ex.: <i>typói</i> (blusa), <i>ysypo</i> (cipó).
<i>Tero ysajakōiva</i> (Substantivo biforme)	Ex.: <i>túva</i> (pai), <i>tyke'ýra</i> , <i>tikéra</i> (irmão mais velho do homem, irmã mais velha da mulher).
<i>Tero ysaja'apýva</i> (Substantivo triforme)	Ex.: <i>tesa</i> (olho), <i>tape</i> (caminho), <i>tapo</i> (raiz).
<i>Tero añeteguáva</i> (Substantivo comum)	O substantivo comum nomeia classes de seres ou coisas, associados por sua essência, envolvendo sua significação.
<i>Tero teéva</i> (Substantivo próprio)	O substantivo próprio aplica-se apenas a um ser ou a uma coisa. São os nomes de batismo, sobrenomes, nomes de dinastias, povos, países, regiões geográficas, cidades, logradouros, rios, obras literárias etc. Ex.: <i>Amambái</i> , <i>Paraná</i> , <i>Ponta Porã</i> .
<i>Teroañeteguáva</i> (Substantivo concreto)	O substantivo concreto denomina seres que existem por si próprios, reais, tais como: pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas. Ex.: <i>akã</i> (cabeça), <i>po</i> (mão), <i>py</i> (pé), <i>ygarata</i> (navio).
<i>Tero añeteguá'yva</i> (Substantivo abstrato imaginário)	Substantivo abstrato imaginário é o que denomina uma ação, um estado ou uma qualidade, considerado independentemente da classe de objetos ou seres a que se refere. Forma-se com o uso do substantivo <i>mba'e</i> (coisa), <i>teko</i> (natureza) ou seguido do sufixo <i>-kue</i> (<i>ngue</i>). Ex.: <i>mba'e ky'a</i> (sujeira), <i>teko porã</i> (beleza), <i>yvatekue</i> (altura).
<i>Tero ypykuéva</i> (Substantivo primitivo)	Deles se originam os derivados. Ex.: <i>jasy</i> (lua), <i>ka'a</i> (erva), <i>ñemu</i> (loja), <i>tayhu</i> (amor), <i>tata</i> (fogo).

¹⁰⁶ “1º Os simples têm uma única raiz nominal [...]. 2º Os substantivos compostos têm mais de uma raiz [...]. 3º Os derivados são raízes acompanhadas por morfemas derivativos que mudam o significado do substantivo ou que transformam um adjetivo ou um verbo em substantivo” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 54, tradução da autora).

Quadro 22 - O substantivo no guarani em Assis (2008) (conclusão)

<i>Tero sē ypýva</i> (Substantivo derivado)	Substantivo derivado é o que deriva de outro pelo acréscimo de um prefixo ou sufixo. Ex.: <i>jasyrendy</i> (luar), <i>ka'aguy</i> (floresta), <i>ñemuha</i> (lojista), <i>tatakua</i> (forno), <i>tayhupara</i> (amante).
<i>Tero atýva</i> (Substantivo coletivo)	Substantivo coletivo indica um conjunto de seres ou de coisas da mesma espécie consideradas como um todo. Para formá-lo, acrescenta-se o sufixo -ty . Ex.: <i>arasaty</i> (goiabal), <i>avatity</i> (milharal), <i>pakovaty</i> (bananal).
<i>Tero Kokatu</i> (Grau do substantivo)	O grau do substantivo atenua ou realça a significação do substantivo. Os aumentativos formam-se usando o sufixo -ete , ou katu . Ex.: <i>Karai ete upéva</i> (Esse é um grande senhor); <i>Kova katu mba'etéma</i> (Isto sim é que é coisa grave). Os diminutivos formam-se usando os sufixos -i , -mi ou michĩ . Ex.: <i>Mburika'i</i> (burrinho), <i>mbujape michĩ</i> (pãozinho), <i>mitãmi</i> (menininho).

Fonte: Elaboração da autora com base em Assis (2008, p. 871-872).

3.5.1.2 Adjetivo

O adjetivo é a palavra que qualifica ou determina o substantivo; exprime características ou propriedades atribuídas a um substantivo. Canese e Alcaraz (2007, p. 55) definem o adjetivo como “palabras que califican o determinan a los substantivos de los cuales dependen. [...]. Por su significado se acostumbra classificar los adjetivos em calificativos y determinativos, por su composición en simples y compuesto”¹⁰⁷.

Os adjetivos compreendem a classe gramatical cuja função é acompanhar e modificar os substantivos, atribuindo-lhes características ou particularidades. Canese e Alcaraz (2007, p. 55) classificam os adjetivos dentro de duas classes: adjetivos qualificativos e adjetivos determinativos. Os adjetivos qualificativos “expressan cualidades de los substantivos de los que dependen como complementos o con los que se relacionan como predicados nominales. Los adjetivos calificativos en el guarani van pospuestos al substantivo que los rige como complementos”¹⁰⁸. Os adjetivos determinativos, por seu turno, “indican la posición del substantivo al cual modifican, su pertenencia, su número o su cantidad. Podemos classificarlos em demonstrativos, posesivos, numerales, interrogativos e indefinidos”¹⁰⁹.

¹⁰⁷ “Palabras que califican ou determinan os substantivos dos quais dependen. [...]. Por seu significado, costuma-se classificar os adjetivos em qualificativos e determinativos, por sua composição, em simples e composto” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 55, *tradução da autora*).

¹⁰⁸ “Expressam qualidades dos substantivos que dependem como complementos ou com os que se relacionam como predicados nominais. Os adjetivos qualificativos em Guarani são pospuestos para o substantivo que os rege como complementos” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 55, *tradução da autora*).

¹⁰⁹ “Indicam a posição do substantivo o qual modificam, a sua participação, o seu número ou a sua quantidade. Podemos classificá-los em demonstrativos, possessivos, numerais, interrogativos e indefinidos” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 55, *tradução da autora*).

O quadro 23 sistematiza a classificação dos adjetivos em guarani, conforme Canese e Alcaraz (2007).

Quadro 23 - O adjetivo no guarani em Canese e Alcaraz (2007)

ADJETIVO	DESCRIÇÃO
Adjetivos demonstrativos	Precedem o substantivo o qual determinam e indicam a relação de distância do ser ou objeto representado pelo substantivo com respeito aos falantes. Têm formas diferentes para indicar o número singular ou plural. Outra característica é que alguns se referem a seres ou objetos que estão à vista dos falantes e outros, a uns que estão fora dela, pela distância, o tempo, ou por serem desconhecidos pelos interlocutores.
Adjetivos possessivos	Indicam que um ser ou objeto representado pelo substantivo o qual determinam é posse da primeira ou segunda pessoa gramatical. Sua forma não varia com o número de seres ou objetos que determinam, mas pode mudar quando precedem a substantivos nasais.
Adjetivos numerais	Indicam quantidade e podem ser cardinais, ordinais, distributivos, multiplicativos, duplos e triais.
Adjetivos indefinidos	Determinam o substantivo de uma maneira vaga ou indefinida e o precedem.
Adjetivos interrogativos	Os adjetivos interrogativos são usados para perguntar sobre a qualidade, localização, quantidade etc. do que significa um substantivo. Por si só já indicam pergunta, mas podem ser acompanhados do sufixo pa ou da palavra interrogativa piko , que se colocam depois do substantivo, ou da frase substantiva que é o motivo da pergunta.
Adjetivos simples e compostos	Por sua composição, os adjetivos podem ser simples ou compostos. Os simples consistem em uma só raiz. Os compostos podem formar-se a partir de duas raízes.

Fonte: Elaboração da autora com base em Canese; Alcaraz (2007, p. 56-60).

Assis (2008), por sua vez, corrobora as posições de Canese e Alcaraz (2007) e acrescenta algumas categorias adjetivais, como: adjetivo primitivo, adjetivo derivado e adjetivo pátrio, conforme detalha o quadro 24, a seguir.

Quadro 24 - O adjetivo no guarani em Assis (2008) (continua)

ADJETIVO	DESCRIÇÃO
Teroja (Adjetivo)	Adjetivo é a classe de palavra que serve para modificar um substantivo, acrescentando uma qualidade, uma extensão ou uma quantidade àquilo que nomeia. Em guarani, o adjetivo é invariável, porém, para destacar o plural, usam-se o sufixo <i>-ita</i> (para palavras terminadas com as vogais: a, e, o) e <i>-eta</i> (com as vogais i, u, y). Também se usam adjetivos que indicam pluralidade como <i>lkuéra</i> .
Teroja tekome'êva (Adjetivo qualificativo)	Adjetivo qualificativo é posposto ao substantivo. Liga-se a um substantivo para qualificá-lo e, por sua vez, reduz a extensão dos seus possíveis referentes. Ex.: <i>kuña porã</i> (moça bonita); <i>tape puku</i> (caminho comprido).
Teroja yoykuéva (Adjetivo primitivo)	Adjetivo primitivo não é formado por derivação de nenhuma palavra. Ex.: <i>guasu</i> (branco), <i>morotĩ</i> (claro), <i>mbyky</i> (curto).
Teroja sê ypýva (Adjetivo derivado)	Adjetivo derivado deriva de outras palavras. Ex.: <i>hovyngy</i> (azulado), <i>ñehetüva</i> (cheiroso), <i>vy'aýva</i> (infeliz).
Terojaetéva (Adjetivo composto)	Adjetivo composto é o que tem mais de uma raiz. Ex.: <i>pireporã</i> (de bom-humor ou bem-humorado), <i>pytãngy</i> (rosado), <i>rovyũ</i> (verde (azul)-escuro).

Quadro 24 - O adjetivo no guarani em Assis (2008) (conclusão)

Teroja tetãrehegua (Adjetivo pátrio)	Adjetivo pátrio refere-se a país, estado, região ou localidade e se expressa pelo nome posposto ao substantivo. Ex.: <i>Mitã</i> Brasil (criança brasileira). Além disso, o adjetivo pátrio de lugar ou cidade se expressa acrescentando o sufixo <i>-gua</i> (de), se terminar em consoante, e o sufixo <i>-ygua</i> , se terminar em vogal. Ex: <i>Amambaiygua</i> (amambaiense), <i>Bauruygua</i> (bauruense), <i>Natalgua</i> (natalense).
--	--

Fonte: Elaboração da autora com base em Assis (2008, p. 872-873).

3.5.1.3 Numeral

Numerais são as palavras que indicam a quantidade dos seres ou a ordem de sua sucessão. De modo geral, podem ser usados com função de substantivo ou como adjetivos. Segundo Assis (2008, p. 873), *papyva* (numeral) é a “classe de palavras que indica quantidade numérica, podem ser: ordinal e cardinal, fracionário, multiplicativo”. Ainda segundo a mesma autora, no guarani, o *papyva* (numeral cardinal) “expressa um número inteiro”, por exemplo: *peteĩ mitã* (um menino); *mokõi kuña* (duas mulheres); *mbohapy memby* (três filhos); *irundy tetyma* (quatro patas), *po kuã* (cinco dedos).

O *papyva paha* (numeral ordinal), de acordo com Assis (2008, p. 874), forma-se “acrescentando o sufixo *-ha* aos números cardinais, vão pospostos aos substantivos”, como se pode observar em: *che kavaju peteĩha* (meu primeiro cavalo); *ñe’e mokõiha* (segunda língua); *mbo’epy mbohapyha* (terceira lição).

O numeral que denota divisão é denominado *papyva mboja’opyre* (numeral fracionário). Em guarani, conforme Assis (2008, p. 874), o numeral fracionário “se expressa usando os numerais cardinais tanto para o numerador como para o denominador, seguidos da palavra *ári/sobre*”. Por exemplo: *peteĩ mokõi ári* (metade), *peteĩ mbohapy ári* (um terço), *mokõi po ári* (dois quintos), *peteĩ po ári* (um décimo), *peteĩ sã ári* (um centésimo).

Para Assis (2008, p. 874), *papyva papo* (numeral decimal) é um “algarismo que representa a parte menor que a unidade de um número decimal. Escreve-se após uma vírgula, da esquerda para a direita”. Por exemplo: *peteĩ pavo* (um décimo), *peteĩ sãvo* (um centésimo), *peteĩ mavo* (um milionésimo).

Por fim, Assis (2008, p. 874) descreve o *papyva pa’o* (numeral distributivo) como “a construção com numeral que expressa ideia de repartição de coisas num conjunto” e “se forma pela repetição de todo ou a última parte do numeral cardinal”, por exemplo: *mbohapyhapy avati ame’ẽ mitãnguérape* (de três em três milhos dei para as crianças).

3.5.1.4 Pronome

Na perspectiva de Muniagurria (1947, p. 23), “los pronombres en guaraní son los mismos que en castellano. Son igualmente declinables, con la diferencia que la declinación modifica su estructura”¹¹⁰. A seguir, o quadro 25 destaca as quatro principais classificações dos pronomes em guarani, de acordo com Muniagurria (1947, p. 26-28).

Quadro 25 - O pronome no guarani em Muniagurria (1947)

PRONOME	DESCRIÇÃO
Pronomes reflexivos e recíprocos	As duas formas do pronome castelhano, reflexiva e recíproca, são distintas em guarani. Para a primeira, emprega-se a partícula <i>ye vel ñe</i> e eu <i>vel ño</i> para a segunda. Exemplos: <i>oeyucá</i> (semató); <i>oyopochk</i> (se zangaram); <i>oñohobaitg</i> (se encontraram).
Pronomes relativos	Tais pronomes são chamados assim em razão da relação que guardam com um sujeito do qual já se falou e, por essa razão, se chama antecedente. Pode existir, na oração, um ou mais desses e, conforme o pronome se refira ao mais ou menos imediato, sua forma muda em guarani. Em castelhano, esses pronomes são <i>que</i> , <i>qual</i> , <i>cujo</i> e <i>quem</i> , e são usados sozinhos ou precedidos da contração <i>ao</i> , ou dos artigos <i>o</i> , <i>a</i> , <i>o</i> (singular e plural).
Pronomes interrogativos	Para perguntar em espanhol, é preciso recorrer a certos sinais (¿?), correspondentes à determinada pronúncia. Dizer “quem” não é o mesmo que dizer “quem?”. Em guarani, em contrapartida, existe a interrogação independentemente de qualquer sinal. Basta incorporar à frase a partícula <i>pa</i> . Exemplo: <i>ou pa</i> (¿vino?); <i>ohopa</i> (¿se foi?).
Pronomes demonstrativos	Pouco há a acrescentar a respeito destes pronomes, ao dito sobre os adjetivos de igual classe. Sofrem idênticos acidentes, salvo as diferenças que existem entre ambas as partes da oração. Eis os principais: <i>coba</i> ou <i>aba</i> : isto, estas, ou essas coisas (imediatas); <i>acova</i> , ou <i>upea</i> : isso, ou essas coisas (mais distantes); <i>poba</i> e <i>moba</i> : qual ou que coisas.

Fonte: Elaboração da autora com base em Muniagurria (1947, p. 26-29).

Os pronomes são a classe de palavras que não apresentam significado extralinguístico, com a função de substituir o nome, cumprindo funções análogas às exercidas pelos elementos nominais. Canese e Alcaraz (2007, p. 61) afirmam que “los pronombres son palabras que pueden substituir un sustantivo o una expresión equivalente, incluso una oración, para evitar repeticiones. [...]. Los pronombres pueden clasificarse em personales, posesivos, demostrativos, interrogativos e indefinidos”¹¹¹. Na sequência, o quadro 26 reúne cinco classificações pronominais, sob o ponto de vista de Canese e Alcaraz (2007).

¹¹⁰ “Os pronomes em guarani são os mesmos que em espanhol. São igualmente declináveis, com a diferença que o declínio modifica sua estrutura” (MUNIAGURRIA, 1947, p. 23, tradução da autora).

¹¹¹ “Pronomes são palavras que podem substituir um substantivo ou uma expressão equivalente, ou mesmo uma oração, para evitar repetições. [...]. Os pronomes podem ser classificados em pessoais, possessivos, demonstrativos, interrogativos e indefinidos” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 61, tradução da autora).

Quadro 26 - O pronome no guarani em Canese e Alcaraz (2007)

PRONOME	DESCRIÇÃO
Pronomes pessoais	Indicam as pessoas gramaticais. Ex.: <i>che</i> (eu), <i>nde</i> (tu), <i>há'e</i> (ele, ela), <i>ñande</i> (nós), <i>ore</i> (nós), <i>peẽ</i> (vós), <i>há'ekuéra</i> , <i>hikuái</i> (eles, elas).
Pronomes possessivos	Expressam pertinência às pessoas gramaticais. Ex.: <i>chemba'e</i> (meu), <i>nemba'e</i> (teu), <i>imba'e</i> (seu), <i>ñanemba'e</i> (nosso), <i>oremba'e</i> (nosso), <i>penemba'e</i> (vosso).
Pronomes demonstrativos	Substituem um nome ou uma expressão equivalente e os colocam em um lugar, tempo, conhecimento ou desconhecimento dos interlocutores. Ex.: <i>Kóva</i> , <i>kóa</i> (este, esta, isto), <i>péva</i> , <i>péa</i> (esse, essa, isso), <i>amóva</i> , <i>amóa</i> (aquele(s), aquela(s)).
Pronomes interrogativos	Os pronomes interrogativos são usados para perguntar sobre a identificação de algo ou de alguém. Ex.: <i>máva</i> , <i>ava</i> (quem), <i>mba'e</i> (que, qual, quais).
Pronomes indefinidos	Expressam as mesmas ideias que os adjetivos indefinidos, mas em forma nominal e desempenham na oração funções de substantivos. Ex.: <i>peteĩ</i> (um, uma), <i>mmba'eve</i> (nada), <i>mbovy</i> (pouco(s), pouca(s)), <i>heta</i> (muito(s), muita(s)).

Fonte: Elaboração da autora com base em Canese; Alcaraz (2007, p. 61-67).

Assis (2008, p. 874), por sua vez, descreve o *terarãngue* (pronome) como “a palavra que segue ou supre o substantivo, relacionando-o com uma das pessoas do discurso”. Para a autora, “quando um pronome substitui o substantivo, ele é chamado de pronome substantivo. O pronome pessoal pode ter o papel de sujeito (caso reto), objeto direto e indireto (caso oblíquo) e com uma posposição de complemento circunstancial” (ver quadro 27).

Quadro 27 - O pronome no guarani em Assis (2008)

PRONOME	DESCRIÇÃO
Pronome pessoal do caso reto	O pronome pessoal do caso reto possui três pessoas no singular e plural (<i>che/eu</i> , <i>nde/tu</i> , <i>há'e/ele</i> , <i>ñande/nós</i> , <i>ore/nós</i> , <i>peẽ/vós</i> , <i>há'ekuéra/eles</i> , <i>hikuái</i>). Aponta para situações de fala; indica a pessoa gramatical; é variável; não sofre nasalização em proximidade de palavras nasais e normalmente precede o verbo (com exceção do pronome <i>hikuái</i> que vai à frente do verbo).
Pronome pessoal do caso oblíquo	Tem função de complemento do verbo e pode ser direto (<i>che/me</i> , <i>nde/te</i> , <i>ro/o</i>) ou indireto (<i>chéve/me</i> , <i>ndéve/mim</i> , <i>ichupe ñandéve/comigo</i>).
Pronome pessoal como complemento circunstancial	Os pronomes pessoais constroem-se como uma posposição nominal para formar um complemento circunstancial do verbo e pode ser nasalizado. Ex.: <i>che rupi</i> (por mim), <i>nde(ne)</i> (por ti), <i>rupi</i> (por ela), <i>há'e rupi</i> (ele).
Pronome possessivo	Refere-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa. Ex.: <i>chemba'e</i> (meu), <i>nemba'e</i> (teu), <i>imba'e</i> (seu).
Pronome demonstrativo	Indica a posição do ser no espaço e no tempo, dividido em demonstrativos de presença, como em: <i>ãva okaru pya'e</i> (estes comem rápido), e ausência: <i>aipóva che ndaikuaái</i> (aqueles eu não conheço).
Pronome indefinido	Indica os substantivos de modo vago, impreciso ou genérico. São pronomes indefinidos aqueles que se referem à 3ª pessoa do discurso de modo indeterminado. Formam-se com o uso dos sufixos -va, -ve. Ex.: <i>agueru peteĩ kure</i> (trago um porco).
Pronome interrogativo	Usa-se para perguntar a identidade de algo ou alguém, em frases interrogativas. É acompanhado do sufixo -pa ou a palavra <i>piko</i> . Ex.: <i>araka'e piko</i> (Quando?), <i>mávapa</i> (Quem? Qual?).
Pronome relativo	Introduz oração relativa e se refere a um nome antecedente, introduzindo uma oração adjetiva.

Fonte: Elaboração da autora com base em Assis (2008, p. 874-879).

3.5.1.5 Verbo

As categorias gramaticais que são expressas como afixos verbais são quase as mesmas verificadas em tupi. Os verbos têm, em guarani, uma importância extraordinária. São palavras que expressam processos ou ações que o sujeito realiza e podem indicar existência, estado ou posse. Segundo Muniagurria (1947, p. 30), “todas las clases conocidas de ellos existen en el guaraní”¹¹². O quadro 28, a seguir, mostra exemplos de cada classe de verbo, na concepção do autor.

Quadro 28 - O verbo no guarani em Muniagurria (1947)

CLASSE	EXEMPLOS
Transitivo ou ativo	<i>Nupá</i> (castigar); <i>henói</i> (chamar)
Intransitivo ou neutro	<i>Ma-é</i> (olhar); <i>carú</i> (comer)
Auxiliares	<i>Ché</i> (ser ou estar). São igualmente formas deste verbo, que carece de infinitivo, <i>aí</i> e <i>aimé</i> (estou), e <i>aicó</i> (cujo infinitivo é <i>icó</i>) (ando). Ex.: <i>aicó poromboéhara</i> (sou professor)
Reflexivos	<i>Yepocá</i> (ao lado de); <i>yecutú</i> (ajoelhar-se)
Recíprocos	<i>Yopochĩ</i> (raiva); <i>yoya-ó</i> (insultos)
Impessoais	<i>Ocui</i> (se desprende) (supõe sempre pluralidade); <i>opí</i> (escampa); <i>yopé</i> (esquenta o sol)
Regulares	<i>Potá</i> (querer); <i>hétú</i> (cheirar)
Irregulares	<i>Yú</i> (vir); <i>é</i> (dizer)
Defectivos	<i>Yeói</i> (ir embora); <i>tobé</i> (deixa); <i>có</i> (tomada)

Fonte: Elaboração da autora com base em Muniagurria (1947, p. 30).

Na perspectiva de Muniagurria (1947, p. 30), “existe finalmente la clase de verbos que puede denominarse del *ro*, por el papel que esta partícula juega en ellos”. Ejemplos de ellos son: *ru* (traer), y *rahá* (llevar)”¹¹³. O autor esclarece o processo de conjugação dos verbos em guarani, argumentando que “las conjugaciones en guaraní son dos: por prefijos y por pronombres. Llamaremos a la última, pronominal reservando el nombre ele conjugación por prefijos para la primera”¹¹⁴.

Segundo Muniagurria (1947, p. 30), a conjugação por prefixo “como su nombre lo da a entender, dichos prefijos van inmediatamente antes de la radical del verbo (o sea el

¹¹² “Todas as classes conhecidas deles existem no guarani” (MUNIAGURRIA, 1947, p. 30, *tradução da autora*).

¹¹³ “Existe finalmente a classe de verbos que pode denominar do *ro*, pelo papel que esta partícula desempenha neles. Ejemplos desses casos são: *ru* (trazer); y *rahá* (levar)” (MUNIAGURRIA, 1947, p. 30, *tradução da autora*).

¹¹⁴ “As conjugações em Guarani são duas: por prefixos e por pronomes. Chamaremos a última pronominal, reservando o nome de conjugação por prefixos para a primeira” (MUNIAGURRIA, 1947, p. 30, *tradução da autora*).

infinitivo), y son los siguientes: *a, re, o*, para el singular, y *ya, pe, o*, para el plural”¹¹⁵. Já na conjugação por meio de pronomes, os pessoais são diretamente unidos ao radical do verbo. “La tercera persona del singular y plural, se transforma en *i*. Ejemplo: *ipochĩ* (se enoja). Si el verbo empieza con vocal, debe intercalarse entre la tercera persona del singular y plural, y la radical del verbo, una *y* o una *ñ*, según el caso. Ejemplo: *iyahéi* (se aburre): *iñangapĩhĩ* (se consuela)”¹¹⁶ (MUNIAGURRIA, 1947, p. 30).

O verbo é a categoria gramatical que expressa ação e movimento; em guarani, é especialmente caracterizado por sua polifuncionalidade. Por exemplo, o núcleo ou raiz sofre modificações por meio de partículas e o verbo conjugado corresponde em pessoa e número com o sujeito. De acordo com Canese e Alcaraz (2007, p. 73), “el verbo es una palabra que expresa el proceso o la acción que el sujeto realiza o padece. También puede indicar su existencia, estado o posesión”¹¹⁷. A seguir, o quadro 29 reúne as características fundamentais dos verbos, segundo esses autores.

Quadro 29 - O verbo no guarani em Canese e Alcaraz (2007) (continua)

VERBO	DESCRIÇÃO
Características do verbo	A principal característica do verbo é ser o núcleo do predicado, denotando algo que se passa com o protagonista da oração chamado sujeito. O verbo está ligado ao núcleo do sujeito por meio da concordância; leva diferentes prefixos de número e pessoa, segundo a pessoa gramatical a que se refere. Essa concordância permite, muitas vezes, omitir o sujeito, já que está implícito no verbo por meio desses prefixos.
Estrutura dos verbos	Os verbos podem ser construídos com uma ou mais de uma raiz verbal ou nominal; a essas raízes podem-se aglutinar morfemas transformacionais ou derivativos, formando sua base ou lexema verbal. Para que uma palavra possa ser considerada verbo, deve conjugar-se com prefixos de número e pessoa. Além disso, podem-se aglutinar afixos que indicam as circunstâncias em que se realiza a ação do verbo, seus acidentes gramaticais. No guarani, as raízes e afixos são geralmente invariáveis, independentes e separáveis. Os prefixos que indicam os acidentes gramaticais dos verbos são os de forma negativa, número e pessoa; os sufixos são de tempo, aspecto, modo, grau, forma negativa e forma interrogativa.

¹¹⁵ “Como seu nome o dá a entender, ditos prefixos vão imediatamente antes do radical do verbo (ou seja, o infinitivo) e são os seguintes: *a, re, o*, para o singular, e *ya, pe, o*, para o plural” (MUNIAGURRIA, 1947, p. 30, *tradução da autora*).

¹¹⁶ “A terceira pessoa do singular e plural transforma-se em *i*. Exemplo: *ipochĩ* (irrita-se). Se o verbo começa com vogal, deve-se intercalar, entre a terceira pessoa do singular e plural e o radical do verbo, um *y* ou um *ñ*, conforme o caso. Exemplo: *iyahéi* (está entediado): *iñangapĩhĩ* (se consola)” (MUNIAGURRIA, 1947, p. 30, *tradução da autora*).

¹¹⁷ “O verbo é uma palavra que expressa o processo ou a ação que o sujeito realiza ou sofre. Também pode indicar sua existência, estado ou posse” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 73, *tradução da autora*).

Quadro 29 - O verbo no guarani em Canese e Alcaraz (2007) (conclusão)

Classificação dos verbos	Os verbos podem ser classificados segundo sua fonética, sua forma, sua composição e sua conjugação. 1. Por sua fonética, os verbos do guarani se classificam em orais e nasais. 2. Pela sua forma, são classificados em uniformes e triformes. 3. Pela sua composição, os verbos podem ser simples ou compostos. 4. Por sua conjugação os verbos podem ser próprios ou atributivos. a. Os verbos próprios são construídos com lexemas verbais e, com eles, formam-se predicados verbais. b. Os verbos atributivos são construídos com lexemas nominais, que podem ser substantivos, adjetivos ou advérbios, e, com eles, formam-se predicados nominais.
Os verbos pronominais	São verbos próprios porque se constroem com raízes verbais, mas perdem seu prefixo de número e pessoa em cujo lugar aparece como prefixo um pronome pessoal como complemento direto de primeira ou segunda pessoa. Por isso, todos os verbos pronominais são construídos com raízes de verbos transitivos. Podem formar-se verbos pronominais com raízes tanto uniformes como com as triformes.
Os verbos aéreos	Os verbos aéreos para alguns verbos próprios conjugados com raízes que requerem os prefixos de número e pessoa <i>a re, o, já (ña), ro, pe</i> , mas que adicionam a esses prefixos o infixo <i>i</i> antes da raiz. Suas raízes podem ser orais ou nasais, mas não podem ser triformes.
Os verbos irregulares	Os verbos irregulares são verbos próprios. Conhecemos apenas três: <i>'e</i> (dizer), <i>ho</i> (ir), <i>ju</i> (vir).
Os verbos impessoais e defectivos	Os verbos impessoais e defectivos têm a particularidade de não se poder conjugar com todas as pessoas gramaticais. a. Com os impessoais, que se conjugam só com a terceira pessoa, costumam-se formar orações unimembres, sem sujeito. b. Os defectivos podem ter sujeito expresso ou tácito.

Fonte: Elaboração da autora com base em Canese; Alcaraz (2007, p. 73-87).

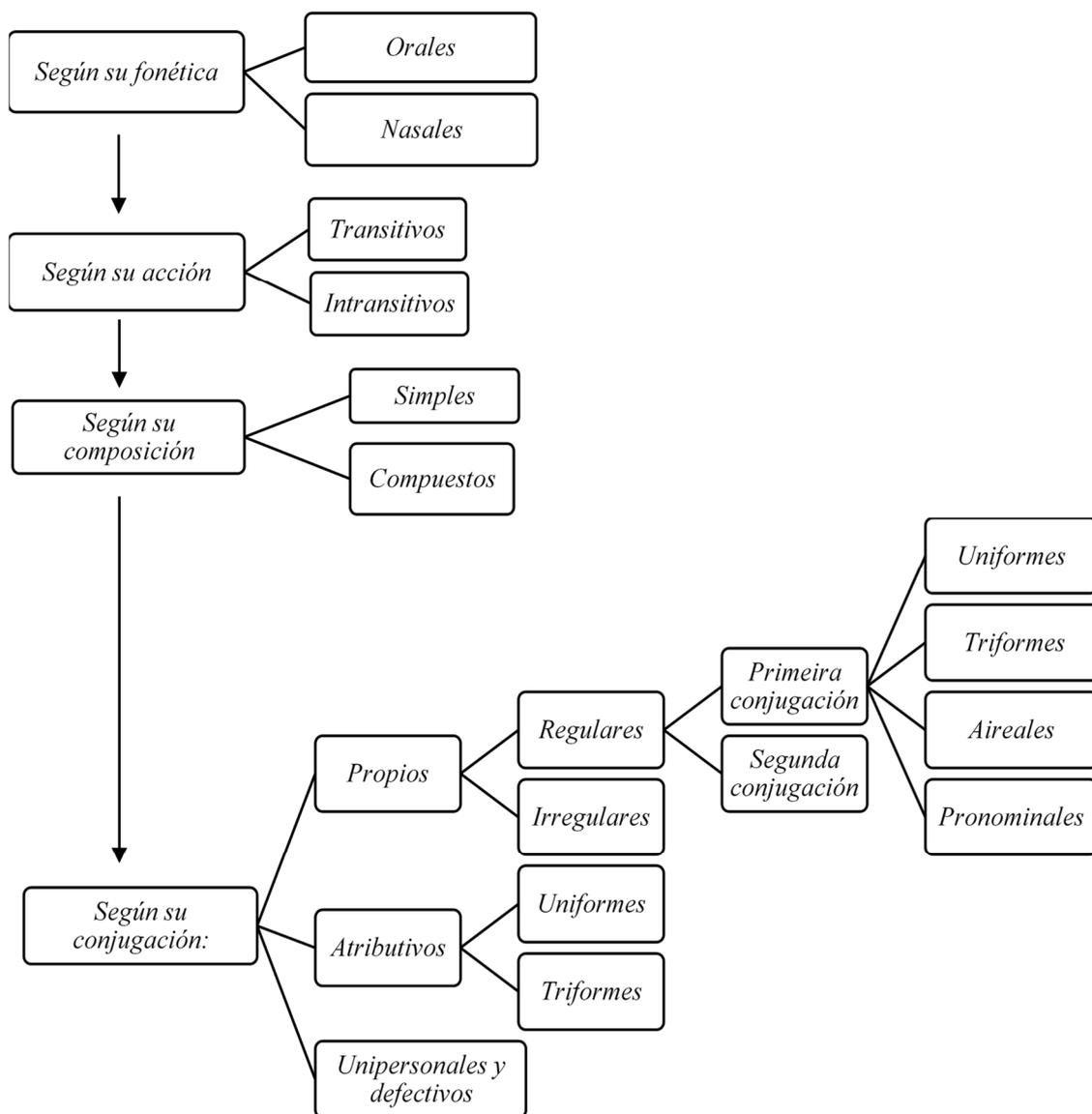
Canese e Alcaraz (2007) apresentam quatro categorias de classificação e conjugação dos verbos:

1. Según su fonética: orales y nasales;
2. Según su acción: transitivos e intransitivos;
3. Según su composición: simples y compuestos;
4. Según su conjugación: propios, atributivos, unipersonales y defectivos¹¹⁸

(CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 87).

Além disso, os autores incluem outras características distintivas, como a quantidade de raízes verbais (verbos simples ou compostos) e distinguem os verbos, segundo sua classe de ação, em transitivo e intransitivo. A figura 12, a seguir, mostra a classificação dos verbos conforme Canese e Alcaraz (2007), incluindo as quatro categorias: fonética, ação, composição e conjugação.

¹¹⁸ “1. Segundo a sua fonética: orais e nasais; 2. Segundo a sua ação: transitivos e intransitivos; 3. Segundo a sua composição: simples e compostos; 4. Segundo a sua conjugação: próprios, atributivos, impessoais e defectivos” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 87, tradução da autora).

Figura 12 - Classificação dos verbos

Fonte: Elaboração da autora, baseada em Canense; Alcaraz (2007, p. 87).

Segundo Assis (2008, p. 882), *ñe'ětéva* (verbo) é definido como “a classe de palavras que, do ponto de vista semântico, contêm as noções de ação, processo ou estado, e, do ponto de vista sintático, exercem a função de núcleo do predicado das sentenças”. Para a autora, nas línguas flexionais e aglutinantes, as flexões indicam algumas categorias, tais como: *avaite*/pessoa, *papapy*/número, *ára*/tempo, *ñe'ětoko*/modo, *ñe'ëapoheta*/voz, *ta'anga*/aspecto. O quadro 30, a seguir, destaca algumas propriedades específicas do verbo em guarani, conforme Assis (2008).

Quadro 30 - O verbo no guarani em Assis (2008)

VERBO	DESCRIÇÃO
<i>Avaite há papapy</i> (pessoa e número)	A categoria de pessoa em guarani indica o emissor, o destinatário ou o ser sobre o qual se fala. Já o número mostra se o sujeito gramatical é singular ou plural. Pode ser: categórica, imperativa e optativa.
<i>Ára</i> (tempo)	O tempo fixa a ação, o processo ou estado em relação ao momento da fala e indica presente, passado e futuro.
<i>Agãgua</i> (Presente)	O verbo conjugado no presente traduz verdades intemporais. Além disso, tem prefixos de número e pessoa, mas sem sufixo ou advérbio que indique tempo. De modo geral, pode significar tanto presente como passado; sabe-se pelo contexto.
<i>Ohasapáma</i> (Passado)	O passado também é caracterizado pelo contexto com ajuda, sobretudo, de sufixos ou advérbios de tempo passado, para dar mais clareza à frase. Além disso, o tempo verbal pode ser absoluto e relativo.
Tempos do passado	O pretérito perfeito forma-se com o advérbio <i>'akue</i> tônico; o pretérito imperfeito forma-se com o sufixo <i>-mi</i> , átono, <i>va, miva</i> ; o pretérito-mais-que-perfeito forma-se usando o advérbio <i>va'ekue</i> tônico; o pretérito recente forma-se com o advérbio <i>kuri</i> átono e <i>ramo</i> ; o pretérito remoto forma-se com o advérbio <i>raka'e</i> átono e o pretérito anterior é formado por advérbios indicativos de tempo passado.
<i>Upeigua</i> (Futuro)	É o tempo verbal que situa uma ação ou um estado em momento posterior àquele em que se fala.
Tempos do futuro	O futuro do presente forma-se com o sufixo <i>-ta</i> átono e, para negar, usa-se o verbo auxiliar <i>mo'ã</i> posposto. O futuro obrigatório forma-se com o advérbio <i>va'erã</i> tônico; o futuro necessário forma-se com o advérbio <i>arã</i> , tônico; o futuro próximo forma-se com o verbo auxiliar <i>pota/mbota</i> tônico. O futuro do pretérito forma-se com o sufixo <i>-ne</i> átono e, para fazer a negação, usa-se o advérbio <i>chéne</i> posposto.
Formas nominais do verbo	São três as formas nominais do verbo, que não apresentam flexão de tempo e modo e, por isso, perdem algumas das características principais dos verbos: (i) infinitivo (pode ser formado por um substantivo); (ii) gerúndio (pode significar simultaneidade, ter um sentido adversativo e indicar uma oração modal); (iii) particípio (ativo e passivo).
Modo	O modo verbal indica a atitude do emissor durante a fala; pode ser de certeza, dúvida, temor, desejo, ordem etc. Além disso, indica maneiras diferentes dos fatos acontecerem. Três modos marcam o guarani: (i) indicativo (não usa afixos); (ii) subjuntivo (usa-se conjunções pospostas ao verbo); (iii) imperativo (mesmas características do indicativo, acompanhadas de afixos).
Voz	A voz no guarani indica se o sujeito gramatical é agente, paciente ou, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação.
Aspecto	O aspecto está relacionado ao tempo (presente, passado e futuro) e indica a duração do processo verbal, seu início e sua conclusão. A duração da ação pode ter vários aspectos, por exemplo: perfectivo (usa-se o sufixo <i>-ma</i>), imperfectivo (usa-se advérbio), habitual, pontual etc.

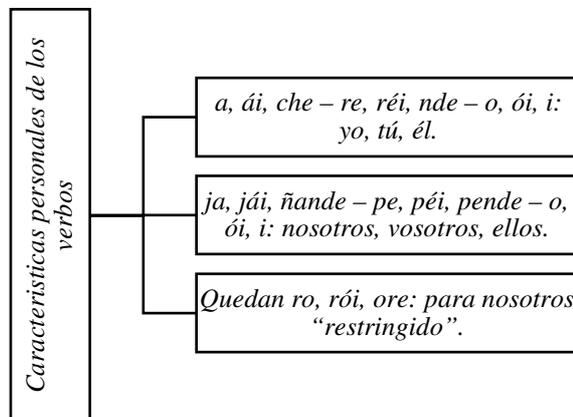
Fonte: Elaboração da autora com base em ASSIS (2008, p. 882-892).

Guasch e Ortiz (2008, p. 809) argumenta que “unos verbos llevan (a), otros (ai) y los restantes (che) antes de su letra inicial. Son las características personales de los tres grupos principales de verbos: areales, aireales (o iantes) y chendales”¹¹⁹. As

¹¹⁹ “Alguns verbos levam (a), outros (ai) e os restantes (che) antes da sua letra inicial. São as características pessoais dos três grupos principais de verbos: areales, aireales (ou iantes) e chendales” (GUASCH; ORTIZ 2008, p. 809, tradução da autora).

características pessoais dos verbos, segundo o autor, podem ser observadas na figura 13 a seguir.

Figura 13 - Características do verbo no guarani em Guasch e Ortiz (2008)



Fonte: Elaboração da autora com base em Guasch e Ortiz (2008, p. 809).

Essas características evidenciam que a conjugação em guarani, diferentemente da maioria das línguas, é prefixal. De acordo com Guasch e Ortiz (2008, p. 809), “estas características nos muestran que la conjugación guaraní es prefijadora. Diferencia radical, si comparamos el guaraní con el latín, castellano y demás lenguas indoeuropeas, cuyas conjugaciones son sufijadoras”¹²⁰.

3.5.1.6 Advérbio

O advérbio em guarani é a palavra que serve para modificar um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Segundo Muniagurria (1947, p. 73), “los nombres, como los verbos, pueden fácilmente en este idioma ser transformados en adverbios”.

Na concepção de Canese e Alcaraz (2007, p. 68), os adverbios são “palabras que acompañan a un verbo, un adjetivo u otro adverbio para calificarlos, pero lo que mejor define al adverbio es su capacidad de modificar al verbo”¹²¹. Segundo os autores, de acordo com o seu significado, “los adverbios pueden ser de modo, cantidad, intensidad,

¹²⁰ “Estas características nos mostram que a conjugação guarani é prefixal. Diferença radical, se comparamos o guarani com o latim, castelhano e demais línguas indo-europeias, cujas conjugações são sufixais” (GUASCH; ORTIZ, 2008, p. 809, tradução da autora).

¹²¹ “Palabras que acompañan um verbo, um adjetivo ou outro advérbio para classificá-los, mas o que melhor define o advérbio é sua capacidade de modificar o verbo” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 68, tradução da autora).

tiempo, aspecto, lugar, afirmación, negación e interrogación”¹²². Já conforme sua composição, “los adverbios pueden ser simples o compuestos. Los simples constan de una sola raíz nominal, los compuestos, de una raíz nominal acompañada de una posposición nominal adverbializante o de un sufijo de grado o de modo”¹²³ (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 68).

De acordo com Assis (2008, p. 879), o advérbio, morfologicamente, é uma “palavra invariável, ou seja, não apresenta flexão de gênero, número, modo, mas pode apresentar grau”. Porém, “semanticamente funciona como modificador de um verbo, adjetivo, outro advérbio, ou frase, exprimindo circunstância de tempo, modo, lugar, qualidade, causa, intensidade, oposição, afirmação, negação, dúvida, aprovação”. O quadro 31, a seguir, exemplifica essas categorias.

Quadro 31 - O advérbio no guarani em Assis (2008)

ADVÉRBIO	DESCRIÇÃO
Advérbio de modo	Muitos advérbios de modo são formados com o sufixo -meme/mente. Ex.: <i>ojapo meme ko'ã mba'e</i> (faz estas coisas frequentemente).
Advérbio de lugar	Ex.: <i>aguĩ ohasa</i> (passou perto); <i>akatúa</i> (à direita); <i>akatúpe</i> (à esquerda); <i>agotyó</i> (deste lado); <i>amóngotyó</i> (daquele lado).
Advérbio de tempo	Ex.: <i>Ágave</i> (mais tarde), <i>ãnge</i> (hoje), <i>ãnge pyhare</i> (esta manhã).
Advérbio de quantidade	Ex.: <i>ete/ite</i> (muito); <i>iterei</i> (demais); <i>heta</i> (muito); <i>heta porã</i> (bastante); <i>mba'eve</i> (nada); <i>mbovy</i> (pouco).
Advérbio de interrogação	Ex.: <i>Añeípa</i> (verdade?); <i>araka'epa</i> (quando?); <i>mamópa</i> (onde?), <i>maerãpa</i> (para que fim?), <i>mávapa he'i</i> (quem disse?).
Advérbio de afirmação	Ex.: <i>Añete</i> (deveras), <i>avei</i> (também), <i>he'ẽ</i> (sim), <i>ikatu oho</i> (pode ir).
Advérbio de negação	Ex.: <i>ani</i> (não), <i>anítei</i> (não será), <i>ndaikuaái ichupe</i> (não o conheço).

Fonte: Elaboração da autora com base em Assis (2008, p. 879-882).

3.5.1.7 Preposição

Muniagurria (1947, p. 73) esclarece que “el nombre que en guaraní corresponde a las preposiciones es el de posposiciones, pues se hallan colocadas después de las palabras”¹²⁴. Os exemplos e os usos das preposições em guarani, segundo o autor, são descritos no quadro 32.

¹²² “Os advérbios podem ser de modo, quantidade, intensidade, tempo, aspecto, lugar, afirmação, negação e interrogação” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 68, tradução da autora).

¹²³ “Advérbios podem ser simples ou compostos. Os simples consistem em uma única raíz nominal, os compostos, de uma raíz nominal acompanhada de uma posposição nominal adverbializada ou de um sufixo de grau ou de modo” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 68, tradução da autora).

¹²⁴ “O nome que em guarani corresponde às preposições é o de adições, pois se encontram colocadas depois das palavras” (MUNIAGURRIA, 1947, p. 73, tradução da autora).

Quadro 32 - A preposição no guarani em Muniagurria (1947) (continua)

PREPOSICÕES	DESCRIÇÃO
<i>pe</i>	a. Esta preposição estabelece a relação existente entre o agente e o paciente, quando se emprega um verbo ativo
<i>be</i>	a (anteposta aos pronomes eu, você, nós e vocês)
<i>pe (me)</i>	a (posposto aos verbos que expressam movimento)
<i>a</i>	a (preposição que estabelece a relação existente entre dois verbos, o segundo dos quais se encontra em infinitivo). <i>Ahá acarú</i> (vou comer). Nas outras pessoas do presente do indicativo, as partículas <i>re</i> , <i>o</i> , <i>ya</i> , <i>pe</i> , interpostas entre ambos os verbos, equivalem igualmente à preposição mencionada.
<i>Maéhápe (hechápe)</i>	ante. <i>Chemaéhápe</i> : ante minha vista. <i>Cherobaqué</i> : ante mim.
<i>güi</i>	sob. <i>Chepogüi</i> (sob a minha mão)
<i>pípe</i>	com. <i>Chepopípe</i> (com minha mão). Atualmente é usada em forma apocopada: <i>Chepópe</i> , o que a torna idêntica à partícula <i>pe</i> , acima estudada, sem ser a mesma.
<i>me</i>	com (usa-se em lugar da anterior, quando a sílaba que a precede é nasal).
<i>rupí</i>	com (quando expressa companhia).
<i>Ndi (ndíbei)</i>	com. Usa-se indistintamente esta ou a preposição anterior, pois seu significado é o mesmo.
<i>opá upeicha</i>	com (usa-se com o pronome indefinido “tudo”).
<i>Rehebé (hecebé)</i>	com (use-se quando alguém se refere ao que traz ou leva consigo).
<i>hecé</i>	contra. <i>Opu-á hecé</i> (levantou-se contra ele)
<i>cotícotĩ</i>	em contra (de alguém). <i>Opu-á che cotícotĩ</i> (levantou-se contra mim).
<i>de</i>	preposição de ablativo, de caráter implícito, com a qual se denota propriedade ou posse.
<i>agüi</i>	aqui (preposição de ablativo).
<i>pegüi</i>	de lá (id).
<i>güi</i>	de. <i>Enohé cóbagüi</i> (tira deste). Com as primeiras e segundas pessoas dos pronomes pessoais, é <i>hegüi</i> , e com as terceiras, <i>chugüi</i> .
<i>gua</i>	de (para indicar a matéria da qual uma coisa é formada, ou a que pertence).
<i>bo</i>	de (ligado ao substantivo. <i>Híébo</i> (de barriga). <i>Obaubábo</i> (de costas).
<i>Güibé (güié)</i>	desde. <i>Aracaégüié</i> (desde quando).
<i>mobé</i>	desde (quando se expressa o desejo ou o ânimo de fazer algo, ou uma modificação desse estado de espírito).
<i>pe</i>	em. <i>Cherógape</i> (em casa).
<i>rângüé</i>	em vez de
<i>ri</i>	em. <i>Cheayüri</i> (no meu pescoço). <i>Mboipĩri</i> (na outra banda).
<i>é</i>	em (depois do gerúndio ou do subjuntivo).
<i>bé</i>	em. <i>Coêramobé</i> (enquanto amanhece)
<i>Pa-û (püté)</i>	entre. A utilização determina a qual das duas partículas deve ser dada preferência.
<i>Nguará (nguáráma)</i>	para (posposto aos nomes e pronomes em casos dativos). <i>Chebenguára</i> (para mim). Posposto também aos advérbios: <i>yepínguáráma</i> (para sempre). Transforma-se em <i>hânguá</i> , posposto para os verbos: <i>onâníhânguá</i> (para correr). «Para nunca», leva interposta a partícula <i>pe</i> : <i>marobépenguára</i> . O mesmo, «para quando», <i>aracaépenguára</i> . Se a partícula «quando» segue o verbo «ter» em mais-que-perfeito do subjuntivo, deve ser inserida a partícula <i>râmô</i> correspondente a esse tempo.
<i>maerá (mará)</i>	para que
<i>maragüei</i>	para que, se... Exemplo: <i>Maragüei pa reyeré ye-ĩ baeráro</i> (para que você vá, se você tiver que voltar outra vez)
<i>rehé (hecé)</i>	por. <i>Cherehére ou</i> (veio por mim). <i>Oú hecé</i> (veio por ele). Utiliza-se geralmente em forma apocopada (<i>re</i>).
<i>rupi</i>	por (quando se refere a caminhos ou lugares).
<i>ayebé</i>	por isso
<i>güibó</i>	por onde, ou por que lado. <i>Mamogüibó pa ou</i> (por onde ou de onde veio?)
<i>ĩ (eĩ eĩn)</i>	sem. Esta preposição é muito usada. Eles acompanham as palavras cujo conteúdo é negado. Nesta forma, o índio chegou a expressar as ideias ou conceitos mais gerais.

Quadro 32 - A preposição no guarani em Muniagurria (1947) (conclusão)

<i>ari</i>	sobre, acima. <i>Cheâcá ari(árâmô)</i> (sobre minha cabeça).
<i>eĩriré</i>	depois não. Para que não seja um advérbio de lugar, «depois» deve ser tomado como sinônimo de «apesar de» ou «além de». <i>Oyenupá eĩriré oñemoí ouahe-ó</i> (ouvi dizer que depois de não ter sido açoitado, começou a chorar).
<i>Eí</i>	seu, por si. <i>Oyecací</i> (se quebrou sozinho, por si mesmo)
<i>emonú</i>	dessa maneira
<i>mbaépe</i>	em que. <i>Mbaepe reicó</i> (em que andas)
<i>ngaú</i>	por exemplo
<i>oimeháoe</i>	em qualquer parte
<i>opáraicha</i>	de qualquer maneira

Fonte: Elaboração da autora com base em Muniagurria (1947, p. 80-83).

3.5.1.8 Conjunção

A conjunção constitui uma palavra invariável que conecta ou relaciona entre si vocábulos ou frases. No quadro 33, são apresentadas algumas das principais conjunções em guarani, conforme Muniagurria (1947, p. 84).

Quadro 33 - A conjunção no guarani em Muniagurria (1947)

CONJUNÇÕES	DESCRIÇÃO
<i>ha</i>	e. <i>Ché há ndé</i> (eu e você)
<i>tera</i>	ou. <i>Ché terá ndé</i> (eu ou você)
<i>re</i>	que. <i>Aipotá re hó</i> (eu quero que você vá)
<i>to (te)</i>	que (para casos de subjuntivos). <i>Tobé to güerú</i> (deixa que traga). <i>Te rehó agüei</i> (melhor é que vá).
<i>aété</i>	mas. <i>Nde rehone, Ché aété apĩtane</i> (você irá, mas eu ficarei).
<i>Miñá (bñá)</i>	mas. <i>Ahá miñá há ayeré yebĩ</i> , eu fugi e regressi (já aprendi o caminho).
<i>yepé</i>	ainda (embora). <i>Rehoro yepé</i> (ainda que você vá).
<i>neíra</i>	ainda não. Ainda não. Diz-se também <i>neíra güterí</i> .
<i>ro</i>	se <i>nda imarâi ndo maeiro</i> (não importa se não olha).
<i>máraicha</i>	Como
<i>coba raichá</i>	como isto
<i>hecope</i>	como sempre
<i>güüé</i>	se. <i>Yñarandú güüé</i> (se for inteligente)
<i>râmô</i>	se (para casos de subjuntivos). <i>Ohórâmô</i> (se for)
<i>nguârá (hânguá-ra)</i>	para (quando o objeto ou destino de uma coisa é indicado).
<i>tere</i>	para. <i>Tere yapótere</i> (para você fazer).

Fonte: Elaboração da autora com base em MUNIAGURRIA (1947, p. 84).

3.5.1.9 Interjeição

Em guarani, a interjeição é uma expressão que serve para demonstrar susto, alegria, surpresa e outros estados ou mudanças súbitas de ânimo. As exclamações e interjeições consideradas principais na língua guarani, conforme Muniagurria (1947, p. 85), são reunidas no quadro 34:

Quadro 34 - A interjeição no guarani em Muniagurria (1947)

EXCLAMAÇÕES E INTERJEIÇÕES	EXEMPLOS
<i>nei (ne-í)</i>	Exclamação de desgosto. Na última forma, significa: deixa-me em paz!
<i>peina</i>	Aí está. Indica surpresa.
<i>há</i>	Interjeição de reprovação. <i>Há carai!</i> (que homem é este!)
<i>hepa</i>	Exclamação de alguém que provoca o choque ou acidente de que foi vítima.
<i>neique</i>	Aquele
<i>cháque</i>	cuidado!
<i>Háque (hoque)</i>	Exclamação diante do perigo que se encontra e não se pode evitar.
<i>tamó</i>	Oxalá
<i>ângá</i>	Expressa-se, com este vocábulo, piedade ou pena. É como se se dissesse: pobrezinho!

Fonte: Elaboração da autora com base em Muniagurria (1947, p. 85).

No guarani, de acordo com Assis (2008, p. 926-927), os objetos não têm gênero, apenas fica subentendido pelo contexto; não há concordância de gênero nem artigos definido ou indefinido. A falta do artigo é suprida pelos pronomes demonstrativos e pelo numeral *peteĩ* (indefinido). Alguns verbos são construídos com prefixos de pessoa e número e pode-se agrupar um complemento do verbo dentro dele, formando um predicado verbal de uma só palavra.

Em síntese, nota-se que as categorias de palavras não são absolutas, podem variar de uma categoria a outra. Uma mesma palavra pode desempenhar funções verbais ou funções nominais. Os termos variáveis ou dependentes incluem: substantivo, adjetivo, verbo e advérbio e as palavras invariáveis ou independentes incluem: o pronome, a conjunção e a interjeição.

3.6 Estrutura das palavras

De acordo com Canese e Alcaraz (2007, p. 43), “los morfemas son unidades de la primera articulación, mientras que los fonemas son unidades de la segunda articulación”¹²⁵. Já as palavras “pueden estar formadas por una raíz¹²⁶ o por la adición de

¹²⁵ “Os morfemas são unidades da primeira articulação, enquanto os fonemas são unidades da segunda articulação” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 43, tradução da autora).

¹²⁶ Para Canese e Alcaraz (2007, p. 43), “la raíz es lo que queda de la palabra después que se le hayan sacado todos los afijos y expresa una noción”. - “a raíz é o que resta da palavra depois que todos os afijos foram retirados e expressa uma noção” (Tradução da autora).

una raíz con afijos¹²⁷ con los que se aglutina y que le agregan significados”¹²⁸ (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 43).

Em guarani, a noção de palavra é muito ambígua; geralmente são preferidas palavras curtas para facilitar a escrita e a interpretação do significado. Toda palavra tem pelo menos uma raiz, no entanto, tem palavras que contêm mais de uma e são denominadas palavras compostas. De acordo com Assis (2008, p. 870), “o Guarani é uma língua aglutinante, isto é, seu mecanismo predominantemente de formação de palavra é a aglutinação/joajupyre”.

Ainda conforme Assis (2008, p. 870), “as palavras podem ser segmentadas em uma série de morfemas que permanecem nitidamente distintos”:

- a) **Lexema** – é um conjunto de palavras de mesma classe que se distribuem de forma complementar e diferem entre si unicamente por sufixos flexivos.
- b) **Morfema** – é a menor unidade linguística que possui significado, abarcando raízes e afijos, formas livres e formas presas e vocábulos gramaticais, preposições e conjunções.
- c) **Radical** – é parte da estrutura de uma palavra que contém seu significado básico e recebe os sufixos flexionais. Pode ou não ter afijos derivacionais. É simples, se constituído de um único morfema, e complexo, se constituído por mais de um morfema.
- d) **Radical nominal** – indica seres, objetos ou ideias e podem ter função de adjetivos, substantivos, pronomes, advérbios e verbos copulativos.
- e) **Radical verbal** – indica ação e com eles se formam verbos. Muitas raízes em Guarani podem pertencer a várias categorias gramaticais sem mudar de forma. Podem ser adjetivos, substantivos, pronomes, advérbios e verbos copulativos. Sua categoria gramatical se deduz dos afijos que a seguem ou do contexto (ASSIS, 2008, p. 870).

A seguir, descreve-se o processo de formação das palavras em guarani.

3.7 Formação das palabras

Segundo Canese e Alcaraz (2007, p. 111), “las palabras tienen una base léxica formada por raíces¹²⁹ y afijos derivativos o transformacionales llamada lexema¹³⁰ a la que

¹²⁷ Segundo Canese e Alcaraz (2007, p. 43), “los afijos se aglutinan con la raíz formando una sola palabra. Se llaman prefijos si van antes de la raíz y sufijos si van después de ella”. – “os afijos aglutinam com a raiz formando uma única palavra. Eles são chamados prefixos se forem anteriores à raiz e sufixos se forem depois da raiz” (*Tradução da autora*).

¹²⁸ “As palavras podem ser formadas por uma raiz ou pela adição de uma raiz com afijos com os quais se aglutina e que lhe agregam significados” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 43, *tradução da autora*).

¹²⁹ Para Canese e Alcaraz (2007, p. 111), “las raíces son los morfemas que llevan en sí los significados mínimos básicos de las palabras, después de que se las haya despojado de todos los afijos”. – “as raízes são os morfemas que carregam os significados mínimos básicos das palavras, depois de terem sido retirados de todos os afijos” (*Tradução da autora*).

¹³⁰ Segundo Canese e Alcaraz (2007, p. 111), “los lexemas son la base significativa de las palabras y están formados por una o más raíces a las que pueden aglutinarse o no afijos derivativos, um lexema debe

se pueden aglutinar morfemas accesorios que le agregan significados adicionales llamados accidentes gramaticales”¹³¹.

Há dois motivos para se formarem palavras novas nas línguas: para se utilizar o sentido de uma palavra já existente em outra classe gramatical e para se preencherem necessidades semânticas de nomeação. Assim, os processos de formação de palavras em guarani, assim como em português, apresentam duas funções centrais: a função sintática e a função semântica. Os principais e mais produtivos processos de formação de palavras em ambas as línguas são a derivação e a composição.

Na derivação, o lexema criado tem o seu significado muito próximo do item do qual ele é originário. A derivação requer a presença de afixos (prefixos ou sufixos) e pode ser classificada como prefixal, sufixal ou parassintética:

- Derivação prefixal: prefixo + palavra-base. Ex.: *Ijajaka* (*i* = prefixo). Sua cesta.
- Derivação sufixal: sufixo + palavra-base. Ex.: *Ogakue* (*kue* = sufixo). Casa antiga.
- Derivação parassintética: prefixo + palavra-base + sufixo. Ex.: *Ndaguatái* (*nda* + *guatá* + *i*). Não anda.

Já o processo de composição é caracterizado pela união de duas bases e apresenta estrutura interna acessível à sintaxe. De um modo geral, entende-se a composição como um processo que combina dois ou mais radicais livres e/ou presos para formar um item morfológicamente complexo. A diferença mais determinante entre os processos é que a derivação é realizada quando utilizamos uma base mais um afixo, enquanto a composição é feita com a junção de dois elementos estáveis.

Tomando por base essas considerações sobre o processo de formação de palavras, conclui-se que, enquanto a derivação se dá no componente morfológico da gramática, a composição parece se realizar sintaticamente. A distinção entre esses dois processos está no fato de que, enquanto na derivação ocorre a anexação de um elemento não independente (o prefixo) a outro independente (forma ou radical livre), na composição combinam-se duas ou mais formas livres ou independentes.

contener por lo menos una raíz y pueden ser nominales o verbales”. – “os lexemas são a base significativa das palavras e são formados por uma ou mais raízes às quais podem aglutinar ou não afixos derivados, um léxico deve conter pelo menos uma raiz e pode ser nominal ou verbal” (*Tradução da autora*).

¹³¹ “As palavras têm uma base léxica formada por raízes e afixos derivativos ou transformacionais chamada lexema à qual se podem aglutinar morfemas acessórios que lhe agregam significados adicionais chamados acidentes gramaticais” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 111) (*Tradução da autora*).

O próximo item centra-se no conceito de derivação e de composição, processos básicos para formação de palavras no guarani, com base em Muniagurria (1947), Canese e Alcaraz (2007) e Assis (2008).

3.7.1 Conceito de derivação

O processo de derivação é uma característica das línguas aglutinantes, um mecanismo de formação léxica que une palavras e afixos. Na perspectiva de Muniagurria (1947, p. 8), como todos “los idiomas primitivos, el guaraní es un idioma aglutinante. De allí que la mayoría de sus palabras se hallen constituídas por raíces. A las sílabas constituídas por raíces, suelen agregarse los prefijos y sufijos, que completan el significado de las palabras.”¹³²

A derivação de elementos de uma categoria a partir de outros da mesma ou de distintas categorias ocorre mediante o acréscimo de afixos a radicais (derivação por afixação). Canese e Alcaraz (2007, p. 111) ponderam que “la derivación consiste en aglutinar con la raíz afixos derivativos o transformacionales para formar un nuevo lexema”¹³³. Em outros termos, o processo de derivação forma novas palavras a partir de prefixos e sufixos, implica presença de morfemas que podem afetar a constituição interna da palavra e permite, inclusive, a mudança de classes de palavras. A derivação é, sobretudo, um processo de formação de palavras a partir de uma palavra primitiva e pode ocorrer por prefixação e sufixação.

Enfim, é possível afirmar que a tradição gramatical guarani se detém basicamente em segmentar a derivação em prefixos e sufixos e em classificar esses afixos segundo a sua origem, com exemplos de formações prefixais e sufixais, agrupados por traços semânticos, sem proceder a um estudo sistemático de outras particularidades de distribuição desses afixos.

3.7.2 Conceito de composição

¹³² “Como todos os idiomas primitivos, o guarani é um idioma aglutinante. Daí que a maioria de suas palavras se encontram constituídas por raízes. Às sílabas constituídas por raízes, costumam ser adicionados os prefixos e sufixos, que completam o significado das palavras” (MUNIAGURRIA, 1947, p. 8, *tradução da autora*).

¹³³ “A derivação consiste em aglutinar com a raiz afixos derivativos ou transformacionais para formar um novo lexema” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 111, *tradução da autora*).

Sabe-se que o guarani é considerado uma língua aglutinante, pois os morfemas formadores das palavras preservam sua identidade e podem ser claramente distinguidos. Assim, a palavra composta em guarani, assim como no português, representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes separada das noções manifestadas pelos seus componentes. De acordo com Canese e Alcaraz (2007, p. 112), “la composición es la unión de dos raíces para formar un solo lexema. El significado de la palabra resultante de la unión no es del todo equivalente a la suma de los significados de las dos raíces”¹³⁴.

Enfim, tem-se a composição mediante a combinação de raízes e de radicais. O que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que cada uma das bases que se juntam para formar uma palavra tem seu papel definido pela estrutura.

No próximo capítulo, apresentam-se os pressupostos metodológicos deste trabalho.

¹³⁴ “A composição é a união de duas raízes para formar um único lexema. O significado da palavra resultante da união não é de todo equivalente à soma dos significados das duas raízes” (CANESE; ALCARAZ, 2007, p. 112, *tradução da autora*).

CAPÍTULO 4

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta e discute o percurso metodológico trilhado em busca do alcance dos objetivos estabelecidos para a pesquisa e está estruturado em cinco seções: metodologia aplicada à pesquisa; sistematização dos dados; área de pesquisa; mesorregiões geográficas, microrregiões e respectivos municípios; dicionários de línguas indígenas. De modo geral, o capítulo focaliza a metodologia empregada e contextualiza o espaço onde se desenvolve a pesquisa, apontando os caminhos percorridos e explicitando os procedimentos adotados e o referencial teórico.

4.1 Metodologia aplicada à pesquisa

Para a constituição do *corpus* da pesquisa foram cumpridas três etapas.

A primeira constituiu-se no levantamento, leitura e fichamento do referencial teórico relacionado à Linguística, às teorias lexicais, à Onomástica, especificamente os relativos à Toponímia.

Na segunda etapa, foi realizado o levantamento dos topônimos a serem analisados, ou seja, os topônimos de base indígena que nomeiam acidentes geográficos de natureza física situados nos 79 municípios de Mato Grosso do Sul. O *corpus* foi extraído do Sistema de Dados do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS), que armazena dados coletados pela equipe de pesquisadores do ATEMS. Foi realizada a conferência dos dados por meio de consulta aos dados oficiais disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) e complementado o *corpus* quando identificados novos dados.

A terceira etapa da pesquisa¹³⁵ foi destinada à sistematização e à primeira etapa da análise dos dados do *corpus*, ou melhor, ao preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica¹³⁶, cujos dados foram organizados em quadros que apresentam os topônimos estudados, a língua de origem de cada designativo, a etimologia, a taxa toponímica de

¹³⁵ Cf. capítulo V.

¹³⁶ Na revisão dos dados das fichas, houve ajustes e/ou complementação de informações quando necessário, em especial as relativas à etimologia dos topônimos indígenas, objeto de investigação desta pesquisa.

acordo com o modelo adotado e a estrutura morfológica dos topônimos. Os resultados em valores numéricos e percentuais foram apresentados em forma de tabelas e gráficos que ilustram a distribuição quantitativa das categorias analisadas¹³⁷.

Convém ressaltar que, para a coleta e classificação dos dados, foram seguidas as orientações metodológicas do Projeto ATEMS. O estudo orientou-se, fundamentalmente, pelo modelo teórico-metodológico proposto por Dick (1990; 1999; 2006), que se baseia em uma organização de natureza indutivo-dedutiva e adota “procedimentos onomasiológico-semasiológico característico da pesquisa do léxico” (DICK, 2006, p. 98). De modo geral, este trabalho tem a expectativa de possibilitar ao pesquisador conhecimentos no âmbito da toponímia, fornecendo dados sobre as estruturas e as motivações dos designativos de lugar analisados.

Na próxima subseção, são explicitados os procedimentos adotados para a sistematização e análise dos dados, como também o referencial teórico que embasou essa etapa da pesquisa.

4.2 Sistematização dos dados

Como já mencionado, esta pesquisa vincula-se ao Projeto ATEMS, sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O ATEMS realizou o inventário e a catalogação de todos os topônimos rurais registrados nos mapas oficiais dos 79 municípios do estado de Mato Grosso do Sul (acidentes físicos e humanos). O Sistema de dados do ATEMS reúne os topônimos coletados dos mapas oficiais do IBGE, escalas 1:250.000 e 1:100.000, que nomeiam acidentes humanos (vilas, distritos, povoados etc.) e físicos (córregos, rios, morros etc.).

Na sua etapa atual, o projeto tem duas metas: ampliação do banco de dados com registro da toponímia urbana e a produção do dicionário de topônimos do Mato Grosso do Sul. O Sistema de Dados ATEMS já tem armazenados 18.250 topônimos da área rural¹³⁸, sendo 10.738 topônimos de acidentes humanos (fazendas, sítios, vilas, povoados...) e 7.512 designativos de acidentes físicos (rios, córregos, cachoeiras, montes, serras...). O *corpus* selecionado para esta pesquisa é constituído por 1.750 topônimos de base indígena que nomeiam acidentes físicos rurais, relativos localizados nos 79

¹³⁷ Cf. capítulo VI.

¹³⁸ Dados consultados em 14 de agosto de 2020.

municípios que se distribuem entre as quatro mesorregiões e 11 microrregiões do estado de Mato Grosso do Sul.

Tanto o Projeto ATEMS quanto este estudo foram orientados pelos parâmetros teórico-metodológicos propostos por Dick (1982; 1987; 1990; 1992, 1997;2000; 2002-2003; 2006; 2008), ou seja, análise dos dados nas perspectivas da motivação, das camadas etnodialetológicas e da estrutura morfológica, considerando, pois, a dimensão linguística (língua de origem, etimologia, estrutura morfológica) e motivação (taxionomias toponímicas).

Para a definição da ficha lexicográfico-toponímica, no caso deste trabalho, representada por meio de quadros foi considerado fundamentalmente o modelo original de Dick (2004, p. 130), elaborada para o Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo)¹³⁹, acrescida por elementos considerados pelo Projeto ATEMS que também se pautou no modelo original de Dick (2004). Na sequência as figuras 14 e 15, trazem, respectivamente, as fichas do Projeto ATESP e do Projeto ATEMS.

Figura 14 - Modelo da Ficha Lexicográfico-toponímica (DICK, 2004)

Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
Ficha lexicográfico-toponímica

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (DLCV-DL/USP)

Subárea: Toponímia Geral e do Brasil

Localização - Município: _____
Topônimo: _____ A.G.: _____ Taxionomia: _____
Etimologia: _____

Entrada Lexical: _____

Estrutura Morfológica: _____

Histórico: _____

Informações Enciclopédicas: _____

Contexto: _____

Fonte: _____
Pesquisador: _____ Revisor: _____
Data de Coleta: _____

Fonte: Dick (2004, p. 130)

¹³⁹ Como os demais projetos de Atlas toponímicos estaduais, o ATESP configura-se como variante regional do ATB – Atlas Toponímico do Brasil.

Figura 15 - Ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS

Localização/Município:
Mesorregião
Microrregião
Acidente
Topônimo
Variante cartográfico-lexical
Tipo de elemento geográfico (físico/humano)
Área (rural/urbana)
Classificação toponímica
Língua de origem
Etimologia
Entrada lexical
Estrutura morfológica do topônimo
Histórico
Informações enciclopédicas
Contexto
Fonte (dados do mapa oficial do IBGE)
Referências bibliográficas
Coordenador
Pesquisador
Revisor
Responsável pelo lançamento no Sistema de Dados
Data da coleta do topônimo

Fonte: Dargel; Isquerdo (2020, p. 28-30)¹⁴⁰.

Para a sistematização dos dados inventariados, foram organizados, por mesorregião administrativa do IBGE que compõem o estado de Mato Grosso do Sul, quatro quadros contendo elementos da ficha lexicográfico-toponímica, uma adaptação do modelo de Dick (2004), também utilizada pelo Projeto ATEMS, como anteriormente assinalado. Os quadros contêm os tópicos arrolados no quadro 35 que traz uma síntese do conteúdo tomado como parâmetro para a organização dos quadros 41, 42, 43 e 44 que compõem o Capítulo 5 desta Tese.

¹⁴⁰ O modelo original da ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS foi originalmente produzida pela equipe do projeto em 2011 e integra o capítulo “Projeto ATEMS: parâmetros metodológicos” (DARGEL; ISQUERDO, 2020).

Quadro 35 - Quadro-síntese dos parâmetros de avaliação dos topônimos

ITEM DA FICHA	CONTEÚDO
Microrregião	Microrregião administrativa do IBGE que abrange o município onde se localiza o topônimo (11 microrregiões).
Município	Nome do município, onde está localizado o acidente nomeado (79 municípios).
Elemento geográfico	Acidente geográfico (acidentes físicos. Ex.: córrego, rio, cabeceira, vazante, serra etc.) – elemento genérico do sintagma toponímico.
Topônimo	Nome do acidente geográfico – elemento específico do sintagma toponímico.
Língua de origem	A língua de origem do topônimo: língua indígena (Ex.: tupi, guarani, terena, guaicuru, tapuia, guaxis, kaingang, karajá, caiapó, xavante, aruaque, bororo, cariri, quíchua etc.), língua portuguesa e outras línguas estrangeiras, no caso de topônimos híbridos.
Etimologia	A origem do termo gerador de nome próprio (especificamente dos topônimos de origem indígena).
Taxionomia	Taxionomia de acordo com o modelo de Dick (1992).
Estrutura morfológica	Categorias: elemento específico simples, elemento específico composto, elemento específico simples híbrido e elemento específico composto híbrido. Outras informações relacionadas à formação gramatical do topônimo, em especial os processos de justaposição, aglutinação, soldadura e acomodações fonéticas.

Fonte: Elaboração da autora

Na sequência, o quadro 36 informa o modelo de quadro adotado para a apresentação dos dados do *corpus* toponímico em estudo.

Quadro 36 - Excerto do quadro de registro de dados (SILVA, 2020) (continua)

Microrregião	Município	Elemento geográfico	Topônimo	Língua de Origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura morfológica
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Anhanduí	Tupi	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Í/Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com soldadura (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Capivara	Tupi	Capivara: corr. caapiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (Hydrochoerus Capybara) (SAMPAIO, 1928, p. 180). Capivara: s.f. [T. kapii'uaara<ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u,</i> o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. <i>Alt. Guara. V. Guara</i> (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im. subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Guju-Mirim	Tupi	Guyjú: s. Grilo (BUENO, 2008, p. 143). Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. <i>Alt. miri, mi, mini, im, i</i> (SAMPAIO, 1928, p. 266).	Zootopônimo	Composto (substantivo + adjetivo)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Rio	Indaiá Grande	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. <i>Alt. Andayá, Endayá</i> (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andáyá, copioso em amêndoas. <i>Alt. Indayá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Angico	Tupi	Angico: s. árvore de grande porte Piptadenia peregrina) (BUENO, 2008, p. 46).	Fitotopônimo	Simples (substantivo)

Quadro 36 - Excerto do quadro de registro de dados (SILVA, 2020) (conclusão)

Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	da Taboca	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborecente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Geverê	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada

Fonte: Elaboração da autora

Conforme exemplificado, nos quadros que compõem o Capítulo 5 desta Tese, alguns topônimos não foram incluídos em nenhuma das taxes, também não foi possível recuperar língua de origem, etimologia e estrutura morfológica. Nesses casos, preenchemos o campo em questão com a informação “não identificada”. Além disso, outro aspecto importante a ser destacado é o fato de que alguns nomes de acidentes geográficos estão presentes em vários municípios, nesses casos, os topônimos foram mantidos por fazerem parte, especificamente, da toponímia do município.

O *corpus* toponímico¹⁴¹ foi analisado quantitativa e qualitativamente. A análise quantitativa considerou o tratamento estatístico dos dados, expressos em tabelas e gráficos dos vários aspectos analisados (língua de origem, taxionomia e estrutura morfológica etc.), enquanto na análise qualitativa examinou-se a motivação semântica dos designativos.

Como pontuado no quadro 36 os topônimos foram classificados de acordo com a taxionomia de Dick (1992) que, como justificado no Capítulo 1 deste trabalho, se configura como uma proposta teórica concebida a partir de dados da toponímia brasileira e, por extensão, o mais adequado para os dados desta pesquisa, por se tratar de uma proposta ampla que contempla um número maior de categorias toponímicas em relação aos outros modelos examinados. O modelo de Dick, no que se refere aos topônimos compostos, considera, para fins de classificação, o primeiro formante, por exemplo, no sintagma toponímico córrego Buriti Preto, em que o elemento genérico é córrego, e o elemento específico Buriti Preto, considera-se, para fins de definição da taxionomia, o elemento Buriti, o núcleo do sintagma nominal.

Neste trabalho foi incorporada também a contribuição de Isquierdo (1996, p. 118) que propôs uma subdivisão para a taxie dos *animotopônimos*, anexando a ela os elementos especificadores *eufórico* e *disfórico* que permitem diferenciar topônimos que evocam expectativas positivas (animotopônimo eufórico) dos que sugerem estado anímico com traço negativo (animotopônimo disfórico).

Com relação à estrutura morfológica dos topônimos indígenas, no que se refere à incorporação de indigenismos na língua portuguesa, os dados sobre o léxico do português do Brasil atestam que o processo foi tão efetivo que acabou se tornando base para a formação de compostos e derivados. No entanto, antes de discutir essa questão, torna-se necessário analisar a estrutura dos topônimos de um modo geral. A noção de sintagma

¹⁴¹ O *corpus* foi organizado em quadros por ser considerado a melhor forma de visualização geral dos dados investigados.

toponímico reúne, em sua estrutura, dois elementos, o nome do acidente geográfico e o seu respectivo nome, o topônimo, ambos intrinsecamente ligados, uma vez que o sintagma toponímico é concebido como o resultado da relação binária entre o acidente geográfico¹⁴² (elemento genérico e determinado) e o topônimo (elemento específico e determinante)¹⁴³.

Para Dick (1992, p. 10-13), ao ser atribuído um nome próprio a um lugar, o topônimo liga-se ao acidente geográfico, o *elemento genérico* que corresponde à entidade geográfica que receberá a denominação na condição de *elemento específico*, o topônimo propriamente dito, que particulariza a noção espacial. Ambos formam o sintagma toponímico, de forma justaposta ou aglutinada, conforme a natureza morfológica da língua que os inscreve¹⁴⁴.

Dessa forma, à luz da proposta de Dick (1992, p. 13-14), a formação morfológica dos topônimos se dá de três maneiras: (i) *elemento específico simples*, definido por um só formante, acompanhado ou não por sufixos (ex.: *Mirim, Mangaba, Iari, Guarani*); (ii) *elemento específico composto* (ex.: *Guju-Mirim, Caraja Cuê, Ipuí-Pucu, Ita-Porã*), estruturado a partir de elementos formadores de natureza diversa e (iii) *elemento específico híbrido*¹⁴⁵, formado por itens lexicais oriundos de diversas línguas. Nesse último caso, quanto à formação, os topônimos podem se configurar como *simples híbrido* (ex.: *Mangabal, Mangabeira, Pitanguinha, Landizinho*) e composto híbrido (ex.: *Tapera Queimada, Três Capões, Islã Guaçu, Paraná Grande*).

Por fim, conforme exemplificado no quadro 36, foram acrescentados à proposta metodológica de Dick (1992) no que se refere à estrutura dos topônimos, a composição por justaposição e aglutinação, o processo de acomodação fonética e o conceito de *soldadura*¹⁴⁶. O quadro 37, por sua vez, reúne uma amostra de topônimos indígenas candidatos à *soldadura* com o objetivo de exemplificar melhor esse conceito. De modo geral, a partir de uma definição tradicional de composição procura-se explicar as

¹⁴² O acidente geográfico é o elemento genérico do sintagma toponímico (córrego, cabeceira, cachoeira, rio, ribeirão, serra etc.) e indica o referente nomeado.

¹⁴³ O elemento determinante é um termo que tem por função especificar o sentido de um outro termo, enquanto o determinado é um termo cujo sentido é especificado pelo anterior, sendo a ele subordinado.

¹⁴⁴ Nesta pesquisa, discute-se a composição com ênfase no processo de justaposição e aglutinação, tomando-se como referência teóricos como Coutinho (1969), Carone (1986), Kehdi (2007), entre outros.

¹⁴⁵ Dick (1992 p. 14) esclarece que o topônimo híbrido, ou elemento específico híbrido, é “aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências; a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa”.

¹⁴⁶ O conceito de soldadura é apresentado por Gross (1996, p. 7). Ver Capítulo 1, desta Tese.

tendências de formação de palavras em topônimos de base indígena, adotando, para tanto, uma hipótese de *soldadura* ortográfica¹⁴⁷.

¹⁴⁷ Essa discussão acerca do processo de *soldadura* ortográfica é um dos produtos do estágio de doutorado sanduíche (CAPES/COFECUB), realizado pela autora desta Tese na *Université Paris13*, sob orientação do Prof. Dr. Salah Mejri, com foco nos estudos da toponímia na perspectiva fraseológica. Este trabalho originalmente vincula-se ao Projeto VALEXTRA (*Variation lexical: théories, recours et applications*): do condicionamento lexical às restrições pragmáticas, coordenado pelo Prof. Dr. Salah Mejri e pela Profa. Dra. Marcela Torres Paim, objeto do convênio CAPES/COFECUB 838/15, celebrado entre a *Université Paris 13* e a Universidade Federal da Bahia, com a participação de mais quatro universidades do Brasil: UFMS, UFPA, UFMA e UEL.

Quadro 37 - Amostra de topônimos candidatos à soldadura ortográfica

Elemento Geográfico	Topônimo	Língua de Origem	Etimologia	Estrutura Morfológica
Morro	do Anu	LP + Tupi	Anú: variedade anum, pássaro preto. É pássaro carrapatófago (BUENO, 2008, p. 48). Anum: s.c. A-n-um, o vulto preto, o indivíduo negro. Nome da ave conhecida (Crotophaga L.). Alt. Anũ (SAMPAIO, 1987, p. 195). An: s. A sombra, o vulto, a alma. V. Anga (SAMPAIO, 1987, p. 193). Ũ: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Córrego	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Simples híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + subst. + desin. -s de plural)
Córrego	da Ouricaca [1]	LP + Tupi	Ouricana: Cid. da Bahia; de uricana, esp. de palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 91).	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + numeral)
Serra	de Aquidauana	LP + Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” ¹⁴⁸ (IBGE, 2017).	Composto Justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Lagoa	do Babaçu	LP + Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuuassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuuaa'su, iua<i>i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Composto Aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	Cabeceira Grande do Buriti	LP + Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirity, Mority (SAMPAIO, 1928, p. 171).	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + adj. + prep. + subst.)

Fonte: elaboração da autora

¹⁴⁸ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico>. Acesso em: 19 ago. 2020.

4.3 Área de pesquisa

O estado de Mato Grosso do Sul¹⁴⁹ está localizado no sul da região Centro-Oeste do Brasil. A área territorial do estado é de 357. 145, 535 km² [2018] e possui uma população de 2.778, 986 habitantes [2019]. É o 21º estado mais populoso do Brasil. Ao Norte e a Noroeste, faz divisa com Mato Grosso; Goiás e Minas Gerais, a Nordeste; São Paulo, a Leste; Paraná, a Sudoeste. O estado ainda tem como limites a Bolívia a Oeste e o Paraguai a Sul e Sudoeste. Por fim, o estado é composto por 79 municípios, divididos em quatro mesorregiões e 11 microrregiões geográficas. Na sequência, apresenta-se uma descrição sucinta dessas divisões.

4.3.1 Mesorregiões geográficas, microrregiões e respectivos municípios

O caráter intrínseco das divisões micro e mesorregional de Mato Grosso do Sul refere-se a um conjunto de determinações econômicas, sociais e políticas que dizem respeito à totalidade da organização do espaço no território estadual, com o objetivo de auxiliar a elaboração de políticas públicas, de planejamento, subsidiar estudos regionalizados e locais. De acordo com o IBGE, Mato Grosso do Sul foi dividido geograficamente em quatro mesorregiões, que, por sua vez, abrangem 11 microrregiões, segundo o quadro vigente entre 1989 e 2017 (ver quadro 38).

Quadro 38 - Divisão micro e mesorregional de Mato Grosso do Sul (continua)

MESORREGIÃO PANTANAIS SUL-MATO-GROSSEENSES	
Microrregião Baixo Pantanal/municípios	Microrregião Aquidauana/municípios
Corumbá Ladário Porto Murtinho	Aquidauana Anastácio Dois Irmãos do Buriti Miranda
MESORREGIÃO CENTRO-NORTE DE MATO GROSSO DO SUL	
Microrregião Alto Taquari/municípios	Microrregião Campo Grande/municípios
Alcinópolis Camapuã Coxim Figueirão Pedro Gomes Rio Verde de Mato Grosso São Gabriel do Oeste Sonora	Bandeirantes Campo Grande Corguinho Jaraguari Rio Negro Rochedo Sidrolândia Terenos

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

Quadro 38 - Divisão micro e mesorregional de Mato Grosso do Sul (conclusão)

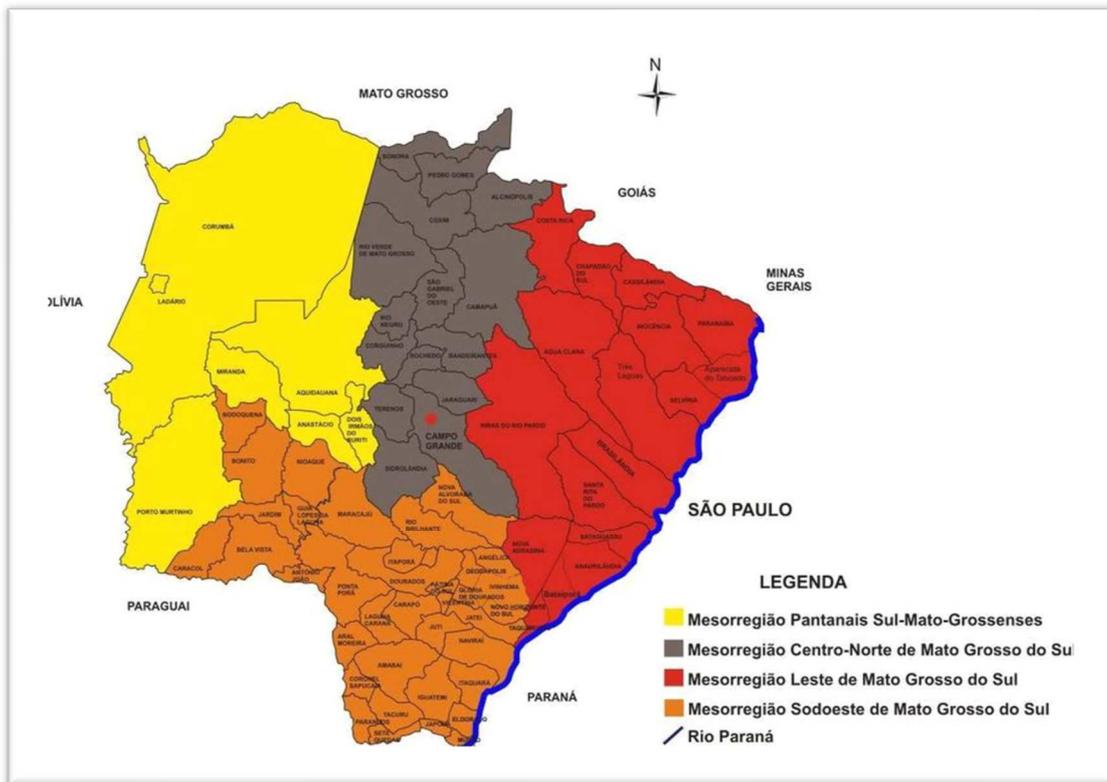
MESORREGIÃO LESTE DE MATO GROSSO DO SUL	
Microrregião Cassilândia/municípios	Microrregião Paranaíba/municípios
Cassilândia Chapadão do Sul Costa Rica Paraíso das Águas	Aparecida do Taboado Inocência Paranaíba Selvíria
Microrregião Três Lagoas/municípios	Microrregião Nova Andradina/municípios
Água Clara Brasilândia Ribas do Rio Pardo Santa Rita do Pardo Três Lagoas	Anaurilândia Bataguassu Bataiporã Nova Andradina Taquarussu
MESORREGIÃO SUDOESTE DE MATO GROSSO DO SUL	
Microrregião Bodoquena/municípios	Microrregião Dourados/municípios
Bela Vista Bodoquena Bonito Caracol Guia Lopes da Laguna Jardim Nioaque	Amambai Antônio João Aral Moreira Caarapó Douradina Dourados Fátima do Sul Itaporã Juti Laguna Carapã Maracaju Nova Alvorada do Sul Ponta Porã Rio Brilhante Vicentina
Microrregião Iguatemi/municípios	
Angélica Coronel Sapucaia Deodápolis Eldorado Glória de Dourados Iguatemi Itaquiraí Ivinhema Japorã Jateí Mundo Novo Naviraí Novo Horizonte do Sul Sete Quedas Paranhos Tacuru	

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do IBGE (1990, p. 125-126)¹⁵⁰.

As distribuições geográficas aqui utilizadas seguem a divisão adotada pelo IBGE (2010). Os mapas 16 e 17, a seguir, mostram o Mato Grosso do Sul e seus municípios, estes agrupados em mesorregiões, que, por sua vez, abrigam microrregiões.

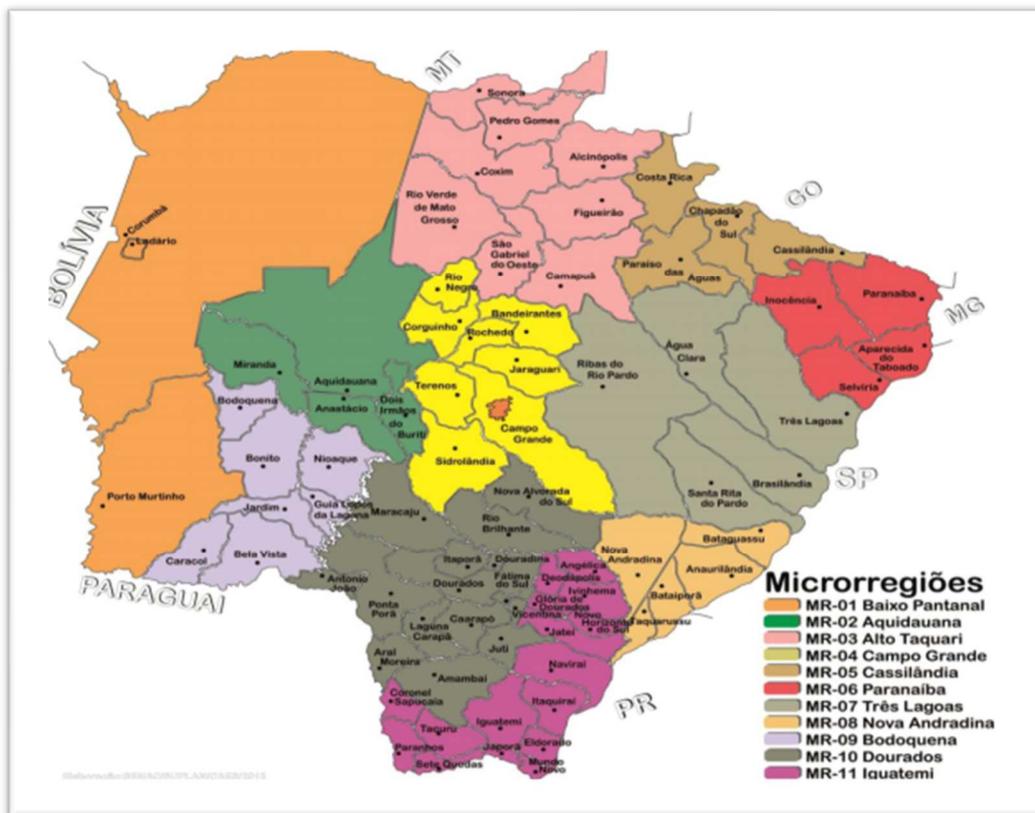
¹⁵⁰ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020.

Figura 16 - Mapa da divisão mesorregional de Mato Grosso do Sul



Fonte: Milani (2011, p. 40).

Figura 17- Mapa da divisão microrregional de Mato Grosso do Sul



Fonte: SEMADE (2016, p. 5).

Contudo, em 2017, o IBGE criou a par das mesorregiões e microrregiões, uma nova divisão regional para o Brasil a partir de outros critérios, com novas divisões geográficas denominadas, respectivamente, intermediárias e imediatas.

As regiões intermediárias foram apresentadas na fase de atualização da divisão regional do Brasil e correspondem a uma revisão das antigas mesorregiões, que estavam em vigor desde 1989. Essas regiões são, sobretudo, agrupamentos de regiões imediatas articuladas por meio da influência de uma ou mais metrópoles, capitais regionais e/ou centros urbanos representativos dentro do conjunto. As regiões imediatas, por sua vez, praticamente equivalem às microrregiões, embora tenham sido divididas a partir de outros critérios e apresentam um agrupamento de municípios que têm como principal referência a rede urbana e disponha de um centro urbano local como base.

O quadro 39, a seguir, mostra sistematicamente a nova divisão regional do Mato Grosso do Sul em regiões geográficas intermediárias, imediatas e seus respectivos municípios, ordenadas pela codificação do IBGE¹⁵¹.

Quadro 39 - Divisão Regional do Mato Grosso do Sul em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias (IBGE, 2017)

Estado	Região Geográfica Intermediária	Região Geográfica Imediata	Número de municípios por Região Geográfica
50 – Mato Grosso do Sul	5001 – Campo Grande	-	32
-	-	500001 - Campo Grande 500002 - Três Lagoas 500003 - Paranaíba-Chapadão do Sul Cassilândia 500004 – Coxim	13 6 6 7
-	5002 – Dourados	-	34
-	-	500005 - Dourados 500006 - Naviraí-Mundo Novo 500007 - Nova Andradina 500008 - Ponta Porã 500009 – Amambai	13 6 7 3 5
-	5003 – Corumbá	-	13
-	-	500010 - Corumbá 500011 - Jardim 500012 - Aquidauana-Anastácio	2 7 4

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia (2017).

O mapa 18, a seguir, destaca os limites das regiões intermediárias em vermelho e imediatas em cinza.

¹⁵¹ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>. Acesso em: 23 ago 2020.

Figura 18 - Mapa das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediária no Brasil



Fonte: Wikipédia¹⁵²

Por fim, como já mencionado anteriormente, a apresentação e análise dos dados do *corpus* foi organizada em quadros¹⁵³, por se considerar a melhor forma de visualização geral dos dados investigados. Os quadros, por sua vez, seguiram a divisão¹⁵⁴ micro e mesorregional do estado de Mato Grosso do Sul.

O item 4.4, na sequência, apresenta dicionários de línguas indígenas, que foram consultados, sistematicamente, para a análise dos dados.

4.4 Dicionários de línguas indígenas

Para o exame da etimologia e língua de origem dos topônimos, uma vez que este trabalho propõe, sobretudo, analisar topônimos indígenas, foram consultados diversos dicionários, vocabulários e glossários de línguas indígenas. A preocupação com a padronização de um autor e obra é patente, porém a diversidade de literatura explorada explica-se no fato de que as obras utilizadas possuem limitações para uma análise etimológica, nesses casos apresenta-se as acepções encontradas em cada contexto que o

¹⁵² Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_regi%C3%B5es_geogr%C3%A1ficas_intermedi%C3%A1rias_e_imediatas_de_Mato_Grosso_do_Sul. Acesso em: 23 ago. 2020.

¹⁵³ Ver capítulo V.

¹⁵⁴ Ver quadro 38 e figura 14 e 15.

topônimo pode estar inserido. A lista, a seguir, apresenta em ordem cronológica as principais fontes consultadas:

- A língua Tupi na geografia do Brasil (BORDONI, S/D)
- Glossário das palavras e frases da língua tupi, contidas na “histoire de la mission des pères capucins em l’isle de maragnan et terres circonvoisines” do padre Claude D’Abbeville (GARCIA, 1927)
- O Tupi na geografia nacional (SAMPAIO, 1928)
- Pequeno Vocabulário Tupi-Português (BARBOSA, 1951)
- Dicionário Tupi Português e Vice-Versa (MASUCCI, 1979)
- Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: significados dos nomes geográficos de origem Tupi (TIBIRIÇÁ, 1985)
- Vocabulário Guarani-Português (SAMPAIO, 1986-1987)
- O Tupi na geografia nacional (SAMPAIO, 1987)
- Dicionário Guarani Português (TIBIRIÇÁ, 1989)
- Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi (CUNHA, 1998)
- Vocabulário Tupi-Guarani Português (BUENO, 1998)
- Dicionário etimológico da língua portuguesa (CUNHA, 1999)
- Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi (CUNHA, 1999)
- Diccionario Castellano-Guarani; Guarani-Castellano (GUASCH; ORTIZ, 2008)
- Avañe’ẽ- Portuge/Portuge-avañe’ẽ. Dicionário Guarani-Português/Português-Guarani (ASSIS, 2008)
- Dicionário Tupi Antigo a língua indígena clássica do Brasil (NAVARRO, 2013)
- Dicionário de Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil (NAVARRO, 2013)
- Vocabulário Português-Nheengatu, Nheengatu-Português (STRADELLI, 2014)

Importa assinalar que o produto desta pesquisa vem somar aos demais estudos já realizados a partir da toponímia sul-mato-grossense, no caso, por meio de um estudo específico da toponímia indígena. Os dados obtidos por meio deste estudo contribuirão para a revisão do Sistema de Dados do Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul - ATEMS no que diz respeito aos nomes de base indígena.

Elucidados os procedimentos metodológicos adotados nas diferentes etapas da pesquisa, o próximo capítulo reúne os dados que compõem o *corpus* de estudo.

CAPÍTULO 5

OS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, é apresentado o conjunto dos **1.750** topônimos indígenas que integram a base de dados da pesquisa que, em uma perspectiva mais ampla, objetiva analisar os nomes dos acidentes físicos e rurais (córregos, rios, lagoas, serras etc.) pertencentes aos 79 municípios sul-mato-grossenses, conforme as orientações teóricas adotadas e com vistas a examinar a questão da presença de estratos linguísticos de base indígena, na nomenclatura geográfica do território.

Como anteriormente esclarecido, este capítulo reúne o *corpus* pesquisado sistematizado por meio de quatro quadros, cada um correspondente a uma mesorregião administrativa do estado de Mato Grosso do Sul (Quadro 41, Quadro 42, Quadro 43 e Quadro 44). Esses quadros foram estruturados segundo os itens constantes na ficha lexicográfico-toponímica proposta por Dick (2004) e adotada e ampliada pelo Projeto ATEMS (DARGEL; ISQUERDO, 2020). Conforme detalhamento discutido no Capítulo 4, a estrutura dos quadros contempla os seguintes itens: microrregião, município, elemento geográfico, o topônimo, a língua de origem, a etimologia, a taxionomia e a estrutura morfológica. A opção por sistematizar os dados da pesquisa em quadros considerou também a quantidade de topônimos que compõem o *corpus*. O quadro 40 reúne a distribuição da área pesquisada em termos de mesorregião, microrregião e município do estado de Mato Grosso do Sul.

Quadro 40 - Distribuição geográfica da área de pesquisa (continua)

Mesorregião	Localização	Microrregião	Localização	Municípios
Centro-Norte de Mato Grosso do Sul		Alto Taquari		Alcinópolis Camapuã Coxim Figueirão Pedro Gomes Rio Verde de Mato Grosso São Gabriel do Oeste Sonora
		Campo Grande		Bandeirantes Campo Grande Corguinho Jaruari Rio Negro Rochedo Sidrolândia Terenos
Leste de Mato Grosso do Sul		Cassilândia		Cassilândia Chapadão do Sul Costa Rica Paraíso das Águas
		Paranaíba		Aparecida do Taboado Inocência Paranaíba Selvíria
		Três Lagoas		Água Clara Brasilândia Ribas do Rio Pardo Santa Rita do Pardo Três Lagoas
		Nova Andradina		Anaurilândia Bataguassu Batayporã Nova Andradina Taquarussu

Quadro 40 - Distribuição geográfica da área de pesquisa (conclusão)

Sudoeste de Mato Grosso do Sul		Bodoquena		Bela Vista Bodoquena Bonito Caracol Guia Lopes da Laguna Jardim Nioaque
		Dourados		Amambai Antônio João Aral Moreira Caarapó Douradina Dourados Fátima do Sul Itaporã Juti Laguna Carapã Maracaju Nova Alvorada do Sul Ponta Porã Rio Brillhante Vicentina
		Iguatemi		Angélica Coronel Sapucaia Deodápolis Eldorado Glória de Dourados Iguatemi Itaquiraí Ivinhema Japorã Jateí Mundo Novo Naviraí Novo Horizonte do Sul Paranhos Sete Quedas Tacuru
Pantanaís de Mato Grosso do Sul		Baixo Pantanal		Corumbá Ladário Porto Murtinho
		Aquidauana		Anastácio Aquidauana Dois Irmãos do Buriti Miranda

Fonte: Elaboração da autora, baseado em Wikipédia, a enciclopédia livre¹⁵⁵.

¹⁵⁵ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_e_microrregi%C3%B5es_de_Mato_Grosso

Na sequência são apresentados os dados da pesquisa com a respectiva análise, segundo os quesitos estabelecidos para a descrição inicial dos dados.

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continua)

Microrregião	Município	Elemento geográfico	Topônimo	Língua de Origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura morfológica
Campo Grande (MR 04)	Rochedo	Córrego	Angico	Tupi	Angico: s. árvore de grande porte Piptadenia peregrina) (BUENO, 2008, p. 46).	Fitotopônimo	Simples (subst.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Ananás	Tupi + LP	Ananás: sede municipal do E. de Goiás; de ananá, planta bromeliácea semelhante ao abacaxi (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19).	Fitotopônimo	Simples híbrido (subst. + desin. -s de plural)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Angico	Tupi	Angico: s. árvore de grande porte (Piptadenia peregrina) (BUENO, 2008, p. 46).	Fitotopônimo	Simples (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Angico	Tupi	Angico: s. árvore de grande porte (Piptadenia peregrina) (BUENO, 2008, p. 46).	Fitotopônimo	Simples (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Cabeceira	do Angico	LP + Tupi	Angico: s. árvore de grande porte (Piptadenia peregrina) (BUENO, 2008, p. 46).	Fitotopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Anhanduí	Tupi	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Rio	Anhanduí	Tupi	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Rio	Anhanduí	Tupi	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Rio	Anhanduizinho	Tupi + LP	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Anhuma	Tupi	Anhuma: Ornitologia: ave da família dos anhimídeos, gênero: Anhuma (CARVALHO, 1987, p. 27). Anhuma: id. anhyma. (BARBOSA, 1951, p. 29). Anhyma: ave. Fam. Palamedeídeos (BARBOSA, 1951, p. 29).	Zootopônimo	Simplex com acomodação fonética (subst.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Rio	Aquidauana	Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). *O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” ¹⁵⁶ (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Rio	Aquidauana	Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). *O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Serra	de Aquidauana	LP + Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)

¹⁵⁶ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Rochedo	Rio	Aquidauana	Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). *O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Rio	Aquidauana	Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). *O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Terenos	Rio	Aquidauana	Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). *O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Arapuá	Tupi	Arapuá: V. Arapoá. (SAMPAIO, 1928, p. 158). Arapoá: corr. ira-poã, o mel redondo, ou ninho de abelhas arredondados (SAMPAIO, 1928, p. 158). Eíra: (T-). Substantivo mel (de abelha) (CARVALHO, 1987, p. 73). Apuá: (ç). [...]. Adjetivo: arredondado, esférico, redondo (CARVALHO, 1987, p. 32). Eir’-Apuá: variedade de abelha: arapuá ou irapuã, inseto da família dos meliponídeos, gênero Trigoma (CARVALHO, 1987, p. 73).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Arapuá	Tupi	Arapuá: V. Arapoá. (SAMPAIO, 1928, p. 158). Arapoá: corr. ira-poã, o mel redondo, ou ninho de abelhas arredondados (SAMPAIO, 1928, p. 158). Eíra: (T-). Substantivo mel (de abelha) (CARVALHO, 1987, p. 73). Apuá: (ç). [...]. Adjetivo: arredondado, esférico, redondo (CARVALHO, 1987, p. 32). Eir’-Apuá: variedade de abelha: arapuá ou irapuã, inseto da família dos meliponídeos, gênero Trigoma (CARVALHO, 1987, p. 73).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Arapuã	Tupi	Arapuá: V. Arapoá. (SAMPAIO, 1928, p. 158). Arapoá: corr. ira-poã, o mel redondo, ou ninho de abelhas arredondados (SAMPAIO, 1928, p. 158). Eíra: (T-). Substantivo mel (de abelha) (CARVALHO, 1987, p. 73). Apuá: (ç). [...]. Adjetivo: arredondado, esférico, redondo (CARVALHO, 1987, p. 32). Eir'-Apuá: variedade de abelha: arapuá ou irapuã, inseto da família dos meliponídeos, gênero Trigoma (CARVALHO, 1987, p. 73).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Arara	Tupi	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Córrego	Arara	Tupi	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Serra	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple Híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + subst. + desin. -s de plural)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Serra	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple Híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + subst. + desin. -s de plural)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple Híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + subst. + desin. -s de plural)
Alto Taquari (MR 03)	Sonora	Córrego	Ariranha	Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) - a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) - papa-mel; animalcarnívprp ávido por mel; RANA - parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	Ariranha	Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) – a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) – papa-mel; animalcarnívprp ávido por mel; RANA – parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Babaçu	Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Babaçu	Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Baguá	Tupi	Baguá: corr. ypá-guá, o habitante ou morador de alagadiços, de brejos e lagoas. Nome aplicado a aves aquáticas. V. Guara (SAMPAIO, 1987, p. 203). Ypá: c. Y-pá, contração de y-paba, a estância, ou pouso d'água, a lagoa. V. Ipá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Guará: s. A garça vermelha, a ave aquática (SAMPAIO, 1987, p. 237).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Baguaçu	Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Baguaçu	Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Baguaçu	Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Baguaçu	Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Baguaçuzinho	Tupi + LP	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -zinho)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Baru	Tupi	Barú: corr. mbarú, o cheiroso, o odorífero, o recendente. Nome de uma planta que dá sementes de cheiro, servindo para beneficiar o rapé ou tabaco. Amazonas, Guianas. V. Cumbarú, Cumarù (SAMPAIO, 1928, p. 165).	Fitotopônimo	Simplex com acomodação fonética (adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Rio Negro	Córrego	Bocó	Tupi	Bocó: Bolsa ou assemelhado feitos de couro rústico, ger. Ainda com o pelo do animal, us. Para carregar objetos vários [...]. Segundo Macedo Soares, voc. de língua indígena brasileira * mbocog 'segurar, guardar' (HOUAISS, 2009). Mboco-cab: fazer esteio ou arrimo; arrimar, apoiar, sustentar, v. feito sobre o part. – g segurar, prender, agarrar; deter, retardar; vê pocog . – g retardar, demorar, alias suster, deter; vê pocog ; o v. trans. cog apoiar, produzindo um der. Trans. Mbocog fazer apoiar, suster, fazer ter-se (GALVÃO, 1879, p. 243). Mbo: [...] mbo é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se <i>fazer com que</i> ; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 230). Cog: v. trans. (fazer ser, vê co) sustentar, alimentar; suster, manter; apoiar, arrimar, esteiar, encostar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 74).	Ergotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Buriti [1]	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto com acomodação fonética (subst. + num.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Buriti do Cervo	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Buriti Preto	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Sonora	Córrego	Buriti Vermelho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Cabeceira	do Buriti	LP + Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Rio Negro	Córrego	do Buriti	LP + Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Córrego	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Cabeceira	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Cabeceira do Pindaíba	LP + Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Córrego	Caeté	Tupi	Caeté: corr. caá-etê, a mata real constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga. Alt. Caheté, Cahité (SAMPAIO, 1928, p. 175). Caeté: (caá-etê) a mata virgem, a floresta, a mata grande, a verdadeira mata. Form. de CAÁ, mato, folhas, ervas, vegetal; ETÉ, muito, verdadeiro, legítimo, real. ETÉ é partícula de superlativo. Segundo Padre A. Lemos Barbosa, ETÉ dá aos substantivos o sentido de valor, preciosidade, genuidade, grandeza (PONTES, 1970, p. 134). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Etê: adj. Corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande. É um adj. Conexo com o seg. s.; (GALVÃO, 1879, p. 125).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Vazante	Caeté	Tupi	Caeté: corr. caá-etê, a mata real constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga. Alt. Caheté, Cahité (SAMPAIO, 1928, p. 175). Caeté: (caá-etê) a mata virgem, a floresta, a mata grande, a verdadeira mata. Form. de CAÁ, mato, folhas, ervas, vegetal; ETÉ, muito, verdadeiro, legítimo, real. ETÉ é partícula de superlativo. Segundo Padre A. Lemos Barbosa, ETÉ dá aos substantivos o sentido de valor, preciosidade, genuidade, grandeza (PONTES, 1970, p. 134). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Etê: adj. Corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande. É um adj. Conexo com o seg. s.; (GALVÃO, 1879, p. 125).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Vazante	Caeté	Tupi	Caeté: corr. caá-etê, a mata real constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga. Alt. Caheté, Cahité (SAMPAIO, 1928, p. 175). Caeté: (caá-etê) a mata virgem, a floresta, a mata grande, a verdadeira mata. Form. de CAÁ, mato, folhas, ervas, vegetal; ETÉ, muito, verdadeiro, legítimo, real. ETÉ é partícula de superlativo. Segundo Padre A. Lemos Barbosa, ETÉ dá aos substantivos o sentido de valor, preciosidade, genuidade, grandeza (PONTES, 1970, p. 134). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Etê: adj. Corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande. É um adj. Conexo com o seg. s.; (GALVÃO, 1879, p. 125).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Camapuã	Tupi	Camapuã: corr. cama-poã, o peito arredondado; o peito saliente; a colina arredondada; cômodo; a meia laranja. Rio Grande do Sul, Mato Grosso (SAMPAIO, 1928, p. 177). Camapuã: (Cama + apuá) = elevação arredondada; nome de Rio do Mato Grosso, afluente da margem direita do rio Coxim e cidade, Zona do Rio Pardo (GREGÓRIO, 1980, p. 540). Cam: s. teta, mama, peito [...] implica o sentido de elevação talvez se possa supôr um v. intr. <i>cam</i> elevar-se, sobresaír, ser saliente, proeminente [...] (GALVÃO, 1879, p. 65). Apuã: adj. (de puã ou piã com o pref. a) redondo; s. bola, bala, globo (GALVÃO, 1879, p. 44).	Geomorfotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Serra	Camapuã	Tupi	Camapuã: corr. cama-poã, o peito arredondado; o peito saliente; a colina arredondada; cômodo; a meia laranja. Rio Grande do Sul, Mato Grosso (SAMPAIO, 1928, p. 177). Camapuã: (Cama + apuá) = elevação arredondada; nome de Rio do Mato Grosso, afluente da margem direita do rio Coxim e cidade, Zona do Rio Pardo (GREGÓRIO, 1980, p. 540). Cam: s. teta, mama, peito [...] implica o sentido de elevação talvez se possa supôr um v. intr. <i>cam</i> elevar-se, sobresaír, ser saliente, proeminente [...] (GALVÃO, 1879, p. 65). Apuã: adj. (de puã ou piã com o pref. a) redondo; s. bola, bala, globo (GALVÃO, 1879, p. 44).	Geomorfotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Serra	de Camapuã	LP +Tupi	Camapuã: corr. cama-poã, o peito arredondado; o peito saliente; a colina arredondada; cômodo; a meia laranja. Rio Grande do Sul, Mato Grosso (SAMPAIO, 1928, p. 177). Camapuã: (Cama + apuá) = elevação arredondada; nome de Rio do Mato Grosso, afluente da margem direita do rio Coxim e cidade, Zona do Rio Pardo (GREGÓRIO, 1980, p. 540). Cam: s. teta, mama, peito [...] implica o sentido de elevação talvez se possa supôr um v. intr. <i>cam</i> elevar-se, sobresaír, ser saliente, proeminente [...] (GALVÃO, 1879, p. 65). Apuã: adj. (de puã ou piã com o pref. a) redondo; s. bola, bala, globo (GALVÃO, 1879, p. 44).	Geomorfotopônimo	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Cambaúba	Guarani + Tupi	Cambaúba: loc. de Minas Gerais; rio do E. de São Paulo; nome de uma planta também chamada cipó-carijó (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 36). Camba: s. o negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Ubá: é o nome da palmeira que produz o coco; do tupi ybá, fruto; ubá é também o nome de uma canoa feita com o tronco dessa palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 190).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Candiuba	Tupi	Candi: Não Identificada. Ubá: é o nome da palmeira que produz o coco; do tupi ybá, fruto; ubá é também o nome de uma canoa feita com o tronco dessa palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 190). Ubaí: (ybá-y) – o rio das frutas. Form. de YBÁ, fruto; Y, rio, água. Pode ser corr. de UYBA-Y (UYBA, flecha; Y, rio, água) ou UBAE, o que dá flecha, espécie de gramínea também chamada candiubá e cana-brava [...] (PONTES, 1970, p. 282-283).	Fitotopônimo	Não Identificada
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Cabeceira	Candiúba	Tupi	Candi: Não Identificada. Ubá: é o nome da palmeira que produz o coco; do tupi ybá, fruto; ubá é também o nome de uma canoa feita com o tronco dessa palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 190). Ubaí: (ybá-y) – o rio das frutas. Form. de YBÁ, fruto; Y, rio, água. Pode ser corr. de UYBA-Y (UYBA, flecha; Y, rio, água) ou UBAE, o que dá flecha, espécie de gramínea também chamada candiubá e cana-brava [...] (PONTES, 1970, p. 282-283).	Fitotopônimo	Não Identificada
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Canduíba	Tupi	Candi: Não Identificada. Ubá: é o nome da palmeira que produz o coco; do tupi ybá, fruto; ubá é também o nome de uma canoa feita com o tronco dessa palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 190). Ubaí: (ybá-y) – o rio das frutas. Form. de YBÁ, fruto; Y, rio, água. Pode ser corr. de UYBA-Y (UYBA, flecha; Y, rio, água) ou UBAE, o que dá flecha, espécie de gramínea também chamada candiubá e cana-brava [...] (PONTES, 1970, p. 282-283).	Fitotopônimo	Não Identificada
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Caninana	Tupi	Kaninana: cabeça em pé, cobra da família dos colubrídeos, gênero spilotes (CARVALHO, 1987, p. 144). Caninana: s. Cobra não venenosa (BUENO, 2008, p. 92). Ñacandinâ: s. (a que briga em pé, ou a que tem a cabeça em pé, ou alerta enã) espécie de cobra muito brava, vulgo caninana (GALVÃO, 1879, p. 311). Ñacâ: yacâ s. a cabeça d''elle, vê acâ sem o ñ pron. E assim muitas outras dicções (GALVÃO, 1879, p. 311). Nîna: ger. ficando sendo sempre, permanecendo, a permanecer (GALVÃO, 1879, p. 107).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Caninana	Tupi	Kaninana: cabeça em pé, cobra da família dos colubrídeos, gênero spilotes (CARVALHO, 1987, p. 144). Caninana: s. Cobra não venenosa (BUENO, 2008, p. 92). Ñacandinâ: s. (a que briga em pé, ou a que tem a cabeça em pé, ou alerta enã) espécie de cobra muito brava, vulgo caninana (GALVÃO, 1879, p. 311). Ñacâ: yacâ s. a cabeça d''elle, vê acâ sem o ñ pron. E assim muitas outras dicções (GALVÃO, 1879, p. 311). Nîna: ger. ficando sendo sempre, permanecendo, a permanecer (GALVÃO, 1879, p. 107).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Cabeceira	Capão Alto	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Capão Bonito	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Cabeceira	Capão da Anta	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Cabeceira	Capão Escuro	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Capão Redondo	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Capão Seco	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Capim	Tupi	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. - im)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Capim branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Capim Branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Capim Branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Capim Branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Capim Branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Capim Branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). *73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	do Capim	LP + Tupi	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + grau dim. -im)
Alto Taquari (MR 03)	Sonora	Córrego	do Capim	LP + Tupi	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + grau dim. -im)
Alto Taquari (MR 03)	Sonora	Cabeceira	do Capim	LP + Tupi	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + grau dim. -im)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Capivara	Tupi	Capivara: corr. caapiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (Hydrochoerus Capybara) (SAMPAIO, 1928, p 180). Capivara: s.f. [T. kapii'uara<ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapii, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u</i> , o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translativo, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. <i>Alt. Guara. V. Guara</i> (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Carioca	Tupi	Carioca: o mesmo que carió ou cariyó ; corr. cari-oca ou cari-boc, o mestiço descendente de branco. Pode vir ainda de cary-oca, significando a casa do branco, a residência do europeu (SAMPAIO, 1928, p. 183). Carió: corr. carí-yó, o descendente de branco, de europeu; aquele que tem mistura de sangue europeu. <i>Alt. Carijó. V. Cari. [...]</i> (SAMPAIO, 1987, p. 218). Oca: s. A casa, o coberto; o abrigo, refúgio, paradeiro. <i>Alt. Og, Oka, Roca, Toca, [...]</i> (SAMPAIO, 1987, p. 290).	Etnotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Catingueira	Tupi + LP	Catinga: corr. caá-tinga, o mato branco, alvacentro, especial das regiões secas do Nordeste do Brasil. Pode ainda proceder de caá-t-enga, o mato ralo, que deixa vacuos de permeio, isto é, o mato aberto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). <i>Alt. Cá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 210). Tinga: adj. Branco, alvo, claro. <i>Alt. Ti, Tin</i> (SAMPAIO, 1987, p. 330).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj. + suf. -eira)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Catingueiro	Tupi + LP	Catinga: corr. caá-tinga, o mato branco, alvacentro, especial das regiões secas do Nordeste do Brasil. Pode ainda proceder de caá-t-enga, o mato ralo, que deixa vacuos de permeio, isto é, o mato aberto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). <i>Alt. Cá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 210). Tinga: adj. Branco, alvo, claro. <i>Alt. Ti, Tin</i> (SAMPAIO, 1987, p. 330).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj. + suf. -eiro)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Catingueiro	Tupi + LP	Catinga: corr. caá-tinga, o mato branco, alvacentro, especial das regiões secas do Nordeste do Brasil. Pode ainda proceder de caá-t-enga, o mato ralo, que deixa vacuos de permeio, isto é, o mato aberto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). <i>Alt. Cá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 210). Tinga: adj. Branco, alvo, claro. <i>Alt. Ti, Tin</i> (SAMPAIO, 1987, p. 330).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj. + suf. -eiro)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Caviúna	Tupi	Caviúna: V. Cabiuna. (SAMPAIO, 1928, p. 186). Cabiuna: corr. Caá-piuna, a folha escura; a madeira preta. É o chamado jacarandá do campo (SAMPAIO, 1928, p. 174). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Una: adj. Negro, preto, escuro. Alt. Un, U, Huna, Mu, Pixuna (SAMPAIO, 1987, p. 339).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Charéu	Não Identificada	Xaréu: segundo Houaiss (2006) tem origem obscura e, para Nascentes (<i>apud</i> Houaiss, 2006), talvez fosse de origem indígena. Xaréu: Denominação comum aos peixes teleósteos perciformes, da família dos carangídeos e do gênero <i>Caranx</i> , que ocorrem no Atlântico e no Pacífico; guaracema, guaraçuma, guaricema, guricema ¹⁵⁷ .	Zootopônimo	Não Identificada
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Cipó	Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Congonha	Tupi	Congonha: corr. congõi , o que sustenta ou alimenta; é a erva-mate, variedade (<i>Ilex Congonha</i>) (SAMPAIO, 1987, p. 225). Congonhas: (congõi) – o que sustenta ou alimenta, variedade de erva mate. Form. de Có, Cóg, Coca – sustentar, para sustentar, alimentar, suster. Congõi, o que sustenta, mantém o ser, a erva do sustento; seg. Bat. C., há probabilidade de congõi provir de Mocong, ou Moconga, tragar, engolir, que se deriva de Cong, ou Cõ, adjetivo onomatopaico – engolido, tragado, deglutido (como se vê, imita a deglutição), acrescentando que úi também é o que se come (PONTES, 1970, p. 160).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. Onomatopaico + verb.)

¹⁵⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/xareu>. Acesso em: 28 dez. 2020.

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Rio	Coxim	Bororo	Coxim: rio e cid. de Mato Grosso; do bororo cuji, peixe (seg. Levy Cardoso) (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 45) ¹⁵⁸ . Coxim: s. Não é tupi. Na língua kaingáng ou bugre, quer dizer filho. Mato Grosso. Alt. Cuxiim (SAMPAIO, 1987, p. 225).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Rio	Coxim	Bororo	Coxim: rio e cid. de Mato Grosso; do bororo cuji, peixe (seg. Levy Cardoso) (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 45). Coxim: s. Não é tupi. Na línguakaingáng ou bugre, quer dizer filho. Mato Grosso. Alt. Cuxiim (SAMPAIO, 1987, p. 225).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Rio	Coxim	Bororo	Coxim: rio e cid. de Mato Grosso; do bororo cuji, peixe (seg. Levy Cardoso) (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 45). Coxim: s. Não é tupi. Na línguakaingáng ou bugre, quer dizer filho. Mato Grosso. Alt. Cuxiim (SAMPAIO, 1987, p. 225).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Rio	Coxim	Bororo	Coxim: rio e cid. de Mato Grosso; do bororo cuji, peixe (seg. Levy Cardoso) (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 45). Coxim: s. Não é tupi. Na línguakaingáng ou bugre, quer dizer filho. Mato Grosso. Alt. Cuxiim (SAMPAIO, 1987, p. 225).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	dos Cuês	LP + Guarani + LP	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 226). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Cronotopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + adj. + desin. -s de plural)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Cuia Murcha	Tupi + LP	Cuia: s.f. Var.: cuya, cuia, cuja [<T kuia; kui'aua 'cabaço cortado ao meio', vasilha, de forma semi-elipsoidal ou semi-esférica, feita com a casca da cuieira; cabaça (CUNHA, 1999, p. 116).	Ergotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Cabeceira	Cupim	Tupi	Cupim: é variante de copim "copií, o térmita ou formiga branca" (SAMPAIO, 1928, p. 191).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)

¹⁵⁸ Para a classificação taxionômica do topônimo **Coxim**, no âmbito do Projeto ATEMS, por ora, foi considerada a posição de Tibiriçá (1985), porém esse topônimo é um caso que permite dupla nomeação se considerado o ponto de vista etimológico de Sampaio (1987, p. 225), ou seja, o topônimo permite ser classificado também como etnotopônimo e língua de origem Kaingáng.

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Cupim	Tupi	Cupim: é variante de copim “copií, o térmita ou formiga branca” (SAMPAIO, 1928, p. 191).	Zootopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Curicaca	Tupi	Curicaca: s.f. [< T. kuri'kaka]. Ave ciconiforme da família dos tresquiornítídeos (CUNHA, 1999, p. 122). Kurikaka: curacaca, curicaca, curucaca, ave ciconiforme da família dos tresquiornítídeos, da América do Sul, de hábitos gregários e voo possante, encontrada nos brejos e pantanais (NAVARRO, 2013, p. 244).	Zootopônimo	Não Identificada
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Vazante	Dois Buritis	LP + Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Numerotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (num. + subst. + desin.-s de plural)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Vazante	Dois Buritis	LP + Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Numerotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (num. + subst. + desin.-s de plural)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Vazante	Dois Capões	LP + Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Numerotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (num. + subst. + marca de plural)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Embira	Tupi	Embira: corr. mbira, o descascado, o tirado da casca. É a entrecasca resistente de certas árvores, servindo para corda. Alt. Imbira (SAMPAIO, 1928, p. 198)	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Ribeirão	Furna do Mutum	LP + Tupi	Motum: corr. my-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumutum. Alt. Mytum, Mutum. (SAMPAIO, 1987, p. 287).	Geomorfotopônimo	Composto híbrido com soldadura (subst. + prep. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Córrego	Garapa	Tupi	Garapa: corr. Guarapa, o gerúndio-supino de guarab, o revolvido, remexido; é a bebida adoçada com mel ou açúcar para refresco; designa hoje mais especialmente o caldo da cana (SAMPAIO, 1987, p. 232). Guarapa: adj. Revolvido, remexido. Alt. Garapa. (SAMPAIO, 1987, p. 238).	Ergotopônimo	Simplex (subst. e/ou adj.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Genipapinho	Tupi + LP	Genipapo: corr. yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe – yand-ipab e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo yandi ou nhandi exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final ipab é o composto de ibápab, contracto em í-pab, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos (SAMPAIO, 1928, p. 202).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -inho)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Genipapo	Tupi	Genipapo: corr. yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe – yand-ipab e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo yandi ou nhandi exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final ipab é o composto de ibápab, contracto em í-pab, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos (SAMPAIO, 1928, p. 202).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Genipapo	Tupi	Genipapo: corr. yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe – yand-ipab e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo yandi ou nhandi exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final ipab é o composto de ibápab, contracto em í-pab, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos (SAMPAIO, 1928, p. 202).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Geriva	Tupi	Gerivá: Ortografia correta jerivá, palmeira espinhosa e, por extensão, cicatriz deixada na pele por uma espinhada dessa palmeira. Tupi: yaribá (BUENO, 2008, p. 132). Jeribá: de îara'ybá – jerivá, jeribá, var. de palmeira (NAVARRO, 2013, p. 581). Jeribá: praia do E. do Rio de Janeiro; de jerybá, nome de uma palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, 76). Iara-ybá: jeribá, espécie de tâmara da família das palmáceas, gênero arecastrum (CARVALHO, 1987, p. 122). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Gravatá	Tupi	Gravatá: V. carauatá e caraguatá (SAMPAIO, 1928, p.181). Caraguatá: corr. carauá-tã, o carauá rijo, duro (SAMPAIO, 1928, p.181). Carauá: corr. cará-uã, talo armado de espinhos, nervura farpada; bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. Alt. Crauá (SAMPAIO, 1928, p. 182). Antã: adj. Forte, duro, rijo. Alt. Atã (SAMPAIO, 1987, p. 195).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Guabiroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Cabeceira	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Cabeceira	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Terenos	Cabeceira	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Guarirova	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Vazante	Guaxi	Guaxis	Guaxi: indígena pertencente aos guaxis; relativo a guaxi ou aos guaxis; grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava a região de Miranda MS, no s. XIX (HOUAISS, 2009).	Etnotopônimo	Simplex (subst.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Imbiruçu	Tupi	Imbirussú: corr. ymbyr-uçú, a embira grande; a entrecasca grossa. Alt. Embiruçu (SAMPAIO, 1987, p. 248). Imbira: corr. Ymbira, a pele da árvore; a casca de árvore; a fibra da entrecasca. Alt. Embira (SAMPAIO, 1987, p. 248). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú , guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	do Indaiá	LP + Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	do Indaiá	LP + Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Indaiazinho	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -zinho)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Rio	Inhanduí	Tupi	Inhambuí: corr. ynhambu-í, a perdiz pequena, a codorniz ou codorna (SAMPAIO, 1987, p. 249). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). -‘ĩ (ou -ĩ): (suf. – A oclusiva glotal ‘cai após tema em consoante, ficando o sufixo com forma -ĩ) – 1) expressa o diminutivo [...] (NAVARRO, 2013, p. 150). *131 – O nome Nhanduí , [...], significa ema pequena, ou, figuradamente, hábil corredor (SAMPAIO, 1987, p. 176). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo suf. -í)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Rio	Inhanduí	Tupi	Inhambuí: corr. ynhambu-í, a perdiz pequena, a codorniz ou codorna (SAMPAIO, 1987, p. 249). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). -‘ĩ (ou -ĩ): (suf. – A oclusiva glotal ‘cai após tema em consoante, ficando o sufixo com forma -ĩ) – 1) expressa o diminutivo [...] (NAVARRO, 2013, p. 150). *131 – O nome Nhanduí , [...], significa ema pequena, ou, figuradamente, hábil corredor (SAMPAIO, 1987, p. 176). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo suf. -í)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Rio	Inhanduizinho	Tupi + LP	Inhambuí: corr. ynhambu-í, a perdiz pequena, a codorniz ou codorna (SAMPAIO, 1987, p. 249). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). -‘ĩ (ou -ĩ): (suf. – A oclusiva glotal ‘cai após tema em consoante, ficando o sufixo com forma -ĩ) – 1) expressa o diminutivo [...] (NAVARRO, 2013, p. 150). * 131 – O nome Nhanduí , [...], significa ema pequena, ou, figuradamente, hábil corredor (SAMPAIO, 1987, p. 176). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo suf. -í + suf. dim. -zinho)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Iranchim	Tupi	Iranxim: em tupi-guarani significa literalmente: “a abelha lisa(polida)” (ira+n+cim). Palavra indígena que define uma variedade de abelha, com o nome científico de <i>Melipona limao</i> (arancim) ¹⁵⁹ . 5A: Mel, em tupi, é eira , termo que, em palavras compostas, também se traduz, às vezes, por abelha (SAMPAIO, 1987, p. 49). Eira: s. A abelha; a mãe do mel. Alt. Eir (SAMPAIO, 1987, p. 229). Guaxima: corr. Gua-cyma, pronunciado guá-chima, significa o que é liso ou lustroso [...]. (SAMPAIO, 1987, p. 240).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Iranxim	Tupi	Iranxim: em tupi-guarani significa literalmente: “a abelha lisa(polida)” (ira+n+cim). Palavra indígena que define uma variedade de abelha, com o nome científico de <i>Melipona limao</i> (arancim) ¹⁶⁰ . 5A: Mel, em tupi, é eira , termo que, em palavras compostas, também se traduz, às vezes, por abelha (SAMPAIO, 1987, p. 49). Eira: s. A abelha; a mãe do mel. Alt. Eir (SAMPAIO, 1987, p. 229). Guaxima: corr. Gua-cyma, pronunciado guá-chima, significa o que é liso ou lustroso [...]. (SAMPAIO, 1987, p. 240).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Jaburu	Tupi	Jaburu: corr. ya-abirú, o indivíduo repleto ou de papo cheio (SAMPAIO, 1928, p. 239). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d’elle; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Abirú: adj. Repleto, cheio, farto (SAMPAIO, 1987, p. 189). Zawíru: (B.C. p. 564 - · yabíru = nome de cegonhas): jaburu, ema, (guar.; yavíru) (BOUDIN, 1978, p. 306).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.) ¹⁶¹

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/iranxim/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/iranxim/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

¹⁶¹ Para a classificação morfológica do topônimo **Jaburu**, por ora, foi considerada a posição de Sampaio (1987, p. 345), porém esse topônimo é um caso que permite dupla análise, pois se considerado o ponto de vista etimológico de Boudin (1978, p. 306), o topônimo permite ser classificado também como composto justaposto com acomodação fonética.

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Jabuti	Tupi	Jabuti: corr. ya-u-ti, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, ‘criando-se pelos pés das árvores sem ir à água’. O vocábulo admite outra interpretação, como composto de y-abú-ti, traduzindo-se, o que nada respira, ou tem fôlego tenaz (SAMPAIO, 1928, p. 239-240). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d’água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb. Subst./adv.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Jacaré	Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d’elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Terenos	Lagoa	do Jacaré	LP + Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d’elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Jacu	Tupi	Jacu: corr. de yacú, adj. Esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. É o nome da ave Penélope. Batista Caetano decompõe o vocábulo em y-acú e o traduz – o que come grãos (SAMPAIO, 1928, p. 242). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuncar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Jaraguá	Tupi	Jaraguá: corr. Yara-guá, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de iara-quã, que significa o dedo de Deus, a ponta do senhor (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuncar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá , Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Uá: corr. uã, s., o talo, a haste, o caule, o grelo, a coluna vertebral, o dorso (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ja.ra. guá: sm. 1. Bras. Bot. Erva da fam. das gramíneas (<i>Hyparrhenia rufa</i>), de or. africana, bastante difundida no Brasil, com inflorescências cor de ferrugem, us. como forragem para o gado bovino. [F.: Do tupi yara'ua] (AULETE DIGITAL).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Jaraguá	Tupi	<p>Jaraguá: corr. Yara-guá, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de iara-quã, que significa o dedo de Deus, a ponta do senhor (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Uá: corr. uã, s., o talo, a haste, o caule, o grelo, a coluna vertebral, o dorso (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ja.ra.guá: sm. 1. Bras. Bot. Erva da fam. das gramíneas (Hyparrhenia rufa), de or. africana, bastante difundida no Brasil, com inflorescências cor de ferrugem, us. como forragem para o gado bovino. [F.: Do tupi yara'ua] (AULETE DIGITAL).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Córrego	Jaraguá	Tupi	<p>Jaraguá: corr. Yara-guá, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de iara-quã, que significa o dedo de Deus, a ponta do senhor (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Uá: corr. uã, s., o talo, a haste, o caule, o grelo, a coluna vertebral, o dorso (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ja.ra.guá: sm. 1. Bras. Bot. Erva da fam. das gramíneas (Hyparrhenia rufa), de or. africana, bastante difundida no Brasil, com inflorescências cor de ferrugem, us. como forragem para o gado bovino. [F.: Do tupi yara'ua] (AULETE DIGITAL).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	Jaraguá	Tupi	Jaraguá: corr. Yara-guá, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de iara-quã, que significa o dedo de Deus, a ponta do senhor (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá , Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Uá: corr. uã, s., o talo, a haste, o caule, o grelo, a coluna vertebral, o dorso (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ja.ra. guá: sm. 1. Bras. Bot. Erva da fam. das gramíneas (<i>Hyparrhenia rufa</i>), de or. africana, bastante difundida no Brasil, com inflorescências cor de ferrugem, us. como forragem para o gado bovino. [F.: Do tupi yara'ua] (AULETE DIGITAL).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Jataí	Tupi	Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a arvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Itá: c. Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1987, p. 254). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a arvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Cabeceira	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Cabeceira	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Rochedo	Ribeirão	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Jatobazinho	Tupi + LP	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Ribeirão	Jatobazinho	Tupi + LP	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Jaú	Tupi	Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) toma-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Rio	Jauru	Tupi	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Rio	Jauru	Tupi	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Jauru	Tupi	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Rio	Jauru	Tupi	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Rio	Jauru	Tupi	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Rio	Jauru	Tupi	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Jauruzinho	Tupi + LP	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + verb. + suf. dim. -zinho)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Ribeirão	Jauruzinho	Tupi + LP	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + verb. + suf. dim. -zinho)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Cabeceira	Jibóia	Tupi	Giboia: gihi – boy, a cobra de rãs, o ofídio que se alimenta de rãs (SAMPAIO, 1928, p. 203). Gia: corr. Gihi , a rã grande, de cor escura (SAMPAIO, 1987, p. 233). Boy: corr. Mboy , a cobra, o ofídio em geral. Alt. Boi, Moy (SAMPAIO, 1987, p. 208).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Cabeceira	Jibóia	Tupi	Giboia: gihi – boy, a cobra de rãs, o ofídio que se alimenta de rãs (SAMPAIO, 1928, p. 203). Gia: corr. Gihi , a rã grande, de cor escura (SAMPAIO, 1987, p. 233). Boy: corr. Mboy , a cobra, o ofídio em geral. Alt. Boi, Moy (SAMPAIO, 1987, p. 208).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Morro	Jurubeba	Tupi	Iur'e-beba: Botânica: jurubeba, arbusto da família das solanáceas, gênero Solanum = iur- i – peba (CARVALHO, 1987, p. 136). I-ur: Verbo intransitivo irregular, no indicativo (o radical é “ur” e o infinitivo é “ur-a”: vir, crescer (a maré). Ex. a-î-ur: vim (CARVALHO, 1987, p. 135). Mbeba: (descer = peba). [...] – Peba corresponde a: chato, plano, largo (SAMPAIO, 1987, p. 81).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (verb. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arabé-r-î, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -î)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arabé-r-î, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -î)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arabé-r-î, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -î)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Macaúba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mar. Alt. Macá , Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Macaúba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mar. Alt. Macá , Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Macaúba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mar. Alt. Macá , Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Mambira	Não Identificada	Mambira: que ou aquele que é bronco, rústico, revelando pouco convívio social; caipira, roceiro, jeca; m.q. tamanduá-mirim ¹⁶² (HOUAISS, 2009).	Zootopônimo	Não Identificada

¹⁶² Para a classificação taxionômica do topônimo **Mambira**, por ora, foi considerada a definição de tamanduá-mirim (nome científico: *Tamandua tetradactyla*).

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Mandioca	Tupi	Mandioca: corr. many-oga, o que procede da manyba ou mandyba. É a raiz tuberosa da planta jatrophanianhot. V. Mandyba (SAMPAIO, 1928, p. 259). Mandyba: ou manyba, c. mã-yba, a planta de entorpecer; alusão ao suco venenoso da raiz. (Jatropha manihot). Alt. Mandayba; Manahyba, Maniva (SAMAPAIIO, 1987, p. 278). Manda: gerúndio-supino de mã, envolver, amarrar. Manda exprime amarrado; o feixe; manajo, ramallete, maço, coleção, molho. Alt. Mana, Mã, Manga (SAMPAIO, 1987, p. 277). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Mandioquinha	Tupi + LP	Mandioca: corr. many-oga, o que procede da manyba ou mandyba. É a raiz tuberosa da planta jatrophanianhot. V. Mandyba (SAMPAIO, 1928, p. 259). Mandyba: ou manyba, c. mã-yba, a planta de entorpecer; alusão ao suco venenoso da raiz. (Jatropha manihot). Alt. Mandayba; Manahyba, Maniva (SAMAPAIIO, 1987, p. 278). Manda: gerúndio-supino de mã, envolver, amarrar. Manda exprime amarrado; o feixe; manajo, ramallete, maço, coleção, molho. Alt. Mana, Mã, Manga (SAMPAIO, 1987, p. 277). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -inha)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Mangabal	Tupi + LP	Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. lugar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i> ; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíba</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíba: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -al)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Lagoa	Mangabal	Tupi + LP	<p>Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. lugar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i>; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i>, isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem às vezes <i>mangaí</i>. Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -al)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Mangabal	Tupi + LP	<p>Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. lugar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i>; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i>, isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem às vezes <i>mangaí</i>. Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -al)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Mangabeira	Tupi + LP	<p>Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. lugar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i>; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaibá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaib: s. a arvore de <i>mangá</i>, isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i>. Mangaibá: s. o fructo do <i>mangaib</i> s. o fructo do <i>mangaib</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -eira)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Mangabeira	Tupi + LP	<p>Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. lugar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i>; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaibá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaib: s. a arvore de <i>mangá</i>, isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i>. Mangaibá: s. o fructo do <i>mangaib</i> s. o fructo do <i>mangaib</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -eira)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Manguçu	Tupi	Mãng: (B.C. p. 217 - mangá = manga), manga (fruta), (guar.; manga); mãng(a)- ìhíkwêr (B.C. p. 217 - mangaiçig = goma ou resinada manga) = resina da manga (guar.; manga-îwî); mãng'îw (B.C. p. 217 - mangaib = arvore de manga) = mangueira (guar.; mangaví); mãng putír = flor da mangueira (BOUDIN, 1978, p. 127). Uçú: Grande, largo. Cosa larga (MONTROYA, 1876, p. 406).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Serra	Maracaju	Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarelo” (vê yub amarelo) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Serra	Maracaju	Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarelo” (vê yub amarelo) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Serra	Maracaju	Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarelo” (vê yub amarelo) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarelo” (vê yub amarelo) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Rio Negro	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Matiri	Tupi	Matiri: s.m. Saco de fibra de tucum, extraída das folhas de palmeiras dos gên. <i>Astrocaryum</i> e <i>Bactris</i> [F.: Posv. do tupi mati'ri]. (AULETE DIGITAL).	Fitotopônimo	Simples (subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Morro	Membeca	Guarani	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentoso, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Membeca	Guarani	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentoso, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Membeca	Guarani	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentoso, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Membeca	Guarani	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentoso, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Mirim	Tupi	Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1928, 266).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Mombuca	Tupi	Mombuca: de mô-buca, o furo, o furado; nome de uma abelha silvestre (Trigonamombuca) (SAMPAIO, 1928, p. 268). Mombú: furar, romper, varar, vasar (GALVÃO, 1879, p. 284). Mombucá: ger. furando; part. mombucáb, mombucár etc. (GALVÃO, 1879, p. 284).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Moquém	Tupi	Moquem: corr. mocaẽ ou mô-caê, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem (SAMPAIO, 1928, p. 269). Mocaê: tornar secco, seccar, enxugar; fazer sarar, curar; tostar, assar em grelha (GALVÃO, 1879, p. 275).	Ergotopônimo	Simple com acomodação fonética (verb.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Cabeceira	Mutuca	Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	da Mutuca	LP + Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Ribeirão	do Mutum	LP + Tupi	Motum: My-t-û, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem Foutra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanû o africano, pôde ser tabûi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Mutum	Tupi	Motum: My-t-û, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanû o africano, pôde ser tabûi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mĩ'tu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuido que às vezes há troca; tapanũ o africano, póde ser tabũi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Mutuquinha	Tupi + LP	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética (subst. + suf. dim. -inha)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Paçoca	Tupi	Paçoca: s.f. var.: paçoca, passóca [<T. pa'soka ~ Pilar no pilão (CUNHA, 1999, p. 224). Paçoca: s. Carne seca que é socada no pilão juntamente com farinha (BUENO, 2008, p. 261). Çoçog: v. trans. Socar terra, pilar taipa etc. deriv. Como os de cog; îbîçoçocaba, pilão, malho, soquete (GALVÃO, 1879, p. 190).	Ergotopônimo	Simple (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	da Paçoca	LP + Tupi	Paçoca: s.f. var.: paçoca, passóca [<T. pa'soka ~ Pilar no pilão (CUNHA, 1999, p. 224). Paçoca: s. Carne seca que é socada no pilão juntamente com farinha (BUENO, 2008, p. 261).	Ergotopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Paraçu	Guarani	Paraguaçu: mar grande. (MONTROYA, 1876, p. 262). Parã: Substantivo: rio caudaloso, mar (arcaico). Em guarani significa mar. (CARVALHO, 1987, p. 236). Açu: Adjetivo grande e grosso; Canhoto (CARVALHO, 1987, p. 6).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Córrego	Pe-í-Pocu	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Composto (Não Identificada)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Córrego	Pequi	Tupi	Piqui: corr. py-quí, a casca áspera, espinhenta (SAMPAIO, 1928, p. 289). Pequi: cid. De Minas Gerais; de peki, certa fruta silvestre das regiões tropicais (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 95). Pekea (Pekyuá): - Fructa gordurenta = Pekia butyrosa (RODRIGUES, 1905, p. 75).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Peroba	Tupi	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. arvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Piau	Tupi	Piáu: corr. Pyýáu, a pele manchada. É o nome de um peixe de água doce" (SAMPAIO, 1928, p. 288). Ipiáu: ypiáu s. o que tem pelle manchada, ou pannos na pelle; sardento, ou que tem sarda; é também o nome da sardinha e de outros peixes de pelle sardosa (GALVÃO, 1879, p. 172). Piáu: adj. de pelle suja ou manchada; qualificativo de peixes e outras cousas; e então recebe o pref. y como em todos os comp. d'esta natureza, dizendo y piáu (GALVÃO, 1879, p. 374).	Zootopônimo	Simples com acomodação fonética (adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquillo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Terenos	Cabeceira	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquillo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Cabeceira	Pindaíva	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquillo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	da Pindaíva	LP + Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Córrego	da Pindaíva	LP + Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Pindaivão	Tupi + LP	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. aum. -ão)
Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	Piqui	Tupi	Piqui: corr. py-quí, a casca áspera, espinhenta. É a planta <i>Caryocarbrasilensis</i> , St. Hil (SAMPAIO, 1928, p. 289). Pequi: cid. De Minas Gerais; de peki, certa fruta silvestre das regiões tropicais (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 95). Pekea (Pekyuá): - Fructa gordurenta = <i>Pekia butyrosa</i> (RODRIGUES, 1905, p. 75).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Rio	Piquiri	Tupi	Piquiry: c. Piquir-y, o rio dos peixinhos. V. Piquira (SAMPAIO, 1987, p. 301). Piquira: corr. Py-quira, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 301). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Sonora	Rio	Piquiri	Tupi	Piquiry: c. Piquir-y, o rio dos peixinhos. V. Piquira (SAMPAIO, 1987, p. 301). Piquira: corr. Py-quira, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 301). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Sonora	Córrego	Piranema	Tupi	Piranema: s.m. peixe fétido, podre. De pirá, peixe; nema, fétido (BUENO, 2008, p. 276).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Pirapitanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Vae.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Var.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Var.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Var.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Ribeirão	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Var.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Var.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Var.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Var.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Pirizal	Tupi + LP	Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Simplex híbrido (subst. + suf. -zal)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Pirizal	Tupi + LP	Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Simplex híbrido (subst. + suf. -zal)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Cabeceira	Pirizal	Tupi + LP	Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Simplex híbrido (subst. + suf. -zal)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	da Porproca	LP + Tupi	Pororoca: gerúndio-supino de pororog, o que arrebenta com estrondo, o estouro. É o Macaréu. Maranhão, Pará (SAMPAIO, 1987, p. 306). Porô: s. cabeça ou abobora amargosa (porô = porob muito amargo), vê rób (GALVÃO, 1879, p. 187). Roca: o memso que oca, no genitivo de possessão; s., casa, o abrigo, o refúgio (SAMPAIO, 1987, p. 310). I-pororôk: (B.C. p. 422 - pororog = estrondar, estalar, rebentar): maresia forte, pororoca (BOUDIN, 1978, p. 78).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Córrego	Promombó	Tupi	Promombó: corr. pora-mã-mbó, o que é feito em conjunto, ou todos de uma vez. Modo de pescar dos índios, em canoa, nos rios, caso em que, levantando-se e sentando-se, a um tempo, todos os tripulantes, a água abalada faz que o peixe comece a saltar e cair dentro da embarcação. É o que se chama pescar de promombó. São Paulo (SAMPAIO, 1928, p. 296). Pora: intr. de pôr haver ou saltar; caapóra o que há no matto; também por bora ter, pirápóra o que tem peixe; fórmula mais usada em tupi; [...] (GALVÃO, 1879, p. 412). Manda: gerúndio-supino de mã, envolver, amarrar. Manda exprime amarrado; o feixe; manjo, ramalhete, maço, coleção, molho. Alt. Mana, Mã, Manga (SAMPAIO, 1987, p. 277). Mbo: [...] mbo é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se <i>fazer com que</i> ; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 230).	Sociotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + verb. + verb.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pinctar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Ribeirão	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pinctar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Ribeirão	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pinctar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Rio	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pintar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Ribeirão	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pintar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Samambaia	Tupi	Samambaia: corr. Çama-mbaí, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Filix herbácea). No Norte do Brasil a samambaia é uma Tilandsia, vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 311). Samba: corr. çama ou çamba , a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folguedo; a dança em roda (SAMPAIO, 1987, p. 311). Mbai: máu, ruim; pôde-se dizer que quando máu, ruim é passivo desfeito, arruinado, estragado [...], v. mbai (mboáf) desfazer, desmanchar, fazer mal (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbáia: s. esteiras, trançados de junco ou de palha; [...] (GALVÃO, 1879, p. 227).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê péé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê péé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Cabeceira	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê péé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê péé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Rio Negro	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (Saccharum sapé) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê peé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Campo Grande (MR 04)	Rochedo	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (Saccharum sapé) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê peé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (Saccharum sapé) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê peé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Córrego	do Sapé	LP + Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (Saccharum sapé) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê peé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + verb.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Sonora	Córrego	Seriema	Tupi	Sariema: corr. çariama, c. çarí-ama, a crista levantada. Alt. Seriema (SAMPAIO, 1928, p. 305). Seriema: s.f. Var. siriema, seriema, ceriema, seriêma, sariema, syiema. [do Tupi sari'ama]. Ave gruiformes da família dos cariamídeos (CUNHA, 1999, p. 262). Çaria: s. (contr. Hariábáe ou çariamáe, armada de crista ou cristada em espiga, vê har) nome de uma pernalta, vulgo siriema (GALVÃO, 1879, p. 90). Âma: amba ger. estando em pé, a estar em pé (GALVÃO, 1879, p. 30). Am: v. intr. Estar em pé, estar quedo, firme; erguer-se, elevar-se; estar erguido, sobranceiro, armado [...] (GALVÃO, 1879, p. 30).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Sucupira	Tupi	Sucupira: do tupi seui'pira - nome de várias árvores da família das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a fabricação de obras finas de marcenaria (CUNHA, 1999, p. 265). Sibipira: corr. Cibepyra, a alisada, a esfregada; alusão à madeira pesada, rija, que fende e recebe bom polimento. Alt. Sepipira, Sipipira, Sapopira, Sucupira, Secupira, Sebipira (SAMPAIO, 1987, p. 314). Cib: v. trans. Esfregar. Alisar, limpar, vê hîb: alimpar, elidir, arrancar; adj. Liso, alisado etc. (GALVÃO, 1879, p. 93). *33 – os adjetivos derivados de verbos, os participios passados se formam com o sufixo pyra [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj. + suf. -pyra)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclsmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 249ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (249ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclsmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 249ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (249ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclsmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 249ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (249ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclsmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 249ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (249ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Sucuri [1]	Tupi	Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 250ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (250ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + num.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Sucuri [2]	Tupi	Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 250ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (250ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + num.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Sucuri [3]	Tupi	Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 250ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (250ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + num.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	da Sucuri	LP + Tupi	Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 250ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (250ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + verb. + adj.)

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Rio	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. Çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. Çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas 251ubst. pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (251ubst) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. 251ubst.251 (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Taboca	Tupi	Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabóg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabóg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Taboca	Tupi	Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabóg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabóg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

<p>Campo Grande (MR 04)</p>	<p>Corguinho</p>	<p>Córrego</p>	<p>Taboca</p>	<p>Tupi</p>	<p>Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).</p>	<p>Fitotopônimo</p>	<p>Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)</p>
<p>Alto Taquari (MR 03)</p>	<p>Figueirão</p>	<p>Morro</p>	<p>Taboca</p>	<p>Tupi</p>	<p>Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).</p>	<p>Fitotopônimo</p>	<p>Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)</p>
<p>Campo Grande (MR 04)</p>	<p>Rio Negro</p>	<p>Córrego</p>	<p>Taboca</p>	<p>Tupi</p>	<p>Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).</p>	<p>Fitotopônimo</p>	<p>Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)</p>

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Sonora	Córrego	Taboca	Tupi	Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldeia, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeias as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	da Taboca	LP + Tupi	Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldeia, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeias as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	da Taboca	LP + Tupi	Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldeia, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeias as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Córrego	da Taboca	LP + Tupi	Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabõg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabõg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Corguinho	Rio	Taboco	Tupi	Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabõg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabõg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Córrego	do Taboco	LP + Tupi	Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabõg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabõg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Córrego	Taboquinha	Tupi + LP	<p>Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312).</p> <p>Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1979, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317).</p> <p>Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1979, p. 61).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. Dim. -inha)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Córrego	Taboquinha	Tupi + LP	<p>Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312).</p> <p>Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1979, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317).</p> <p>Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1979, p. 61).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. Dim. -inha)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	Taboquinha	Tupi + LP	<p>Taboca: corr. Ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312).</p> <p>Tabôg: perm. De bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? Ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? Tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. De Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1979, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317).</p> <p>Bóca: ger. De bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1979, p. 61).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. Dim. -inha)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Terenos	Córrego	Taboquinha	Tupi + LP	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabóg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? tabóg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco emtorno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -inha)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Cabeceira	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Terenos	Cabeceira	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Tapera Eraque	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Campo Grande (MR 04)	Bandeirantes	Cabeceira	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Campo Grande	Cabeceira	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Alto Taquari (MR 03)	Figueirão	Córrego	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Campo Grande (MR 04)	Rio Negro	Córrego	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Taperão	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra + suf. aum. -ão)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Taperão	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simplex aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra + suf. aum. -ão)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Rio	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simplex (subst. + grau diminutivo suf. -i)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Rio	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simplex (subst. + grau diminutivo suf. -i)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Rio	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple (subst. + grau diminutivo suf. -i)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Rio	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple (subst. + grau diminutivo suf. -i)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Serra	do Taquari	LP + Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido com soldadura (pref. + subst. + grau diminutivo suf. -i)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Rio	Taquari-mirim	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90). Mirim: adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1987, p. 283).	Fitotopônimo	Composto (subst. + grau diminutivo suf. -i + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	São Gabriel do Oeste	Córrego	Taquari-mirim	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90). Mirim: adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1987, p. 283).	Fitotopônimo	Composto (subst. + grau diminutivo suf. -i + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Ribeirão	Taquarizinho	Tupi + LP	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simplex híbrido (subst. + grau diminutivo suf. -i + suf. dim. -zinho)

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Rio	Taquarizinho	Tupi + LP	<p>Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril” (SAMPAIO, 1928, p. 319).</p> <p>Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. Podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, <i>pequeno</i>, ou simplesmente da partícula y ou im, [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).</p>	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo suf. -i + suf. dim. -zinho)
Alto Taquari (MR 03)	Camapuã	Córrego	Taquaruçu	Tupi	<p>Taquaruçu: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. Podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. Longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d’aqui o adj. Pucû comprido, mas em muitos comp. Vê-se só ucú, como em ábucú subst.262 compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Campo Grande (MR 04)	Jaraguari	Córrego	Taquaruçu	Tupi	<p>Taquaruçu: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. Podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. Longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d’aqui o adj. Pucû comprido, mas em muitos comp. Vê-se só ucú, como em ábucú subst.262 compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 41 – Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Cabeceira	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. Podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. Longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, estendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. Pucû comprido, mas em muitos comp. Vê-se só ucú, como em ábucú subst.263 compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de taríma ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns coccos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simplex (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Pedro Gomes	Córrego	Tauá	Tupi	Tauá: V. Taguá (SAMPAIO, 1987, p. 327). Taguá: contr. Taguaba, pedra ou argila de comer; barreiro. Alt. Taguaba, Taguá, Tauá. V. Itaguaba. Pode proceder ainda de ita-guá, ou itá-guá, significando pedra ou argila variegada, de cores diversas (SAMPAIO, 1987, p. 319). *107 – [...]. No tupi, representa-se pela palavra itá, pedra, todo e qualquer mineral ou metal apenas diferenciado ou qualificado pelo seu aspecto físico mais aparente, o da cor. [...]. Em tupi, argila amarela é tagûá; argila vermelha – tagûá-piranga; tobá-tinga ou tabá-tinga – argila branca (SAMPAIO, 1987, p. 140-141).	Litotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Coxim	Córrego	Traíra	Tupi	Traíra: s. correto toraíra. Peixe d'agua doce (BUENO, 2008, p. 360). Traíra s. f. Var. tareíra, taraíra, tararira, tarayra, tarerire, tarreira, trahira, traira, trahyra, tariira. [< T. tare'ira]. Peixe da família dos caracídeos” (CUNHA, 1999, p. 295). Tará: [...] adj. O que varia de pêllo; furta-cor; s. camelião; qualificativo de animais e plantas (GALVÃO, 1879, p. 486). Pi-rá: s. peixe (talvez part. Contr. Do proc dizendo « o que tem pelle ou subst; o que é nu, limpo, vê cará); peixe em geral, mas especialmente o peixe de pelle, porque o de escama é designado na costa ou em tupi por cará e acará [...] (GALVÃO, 1879, p. 378).	Zootopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (adj. + subst..)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (continuação)

Campo Grande (MR 04)	Sidrolândia	Morro	Turum	Tupi	Turuna: tyr-una, o cano preto, membrumnigrum (SAMPAIO, 1928, p. 331). Turú: nome geral dos animais aquáticos e vermes. Turuma: s. de tyr-uma, o cano preto, o membro genital masculino, preto, escuro (BUENO, 2008, p. 364).	Somatopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Rio Verde de Mato Grosso	Córrego	Urubu	Tupi	Urubú: corr. Urú-bû, a galinha preta, a ave negra. Alt. Urumú (SAMPAIO, 1987, p. 341). Urú: s. Nome comum das galináceas no tupi. É a ave conhecida (Odonthophorus dentatus, Tom.). Designa também um certo tecido de folhas de palma (SAMPAIO, 1987, p. 340). Um: adj. Negro, preto. Alt. ã, una. V. Una (SAMPAIO, 1987, p. 338). Una: adj. Negro, preto, escuro. Alt. um, u, huna, mu , pixuna (SAMPAIO, 1987, p. 339).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Ribeirão	Urutau	Tupi	Urutau: s.m. Var.: urutagui, urutáo, urutaú, urutauí, urutáu, urutau, urutahi, [< T. uruta'ui, curuja = çuindara. Tuindara. Ajaya. Cuyauju. Urutaguí. Ave caprimulgiforme da família dos nictibídeos, coruja (CUNHA, 1999, p. 311). Urutaú: s. ave phantasma, nome dado a corujas e mochos (GALVÃO, 1879, p. 559). Urú: s. Nome comum das galináceas no tupi. É a ave conhecida (Odonthophorus dentatus, Tom.). Designa também um certo tecido de folhas de palma (SAMPAIO, 1987, p. 340). Tau: s. a fantasia, a adivinhação, a visão; captar a vontade de alguém (SAMPAIO, 1987, 327).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Serra	Urutau	Tupi	Urutau: s.m. Var.: urutagui, urutáo, urutaú, urutauí, urutáu, urutau, urutahi, [< T. uruta'ui, curuja = çuindara. Tuindara. Ajaya. Cuyauju. Urutaguí. Ave caprimulgiforme da família dos nictibídeos, coruja (CUNHA, 1999, p. 311). Urutaú: s. ave phantasma, nome dado a corujas e mochos (GALVÃO, 1879, p. 559). Urú: s. Nome comum das galináceas no tupi. É a ave conhecida (Odonthophorus dentatus, Tom.). Designa também um certo tecido de folhas de palma (SAMPAIO, 1987, p. 340). Tau: s. a fantasia, a adivinhação, a visão; captar a vontade de alguém (SAMPAIO, 1987, 327).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Urutau	Tupi	Urutau: s.m. Var.: urutagui, urutáo, urutaú, urutauí, urutáu, urutau, urutahi, [< T. uruta'ui, curuja = çuindara. Tuindara. Ajaya. Cuyauju. Urutaguí. Ave caprimulgiforme da família dos nictibídeos, coruja (CUNHA, 1999, p. 311). Urutaú: s. ave phantasma, nome dado a corujas e mochos (GALVÃO, 1879, p. 559). Urú: s. Nome comum das galináceas no tupi. É a ave conhecida (Odonthophorus dentatus, Tom.). Designa também um certo tecido de folhas de palma (SAMPAIO, 1987, p. 340). Tau: s. a fantasia, a adivinhação, a visão; captar a vontade de alguém (SAMPAIO, 1987, 327).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 41 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (conclusão)

Alto Taquari (MR 03)	Alcinópolis	Córrego	Borá	Tupi	<p>Borá: o amago, o íntimo, o centro. De referência a abelhas, exprime o que lhes tira da colmeia, ou ninho (SAMPAIO, 1928, p. 169). Borá: (bor-á) – tirado do conteúdo, o que está cheio de: a massa amarela e amrga – resíduo de pólen encontrado dentro da colmeia; comida das abelhas; TEBORA (t-ei-porá) o que vai ser mel. Espécie de abelha melipônida amarela (PONTES, 1970, p. 83). Borá: (<i>Tetragonaclavipes</i>): abelha da família dos Meliponídeos, seu nome original vem do Tupi Heborá, que significa: o que há de ter mel. Popularmente é conhecida como Jataizão, Vorá e Cola-Cola. Diz a lenda que Borá é uma substância amarela e amarga encontrada nos ninhos dessa abelha, possivelmente por se notar grande quantidade de samora, saburá (pólen), armazenada por esta abelha¹⁶³. Borá: fut. às vezes com aparência de part., que se-apresenta em compostos exprimindo <i>o que ha-de ter</i>, exemplo <i>heborá</i> que há-de ter mel, (<i>heborá</i> diz M. hámag, comida de las abejas) (GALVÃO, 1879, p. 61).</p>	Zootopônimo	Simple (subst.)
----------------------	-------------	---------	------	------	---	-------------	-----------------

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁶³Disponível em: <https://www.cpt.com.br/cursos-criacaodeabelhas/artigos/abelhas-sem-ferraio-bora-tetragona-clavipes>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Resumindo, a *Mesorregião do Centro-Norte de Mato Grosso do Sul* possui **duas** microrregiões e **16** municípios em uma área de 69.928 km² e aproximadamente 991.446 habitantes¹⁶⁴. Foram computados, nessa mesorregião, **304** topônimos de origem indígena, sendo **175**, na microrregião do Alto Taquari (MR 03), e **129**, na microrregião Campo Grande (MR 04).

Na sequência, faz-se a apresentação dos dados relativos à mesorregião Leste.

¹⁶⁴ Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-centro-norte-de-mato-grosso-do-sul.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continua)

Microrregião	Município	Elemento geográfico	Topônimo	Língua de Origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura morfológica
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Rio	Anhanduí	Tupi	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Rio	Anhanduí	Tupi	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Rio	Anhanduizinho	Tupi + LP	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + suf. dim.-zinho)
Nova Andradina (MR 08)	Taquarussu	Córrego	Anhemi	Tupi	Anhemi: (rio de SP). De anhumá - ave pernalta que habita a beira de rios + 'y - rio, água: rio das anhumas (NAVARRO, 2013, p. 543). Anhumá: Ornitologia: ave da família dos anhimídeos, gênero: Anhumá (CARVALHO, 1987, p. 27). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Rio	Aporé	Tupi	Aporé: rio e cid. do E. de Goiás; V. Apari (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Apari: ant. nome do rio Aporé, tributário do Paranaíba, GO; de <i>abá-r-y</i> , rio do índio (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 20). Abá: s. O homem, a gente, a pessoa; o macho. No tupi amazônico, auá. Na língua geral altera-se, por vezes, em avá e assim entra na composição de muitos vocábulos (SAMPAIO, 1987, p. 188). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Rio	Aporé ou do Peixe	Tupi + LP	Aporé: rio e cid. do E. de Goiás; V. Apari (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Apari: ant. nome do rio Aporé, tributário do Paranaíba, GO; de <i>abá-r-y</i> , rio do índio (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 20). Abá: s. O homem, a gente, a pessoa; o macho. No tupi amazônico, auá. Na língua geral altera-se, por vezes, em avá e assim entra na composição de muitos vocábulos (SAMPAIO, 1987, p. 188). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + conj. + prep. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Serra	do Aporé	LP + Tupi	Aporé: rio e cid. do E. de Goiás; V. Apari (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Apari: ant. nome do rio Aporé, tributário do Paranaíba, GO; de <i>abá-r-y</i> , rio do índio (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 20). Abá: s. O homem, a gente, a pessoa; o macho. No tupi amazônico, auá. Na língua geral altera-se, por vezes, em avá e assim entra na composição de muitos vocábulos (SAMPAIO, 1987, p. 188). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Salto	do Aporé	LP + Tupi	Aporé: rio e cid. do E. de Goiás; V. Apari (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Apari: ant. nome do rio Aporé, tributário do Paranaíba, GO; de <i>abá-r-y</i> , rio do índio (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 20). Abá: s. O homem, a gente, a pessoa; o macho. No tupi amazônico, auá. Na língua geral altera-se, por vezes, em avá e assim entra na composição de muitos vocábulos (SAMPAIO, 1987, p. 188). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Taquarussu	Canal	Araçatuba	Tupi	Araçatuba: corr. araçá-tyba, o sítio dos araçás, onde há araçás em abundância. Alt. Araçatiba (SAMPAIO, 1928, p. 156). Araçá: s. fruto do araçazeiro, da família das mirtáceas, gênero <i>psidium</i> (CARVALHO, 1987, p. 36). Tib: [...]; s. jazida, pousio, pouso, assente; cópia, <i>abundância</i> , frequência; <i>collecção</i> ; [...] (GALVÃO, 1879, p. 323).	Fitotopônimo ¹⁶⁵	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

¹⁶⁵ O topônimo *Araçatuba* poderia sugerir um *corotopônimo*, em razão da existência do município Araçatuba, no interior do estado de São Paulo, todavia, isso demandaria uma pesquisa pontual, de natureza oral, sobre a causa denominativa do nome do topônimo que fugiria aos propósitos desse estudo. Em razão disso, foi considerado a *taxe*, a partir do significado etmológico da palavra.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Araguainha	Tupi + LP	Araguaya: s.c. ará-guaya, os papagaios mansos (SAMPAIO, 1928, p. 157). Araguá: s. c. Ará-guá, o vale ou baixada dos papagaios. Alt. Araguaba (SAMPAIO, 1987, p. 198). Araguaba: s.s. Ará-guaba, a comida ou bebida dos papagaios. Alt. Araguá (SAMPAIO, 1987, p. 198). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba, ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + suf. dim. -inha)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Arapuá	Tupi	Arapuá: V. Arapoá. (SAMPAIO, 1928, p. 158). Arapoá: corr. ira-poã, o mel redondo, ou ninho de abelhas arredondados (SAMPAIO, 1928, p. 158). Eíra: (T-). Substantivo mel (de abelha) (CARVALHO, 1987, p. 73). Apuá: (ç). [...]. Adjetivo: arredondado, esférico, redondo (CARVALHO, 1987, p. 32). Eir'-Apuá: variedade de abelha: arapuá ou irapuã, inseto da família dos meliponídeos, gênero Trigoma (CARVALHO, 1987, p. 73).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Arapuá	LP + Tupi	Arapuá: V. Arapoá. (SAMPAIO, 1928, p. 158). Arapoá: corr. ira-poã, o mel redondo, ou ninho de abelhas arredondados (SAMPAIO, 1928, p. 158). Eíra: (T-). Substantivo mel (de abelha) (CARVALHO, 1987, p. 73). Apuá: (ç). [...]. Adjetivo: arredondado, esférico, redondo (CARVALHO, 1987, p. 32). Eir'-Apuá: variedade de abelha: arapuá ou irapuã, inseto da família dos meliponídeos, gênero Trigoma (CARVALHO, 1987, p. 73).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Córrego	da Arara	LP + Tupi	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Ribeirão	Araras	Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple híbrido (subst. + desinência de plural -s)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Ribeirão	Araras	Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple híbrido (subst. + desinência de plural -s)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Araras	Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simples híbrido (subst. + desinência de plural -s)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Ribeirão	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Serra	das Araras (da Cabeleira) (Selada)	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Composto híbrido com soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + desinência de plural -s + prep. + subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Lagoa	Araré	Tupi	Araré: amigo dos papagaios (FERREIRA, 2007, p. 22). Irerê: var. airire, aréré , irerê, ererê, iererê [T. ire're]; ave da família dos anatídeos, espécie de marrecas (CUNHA, 1999, p. 158). Ireré: s. nome onom. De aves aquáticas (pernaltas) e outras, que emitem esta voz (SAMPAIO, 1987, p. 176). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Ré: pos. ou conj. Depois, depois de, conforme, segundo [...]. Ré = é adj. diverso, distinto, d'onde <i>abaré</i> padre. Neste sentido ainda é homólogo com <i>cué</i> [...]. <i>ré</i> s. sabor, gosto [...]. <i>ré</i> s. nome (e outros significados) (GALVÃO, 1879, p. 444).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Areré	Tupi	Araré: amigo dos papagaios (FERREIRA, 2007, p. 22). Irerê: var. airire, aréré , irerê, ererê, iererê [T. ire're]; ave da família dos anatídeos, espécie de marreca (CUNHA, 1999, p. 158). Ireré: s. nome onom. De aves aquáticas (pernaltas) e outras, que emitem esta voz (SAMPAIO, 1987, p. 176). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Ré: pos. ou conj. Depois, depois de, conforme, segundo [...]. Ré = é adj. diverso, distinto, d'onde <i>abaré</i> padre. Neste sentido ainda é homólogo com <i>cué</i> [...]. <i>ré</i> s. sabor, <i>gôsto</i> [...]. <i>ré</i> s. nome (e outros significados) (GALVÃO, 1879, p. 444).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Rio	Ariranha	Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) – a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) – papamel; animalcarnívprp ávido por mel; RANA – parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Ariranha	Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) – a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) – papamel; animalcarnívprp ávido por mel; RANA – parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Cabeceira	Aruranha	Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) – a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) – papamel; animalcarnívprp ávido por mel; RANA – parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Lagoa	do Babaçu	LP + Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçú (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Baguá	Tupi	Baguá: corr. ypá-guá, o habitante ou morador de alagadiços, de brejos e lagoas. Nome aplicado a aves aquáticas. V. Guara (SAMPAIO, 1987, p. 203). Ypá: c. Y-pá, contração de y-paba, a estância, ou pouso d'água, a lagoa. V. Ipá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Guará: s. A garça vermelha, a ave aquática (SAMPAIO, 1987, p. 237).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Baguaçu	Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçú (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Córrego	Baguaçu	Tupi	Babaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuauassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-babaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (Ziziphus). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçú (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Lagoa	Bambu	Tupi	Bambuhy: s.c. bambú-y, o rio dos bambús (SAMPAIO, 1928, p. 164).	Fitotopônimo	Simples (subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	do Bambu	Tupi	Bambuhy: s.c. bambú-y, o rio dos bambús (SAMPAIO, 1928, p. 164).	Fitotopônimo	Simples com soldadura (subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	do Banguá	LP + Guarani	Baguá: corr. ypá-guá, o habitante ou morador de alagadiços, de brejos e lagoas. Nome aplicado a aves aquáticas. V. Guara (SAMPAIO, 1987, p. 203). Ypá: c. Y-pá, contração de y-paba, a estância, ou pouso d'água, a lagoa. V. Ipá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Guará: s. A garça vermelha, a ave aquática (SAMPAIO, 1987, p. 237).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Barracá	Guarani	Baracá: adj. O mesmo que maracá, o chocalho, o guizo (BUENO, 2008, p. 72). Maracá: corr. Marã-acã , a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Marã: s. a guerra, a confusão, a desordem, a revolução (SAMPAIO, 1987, p. 279). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 189).	Ergotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Ribeirão	Barreiro do Ariranha	LP + Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) – a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) – papa-mel; animalcárnivprp ávido por mel; RANA – parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Litotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Bataguaçú	Tupi	Bata: Bata, do tcheco-eslovaco sobrenome do fundador da Cidade, Jan Antonin Bata, proprietário da Cia. Viação São Paulo Mato Grosso. Em 1932, Bata teria adquirido, na região, grande gleba de terra, destinada à pecuária e à colonização. Em 1941, fixou-se a companhia, na região onde se ergue a cidade de Bataguassu ¹⁶⁶ . Açú: adj. grande, considerável. Alt. oçú, uçú, guaçú (SAMPAIO, 1987, p. 191). Guaçú: [...] como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçú, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçú, uçú (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Antropotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

¹⁶⁶ Disponível em: <https://www.bataguassu.ms.gov.br/municipio>. Acesso em: 03 jan. 2021.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Morro	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Santa Rita do Pardo	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Buriti de Baixo	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Buriti de Cima	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Buriti	LP + Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	do Buritizal	LP + Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + suf. -zal)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Buritizal	LP + Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + suf. -zal)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Córrego	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. -zinho)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. -zinho)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Lagoa	Caaporã	Tupi	Caaporã: sede municipal da Paraíba; de caá-porã, mata bonita (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 32). Caá: s., a folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilexparaguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1928, p. 173). Porã: do guarani porã, bonito, bonita (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 99).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Cabeceira da Samambaia	LP + Tupi	Samambaia: corr. Çama-mbaí, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (<i>Filix herbácea</i>). No Norte do Brasil a samambaia é uma <i>Tilandsia</i> , vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 311). Samba: corr. çama ou çamba, a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folguedo; a dança em roda (SAMPAIO, 1987, p. 311). Mbai: mau, ruim; pôde-se dizer que quando mau, ruim é passivo desfeito, arruinado, estragado [...], v. mbai (mboaíb) desfazer, desmanchar, fazer mal (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbáia: s. esteiras, trançados de junco ou de palha; [...] (GALVÃO, 1879, p. 227).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Cabeceira da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (subst. + prep. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Cabeceira do Capão	LP + Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Cabeceira do Indaiá	LP + Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despençam. É a palmeira <i>Attaleacompta</i> . Alt. Andayá, Endayá" (SAMPAIO, 1928, p. 223).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (subst. + prep. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Cabeceira Grande do Buriti	LP + Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + adj. + prep. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Taquarussu	Ilha	Cajá	Tupi	Cajá: V. Acayaá. (SAMPAIO, 1928, p. 76). Acayá: s. c. acã-yá, o fruto de caroço cheio, graúdo; fruto que é todo caroço. (<i>Spondias brasiliensis</i>). Alt. Cajá (SAMPAIO, 1928, p. 148). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 189). Ybá: c. Yb-á, o que colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Ribeirão	Camapuã	Tupi	Camapuã: corr. cama-poã, o peito arredondado; o peito saliente; a colina arredondada; cômodo; a meia laranja. Rio Grande do Sul, Mato Grosso (SAMPAIO, 1928, p. 177). Camapuã: (Cama + apuá) = elevação arredondada; nome de Rio do Mato Grosso, afluente da margem direita do rio Coxim e cidade, Zona do Rio Pardo (GREGÓRIO, 1980, p. 540). Cam: s. teta, mama, peito [...] implica o sentido de elevação talvez se possa supôr um v. intr. <i>cam</i> elevar-se, sobressair, ser saliente, proeminente [...] (GALVÃO, 1879, p. 65). Apuã: adj. (de puã ou piã com o pref. a) redondo; s. bola, bala, globo (GALVÃO, 1879, p. 44).	Geomorfotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Caverna	Cambaúba	Guarani + Tupi	Cambaúba: loc. de Minas Gerais; rio do E. de São Paulo; nome de uma planta também chamada cipó-carijó (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 36). Camba: s. o negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Ubá: é o nome da palmeira que produz o coco; do tupi ybá, fruto; ubá é também o nome de uma canoa feita com o tronco dessa palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 190).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Cambaúva	Guarani + Tupi	Cambaúba: loc. de Minas Gerais; rio do E. de São Paulo; nome de uma planta também chamada cipó-carijó (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 36). Camba: s. o negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Ubá: é o nome da palmeira que produz o coco; do tupi ybá, fruto; ubá é também o nome de uma canoa feita com o tronco dessa palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 190).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Cambaúva	Guarani + Tupi	Cambaúba: loc. de Minas Gerais; rio do E. de São Paulo; nome de uma planta também chamada cipó-carijó (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 36). Camba: s. o negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Ubá: é o nome da palmeira que produz o coco; do tupi ybá, fruto; ubá é também o nome de uma canoa feita com o tronco dessa palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 190).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Cambauvinha	Guarani + Tupi + LP	Cambaúba: loc. de Minas Gerais; rio do E. de São Paulo; nome de uma planta também chamada cipó-carijó (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 36). Camba: s. o negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Ubá: é o nome da palmeira que produz o coco; do tupi ybá, fruto; ubá é também o nome de uma canoa feita com o tronco dessa palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 190).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -inha)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Iputa	Guarani	Cambu: de cama, seio, bú: beber, mamar (BUENO, 2008, p. 90). Cambú: fazer mamar, dar de mamar, amamentar; criar ao peito (GALVÃO, 1879, p. 275). Cama: s. o peito, os seios; o papo; elevação, proeminência, cabeça. Alt. cam, cã (SAMPAIO, 1987, p. 213). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337)	Não Identificada	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Cancã	Tupi	Cancã: s.f. Pássaro cujo nome é tirado do seu canto (BUENO, 2008, p. 91).	Zootopônimo	Simplex (subst. onomatopaico)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	do Cancã	LP + Tupi	Cancã: s.f. Pássaro cujo nome é tirado do seu canto (BUENO, 2008, p. 91).	Zootopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst. onomatopaico)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	do Cancã	LP + Tupi	Cancã: s.f. Pássaro cujo nome é tirado do seu canto (BUENO, 2008, p. 91).	Zootopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst. onomatopaico)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Capão	Tupi	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Capão	Tupi	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Capão	Tupi	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Capão Alto	LP + Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Capão Limpo	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	do Capão Limpo	LP + Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Capão Redondo	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Capão Seco	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Cabeceira	do Capão	LP + Tupi	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Capim Branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Capivara	Tupi	Capivara: corr. caapiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (<i>Hydrochoerus Capybara</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 180). Capivara: s.f. [T. kapii'uaara<ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u</i> , o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. <i>Alt. Guara. V. Guara</i> (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo -im + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Córrego	Capoeira	Tupi	<p>Capoeira: s.f.Var.: capoeira, capoeyra, caauera, [<T. ko'puera< 'ko "roça" + 'puera'] que já foi: mato que foi roçado (CUNHA, 1999, p. 98). * 138A Capoeira: vem do termo tupi kopuêra - roça antiga, da qual o mato já tomou conta. Daí a definição do vocabulário jesuítico: kopûera - mato que já foi roçado (roça). Enganam-se, pois, os que definem capoeira por: o que foi mato, porque, muito ao contrário, é: onde já cresceu nosso mato [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 149 Capoeira: vem de ko-pûera – roça abandonada, da qual o mato já tomou conta. A troca do o para a deve-se à influência da palavra mais corrente kaá – mato. Entretanto, o índio nunca chamaria ao mato novo de um antigo roçado kaá-pûera – mato extinto, quando capoeira é, na verdade, um mato renascido [...] (SAMPAIO, 1987, p. 132). Caá: s. a folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate. Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Poêra: V. Coêra ou quêra (SAMPAIO, 1987, p. 305). Coêra: adj. velho, extinto, passado, antigo. Alt. cuêra, cuér, cué, guêra, boêra, poêra [...] (SAMPAIO, 1987, p. 224).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Capoeira	Tupi	<p>Capoeira: s.f.Var.: capoeira, capoeyra, caauera, [<T. ko'puera< 'ko "roça" + 'puera'] que já foi: mato que foi roçado (CUNHA, 1999, p. 98). * 138A Capoeira: vem do termo tupi kopuêra - roça antiga, da qual o mato já tomou conta. Daí a definição do vocabulário jesuítico: kopûera - mato que já foi roçado (roça). Enganam-se, pois, os que definem capoeira por: o que foi mato, porque, muito ao contrário, é: onde já cresceu nosso mato [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 149 Capoeira: vem de ko-pûera – roça abandonada, da qual o mato já tomou conta. A troca do o para a deve-se à influência da palavra mais corrente kaá – mato. Entretanto, o índio nunca chamaria ao mato novo de um antigo roçado kaá-pûera – mato extinto, quando capoeira é, na verdade, um mato renascido [...] (SAMPAIO, 1987, p. 132). Caá: s. a folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate. Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Poêra: V. Coêra ou quêra (SAMPAIO, 1987, p. 305). Coêra: adj. velho, extinto, passado, antigo. Alt. cuêra, cuér, cué, guêra, boêra, poêra [...] (SAMPAIO, 1987, p. 224).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Capoeira	Tupi	<p>Capoeira: s.f.Var.: capoeira, capoeyra, caauera, [<T. ko'puera< 'ko "roça" + 'puera'] que já foi: mato que foi roçado (CUNHA, 1999, p. 98). * 138A Capoeira: vem do termo tupi kopuêra - roça antiga, da qual o mato já tomou conta. Daí a definição do vocabulário jesuítico: kopûera - mato que já foi roçado (roça). Enganam-se, pois, os que definem capoeira por: o que foi mato, porque, muito ao contrário, é: onde já cresceu nosso mato [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 149 Capoeira: vem de ko-pûera – roça abandonada, da qual o mato já tomou conta. A troca do o para a deve-se à influência da palavra mais corrente kaá – mato. Entretanto, o índio nunca chamaria ao mato novo de um antigo roçado kaá-pûera – mato extinto, quando capoeira é, na verdade, um mato renascido [...] (SAMPAIO, 1987, p. 132). Caá: s. a folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate. Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Poêra: V. Coéra ou quéra (SAMPAIO, 1987, p. 305). Coéra: adj. velho, extinto, passado, antigo. Alt. cuéra, cuér, cué, guéra, boéra, poéra [...] (SAMPAIO, 1987, p. 224).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Aparecida /do Taboado	Cabeceira	dos Capões	LP + Tupi + LP	<p>Capão: caá – pão, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (Ilex paraguayensis). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência - s de plural + subst. + subst. + Marca de plural)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Córrego	Caraguatá	Tupi	<p>Caraguatá: corr. carauá-tã, o carauá rijo, duro (SAMPAIO, 1928, p.181). Carauá: corr. cará-uã, talo armado de espinhos, nervura farpada; bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. Alt. Crauá (SAMPAIO, 1928, p. 182). Antã: adj. Forte, duro, rijo. Alt. Atã (SAMPAIO, 1987, p. 195).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Santa Rita Do Pardo	Cabeceira	Caraíba	Tupi	Carahyba: adj. forte, duro, valente, sábio; sagrado, santo. Alt. Caray, caryba, caríua, carahy (SAMPAIO, 1987, p. 217). * 111 – Ao homem branco, quando tratado em boa parte, denominavam caray, e, segundo os dialetos cariba ou carahiba, cujo significado é superior, forte, astuto, sábio, santo, pois que atribuíram aos europeus faculdades extraordinárias (SAMPAIO, 1987, p. 151). Caraíba: s.m. Var.: caraiba, caraibba, carayba, [<T. kara'íua], homem branco, a diferença dos índios [...] santidade, feiticeiro indígena; o homem branco, o europeu [...], planta da família das borragináceas (CUNHA, 1999, p. 102). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Aiuá: s. c. A-íuá, a fruta de espinho; o juazeiro. Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Etnotopônimo ¹⁶⁷	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Carandá	LP + Tupi	Carandá: V. Caraná. (SAMPAIO, 1987, p. 217). Caraná: ou carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira Corpenicia cerifera, vulgo carnaúba (SAMPAIO, 1987, p. 217). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com soldadura (prep. + adj. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Carapina	Tupi	Carapina: corr. carapin, tirar a casca grossa; descascar, lavar. Como adjetivo: aparado, cortado curto, breve (SAMPAIO, 1928, p. 182). Carapina: s.m. [<T. kara'pina: carpinteiro (CUNHA, 1999, p. 104). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Pindá: s. O anzol, o gancho, a fisga. Alt. Piná (SAMPAIO, 1987 p. 300).	Sociotopônimo	Composto justaposto (adj. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Cateto	Tupi	Catête: corr. tatetú ou täytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Tâititu: (tâi i tu) adj. o que bate os dentes, nome de porcos selvagens (dicotyless), vulgo caitetés e catetos (GALVÃO, 1879, p. 475). Tâi = tây: tâiñ s. dente, t, r, h, gu; [...] (GALVÃO, 1879, p 474). Tatí: adj. pontudo, aguçado, que vai em poncta; vê tí ir em poncta, do qual atí no abs. Tâtí; o pref. a por causa de tí nazal torna-se â e por isso em tupi antí? (GALVÃO, 1879, p. 489).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

¹⁶⁷ Para a classificação taxionômica do topônimo **Caraíba**, por ora, foi considerada a posição de Sampaio (1987), porém esse topônimo é um caso que permite dupla nomeação se considerado o ponto de vista etimológico de Cunha (1999, p. 102), ou seja, o topônimo permite ser classificado também como fitotopônimo.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Ribeirão	Cateto	Tupi	Catête: corr. tatetú ou tãytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Tãititu: (tã i tu) adj. o que bate os dentes, nome de porcos selvagens (dicotyles), vulgo caitetés e catetos (GALVÃO, 1879, p. 475). Tãî = tãy: tãîñ s. dente, t, r, h, gu; [...] (GALVÃO, 1879, p. 474). Tatî: adj. pontcado, aguçado, que vai em poncta; vê tî ir em poncta, do qual atî no abs. Tâtî; o pref. a por causa de tî nazal torna-se â e por isso em tupi antî? (GALVÃO, 1879, p. 489).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Rural	do Cateto	LP + Tupi	Catête: corr. tatetú ou tãytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Tãititu: (tã i tu) adj. o que bate os dentes, nome de porcos selvagens (dicotyles), vulgo caitetés e catetos (GALVÃO, 1879, p. 475). Tãî = tãy: tãîñ s. dente, t, r, h, gu; [...] (GALVÃO, 1879, p. 474). Tatî: adj. pontcado, aguçado, que vai em poncta; vê tî ir em poncta, do qual atî no abs. Tâtî; o pref. a por causa de tî nazal torna-se â e por isso em tupi antî? (GALVÃO, 1879, p. 489).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Chapéu-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. (SAMPAIO, 1987, p. 226). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ergotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Chavante	Xavante	Xavante: indígena pertencente ao grupo dos xavantes; língua do ramo aquém, falada por esse grupo (HOUSAISS, 2009).	Etnotopônimo	Simplex
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	do Cipó	Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Córrego	Congonha	Tupi	Congonha: corr. congõi , o que sustenta ou alimenta; é a erva-mate, variedade (<i>Ilex Congonha</i>) (SAMPAIO, 1987, p. 225). Congonhas: (congõi) – o que sustenta ou alimenta, variedade de erva mate. Form. de Có, Cóg, Coca – sustentar, para sustentar, alimentar, suster. Congõi, o que sustenta, mantém o ser, a erva do sustento; seg. Bat. C., há probabilidade de congõi provir de Mocong, ou Moconga, tragar, engolir, que se deriva de Cong, ou Cõ, adjetivo onomatopaico – engolido, tragado, deglutido (como se vê, imita a deglutição), acrescentando que úi também é o que se come (PONTES, 1970, p. 160).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. Onomatopaico + verb.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Coró	Cariri	Coró: s. Povoado do Ceará. Tem o significado de rato. Talvez seja da língua cariri (BUENO, 2008, p. 109). Coró: Brasileirismo. design. comum e imprecisa a diversas larvas, esp. de besouros escarabeídeos, encontradas no solo, ger. us. como isca em pescarias; bicho-de-pau-podre, carapicu, morotó ¹⁶⁸ .	Zootopônimo	Simplex
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Ribeirão	do Córrego do cateto	LP + Tupi	Catête: corr. tatetú ou täytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Tâtitu: (tâ i tu) adj. o que bate os dentes, nome de porcos selvagens (dicotyles), vulgo caitetés e catetos (GALVÃO, 1879, p. 475). Tâi = tây: tâiñ s. dente, t, r, h, gu; [...] (GALVÃO, 1879, p 474). Tatî: adj. pontudo, aguçado, que vai em poncta; vê tî ir em poncta, do qual atî no abs. Tâtî; o pref. a por causa de tî nasal torna-se â e por isso em tupi antî? (GALVÃO, 1879, p. 489).	Zootopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (prep. + subst. + prep. + subst)

¹⁶⁸ Disponível em: https://www.google.com/search?source=hp&ei=Y1E-X_npIN215OUPwM2xuAM&q=significado+de+cor%C3%B3&oq=significado+de+cor%C3%B3&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQAzIGCAAQFhAeMggIABAWEAoQHjIGCAAQFhAeMggIABAWEAoQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEb4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEb4yBggAEBYQHjoFCAAQsQM6AggAOggIABCxAxCDA ToKCAAQsQMQRhD5AToHCAAQRhD5AVCtiNoBWPWw2gFg68DaAWgAcAB4AYABvQOIAZIYkgEIMC4xOC40LTGYAQCgAQGqAQdnd3Mtd2l6&scient=psy-ab&ved=0ahUKEwi5p5SryqnrAhXdGrkGHcBmDDcQ4dUDCAc&uact=5. Acesso em: 20 ago. 2020.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Cotia	Tupi	Cutia: corr. aguti ou a-guti, o indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras. Alt. cotia (SAMPAIO, 1928, p. 195). A: s. S semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ti: [...]. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Cuete	Tupi	Cuieté: s.m. cuia boa, excelente; chapéu velho (BUENO, 2008, p. 111). Coité: corr. Cúi-eté, vasilha verdadeira, capaz; a cuia. Alt. Cuité, Cuieté (SAMPAIO, 1987, p. 224). Cuieté: s. vaso real, cuia grande ou capaz, cuia boa (GALVÃO, 1879, p. 80). Cúi: s. vaso de beber, vasilha, cuia, taça, copo [...] (GALVÃO, 1879, p. 80). Etê: adj. corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande (GALVÃO, 1879, p. 125).	Ergotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Cupim	Tupi	Cupim: é variante de copim “copií, o térmita ou formiga branca” (SAMPAIO, 1928, p. 191).	Zootopônimo	Simple com acomodação Fonética (subst.)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Córrego	do Cupim	LP + Tupi	Cupim: é variante de copim “copií, o térmita ou formiga branca” (SAMPAIO, 1928, p. 191).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Córrego	dos Cupins	LP + Tupi + LP	Cupim: é variante de copim “copií, o térmita ou formiga branca” (SAMPAIO, 1928, p. 191).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + desinência -s de plural)
Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Córrego	dos Cupins	LP + Tupi + LP	Cupim: é variante de copim “copií, o térmita ou formiga branca” (SAMPAIO, 1928, p. 191).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + desinência -s de plural)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Ribeirão	Curica	Tupi	Curica: var. coríca, corica, coriqua, coryca, curica [T. ku'ruka]. Variedade de papagaio (CUNHA, 1999, p. 122).	Zootopônimo	Não Identificada
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Curicaca	Tupi	Curicaca: s.f. [< T. kuri'kaka]. Ave ciconiforme da família dos tresquiornítídeos (CUNHA, 1999, p. 122). Kurikaka: curacaca, curicaca, curucaca, ave ciconiforme da família dos tresquiornítídeos, da América do Sul, de hábitos gregários e voo possante, encontrada nos brejos e pantanais (NAVARRO, 2013, p. 244).	Zootopônimo	Não Identificada
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Ribeirão	da Curicaca	LP + Tupi	Curicaca: s.f. [< T. kuri'kaka]. Ave ciconiforme da família dos tresquiornítídeos (CUNHA, 1999, p. 122). Kurikaka: curacaca, curicaca, curucaca, ave ciconiforme da família dos tresquiornítídeos, da América do Sul, de hábitos gregários e voo possante, encontrada nos brejos e pantanais (NAVARRO, 2013, p. 244).	Zootopônimo	Não Identificada + Soldadura (prep.)
Nova Andradina (MR 08)	Taquarussu	Rio	Curutuba	Tupi	Corutuba: corr. Curú-tyba, o seixal, o sítio dos seixos (SAMPAIO, 1987, p. 225). Curú = curúb: s. sarna; seixos, pedras pequenas, cascalhos; também dizem corôí o que veja-se; curubai sarna má, lepra (GALVÃO, 1879, p. 84). Tyba: a) o sufixo tyba, que a má pronúncia do y desdobrou em tiba ou tuba, exprime abundância e vale pelo sufixo português al ou eiro (SAMPAIO, 1987, p. 89).	Litotopônimo	Simplex com acomodação fonética (subst. + suf. -tyba)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Embarés	Tupi + LP	Embaré: N. e N.E. – árvore bombacácea; barriguda, árvore- de-lã, castanha-do-ceará e emburé (Cavanillesia arborea); nome indígena da praia da barra de Santos, SP a) do T.G. mbaé-are – coisa perdida, caída, retida (BC) b) do T.G. mbaé-ré – o que é saboroso (BC) c) do T.G. ibaré – a árvore diferente ou saborosa; ré - diferente ou saborosa ¹⁶⁹ .	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj. + desinência -s de plural)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Ribeirão	da Embaúba	Tupi	Embaúba: V. Embayba SAMPAIO, 1928, p. 197). Embayba: s.c. emba-yba, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada Imbaúba [...]. Alt. Ambahiba, Embahyba, Embahuba, Imbahyba, Umbahuba (SAMPAIO, 1928, p. 197). Amba: adj. Vazio, oco. Alt. Emba, Emb (SAMPAIO, 1987, p. 193). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (adj. + subst.)

¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/embare/>. Acesso em: 04 jan. 2021.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Fundo do Mutuca	LP + Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Dimensiotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (adj. prep. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Garapa	Tupi	Garapa: corr. Guarapa, o gerúndio-supino de guarab, o revolvido, remexido; é a bebida adoçada com mel ou açúcar para refresco; designa hoje mais especialmente o caldo da cana (SAMPAIO, 1987, p. 232). Guarapa: adj. Revolvido, remexido. Alt. Garapa. (SAMPAIO, 1987, p. 238).	Ergotopônimo	Simplex (subst. e/ou adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Ribeirão	Geriva	Tupi	Gerivá: Ortografia correta jerivá, palmeira espinhosa e, por extensão, cicatriz deixada na pele por uma espinhada dessa palmeira. Tupi: yaribá (BUENO, 2008, p. 132). Jeribá: de ñara'ybá – jerivá, jeribá, var. de palmeira (NAVARRO, 2013, p. 581). Jeribá: praia do E. do Rio de Janeiro; de jerybá, nome de uma palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, 76). Iara-ybá: jeribá, espécie de tâmara da família das palmáceas, gênero arecastrum (CARVALHO, 1987, p. 122). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Goiaba	Tupi	Goyaba: corr. acoyá ou acoyaba, a-coyaba, o ajuntamento de caroços; agregado de caroços; pinha de grãos. [...] Alt. Guayaba (SAMPAIO, 1928, p. 204). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 198). Coyá: coña = coyháb part. ermanamento, emparelhamento. D'aquí parece provir goyaba nome de vários Psidium, acoyá juneta de grão (GALVÃO, 1879, p. 78). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	da Goiaba	LP + Tupi	Goyaba: corr. acoyá ou acoyaba, a-coyaba, o ajuntamento de caroços; agregado de caroços; pinha de grãos. [...] Alt. Guayaba (SAMPAIO, 1928, p. 204). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 198). Coyá: coña = coyháb part. ermanamento, emparelhamento. D'aqui parece provir goyaba nome de vários Psidium, acoyá juneta de grão (GALVÃO, 1879, p. 78). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Goiabal	Tupi + LP	Goyaba: corr. acoyá ou acoyaba, a-coyaba, o ajuntamento de caroços; agregado de caroços; pinha de grãos. [...] Alt. Guayaba (SAMPAIO, 1928, p. 204). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 198). Coyá: coña = coyháb part. ermanamento, emparelhamento. D'aqui parece provir goyaba nome de vários Psidium, acoyá juneta de grão (GALVÃO, 1879, p. 78). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. -al)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Córrego	Goiabal	Tupi + LP	Goyaba: corr. acoyá ou acoyaba, a-coyaba, o ajuntamento de caroços; agregado de caroços; pinha de grãos. [...] Alt. Guayaba (SAMPAIO, 1928, p. 204). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 198). Coyá: coña = coyháb part. ermanamento, emparelhamento. D'aqui parece provir goyaba nome de vários Psidium, acoyá juneta de grão (GALVÃO, 1879, p. 78). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. -al)
Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Rio	Grande (Jeticai)	LP + Tupi	Jetica: s., yetyca, a batata, o tubérculo. Alt. Jetuca (SAMPAIO, 1928, p. 248). Gety: corr. Yetyc, enterrada, afincada; a batata. Alt. Gity, Giti (SAMPAIO, 1987, p. 233). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1987, p. 345). * 28 - O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, pequeno, ou simplesmente da partícula y ou im , [...]. (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Dimensiotopônimo	Composto híbrido (adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Cabeceira	Guaiavira Suja	Guarani + LP	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. [...] (ASSIS, 2008, p. 108).	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Ribeirão	Guapé	Tupi	Guapé: c. Gua-apé, o que serve de caminho; alusão às folhas desta planta que cobrem a superfície das águas estagnadas e dão caminho às aves. Pode ser também corrupção de guá-peba, o que é chato ou plano. Alt. Aguapé (SAMPAIO, 1987, p. 236-237). A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Apé: s. o caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama (SAMPAIO, 1987, p. 195). Apeba: s. c. a-peba, coisa baixa, plana, chata; a superfície. Alt. Apé, Pé (SAMPAIO, 1987, p. 195). Peba: adj. Plano, chato, baixo, rasteiro, inferior. É o nome de uma qualidade de tatu, o <i>Dasypus seynctus</i> , L. Alt. Pé, Péua, Peva (SAMPAIO, 1987, p. 297).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Guarani	Tupi	Guarani: corr. guaraní, o guerreiro, o lutador (SAMPAIO, 1928, p. 209).	Etnotopônimo	Simple
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Guarvira	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. [...] (ASSIS, 2008. p. 108).	Fitotopônimo	Simple (subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Córrego	Guassu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oacu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Imbaúba	Tupi	Embaúba: V. Embayba SAMPAIO, 1928, p. 197). Embaya: s.c. emba-yba, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada Imbaúba [...]. Alt. Ambahiba, Embahyba, Embahuba, Imbahyba, Umbahuba (SAMPAIO, 1928, p. 197). Amba: adj. Vazio, oco. Alt. Emba, Emb (SAMPAIO, 1987, p. 193). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (adj. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Imbaúba	Tupi	Embaúba: V. Embayba SAMPAIO, 1928, p. 197). Embaya: s.c. emba-yba, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada Imbaúba [...]. Alt. Ambahiba, Embahyba, Embahuba, Imbahyba, Umbahuba (SAMPAIO, 1928, p. 197). Amba: adj. Vazio, oco. Alt. Emba, Emb (SAMPAIO, 1987, p. 193). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (adj. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Ribeirão	Imbaúba	Tupi	Embaúba: V. Embayba SAMPAIO, 1928, p. 197). Embaya: s.c. emba-yba, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada Imbaúba [...]. Alt. Ambahiba, Embahyba, Embahuba, Imbahyba, Umbahuba (SAMPAIO, 1928, p. 197). Amba: adj. Vazio, oco. Alt. Emba, Emb (SAMPAIO, 1987, p. 193). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	da Imbaúba	LP + Tupi	Embaúba: V. Embayba SAMPAIO, 1928, p. 197). Embaya: s.c. emba-yba, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada Imbaúba [...]. Alt. Ambahiba, Embahyba, Embahuba, Imbahyba, Umbahuba (SAMPAIO, 1928, p. 197). Amba: adj. Vazio, oco. Alt. Emba, Emb (SAMPAIO, 1987, p. 193). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Imbiruçu	Tupi	Imbirussú: corr. ymbyr-uçú, a embira grande; a entrecasca grossa. Alt. Embiruçu (SAMPAIO, 1987, p. 248). Imbira: corr. Ymbira, a pele da árvore; a casca de árvore; a fibra da entrecasca. Alt. Embira (SAMPAIO, 1987, p. 248). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú , guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Imbirussu	Tupi	Imbirussú: corr. ymbyr-uçú, a embira grande; a entrecasca grossa. Alt. Embiruçu (SAMPAIO, 1987, p. 248). Imbira: corr. Ymbira, a pele da árvore; a casca de árvore; a fibra da entrecasca. Alt. Embira (SAMPAIO, 1987, p. 248). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú , guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Imbissu	Tupi	Imbirussú: corr. ymbyr-uçú, a embira grande; a entrecasca grossa. Alt. Embiruçu (SAMPAIO, 1987, p. 248). Imbira: corr. Ymbira, a pele da árvore; a casca de árvore; a fibra da entrecasca. Alt. Embira (SAMPAIO, 1987, p. 248). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú , guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Imbissu	Tupi	Imbirussú: corr. ymbyr-uçú, a embira grande; a entrecasca grossa. Alt. Embiruçu (SAMPAIO, 1987, p. 248). Imbira: corr. Ymbira, a pele da árvore; a casca de árvore; a fibra da entrecasca. Alt. Embira (SAMPAIO, 1987, p. 248). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú , guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Imboraca [1]	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Rio	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Ribeirão	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Santa Rita do Pardo	Ribeirão	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Salto	Indaiá do Sul	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Rio	Indaiá Grande	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Rio	Indaiá Grande	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Lagoa	Indaiá Grande	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Ribeirão	Indaiá Grande	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Indaiá Grande	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Indaiaba	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346). Ybá: e. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Ribeirão	Indaiazinho	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. Andá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim.-zinho)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Indaiazinho	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. Andá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim.-zinho)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Indaiazinho	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. Andá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -zinho)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Indaiazinho	Tupi + LP	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. Andá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -zinho)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Ingar	Tupi + LP	Ingá: corr. y-igá, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. Engá, Angá (SAMPAIO, 1928, p. 223). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Rio	Inhanduí	Tupi	Inhambuí: corr. ynhambu-í, a perdiz pequena, a codorniz ou codorna (SAMPAIO, 1987, p. 249). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). -‘ĩ (ou -i): (suf. – A oclusiva glotal ‘cai após tema em consoante, ficando o sufixo com forma -ĩ) – 1) expressa o diminutivo [...] (NAVARRO, 2013, p. 150). * 131 – O nome Nhanduí , [...], significa ema pequena, ou, figuradamente, hábil corredor (SAMPAIO, 1987, p. 176). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo suf. -í)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Rio	Inhanduí	Guarani	Inhambuí: corr. ynhambu-í, a perdiz pequena, a codorniz ou codorna (SAMPAIO, 1987, p. 249). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). -‘ĩ (ou -i): (suf. – A oclusiva glotal ‘cai após tema em consoante, ficando o sufixo com forma -ĩ) – 1) expressa o diminutivo [...] (NAVARRO, 2013, p. 150). * 131 – O nome Nhanduí , [...], significa ema pequena, ou, figuradamente, hábil corredor (SAMPAIO, 1987, p. 176). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo suf. -í)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Rio	Inhanduí	Guarani	Inhambuí: corr. ynhambu-í, a perdiz pequena, a codorniz ou codorna (SAMPAIO, 1987, p. 249). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). -‘ĩ (ou -i): (suf. – A oclusiva glotal ‘cai após tema em consoante, ficando o sufixo com forma -ĩ) – 1) expressa o diminutivo [...] (NAVARRO, 2013, p. 150). * 131 – O nome Nhanduí , [...], significa ema pequena, ou, figuradamente, hábil corredor (SAMPAIO, 1987, p. 176). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo suf. -í)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Rio	Inhanduizinho	Guarani + LP	Inhambuí: corr. ynhambu-í, a perdiz pequena, a codorniz ou codorna (SAMPAIO, 1987, p. 249). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). -‘ĩ (ou -i): (suf. – A oclusiva glotal ‘cai após tema em consoante, ficando o sufixo com forma -ĩ) – 1) expressa o diminutivo [...] (NAVARRO, 2013, p. 150). * 131 – O nome Nhanduí , [...], significa ema pequena, ou, figuradamente, hábil corredor (SAMPAIO, 1987, p. 176). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo suf. -í + suf. dim. -zinho)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Inhaúma	Tupi	Inhaúma: bairro da cid. Do Rio de Janeiro; de inhaúma, ave da família dos anhimídeos, também chamada anhumá (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 60). Anhumá: Ornitologia: ave da família dos anhimídeos, gênero: Anhumá (CARVALHO, 1987, p. 27). Anhumá: id. anhyrna. (BARBOSA, 1951, p. 29). Anhyrna: ave. Fam. Palamedeídeos (BARBOSA, 1951, p. 29).	Zootopônimo	Simples com] acomodação fonética (subst.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Inhaúma	Tupi	Inhaúma: bairro da cid. Do Rio de Janeiro; de inhaúma, ave da família dos anhimídeos, também chamada anhumá (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 60). Anhumá: Ornitologia: ave da família dos anhimídeos, gênero: Anhumá (CARVALHO, 1987, p. 27). Anhumá: id. anhyrna. (BARBOSA, 1951, p. 29). Anhyrna: ave. Fam. Palamedeídeos (BARBOSA, 1951, p. 29).	Zootopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Ipuí-pucu	Tupi	Ipuí: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). Ipu: cid. do Ceará; de ypu, olho d'água, fonte, manancial (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 61). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1987, p. 345). Pucu: adj. Comprido; alto (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 150).	Hidrotopônimo	Composto (subst. + subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Taquarussu	Canal	Iputã	Não Identificada	Ipuí: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). Ipu: cid. do Ceará; de ypu, olho d'água, fonte, manancial (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 61). Itã: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Não Identificada	Não Identificada
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Irara	Tupi	Irara: c. ira-ra, o que colhe mel, o papa-mel (SAMPAIO, 1928, p. 228). Irara: o mesmo que eírara (NAVARRO, 2013, p. 190). Eírara: (etim. toma mel) – Irara, animal carnívoro da família dos mustelídeos, também conhecido como papa-mel (NAVARRO, 2013, p. 91). Eíra: mel (tupi: id.); mamífero carnívoro semelhante à lontra (Tupi: eirara) (TIBIRIÇÁ, 1989, p.54).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Itajaí	Tupi	Itajahy: itayá-y, rio pedregoso, com o leito cheio de pedras (SAMPAIO, 1928, p. 231). Itayá: c. itá-yá, capaz de pedras, o pedregoso (SAMPAIO, 1987, p. 260). Itã: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Itambé	Tupi	Itambé: V. Itaimbé (SAMPAIO, 1928, p. 231). Itaimbé: c. itá-aimbé, a pedra afiada, o penedo ponteagudo. Alt. Itambé (SAMPAIO, 1928, p. 231). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Âimbé: adj. áspero, duro ao tacto (âi farpas, be suff.), (t, r, h, gu); afiado (GALVÃO, 1879, p. 28).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Itatim	Tupi	Itatim: corr. itá-tí, a ponta ou nariz da pedra, o pico. Como contração de itá-tinga, quer dizer: pedra branca, marmore; a praia ou metal branco. Alt. Itati (SAMPAIO, 1928, p. 236). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Tim: corr. Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga, branco, alvo. V. Ti (SAMPAIO, 1987, p. 329).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Taquarussu	Rio	Ivinheima	Tupi	Ivinheima: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244).* 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Rio	Ivinhema	Tupi	Ivinheima: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244).* 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simple aglutinado com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Jaboticaba	Tupi	<p>Jaboticaba: corr. yabuti-caba, a gordura do cágado. O vocábulo, porém, é dos que admitem diversas interpretações. Considerado como corrupção de yabuti-guaba, quer dizer comida de cágado; se, porém, como opina Batista Caetano, for composto de yamboticaba, significa fruto em botão, ou abotoamento de frutos. (SAMPAIO, 1928, p. 239). Jabutí: corr. Ya-u-tí, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, "criando-se pelos pés das árvores sem ir à água". O vocábulo admite outra interpretação, como composto de y-abú-tí, traduzindo-se o que nada respira, ou tem fôlego tenaz. O jabuti é, no folclore indígena, o símbolo da astúcia aliada à perseverança, manha e paciência é o que o índio vê no jabuti; são elas também as duas virtudes fundamentais do selvagem (SAMPAIO, p. 262). Caba: s. A vespa, o marimbondo. Alt. Cáua, Cava, Ca; adj. gordo, oleoso; s. a gordura, o óleo (SAMPAIO, p. 210).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Jaboticabal	Tupi + LP	<p>Jaboticaba: corr. yabuti-caba, a gordura do cágado. O vocábulo, porém, é dos que admitem diversas interpretações. Considerado como corrupção de yabuti-guaba, quer dizer comida de cágado; se, porém, como opina Batista Caetano, for composto de yamboticaba, significa fruto em botão, ou abotoamento de frutos. (SAMPAIO, 1928, p. 239). Jabutí: corr. Ya-u-tí, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, "criando-se pelos pés das árvores sem ir à água". O vocábulo admite outra interpretação, como composto de y-abú-tí, traduzindo-se o que nada respira, ou tem fôlego tenaz. O jabuti é, no folclore indígena, o símbolo da astúcia aliada à perseverança, manha e paciência é o que o índio vê no jabuti; são elas também as duas virtudes fundamentais do selvagem (SAMPAIO, p. 262). Caba: s. A vespa, o marimbondo. Alt. Cáua, Cava, Ca; adj. gordo, oleoso; s. a gordura, o óleo (SAMPAIO, p. 210).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. -al)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Jabuti	Tupi	<p>Jabuti: corr. ya-u-ti, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, ‘criando-se pelos pés das árvores sem ir à água’. O vocábulo admite outra interpretação, como composto de y-abú-ti, traduzindo-se, o que nada respira, ou tem fôlego tenaz (SAMPAIO, 1928, p. 239-240). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d’elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunotar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d’água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).</p>	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb. Subst./adv.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	do Jacá	Tupi	<p>Jacá: s. de ayacá, cesto tecido de taquara para transporte (BUENO, 2008, p. 179). Ayacá: s. cesto, jaca, caixa dê cannas, de varas, de taquaras; <i>aiy acá</i> busca grãos, ajuncta grãos, ou aîi-ñangáb ajunctadouro de grãos, ou mais simplesmente a ñangáb sendo a fructo. Ayaca o-çaingo bae ñote cestos que estavam pendurados só (GALVÃO, 1879, p. 54). Aya: adj. azedo, podre, decomposto; vê ái s. papo, o que pende, vê ái, báí, páí (GALVÃO, 1879, p. 54). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga.</p>	Ergotopônimo	Coposto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + verb. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Jacaré	Tupi	<p>Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá, eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Vazante	Jacaré	Tupi	<p>Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá, eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Jacaré	Tupi	<p>Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1987, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). *aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá, eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em circulo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Vazante	Jacaré	Tupi	<p>Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1987, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá, eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Rio	Jacaré	Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Jacaré	Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Cabeceira	do Jacaré	LP + Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1979, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de techá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Caré: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1979, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Cabeceira	do Jacaré	LP + Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1979, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de techá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Caré: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1979, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Jacuba	Tupi	Jacuba: s. rio afluente do Jaguari, S. Paulo. De y-acub, agua quente (BUENO, 2008, p. 610). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1987, p. 345). Acú = acúb: v. intr. quente, cálido ser, dar calor, (t, r, h, gu).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Jacuba	Tupi	Jacuba: s. rio afluente do Jaguari, S. Paulo. De y-acub, agua quente (BUENO, 2008, p. 610). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1987, p. 345). Acú = acúb: v. intr. quente, cálido ser, dar calor, (t, r, h, gu).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Japecanga	Tupi	<p>Japecanga: corr. ya-apé-canga, aquele que tem a casca seca. Alt. juapecanga, inhapecanga, japicanga, jupicanga (SAMPAIO, 1928, p. 245). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) toma-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572).</p> <p>Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Apé: s. O caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama (SAMPAIO, 1987, p. 195). Canga: s. O osso, o carço, -o núcleo; adj. seco, enxuto. Alt. Can, Cã (SAMPAIO, 1987, p. 214).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Japecanga	Tupi	<p>Japecanga: corr. ya-apé-canga, aquele que tem a casca seca. Alt. juapecanga, inhapecanga, japicanga, jupicanga (SAMPAIO, 1928, p. 245). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) toma-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Apé: s. O caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama (SAMPAIO, 1987, p. 195). Canga: s. O osso, o carço, -o núcleo; adj. seco, enxuto. Alt. Can, Cã (SAMPAIO, 1987, p. 214).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Jaraguaiá	Tupi	<p>Jaraguá: corr. Yara-guá, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de iara-quã, que significa o dedo de Deus, a ponta do senhor (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunotar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Uá: corr. uã, s., o talo, a haste, o caule, o grelo, a coluna vertebral, o dorso (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ja.ra. guá: sm. 1. Bras. Bot. Erva da fam. das gramíneas (<i>Hyparrhenia rufa</i>), de or. africana, bastante difundida no Brasil, com inflorescências cor de ferrugem, us. como forragem para o gado bovino. [F.: Do tupi yara'ua] (AULETE DIGITAL).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Jararaca	Tupi	<p>Jararaca: corr. ya-ra-raca, aquele que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yarará = yarárag: s. serpente ou cobra venenosa, <i>Cophias atrox</i> et affines, segundo Martius; o adj. <i>ag.</i> Amargo, também significa 'venenoso' e <i>d'ahi roag</i> envenenar, e, portanto, <i>yara roág</i> que envenena a quem agarra (GALVÃO, 1879, p. 573). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunotar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121).</p>	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Jararaca	Tupi	Jararaca: corr. ya-ra-raca, aquele que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yarará = yararág: s. serpente ou cobra venenosa, <i>Cophias atrox et affines</i> , segundo Martius; o adj. <i>ag.</i> Amargo, também significa ‘venenoso’ e <i>d’ahi roag</i> envenenar, e, portanto, <i>yara roág</i> que envenena a quem agarra (GALVÃO, 1879, p. 573). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d’elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunectar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Jararaca	Tupi	Jararaca: corr. ya-ra-raca, aquele que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yarará = yararág: s. serpente ou cobra venenosa, <i>Cophias atrox et affines</i> , segundo Martius; o adj. <i>ag.</i> Amargo, também significa ‘venenoso’ e <i>d’ahi roag</i> envenenar, e, portanto, <i>yara roág</i> que envenena a quem agarra (GALVÃO, 1879, p. 573). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d’elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) toma-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunectar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Jataí	Tupi	Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Itá: c. Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1987, p. 254). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Jataí	Tupi	Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Itá: c. Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1987, p. 254). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Ribeirão	Jataí	Tupi	Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Itá: c. Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1987, p. 254). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Jataí	Tupi	Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Itá: c. Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1987, p. 254). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Jataí	Tupi	Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Itá: c. Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1987, p. 254). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Jatobazinho	Tupi + LP	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -zinho)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Rio	Jauru	Tupi	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), frequente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Ribeirão	Jauruzinho	Tupi + LP	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + verb. + suf. dim. -zinho)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Jeribá	Tupi	Jeribá: de ìara'ybá – jerivá, jeribá, var. de palmeira (NAVARRO, 2013, p. 581). Jeribá: praia do E. do Rio de Janeiro; de jerybá, nome de uma palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, 76). Iara-ybá: Botânica: jeribá, espécie de tâmara da família das palmáceas, gênero Arecastrum (CARVALHO, 1987, p. 122). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'elle; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) toma-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Jibóia	Tupi	Giboia: gihi – boy, a cobra de rãs, o ofídio que se alimenta de rãs (SAMPAIO, 1928, p. 203). Gia: corr. Gihi , a rã grande, de cor escura (SAMPAIO, 1987, p. 233). Boy: corr. Mboy , a cobra, o ofídio em geral. Alt. Boi, Moy (SAMPAIO, 1987, p. 208).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Ilha	Jucapitu	Tupi	Juca: adj. Estagnado, podre, falando-se de brejos e atoleiros (BUENO, 2008, p. 191). Pítu: (B.C. p. 399 - pítub = bafo, hálito, sôpro, follego): respiração, fôlego, hálito, suspiro, sôpro, bafo, (guar.; pítú) (BOUDIN, 1978, p. 206).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Represa	Jupiá	Tupi	Jupiá: cid. De Minas Gerais; de jupiá, remoinho que faz as águas de um rio (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 78). Jupiá: s.m. var., jupiá, jopia [< T. possivelmente do Tupi]. Redemoinho, voragem (CUNHA, 1999, p. 184).	Hidrotopônimo	Simplex (subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Represa	Jupiá	Tupi	Jupiá: cid. De Minas Gerais; de jupiá, remoinho que faz as águas de um rio (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 78). Jupiá: s.m. var., jupiá, jopia [< T. possivelmente do Tupi]. Redemoinho, voragem (CUNHA, 1999, p. 184).	Hidrotopônimo	Simples (subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Cabeceira	Jurema	Tupi	Jurema: corr. yu-r-ema, o espinheiro succulento; árvore espinhenta do sertão, da qual o gentio extraía um suco capaz de dar sono e êxtase a quem o ingeria. Alteração gerema, jerema (SAMPAIO, 1928, p. 250). Yú = ñú: s. espinho, poncta, agulha [...] (GALVÃO, 1879, p. 596). Rêma = ybarê: s. fructo fétido; arvore fétida; em tupi designa “alho” (GALVÃO, 1879, p. 187).	Fitotopônimo ¹⁷⁰	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Santa Rita do Pardo	Cabeceira	Jurema	Tupi	Jurema: corr. yu-r-ema, o espinheiro succulento; árvore espinhenta do sertão, da qual o gentio extraía um suco capaz de dar sono e êxtase a quem o ingeria. Alteração gerema, jerema (SAMPAIO, 1928, p. 250). Yú = ñú: s. espinho, poncta, agulha [...] (GALVÃO, 1879, p. 596). Rêma = ybarê: s. fructo fétido; arvore fétida; em tupi designa “alho” (GALVÃO, 1879, p. 187).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Lagoa do Guapé	LP + Tupi	Guapé: c. Gua-apé, o que serve de caminho; alusão às folhas desta planta que cobrem a superfície das águas estagnadas e dão caminho às aves. Pode ser também corrupção de guá-peba, o que é chato ou plano. Alt. Aguapé (SAMPAIO, 1987, p. 236-237). A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Apé: s. o caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama (SAMPAIO, 1987, p. 195). Apeba: s. c. a-peba, coisa baixa, plana, chata; a superfície. Alt. Apé, Pé (SAMPAIO, 1987, p. 195). Peba: adj. Plano, chato, baixo, rasteiro, inferior. É o nome de uma qualidade de tatu, o <i>Dasyus seyncetus</i> , L. Alt. Pé, Péua, Peva (SAMPAIO, 1987, p. 297).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)

¹⁷⁰ Para a classificação taxionômica do topônimo **Jurema** foi considerada a posição de Sampaio (1928), porém esse topônimo é um caso que permite dupla nomeação se considerado o ponto de vista do “Dicionário de Nomes Próprios”, ou seja, o topônimo permite ser classificado também como antropotopônimo. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/jurema/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arábé-r-ĩ, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -í)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arábé-r-ĩ, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -í)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arábé-r-ĩ, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -í)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arábé-r-ĩ, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -í)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arábé-r-ĩ, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -í)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Ribeirão	Laranjaí	LP + Tupi	Narandyba: c. Naran-dyba, o sítio das laranjas, o laranjal. O vocábulo naran é uma adaptação da palavra portuguesa laranja ao tupi (SAMPAIO, 1987, p. 288). *220 De interesse linguístico é o termo híbrido narandyba, que se encontra no Dicionário Português e Brasileiro e também no guarani antigo: Ora, laranja devia tupinizar-se em narandá, como cavalo em kabará e cruz em curuçá, e não em nará. Entre os Tupis laranja era designado por ybá-ala. Deste último teríamos ubá-ĩtyba - laranjal. Em lugar do duvidoso norantiba, o Vocabulário traz narandyba (SAMPAIO, 1987, p. 161) *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90). ií/y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo ¹⁷¹	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo -i)

¹⁷¹ O topônimo **Laranjaí**, por ora, foi classificado como um fitotopônimo de estrutura morfológica simples híbrida, ou seja, trata-se da união do substantivo **laranja** mais o sufixo **-i** com o significado de **pequeno** (subst. + grau diminutivo **-i** = **laranjinha**), porém esse topônimo é um caso que permite tripla nomeação, pois caso o elemento “**í**” seja interpretado como substantivo (água, líquido, rio) conforme o ponto de vista de Sampaio (1987, p. 345), o topônimo permite ser classificado também como hidrotopônimo resultando em (subst. + subst. = **rio da laranja**) e/ou ergotopônimo (subst. + subst. = **água da laranja** ou **suco de laranja**).

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Ribeirão	Laranjaizinho	LP + Tupi + LP	Narandyba: c. Naran-dyba, o sítio das laranjas, o laranjal. O vocábulo naran é uma adaptação da palavra portuguesa laranja ao tupi (SAMPAIO, 1987, p. 288). *220 De interesse linguístico é o termo híbrido narandyba, que se encontra no Dicionário Português e Brasileiro e também no guarani antigo: Ora, laranja devia tupinizar-se em narandá, como cavalo em kabará e cruz em curuçá, e não em nará. Entre os Tupis laranja era designado por ybá-ala. Deste último teríamos ubá-îutyba - laranjal. Em lugar do duvidoso norantiba, o Vocabulário traz narandyba (SAMPAIO, 1987, p. 161). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo -i + suf. dim. -zinho)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Livé	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	M. Borevi	Guarani	Mboreví: zoo. anta, tapir (Tupi: tapi-ira) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 109).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Macáuba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira Acrocomia sclerocarpa, Mar. Alt. Macá , Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Macaúba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mar. Alt. Macá, Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Macaúba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mar. Alt. Macá, Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Macaúba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mar. Alt. Macá, Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Macaúba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mar. Alt. Macá, Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Macaúba	Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira Acrocomia sclerocarpa, Mar. Alt. Macá, Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	da Macaúba	LP + Tupi	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira Acrocomia sclerocarpa, Mar. Alt. Macá, Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	das Macaúbas	LP + Tupi + LP	Macauba: s. o mesmo que macayba (BUENO, 2008, p. 204). Macayba: s.f. a palmeira que produz a macaba. De macá, palmeira, e ybá árvore. Var. macauba (BUENO, 2008, p. 204). Macahiba: corr. macá-yba, a árvore da macaba. Palmeira também conhecida como coco de catarro. Alt. Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva. V. Maaba (SAMPAIO, 1928, p. 256). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira Acrocomia sclerocarpa, Mar. Alt. Macá, Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + adj. + subst. + desinência -s de plural)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Mangaba	Tupi	<p>Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. logar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i>; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i>, isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i>. Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Mangaba	Tupi	<p>Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. logar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i>; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i>, isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i>. Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	da Mangaba	LP + Tupi	Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. logar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i> ; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Mangabeira	Tupi + LP	Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. logar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i> ; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -eira)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Morro	da Mangava	LP + Tupi	<p>Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um liquido sobre; pintar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. lugar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i>; s. feixe, rollo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i>, isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i>. Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Maracujá	Tupi	<p>Maracujá: Do tupi moruku'ia ' – nome comum a várias plantas da fam. das passifloráceas e aos seus frutos (CUNHA, 1999, p. 410). Maracujá: corr. maraú-yá, fruto do marahú (SAMPAIO, 1928, p. 262). Maracuyá: s. nome das Passifloras, vê <i>mborucuyá</i> (GALVÃO, 1879, p. 220). Rucuyá = mborucuyá = maracujá: s. (fructo que faz vaso, que dá vasilha) nome genérico das Passifloras, dado ainda a outros fructos (GALVÃO, 1879, p. 255). Embó: corr. Em-bó, o que tem vazío, oco; a cana, a virga. Alt. Embú (SAMPAIO, 1987, p. 230). Rucúi = mborecúi: adj. o que faz ouco, o que faz prato, o que faz continente de comida [...] (SAMPAIO, 1879, p. 255). Cúi: s. vaso de beber, vasilha, cuia, taça, copo [...] (GALVÃO, 1879, p. 80). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Maruinha	Tupi + LP	Maroim: corr. mberuĩ, os mosquitos (SAMPAIO, 1928, p. 263). Mberu: s. mosca, mosquito (pousa na pelle, ou come pelle, ou contr. De pererú que come ou pousa sobre chagas; pé casca, pi pelle, podem ser mbé, mbi). -i s. mosca pequena, mosquito; dizem também maruí, marguí, mbarigui mariyim, meruum, etc.; vê o v. úi comer, arder, queimar (GALVÃO, 1879, p. 229). Merú: corr. Mbír-ú, o que chupa a pele, a mosca. Alt. Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú (SAMPAIO, 1987, p. 282). Mbír: part. chupado para se curar, medicado (SAMPAIO, 1987, p. 97). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). * 28 - O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, pequeno, ou simplesmente da partícula y ou im [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + verb. + grau diminutivo. -i + suf. dim. -inha)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Ribeirão	Matrinchã	Tupi	Matrinchã: corr. ma-tirĩ-chã, a coisa que escapole da linha (do anzol); a coisa avessa à linha. É o nome de um peixe do rio São Francisco (SAMPAIO, 1928, p. 264). Ma: Forma contrata de mbaé, a coisa, o objeto, quando entra na composição de outros vocábulos. Pode ser também a fonna contrata de uma, ou yma, yba, a madeira, a árvore. V. Mbaé, Uma (SAMPAIO, 1987, p. 274). Tirĩ: v. intr abs. de írĩ manar, fluir, cujo t fixa-se em c, dando cĩrĩ correr; ger. tĩrĩca e part. corresp. der. mondĩrĩ, rotĩrĩ, etc. Em tupi tĩrĩ desviar-se, escamar-se, escapulir (GALVÃO, 1879, p. 530). Chama: s. A corda, o liame. Alt. çama, çamba, çam, cham (SAMPAIO, 1987, p. 222).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Matuzinho	Tupi + LP	Matuim: ma-tui, a cousa pequena, insignificante; o nome de uma ave dos mangues” (SAMPAIO, 1928, p. 264). Matuí: zool. esp. de pequeno pássaro que habita os mangues (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 98). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, pequeno, ou simplesmente da partícula y ou im, [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simple híbrido (subst. + suf. dim. -zinho) ¹⁷²
Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Córrego	Mbaraca	Tupi	Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana [...]. Depois da conquista, o nome maracá ficou servindo para denominar o chocalho (SAMPAIO, 1987, p. 279). Marã: s, A guerra, a confusão, a desordem, a revolução. Pode ser uma alteração de Mbarã, equivalente a Pará (SAMPAIO, 1987, p. 279). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 189).	Ergotopônimo	Composto aglutinado Com acomodação fonética (adj. + subst.)

¹⁷² No topônimo **Matuzinho** nota-se a permuta do grau diminutivo **-i/im** do tupi em (Matuí/Matuim) pelo sufixo diminutinho **-zinho** da língua portuguesa formando (Matuzinho) um topônimo de estrutura simples híbrida (subst. + suf. dim. -zinho).

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Mbaracá	Tupi	Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana [...]. Depois da conquista, o nome maracá ficou servindo para denominar o chocalho (SAMPAIO, 1987, p. 279). Marã: s. A guerra, a confusão, a desordem, a revolução. Pode ser uma alteração de Mbarã, equivalente a Pará (SAMPAIO, 1987, p. 279). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 189).	Ergotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Córrego	Mborevi	Guarani	Mborevi: zool. Anta, tapir (Tupi: tapi-ira) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 109).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Mombuca	Tupi	Mombuca: de mô-buca, o furo, o furado; nome de uma abelha silvestre (SAMPAIO, 1928, p. 268). Mombú: furar, romper, varar, vasar (GALVÃO, 1879, p. 284). Mombucá: ger. furando; part. mombucáb, mombucár etc. (GALVÃO, 1879, p. 284).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Mombuquinha	Tupi + LP	Mombuca: de mô-buca, o furo, o furado; nome de uma abelha silvestre (Trigonamombuca) (SAMPAIO, 1928, p. 268). Mombú: furar, romper, varar, vasar (GALVÃO, 1879, p. 284). Mombucá: ger. furando; part. mombucáb, mombucár etc. (GALVÃO, 1879, p. 284).	Zootopônimo	Simple híbrido (subst. + suf. dim. -inha)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Moquém	Tupi	Moquem: corr. mocaë ou mô-caê, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem (SAMPAIO, 1928, p. 269). Mocaë: tornar secco, seccar, enxugar; fazer sarar, curar; tostar, assar em grelha (GALVÃO, 1879, p. 275).	Ergotopônimo	Simple com acomodação fonética (verb.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Serra	Morangas	Tupi + LP	Moranga: o mesmo que poranga, belo, formoso, bonito, excelente (SAMPAIO, 1928, p. 269). Poranga: cid. Do Ceará; de poranga, bonito, bonita (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 99). Môrâng: Hermoso. Y. Porâng. (MONTTOYA, 1876, p. 230). Pôrângá: l. Môrângá, ornato. Porângeté, muy hermoso (MONTTOYA, 1876, p. 316).	Animotopônimo eufórico	Simple híbrido (adj. + desinência -s de plural)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Rio	Morangas	Tupi + LP	Moranga: o mesmo que poranga, belo, formoso, bonito, excelente (SAMPAIO, 1928, p. 269). Poranga: cid. Do Ceará; de poranga, bonito, bonita (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 99). Môrâng: Hermoso. Y. Porâng. (MONTOYA, 1876, p. 230). Pôrangá: l. Môrângá, ornato. Porângeté, muy hermoso (MONTOYA, 1876, p. 316).	Animotopônimo eufórico	Simples híbrido (adj. + desinência -s de plural)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Serra	das Morangas	LP + Tupi + LP	Moranga: o mesmo que poranga, belo, formoso, bonito, excelente (SAMPAIO, 1928, p. 269). Poranga: cid. Do Ceará; de poranga, bonito, bonita (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 99). Môrâng: Hermoso. Y. Porâng. (MONTOYA, 1876, p. 230). Pôrangá: l. Môrângá, ornato. Porângeté, muy hermoso (MONTOYA, 1876, p. 316).	Animotopônimo eufórico	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência -s de plural + adj. + desinência -s de plural)
Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Ilha	Moreira Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. (SAMPAIO, 1987, p. 226). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (Subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Córrego	Mucuim	Tupi	Mocoim: corr. Mocoó-ĩ, o que punge ou rói miudinho. Inseto minúsculo e vermelho que morde acremente. Alteração mucuim, miquim (SAMPAIO, 1928, p. 267). Mocoô: fazer arder, pungir, queimar; s. nome dado a alguns mosquitos e alterado para mocuû e mucuû; [...] (GALVÃO, 1879, p. 276). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb. + grau diminutivo - im)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Mucujê	Tupi	Mucujê: planta da família das apocináceas [T. muku'ie] (CUNHA, 1999, p. 213). Macugê: corr. Ma-cu-gê, coisa de comer agradável, doce. É a planta apocínea do sertão do Norte. Alt. Mocugê. Bahia (SAMPAIO, 1987, p. 275). Ma: Forma contrata de mbaé, a coisa, o objeto, quando entra na composição de outros vocábulos. Pode ser também a forma contrata de uma, ou yma, yba, a madeira, a árvore. V. Mbaé, Uma (SAMPAIO, 1987, p. 274). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb. + adj.) ¹⁷³
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Mucujê	Tupi	Mucujê: planta da família das apocináceas [T. muku'ie] (CUNHA, 1999, p. 213). Macugê: corr. Ma-cu-gê, coisa de comer agradável, doce. É a planta apocínea do sertão do Norte. Alt. Mocugê. Bahia (SAMPAIO, 1987, p. 275). Ma: Forma contrata de mbaé, a coisa, o objeto, quando entra na composição de outros vocábulos. Pode ser também a forma contrata de uma, ou yma, yba, a madeira, a árvore. V. Mbaé, Uma (SAMPAIO, 1987, p. 274). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	do Mucujê	LP + Tupi	Mucujê: planta da família das apocináceas [T. muku'ie] (CUNHA, 1999, p. 213). Macugê: corr. Ma-cu-gê, coisa de comer agradável, doce. É a planta apocínea do sertão do Norte. Alt. Mocugê. Bahia (SAMPAIO, 1987, p. 275). Ma: Forma contrata de mbaé, a coisa, o objeto, quando entra na composição de outros vocábulos. Pode ser também a forma contrata de uma, ou yma, yba, a madeira, a árvore. V. Mbaé, Uma (SAMPAIO, 1987, p. 274). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + verb. + adj.)

¹⁷³ Fazendo referência a palavra **ibaê**: “c. *Ybá-ê*, o fruto doce, agradável [...]” consideramos o **ê** do topônimo Mucujê(**ê**) como adjetivo (doce ou agradável) formando uma composição justaposta do substantivo **ma** = coisa/objeto/ ou forma contrata de **yba** = árvore/fruto + o verbo **u/cu** = comer + o adjetivo **ê** = doce/agradável, ou seja, ‘fruto agradável de comer’.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Mucujezinho	Tupi + LP	Mucujê: planta da família das apocináceas [T. muku'ie] (CUNHA, 1999, p. 213). Macugê: corr. Ma-cu-gê, coisa de comer agradável, doce. É a planta apocínea do sertão do Norte. Alt. Mocugê. Bahia (SAMPAIO, 1987, p. 275). Ma: Forma contrata de mbaé, a coisa, o objeto, quando entra na composição de outros vocábulos. Pode ser também a forma contrata de uma, ou yma, yba, a madeira, a árvore. V. Mbaé, Uma (SAMPAIO, 1987, p. 274). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + verb. + adj. + suf. dim. -zinho)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Mucujezinho	Tupi + LP	Mucujê: planta da família das apocináceas [T. muku'ie] (CUNHA, 1999, p. 213). Macugê: corr. Ma-cu-gê, coisa de comer agradável, doce. É a planta apocínea do sertão do Norte. Alt. Mocugê. Bahia (SAMPAIO, 1987, p. 275). Ma: Forma contrata de mbaé, a coisa, o objeto, quando entra na composição de outros vocábulos. Pode ser também a forma contrata de uma, ou yma, yba, a madeira, a árvore. V. Mbaé, Uma (SAMPAIO, 1987, p. 274). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + verb. + adj. + suf. dim. -zinho)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	da Mumbeca	LP + Tupi	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentos, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Mumbeca [1]	Tupi	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentos, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Composto com acomodação fonética (adj. + num.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Mumbequinha	Tupi + LP	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentos, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética (adj. + suf. dim. -inha)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	da Mumbequinha	LP + Tupi + LP	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentosos, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + suf. dim. -inha)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Muquém	Tupi	Moquem: corr. mocaẽ ou mô-caê, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem (SAMPAIO, 1928, p. 269). Mocaê: tornar secco, seccar, enxugar; fazer sarar, curar; tostar, assar em grelha (GALVÃO, 1879, p. 275).	Ergotopônimo	Simple com acomodação fonética (verb.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Muquém	Tupi	Moquem: corr. mocaẽ ou mô-caê, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem (SAMPAIO, 1928, p. 269). Mocaê: tornar secco, seccar, enxugar; fazer sarar, curar; tostar, assar em grelha (GALVÃO, 1879, p. 275).	Ergotopônimo	Simple com acomodação fonética (verb.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Mutuca	Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Mutuca	Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Ribeirão	da Mutuca	LP + Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	da Mutuca	LP + Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	da Mutuca	LP + Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Ribeirão	do Mutuca	LP + Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Cachoeira	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mĩ'tu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanũ o africano, póde ser tabũi ãn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanû o africano, póde ser tabûi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Ribeirão	do Mutum	LP + Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanû o africano, póde ser tabûi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Mutum	LP + Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanû o africano, póde ser tabûi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Mutuns	Tupi + LP	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mitû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuidoo que às vezes há troca; tapañû o africano, pôde ser tabũĩ ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + desinência -s de plural)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	dos Mutuns	LP + Tupi + LP	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mitû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuidoo que às vezes há troca; tapañû o africano, pôde ser tabũĩ ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + adj. + desinência -s de plural)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Mutunzinho	LP + Tupi + LP	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mitû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuidoo que às vezes há troca; tapañû o africano, pôde ser tabũĩ ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj. + suf. dim. -zinho)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Mutuquinha	Tupi + LP	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simplex híbrido com acomodação fonética (subst. + suf. dim. -inha)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	da Ouricaca [1]	Não Identificada	Ouricana: Cid. da Bahia; de uricana, esp. de palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 91). Ouriçanga: coo. Y-roißanga, a frieza ou frescura d'água; a água fria. Bahia. Alt. Uriçangas (SAMPAIO, 1987, p. 291).	Não Identificada	Não Identificada
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	da Ouricana	LP + Tupi	Ouricana: Cid. da Bahia; de uricana, esp. de palmeira (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 91). Uru: s. Nome comum das galináceas no tupi. É a ave conhecida (Odonthophorus dentatus, Tom.). Designa também um certo tecido de folhas de palma (SAMPAIO, 1987, p. 340). Canã = catû: v. intr. Chocalhar, jogar, estar fofo ou solto no interior de algo, etc.; onom. (GALVÃO, 1879, p. 66).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Cabeceira	Paraguai	Tupi	Paraguay ¹⁷⁴ : c. paraguá-y, o rio dos papagaios. Pode também significar - o rio dos cocares ou das corôas. V. Paraguá [...] (SAMPAIO, 1987, p. 294). Paraguá: c. Paraguá-r-y, o rio dos papagaios (SAMPAIO, 1987, p. 293). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Lagoa	Paraguai	Tupi	Paraguay: c. paraguá-y, o rio dos papagaios. Pode também significar - o rio dos cocares ou das corôas. V. Paraguá [...] (SAMPAIO, 1987, p. 294). Paraguá: c. Paraguá-r-y, o rio dos papagaios (SAMPAIO, 1987, p. 293). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

¹⁷⁴ De acordo com Sampaio (1987, p. 148), "a etimologia - rio dos Papagaios - Paraguá-y continua discutida, não só pela existência da palavra gûa - vale, como também por ser oxítono o termo indígena".

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Lagoa	Paraguaia	Tupi + LP	Paraguay: c. paraguá-y, o rio dos papagaios. Pode também significar - o rio dos cocares ou das corôas. V. Paraguá [...] (SAMPAIO, 1987, p. 294). Paraguá: c. Paraguá-r-y, o rio dos papagaios (SAMPAIO, 1987, p. 293). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Etnotopônimo ¹⁷⁵	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. -ia)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

¹⁷⁵ O topônimo **Paraguaia**, por ora, foi classificado como um etnotopônimo em referência a “mulher natural ou habitante da República do Paraguai”, porém esse topônimo é um caso que permite tripla nomeação, pois o sufixo **-ia** interpretado de acordo com o dicionário Aulete Digital como “formação de termos científicos (Bot., Zool., Anat., etc.)” permite classificar o topônimo como fitotopônimo com o significado “planta violácea (*Anchietea salutare*); cipó-suma)” e também como zootopônimo a partir da significação “nome comum que também se dá à formiga-açucareira (*Iridomyrmex humilis*)”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paraguaia/>. Acesso em: 06 jan. 2021.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paraná, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Santa Rita do Pardo	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paraná, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paraná, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Taquarussu	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paraná, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paraná, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Rio	Paraná (Grande)	Tupi + LP	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Rio	Paraná (Grande)	Tupi + LP	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Rio	Paranaíba	Tupi	Paranahyba: corr. Paranã-ayba, o grande caudal ruim, ou impraticável. Alt. Parnahyba (SAMPAIO, 1928, p. 282). Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Parauna	Tupi	Parauna: c. pará-una, o rio negro (SAMPAIO, 1928, p. 284). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Una: adj. Negro, preto, escuro. Alt. Un, U, Huna, Mu, Pimna (SAMPAIO, 1987, p. 339).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Paraúna	LP + Tupi	Parauna: c. pará-una, o rio negro (SAMPAIO, 1928, p. 284). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Una: adj. Negro, preto, escuro. Alt. Un, U, Huna, Mu, Pimna (SAMPAIO, 1987, p. 339).	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Porto	Peri	Tupi	Pêri: esp. de papagaio de bico amarelo (BOUDIN, 1978, p. 191).	Zootopônimo	Simplex (subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Peroba	Tupi	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. árvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Ribeirão	da Piaba	LP + Tupi	Piaba: s, f. Peixe de água doce (BUENO, 2008, p. 270). Ipiaba: corr. Ypiaua ou ypiaua, o que tem a pele manchada; a sardinha. Rio de Janeiro. V. Ipiáu. Alt. Piaba, Piava. O nome ipiaba pode proceder também de ypyaua, a fundura, a profundidade (SAMPAIO, 1987, p. 251). Ipiáu: corr. Y-piaua, o que tem a pele manchada; a sardinha. Alt. Piáu (SAMPAIO, 1987, p. 252). Piáu: corr. Py-yáu, a pele manchada. É o nome de um peixinho d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 300).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Ilha	Piauí	Tupi	Piauíhy. Corr. py-yaú-y, o rio dos piaús (SAMPAIO, 1928, p. 288). Piáu: corr. Py-yáu, a pele manchada. É o nome de um peixinho d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 300). Piáu: adj. de pelle suja ou manchada; qualificativo de peixes e outras cousas; e então recebe o pref. y como em todos os comp. d'esta natureza, dizendo y piáu (GALVÃO, 1879, p. 374). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Picacamjuba	Tupi	Piracanjuba: corr. a pirá-acan-yuba, o peixe de cabeça amarela ou dourada (SAMPAIO, 1928, p. 290. Pirá "peixe" + acanjuba "cabeça amarela" = piracanjuba "peixe da cabeça amarela" (BARBOSA, 1951, p. 192). Piracanjuba: c. Pirá-acan-yuba, o peixe de cabeça amarela ou dourada (SAMPAIO, 1987, p. 301).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Córrego	da Pindaíba	LP + Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Selvéria	Córrego	da Pindaíba	LP + Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Pindaibinha	Tupi + LP	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba , ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -inha)
Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Córrego	Pindocare	Tupi	Pindoba: corr. a folha da palmeira; c. pind-oba, a folha de anzol, aquela cujo talo serve para vara de anzol. Alt. Pindó, Pindova (SAMPAIO, 1928, p. 289). Pindo = pindob: s. folha de palmeir, palma em geral; [...] (GALVÃO, 1879, p. 377). Guarî: adj. torto, contorto, retorcido; comp. carê torto, que no rec. Seria ocarê , donde por metaplasmo coarê (GALVÃO, 1879, p. 136).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Pindorama	Tupi	<p>Pindorama: Corr. pindó-rama, ou pindó-retama, a região ou o país das palmeiras (SAMPAIO, 1928, p. 289). Pindo = pindob: s. folha de palmeir, palma em geral; [...] (GALVÃO, 1879, p. 377). * 148- Pátria, terra, é tetama (retama, setama) em tupi. Terra dos tapuias seria tapuyî-retama, se os índios chegassem a conhecer esse conceito de áreas geográficas, principalmente em se tratando de tribos nômades. (SAMPAIO, 1987, p. 131). * 108 – Couto de Magalhães refere ter ouvido, entre os indivíduos de uma tribo tupi do interior, o nome Pindorama (Pindó-retama), região das palmeiras, como indicativo das terras do litoral brasileiro, e podendo-se aplicar ao país todo. [...]. Couto de Magalhães talvez tenha ouvido alguém dizer pindó-rama por país de palmeiras, mas esse alguém, com certeza, não foi índio, pois o relativo retama nunca se transforma em rama. Devia ser algum gaiato inteligente e bom conhecedor do português, onde sabia existirem formações homófonas como: courama, dinheirama, burrama. Para esse, pindorama seria grande número de palmeiras e não país das palmeiras (SAMPAIO, 1987, p. 144).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Pindorama	Tupi	<p>Pindorama: Corr. pindó-rama, ou pindó-retama, a região ou o país das palmeiras (SAMPAIO, 1928, p. 289). Pindo = pindob: s. folha de palmeir, palma em geral; [...] (GALVÃO, 1879, p. 377). * 148- Pátria, terra, é tetama (retama, setama) em tupi. Terra dos tapuias seria tapuyî-retama, se os índios chegassem a conhecer esse conceito de áreas geográficas, principalmente em se tratando de tribos nômades. (SAMPAIO, 1987, p. 131). * 108 – Couto de Magalhães refere ter ouvido, entre os indivíduos de uma tribo tupi do interior, o nome Pindorama (Pindó-retama), região das palmeiras, como indicativo das terras do litoral brasileiro, e podendo-se aplicar ao país todo. [...]. Couto de Magalhães talvez tenha ouvido alguém dizer pindó-rama por país de palmeiras, mas esse alguém, com certeza, não foi índio, pois o relativo retama nunca se transforma em rama. Devia ser algum gaiato inteligente e bom conhecedor do português, onde sabia existirem formações homófonas como: courama, dinheirama, burrama. Para esse, pindorama seria grande número de palmeiras e não país das palmeiras (SAMPAIO, 1987, p. 144).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Santa Rita do Pardo	Cabeceira	Piqui	Tupi	Piqui: corr. py-quí, a casca áspera, espinhenta (SAMPAIO, 1928, p. 289). Pequi: cid. De Minas Gerais; de peki, certa fruta silvestre das regiões tropicais (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 95). Pekea (Pekyuá): - Fructa gordurenta = Pekia butyrosa (RODRIGUES, 1905, p. 75).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Ribeirão	Piracanjuba	Tupi	Piracanjuba: corr, a pirá-acan-yuba, o peixe de cabeça amarela ou dourada (SAMPAIO, 1928, p. 290. Pirá "peixe" + acanjuba "cabeça amarela" = piracanjuba "peixe da cabeça amarela" (BARBOSA, 1951, p. 192). Piracanjuba: c. Pirá-acan-yuba, o peixe de cabeça amarela ou dourada (SAMPAIO, 1987, p. 301).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Pirambeira	Tupi	Piramboeira: corr. Pirá-mboy-éra, forma plural de piramboy, significando as enguias, os moçus. V. Piramboya (SAMPAIO, 1987, p. 302). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Mboy: s. a cobra, o ofídio em geral (SAMPAIO, 1987, p. 282).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst. + marca de plural)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Pitanguinha	Tupi + LP	Pitanga: adjetivo, vermelho, corado; fino delicado, macio; a cutis fina. É o nome da fruta ácida de pele delicada e corada (SAMPAIO, 1928, p. 293).	Fitotopônimo	Simples híbrido (adj. + suf. dim. -inha)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Poxoréu	Bororo	Poxoréu: Possivelmente uma variação de pocoréu, do bororo po 'água' + corêu 'funda' (CARDOSO, 1961, p. 421).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Lagoa	Praia do Rio Paraná	LP + Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranhã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Geomorfotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pintar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pintar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Quitê	Tupi	Cuieté: s.m. cuia boa, excelente; chapéu velho (BUENO, 2008, p. 111). Coité: corr. Cúi-eté, vasilha verdadeira, capaz; a cuia. Alt. Cuité, Cuieté (SAMPAIO, 1987, p. 224). Cuieté: s. vaso real, cuia grande ou capaz, cuia boa (GALVÃO, 1879, p. 80). Cúi: s. vaso de beber, vasilha, cuia, taça, copo [...] (GALVÃO, 1879, p. 80). Etê: adj. corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande (GALVÃO, 1879, p. 125).	Ergotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Cachoeira	do Rio Indaiá	LP + Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Foz	do Rio Paranaíba	LP + Tupi	Paranahyba: corr. Paranã-ayba, o grande caudal ruim, ou impraticável. Alt. Parnahyba (SAMPAIO, 1928, p. 282). Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Salto	Saltão do Aporé	LP + Tupi	Aporé: rio e cid. do E. de Goiás; V. Apari (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Apari: ant. nome do rio Aporé, tributário do Paranaíba, GO; de <i>abá-r-y</i> , rio do índio (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 20). Abá: s. O homem, a gente, a pessoa; o macho. No tupi amazônico, auá. Na língua geral altera-se, por vezes, em avá e assim entra na composição de muitos vocábulos (SAMPAIO, 1987, p. 188). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Rio	Samambaia	Tupi	<p>Samambaia: corr. Çama-mbaí, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Filix herbácea). No Norte do Brasil a samambaia é uma Tilandsía, vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 311).</p> <p>Samba: corr. çama ou çamba, a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folgado; a dança em roda (SAMPAIO, 1987, p. 311). Mbai: mau, ruim; póde-se dizer que quando mau, ruim é passivo desfeito, arruinado, estragado [...], v. mbai (mboafb) desfazer, desmanchar, fazer mal (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbáia: s. esteiras, trançados de junco ou de palha; [...] (GALVÃO, 1879, p. 227).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Rio	Samambaia	Tupi	<p>Samambaia: corr. Çama-mbaí, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Filix herbácea). No Norte do Brasil a samambaia é uma Tilandsía, vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 311).</p> <p>Samba: corr. çama ou çamba, a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folgado; a dança em roda (SAMPAIO, 1987, p. 311). Mbai: mau, ruim; póde-se dizer que quando mau, ruim é passivo desfeito, arruinado, estragado [...], v. mbai (mboafb) desfazer, desmanchar, fazer mal (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbáia: s. esteiras, trançados de junco ou de palha; [...] (GALVÃO, 1879, p. 227).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Rio	Samambaia	Tupi	<p>Samambaia: corr. Çama-mbaí, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Filix herbácea). No Norte do Brasil a samambaia é uma Tilandsía, vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 311).</p> <p>Samba: corr. çama ou çamba, a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folgado; a dança em roda (SAMPAIO, 1987, p. 311). Mbai: mau, ruim; póde-se dizer que quando mau, ruim é passivo desfeito, arruinado, estragado [...], v. mbai (mboafb) desfazer, desmanchar, fazer mal (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbáia: s. esteiras, trançados de junco ou de palha; [...] (GALVÃO, 1879, p. 227).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Samambaia	Tupi	Samambaia: corr. Çama-mbaí, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Filix herbácea). No Norte do Brasil a samambaia é uma Tilandsia, vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 311). Samba: corr. çama ou çamba, a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folguedo; a dança em roda (SAMPAIO, 1987, p. 311). Mbai: mau, ruim; póde-se dizer que quando mau, ruim é passivo desfeito, arruinado, estragado [...], v. mbai (mboaíb) desfazer, desmanchar, fazer mal (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbáia: s. esteiras, trançados de junco ou de palha; [...] (GALVÃO, 1879, p. 227).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Sanharão	Tupi	Sanharão: s.m. Nome de uma vespa de terrível agressividade. Na linguagem corrente do Brasil, sanharão é um acesso de fúria, de movimento inesperado e violento que leva a pessoa a uma resolução inesperada (BUENO, 2008, p. 313). Sanharó: corr. Çoó-nharô, o bicho branco; animal agitado. É o nome de uma abelha preta mordaz. (Trigona Amalthea, Oliv.). Ali. Sanharão, Sonharão (SAMPAIO, 1987, p. 312). Çoo: tornar-se animal, animalisar-se (GALVÃO, 1879, p. 323). Nharô: bravo, feroz (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Sanharão	Tupi	Sanharão: s.m. Nome de uma vespa de terrível agressividade. Na linguagem corrente do Brasil, sanharão é um acesso de fúria, de movimento inesperado e violento que leva a pessoa a uma resolução inesperada (BUENO, 2008, p. 313). Sanharó: corr. Çoó-nharô, o bicho branco; animal agitado. É o nome de uma abelha preta mordaz. (Trigona Amalthea, Oliv.). Ali. Sanharão, Sonharão (SAMPAIO, 1987, p. 312). Çoo: tornar-se animal, animalisar-se (GALVÃO, 1879, p. 323). Nharô: bravo, feroz (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (Saccharum sapé) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-Andy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande numero de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-endy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande numero de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê peé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-endy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande numero de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê peé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-endy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande numero de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê peé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Ilha	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-endy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê peé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande numero de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande numero de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-edy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande numero de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Ilha	do Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-endy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande numero de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vê (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + verb.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Cabeceira	Siriema	Tupi	Sariema: corr. çariama, c. çarí-ama, a crista levantada. Alt. Seriema (SAMPAIO, 1928, p. 305). Seriema: s.f. Var. siriema, seriema, ceriema, seriêma, sariema, syiema. [do Tupi sari'ama]. Ave gruiformes da família dos cariamídeos (CUNHA, 1999, p. 262). Çaria: s. (contr. Hariábãe ou çariamãe, armada de crista ou cristada em espiga, vê har) nome de uma pernalta, vulgo siriema (GALVÃO, 1879, p. 90). âma: amba ger. estando em pé, a estar em pé (GALVÃO, 1879, p. 30). am: v. intr. Estar em pé, estar quedo, firme; erguer-se, elevar-se; estar erguido, sobranceiro, armado [...] (GALVÃO, 1879, p. 30).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Sucupira	Tupi	Sucupira: do tupi seui'pira - nome de várias árvores da família das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a fabricação de obras finas de marcenaria (CUNHA, 1999, p. 265). Sibipira: corr. Cibepyra, a alisada, a esfregada; alusão à madeira pesada, rija, que fende e recebe bom polimento. Alt. Sepipira, Sipipira, Sapopira, Sucupira, Secupira, Sebipira (SAMPAIO, 1987, p. 314). Cib: v. trans. Esfregar. Alisar, limpar, vê hîb: alimpar, elidir, arrancar; adj. Liso, alisado etc. (GALVÃO, 1879, p. 93). * 33 – os adjetivos derivados de verbos, os particípios passados se formam com o sufixo pyra [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj. + suf -pyra)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Sucupira	Tupi	Sucupira: do tupi seui'pira - nome de várias árvores da família das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a fabricação de obras finas de marcenaria (CUNHA, 1999, p. 265). Sibipira: corr. Cibepyra, a alisada, a esfregada; alusão à madeira pesada, rija, que fende e recebe bom polimento. Alt. Sepipira, Sipipira, Sapopira, Sucupira, Secupira, Sebipira (SAMPAIO, 1987, p. 314). Cib: v. trans. Esfregar. Alisar, limpar, vê hîb: alimpar, elidir, arrancar; adj. Liso, alisado etc. (GALVÃO, 1879, p. 93). * 33 – os adjetivos derivados de verbos, os particípios passados se formam com o sufixo pyra [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj. + suf -pyra)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1979, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1979, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1979, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1979, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1979, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1979, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1979, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1979, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclismurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclismurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Cabeceira	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclismurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclismurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	do Sucuri	LP + Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + verb. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Rio	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; <i>mboy o çuú ramo</i> como a cobra o-mordesse; <i>ore çuú potahápe</i> com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Rio	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; <i>mboy o çuú ramo</i> como a cobra o-mordesse; <i>ore çuú potahápe</i> com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Salto	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; <i>mboy o çuú ramo</i> como a cobra o-mordesse; <i>ore çuú potahápe</i> com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Rio	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Rio	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Rio	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Selvéria	Rio	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Selvéria	Córrego	Sucuriú	Tupi	Sucuriú: corr. çuúcurí-yú, forma contrata de çuucuri-yuba, a sucuri-amrela. Alt. Sucuriuva. V. Sucurí (SAMPAIO, 1987, p. 316). Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectesmurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83). Yú: em vez de yub adj. amarelo (GALVÃO, 1879, p. 596).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Sucurizinho	Tupi + LP	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática <i>Eunectes murinus</i> . Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido (verb. + adj. + suf. dim.-zinho)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Ribeirão	Sucurizinho	Tupi + LP	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática <i>Eunectes murinus</i> . Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido (verb. + adj. + suf. dim. -zinho)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Taboca	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (<i>Bambusa</i>). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Bataiporã	Córrego	Taboca	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabõg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-Ias? tabõg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Taboca	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabõg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-Ias? tabõg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Santa Rita do Pardo	Córrego	Taboca	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabõg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-Ias? tabõg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Taboca	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-Ias? tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	da Taboca	LP + Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-Ias? tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	da Taboca	LP + Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-Ias? tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Tabocas	Tupi + LP	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? tabôg cobrir ou proteger aldeia, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + desinência -s de plural)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	das Tabocas	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? tabôg cobrir ou proteger aldeia, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + adj. + desinência -s de plural)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Taboquinha	Tupi + LP	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? tabôg cobrir ou proteger aldeia, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -inha)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	da Taboquinha	LP + Tupi + LP	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabõg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-las? tabõg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Taimbé	Tupi	Tãimbé: adj. Aguçado, afiado, amolado, cortante. Itaimbé, pedra aguçada, cortante (BUENO, 2008, p. 329). *82 - O pico ou o monte agudo diz-se, no tupi, itaimbé , ou ytá-aymbé que, literalmente, significa <i>pedra afilada ou ponteaguda</i> , como também se diz itatim (itátim) , significando nariz ou ponta de pedra. O primeiro vocábulo alterou-se, porém, para itambé , e, com ele, se designam, em alguns lugares, as pontas de pedra, as escarpas e arestas vivas nas encostas rochosas dos montes. Em Minas Gerais, um dos pontos culminantes do seu sistema orográfico, na serra do Espinhaço, se denomina Itambé (SAMPAIO, 1987, p. 130). *144 Agudo, áspero, em tupi é aembé; ponta de pedra – itá-ti, segundo a fonética tupi (SAMPAIO, 1987, p. 130).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Tamandaré	Tupi	Tamandaré: s. c. Tamanda-ré, depois da volta ou seguida ao rodeio. Pernambuco. É também o nome de Noé da lenda do dilúvio entre o gentio brasileiro. Segundo Batista Caetano, Tamandaré pode proceder de Tamoiindaré (tab-moi-inda-ré): aquele que fundou povo, isto é, o repovoador da terra (SAMPAIO, 1987, p. 320). *242 O nome Tamandaré é, segundo Thevet, era Tamandúá-ré , insinuando vestígios de totemismo entre os tupis (SAMPAIO, 1987, p. 170).	Hierotopônimo ¹⁷⁶	Composto aglutinado (subst. + verb. + subst.)

¹⁷⁶ O topônimo *tamandaré* apresenta, por ora, duas possibilidades de classificação taxionômica: hierotopônimo e mitotopônimo, pois trata-se de uma questão que carece aprofundamento, no âmbito das taxionomias, para confirmar como se situa dentro desse sagrado os deuses de religiões africanas e indígenas, por exemplo.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Tamandaré	Tupi	Tamandaré: s. c. Tamanda-ré, depois da volta ou seguida ao rodeio. Pernambuco. É também o nome de Noé da lenda do dilúvio entre o gentio brasileiro. Segundo Batista Caetano, Tamandaré pode proceder de Tamoindaré (tab-moi-inda-ré): aquele que fundou povo, isto é, o repovoador da terra (SAMPAIO, 1987, p. 320). *242 O nome Tamandaré é, segundo Thevet, era Tamandûá-ré , insinuando vestígios de totemismo entre os tupis (SAMPAIO, 1987, p. 170).	Hierotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb. + subst.)
Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Tamanduá	Tupi	Tamanduá: corr. ta-monduá, o caçador de formigas. O componente -ta- é como uma forma contracta de tacy, a formiga. É o nome tupi dos Myrmecophagas (SAMPAIO, 1928, p. 313). Tacy: Substantivo: formiga (em geral), como elemento de composição. O "t" é temático. (CARVALHO, 1987, p. 275). Mónduá: Caçar. V. Caá. (MONTTOYA, 1876, p. 228). Kaá-mo-ndo: Verbo intransitivo: caçar, fazer caçada (CARVALHO, 1987, p. 140).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Tamanduá	Tupi	Tamanduá: corr. ta-monduá, o caçador de formigas. O componente -ta- é como uma forma contracta de tacy, a formiga. É o nome tupi dos Myrmecophagas (SAMPAIO, 1928, p. 313). Tacy: Substantivo: formiga (em geral), como elemento de composição. O "t" é temático. (CARVALHO, 1987, p. 275). Mónduá: Caçar. V. Caá. (MONTTOYA, 1876, p. 228). Kaá-mo-ndo: Verbo intransitivo: caçar, fazer caçada (CARVALHO, 1987, p. 140).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Ribeirão	Tamanduá	Tupi	Tamanduá: corr. ta-monduá, o caçador de formigas. O componente -ta- é como uma forma contracta de tacy, a formiga. É o nome tupi dos Myrmecophagas (SAMPAIO, 1928, p. 313). Tacy: Substantivo: formiga (em geral), como elemento de composição. O "t" é temático. (CARVALHO, 1987, p. 275). Mónduá: Caçar. V. Caá. (MONTTOYA, 1876, p. 228). Kaá-mo-ndo: Verbo intransitivo: caçar, fazer caçada (CARVALHO, 1987, p. 140).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Tamanduá	LP + Tupi	Tamanduá: corr. ta-monduá, o caçador de formigas. O componente -ta- é como uma forma contracta de tacy, a formiga. É o nome tupi dos Myrmecophagas (SAMPAIO, 1928, p. 313). Tacy: Substantivo: formiga (em geral), como elemento de composição. O "t" é temático. (CARVALHO, 1987, p. 275). Mónduá: Caçar. V. Caá. (MONTTOYA, 1876, p. 228). Kaá-mo-ndo: Verbo intransitivo: caçar, fazer caçada (CARVALHO, 1987, p. 140).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + verb.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Cassilândia	Córrego	Tamanduazinho	Tupi + LP	Tamanduá: corr. ta-monduá, o caçador de formigas. O componente -ta- é como uma forma contracta de tacy, a formiga. É o nome tupi dos Myrmecophagas (SAMPAIO, 1928, p. 313). Tacy: Substantivo: formiga (em geral), como elemento de composição. O "t" é temático. (CARVALHO, 1987, p. 275). Mónduá: Caçar. V. Caá. (MONTROYA, 1876, p. 228). Kaá-mo-ndo: Verbo intransitivo: caçar, fazer caçada (CARVALHO, 1987, p. 140).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + verb. + suf. dim. -zinho)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Tamburi	Tupi	Tambory: s. c. ta-mbo-ry, tronco que faz manar; tronco escorrente, ou que deita humor. Alt. Tamburil (SAMPAIO, 1928, p. 314). Tamburi: nome de árvore da família das leguminosas, das línguas gerais coloniais (NAVARRO, 2013, p. 600). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Cassilândia (MR 05)	Chapadão do Sul	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/- cuéra)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/- cuéra)
Nova Andradina (MR 08)	Nova Andradina	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/- cuéra)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/- cuéra)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Tapera Queimada	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Córrego	Tapera Velha	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/ cuéra)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/ cuéra)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Tapera	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/ cuéra + suf. aum. -ão)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Taperão	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra + suf. aum. -ão)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Taperão	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra + suf. aum. -ão)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Taperão	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra + suf. aum. -ão)
Paranaíba (MR 06)	Selvíria	Córrego	Taperão	Tupi + LP	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra + suf. aum. -ão)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Selvéria	Córrego	Taperas	Tupi + LP	Tapéira: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra + desinência -s de plural)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Taperinha	Tupi + LP	Tapéira: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simples Aglutinado híbrido (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra + suf. dim. -inha)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Tapeva	Tupi	Itapeba: c. itá-peba, a pedra rasteira, a lage, o penedio. Alt. Itapeva, Itapé (SAMPAIO, 1928, 233). *22 [...]. Não nos consta que peba – <i>chato, largo</i> – signifique <i>rasteiro ou gago</i> [...] peba corresponde a: <i>chato, plano, largo</i> (SAMPAIO, 1987, p. 81).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Tapeva	Tupi	Itapeba: c. itá-peba, a pedra rasteira, a lage, o penedio. Alt. Itapeva, Itapé (SAMPAIO, 1928, 233). *22 [...]. Não nos consta que peba – <i>chato, largo</i> – signifique <i>rasteiro ou gago</i> [...] peba corresponde a: <i>chato, plano, largo</i> (SAMPAIO, 1987, p. 81).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	da Taquara	LP + Tupi	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319). Taquá: s. forma contracta de taquara, c. ta-quara, o tronco ou haste furada. Alt. tacuara, tacuá" (SAMPAIO, 1928, p. 319).	Fitotopônimo	Simples com soldadura (prep. + subst.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Rio	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple (subst. + grau diminutivo suf. -i)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Córrego	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple (subst. + grau diminutivo suf. -i)
Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Rio	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple (subst. + grau diminutivo suf. -i)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Córrego	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple (subst. + grau diminutivo suf. -i)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Serra	do Taquari	LP + Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simplex híbrido com soldadura (prep. + subst. + grau diminutivo suf. -i)
Cassilândia (MR 05)	Costa Rica	Ribeirão	Taquarizinho	Tupi + LP	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simplex híbrido (subst. + grau diminutivo suf. -i + suf. dim. - zinho)
Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Ribeirão	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçu: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Três Lagoas (MR 07)	Brasilândia	Rio	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçu: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Santa Rita do Pardo	Rio	Taquarussu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Tatu	LP + Tupi	Tatu: “Corr. ta-tú, o casco encorpado, ou grosso, couraça” (SAMPAIO, 1928, p. 321). Tatu: s. cataphracto, nome genérico dos Dasypus (ja sem visto que ta pêllo, por vezes se-confunde com ca casca, escama, e tu pode ser por tou = toó abs. de oó encorpado, denso); enumeram-se diversos cataphracts pelos qualificativos apára contôrto, arqueado (tatu bola em portuguez), ai ruim, guaçu grande, peb chato, píchide pelle lisa, poyú de mão flava, tî branco, etc (GALVÃO, 1879, p. 490).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Paranaíba (MR 06)	Paranaíba	Lagoa	dos Tatus	LP + Tupi + LP	Tatu: “Corr. ta-tú, o casco encorpado, ou grosso, couraça” (SAMPAIO, 1928, p. 321). Tatu: s. cataphracto, nome genérico dos Dasypus (ja sem visto que ta pêllo, por vezes se-confunde com ca casca, escama, e tu pode ser por tou = toó abs. de oó encorpado, denso); enumeram-se diversos cataphracts pelos qualificativos apára contôrto, arqueado (tatu bola em portuguez), ai ruim, guaçu grande, peb chato, píchide pelle lisa, poyú de mão flava, tî branco, etc (GALVÃO, 1879, p. 490).	Zootopônimo	Composto justaposto Híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + adj. + desinência -s de plural)
Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	do Tereré	LP + Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebenção. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirlar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO. 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simplex híbrido com soldadura (prep. + verb. onom.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Paranaíba (MR 06)	Inocência	Córrego	dos Três Buritis	LP + Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Numerotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (pre. + desinência de plural -s + num. + subst. + desinência de plural -s)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Córrego	Uerê	Tupi	Uererê: corr. y-ererê, a água em giro ou redemoinho (SAMPAIO, 1987, p. 335). Yerê: c. Y-erê, a água em giro, o redemoinho (SAMPAIO, 1987, p. 346). Erê: Não é tupi o vocábulo, mas da língua kaingáng, significando campo, palha, erva. Rio Grande do Sul, Santa Catarina. (SAMPAIO, 1987, p. 231). Ererê: A marreca; pequeno palmípede. Pará. Amazonas (SAMPAIO, 1987, p. 231). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Córrego	Uerê	Tupi	Uererê: corr. y-ererê, a água em giro ou redemoinho (SAMPAIO, 1987, p. 335). Yerê: c. Y-erê, a água em giro, o redemoinho (SAMPAIO, 1987, p. 346). Erê: Não é tupi o vocábulo, mas da língua kaingáng, significando campo, palha, erva. Rio Grande do Sul, Santa Catarina. (SAMPAIO, 1987, p. 231). Ererê: A marreca; pequeno palmípede. Pará. Amazonas (SAMPAIO, 1987, p. 231). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Umbaúba	Tupi	Umbaúba: m.q. embaúba do Tupi amba'ïwa 'id.' Houaiss (2009). Embaúba: V. Embayba SAMPAIO, 1928, p. 197). Embayba: s.c. emba-yba, a árvore de oco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada Imbaúba [...]. Alt. Ambahiba, Embahyba, Embahuba, Imbahyba, Umbahuba (SAMPALIO, 1928, p. 197). Amba: adj. Vazio, oco. Alt. Emba, Emb (SAMPALIO, 1987, p. 193). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPALIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Água Clara	Córrego	Urucuiano	Tupi + LP	Urucú: s., o vermelhão, a planta que o produz (SAMPALIO, 1928, p. 338). Urucú: s. vermelhão; nome dado ao Bixa Orellana ou Achiote do México; parece ser ã rîcú líquido de árvore, mas atendendo-se ao uso já de pintarem os corpos, já de adubarem as comidas com elle, pode ser ub rocú pincta pernas, ou ú recú faz tragar comida; também pode ser yu-recúí vaso ou cuia de espinhos, da fôrma e modo de ser do fructo (GALVÃO, 1879, p. 558).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst + subst. + suf.-iano) ¹⁷⁷
Paranaíba (MR 06)	Aparecida do Taboado	Córrego	Urutu	Tupi	Urutu: corr. u-u-tú, por eufonia u-ru-tú, que exprime literalmente –morde, morde de arremesso, isto é, que muito morde os botes. É o nome de uma espécie de bagres de pele amarela, que mordem a linha todo o ano. É também o nome de um ofídio dos mais horrídeos do país. (SAMPALIO 1928, 339). Urutù: s. nome dado a um bagre, a uma abelha, a uma cobra (reportando-se a ub-rotù o que as coxas fere?) (GALVÃO, 1879, p. 559). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPALIO, 1987, p. 337). Tu: s. O tombo, a queda, a pancada; adj., batido, tocado; molhado; queimado, encarvoado, enegrecido; v. estar, vir; sub. o pai, a abelha-mestra; bicho, verme (SAMPALIO, 1987, p. 332).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (verb. + verb. + subst.)

¹⁷⁷ As várias possibilidades de interpretação do topônimo **Urucú**, de acordo com Galvão (1879, p. 558-559), serve para “provar o quanto é arriscada qualquer interpretação, tanto mais quanto costumavam empregar verdadeiras phrases para designativos que depois, com o uso, se -aglutinavam, deixando cair syllabas inteiras no meio, no fim, no principio”.

Quadro 42 – Mesorregião do Leste de Mato Grosso do Sul (conclusão)

Três Lagoas (MR 07)	Três Lagoas	Córrego	Urutu	Tupi	Urutu: corr. u-u-tú, por eufonia u-ru-tú, que exprime literalmente –morde, morde de arremesso, isto é, que muito morde os botes. É o nome de uma espécie de bagres de pele amarela, que mordem a linha todo o ano. É também o nome de um ofídio dos mais hórridos do país. (SAMPAIO 1928, 339). Urutù: s. nome dado a um bagre, a uma abelha, a uma cobra (reportando-se a ub-rotù o que as coxas fere?) (GALVÃO, 1879, p. 559). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Tu: s. O tombo, a queda, a pancada; adj., batido, tocado; molhado; queimado, encarvoado, enegrecido; v. estar, vir; sub. o pai, a abelha-mestra; bicho, verme (SAMPAIO, 1987, p. 332).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (verb. + verb. + subst.)
Três Lagoas (MR 07)	Ribas do Rio Pardo	Córrego	Xavante	Xavante	Não Identificada	Etnotopônimo	Simple (subst.)
Nova Andradina (MR 08)	Anaurilândia	Ribeirão	Xavantes	Xavante + LP	Não Identificada	Etnotopônimo	Simple híbrido (subst. + desinência -s de plural)
Nova Andradina (MR 08)	Bataguassu	Ilha	Xavantes	Xavante + LP	Não Identificada	Etnotopônimo	Simple híbrido (subst. + desinência -s de plural)

Fonte: Elaboração da autora

Resumindo, a *Mesorregião Leste* é composta por **quatro** microrregiões e **17** municípios em uma área de 94.012 km² e, aproximadamente, 381.337 habitantes¹⁷⁸. Foram analisados, nessa mesorregião, **449** topônimos de origem indígena, sendo **88** da microrregião Cassilândia (MR 05), **123** da microrregião Paranaíba (MR 06), **160** da microrregião Três Lagoas (MR 07) e **78** da microrregião Nova Andradina (MR 08).

Na sequência, faz-se a apresentação dos dados relativos à *Mesorregião Sudoeste*.

¹⁷⁸ Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-centro-norte-de-mato-grosso-do-sul.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continua)

Microrregião	Município	Elemento geográfico	Topônimo	Língua de Origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura morfológica
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Abai	Tupi	Avahy: corr. abá-y, o rio do homem. Paraguai (SAMPAIO 1928, p. 162). Abá: s. O homem, a gente, a pessoa; o macho. No tupi amazônico, auá. Na língua geral altera-se, por vezes, em avá e assim entra na composição de muitos vocábulos (SAMPAIO, 1987, p. 188). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Açaí	Tupi	Açaí: s. nome de uma palmeira de cuja frutose fazem refrescos (BUENO 2008, p. 30). Açâi: tornar-se estendido, extender-se, espalhar-se, propagar-se (GALVÃO, 1879, p. 329). Açâi: adj. de pés estendidos ou largos, de pata larga (GALVÃO, 1879, p. 386).	Fitotopônimo	Simplex (subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Acanheí	Tupi	Acanhé: v. perder-se, desaparecer, morrer (BUENO, 2008, p. 32). Acanhê: v. andar fugindo, andar fugido, ser fugitivo (BUENO, 2008, p. 32). i/í/y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (verb. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Acurizal	Tupi + LP	A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Curi: corr. Curií, o pinhão, o fruto do pinheiro (SAMPAIO, 1987, p. 227).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + suf. -zal)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Acurizal	Tupi + LP	A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Curi: corr. Curií, o pinhão, o fruto do pinheiro (SAMPAIO, 1987, p. 227).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + suf. -zal)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Acuti	Tupi	A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Acuti: s.c. a-coti, indivíduo que se posta ou se assenta; alusão ao hábito do animal desse nome de se assentar para comer. Alt. Cutia [...] (SAMPAIO, 1928, p.149). Cutia: corr. Agutí ou a-cutí, o indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras (SAMPAIO, 1928, p. 195).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Água da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + prep. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Aguapeí	Tupi	A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Guapê: c. Gua-apé, o que serve de caminho; alusão às folhas desta planta que cobrem a superfície das águas estagnadas e dão caminho às aves. Pode ser também corrupção de guá-peba, o que é chato ou plano. Alt. Aguapé (SAMPAIO, 1987, p. 236-237). Aguapehy: s.c aguapé-y, o rio dos guapés. V. Aguapé (SAMPAIO, 1928, p. 149). Aguapé: s.c. Aguá-pe, coisa redonda e chata; a planta vulgarmente chamada guapé, guapéba, guapéva, que cobre a superfície dos lagos e das águas remansadas (Nymphéa) (SAMPAIO, 1987, p. 191). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Aguapeí	Tupi	A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Guapê: c. Gua-apé, o que serve de caminho; alusão às folhas desta planta que cobrem a superfície das águas estagnadas e dão caminho às aves. Pode ser também corrupção de guá-peba, o que é chato ou plano. Alt. Aguapé (SAMPAIO, 1987, p. 236-237). Aguapehy: s.c aguapé-y, o rio dos guapés. V. Aguapé (SAMPAIO, 1928, p. 149). Aguapé: s.c. Aguá-pe, coisa redonda e chata; a planta vulgarmente chamada guapé, guapéba, guapéva, que cobre a superfície dos lagos e das águas remansadas (Nymphéa) (SAMPAIO, 1987, p. 191). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Aguará	Tupi	A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Aguará: s. nome da garça vermelha. Denominação também do cão silvestre. Alt. guará (SAMPAIO, 1987, p. 192). Guará: s. A garça vermelha, a ave aquática. É frequente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1987, p. 237). Guirá: s. A ave, o pássaro. Alt. Uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hura, huirá, ará, ourá (SAMPAIO, 1987, p. 241).	Zootopônimo	Simplex (pref. a- + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Aguará	Tupi	A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Aguará: s. nome da garça vermelha. Denominação também do cão silvestre. Alt. guará (SAMPAIO, 1987, p. 192). Guará: s. A garça vermelha, a ave aquática. É frequente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1987, p. 237). Guirá: s. A ave, o pássaro. Alt. Uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hura, huirá, ará, ourá (SAMPAIO, 1987, p. 241).	Zootopônimo	Simplex (pref. a- + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Aguará	Tupi	A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Aguará: s. nome da garça vermelha. Denominação também do cão silvestre. Alt. guará (SAMPAIO, 1987, p. 192). Guará: s. A garça vermelha, a ave aquática. É frequente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1987, p. 237). Guirá: s. A ave, o pássaro. Alt. Uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hura, huirá, ará, ourá (SAMPAIO, 1987, p. 241).	Zootopônimo	Simplex (pref. a- + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Aiaiaí Cuê	LP + Tupi	Aiaiaí: s. f. (Bras.) moça solteira. J~ Expressão de ternura para as crianças. F. Talvez A + iaiá (= sinhá, por senhora) (AULETE DIGITAL). Cuê: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Ajuricaba	Tupi	Ajuricaba: s. a liga para o trabalho confraterno; o tempo próprio para isso; o adjutório (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ajury: s. o auxílio, a ajuda. Alt. Ajuri (SAMPAIO, 1987, p. 192). Caba: s. A vespa, o marimbondo. Alt. Cáua, Cava, Ca; Adj. gordo, oleoso; s. a gordura, o óleo (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ajuricaba: significa abelha feroz e indica uma pessoa que não tolera a inércia. Inovador e até excêntrico, contesta desde muito cedo todas as regras ¹⁷⁹ . Ajuricaba: (ajuri: reunião; cauá: marimbondo) foi um índio manao que liderou na Amazônia uma das grandes rebeliões nativas contra a expansão colonialista portuguesa durante o século XVIII. Para a comunidade do 3º Distrito de Ijuí, simbolizava o “homem que luta pela liberdade” ¹⁸⁰ .	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

¹⁷⁹ Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/busca.php?q=ajuricaba>. Acesso em 20 de ago. 2020.

¹⁸⁰ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/ajuricaba/historico>. Acesso em: 08 jan. 2021.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Ajuricaba	Tupi	Ajuricaba: s. a liga para o trabalho confraterno; o tempo próprio para isso; o adjutório (SAMPAIO, 1987, p. 192). Ajury: s. o auxílio, a ajuda. Alt. Ajuri (SAMPAIO, 1987, p. 192). Caba: s. A vespa, o marimbondo. Alt. Cáua, Cava, Ca; Adj. gordo, oleoso; s. a gordura, o óleo (SAMPAIO, 1987, p. 210).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Alemão-Cue	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Alemão-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Alemão-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Alemão-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Rio	Amambai	Guarani	Amambaí: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Rio	Amambai	Guarani	Amambái: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaías (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Rio	Amambai	Guarani	Amambái: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaías (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Rio	Amambai	Guarani	Amambái: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaías (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Rio	Amambai	Guarani	Amambái: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaías (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Rio	Amambai	Guarani	Amambai: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Rio	Amambai	Guarani	Amambai: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Ilha	Amambai	Guarani	Amambai: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Juti	Rio	Amambai	Guarani	Amambai: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Rio	Amambai	Guarani	Amambaí: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). i/í/y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Rio	Amambai	Guarani	Amambaí: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Ançaipa	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Rio	Anhanduí	Tupi	Anhanduí: rio de Mato Grosso do Sul, afluente da margem direita do Rio Pardo; alt. de nhandu-y, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Nhandú: c. nhã-dú, corre com estrepido, a corredora; a avestruz, a ema (SAMPAIO, 1928, p. 274). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Anhumas	Tupi + LP	Anhuma: Ornitologia: ave da família dos anhimídeos, gênero: Anhuma (CARVALHO, 1987, p. 27). Anhuma: id. anhyma. (BARBOSA, 1951, p. 29). Anhyma: ave. Fam. Palamedeídeos (BARBOSA, 1951, p. 29).	Zootopônimo	Simplex híbrido com comodação fonética (subst. + desin. -s de plural)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Anhumas	Tupi + LP	Anhuma: Ornitologia: ave da família dos anhimídeos, gênero: Anhuma (CARVALHO, 1987, p. 27). Anhuma: id. anhyma. (BARBOSA, 1951, p. 29). Anhyma: ave. Fam. Palamedeídeos (BARBOSA, 1951, p. 29).	Zootopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética (subst. + desin -s de plural)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Anselmo-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Rio	Apa	Tupi	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). Apa: ger. de ab, partindo, truncando, quebrando, vergando; a ou para trincar (GALVÃO, 1879, p. 38).	Geomorfotopônimo	Simples (adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Apa	Tupi	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). Apa: ger. de ab, partindo, truncando, quebrando, vergando; a ou para trincar (GALVÃO, 1879, p. 38).	Geomorfotopônimo	Simples (adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Rio	Apa	Tupi	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). Apa: ger. de ab, partindo, truncando, quebrando, vergando; a ou para trincar (GALVÃO, 1879, p. 38).	Geomorfotopônimo	Simples (adj.)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Rio	Apa	Tupi	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). Apa: ger. de ab, partindo, truncando, quebrando, vergando; a ou para trincar (GALVÃO, 1879, p. 38).	Geomorfotopônimo	Simples (adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Rio	Apa	Tupi	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). Apa: ger. de ab, partindo, truncando, quebrando, vergando; a ou para trincar (GALVÃO, 1879, p. 38).	Geomorfotopônimo	Simples (adj.)
Dourados (MR 10)	Antônio João	Córrego	Apa-Mi	Tupi + Guarani	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). Apa: ger. de ab, partindo, truncando, quebrando, vergando; a ou para trincar (GALVÃO, 1879, p. 38). Mí: apertar (e outros signif.) vê mombî, mbopî (GALVÃO, 1879, p. 285).	Geomorfotopônimo	Composto justaposto (adj. + verb.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Rio	Apa-mi	Tupi + Guarani	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). Apa: ger. de ab, partindo, truncando, quebrando, vergando; a ou para trincar (GALVÃO, 1879, p. 38). Mí: apertar (e outros signif.) vê mombî, mbopî (GALVÃO, 1879, p. 285).	Geomorfotopônimo	Composto justaposto (adj. + verb.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Apa-mí	Tupi + Guarani	Apa: adj. desmoranante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). Apa: ger. de ab, partindo, truncando, quebrando, vergando; a ou para truncar (GALVÃO, 1879, p. 38). Mi: apertar (e outros signif.) vê mombi, mbopî (GALVÃO, 1879, p. 285).	Geomorfotopônimo	Composto justaposto (adj. + verb.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Apongarai	Não Identificada	Aponga: adj. Opilado, barrigudo (BUENO, 1998, p. 52). A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Ponga: Gerônimo-supino de pong; o baque, a queda com ruído; o que se lança abaixo (SAMPAIO, 1987, p. 306).	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Aquidaban	Terena /Tapuíá	Aquidabã: cid. E mun. de Sergipe; rio do Mato Grosso do Sul; nome de origem terena, numerosa nação indígena que ocupou grande parte desse Estado e está confinada hoje, em pequenos redutos, nos municípios de Aquidauana e Miranda (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Aquidabã: s.m. riacho do Paraguai. Nome de um cruzador da Marinha Brasileira, que explodiu, fazendo numerosas vítimas, origem tapuíá (BUENO, 2008, p. 54). Os naturais de Aquidabã são aquidabanenses ou aquidapolitanos. Aquidabaense é um erro do povo, que descobre a origem etimológica da palavra, que é guarani e quer dizer em idioma português, terras entre rios, lagoas, ilhas, terras férteis e aguadas. Gentílico: aquidabãense ¹⁸¹ .	Hidrotopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Córrego	Araci	Tupi	Aracy: s.c. ara-cy, a mãe do dia, a aurora. Bahia. Significa também a cigarra (SAMPAIO, 1928, p. 157). Ara: s. O dia, o tempo; idade, vez; o que está no alto, em cima, de cima, na eminência; o mundo. Entre os índios do Amazonas, designa a parte do dia, do meio-dia às cinco horas. O fruto; o que nasce; o que se colhe; a espiga (SAMPAIO, 1987, p. 197). Cy: s. Mãe, a genitora; a origem; o princípio; a fonte, o manancial (SAMPAIO, 1987, p. 229).	Meteorotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

¹⁸¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/aquidaba/historico>. Acesso em: 08 jan. 2021.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Angélica	Córrego	Arapongas	Tupi + LP	Araponga: s.c. <i>ara-ponga</i> alteração de <i>guirá-ponga</i> , o pássaro martelante, cujo canto soa como a pancada de um martelo; o ferrador (SAMPAIO, 1928, p.158). Ará: s. Nome dos papagaios grande (SAMPAIO, 1987, p. 197). Ponga: Gerúndio-supino de pong; o baque, a queda com ruído; o que se lança abaixo (SAMPAIO, 1987, p. 306).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + desinência -s de plural)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Arapongas	Tupi + LP	Araponga: s.c. <i>ara-ponga</i> alteração de <i>guirá-ponga</i> , o pássaro martelante, cujo canto soa como a pancada de um martelo; o ferrador (SAMPAIO, 1928, p.158). Ará: s. Nome dos papagaios grande (SAMPAIO, 1987, p. 197). Ponga: Gerúndio-supino de pong; o baque, a queda com ruído; o que se lança abaixo (SAMPAIO, 1987, p. 306).	Zootopônimo	Composto justaposto Híbrido (subst. + subst. + desinência -s de plural)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Arara	Tupi	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simplex (subst.)
Bodoquena (MR 09)	Jardim	Córrego	Arara	Tupi	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simplex (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Arara	Tupi	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simplex (subst.)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Araras	Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simplex híbrido (subst. + desinência de plural -s)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Rio	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simplex híbrido com soldadura (prep. + deisencia de plural -s + subst. + desinência de plural -s)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + deisencia de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + deisencia de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	das Araras	Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + deisencia de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Córrego	Areba	Guarani	Arebá: s. (tarde cair, tarde ocorrer), demora, tardança, inoportunidade, inconveniencia, extemporaneidade; incommodo, transtorno, massada, enfado, enjôo, fastio; fome, y, o; talvez de aréb pab (GALVÃO, 1879, p. 49).	Não Identificada	Simple (subst.)
Bodoquena (MR 09)	Guia Lopes Da Laguna	Córrego	Ariranha	Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) – a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) – papa-mel; animalcarnívprp ávido por mel; RANA – parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Ariranha	Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) – a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) – papa-mel; animalcarnívprp ávido por mel; RANA – parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Guia Lopes da Laguna	Passo	da Ariranha	LP + Tupi	Ariranha: s. corr. Irarana [irar-ana], a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. Irara (SAMPAIO, 1928, p. 160-161). Ariranha: (irara-rana) – a parecida com a irara; form. De alt. de IRARA ou EIRÁRA (eira, mel; ra, colher, tomar) – papa-mel; animalcarnívprp ávido por mel; RANA – parecido com semelhante. Da família dos Mustelídeos. Loc. (Barra da Ariranha), vila do Mun. De Mantena (PONTES, 1970, p. 124).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Ataliga-Cuê	Não Identificada + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Ataliga-Cuê	Não Identificada + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Rio	Bacuri	Tupi	Bacuri: fruto da palmeira do mesmo nome, de ybácuri, que dá frutos depressa (BUENO, 2008, p. 69). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (1987, p. 346). Curi: corr. Curĩ, o pinhão, fruto do pinheiro (Araucaria brasiliensis) (SAMPAIO, 1987, p. 227).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	Bacuri	Tupi	Bacuri: fruto da palmeira do mesmo nome, de ybácuri, que dá frutos depressa (BUENO, 2008, p. 69). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (1987, p. 346). Curi: corr. Curĩ, o pinhão, fruto do pinheiro (<i>Araucaria brasiliensis</i>) (SAMPAIO, 1987, p. 227).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Barigui	Tupi	Mberu: s. mosca, mosquito (pousa na pelle, ou come pelle, ou contr. de pererú que come ou pousa sobre chagas; pé casca, pi pelle, podem ser mbé, mbi). – í s. mosca pequena, mosquito; dizem também maruî, marguí, mbarigui mariuim, meruím, etc.; vê o v. úi comer, arder, queimar (GALVÃO, 1879, p. 229). *28 - O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, pequeno, ou simplesmente da partícula y ou im, [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90). Barigui: é o nome de um inseto. Outros nomes: tatuquira, mosquito-palha, mosquito-pólvora, marigui e mbariqui. Do Tupi-Guarani: mberu = mosca; i = diminutivo; = mosquitinho. Parque na cidade de Curitiba, no início da estrada para Ponta Grossa ¹⁸² .	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Angélica	Córrego	Barreiro Puitã	LP + Guarani	Pitã: adj. Vermelho (tupi: pitanga) (TIBIRIÇÁ, 1989, p.146).	Litotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Blanco-Cuê	Espanhol + Guarani	Cuê: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
(MR 10)	Amambai	Cabeceira	Bocaiúva	Tupi	Bocayuva: V. macahuba. Macahuba.V. macahiba. Macahiba. macá-yba, a árvore da macaba. É a palmeira <i>acromiasclerocarpa</i> [...] (SAMPAIO, 1928, p. 206 e 274). Macaba: corr. Má-caba, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mar. Alt. Macá, Baccaba, Bacá (SAMPAIO, 1987, p. 274). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)

¹⁸² Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/barigui/>. Acesso em: 20 ago.2020.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Bocajá	Guarani	Bocajá: cid. de Mato Grosso; do guarani mbocajá, coco, coqueiro (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 29). * Mbo: [...]. O tema mô ou mbo é o verbo coercitivo que exprime fazer com que (SAMPAIO, 1987, p. 286). Cajá: V. Acayaá. (SAMPAIO, 1928, p. 76). Acayá: s. c. acã-yá, o fruto de caroço cheio, graúdo; fruto que é todo caroço. (Spondias brasiliensis). Alt. Cajá (SAMPAIO, 1928, p. 148). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 189). Ybá: c. Yb-á, o que colhe da arvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (verb. + subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Bocajá	Guarani	Bocajá: cid. de Mato Grosso; do guarani mbocajá, coco, coqueiro (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 29). * Mbo: [...]. O tema mô ou mbo é o verbo coercitivo que exprime fazer com que (SAMPAIO, 1987, p. 286). Cajá: V. Acayaá. (SAMPAIO, 1928, p. 76). Acayá: s. c. acã-yá, o fruto de caroço cheio, graúdo; fruto que é todo caroço. (Spondias brasiliensis). Alt. Cajá (SAMPAIO, 1928, p. 148). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 189). Ybá: c. Yb-á, o que colhe da arvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (verb. + subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Bocajá	Guarani	Bocajá: cid. de Mato Grosso; do guarani mbocajá, coco, coqueiro (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 29). * Mbo: [...]. O tema mô ou mbo é o verbo coercitivo que exprime fazer com que (SAMPAIO, 1987, p. 286). Cajá: V. Acayaá. (SAMPAIO, 1928, p. 76). Acayá: s. c. acã-yá, o fruto de caroço cheio, graúdo; fruto que é todo caroço. (Spondias brasiliensis). Alt. Cajá (SAMPAIO, 1928, p. 148). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 189). Ybá: c. Yb-á, o que colhe da arvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (verb. + subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Bocajá	Guarani	Bocajá: cid. de Mato Grosso; do guarani mbocajá, coco, coqueiro (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 29). * Mbo: [...]. O tema mô ou mbo é o verbo coercitivo que exprime fazer com que (SAMPAIO, 1987, p. 286). Cajá: V. Acayaá. (SAMPAIO, 1928, p. 76). Acayá: s. c. acã-yá, o fruto de caroço cheio, graúdo; fruto que é todo caroço. (Spondias brasiliensis). Alt. Cajá (SAMPAIO, 1928, p. 148). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga (SAMPAIO, 1987, p. 189). Ybá: c. Yb-á, o que colhe da arvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (verb. + subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	do Bocó	LP + Tupi	Bocó: Bolsa ou assemelhado feitos de couro rústico, ger. Ainda com o pelo do animal, us. Para carregar objetos vários [...]. Segundo Macedo Soares, voc. de língua indígena brasileira mbocog 'segurar, guardar' (HOUAISS, 2009). Mboco-cab: fazer esteio ou arrimo; arrimar, apoiar, sustentar, v. feito sobre o part. – g segurar, prender, agarrar; deter, retardar; vê pocog. – g retardar, demorar, alias suster, deter; vê pocog; o v. trans. cog apoiar, produzindo um der. Trans. Mbocog fazer apoiar, suster, fazer ter-se (GALVÃO, 1879, p. 243). Mbo: [...] mbo é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se <i>fazer com que</i> ; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 230). Cog: v. trans. (fazer ser, vê co) sustentar, alimentar; suster, manter; apoiar, arrimar, esteiar, encostar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 74).	Ergotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + verb. + verb.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Serra	da Bodoquena	Tupi	Bodoquena: tem origem no tupi e quer dizer atoleiro em cima da serra (TEIXEIRA, 1989, p. 3 <i>apud</i> GONSALVES 2004, p. 99).	Litotopônimo	Não Identificada com soldadura
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Serra	da Bodoquena	Tupi	Bodoquena: tem origem no tupi e quer dizer atoleiro em cima da serra (TEIXEIRA, 1989, p. 3 <i>apud</i> GONSALVES 2004, p. 99).	Litotopônimo	Não Identificada com soldadura
Bodoquena (MR 09)	Jardim	Serra	da Bodoquena	Tupi	Bodoquena: tem origem no tupi e quer dizer atoleiro em cima da serra (TEIXEIRA, 1989, p. 3 <i>apud</i> GONSALVES 2004, p. 99).	Litotopônimo	Não Identificada com soldadura
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Boi Jaguá	Tupi	Boy: s. mboy, cobra, serpente (BUENO, 2008, p. 77). Jaguá: forma contracta e alterada de yaguara. Entre os guaranis, era o nome que davam ao cometa, como se este astro errante fosse uma fera entre as estrelas (SAMPAIO, 1928, p. 242-243).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Boi Taguá	Tupi	Boy: s. mboy, cobra, serpente (BUENO, 2008, p. 77). Taguá: Contr. de taguaba, pedra ou argila de comer; barreiro. Alt. Taguaba, taguá, tauá [...] (SAMPAIO, 1928, p. 313).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Boicará	Tupi	Boy: s. mboy, cobra, serpente (BUENO, 2008, p. 77). Cará: corr. carã, redondo, circular. Pode proceder de acarã, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe (Chromis Acará). V. Acará. Designa também uma planta tuberosa (Dios-corea), como o inhame de S. Thomé (SAMPAIO, 1928, p. 180).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Boi-Jaga	Tupi	Boy: s. mboy, cobra, serpente (BUENO, 2008, p. 77). Jaguá: forma contracta e alterada de yaguara. Entre os guaranis, era o nome que davam ao cometa, como se este astro errante fosse uma fera entre as estrelas (SAMPAIO, 1928, p. 242-243).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Boi-Jagá	Tupi	Boy: s. mboy, cobra, serpente (BUENO, 2008, p. 77). Jaguá: forma contracta e alterada de yaguara. Entre os guaranis, era o nome que davam ao cometa, como se este astro errante fosse uma fera entre as estrelas (SAMPAIO, 1928, p. 242-243).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Boivevê	Guarani	Mbovevé: v. fazer voar; fazer flutuar (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 110). Mbo: [...] mbo é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se <i>fazer com que</i> ; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 230). *240 Apyá-ûeûé corresponde literalmente ao tupi apÿá-bebé, de apÿaba -varão e bebé – voar, volante [...] (SAMPAIO, 1987, p. 168).	Não Identificada	Composto justaposto com acomodação fonética (verb. + verb.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Bopeí	Guarani	Bope - (bopeí) - espírito mau Bororo (DI) Tavares (TAVARES, 2004, p. 192). Mbo: [...] mbo é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se <i>fazer com que</i> ; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 230). Peíi: s. caminho batido ou sovado, trilhado; d'aqui mbopeíi seguir ou bater o caminho, frequentar, usar. Assim outros comp. péibi caminho direito, peíbiam caminho montuoso ou de ladeira etc (GALVÃO, 1879, p. 367). Tapeyár: [...]; em guarani usam do verbo tapé-mboíi frequentar o caminho, que empregam também na forma mbopeíi , cujo part. é mbopehítár ou mbopekíhár; é possível pois que em vez da prep. mbo esteja o dem. ta, d'onde tupehíhár o que frequenta o caminho. Comtudo vê tapiár (GALVÃO, 1879, p. 482).	Não Identificada	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Borevi	Tupi	Mborevi: zool. Anta, tapir (Tupi: tapi-ira) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 109). Mbo: [...] mbo é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se <i>fazer com que</i> ; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 230). Tapeyár: [...]; em guarani usam do verbo tapé-mboiî frequentar o caminho, que empregam também na forma mbopeiî , cujo part. é mbopehîitár ou mbopekîihár; é possível pois que em vez da prep. mbo esteja o dem. ta, d'onde tupehîihár o que frequenta o caminho. Comtudo vê tapiár (GALVÃO, 1879, p. 482).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + subst.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	do Borevi	Tupi	Mborevi: zool. Anta, tapir (Tupi: tapi-ira) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 109). Mbo: [...] mbo é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se <i>fazer com que</i> ; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 230). Tapeyár: [...]; em guarani usam do verbo tapé-mboiî frequentar o caminho, que empregam também na forma mbopeiî , cujo part. é mbopehîitár ou mbopekîihár; é possível pois que em vez da prep. mbo esteja o dem. ta, d'onde tupehîihár o que frequenta o caminho. Comtudo vê tapiár (GALVÃO, 1879, p. 482).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (verb. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Boÿaguá	Tupi	Boyá: s. escravo, criado, servo de trabalho. Var. Bojá (BUENO, 2008, p. 77). Boy: s. de mboy, cobra, serpente (BUENO, 2008, p. 77). * No tupi do Sul, a partícula guara se contrai e toma a forma guá , e, então, aparecem, na linguagem vulgar, nomes como: Paiaguá, por Paiaguara; Caataguá por Caataguara; Cayuá ou Cayguá por Caayguara (SAMPAIO, 1987, p. 112). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara , o mesmo que uara , quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá. No Sul do Brasil, é afixo na denominação das madeiras. Como sufixo, indica procedência, nacionalidade (SAMPAIO, 1987, p. 237).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Braúna	Tupi	Ybyrá-uma: botânica: braúna ou graúna, árvore da família das leguminosas, gênero Melanoxylon (CARVALHO, 1987, p. 304). Braúna: do tupi imbira'uma , árvore da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, nativa do Brasil. (HOUAISS, 2009). Embira: corr. Mbira , o descascado, o tirado da casca. É a entrecasca resistente de certas árvores, servindo para corda. Alt. Imbira (SAMPAIO, 1987, p. 230). Uma: Uma das modalidades da palavra yba, alterada, significando - a árvore, a planta, o pau, a madeira. Alt. Yma, Yva, Uma, Ma (SAMPAIO, 1987, p. 338). Umá: corr. Ybá, o fruto. V. Ubá (SAMPAIO, 1987, p. 338).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Buricá	Tupi	Buricá: do tupi guarani: buri + caá = palmeira + planta (mato) = mato de palmeiras ¹⁸³ . Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Antônio João	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Cabeceira	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Cabeceira	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

¹⁸³ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/buric%C3%A1/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -zinho)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Caácaíquê	Tupi	Caácagué: s. Mato queimado (BUENO, 2008 p. 83). Caá: s., a folha, a planta, a herva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o matte (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá. (SAMPAIO, 1928, p. 173).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Caarapã	Tupi	Carapá: adj. redondo, torto, arqueado, arcado; s. arco (GALVÃO, 1879, p. 69). Caá: s., a folha, a planta, a herva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o matte (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá. (SAMPAIO, 1928, p. 173). Apar: s. arco de madeira, páu arqueado; arcaria (GALVÃO, 1879, p. 193).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Caarapã	Tupi	Carapá: adj. redondo, torto, arqueado, arcado; s. arco (GALVÃO, 1879, p. 69). Caá: s., a folha, a planta, a herva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o matte (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá. (SAMPAIO, 1928, p. 173). Apar: s. arco de madeira, páu arqueado; arcaria (GALVÃO, 1879, p. 193).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Rio	Caarapó	Tupi	Caá: s., a folha, a planta, a herva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o matte (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá. (SAMPAIO, 1928, p. 173). Apó: s. A raiz, a base, a fundação (SAMPAIO, 1987, p. 196). Apó: (ár nascer, pór faz ou ha-de) s. raiz; origem; fundamento, base, alicerce, (t, r, h, gu); guapó eỹ ramo yepe e embora não tivesse raiz (GALVÃO, 1879, p. 44).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Caarapó	Tupi	Caá: s., a folha, a planta, a herva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o matte (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá. (SAMPAIO, 1928, p. 173). Apó: s. A raiz, a base, a fundação (SAMPAIO, 1987, p. 196). Apó: (ár nascer, pór faz ou ha-de) s. raiz; origem; fundamento, base, alicerce, (t, r, h, gu); guapó eỹ ramo yepe e embora não tivesse raiz (GALVÃO, 1879, p. 44).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Caarapozinho	Tupi + LP	Caá: s., a folha, a planta, a herba, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o matte (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá. (SAMPAIO, 1928, p. 173). Apó: s. A raiz, a base, a fundação (SAMPAIO, 1987, p. 196). Apó: (ár nascer, pôr faz ou ha-de) s. raiz; origem; fundamento, base, alicerce, (t, r, h, gu); guapó eỹ ramo yepe e embora não tivesse raiz (GALVÃO, 1879, p. 44).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + suf. dim. -zinho)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Caba Cuê	Tupi + Guarani	Caba: s. f. Vespa, marimbondo (BUENO, 2008, p. 85). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Zootopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Caba-cuê	Tupi + Guarani	Caba: s. f. Vespa, marimbondo (BUENO, 2008, p. 85). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Zootopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Cabichuí	Guarani	Cabixuí: Kavichu'í - Marimbondo pequeno. Kavú, uma espécie de marimbondo (MÁRIO ARNAUD SAMPAIO, 1986, p. 87). Caba: s. A vespa, o marimbondo. Alt. Cáua, Cava, Ca; adj. gordo, oleoso; s., a gordura, o óleo (SAMPAIO, 1987, p. 210). Exú: corr. Eichú ou eira-chú, abelha-negra, a que faz um ninho rugoso, áspero. Alt. Enxú, Inxú (SAMPAIO, 1987, p. 231).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Caçapa-Mi	Guarani	Caazapá: s. é forma guarani correspondente, no tupi, a caçapaba. V. Caçapava (SAMPAIO, 1987, p. 210). Caçapava: corr. Caá-açapaba, a clareira ou aberta na mata; travessia da mata. Alt. Casapá (SAMPAIO, 1987, p. 211). Mí: apertar (e outros signif.) vê mombî, mbopî (GALVÃO, 1879, p. 285).	Hodotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Caçapa-Mi	Guarani	Caazapá: s. é forma guarani correspondente, no tupi, a caçapaba. V. Caçapava (SAMPAIO, 1987, p. 210). Caçapava: corr. Caá-açapaba, a clareira ou aberta na mata; travessia da mata. Alt. Casapá (SAMPAIO, 1987, p. 211). Mí: apertar (e outros signif.) vê mombî, mbopî (GALVÃO, 1879, p. 285).	Hodotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Caçapa-mi	Guarani	Caazapá: s. é forma guarani correspondente, no tupi, a caçapaba. V. Caçapava (SAMPAIO, 1987, p. 210). Caçapava: corr. Caá-açapaba, a clareira ou aberta na mata; travessia da mata. Alt. Casapá (SAMPAIO, 1987, p. 211). Mî: apertar (e outros signif.) vê mombî, mbopî (GALVÃO, 1879, p. 285).	Hodotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Cai-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Não Identificada	Composto híbrido (verb. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Camaquã	Tupi	Camaquã: cid. Do Rio Grande do Sul; de cama-acuã, lit. peito saliente, elevação do terreno semelhante a peito de mulher (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 35). Camacuã: s. c. cama-cuã, ou cama-guã, o bicho do peito; colina ponteguda; cabeça íngreme (SAMPAIO, 1987, p. 213). Cama: s. O peito, os seios; o papo; elevação, proeminência, cabeça. Alt. Cam, Cã (SAMPAIO, 1987, p. 213). Cuã: s. cascalho, seixo, pedras miúdas, (cu-áb corpo partido) [...], faz supor que cuã é modificado de quai cortado, picado; [...] (GALVÃO, 1879, p. 78).	Geomorfotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Cambai	Guarani/Paraguai	Camba: s. O negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Cambaí: s.c. Cambá-î, o negrinho. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). * 28 - O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, pequeno, ou simplesmente da partícula y ou im [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Etnotopônimo	Simple (subst. + grau dim. -i)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Cambaí	Guarani/Paraguai	Camba: s. O negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Cambaí: s.c. Cambá-î, o negrinho. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). * 28 - O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, pequeno, ou simplesmente da partícula y ou im [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Etnotopônimo	Simple (subst. + grau dim. -i)
Dourados (MR 10)	Juti	Cabeceira	do Cambaí	Guarani/Paraguai	Camba: s. O negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Cambaí: s.c. Cambá-î, o negrinho. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). * 28 - O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, pequeno, ou simplesmente da partícula y ou im [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Etnotopônimo	Simple com soldadura (prep. + subst. + grau dim. -i)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Jardim	Córrego	Cambarecê	Guarani	Camba: s. O negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213). Cambarecê: Trata-se de um topônimo que encontrou em um acontecimento histórico motivação para a sua existência. No decorrer da Guerra do Paraguai, estando vários soldados e civis que participavam da Retirada da Laguna infestados e condenados pela cólera, tiveram que ser abandonados junto à cabeceira desse córrego. Esse acidente fora nomeado pelos paraguaios de <i>cambarecê</i> , que se refere ao lugar onde o negro chorou, logo após terem executado, sem piedade alguma, todos os indefesos moribundos (GUIMARÃES, 1999, p. 277, <i>apud</i> , SOUZA, 2006, p. 00).	Etnotopônimo ¹⁸⁴	Não Identificado
Iguatemi (MR 11)	Angélica	Córrego	Cambaretã	Guarani	Camba: s. O negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213).	Etnotopônimo	Não Identificado
Iguatemi (MR 11)	Angélica	Córrego	Cambaria	Guarani	Camba: s. O negro africano, no guarani. Paraguai (SAMPAIO, 1987, p. 213).	Etnotopônimo	Não Identificado
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Cancinha Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de <i>cuéra</i> , mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para <i>indiacr</i> o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. <i>Coéra</i> , <i>Coér</i> , <i>Coé</i> (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Candinha-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de <i>cuéra</i> , mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para <i>indiacr</i> o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. <i>Coéra</i> , <i>Coér</i> , <i>Coé</i> (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Cangueri	Tupi	Canguari: adj. Fraco, doente. O mesmo que <i>cangueri</i> (BUENO, 2008, p. 91). Cangoary: corr. Canguerí , enfraquecido; é o amarelão ou opilação (SAMPAIO, 1987, p. 214). Cangoéra: corr. Canga , os ossos, a ossada (SAMPAIO, 1987, p. 214). Ari: <i>posp.</i> sobre, em cima, por cima; <i>adv.</i> por isto, sobre isto, <i>d'islo</i> ; <i>por agora</i> , <i>por hoje</i> (<i>â ri</i>) (GALVÃO, 1879, p. 49).	Não Identificada	Simplex (adj.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	Canindé	Tupi	Canindé: s., a arara azul retinto e amarelo. É a mesma <i>Araúna</i> . Alt. <i>Calindé</i> (SAMPAIO, 1928, p.179).	Zootopônimo	Simplex (subst.)

¹⁸⁴ Por se tratar de um topônimo que expressa o espírito de angústia e a súplica das vítimas, também pode ser classificado como um animotopônimo disfórico.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Rio	Canindé	Tupi	Canindé: s., a arara azul retinto e amarelo. É a mesma Araúna. Alt. Calindé (SAMPAIO, 1928, p.179).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Rio	Canindé	Tupi	Canindé: s., a arara azul retinto e amarelo. É a mesma Araúna. Alt. Calindé (SAMPAIO, 1928, p.179).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Rio	Canindezinho	Tupi + LP	Canindé: s., a arara azul retinto e amarelo. É a mesma Araúna. Alt. Calindé (SAMPAIO, 1928, p.179).	Zootopônimo	Simple híbrido (subst. + suf. dim. -zinho)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Capão Alto	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Cabeceira	Capão Alto	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Cabeceira	Capão Alto	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Capão Alto	Tupi + LP	Capão: caá – pão, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upión (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Capão Alto	Tupi + LP	Capão: caá – pão, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upión (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Capão Bonito	Tupi + LP	Capão: caá – pão, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upión (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Capão Leão	Tupi + LP	Capão: caá – pão, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upión (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Capim	Tupi	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). *73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Capim Scardine	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). *73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Cabeceira	Capirari	Tupi	Capivary: s. o rio das capivaras. Cidade de S. Paulo e bairro dos Campos do Jordão (BUENO, 2008, p. 93). Capivara: corr. caapiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (<i>Hydrochoerus Capybara</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 180). Capivara: s.f. [T. kapii' uara<ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u</i> , o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. Alt. Guara. V. Guara (SAMPAIO, 1987, p. 337). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural do tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im + subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Capi-Y	Tupi	Capim: corr. caapii, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125).* 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Caracará	Tupi	Caracará: carãe-carãe, o arranhador, uma espécie de gavião. Alt. Carcará (SAMPAIO, 1928, p. 180). Carã: v trans. arranhar, coçar, catar; esmiuçar; vê-se ahi car esquama ahi, r. de dente, farpa etc. Deste póde provir caracara nome de um gavião, que dão como onom. (GALVÃO, 1879, p. 68).	Zootopônimo	Simple (verb. onom.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Caracu	Tupi	Caracu: suco de aipi macaxera mastigado (BARBOSA, 1951 p. 44). Vino: câgûy; raizes, patatas, etc., caracú (MONTROYA, 1876, p. 507). Cará: corr. Carã, redondo, circular. Pode proceder de acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. (Chromis Acará). V. Acará. Designa também uma planta tuberosa (Dioscorea), como o inhame de São Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Ergotopônimo	Composto justaposto (subst. + verb.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Carajá	Karajá/ Macro-Jê	Carajá: corr. carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos. O gentio deste nome é assim apelidado pelos seus contrários em Goiás (SAMPAIO, 1928, p. 181). Cará: corr. Carã, redondo, circular. Pode proceder de acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. (Chromis Acará). V. Acará. Designa também uma planta tuberosa (Dioscorea), como o inhame de São Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá. (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Etnotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Cabeceira	Carajá	Karajá/ Macro-Jê	Carajá: corr. carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos. O gentio deste nome é assim apelidado pelos seus contrários em Goiás (SAMPAIO, 1928, p. 181). Cará: corr. Carã, redondo, circular. Pode proceder de acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. (Chromis Acará). V. Acará. Designa também uma planta tuberosa (Dioscorea), como o inhame de São Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá. (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Etnotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Carajá	Karajá/ Macro-Jê	Carajá: corr. carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos. O gentio deste nome é assim apelidado pelos seus contrários em Goiás (SAMPAIO, 1928, p. 181). Cará: corr. Carã, redondo, circular. Pode proceder de acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. (Chromis Acará). V. Acará. Designa também uma planta tuberosa (Dioscorea), como o inhame de São Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá. (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Etnotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Vicentina	Córrego	Carajá	Karajá/ Macro-Jê	Carajá: corr. carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos. O gentio deste nome é assim apelidado pelos seus contrários em Goiás (SAMPAIO, 1928, p. 181). Cará: corr. Carã, redondo, circular. Pode proceder de acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. (Chromis Acará). V. Acará. Designa também uma planta tuberosa (Dioscorea), como o inhame de São Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá. (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Etnotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Caraja Cuê	Karajá/ Macro-Jê + Guarani	Carajá: corr. carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos. O gentio deste nome é assim apelidado pelos seus contrários em Goiás (SAMPAIO, 1928, p. 181). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Carajá Cuê	Karajá/ Macro-Jê + Guarani	Carajá: corr. carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos. O gentio deste nome é assim apelidado pelos seus contrários em Goiás (SAMPAIO, 1928, p. 181). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Carandá	Tupi	Carandá: V. Caraná. (SAMPAIO, 1987, p. 217). Caraná: ou carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira <i>Corpenicia cerifera</i> , vulgo carnaúba (SAMPAIO, 1987, p. 217). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (adj. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Carandá	Tupi	Carandá: V. Caraná. (SAMPAIO, 1987, p. 217). Caraná: ou carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira <i>Corpenicia cerifera</i> , vulgo carnaúba (SAMPAIO, 1987, p. 217). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Carapan	Tupi	Carapanã: s. mosquito, pernilongo. De origem gálibi. O mesmo que muriçoca (BUENO, 2008, p. 95). Carapanã: o mesmo que mosquito; pessoa pertencente aos carapanãs, povo indígena da família tucano, que habita regiões do alto rio Negro (AM); a língua falada por esse povo; do ou ref. Ao povo dos carapanãs; da ou ref. À língua desse povo (AULETE DIGITAL).	Zootopônimo ¹⁸⁵	Não Identificada
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Carapé	Tupi	Carapé: [c.d. cará. 2, y pe. 16], Enano, corto, chico (MONTROYA, 1876, p. 91). Cara-pé: adj. (redondo chato) curto, pequeno, achatado; anão (GALVÃO, 1879, p. 69). Carapé: s. e adj. perna curta; aquela que tem pernas curtas (GALVÃO, 1879, p. 125). Carapé: fazer redondo curto, cercar; encurtar por em torno, minguar em roda (GALVÃO, 1879, p. 244). Cará: corr. carã, redondo, circular [...] (SAMPAIO, 1987, p. 216). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; casca, cortiça, crosta, escama, codea, epiderme o externo; s. caminho; adj. chato, plano, chão (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto justaposto (adj. + subst.)

¹⁸⁵ Para a classificação taxionômica do topônimo **Carapan**, por ora, foi considerada a definição de Bueno (2008, p. 95), no entanto, o topônimo apresenta duas possibilidades de classificação: zootopônimo e etnotopônimo, levando em consideração a definição do dicionário Aulete Digital.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Itaporã	Rio	Carumbé	Guarani	Carumbé: s., o macho do jabuty. Amazonas; corr. cara-mbé, o casco achatado, ou a aplainado. Designa também um cesto ou gamela de forma cônica, baixa, servindo para o transporte de minério. Alt. Caramé, Carambé, Carombé (SAMPAIO, 1928, p. 184). Cará: corr. carã, redondo, circular [...] (SAMPAIO, 1987, p. 216). Mberu: s. mosca, mosquito (pousa na pelle, ou come pelle, ou contr. De pererú que come ou pousa sobre chagas; pé casca, pi pelle, podem ser mbé , mbi) (GALVÃO, 1879, p. 229).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)
Dourados (MR 10)	Itaporã	Córrego	Carumbezinho	Guarani + LP	Carumbé: s., o macho do jabuty. Amazonas; corr. cara-mbé, o casco achatado, ou a aplainado. Designa também um cesto ou gamela de forma cônica, baixa, servindo para o transporte de minério. Alt. Caramé, Carambé, Carombé (SAMPAIO, 1928, p. 184). Cará: corr. carã, redondo, circular [...] (SAMPAIO, 1987, p. 216). Mberu: s. mosca, mosquito (pousa na pelle, ou come pelle, ou contr. De pererú que come ou pousa sobre chagas; pé casca, pi pelle, podem ser mbé , mbi) (GALVÃO, 1879, p. 229).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst.+ suf. dim. -zinho)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	Cateto	Tupi	Catête: corr. tatetú ou tãytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Tãititu: (tã i tu) adj. o que bate os dentes, nome de porcos selvagens (dicotyles), vulgo caitetús e catetos (GALVÃO, 1879, p. 475). Tãî = tãy: tãîñ s. dente, t, r, h, gu; [...] (GALVÃO, 1879, p. 474). Tatî: adj. pontcado, aguçado, que vai em poncta; vê tî ir em poncta, do qual atî no abs. Tãtî; o pref. a por causa de tî nazal torna-se â e por isso em tupi antî? (GALVÃO, 1879, p. 489).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Cateto	Tupi	Catête: corr. tatetú ou tãytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Tãititu: (tã i tu) adj. o que bate os dentes, nome de porcos selvagens (dicotyles), vulgo caitetús e catetos (GALVÃO, 1879, p. 475). Tãî = tãy: tãîñ s. dente, t, r, h, gu; [...] (GALVÃO, 1879, p. 474). Tatî: adj. pontcado, aguçado, que vai em poncta; vê tî ir em poncta, do qual atî no abs. Tãtî; o pref. a por causa de tî nazal torna-se â e por isso em tupi antî? (GALVÃO, 1879, p. 489).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Cateto	Tupi	Catête: corr. tatetú ou tãytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Tãititu: (tã i tu) adj. o que bate os dentes, nome de porcos selvagens (dicotyles), vulgo caitetús e catetos (GALVÃO, 1879, p. 475). Tãî = tãy: tãîñ s. dente, t, r, h, gu; [...] (GALVÃO, 1879, p 474). Tatî: adj. pontcado, aguçado, que vai em poncta; vê tî ir em poncta, do qual atî no abs. Tãtî; o pref. a por causa de tî nazal torna-se â e por isso em tupi antî? (GALVÃO, 1879, p. 489).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Córrego	Cateto	Tupi	Catête: corr. tatetú ou tãytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Tãititu: (tã i tu) adj. o que bate os dentes, nome de porcos selvagens (dicotyles), vulgo caitetús e catetos (GALVÃO, 1879, p. 475). Tãî = tãy: tãîñ s. dente, t, r, h, gu; [...] (GALVÃO, 1879, p 474). Tatî: adj. pontcado, aguçado, que vai em poncta; vê tî ir em poncta, do qual atî no abs. Tãtî; o pref. a por causa de tî nazal torna-se â e por isso em tupi antî? (GALVÃO, 1879, p. 489).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Cabeceira	Catingueiro	Tupi + LP	Catinga: corr. caá-tinga, o mato branco, alvacentro, especial das regiões secas do Nordeste do Brasil. Pode ainda proceder de caá-t-enga, o mato ralo, que deixa vacuos de permeio, isto é, o mato aberto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Tinga: adj. Branco, alvo, claro. Alt. Ti, Tin (SAMPAIO, 1987, p. 330).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj. + suf. -eiro)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Cabeceira	Catingueiro	Tupi + LP	Catinga: corr. caá-tinga, o mato branco, alvacentro, especial das regiões secas do Nordeste do Brasil. Pode ainda proceder de caá-t-enga, o mato ralo, que deixa vacuos de permeio, isto é, o mato aberto (SAMPAIO, 1928, p. 185). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Tinga: adj. Branco, alvo, claro. Alt. Ti, Tin (SAMPAIO, 1987, p. 330).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj. + suf. -eiro)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Caú	Tupi	Caú: v. beber vinho; caá-u, bebem <i>mate</i> (SAMPAIO, 1987, p. 220). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o <i>mate</i> . Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Ergotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Caverá	Tupi	Caverá: corr. caá-berá, a folha brilhante ou luzidia, qualidade de mate (SAMPAIO, 1928, p. 186). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o <i>mate</i> . Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Berá: corr. Beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, vera, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Caverá	Tupi	Caverá: corr. caá-berá, a folha brilhante ou luzidia, qualidade de mate (SAMPAIO, 1928, p. 186). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o <i>mate</i> . Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Berá: corr. Beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, vera, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bodoquena	Rio	Chapena	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Rio	Chapena	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Chiquilim Cuê	LP + Guarani	Cuê: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto Híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Cigarrilho-Cuê	LP + Guarani	Cuê: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ergotopônimo	Composto Híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Antônio João	Córrego	Cipó	Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Cipó	Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Cipó	Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Cipó	Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	do Cipó	LP + Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Cole-Cuê	LP + Guarani	Cuê: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Cabeceira	Conchita-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Arroio	Corá	Guarani	Korá: Cercado. Aprisco. Curral. Devesa (ARNAUD SAMPAIO, 1986, p. 91).	Ergotopônimo	Simple (subst.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Cotia	Tupi	Cútia: corr. aguti ou a-guti, o indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras. Alt. cotia (SAMPAIO, 1928, p. 195). A: s. S semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ti: [...]. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Cristiano Cuê	Tupi + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Culcho	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Culicho	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	do Culicho	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Cumundá	Tupi	Cumundá: que parece um tamanduá (FO) (TAVARES, 2004, p. 195).	Zootopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	Cupim	Tupi	Cupim: é variante de copim “copií, otérmita ou formiga branca” (SAMPAIO, 1928, p. 191).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Curé	Guarani	Curé: s. porco doméstico; g. ant. o grosso que sobra depois de peneirada a farinha (Montoya) (TIBIRIÇÁ, 1989, p.52). Cuiré: pret. de cui farelo; farinha grossa, também curér e em tupi corér, vulgo quirera (GALVÃO, 1879, p. 80). Curé = mindocuré: s. milho quebrado ou pilado; [...] (GALVÃO, 1879, p. 377).	Ergotopônimo	Simplex (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Curuaçu -Ambá	Guarani + Tupi	Curuzú: alteração da palavra - cruz - entre os guaranis; equivale ao curuçá dos tupis (SAMPAIO, 1928, p. 195). Açú: adj. grande, considerável como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1928, p. 149). Ambá: s. o conteúdo da concha; a vulva (SAMPAIO, 1928, p. 151).	Hierotopônimo	Composto Híbrido (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Curubaí	Guarani	Curubaí: mala, sarna, ó lepra. Curubaíporarahára, l. Ycurúbó, l. curubaíbó, sarnoso (MONTROYA, 1876, p. 110). Curú = curúb: s. sarna; seixos, pedras pequenas, cascalhos; também dizem corô i o que veja-se; curubai sarna má, lepra (GALVÃO, 1879, p. 84). Aí: pron. adj. e adv., por si, mesmo, (vê ae), bastante, assaz, sofrivelmente, (vê aíf), sofrível, algum tanto, pequeno (GALVÃO, 1879, p. 27).	Não Identificada	Composto justaposto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Curuhai	Guarani	Curubaí: mala, sarna, ó lepra. Curubaíporarahára, l. Ycurúbó, l. curubaíbó, sarnoso (MONTROYA, 1876, p. 110). Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124).	Não Identificada	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Curuhai	Guarani	Curubaí: mala, sarna, ó lepra. Curubaíporarahára, l. Ycurúbó, l. curubaíbó, sarnoso (MONTROYA, 1876, p. 110). Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124).	Não Identificada	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Curuhaí	Guarani	Curubaí: mala, sarna, ó lepra. Curubaíporarahára, l. Ycurúbó, l. curubaíbó, sarnoso (MONTROYA, 1876, p. 110). Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124).	Não Identificada	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Curuju	Tupi	Curu: de origem indígena; manto preparado com fibras de urtigão e usado pelos índios coroados (HOUAISS, 2009). Curu: o fragmento (SAMPAIO, 1987, p. 88). Ju: s. de yu, espinho; agulha, pois os índios se serviam de espinhos como agulha (BUENO, 2008, p. 191).	Ergotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Curuju	Tupi	Curu: de origem indígena; manto preparado com fibras de urtigão e usado pelos índios coroados (HOUAISS, 2009). Curu: o fragmento (SAMPAIO, 1987, p. 88). Ju: s. de yu, espinho; agulha, pois os índios se serviam de espinhos como agulha (BUENO, 2008, p. 191).	Ergotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Curunhaí	Guarani	Curubaí: mala, sarna, ó lepra. Curubaíporarahára, l. Ycurúbó, l. curubaíbó, sarnoso (MONTROYA, 1876, p. 110). Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124).	Não Identificada	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Curupaí	Guarani	Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124). Curupá: s.c. Curú-pá ou curú-páua, o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. Alt. Gurupá. Pará (SAMPAIO, 1987, p. 228). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. p. 345).	Litotopônimo ¹⁸⁶	Composto justaposto (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Curupaí	Guarani	Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124). Curupá: s.c. Curú-pá ou curú-páua, o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. Alt. Gurupá. Pará (SAMPAIO, 1987, p. 228). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. p. 345).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Rio	Curupaí	Guarani	Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124). Curupá: s.c. Curú-pá ou curú-páua, o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. Alt. Gurupá. Pará (SAMPAIO, 1987, p. 228). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. p. 345).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Arroio	Curupaí	Guarani	Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124). Curupá: s.c. Curú-pá ou curú-páua, o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. Alt. Gurupá. Pará (SAMPAIO, 1987, p. 228). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. p. 345).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

¹⁸⁶ O topônimo **curupaí** apresenta duas possibilidades de classificação taxionômica, uma designa plantas (fitotopônimo) e a outra uma espécie de banco de pedregulhos (litotopônimo), por ora, optamos pela sugestão de Sampaio (1987, p. 228 e 345).

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Curupaízi nho	Guarani + LP	Curupaí: s.m. Var.: curupai [< T. Kurupa'i; variedade de angico (CUNHA, 1999, p. 124). Curupá: s.c. Curú-pá ou curú-páua, o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. Alt. Gurupá. Pará (SAMPAIO, 1987, p. 228). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, p. p. 345).	Litotopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Curupιά	Tupi	Curupιά: árvore de até 6 m (Celtisglycicarpa), da fam. das ulmáceas, nativa do Brasil (RJ até RS), de folhas alternas, e drupas amarelas comestíveis, cuja madeira é leve, macia e compacta; espora-de-galo, fruta-de-galo, gurupιά, juá-grande (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Curussu- Ambá	Guarani + Tupi	Curuzú: alteração da palavra - cruz - entre os guaranis; equivale ao curuçá dos tupis (SAMPAIO, 1928, p. 195). Açú: adj. grande, considerável como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçú (SAMPAIO, 1928, p. 149). Ambá: s. o conteúdo da concha; a vulva (SAMPAIO, 1928, p. 151).	Hierotopônimo	Composto Híbrido (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Curussu- Ambá	Guarani + Tupi	Curuzú: alteração da palavra - cruz - entre os guaranis; equivale ao curuçá dos tupis (SAMPAIO, 1928, p. 195). Açú: adj. grande, considerável como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçú (SAMPAIO, 1928, p. 149). Ambá: s. o conteúdo da concha; a vulva (SAMPAIO, 1928, p. 151).	Hierotopônimo	Composto Híbrido (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Daicuai	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Daicuai	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Dalcuri	Não Identificada	curi = cori = curí: adj. por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora; por pouco, um nada; adj. com pressa, apressado; instante, urgente, s. momento, instante [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Destino- Cué	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Animotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Destino-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Animotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Dinarte Cuê	Grego + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Dinarte Cuê	Grego + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Diogo-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Angélica	Rio	Felix-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Deodápolis	Rio	Felix-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Garaguatá	Tupi	Caraguatá: corr. carauá-tã, o carauá rijo, duro (SAMPAIO, 1928, p.181). Carauá: corr. cará-uã, talo armado de espinhos, nervura farpada; bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. Alt. Crauá (SAMPAIO, 1928, p. 182). Antã: adj. Forte, duro, rijo. Alt. Atã (SAMPAIO, 1987, p. 195).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Gavino-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Genipapo	Tupi	Genipapo: corr. yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe – yand-ipab e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo yandi ou nhandi exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final ipab é o composto de ibápab, contracto em í-pab, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos (SAMPAIO, 1928, p. 202).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Gerorê	Tupi	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Geverê	Tupi	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Itaporã	Córrego	Guabiroba	Tupi	Guabiroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Angélica	Rio	Guabiru	Tupi	Guabirú: corr. guabí-r-ú, o que devora o mantimento; o rato [Mus lectorum]. Alt. Guaybirú, Guamirú (SAMPAIO, 1928, p. 205). Guabiru: s. rato em tupi, pois em guarani é mais usado anguyá e arurú; guabiru poderá ser guab porú que devora a comida? [...] (GALVÃO, 1879, p. 130). Guabí: pref. para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos [...] (SAMPAIO, 1987, p. 235). Guab: part. de u comer: o em que, como, quando se come; varios verbos compostos de u ou terminados em u e e também formam este part. em guab (GALVÃO, 1879, p. 130). Porú: v. abs. De u comer; adj. comedor, devorador; s. como gente, (come o que ha?) antropófago (GALVÃO, 1879, p. 422). U: Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Simple (pref. + verb.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçu: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oacu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Guaçu	Tupi	Guaçu: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oacu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Angélica	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçu: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oacu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçu: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oacu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Arroio	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Cabeceira	Guaçu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Guaçu (2)	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çooó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Composto (adj. + num.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Guaçu-Grande	Tupi + LP	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çooó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Composto híbrido (adj. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Guaçu-Grande	Tupi + LP	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çooó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Composto híbrido (adj. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Guacuri	Tupi	Guacuri: sm. Espécie de palmeira. Do tupi ïuaku'ri (CUNHA, [1924-1999] 2010, p. 326). Bacuri: fruto da palmeira do mesmo nome, de ybácuri, que dá frutos depressa (BUENO, 2008, p. 69). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (1987, p. 346). Curí: corr. Curĩ, o pinhão, fruto do pinheiro (<i>Araucaria brasiliensis</i>) (SAMPAIO, 1987, p. 227).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Guacuri	Tupi	Guacuri: sm. Espécie de palmeira. Do tupi ïuaku'ri (CUNHA, [1924-1999] 2010, p. 326). Bacuri: fruto da palmeira do mesmo nome, de ybácuri, que dá frutos depressa (BUENO, 2008, p. 69). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (1987, p. 346). Curí: corr. Curĩ, o pinhão, fruto do pinheiro (<i>Araucaria brasiliensis</i>) (SAMPAIO, 1987, p. 227).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Guaçuri	Tupi	Guacuri: sm. Espécie de palmeira. Do tupi ïuaku'ri (CUNHA, [1924-1999] 2010, p. 326). Bacuri: fruto da palmeira do mesmo nome, de ybácuri, que dá frutos depressa (BUENO, 2008, p. 69). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (1987, p. 346). Curí: corr. Curĩ, o pinhão, fruto do pinheiro (<i>Araucaria brasiliensis</i>) (SAMPAIO, 1987, p. 227).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Rio	Guaembeperi	Guarani	Guaimbé: bot. planta da fam. das aráceas; m. q. íssípó-imbé (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 55). Imbé: s. (arvore que se-arrasta) planta rasteira, trepadeira, nome do Philodendron chamado em guarani guembé, onde gu é pron. (talvez por co), em por im=íb, e bé fica ou hé pende; também se-apresenta na fôrma guaimbe talvez por iua (Iba) i sobre arvores be fica (GALVÃO, 1879, p. 203). Piri: s. junco, esteira de junco; o primitivo deve ser esteira, o que se-estende, der. de pir pelle, couro, com um suff. ou só com a posp. í, que já se-presta à significação (GALVÃO, 1879, p. 381).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb. + subst.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Rio	Guaembeperi	Guarani	Guaimbé: bot. planta da fam. das aráceas; m. q. íssípó-imbé (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 55). Imbé: s. (arvore que se-arrasta) planta rasteira, trepadeira, nome do Philodendron chamado em guarani guembé, onde gu é pron. (talvez por co), em por im=íb, e bé fica ou hé pende; também se-apresenta na fôrma guaimbe talvez por iua (Iba) i sobre arvores be fica (GALVÃO, 1879, p. 203). Piri: s. junco, esteira de junco; o primitivo deve ser esteira, o que se-estende, der. de pir pelle, couro, com um suff. ou só com a posp. í, que já se-presta à significação (GALVÃO, 1879, p. 381).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Guai	Tupi	Guahy: corr. guá-y, água em seio, enseada, bahia (SAMPAIO, 1928, p. 206). Guai: s. De gua-y. Enseada (BUENO, 2008, p. 135). Guá: o vale, a bacia, o seio; kûá (abrandado gûá) é enseada [...] (SAMPAIO, 1987, p. 83). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Guai-Cuê	Tupi + Guarani	Guahy: corr. guá-y, água em seio, enseada, bahia (SAMPAIO, 1928, p. 206). Guai: s. De gua-y. Enseada (BUENO, 2008, p. 135). Guá: o vale, a bacia, o seio; kûá (abrandado gûá) é enseada [...] (SAMPAIO, 1987, p. 83). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. p. 345). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Guaí-Cuê	Tupi + Guarani	Guahy: corr. guá-y, água em seio, enseada, bahia (SAMPAIO, 1928, p. 206). Guai: s. De gua-y. Enseada (BUENO, 2008, p. 135). Guá: o vale, a bacia, o seio; kûá (abrandado gûá) é enseada [...] (SAMPAIO, 1987, p. 83). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. p. 345). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Guaimbé	Guarani	Guaimbé: bot. planta da fam. das aráceas; m. q. ãssípó-imbé (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 55). Imbé: s. (arvore que se-arrasta) planta rasteira, trepadeira, nome do Philodendron chamado em guarani guembé, onde gu é pron. (talvez por co), em por im=íb, e bé fica ou hé pende; também se-apresenta na fôrma guaimbe talvez por iua (Iba) i sobre arvores be fica (GALVÃO, 1879, p. 203).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Guaivira	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Guaivirá	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (pref. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Guaivirá	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Guajuvira	Guarani	Guajuvira: bot. árvore da família das timeliáceas (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 56). Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba, ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Guajuvirá	Guarani	Guajuvira: bot. árvore da família das timeliáceas (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 56). Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba, ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Rio	Guambeperi	Guarani	Guaimbé: bot. planta da fam. das aráceas; m. q. íssípó-imbé (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 55). Imbé: s. (arvore que se-arrasta) planta rasteira, trepadeira, nome do Philodendron chamado em guarani guembé, onde gu é pron. (talvez por co), em por im=ífb, e bé fica ou hé pende; também se-apresenta na fôrma guaimbe talvez por iua (Iba) i sobre arvores be fica (GALVÃO, 1879, p. 203). Piri: s. junco, esteira de junco; o primitivo deve ser esteira, o que se-estende, der. de pir pelle, couro, com um suff. ou só com a posp. í, que já se-presta à significação (GALVÃO, 1879, p. 381).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + verb. + subst.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Guanandi	Tupi	Guanandi: corr. guá-nhandi, o que é crudento; alusão ao líquido glutinoso e visguento, de um amarelo fino, que tem a árvore deste nome [...] (SAMPAIO, 1928, p. 207). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba, ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Nhandi: s.c. Nhã-dí, a seiva, o líquido que escorre; o óleo, o látex, o grude (SAMPAIO, 1987, p. 289).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (verb. + suf. -aba + subst.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Guanandyzinhho	Tupi + LP	Guanandi: corr. guá-nhandi, o que é crudento; alusão ao líquido glutinoso e visguento, de um amarelo fino, que tem a árvore deste nome [...] (SAMPAIO, 1928, p. 207). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba, ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Nhandi: s.c. Nhã-dí, a seiva, o líquido que escorre; o óleo, o látex, o grude (SAMPAIO, 1987, p. 289).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (verb. + suf. -aba + subst. + suf. -zinhho)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Guapapã	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Guapeí	Tupi	Aguapehy: s.c aguapé-y, o rio dos guapés. V. Aguapé (SAMPAIO, 1928, p. 149). Aguapé: s.c. Aguá-pe, coisa redonda e chata; a planta vulgarmente chamada guapé, guapéba, guapéva, que cobre a superfície dos lagos e das águas remansadas (Nymphéa) (SAMPAIO, 1987, p. 191). Guapé: c. Gua-apé, o que serve de caminho; alusão às folhas desta planta que cobrem a superfície das águas estagnadas e dão caminho às aves. Pode ser também corrupção de guá-peba, o que é chato ou plano. Alt. Aguapé (SAMPAIO, 1987, p. 236-237). i/í/y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Rio	Guará	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Rio	Guará	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É frequente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Guará	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208).	Zootopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Guaraguará	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Guaraí	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208). Guarahy: c. Guará-y, o rio dos guarás, ou aves rubras. (Ibis); no rio das garças (SAMPAIO, 1987, p. 238). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Rio	Guaraí	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208). Guarahy: c. Guará-y, o rio dos guarás, ou aves rubras. (Ibis); no rio das garças (SAMPAIO, 1987, p. 238). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Guaraí	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208). Guarahy: c. Guará-y, o rio dos guarás, ou aves rubras. (Ibis); no rio das garças (SAMPAIO, 1987, p. 238). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Rio	Guaraí	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208). Guarahy: c. Guará-y, o rio dos guarás, ou aves rubras. (Ibis); no rio das garças (SAMPAIO, 1987, p. 238). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Rio	Guaraí	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208). Guarahy: c. Guará-y, o rio dos guarás, ou aves rubras. (Ibis); no rio das garças (SAMPAIO, 1987, p. 238). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Vicentina	Rio	Guaraí	Tupi	Guará: s., a garça vermelha, a ave aquática. É freqüente a troca de guirá, pássaro, ave, por guará (SAMPAIO, 1928, p. 208). Guarahy: c. Guará-y, o rio dos guarás, ou aves rubras. (Ibis); no rio das garças (SAMPAIO, 1987, p. 238). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Guararema	Tupi + LP	Guararema: corr. guará-r-ema, a madeira fétida; é o chamado pau d' alho [...], com a sua casca rescendente a alho (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. de ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá. No Sul do Brasil, é afixo na denominação das madeiras. Como sufixo, indica procedência, nacionalidade (SAMPAIO, 1987, p. 237). Rêma = ybarê: s. fructo fétido; arvore fétida; em tupi designa "alho" (GALVÃO, 1879, p. 187).	Fitotopônimo	Simplex com acomodação fonética (pref. guara- + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Rio	Guareí	Tupi	Guarehy: corr. guarí-y, o rio das guaribas ou macacos. V. Guariba (SAMPAIO, 1987, p. 239). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	Guariaba	Tupi	Guariba: corr. guar-ayba, o indivíduo feio; a gente ruim. Designa uma casta de macacos [Myceles] Alt. Guariva, Guari (SAMPAIO, 1928, p. 210). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Angélica	Córrego	Guariba	Tupi	Guariba: corr. guar-ayba, o indivíduo feio; a gente ruim. Designa uma casta de macacos [Myceles] Alt. Guariva, Guari (SAMPAIO, 1928, p. 210). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Angélica	Córrego	Guaribu	Tupi	Guariba: corr. guar-ayba, o indivíduo feio; a gente ruim. Designa uma casta de macacos [Myceles] Alt. Guariva, Guari (SAMPAIO, 1928, p. 210). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Douradina	Córrego	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Guariroba	Tupi	Guariroba: corr. guará-iroba, o indivíduo amargo; o pau amargoso, é uma espécie de palmito (SAMPAIO, 1928, p. 210). Guara: s. verb. De ú ou gú, comer, beber. Guara, o mesmo que uara, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. Alt. Guá, Guar, Quá (SAMPAIO, 1987, p. 237). Ariroba: V. ariró. (SAMPAIO, 1987, p. 201). Ariró: s. corr. Airí-ró, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (airí-r-oba) (SAMPAIO, 1987, p. 201).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Guassu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçú, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Guassu	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çooó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simplex (adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Guassuri	Tupi	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çooó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Cabeceira	Guatapará	Tupi	Guatapará: adj. Que tem o pelo manchado, variegado. De guátabará (BUENO, 2008, p. 139). Guatapará: corr. Guá-tabará, o que tem pelo manchado, variegado (SAMPAIO, 1987, p. 239). Guatá = guatár: v. intr. Andar, caminhar; faltar; vê atár [...] (GALVÃO, 1879, p. 136). Sabará: amt. Tabará, de que se fez Tabaraboçú, como se vê em velhos documentos. Tabará é a forma contrata de itabaraba, Itaberaba que é itá-beraba, a pedra reluzente, o cristal (SAMPAIO, 1987, p. 310). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Não Identificada	Composto justaposto com acomodação fonética (verb. + adj.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Cabeceira	do Guatapará	LP + Tupi	Guatapará: adj. Que tem o pelo manchado, variegado. De guátabará (BUENO, 2008, p. 139). Guatapará: corr. Guá-tabará, o que tem pelo manchado, variegado (SAMPAIO, 1987, p. 239). Guatá = guatár: v. intr. Andar, caminhar; faltar; vê atár [...] (GALVÃO, 1879, p. 136). Sabará: amt. Tabará, de que se fez Tabaraboçú, como se vê em velhos documentos. Tabará é a forma contrata de itabaraba, Itaberaba que é itá-beraba, a pedra reluzente, o cristal (SAMPAIO, 1987, p. 310). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Não Identificada	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + verb. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Arroio	Guavirá	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Guavirá	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Guavirá	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Guavirá	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Guavirá	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Guavirá	Guarani	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (pref. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Guaviraí	Guarani + Tupi	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (pref. + adj. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Guaviral	Guarani + LP	Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética (pref. + adj. + suf. -al)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Guaxupé	Tupi	Guaxupé: corr. gua-exú-pé, é uma casta de abelhas que faz ninho dentro da terra. Alt. axupé, exupé (SAMPAIO, 1928, p. 211). Exú: corr. Eichú ou eira-chú, abelha-negra, a que faz um ninho rugoso, áspero. Alt. Enxú, Inchú. Ceará. Pernambuco (SAMPAIO, 1987, p. 231). Pé: s. caminho; chão [...] (GALVÃO, 1879, p. 364).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Guçuvirá	Guarani	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-suaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçú, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçú, uçú (SAMPAIO, 1987, p. 235). Virá: corr. Birã ou pirã, formas contratas de piranga, vermelho, rubro, pardo. É nome abreviado de uma casta de veados suassubirá ou mais corretamente çoó-assú-birã, o veado-vermelho. Pode ser corrupção de berá, brilhante, luzidio, lustroso e também corrupção de uirá, pássaro (SAMPAIO, 1987, p. 344).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Guçuvirá	Guarani	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-suaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçú, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçú, uçú (SAMPAIO, 1987, p. 235). Virá: corr. Birã ou pirã, formas contratas de piranga, vermelho, rubro, pardo. É nome abreviado de uma casta de veados suassubirá ou mais corretamente çoó-assú-birã, o veado-vermelho. Pode ser corrupção de berá, brilhante, luzidio, lustroso e também corrupção de uirá, pássaro (SAMPAIO, 1987, p. 344).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Rio	Guirai	Tupi	Guirá: s. A ave, o pássaro. Alt. uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hura, huirá, ará, ourá (SAMPAIO, 1987, p. 241). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Rio	Guirai	Tupi	Guirá: s. A ave, o pássaro. Alt. uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hura, huirá, ará, ourá (SAMPAIO, 1987, p. 241). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Juti	Rio	Guirai	Tupi	Guirá: s. A ave, o pássaro. Alt. uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hura, huirá, ará, ourá (SAMPAIO, 1987, p. 241). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Navirai	Rio	Guirai	Tupi	Guirá: s. A ave, o pássaro. Alt. uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hura, huirá, ará, ourá (SAMPAIO, 1987, p. 241). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Guiriri	Tupi	Guriri: De guri, bagre, y, rio (BUENO, 2008, p. 143). Guriry: c. Gurí-ry, o rio dos bagres. V. Gurí (SAMPAIO, 1987, p. 242). Gurí: corr: Guiri, o bagre. É o tratamento que, no Sul do Brasil, dão aos meninos; mas, neste caso, o vocábulo pode proceder da corrupção de guîrî, que é o mesmo que pequeno, criança. Rio Grande do Sul (SAMPAIO, 1987, p. 242). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Guju Mirim	Tupi	Guyjú: s. Grilo (BUENO, 2008, p. 143). Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, míudo; adv. um pouco. Alt. miri, mi, mini, im, i (SAMPAIO, 1928, p. 266).	Zootopônimo	Composto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Guju-Mirim	Tupi	Guyjú: s. Grilo (BUENO, 2008, p. 143). Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, míudo; adv. um pouco. Alt. miri, mi, mini, im, i (SAMPAIO, 1928, p. 266).	Zootopônimo	Composto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Gujuvirá	Guarani	Guajuvira: bot. árvore da família das timeliáceas (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 56). Guavira: (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens (ASSIS, 2008, p. 108). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba, ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Guabí: pref. Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também Guami (SAMPAIO, 1987, p. 235). Rób: v. adj. amargo, ser amargo, amargar [...] (GALVÃO, 1879, p. 453). Guabiroba: c. Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava. [...]. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Fitotopônimo	Simplex com acomodação fonética (pref. + adj.)
Dourados (MR 10)	Juti	Rio	Gurupaí	Guarani	Curupá: s. c. Curú-pá ou curú-páua, o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. Alt. Gurupá (SAMPAIO, 1987, p. 228). Curú = curúb: s. sarna; seixos, pedras pequenas, cascalhos; também dizem corôi o que veja-se; curubaí sarna má, lepra (GALVÃO, 1879, p. 84). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Gurupaí	Guarani	Curupá: s. c. Curú-pá ou curú-páua, o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. Alt. Gurupá (SAMPAIO, 1987, p. 228). Curú = curúb: s. sarna; seixos, pedras pequenas, cascalhos; também dizem corôi o que veja-se; curubaí sarna má, lepra (GALVÃO, 1879, p. 84). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Humaitá	Tupi	Humaitá: corr. mbaitá, o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca. Nome da famosa fortaleza à margem esquerda do rio Paraguai, que tão importante papel representou na guerra da Tríplice Aliança, de 1864 a 1870 (SAMPAIO, 1928, p. 215). Mbaitá: s. espécie de papagaios (Psittacus); de mboe-etá dizer muito? como mboé é trans. pode se-suppor nemboetá o que falla muito, e a queda da primeira syllaba é cousa que se-dá a cada passo em grande numero de dicções (GALVÃO, 1879, p. 227). Mboé: v. trans. Fazer dizer; dictar, declarar, mandar, ensinar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 246). Ta e tâ: v. intr. Abundar, ser muito ou multiplicado [...] de etá adj. muito, [...] (GALVÃO, 1879, p. 467).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + adv.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Iandejara	Guarani	Iandeyara: s. Nosso Senhor (Jesus Cristo) de Iandé (de nós, nosso) –Yara, Senhor (BUENO, 2008, p. 151). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Hierotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (pron. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Iari	Tupi	Yari: adj. Largo, folgado, não apertado (BUENO, 2008, p. 394). Yarí: neg. (de yar) adj. não pegado, não aderente; largo, fofo, folgado (GALVÃO, 1879, p. 573). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (adj. neg. + subst.)
Dourados (MR 10)	Itaporã	Córrego	Iari	Tupi	Yari: adj. Largo, folgado, não apertado (BUENO, 2008, p. 394). Yarí: neg. (de yar) adj. não pegado, não aderente; largo, fofo, folgado (GALVÃO, 1879, p. 573). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (adj. neg. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Ibicui	Tupi	Ibicuí: corr. Yby-cuí, a terra fina.; a areia; o pó. Alt. ubucuí, bucuí (SAMPAIO, 1928, p. 218). Yby: s. A terra, o solo, o chão, o mundo. Alt. ubu, bu, bo, ibi, bi, vi, vu, vo (SAMPAIO, 1987, p. 346). Cuí: s. a farinha; o pó. Alt. cuy, uy (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Litotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Ibicuí	Tupi	Ibicuí: corr. Yby-cuí, a terra fina.; a areia; o pó. Alt. ubucuí, bucuí (SAMPAIO, 1928, p. 218). Yby: s. A terra, o solo, o chão, o mundo. Alt. ubu, bu, bo, ibi, bi, vi, vu, vo (SAMPAIO, 1987, p. 346). Cuí: s. a farinha; o pó. Alt. cuy, uy (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Litotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Ibicuí	Tupi	Ibicuí: corr. Yby-cuí, a terra fina.; a areia; o pó. Alt. ubucuí, bucuí (SAMPAIO, 1928, p. 218). Yby: s. A terra, o solo, o chão, o mundo. Alt. ubu, bu, bo, ibi, bi, vi, vu, vo (SAMPAIO, 1987, p. 346). Cuí: s. a farinha; o pó. Alt. cuy, uy (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Litotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Ibicuí	Tupi	Ibicuí: corr. Yby-cuí, a terra fina.; a areia; o pó. Alt. ubucuí, bucuí (SAMPAIO, 1928, p. 218). Yby: s. A terra, o solo, o chão, o mundo. Alt. ubu, bu, bo, ibi, bi, vi, vu, vo (SAMPAIO, 1987, p. 346). Cuí: s. a farinha; o pó. Alt. cuy, uy (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Litotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Ibicuí	Tupi	Ibicuí: corr. Yby-cuí, a terra fina.; a areia; o pó. Alt. ubucuí, bucuí (SAMPAIO, 1928, p. 218). Yby: s. A terra, o solo, o chão, o mundo. Alt. ubu, bu, bo, ibi, bi, vi, vu, vo (SAMPAIO, 1987, p. 346). Cuí: s. a farinha; o pó. Alt. cuy, uy (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Litotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Ibicuí	Tupi	Ibicuí: corr. Yby-cuí, a terra fina.; a areia; o pó. Alt. ubucuí, bucuí (SAMPAIO, 1928, p. 218). Yby: s. A terra, o solo, o chão, o mundo. Alt. ubu, bu, bo, ibi, bi, vi, vu, vo (SAMPAIO, 1987, p. 346). Cuí: s. a farinha; o pó. Alt. cuy, uy (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Litotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Ibirá Peteim	Tupi	Ibirá: corr. Ybyrá, o pau, a árvore, a madeira, o tronco, toro, viga, vara. Alt. Imirá, myrá, byrá, mará, pará burá, uará, vará (SAMPAIO, 1987, p. 244). Petái: s.f. var. petai - a casca que arde ou pica na boca, ao paladar. B. Caetano exemplifica: ibirápetái: a árvore da casca picante, a canela (BUENO, 2008, p. 270). Petái: v. pau de casca acre, canella; daqui ibirapétaiib canelleira; ibirapetái cui pó de canella (GALVÃO, 1879, p. 194).	Fitotopônimo	Composto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Ibiru	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Icaraf	Tupi	Icarahy: corr. y-caray, a água santa; a água benta (SAMPAIO, 1928, p. 221). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Caray: [...] é usada no sentido de branco, europeu, cristão, home batizado ... senhor. Em tupi carayba quer dizer bento, santo, anjo [...]. (GALVÃO, 1879, p. 69).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Iguaçu	Tupi	Iguaçu: rio, Cataratas e loc. Do Paraná, na divisa do Brasil e Argentina; de y-guassu, rio grande (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; [...]. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçu, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Iguaçu	Tupi	Iguaçu: rio, Cataratas e loc. Do Paraná, na divisa do Brasil e Argentina; de y-guassu, rio grande (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; [...]. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçu, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Iguaçu	Tupi	Iguaçu: rio, Cataratas e loc. Do Paraná, na divisa do Brasil e Argentina; de y-guassu, rio grande (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; [...]. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçu, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Iguapeí	Tupi	Iguape: corr. yguá-pe, no lagamar, na baía fluvial. Bahia, São Paulo (SAMPAIO, 1928, p. 222). Iguape: no bebedouro, o lugar em que se bebe, ou há bebedouro (GALVÃO, 1879, p. 201). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’água, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’água (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se frases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Japorã	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’água, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’água (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’água, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’água (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’água, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’água (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pemi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’água, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’água (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pembi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pembi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pembi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Rio	Iguatemi	Tupi	Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58). Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pembi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Cabeceira	do Iguatemi	LP + Tupi	<p>Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58).</p> <p>Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pembi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).</p>	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Cabeceira	do Iguatemi	Tupi	<p>Iguatemi: “ygua-(ba) - temby, restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigo bebedouro” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 58).</p> <p>Iguatemi: s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De iguá, enseada, baía; temi, alteração de pembi, timbi, Verde escuro (BUENO, 2008, p. 161). Igua = iquar: s. poço, buraco d’agua, poça; poço, ancoradouro, porto. Iguaa: s. seio ou emseada de rio, angra, bahia, seio d’agua (GALVÃO, 1879, p. 201). Tembi = temi: part. pass. com o pref. abs. Te, que se muda em re, he, gue; [...]. Quando a estes part. de ajuncta a posp. de subj. formam-se phrases adv. (ablativo absoluto latino) (GALVÃO, 1879, p. 306).</p>	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adv.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Iguirá Moriti	Guarani + Tupi	<p>Iguirá: s. pau, árvore. V. îvîrá (TIBIRIÇÁ, 1989, 72).</p> <p>Morotim: corr. Moro-ti, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo ti ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269).</p>	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Iguirá Morotim	Guarani + Tupi	<p>Iguirá: s. pau, árvore. V. îvîrá (TIBIRIÇÁ, 1989, 72).</p> <p>Morotim: corr. Moro-ti, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo ti ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269).</p>	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Imbirá	Tupi	Imbira: corr. y-mbyra, a pele da árvore; a casca da árvore; a fibra da entre casca. Alt. Embira (SAMPAIO, 1928, p. 223).	Fitotopônimo	Simplex com acomodação fonética (subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Ingá	Tupi	Ingá: corr. y-igá, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. Engá, Angá (SAMPAIO, 1928, p. 223). Igá: Empapado, y trasminarse. <i>Yîgá</i> , trasminase (MONTTOYA, 1876, p. 173). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Ingá	Tupi	Ingá: corr. y-igá, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. Engá, Angá (SAMPAIO, 1928, p. 223). Igá: Empapado, y trasminarse. <i>Yîgá</i> , trasminase (MONTTOYA, 1876, p. 173). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Inhambucum	Tupi	Inhambú: corr. y-nhã-bú, a que sai com estrondo; ou que surge com estrepido. V. Inambú (SAMPAIO, 1987, p. 249). Inambú: corr. Y-nhã-bú, a que corre a prumo, ou se levanta a prumo, a perdiz. Pode proceder o vocábulo de y-am-bu, significando a que se levanta com estrépido, estrondando. Alt. Nambú, Inambú (SAMPAIO, 1987, p. 249).	Zootopônimo	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Invaum	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Ipané	Guarani	Ipané: forma guarani de Ipanema. V. ipanema. Ipanema: corr. Y-panema, a água ruim, imprestável; o rio sem peixe, ou ruim para a pesca. Alt. Ipane (SAMPAIO, 1928, p. 225). Īpané: rio sin pescado (MONTTOYA, 1876, p. 261). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Panema: adj. Ruim, imprestável, inútil; infeliz, mal sucedido; pobre, falho, estéril. No tupi-guarani, Pané.	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	do Ipê	LP + Tupi	Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda [Tecomalπέ] (SAMPAIO, 1928, p. 225).	Fitotopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Cabeceira	Ipebum	Tupi	Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda [Tecomalπέ] (SAMPAIO, 1928, p. 225). Hũ: adj. negro, negra (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 70).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Ipehum	Tupi	Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda [Tecomalπέ] (SAMPAIO, 1928, p. 225). Hũ: adj. negro, negra (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 70).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Ipeiçu	Tupi	Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda [Tecomalπέ] (SAMPAIO, 1928, p. 225). Hũ: adj. negro, negra (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 70).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Ipejbu	Tupi	Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda [Tecomalπέ] (SAMPAIO, 1928, p. 225). Hũ: adj. negro, negra (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 70).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Ipoi	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Ipoi	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Ipoí	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Ipoí	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Ipoí	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Ipoí	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Ipona	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Ilha	Iporã	Tupi	y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Porã: adj. bonito, belo, formoso. Var. poranga (BUENO, 2008, p. 285). Iporanga: s. água, rio bonito, de rio, água; poranga, bonito (BUENO, 2008, p. 165).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Ipuí-pucu	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Pucu: adj. Comprido; alto (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 150).	Hidrotopônimo	Composto (subst. + subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Ipuí-pucu	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Pucu: adj. Comprido; alto (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 150).	Hidrotopônimo	Composto (subst. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Ipuitã	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Ipuitã	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Ipuitã	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Cabeceira	Ipyta	Tupi	Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Deodápolis	Córrego	Iretan	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Deodápolis	Córrego	Iretan	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Córrego	Iretan	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Capão	Islã Augusto - Cuê	Arabe + LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Capão	Islã Guaçu	Árabe+ Guarani	Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçú, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçú, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Antônio João	Córrego	Ita	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Ita	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Ita	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Cabeceira	Ita	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Itá	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Itá	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Rio	Itá	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Itá	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Itá	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Itá	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Simple (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Itaceriri	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Cerí: adj. pouco. Adv. um pouco, por pouco, quase [...] (GALVÃO, 1879, p. 92).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + adv.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Itacuru	Tupi	Itacuruba: c. itá-curuba, o fragmento de pedra, o matacão, o seixo, o cascalho. Alt. Itacurú, Tacuruba, Tacuruva (SAMPAIO, 1987, p. 255). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Curú = curúb: s. sarna; seixos, pedras pequenas, cascalhos; também dizem corôï o que veja-se; curubai sarna má, lepra (GALVÃO, 1879, p. 84).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Itaipá	Tupi	Itaipava: corr. itaí-paba, a estância ou pouso do pedregulho; o banco de seixos ou de cascalhos, formando travessão no leito dos rios. V. Itahim (SAMPAIO, 1928, p. 231). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Ypaba: c. Y-paba, a estância ou parada d'água; a água confinada, limitada; a lagoa. Alt. Ipaba, Upaba, Upá, Upava, Pav (SAMPAIO, 1987, P. 346).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Itaipu	Tupi	Itaipú: corr. itá-ypú, a fonte das pedras; o manancial saído da pedra ou do rochedo (SAMPAIO, 1928, p. 231).	Litotopônimo	Composto justaposto
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Itaipu	Tupi	Itaipú: corr. itá-ypú, a fonte das pedras; o manancial saído da pedra ou do rochedo (SAMPAIO, 1928, p. 231). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Ipú: c. y-pú, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro (SAMPAIO, 1928, 227).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Ita-Porã	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Porã: adj. bonito, belo, formoso. Var. poranga (BUENO, 2008, p. 285).	Litotopônimo	Composto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Porto	Itapupó	Tupi + Espanhol	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).	Litotopônimo	Composto justaposto Híbrido (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Itaqueraí	Tupi + Guarani + Tupi	<p>Itaquera: s.f. se tomar itá, pedra; coera, cuera, goera como indicante aquilo que já foi e não o é mais, itaquera será a pedreira abandonada. Se tornarmos cuera como sufixo do plural, muito usado no guarani, será então pedreira, pedras (BUENO, 2008, p. 173). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).</p>	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Ilha	Itaqueraí	Tupi + Guarani	<p>Itaquera: s.f. se tomar itá, pedra; coera, cuera, goera como indicante aquilo que já foi e não o é mais, itaquera será a pedreira abandonada. Se tornarmos cuera como sufixo do plural, muito usado no guarani, será então pedreira, pedras (BUENO, 2008, p. 173). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).</p>	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Itaqui	Tupi	<p>Itaky: escrito comumente Itaquy; c. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar (SAMPAIO, 1928, p. 231). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229).</p>	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Itaquiraí	Tupi + Guarani	Itaquera: s.f. se tomar itá, pedra; coera, cuera, goera como indicante aquilo que já foi e não o é mais, itaquera será a pedreira abandonada. Se tornarmos cuera como sufixo do plural, muito usado no guarani, será então pedreira, pedras (BUENO, 2008, p. 173). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj. + subst.)
Dourados (MR 10)	Itaporã	Córrego	Itaquiri	Tupi + Guarani	Itaky: escrito comumente Itaquy; c. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar (SAMPAIO, 1928, p. 231). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Ry: líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008, p. 304).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Itari	Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Ry: líquido, água corrente, manate (BUENO, 2008, p. 304).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Itaverá	Tupi + Guarani	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Verá: brilho, luminosidade, fulgor, claridade, luz, lucidez (ASSIS, 2008, p. 411). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Litotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Itororó	Tupi	Itororó: s.m. o rio rumorejante, o jorro d'água que faz barulho. Nome de um córrego existente na capital de S. Paulo. De y, água, rio; tororo, barulhento (BUENO, 2008, p. 175).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Iva Um	Tupi + Guarani	Ibá: s. fruto, fruta, frutífera (BUENO, 2008, p. 152). Hũ: adj. negro, negra (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 70).	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Ivaé	Tupi	Não Identificada	Não Identificada	Simplex (Não Identificada)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Ivaé-Mi	Tupi	Mí: apertar (e outros signif.) vê mombî, mbopî (GALVÃO, 1879, p. 285).	Não Identificada	Composto (Não Identificada)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Ivaé-Mi	Tupi	Mí: apertar (e outros signif.) vê mombî, mbopî (GALVÃO, 1879, p. 285).	Não Identificada	Composto (Não Identificada)
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Rio	Ivenhema	Tupi	Ivinheima: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244). * 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simples aglutinado com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)
Iguatemi (MR 11)	Angélica	Rio	Ivinhema	Tupi	Ivinheima: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244). * 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simples aglutinado com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Rio	Ivinhema	Tupi	Ivinheima: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244). * 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simples aglutinado com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Rio	Ivinhema	Tupi	Ivinheima: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244). * 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simples aglutinado com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Jateí	Rio	Ivinhema	Tupi	Ivinhema: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244). * 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simples aglutinado com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Rio	Ivinhema	Tupi	Ivinhema: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244). * 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simples aglutinado com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Rio	Ivinhema	Tupi	Ivinhema: Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas (SAMPAIO, 1987, p. 262). Ibí: corr. Yby, a terra, o solo, o chão. Alt. ubú, bú, bo (SAMPAIO, 1987, p. 244). * 34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos ima ou eíma, como: [...] não, sem – eyma [...] (SAMPAIO, 1987, p. 95).	Hidrotopônimo	Simples aglutinado com acomodação fonética (subst. + suf. -eíma)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Morro	Jabuti	Tupi	Jabuti: corr. ya-u-ti, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, ‘criando-se pelos pés das árvores sem ir à água’. O vocábulo admite outra interpretação, como composto de y-abú-ti, traduzindo-se, o que nada respira, ou tem fôlego tenaz (SAMPAIO, 1928, p. 239-240). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d’água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb. Subst./adv.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Jabuti	Tupi	Jabuti: corr. ya-u-ti, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, 'criando-se pelos pés das árvores sem ir à água'. O vocábulo admite outra interpretação, como composto de y-abú-ti, traduzindo-se, o que nada respira, ou tem fôlego tenaz (SAMPAIO, 1928, p. 239-240). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb. Subst./adv.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Jaboticaba	Tupi	Jaboticaba: corr. yabuti-caba, a gordura do cágado. O vocábulo, porém, é dos que admitem diversas interpretações. Considerado como corrupção de yabuti-guaba, quer dizer comida de cágado; se, porém, como opina Batista Caetano, for composto de yaboticaba, significa fruto em botão, ou abotoamento de frutos. (SAMPAIO, 1928, p. 239). Jabuti: corr. Ya-u-tí, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, "criando-se pelos pés das árvores sem ir à água". O vocábulo admite outra interpretação, como composto de y-abú-tí, traduzindo-se o que nada respira, ou tem fôlego tenaz. O jabuti é, no folclore indígena, o símbolo da astúcia aliada à perseverança. Manha e paciência é o que o índio vê no jabuti; são elas também as duas virtudes fundamentais do selvagem (SAMPAIO, p. 262). Caba: s. A vespa, o marimbondo. Alt. Cáua, Cava, Ca; adj. gordo, oleoso; s. a gordura, o óleo (SAMPAIO, p. 210).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Jacadigo	Tupi	Jacá: s. de ayacá , cesto tecido de taquara para transporte (BUENO, 2008, p. 179). Ayacá: s. cesto, jaca, caixa de canas, de varas, de taquaras; <i>aîy acá</i> busca grãos, ajuncta grãos, ou <i>aîi-ñangáb</i> ajunctadouro de grãos, ou mais simplesmente a ñangáb sendo a fructo. Ayaca o-çaingo bae ñote cestos que estavam pendurados só (GALVÃO, 1879, p. 54). Aya: adj. azedo, podre, decomposto; vê <i>aî</i> s. papo, o que pende, vê <i>aî</i> , <i>bái</i> , <i>pái</i> (GALVÃO, 1879, p. 54). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga.	Ergotopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Jacaipá	Tupi	Jacapá: corr. ya-cã-pã, aquele que tem peito sonoro. É a Ave canora (SAMPAIO, 1987, p. 263). Îa-kapá: jacapá ou pipira, ave passeriforme da família dos traupídeos, gênero Tachyphonus (CARVALHO, 1987, p. 119).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	do Jacaré Grande	LP + Tupi + LP	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de techá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Caré: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	do Jacaré	LP + Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de techá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Caré: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Jacarei	Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de techá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Jacareí	Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi. (SAMPAIO, 1987, p. 345)	Hidrotopônimo o	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj. + subst.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Jacareipa	Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi. (SAMPAIO, 1987, p. 345). Pá: adv. Sim (BUENO, 1998, p. 261).	Hidrotopônimo o	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj. + subst. + adv.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Jacerei	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Jacori	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Jacu Barreiro	Tupi + LP	Jacu: corr. de yacú, adj. Esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. É o nome da ave Penélope. Batista Caetano decompõe o vocábulo em y-acú e o traduz – o que come grãos (SAMPAIO, 1928, p. 242). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Jaguapeí	Tupi	Jaguá pé: zool. Var. de lontra (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 81). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Jaguá: s.m. é forma guarani; jaguara, onça, tigre, cão (BUENO, 2008, p. 182). Jaguapeba: corr. Yaguá-peba, o cão miúdo, ou inferior. Alt. Jaguapeva (SAMPAIO, 1987, p. 265). Mirim: adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. miri, mi, mini, im i (SAMPAIO, 1987, p. 283).	Hidrotopônimo ^o	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Jaguapiru	Tupi	Jaguá: s.m. é forma guarani; jaguara, onça, tigre, cão (BUENO, 2008, p. 182). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Piru: Seco, enxuto; magro (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 146).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Arroio	Jaguapiru	Tupi	Jaguá: s.m. é forma guarani; jaguara, onça, tigre, cão (BUENO, 2008, p. 182). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Piru: Seco, enxuto; magro (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 146).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Jaguarão	Tupi + LP	Jaguarão: corr. jaguar-ãã, a onça pequena, a onçazinha. Pode ser derivado de yaguá-nharô e então significa o cão bravo, a onça feroz (SAMPAIO, 1928, p. 243). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Nharô: bravo, feroz (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Jaguaretê	Tupi	Jaguaretê: corr. yaguar-etê, a onça verdadeira. Alteração jaguaritê (SAMPAIO, 1928, p. 244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Etê: adj. Corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande. É um adj. Conexo com o seg. s.; (GALVÃO, 1879, p. 125).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Jaguaretê	Tupi	Jaguaretê: corr. yaguar-etê, a onça verdadeira. Alteração jaguaritê (SAMPAIO, 1928, p. 244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Etê: adj. Corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande. É um adj. Conexo com o seg. s.; (GALVÃO, 1879, p. 125).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Jaguaretê	Tupi	Jaguaretê: corr. yaguar-etê, a onça verdadeira. Alteração jaguaritê (SAMPAIO, 1928, p. 244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Etê: adj. Corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande. É um adj. Conexo com o seg. s.; (GALVÃO, 1879, p. 125).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Rio	Jaguari	Tupi	Jaguary: corr. yaguár-y, o rio da onça (SAMPAIO, 1928, p. 244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo o	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Jaguari	Tupi	Jaguary: corr. yaguár-y, o rio da onça (SAMPAIO, 1928, p. 244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo o	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Jaguari	Tupi	Jaguary: corr. yaguár-y, o rio da onça (SAMPAIO, 1928, p. 244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo o	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	do Jaguari	LP + Tupi	Jaguary: corr. yaguár-y, o rio da onça (SAMPAIO, 1928, p. 244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Jaguarizinho	Tupi + LP	Jaguary: corr. yaguár-y, o rio da onça (SAMPAIO, 1928, p. 244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + subst. + suf. dim. - zinho)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Cabeceira	Jaguaritica	Tupi	Jaguaritica: corr. Yaguá-tirica, a onça tímida, fujona (Felismilis) (SAMPAIO, 1928, p.244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Janara	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	Janção	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Jaqueira	Tupi + LP	Aia-ká: Substantivo: jaca, fruto da jaqueira, árvore da família das moráceas, gênero <i>Artocarpus</i> (CARVALHO, 1987, p. 10). Jacá: s. de ayacá , cesto tecido de taquara para transporte (BUENO, 2008, p. 179). Ayacá: s. cesto, jaca, caixa de canas, de varas, de taquaras; <i>aiy acá</i> busca grãos, ajunta grãos, ou <i>aiñangáb</i> ajuntadouro de grãos, ou mais simplesmente a <i>ñangáb</i> sendo a fruto. <i>Ayaca o-çaingo</i> bae ñote cestos que estavam pendurados só (GALVÃO, 1879, p. 54). Aya: adj. azedo, podre, decomposto; <i>vê ái</i> s. papo, o que pende, <i>vê ái</i> , <i>bái</i> , <i>pái</i> (GALVÃO, 1879, p. 54). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de <i>acanga</i> .	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (verb. + subst. + suf. -eira)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Jaqueria	Tupi + LP	Aia-ká: Substantivo: jaca, fruto da jaqueira, árvore da família das moráceas, gênero <i>Artocarpus</i> (CARVALHO, 1987, p. 10). Jacá: s. de ayacá , cesto tecido de taquara para transporte (BUENO, 2008, p. 179). Ayacá: s. cesto, jaca, caixa dê cannas, de varas, de taquaras; <i>aiy acá</i> busca grãos, ajuncta grãos, ou aîi-ñangáb ajunctadouro de grãos, ou mais simplesmente a ñangáb sendo a fruto. <i>Ayaca</i> o-çaingo bae ñote cestos que estavam pendurados só (GALVÃO, 1979, p. 54). Aya: adj. azedo, podre, decomposto; vê ái s. papo, o que pende, vê ái, báí, páí (GALVÃO, 1979, p. 54). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de <i>acanga</i> .	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (verb. + subst. + suf. -ria)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Jataí	Tupi	Jatahy: corr. <i>yá-atã-yba</i> , contrato em <i>Ya-atã y</i> , árvore de fruto duro (<i>yá-atã</i>). Alt. <i>Gitahy, Jutahy</i> . Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de <i>ya-atã-yba</i> : a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Itá: c. <i>Y-tá</i> , o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. <i>Tá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 254). Ybá: c. <i>Tb-á</i> , o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Jatebu	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Jateí	Tupi	Jateí: s.f. nome de uma abelha e significa a preguiçosa (BUENO, 2008, p. 186). Jatahy: corr. <i>yá-atã-yba</i> , contrato em <i>Ya-atã y</i> , árvore de fruto duro (<i>yá-atã</i>). Alt. <i>Gitahy, Jutahy</i> . Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Jateí	Tupi	Jateí: s.f. nome de uma abelha e significa a preguiçosa (BUENO, 2008, p. 186). Jatahy: corr. <i>yá-atã-yba</i> , contrato em <i>Ya-atã y</i> , árvore de fruto duro (<i>yá-atã</i>). Alt. <i>Gitahy, Jutahy</i> . Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Jateí	Tupi	Jateí: s.f. nome de uma abelha e significa a preguiçosa (BUENO, 2008, p. 186). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Jateí	Tupi	Jateí: s.f. nome de uma abelha e significa a preguiçosa (BUENO, 2008, p. 186). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (adj. + subst.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Arroio	Jaú	Tupi	Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Jauru	Tupi	Jaurú: corr. Yaú-r-ú, os jaús comem, ou onde há jaús (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jaú: ou jahú, corr. ya-ú, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platystoma), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte (SAMPAIO, 1928, p. 247). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu , significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Jenipapo	Tupi	Genipapo: corr. yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe – yand-ipab e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo yandi ou nhandi exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final ipab é o composto de ibápab, contracto em í-pab, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos (SAMPAIO, 1928, p. 202).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Jenipapo	Tupi	Genipapo: corr. yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe – yand-ipab e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo yandi ou nhandi exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final ipab é o composto de ibápab, contracto em í-pab, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos (SAMPAIO, 1928, p. 202).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Jhoverá	Não Identificada	Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	João Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	João Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Rio	Jogui	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Rio	Jogui	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Rio	Jogui	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Rio	Jogui	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Rio	Joguí	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Juari	Tupi	Juary: c. juá-r-y, o rio do juá. Nome de um antigo engenho no Rio de Janeiro (SAMPAIO, 1987, p. 270). Juá: corr. A-yú-á, a fruta do espinho (SAMPAIO, 1987, p. 270). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Juherê	Não Identificada	Juherê: o mesmo que fome (FO). (TAVARES, 2004, p. 201).	Animotopônimo disfórico	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Juherê	Não Identificada	Juherê: o mesmo que fome (FO). (TAVARES, 2004, p. 201).	Animotopônimo disfórico	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Jupé	Guarani	Jupé: part. que se junta aos pronomes pessoais e significa: a si mesmo; ndejupé, a ti mesmo; chejupé, a mim mesmo (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 92).	Não identificada	Simples (pron.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Juqueri	Tupi	Juquery: corr. yu-ker-ĩ, o espinho propenso a dormir. Nome comum das mimosáceas. Com a lixívia desta planta tirava o gentio uma espécie de sal com que temperavam seus manjares (SAMPAIO, 1928, p. 250). Nu: s. agulha, espinho, farpa, vê yú (GALVÃO, 1879, p. 339). Quér: v. intr. Dormir, repousar, pousar, socegar [...] (GALVÃO, 1879, p. 433).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Juqueri	Tupi	Juquery: corr. yu-ker-ĩ, o espinho propenso a dormir. Nome comum das mimosáceas. Com a lixívia desta planta tirava o gentio uma espécie de sal com que temperavam seus manjares (SAMPAIO, 1928, p. 250). Nu: s. agulha, espinho, farpa, vê yú (GALVÃO, 1879, p. 339). Quér: v. intr. Dormir, repousar, pousar, socegar [...] (GALVÃO, 1879, p. 433).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Juqueri	Tupi	Juquery: corr. yu-ker-ĩ, o espinho propenso a dormir. Nome comum das mimosáceas. Com a lixívia desta planta tirava o gentio uma espécie de sal com que temperavam seus manjares (SAMPAIO, 1928, p. 250). Nu: s. agulha, espinho, farpa, vê yú (GALVÃO, 1879, p. 339). Quér: v. intr. Dormir, repousar, pousar, socegar [...] (GALVÃO, 1879, p. 433).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Juquerí	Tupi	Juquery: corr. yu-ker-ĩ, o espinho propenso a dormir. Nome comum das mimosáceas. Com a lixívia desta planta tirava o gentio uma espécie de sal com que temperavam seus manjares (SAMPAIO, 1928, p. 250). Nu: s. agulha, espinho, farpa, vê yú (GALVÃO, 1879, p. 339). Quér: v. intr. Dormir, repousar, pousar, socegar [...] (GALVÃO, 1879, p. 433).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Córrego	Jurema	Tupi	Jurema: corr. yu-r-ema, o espinheiro suculento; árvore espinhenta do sertão, da qual o gentio extraía um suco capaz de dar sono e êxtase a quem o ingeria. Alteração gerema, jerema (SAMPAIO, 1928, p. 250). Yú = ñú: s. espinho, poncta, agulha [...] (GALVÃO, 1879, p. 596). Rêma = ybarê: s. fructo fétido; arvore fétida; em tupi designa “alho” (GALVÃO, 1879, p. 187).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Jurutaré	Tupi	Jurutá: s. colar que costumavam colocar no pescoço do inimigo que devia ser morto (BUENO, 2008, p. 195). Ré: adj. Diferente, diverso. Ex. Abaré, aba, homem; ré, diferente, isto é, padre (BUENO, 2008, p. 304). Juru: s. de yurú, a boca, o bico dos passaros e também a foz dos rios (BUENO, 2008, p. 193).	Ergotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Juruve	Tupi	Juru: s. de yurú, a boca, o bico dos passaros e também a foz dos rios (BUENO, 2008, p. 193).	Somatopônimo	Simples (subst.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Ladesina-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Laguna Ita	LP + Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928 p. 229).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Laguna-Itá	LP + Tupi	Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928 p. 229).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bodoquena	Córrego	Lalima	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Córrego	Lambari	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arabé-r-ĩ, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Simples com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -í)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Lambari (1)	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arabé-r-ĩ, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Composto com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -í + num.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Lambari (2)	Tupi	Lambary: corr. Aramberí, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. Araberí, alambary. (SAMPAIO, 1928, p. 253). Araberí: s. c. Arabé-r-ĩ, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado alambary ou lambary (SAMPAIO, 1987, p. 197). Arabé: s. A barata, o besouro, o escaravelho (SAMPAIO, 1987, p. 197). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Composto com acomodação fonética (subst. + grau dim. suf. -í + num.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Laranjaí	LP + Tupi	Narandyba: c. Naran-dyba, o sítio das laranjas, o laranjal. O vocábulo naran é uma adaptação da palavra portuguesa laranja ao tupi (SAMPAIO, 1987, p. 288). *220 De interesse linguístico é o termo híbrido narandyba, que se encontra no Dicionário Português e Brasileiro e também no guarani antigo: Ora, laranja devia tupinizar-se em naranadá, como cavalo em kabará e cruz em curuçá, e não em nará. Entre os Tupis laranja era designado por ybá-ala. Deste último teríamos ubá-îutyba - laranjal. Em lugar do duvidoso norantiba, o Vocabulário traz narandyba (SAMPAIO, 1987, p. 161). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo -i)
Dourados (MR 10)	Antônio João	Córrego	Laranjaí	LP + Tupi	Narandyba: c. Naran-dyba, o sítio das laranjas, o laranjal. O vocábulo naran é uma adaptação da palavra portuguesa laranja ao tupi (SAMPAIO, 1987, p. 288). *220 De interesse linguístico é o termo híbrido narandyba, que se encontra no Dicionário Português e Brasileiro e também no guarani antigo: Ora, laranja devia tupinizar-se em naranadá, como cavalo em kabará e cruz em curuçá, e não em nará. Entre os Tupis laranja era designado por ybá-ala. Deste último teríamos ubá-îutyba - laranjal. Em lugar do duvidoso norantiba, o Vocabulário traz narandyba (SAMPAIO, 1987, p. 161). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo -i)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Juti	Rio	Laranjaí	LP + Tupi	Narandyba: c. Naran-dyba, o sítio das laranjas, o laranjaí. O vocábulo naran é uma adaptação da palavra portuguesa laranja ao tupi (SAMPAIO, 1987, p. 288). *220 De interesse linguístico é o termo híbrido narandyba, que se encontra no Dicionário Português e Brasileiro e também no guarani antigo: Ora, laranja devia tupinizar-se em narandá, como cavalo em kabará e cruz em curuçá, e não em nará. Entre os Tupis laranja era designado por ybá-ala. Deste último teríamos ubá-îutyba - laranjaí. Em lugar do duvidoso norantiba, o Vocabulário traz narandyba (SAMPAIO, 1987, p. 161). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Rio	Laranjaí	LP + Tupi	Narandyba: c. Naran-dyba, o sítio das laranjas, o laranjaí. O vocábulo naran é uma adaptação da palavra portuguesa laranja ao tupi (SAMPAIO, 1987, p. 288). *220 De interesse linguístico é o termo híbrido narandyba, que se encontra no Dicionário Português e Brasileiro e também no guarani antigo: Ora, laranja devia tupinizar-se em narandá, como cavalo em kabará e cruz em curuçá, e não em nará. Entre os Tupis laranja era designado por ybá-ala. Deste último teríamos ubá-îutyba - laranjaí. Em lugar do duvidoso norantiba, o Vocabulário traz narandyba (SAMPAIO, 1987, p. 161). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo -i)
Dourados (MR 10)	Juti	Cabeceira	do Laranjaí	LP + Tupi	Narandyba: c. Naran-dyba, o sítio das laranjas, o laranjaí. O vocábulo naran é uma adaptação da palavra portuguesa laranja ao tupi (SAMPAIO, 1987, p. 288). *220 De interesse linguístico é o termo híbrido narandyba, que se encontra no Dicionário Português e Brasileiro e também no guarani antigo: Ora, laranja devia tupinizar-se em narandá, como cavalo em kabará e cruz em curuçá, e não em nará. Entre os Tupis laranja era designado por ybá-ala. Deste último teríamos ubá-îutyba - laranjaí. Em lugar do duvidoso norantiba, o Vocabulário traz narandyba (SAMPAIO, 1987, p. 161). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido (prep. + subst. + grau diminutivo -i)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Ledesma	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Leite Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Leiva-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Leiva-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Leiva-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Leiva-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Leiva-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Leoni-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Lixiguana	Quíchua	Lichiguana: m.q. enxuí (Brachygastralecheguana); quích. Lachiuana (HOUAISS, 2009). Enxuí: vespa social brasileira (Brachygastralecheguana) do tupi eixu'i 'id.' (HOUAISS, 2009).	Zootopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Loma Puitá	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Composto (Não Identificada)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Lúcio-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Machorra	Tupi	Machorra: hembra, Cuñãmëmbirá y mbaé (MONTTOYA, 1876, p. 356). Machorra: do tupi (ma+chorá), que deu origem a um <i>animotopônimo</i> já que, segundo Theodoro Sampaio (1978, p.188), <i>chorá</i> significa correntoso, impetuoso, ruidoso e <i>ma</i> seria uma forma contraída de <i>mbaé</i> que, agregada a outros vocábulos, caracteriza-os como um objeto, uma coisa (1928, p.255) (SOUZA, 2006, p. 171).	Animotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Macuco	Tupi	Macuco: corr. macucu, c. ma-cú-cú, a coisa de muito comer ou muito bom de comer; alusão ao físico da ave desse nome, a qual tem no peito mais titela que dois galipavos (SAMPAIO, 1928, p. 256).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb. verb.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Rio	Macuco	Tupi	Macuco: corr. macucu, c. ma-cú-cú, a coisa de muito comer ou muito bom de comer; alusão ao físico da ave desse nome, a qual tem no peito mais titela que dois galipavos (SAMPAIO, 1928, p. 256).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb. verb.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Maitaré	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Maitoré	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Mandaguaí	Tupi	Mandaguaí: c. manda-guaí, o ninho delicado, bonito. Espécie de abelhas do Brasil. V. Manda (SAMPAIO, 1928, p. 259). Manda: Gerúndio-supino de mã, envolver, amarrar. Manda exprime amarrado; o feixe; manajo, ramallete, maço, coleção, molho. Alt. Mana, Mã, Manga (SAMPAIO, 1987, p. 277). Guahy: c. Guá-y, água em seio, enseada, baía (SAMPAIO, 1987, 235).	Zootopônimo	Composto Justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Mandei	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Mangaba	Tupi	Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um liquido sobre; pintar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. lugar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i> ; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Cabeceira	do Mangaí	LP + Tupi	Mangaí: Arbol que dá las pelotas que llaman de nervio. Mangaá, fruta deste árbol. Mangaïcî, la resina de que hazenlas pelotas (MONTTOYA, 1876, p. 206). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (<i>vê mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Cabeceira	do Mangaí	LP + Tupi	Mangaí: Arbol que dá las pelotas que llaman de nervio. Mangaá, fruta deste árbol. Mangaïcî, la resina de que hazenlas pelotas (MONTTOYA, 1876, p. 206). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (<i>vê mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Jardim	Córrego	Mangaval	Tupi + LP	Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um liquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, <i>vê manda</i> que é preferível. Mangáb: part. logar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; <i>vê mandáb</i> ; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (<i>vê mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -al)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Rio	Maracaí	Tupi	Maracahype: corr. maracá-y-pe, no rio do maracá, ou do chocalho (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maraca: corr. marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana com orelha, cabelos, olhos, narinas e boca, estribado numa flecha como sobre pescoço. Depois da conquista, o nome maracá ficou servindo para denominar o chocalho (SAMPAIO, 1928, p. 261). i/i/y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Rio	Maracaí	Tupi	Maracahype: corr. maracá-y-pe, no rio do maracá, ou do chocalho (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maraca: corr. marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana com orelha, cabelos, olhos, narinas e boca, estribado numa flecha como sobre pescoço. Depois da conquista, o nome maracá ficou servindo para denominar o chocalho (SAMPAIO, 1928, p. 261). i/i/y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Rio	Maracaí	Tupi	Maracahype: corr. maracá-y-pe, no rio do maracá, ou do chocalho (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maraca: corr. marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana com orelha, cabelos, olhos, narinas e boca, estribado numa flecha como sobre pescoço. Depois da conquista, o nome maracá ficou servindo para denominar o chocalho (SAMPAIO, 1928, p. 261). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Maracaju	Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarelo” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Serra	Maracaju	Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Jardim	Serra	de Maracajú	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Antônio João	Morro	Marangatu	Tupi	Mârângatú: [c. d. mârã, y catú, virtud], Provecho, bondad, honra (MONTROYA, 1876, p. 209). Marangatú: adj. Bom (Lemos). Deve ser bom na guerra, valente. De marã, guerra e catú, bom (BUENO, 2008, p. 210).	Animotopônimo eufórico	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Marcelina Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Marco-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Marcolina -Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Marcolina -Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Matuca	Tupi	Mutuca: s.f. Var. mutuca, motuca [do tupi mu'tuka], 'moscas do gado', nome comum às moscas da família dos tabanídeos (CUNHA, 1999, p. 217). Motuca: c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mbutu = mbutug: s. tabão, vulgo mutuca (furador, vê mbotug furar). Diversas espécies mbutuguaçu grande, mbutucûn negro etc. (GALVÃO, 1879, p. 263).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Mboi-Jaquá	Tupi	Mboy: s., a cobra, o ofídio em geral. Pronuncia-se umbóí ou ímboú. Alteração boi, boyá, may ou moya (SAMPAIO, 1928, p. 264). Jaquá: corr. Ya-aquã, aquele que é proeminente, o culminante. É a árvore Lucuma gigante. Alt. Jaccá (SAMPAIO, 1928, p. 246).	Zootopônimo	Composto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Mboi-Jaquá	Tupi	Mboy: s., a cobra, o ofídio em geral. Pronuncia-se umbóí ou ímboú. Alteração boi, boyá, may ou moya (SAMPAIO, 1928, p. 264). Jaquá: corr. Ya-aquã, aquele que é proeminente, o culminante. É a árvore Lucuma gigante. Alt. Jaccá (SAMPAIO, 1928, p. 246).	Zootopônimo	Composto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Mborevi-Iguá	Guarani + Tupi	Mborevi: zool. Anta, tapir (Tupi: tapi-ira) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 109). Iguá: corr. y-guá, o seio d'água, o mesmo que igoá (SAMPAIO, 1928, p. 222).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Mborevi-Y- Guá	Guarani + Tupi	Mborevi: zool. Anta, tapir (Tupi: tapi-ira) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 109). Iguá: corr. y-guá, o seio d'água, o mesmo que igoá (SAMPAIO, 1928, p. 222).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Membeca	Tupi	Membeka: fraqueza, moleza, molengão, o mole, o covarde, o fraco, o tímido (NAVARRO, 2013, p. 275). Membeca: membeg (guarani) = mole, macio, tenro, derretido. Capim-membeca, mumbeca: espécie de capim filamentosos, próprio para colchões (GREGÓRIO, 1980, p. 936).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Mirim	Tupi	Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1928, 266).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Mirim	Tupi	Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1928, 266).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Mirim	Tupi	Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1928, 266).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Mirim	Tupi	Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1928, 266).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Mirim	Tupi	Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1928, 266).	Dimensiotopônimo	Simple (adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Mococa	Tupi	Mococa: s.f. a roça, a plantação, roçado (BUENO, 2008, p. 224). Mocóca: corr. Mõ-coga, fazer roça; o roçado; a plantação. V. Cõ (SAMPAIO, 1987, p. 284).	Fitotopônimo	Simple (verb. + subst.)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Mococa	Tupi	Mococa: s.f. a roça, a plantação, roçado (BUENO, 2008, p. 224). Mocóca: corr. Mõ-coga, fazer roça; o roçado; a plantação. V. Cõ (SAMPAIO, 1987, p. 284).	Fitotopônimo	Simple (verb. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Mocoim	Tupi	Mocoim: corr. Mocoó-ĩ, o que punge ou rõi miudinho. Inseto minúsculo e vermelho que morde acremente. Alteração mucuim, miquim (SAMPAIO, 1928, p. 267). Mocoô: fazer arder, pungir, queimar; s. nome dado a alguns mosquitos e alterado para mocuũ e mucuũ; [...] (GALVÃO, 1879, p. 276). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + verb. + grau diminutivo - im)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Mocoim	Tupi	Mocoim: corr. Mocoó-ĩ, o que punge ou rõi miudinho. Inseto minúsculo e vermelho que morde acremente. Alteração mucuim, miquim (SAMPAIO, 1928, p. 267). Mocoô: fazer arder, pungir, queimar; s. nome dado a alguns mosquitos e alterado para mocuũ e mucuũ; [...] (GALVÃO, 1879, p. 276). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + verb. + grau diminutivo - im)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Morati	Tupi	Morotim: corr. Moro-tĩ, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo tĩ ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269). Moro: pref. que torna os v. abs.; todos os v. podem receber este pref. e muitos adj. assim ficam superl.; lambem subs. abstractos; vê poro (GALVÃO, 1879, p. 295). Morotĩ: adj. mui branco, alvo; ÿbĩ tĩ morotĩ nuvem branca; oyeecha uca señora yy ao morotĩ etebae fez-se ver (apareceu) a Senhora que tinha uma roupa muito alva (GALVÃO, 1879, p. 295).	Cromotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Moron	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Moron	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Moroti	Tupi	Morotim: corr. Moro-tĩ, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo tĩ ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269). Moro: pref. que torna os v. abs.; todos os v. podem receber este pref. e muitos adj. assim ficam superl.; lambem subs. abstractos; vê poro (GALVÃO, 1879, p. 295). Morotĩ: adj. mui branco, alvo; ÿbĩ tĩ morotĩ nuvem branca; oyeecha uca señora yy ao morotĩ etebae fez-se ver (apareceu) a Senhora que tinha uma roupa muito alva (GALVÃO, 1879, p. 295).	Cromotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Morotim	Tupi	Morotim: corr. Moro-tĩ, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo tĩ ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269). Moro: pref. que torna os v. abs.; todos os v. podem receber este pref. e muitos adj. assim ficam superl.; lambem subs. abstractos; vê poro (GALVÃO, 1879, p. 295). Morotĩ: adj. mui branco, alvo; ÿbĩ tĩ morotĩ nuvem branca; oyeecha uca señora yy ao morotĩ etebae fez-se ver (apareceu) a Senhora que tinha uma roupa muito alva (GALVÃO, 1879, p. 295).	Cromotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Morotim	Tupi	Morotim: corr. Moro-tĩ, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo tĩ ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269). Moro: pref. que torna os v. abs.; todos os v. podem receber este pref. e muitos adj. assim ficam superl.; lambem subs. abstractos; vê poro (GALVÃO, 1879, p. 295). Morotĩ: adj. mui branco, alvo; ÿbĩ tĩ morotĩ nuvem branca; oyeecha uca señora yy ao morotĩ etebae fez-se ver (apareceu) a Senhora que tinha uma roupa muito alva (GALVÃO, 1879, p. 295).	Cromotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Morotim	Tupi	Morotim: corr. Moro-tĩ, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo tĩ ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269). Moro: pref. que torna os v. abs.; todos os v. podem receber este pref. e muitos adj. assim ficam superl.; lambem subs. abstractos; vê poro (GALVÃO, 1879, p. 295). Morotĩ: adj. mui branco, alvo; ÿbĩ tĩ morotĩ nuvem branca; oyeecha uca seõora yy ao morotĩ etebae fez-se ver (apareceu) a Senhora que tinha uma roupa muito alva (GALVÃO, 1879, p. 295).	Cromotopônimo	Simple com acomodação fonética (pref. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	do Morotim	LP + Tupi	Morotim: corr. Moro-tĩ, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo tĩ ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269). Moro: pref. que torna os v. abs.; todos os v. podem receber este pref. e muitos adj. assim ficam superl.; lambem subs. abstractos; vê poro (GALVÃO, 1879, p. 295). Morotĩ: adj. mui branco, alvo; ÿbĩ tĩ morotĩ nuvem branca; oyeecha uca seõora yy ao morotĩ etebae fez-se ver (apareceu) a Senhora que tinha uma roupa muito alva (GALVÃO, 1879, p. 295).	Cromotopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (pref. + pref. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Barra	do Morotim	Tupi	Morotim: corr. Moro-tĩ, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo tĩ ou tinga, branco, no grau superlativo (SAMPAIO, 1928, p. 269). Moro: pref. que torna os v. abs.; todos os v. podem receber este pref. e muitos adj. assim ficam superl.; lambem subs. abstractos; vê poro (GALVÃO, 1879, p. 295). Morotĩ: adj. mui branco, alvo; ÿbĩ tĩ morotĩ nuvem branca; oyeecha uca seõora yy ao morotĩ etebae fez-se ver (apareceu) a Senhora que tinha uma roupa muito alva (GALVÃO, 1879, p. 295).	Cromotopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (pref. + pref. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Morumbi	Tupi	Morumbi: corr. Merú-obí, a mosca verde, a varejeira. Pode proceder também da marã-mby, que significa luta, peleja oculta; guerra de emboscada, cilada (SAMPAIO, 1928, p. 270). Merú: corr. Mbír-ú o que chupa a pele, a mosca. Alt. Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú (SAMPAIO, 1987, p. 282). Oby ou obim: verde (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Ilha	Morumbi	Tupi	Morumbi: corr. Merú-obí, a mosca verde, a varejeira. Pode proceder também da marã-mby, que significa luta, peleja oculta; guerra de emboscada, cilada (SAMPAIO, 1928, p. 270). Merú: corr. Mbír-ú o que chupa a pele, a mosca. Alt. Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú (SAMPAIO, 1987, p. 282). Oby ou obim: verde (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Vila	Morumbi	Tupi	Morumbi: corr. Merú-obí, a mosca verde, a varejeira. Pode proceder também da marã-mby, que significa luta, peleja oculta; guerra de emboscada, cilada (SAMPAIO, 1928, p. 270). Merú: corr. Mbír-ú o que chupa a pele, a mosca. Alt. Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú (SAMPAIO, 1987, p. 282). Oby ou obim: verde (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Porto	Morumbi	Tupi	Morumbi: corr. Merú-obí, a mosca verde, a varejeira. Pode proceder também da marã-mby, que significa luta, peleja oculta; guerra de emboscada, cilada (SAMPAIO, 1928, p. 270). Merú: corr. Mbír-ú o que chupa a pele, a mosca. Alt. Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú (SAMPAIO, 1987, p. 282). Oby ou obim: verde (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Morumbi	Tupi	Morumbi: corr. Merú-obí, a mosca verde, a varejeira. Pode proceder também da marã-mby, que significa luta, peleja oculta; guerra de emboscada, cilada (SAMPAIO, 1928, p. 270). Merú: corr. Mbír-ú o que chupa a pele, a mosca. Alt. Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú (SAMPAIO, 1987, p. 282). Oby ou obim: verde (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Morumbizinho	Tupi + LP	Morumbi: corr. Merú-obí, a mosca verde, a varejeira. Pode proceder também da marã-mby, que significa luta, peleja oculta; guerra de emboscada, cilada (SAMPAIO, 1928, p. 270). Merú: corr. Mbír-ú o que chupa a pele, a mosca. Alt. Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú (SAMPAIO, 1987, p. 282). Oby ou obim: verde (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim.-zinho)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Morumbizinho	Tupi + LP	Morumbi: corr. Merú-obí, a mosca verde, a varejeira. Pode proceder também da marã-mby, que significa luta, peleja oculta; guerra de emboscada, cilada (SAMPAIO, 1928, p. 270). Merú: corr. Mbír-ú o que chupa a pele, a mosca. Alt. Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú (SAMPAIO, 1987, p. 282). Oby ou obim: verde (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -zinho)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Angélica	Córrego	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanû o africano, póde ser tabûi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanû o africano, póde ser tabûi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapanû o africano, póde ser tabûi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Cabeceira	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapañû o africano, póde ser tabũi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	do Mutum	LP + Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapañû o africano, póde ser tabũi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Arroio	Mutuns	Tupi + LP	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mĩ'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítû: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra cousa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuida que às vezes há troca; tapañû o africano, póde ser tabũi ûn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pinctar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + desinência -s de plural)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Nbu Verá	Tupi + Guarani	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Cabeceira	Nestor Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Nhaquiráí	Tupi	Nha: Prefixo da 1ª. pessoa do plural, exclusivo (indicativo e gerúndio): nós. É nasalização de "ia". (CARVALHO, 1987, p. 209). Queraí: v. dormir mal. Forma completa: queray-ba. de quer, dormir, ayba, ruim (BUENO, 2008, p. 298). Quer: v. intr. Dormir, repusar, socegar [...] (GALVÃO, 1879, p. 433). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Não Identificada	Composto aglutinado com acomodação fonética (pref. + verb. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Nhuatim	Tupi	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Ati-aiá (ç-): Substantivo: espinho. Raio de luz, raio de sol. Adjetivo: cheio de pontas, cheio de espinhos (CARVALHO, 1987, p. 40). Nhuatĩ: s.m. espinho do campo, espinheiro (BUENO, 2008, p. 249).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Nhu-Guaçu	Tupi	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Guaçu: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oacu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Fitotopônimo	Composto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Nhu-Guaçu	Tupi	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Guaçú: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Fitotopônimo	Composto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Nhum-Verá	Tupi + Guarani	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Nhum-Verá	Tupi + Guarani	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Nhum-Verá	Tupi + Guarani	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Nhupeí	Tupi + Guarani	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Peí. r [c d. pe, superfície, y i, quitar], Barrer, refregar (MONTROYA, 1876, p. 267). Peí = peír: v. trans. Varrer (pe a casa, o de cima, ír tirar); esfregar (GALVÃO, 1879, p. 367)	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + verb.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Nhupoí	Tupi + Guarani	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Poi: adj. (em fio, em fibra, sendo î posposição, ou fiozinho, sendo î diminutivo) fino, delgado; s. linha, fio de linha, e também inimboí (GALVÃO, 1879, p. 407).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Nhu-Verá	Tupi + Guarani	Nhũ: ou nhum, o campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. Alt. Nú, Inhú, Jun (SAMPAIO, 1928, p. 275). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Fitotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Rio	Nioaque	Guaicuru/ Tapuia	Nhuac: clavícula quebrada, de origem guaikuru (GUIMARÃES, 1992, p. 153). Nioac: Cidade de Mato Grosso. Não é tupi, mas tapuia (BUENO, 2008, p. 628).	Somatopônimo	Não Identificada
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Rio	Nioaque	Guaicuru/ Tapuia	Nhuac: clavícula quebrada, de origem guaikuru (GUIMARÃES, 1992, p. 153). Nioac: Cidade de Mato Grosso. Não é tupi, mas tapuia (BUENO, 2008, p. 628).	Somatopônimo	Não Identificada
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Rio	Nioaque	Guaicuru/ Tapuia	Nhuac: clavícula quebrada, de origem guaikuru (GUIMARÃES, 1992, p. 153). Nioac: Cidade de Mato Grosso. Não é tupi, mas tapuia (BUENO, 2008, p. 628).	Somatopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Maracaju	Cabeceira	do Nioaque	Guaicuru/ Tapuia	Nhuac: clavícula quebrada, de origem guaikuru (GUIMARÃES, 1992, p. 153). Nioac: Cidade de Mato Grosso. Não é tupi, mas tapuia (BUENO, 2008, p. 628).	Somatopônimo	Não Identificada com soldadura
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Nundaí	Não Identificada	Nundaí – índia pequena (lenda) (FO) (TAVARES, 2004, p. 203).	Mitotopônimo	Simples (subst. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Olivo-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Cabeceira	Oriental Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Etnotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Pacova	Tupi	Pacová: s. erva rizomatosa das zingiberáceas, de propriedades medicinais (BUENO, 2008, p. 262). Pacoba: c. Pac-oba, a folha de enrolar ou que se enrola. Nome comum das Musáceas. Alt. Pacó (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pacobá: c. Pacob-á, o que é tirado da bananeira, ou a banana. V. Pacoba (SAMPAIO, 1987, p. 292).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (verb. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Pacova	Tupi	Pacová: s. erva rizomatosa das zingiberáceas, de propriedades medicinais (BUENO, 2008, p. 262). Pacoba: c. Pac-oba, a folha de enrolar ou que se enrola. Nome comum das Musáceas. Alt. Pacó (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pacobá: c. Pacob-á, o que é tirado da bananeira, ou a banana. V. Pacoba (SAMPAIO, 1987, p. 292).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (verb. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Pacová	Tupi	Pacová: s. erva rizomatosa das zingiberáceas, de propriedades medicinais (BUENO, 2008, p. 262). Pacoba: c. Pac-oba, a folha de enrolar ou que se enrola. Nome comum das Musáceas. Alt. Pacó (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pacobá: c. Pacob-á, o que é tirado da bananeira, ou a banana. V. Pacoba (SAMPAIO, 1987, p. 292).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (verb. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Pacuri	Guarani	Pacuhy: corr. Pacú-y, o rio dos pacus. V. Pacú (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pacú: corr. Pag-ũ, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial <i>Prochllodus argenteus</i> (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pág: v. intr. acordar, depear-se, sair do somno; extender-se; adj. acordado, desperto; esperto, vivo [...] (GALVÃO, 1879, p. 359). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Pacuri	Guarani	Pacuhy: corr. Pacú-y, o rio dos pacus. V. Pacú (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pacú: corr. Pag-ũ, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial <i>Prochllodus argenteus</i> (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pág: v. intr. acordar, depear-se, sair do somno; extender-se; adj. acordado, desperto; esperto, vivo [...] (GALVÃO, 1879, p. 359). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Ilha	Pacuzinho	Guarani + LP	Pacú: corr. Pag-ũ, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial <i>Prochllodus argenteus</i> (SAMPAIO, 1987, p. 292).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + verb. + suf. dimin. -zinho)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Pai Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Hierotopônimo ¹⁸⁷	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Pai-Colá	LP + Guarani	Pai: s. escrito quase sempre pay: padre, ancião, pessoa respeitável (BUENO, 2008, p. 262).	Hierotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Pai-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Hierotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Córrego	Pampa	Quíchua	Pampa: s. mais usados no pl. os pampas, as planícies. Não é tupi, mas quíchua (BUENO, 2008, p. 262). Pampa: Vocábulo Kechua que significa campo, planície limpa; corresponde a nhú, do tupi. Alt. Bamba (SAMPAIO, 1987, p. 293).	Geomorfotopônimo	Simple (subst.)
Dourados (MR 10)	Douradina	Córrego	Panambi	Tupi	Panamby: s. borboleta, mariposa (BUENO, 2008, p. 263). Panamby: s. mariposa (SAMPAIO, 1987, p. 293). Panamá: s. a borboleta. V. Panapaná (SAMPAIO, 1987, p. 293). Panapaná: s. a borboleta. Alt. Paná, Panamá, Baná (SAMPAIO, 1987, p. 293). Mbi: s. orelha (na-mbi pelle de união, de ligação, appendice de pelle) [...] (GALVÃO, 1879, p. 298). Nambi: orelha (SAMPAIO, 1987, p. 87).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Panambi	Tupi	Panamby: s. borboleta, mariposa (BUENO, 2008, p. 263). Panamby: s. mariposa (SAMPAIO, 1987, p. 293). Panamá: s. a borboleta. V. Panapaná (SAMPAIO, 1987, p. 293). Panapaná: s. a borboleta. Alt. Paná, Panamá, Baná (SAMPAIO, 1987, p. 293). Mbi: s. orelha (na-mbi pelle de união, de ligação, appendice de pelle) [...] (GALVÃO, 1879, p. 298). Nambi: orelha (SAMPAIO, 1987, p. 87).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

¹⁸⁷ Os topônimos *Pai Cuê* e *Pai-Colá* apresentam duas possibilidades de classificação taxionômica: hierotopônimo e mitotopônimo, por ora, optamos por classificá-los como hierotopônimo, pois trata-se de uma questão que carece aprofundamento, no âmbito das taxionomias, para confirmar como se situa dentro desse sagrado os deuses de religiões africanas e indígenas, por exemplo.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Itaporã	Córrego	Panamby	Tupi	Panamby: s. borboleta, mariposa (BUENO, 2008, p. 263). Panamby: s. mariposa (SAMPAIO, 1987, p. 293). Panamá: s. a borboleta. V. Panapaná (SAMPAIO, 1987, p. 293). Panapaná: s. a borboleta. Alt. Paná, Panamá, Baná (SAMPAIO, 1987, p. 293). Mbi: s. orelha (na-mbi pelle de união, de ligação, appendice de pelle) [...] (GALVÃO, 1879, p. 298). Nambi: orelha (SAMPAIO, 1987, p. 87).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Panduí	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Panduí	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Panterrum	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Rio	Paraná	Tupi	Paraná: corr. pará-nã, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam. V. Maranã (SAMPAIO, 1987, p. 294-295). Paraná: dizem a algunos rios grandes, parientes del mar (MONTROYA, 1876, p. 262). Pará: O mesmo que mbará, ou mará, s., o mar [...] (SAMPAIO, 1987, p. 293). Nã: [...], o substantivo nã , no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira (SAMPAIO, 1987, p. 288).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Pariri	Guarani	Pariri: s.f. [< T. pari'ri]. V. abon. [...] Parirí erva semelhante ao trêvo, de que se extrai tinta encarnada e outras muitas de grande uso e proveito na medicina (CUNHA, 1999, p. 229). Pariri: frutinhas secas que se põem dentro do maracá: pariri'a = esp. de frutinha preta, (guar.: pariri) (BOUDIN, 1978, p. 185). Pariri: s. f. (Bras.) árvore sapotácea, o mesmo que frutão. Ave columbídea, o mesmo que jurutipiranga (AULETE DIGITAL).	Fitotopônimo ¹⁸⁸	Simplex (subst. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Paterrum	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada

¹⁸⁸ O topônimo *Pariri* apresenta duas possibilidades de classificação taxionômica: fitotopônimo e zootopônimo, por ora, optamos por classificá-lo como fitotopônimo, a partir da definição de Cunha (1999) e Boudin (1978).

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Pe-I-Pocu	Tupi	Pe: adj. E pron. esse, essa (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 141). I: suf. Integrante da negação, não sei, possessivo de 3ª pess. Seu, sua; v. ter; ser; estar; só 3ª pess. Sing. Do pres. Indic.; suf. pequeno, diminutivo (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 71) Pocu: interr. De dúvida: quem sabe? (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 147).	Dirrematopônimo	Composto (pron. + verb + interr.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Rio	Peroba	Tupi	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. arvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Itaporã	Rio	Peroba	Tupi	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. arvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Peroba	Tupi	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. arvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Lagoa	da Peroba	LP + Tupi	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. arvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Lagoa	da Peroba	LP + Tupi	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. arvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	da Peroba	LP + Tupi	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. arvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Perobão	Tupi + LP	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. árvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj. + suf. aumentativo -ão)
Iguatemi (MR 11)	Japorã	Córrego	Perobão	Tupi + LP	Peroba: V. iperoba (SAMPAIO, 1928, p. 286). Iperoba: corr. Ipê-roba, a casca amargosa. Alt. Peroba, Iperó (SAMPAIO, 1928, p. 226). Peroba: s.f. árvore de lei, a casca amarga. De ipêroba. De ipê e roba, amargo (BUENO, 2008, p. 269).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + adj. + suf. aumentativo -ão)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Piau	Tupi	Piáu: corr. Pyýáu, a pele manchada. É o nome de um peixe de água doce" (SAMPAIO, 1928, p. 288). Ipiáu: ypiáu s. o que tem pelle manchada, ou pannos na pelle; sardento, ou que tem sarda; é também o nome da sardinha e de outros peixes de pelle sardosa (GALVÃO, 1879, p. 172). Piáu: adj. de pelle suja ou manchada; qualificativo de peixes e outras cousas; e então recebe o pref. y como em todos os comp. d' esta natureza, dizendo y piáu (GALVÃO, 1879, p. 374).	Zootopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Pindaí	Tupi	Pindá: s., o anzol, o gancho, a fisga, a garra. Alt. Piná (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindái: s.m. o dente da fisga, do anzol (BUENO, 2008 p. 272). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se fisga, engata, agarra, gancho, garra, fisga [...] – âi s. o dente do anzol (GALVÃO, 1879, p. 376).	Ergotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Guia Lopes da Laguna	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Guia Lopes da Laguna	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Pindaíba	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	da Pindaíba	LP + Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Cabeceira	da Pindaiva	Tupi	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Córrego	Pindaivinha	Tupi + LP	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -inha)
Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Córrego	Pindaivinha	Tupi + LP	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -inha)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Pindó	Tupi	Pindoba: corr. a folha da palmeira; c. pind-oba, a folha de anzol, aquela cujo talo serve para vara de anzol. Alt. Pindó, Pindova (SAMPAIO, 1928, p. 289). pindo =! pindob: s. folha de palmeira, palma em geral; nome também da mesma palmeira, e então vejam-se os diversos signif. de pî; como também se-diz mîndob, parece que a derivação deve ser de mî esconder, porque das folhas de palmeira se-serviam para cobrir as casas (mî-tob folha de cobrir); porém pode ser também min-tob folhas de lança ou púa, e pin-tob folha de raspar ou alisar, porque para isso serviam; note-se também que mindob pode ser part. pass. tob tapar, assim como mindog o-é de çog (GALVÃO, 1879, p. 377).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Pindó	Tupi	Pindoba: corr. a folha da palmeira; c. pind-oba, a folha de anzol, aquela cujo talo serve para vara de anzol. Alt. Pindó, Pindova (SAMPAIO, 1928, p. 289). pindo =! pindob: s. folha de palmeira, palma em geral; nome também da mesma palmeira, e então vejam-se os diversos signif. de pî; como também se-diz mîndob, parece que a derivação deve ser de mî esconder, porque das folhas de palmeira se-serviam para cobrir as casas (mî-tob folha de cobrir); porém pode ser também min-tob folhas de lança ou púa, e pin-tob folha de raspar ou alisar, porque para isso serviam; note-se também que mindob pode ser part. pass. tob tapar, assim como mindog o-é de çog (GALVÃO, 1879, p. 377).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Pio poçu	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Rio	Pipocu	Tupi	Pipoca: corr. py-poca, a epiderme partida ou estalada. O grão de milho que arrebeta em flor por efeito da torra (SAMPAIO, p. 289). pi-póca: ger. (de pipog) estalando a pelle, a ou para estalar. - pocá v. trans. torcer a pelle, beliscar; part. (de pipóg) logar, tempo, modo de estalar a pelle, ou de rebentar, mas então é preferível o part. do v. trans. pimbopocab (GALVÃO, 1879, p. 378). Pir = mbir: s. pelle, epiderme, lellica, lellicula, cútis, couro [...] (GALVÃO, 1879, p. 378).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Cabeceira	Piqui	Tupi	Piqui: corr. py-quí, a casca áspera, espinhenta. É a planta <i>Caryocarbrasilensis</i> , St. Hil (SAMPAIO, 1928, p. 289). Pequi: cid. De Minas Gerais; de peki, certa fruta silvestre das regiões tropicais (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 95). Pekea (Pekyuá): - Fructa gordurenta = <i>Pekia butyrosa</i> (RODRIGUES, 1905, p. 75).	Fitotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Piquiceri	Tupi	Piqui: corr. py-quí, a casca áspera, espinhenta. É a planta Caryocarbrasiliensis, St. Hil (SAMPAIO, 1928, p. 289). Piquiry: c. Piquir-y, o rio dos peixinhos. V. Piquira (SAMPAIO, 1987, p. 301). Piquira: corr. Py-quirá, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 301).	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Piquiciri	Tupi	Piqui: corr. py-quí, a casca áspera, espinhenta. É a planta Caryocarbrasiliensis, St. Hil (SAMPAIO, 1928, p. 289). Piquiry: c. Piquir-y, o rio dos peixinhos. V. Piquira (SAMPAIO, 1987, p. 301). Piquira: corr. Py-quirá, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 301).	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Piquiri	Tupi	Piquiry: c. Piquir-y, o rio dos peixinhos. V. Piquira (SAMPAIO, 1987, p. 301). Piquira: corr. Py-quirá, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 301). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Piquiri	Tupi	Piquiry: c. Piquir-y, o rio dos peixinhos. V. Piquira (SAMPAIO, 1987, p. 301). Piquira: corr. Py-quirá, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 301). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Pirai	Tupi	Pirahy: c. pirá-y, o rio do peixe (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Pirai	Tupi	Pirahy: c. pirá-y, o rio do peixe (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Pirai	Tupi	Pirahy: c. pirá-y, o rio do peixe (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Pirai	Tupi	Pirahy: c. pirá-y, o rio do peixe (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Pirai	Tupi	Pirahy: c. pirá-y, o rio do peixe (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Deodópolis	Rio	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Deodópolis	Rio	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Rio	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Rio	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Glória de Dourados	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Rio	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Pirajuí	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Pirajuí-Guaçu	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93). Guaçu: s., no tupi do Sul, exprime veado; [...]. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçu, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Zootopônimo	Composto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Pirajuí-Guaçu	Tupi	Pirajú: corr. Pirá-yú, forma contracta de pirá-yuba, o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO, 1928, p. 290). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Yuba: amarelo (SAMPAIO, 1987, p. 93). Guaçu: s., no tupi do Sul, exprime veado; [...]. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçu, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Zootopônimo	Composto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Itaquiraí	Córrego	Pirapó	Tupi	Pirapó: donde salta el pescado.Y. Popó, y Cutipó (MONTROYA, 1876, p. 310). Pirapó: V. Pirapora (SAMPAIO, 1987, p. 303). Pirapora: c. Pirá-pora, a morada do peixe; o que contém peixe. Significa também, o peixe salta, no tupi amazônico. Alt. Pirapó, Pirapura (SAMPAIO, 1987, p. 303). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Pora: intr. de pôr a ver ou saltar [...] (GALVÃO, 1879, p. 412).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Rio	Piratinim	Tupi	Piratininga: c. pirá-tinga, o peixe a secar; o seca-peixe. Designa rio que, por efeito de transbordamentos, deita os peixes para fora e os deixa no seco, expostos ao sol; Alt: Piratinim , Piratiny (SAMPAIO, 1928, p. 292). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Tinî: adj. sêcco. Secado; estaladiço, quebradiço [...] (GALVÃO, 1879, p. 320)	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Rio	Piratinim	Tupi	Piratininga: c. pirá-tinga, o peixe a secar; o seca-peixe. Designa rio que, por efeito de transbordamentos, deita os peixes para fora e os deixa no seco, expostos ao sol; Alt: Piratinim , Piratiny (SAMPAIO, 1928, p. 292). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Tinî: adj. sêcco. Secado; estaladiço, quebradiço [...] (GALVÃO, 1879, p. 320)	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Angélica	Ribeirão	Piravevê	Tupi	Pirabebe: s.m. [< T. pirame'me<pi'ra peixe + me'me, voar]. Peixe da família dos exocetídeos; peixe-voador (CUNHA, 1999, p. 236). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Bêbê: v. intr. Voar; adj. volante, que vôa, pairante, que paira [...] (GALVÃO, 1879, p. 57).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Deodápolis	Ribeirão	Piravevê	Tupi	Pirabebe: s.m. [< T. pirame'me<pi'ra peixe + me'me, voar]. Peixe da família dos exocetídeos; peixe-voador (CUNHA, 1999, p. 236). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Bêbê: v. intr. Voar; adj. volante, que vôa, pairante, que paira [...] (GALVÃO, 1879, p. 57).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Deodópolis	Ribeirão	Piravevê	Tupi	Pirabebe: s.m. [< T. pirame'me<pi'ra peixe + me'me, voar]. Peixe da família dos exocetídeos; peixe-voador (CUNHA, 1999, p. 236). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Bêbê: v. intr. Voar; adj. volante, que vôa, pairante, que paira [...] (GALVÃO, 1879, p. 57).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Ribeirão	Piravevê	Tupi	Pirabebe: s.m. [< T. pirame'me<pi'ra peixe + me'me, voar]. Peixe da família dos exocetídeos; peixe-voador (CUNHA, 1999, p. 236). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Bêbê: v. intr. Voar; adj. volante, que vôa, pairante, que paira [...] (GALVÃO, 1879, p. 57).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Rio	Piripucu	Tupi	Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292). Pucu: adj. Comprido; alto (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 150).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Piripucu-açu	Tupi	Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292). Pucu: adj. Comprido; alto (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 150). Açú: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1928, p. 149)	Fitotopônimo	Composto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Lagoa	Pirizal	Tupi + LP	Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Simplex híbrido (subst. + suf.-zal)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Pitangueira	Tupi + LP	Pitanga: adjetivo, vermelho, corado; fino delicado, macio; a cutis fina. É o nome da fruta ácida de pele delicada e corada (SAMPAIO, 1928, p. 293).	Fitotopônimo	Simplex híbrido (adj. + suf.-eira)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Pitiri	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Poíque	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Cabeceira	Ponciano-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Cabeceira	Ponciano-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Ivinhema	Córrego	Ponta Porã	LP + Guarani	Porã: adj. Bonito, belo, formoso. Var., poranga (BUENO, 2008, p. 285).	Geomorfotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Ponte Ipê	LP + Tupi	Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda (SAMPAIO, 1928, p. 225).	Hodotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Ponte Ipê	LP + Tupi	Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda (SAMPAIO, 1928, p. 225).	Hodotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Ponte Ivatê	LP + Não Identificada	Não Identificada	Hodotopônimo	Composto híbrido (Não Identificada)
Iguatemi (MR 11)	Novo Horizonte do Sul	Córrego	Ponte Ivatê	LP + Não Identificada	Não Identificada	Hodotopônimo	Composto híbrido (Não Identificada)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Ponteí	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Ponteí	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Ponte-Pê	LP + Tupi	Pê: Substantivo irregular: caminho, estrada (de gente e em relação àquele que passa) (CARVALHO, 1987, p. 237).	Hodotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Ponte-Pê	LP + Tupi	Pê: Substantivo irregular: caminho, estrada (de gente e em relação àquele que passa) (CARVALHO, 1987, p. 237).	Hodotopônimo	Composto híbrido (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Pucovu	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Rio	Puitã	Guarani	Pitã: adj. Vermelho (tupi: pitanga) (TIBIRIÇÁ, 1989, p.146). Pîtã: adj. vermelho, corado, tenro, vê pîtang (GALVÃO, 1879, p. 397). Piranga, pirã, pitanga, pitã: vermelho (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Cromotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Rio	Puitã	Guarani	Pitã: adj. Vermelho (tupi: pitanga) (TIBIRIÇÁ, 1989, p.146). Pîtã: adj. vermelho, corado, tenro, vê pîtang (GALVÃO, 1879, p. 397). Piranga, pirã, pitanga, pitã: vermelho (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Cromotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Rio	Puitã	Guarani	Pitã: adj. Vermelho (tupi: pitanga) (TIBIRIÇÁ, 1989, p.146). Pîtã: adj. vermelho, corado, tenro, vê pîtang (GALVÃO, 1879, p. 397). Piranga, pirã, pitanga, pitã: vermelho (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Cromotopônimo	Simple com acomodação fonética (adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Quiri-quiri	Guarani	Kirikiri: zool. Gavião (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 93). Quiriquiri: s. onom. Gavião, francelho, falcão (GALVÃO, 1879, p. 434).	Zootopônimo	Simple (subst. onom.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Régis Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Cabeceira	do Rio Amambai	LP + Guarani	Amambaí: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Cabeceira	do Rio Amambai	LP + Guarani	Amambai: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Cabeceira	do Rio Amambai	LP + Guarani	Amambai: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; do guarani amambai-y, rio das samambaias (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 18). Samambaia: corr. Çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Felix herbacea) [...] (SAMPAIO, 1987, p. 311). Ambae: part. o que se circunvolve, ou se enrola, o que se torce em espiral; s. nome genérico dos fetos que M. escreve amambái fazendo suppor que bai é pái pendente (GALVÃO, 1879, p. 153). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Cabeceira	do Rio Apa	LP + Tupi	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p. 153).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Cabeceira	do Rio Apa	LP + Tupi	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p. 153).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	do Rio Maracá	LP + Tupi	Maracahype: corr. maracá-y-pe, no rio do maracá, ou do chocalho (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maraca: corr. marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana com orelha, cabelos, olhos, narinas e boca, estribado numa flecha como sobre pescoço. Depois da conquista, o nome maracá ficou servindo para denominar o chocalho (SAMPAIO, 1928, p. 261).	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Rufina-Cuê	LP + Guarani	Cuê: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Córrego	Sagarana	Alemão + Tupi	“Saga” , radical de origem germânica que significa "canto heroico", "lenda"; e “rana”, palavra de origem tupi que significa "que exprime semelhança". Assim Sagarana significa algo como "próximo a uma saga" ¹⁸⁹ . Saga: vem do alemão <i>sagen</i> dizer. Além de remeter-se à narrativa lendária oriunda dos países nórdicos. Enquanto <i>rana</i> , sufixo tupi, refere-se a igual, semelhante, da mesma família (SILVEIRA BUENO, 1968, p. 3615). Rana: Adjetivo - semelhante, parecido, o que parece, mas não é igual, pseudo, mal feito, tosco, grosseiro. É oposto a até. Ex: aba-rana: coisa que, parece homem, mas não é. Em tupinambá é rã (CARVALHO, 1987, p. 267).	Dirrematopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Porto	Sagarana	Alemão + Tupi	“Saga” , radical de origem germânica que significa "canto heroico", "lenda"; e “rana”, palavra de origem tupi que significa "que exprime semelhança". Assim Sagarana significa algo como "próximo a uma saga. Saga: vem do alemão <i>sagen</i> dizer. Além de remeter-se à narrativa lendária oriunda dos países nórdicos. Enquanto <i>rana</i> , sufixo tupi, refere-se a igual, semelhante, da mesma família (SILVEIRA BUENO, 1968, p. 3615). Rana: Adjetivo - semelhante, parecido, o que parece, mas não é igual, pseudo, mal feito, tosco, grosseiro. É oposto a até. Ex: aba-rana: coisa que, parece homem, mas não é. Em tupinambá é rã (CARVALHO, 1987, p. 267).	Dirrematopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + adj.)

¹⁸⁹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sagarana#:~:text=O%20t%C3%ADtulo%20da%20obra%20%C3%A9,%22pr%C3%B3ximo%20a%20uma%20saga%22.> Acesso em: 12 jan. 2021.

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Córrego	Sagarana	Alemão + Tupi	<p>“Saga”, radical de origem germânica que significa "canto heroico", "lenda"; e “rana”, palavra de origem tupi que significa "que exprime semelhança". Assim Sagarana significa algo como "próximo a uma saga. Saga: vem do alemão <i>sagen</i> dizer. Além de remeter-se à narrativa lendária oriunda dos países nórdicos. Enquanto <i>rana</i>, sufixo tupi, refere-se a igual, semelhante, da mesma família (SILVEIRA BUENO, 1968, p. 3615). Rana: Adjetivo - semelhante, parecido, o que parece, mas não é igual, pseudo, mal feito, tosco, grosseiro. É oposto a até. Ex: aba-rana: coisa que, parece homem, mas não é. Em tupinambá é rã (CARVALHO, 1987, p. 267).</p>	Dirrematopônimo	Composto justaposto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Saiju	Guarani	<p>Sai: s. m. Nome de um pássaro do gênero Tanagra (BUENO, 2008, p. 312). Yu: adj. Por yub, amarelo (BUENO, 2008, p. 411). Saijoví: zool. um bonito pássaro do gênero tanagra (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 155). Saiju: adj. amarelo, pálido, descolorido (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 156).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Saijú	Guarani	<p>Sai: s. m. Nome de um pássaro do gênero Tanagra (BUENO, 2008, p. 312). Yu: adj. Por yub, amarelo (BUENO, 2008, p. 411). Saijoví: zool. um bonito pássaro do gênero tanagra (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 155). Saiju: adj. amarelo, pálido, descolorido (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 156).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Samambaia	Tupi	<p>Samambaia: corr. Çama-mbaí, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Filix herbácea). No Norte do Brasil a samambaia é uma Tilandsia, vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 311). Samba: corr. çama ou çamba, a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folguedo; a dança em roda (SAMPAIO, 1987, p. 311). Mbai: máu, ruim; pôde-se dizer que quando máu, ruim é passivo desfeito, arruinado, estragado [...], v. mbai (mboafb) desfazer, desmanchar, fazer mal (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbáia: s. esteiras, trançados de junco ou de palha; [...] (GALVÃO, 1879, p. 227).</p>	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Rio	Samambaia	Tupi	Samambaia: corr. Çama-mbaí, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (Filix herbácea). No Norte do Brasil a samambaia é uma Tilandsia, vulgarmente conhecida por barba de velho, composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1987, p. 311). Samba: corr. çama ou çamba, a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folgado; a dança em roda (SAMPAIO, 1987, p. 311). Mbai: máu, ruim; pôde-se dizer que quando máu, ruim é passivo desfeito, arruinado, estragado [...], v. mbai (mboafb) desfazer, desmanchar, fazer mal (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbáia: s. esteiras, trançados de junco ou de palha; [...] (GALVÃO, 1879, p. 227).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Sanga Bonita	Tupi + LP	Sanga: corr. çanga, o espraiado, derramado, o alagado, a solta (SAMPAIO, 1928, p. 303).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Sanga Puitã	Tupi + Guarani	Sanga: corr. çanga, o espraiado, derramado, o alagado, a solta (SAMPAIO, 1928, p. 303). Pitã: adj. Vermelho (tupi: pitanga) (TIBIRIÇÁ, 1989, p.146). Pitã: adj. vermelho, corado, tenro, vê pitang (GALVÃO, 1879, p. 397). Piranga, pirã, pitanga, pitã: vermelho (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (Saccharum sapé) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-endy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çá; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-endy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Saruê	Tupi	Saruê: corr. çoó-r-ighê, o animal de saco. Ighêikê é a entrada, furo, seio, saco. Alt. sariguê, sarigueya, sorighê (SAMPAIO, 1987, p. 313).	Zootopônimo	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Saruê	Tupi	Saruê: corr. çoó-r-ighê, o animal de saco. Ighêikê é a entrada, furo, seio, saco. Alt. sariguê, sarigueya, sorighê (SAMPAIO, 1987, p. 313).	Zootopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Saverá	Tupi	Saverá: (e)çá-verá - o olho brilhante (DI) (TAVARES, 2004, p. 205). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Berá: corr. beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, verá, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Somatopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Seputã	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Souza Cuê	LP + Guarani	Cuê: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática <i>Euneclesmurinus</i> . Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Arroio	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclismurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclismurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Jardim	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclismurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Euneclismurinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Suíte-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Não Identificada	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Tacuapi	Tupi	Tacuapi: bot. certa planta de talo oco, que serve para fazer bomba de chimarrão (TIBIRIÇÁ, 1989, p.159). Taquá: s. Forma contrata de taquara, e. ta-quara, o tronco ou haste furada. Alt. Tacuara, Tacuá (SAMPAIO, 1987, p. 324). Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Tacuapiri	Tupi	Tacuapi: bot. certa planta de talo oco, que serve para fazer bomba de chimarrão (TIBIRIÇÁ, 1989, p.159). Taquá: s. Forma contrata de taquara, e. ta-quara, o tronco ou haste furada. Alt. Tacuara, Tacuá (SAMPAIO, 1987, p. 324). Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Tacuapiri	Tupi	Tacuapi: bot. certa planta de talo oco, que serve para fazer bomba de chimarrão (TIBIRIÇÁ, 1989, p.159). Taquá: s. Forma contrata de taquara, e. ta-quara, o tronco ou haste furada. Alt. Tacuara, Tacuá (SAMPAIO, 1987, p. 324). Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Tacuapirizinho	Tupi + LP	Tacuapi: bot. certa planta de talo oco, que serve para fazer bomba de chimarrão (TIBIRIÇÁ, 1989, p.159). Taquá: s. Forma contrata de taquara, e. ta-quara, o tronco ou haste furada. Alt. Tacuara, Tacuá (SAMPAIO, 1987, p. 324). Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + subst. + suf. dim. -zinho)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Tacuarizinho	Tupi + LP	Taquary: c. Taquar-y o rio das taquaras (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá" (SAMPAIO, 1928, 319). Ri: Líquido, água corrente, manante (BUENO, 2008 p. 304). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -zinho)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Tacuru	Guarani	Tacuri: s.m. Var.: tacurú. Espécie de formiga; cupinzeiro, ninho de cupim (CUNHA, 1999, p. 273). Itacuruba: c. Itá-curuba, o fragmento de pedra, o matacão, o seixo, o cascalho. Alt. Itacurú, Tacuruba, Tacuruva (SAMPAIO, 1987, p. 255).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Tacuru Tendi	Tupi + LP	Tacuri: s.m. Var.: tacurú. Espécie de formiga; cupinzeiro, ninho de cupim (CUNHA, 1999, p. 273). Itacuruba: c. Itá-curuba, o fragmento de pedra, o matacão, o seixo, o cascalho. Alt. Itacurú, Tacuruba, Tacuruva (SAMPAIO, 1987, p. 255).	Litotopônimo	Composto (subst. + verb.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Itaporã	Mata	do Tacuru	Tupi	Tacuri: s.m. Var.: tacurú. Espécie de formiga; cupinzeiro, ninho de cupim (CUNHA, 1999, p. 273). Itacuruba: c. Itá-curuba, o fragmento de pedra, o matacão, o seixo, o cascalho. Alt. Itacurú, Tacuruba, Tacuruva (SAMPAIO, 1987, p. 255).	Litotopônimo	Composto aglutinado com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Tagi	Tupi	Tagy: o memso que tay, braço, ou galho de rio; furo, canal (SAMPAIO, 1987, p. 319).	Hidrotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Tamanduá	Tupi	Tamanduá: corr. ta-monduá, o caçador de formigas. O componente -ta- é como uma forma contracta de tacy, a formiga. É o nome tupi dos Myrmecophagas (SAMPAIO, 1928, p. 313). Tacy: Substantivo: formiga (em geral), como elemento de composição. O "t" é temático. (CARVALHO, 1987, p. 275). Mõnduá: Caçar. V. Caá. (MONTROYA, 1876, p. 228). Kaá-mo-ndo: Verbo intransitivo: caçar, fazer caçada (CARVALHO, 1987, p. 140).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Taparique	Tupi	Itaparica: corr. Itá-pari, a tapagem de pedras, ou a cerca feita de pedras. Nome que tem a ilha maior das que ficam dentro da Bahia de Todos os Santos; assim se chama - itáparica ou itapari - em alusão à corda de recifes que lhe protege a costa oceânica, [...] (SAMPAIO, 1928, p. 233). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928 p. 229). Parí: s. O cercado para apanhar peixe, a 'caniçada, ou curral de peixe (SAMPAIO, 1987, p. 296).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Fátima do Sul	Córrego	Tapei	Tupi	Tapé: s. o caminho. O mesmo que apé, a estrada (BUENO, 2008, p. 333). Tapeii: v. adj. frequentar, rustir, bater o caminho, vê peii; ger. [...] (GALVÃO, 1879, p. 481). Peii: s. caminho batido ou sovado, trilhado [...] (GALVÃO, 1879, p. 367).	Hodotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Dourados (MR 10)	Vicentina	Córrego	Tapeí	Tupi	Tapé: s. o caminho. O mesmo que apé, a estrada (BUENO, 2008, p. 333). Tapeii: v. adj. frequentar, rustir, bater o caminho, vê peii; ger. [...] (GALVÃO, 1879, p. 481). Peii: s. caminho batido ou sovado, trilhado [...] (GALVÃO, 1879, p. 367).	Hodotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Tapei-cuê	Tupi + Guarani	Tapé: s. o caminho. O mesmo que apé, a estrada (BUENO, 2008, p. 333). Tapeii: v. adj. frequentar, rustir, bater o caminho, vê peii; ger. [...] (GALVÃO, 1879, p. 481). Peii: s. caminho batido ou sovado, trilhado [...] (GALVÃO, 1879, p. 367). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Hodotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simplex aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Tapoti	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Tapuí	Tupi	Tapuí-a: Substantivo - choca, choupana, ramada. Bárbaro. Escravo. Tapúia (desprezível para o tupi, como inimigo) (CARVALHO, 1987, p. 278). Tapii: [...]; em tupi tapuya gentio (GALVÃO, 1879, p. 483). Tapuyú: c. tapuy-ú, o gentio come; onde vive o índio bravo (SAMPAIO, 1987, p. 324).	Ecotopônimo	Simplex com acomodação fonética (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Taquaperi	Tupi	Taquá: s. forma contracta de taquara, c. ta-quara, o tronco ou haste furada. Alt. tacuara, tacuá" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Piri: s. junco, esteira de junco; o primitivo deve ser esteira, o que se-estende, der. de pir pelle, couro, com um suff. ou só com a posp. í, que já se-presta à significação (GALVÃO, 1879, p. 381).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Coronel Sapucaia	Córrego	Taquaperi	Tupi	Taquá: s. forma contracta de taquara, c. ta-quara, o tronco ou haste furada. Alt. tacuara, tacuá" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Piri: s. junco, esteira de junco; o primitivo deve ser esteira, o que se-estende, der. de pir pelle, couro, com um suff. ou só com a posp. í, que já se-presta à significação (GALVÃO, 1879, p. 381).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Antônio João	Córrego	Taquara	Tupi	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simplex (subst.)
Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Taquara	Tupi	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simplex (subst.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Taquara	Tupi	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simplex (subst.)
Dourados (MR 10)	Itaporã	Córrego	Taquara	Tupi	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simplex (subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Juti	Rio	Taquara	Tupi	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple (subst.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Taquara	Tupi	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple (subst.)
Bodoquena (MR 09)	Bodoquena	Córrego	Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + suf. -al)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + suf. -al)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + suf. -al)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + suf. -al)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Cabeceira	do Taquaral	LP + Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + subst. + suf. -al)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Cabeceira	do Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + subst. + suf. -al)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Taquaralzinho	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá (SAMPAIO, 1928, 319).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + suf. -al + suf. dim. -zinho)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de qar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo suf. -i)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Taquaribe	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simplex híbrido (subst. + grau diminutivo suf. -i)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Córrego	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bodoquena	Córrego	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Maracaju	Riacho	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Ribeirão	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brillhante	Córrego	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Sete Quedas	Córrego	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Taquarussu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Cabeceira	Taquarussu	Tupi + LP	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Taquarussu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Taquarussu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Ribeira	Taquarussu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Nova Alvorada do Sul	Córrego	Taquarussu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Bonito	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarúmã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de taríma ou taríbá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns coccos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarima ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarima ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarima ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Guia Lopes da Laguna	Rio	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarima ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarûmã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarîma ou tarîbá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Rio	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarûmã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarîma ou tarîbá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarûmã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarîma ou tarîbá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarûmã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarîma ou tarîbá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarûmã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarîma ou tarîbá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Taruman	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de taríma ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simples (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Tata-Cuá	Tupi	Tata: s., o fogo, o lume, a luz" (SAMPAIO, 1928, p. 320). Cuá: Cuara, s., o buraco, o orifício, a cova. V. Quara (SAMPAIO, 1928, p. 192). [buraco do fogo].	Ergotopônimo	Composto (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Tataré	Guarani	Tataré: bot. pau-ferro; árvore de boa madeira para construção (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 163).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Dourados (MR 10)	Ponta Porã	Córrego	Tataré	Guarani	Tataré: bot. pau-ferro; árvore de boa madeira para construção (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 163).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Cabeceira	Tatarém	Guarani	Tataré: bot. pau-ferro; árvore de boa madeira para construção (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 163).	Fitotopônimo	Simples com acomodação fonética (subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Tati	Tupi	Tati: (idem, tatin - B.C. p. 489 - tati = pontudo, aguçado, que vai em poncta): libélula (vulgo; jacinta, macaquinho) (BOUDIN, 1978, p. 246).	Zootopônimo	Simples (subst.)
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Tatuí	Tupi	Tatuí: s. ralo, inseto que roe folhas tob folhas húi no abs. Túi aquelle que come? o v. ú comer não tem t abs. Mas acha-se com h rel. do mesmo modo que ar nascer e outros (GALVÃO, 1879, p. 490).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Tatuí	Tupi	Tatuí: s. ralo, inseto que roe folhas tob folhas húi no abs. Túi aquelle que come? o v. ú comer não tem t abs. Mas acha-se com h rel. do mesmo modo que ar nascer e outros (GALVÃO, 1879, p. 490).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Cabeceira	do Tatuí	LP + Tupi	Tatuí: s. ralo, inseto que roe folhas tob folhas húi no abs. Túi aquelle que come? o v. ú comer não tem t abs. Mas acha-se com h rel. do mesmo modo que ar nascer e outros (GALVÃO, 1879, p. 490).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + verb.)
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Taturace	Tupi	Tatu: “Corr. ta-tú, o casco encorpado, ou grosso, couraça” (SAMPAIO, 1928, p. 321).	Zootopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Aral Moreira	Córrego	Taturacem	Tupi	Tatu: “Corr. ta-tú, o casco encorpado, ou grosso, couraça” (SAMPAIO, 1928, p. 321).	Zootopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Taturi	Tupi	Tatu: Corr. ta-tú, o casco encorpado, ou grosso, couraça (SAMPAIO, 1928, p. 321). Tatuí: s. ralo, inseto que roe folhas tob folhas húi no abs. Túi aquelle que come? o v. ú comer não tem t abs. Mas acha-se com h rel. do mesmo modo que ar nascer e outros (GALVÃO, 1879, p. 490).	Zootopônimo	Não Identificada
Dourados (MR 10)	Laguna Carapã	Córrego	Teju-Cuê	Tupi + Guarani	Teyú: corr. Ty-ú, o que come escondido, o lagarto. Alt. Teyú, Tiju. (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tejú: Lagarto. Outros escrevem Tiú e Teiú (BUENO, 2008, p. 530). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Zootopônimo	Composto Híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Tejuí	Tupi	Teyú: corr. Ty-ú, o que come escondido, o lagarto. Alt. Teyú, Tiju. (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tejú: Lagarto. Outros escrevem Tiú e Teiú (BUENO, 2008, p. 530). Y: a água, o líquido, o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347)	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Tereré	Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebentação. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirilar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO. 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simples (verb. onom.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Antônio João	Córrego	do Tereré	LP + Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebentação. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirlar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO. 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simple híbrido com soldadura (prep. + verb. onom.)
Bodoquena (MR 09)	Bela Vista	Rio	Tereré	Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebentação. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirlar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO. 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simple (verb. onom.)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Córrego	Tereré	Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebentação. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirlar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO. 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simple (verb. onom.)
Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Tereré	Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebentação. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirlar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO. 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simple (verb. onom.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Jateí	Córrego	Tereré	Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebentação. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirlilar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO. 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simple (verb. onom.)
Bodoquena (MR 09)	Caracol	Rio	Tererê	Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebentação. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirlilar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO. 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simple (verb. onom.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Timbaúva	Tupi	Timbaúva: A árvore do sabão, pois, os frutos espumam como se fossem sabão. Var. timbaúba, timboubá, timboíba (BUENO, 2008, p. 354). Timbauba: corr. timbó-yba, a arvore de espuma. O fruto desta planta, qunado tratado com água, dá espuma. Alt. timboíba, timboúba (SAMPAIO, 1987, p. 329). Timbó: s. o bafo, a fumarada, o vapor, Planta cujo suco mata o peixe (SAMPAIO, 1987, p. 329). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Paranhos	Córrego	Timbaúva	Tupi	Timbaúva: A árvore do sabão, pois, os frutos espumam como se fossem sabão. Var. timbaúba, timboubá, timboíba (BUENO, 2008, p. 354). Timbauba: corr. timbó-yba, a arvore de espuma. O fruto desta planta, qunado tratado com água, dá espuma. Alt. timboíba, timboúba (SAMPAIO, 1987, p. 329). Timbó: s. o bafo, a fumarada, o vapor, Planta cujo suco mata o peixe (SAMPAIO, 1987, p. 329). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Tinguara	Tupi	Tingará: é o nome da ave Dasycephala cinérea (SAMPAIO, 1928, p. 325). Tinga, tin, pitinga: branco, alvo (SAMPAIO, 1987, p. 93). Guará: s. A garça vermelha, a ave aquática (SAMPAIO, 1987, p. 237).	Zootopônimo	Composto justaposto (adj. + subst.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Ribeirão	Tinguará	Tupi	Tingará: é o nome da ave Dasycephala cinérea (SAMPAIO, 1928, p. 325). Tinga, tin, pitinga: branco, alvo (SAMPAIO, 1987, p. 93). Guará: s. A garça vermelha, a ave aquática (SAMPAIO, 1987, p. 237).	Zootopônimo	Composto justaposto (adj. + subst.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Caarapó	Córrego	Trapiche-Cuê	Espanhol + Tupi	Trapiche: armazém em que são guardadas mercadorias importadas ou destinadas à exportação. Pequeno engenho de açúcar movido por animais (HOUAISS, 2009). Trapiche: eram toscas pontes de madeira que entravam algumas dezenas de metros no Estuário, alcançando o convés dos navios a vela - que não podiam se aproximar mais das margens, sob pena de encalharem no lodaçal ¹⁹⁰ . Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Sociotopônimo ¹⁹¹	Composto híbrido (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Três Capões	LP + Tupi	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (Ilex paraguayensis). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa-u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upión (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Numerotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (num. + subst. + marca de plural)
Bodoquena (MR 09)	Jardim	Córrego	Três Capões	LP + Tupi	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (Ilex paraguayensis). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa-u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upión (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Numerotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (num. + subst. + marca de plural)

¹⁹⁰ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/trapiche/atracadouro/>. Acesso em: 20 ago.2020.

¹⁹¹ O topônimo *Trapiche* apresenta duas descrições etimológicas, Sociotopônimo e Hodotopônimo, por ora, optou-se por registrar a definição do dicionário Houaiss (2009).

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Ilha	Tucano	Tupi	Tucano: corr. tu-quã, o bico que sobrepuja, o bico exagerado (SAMPAIO, 1928, p. 329)	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Juti	Córrego	Tuju	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo ¹⁹²	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Tuju Puitã	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo	Composto (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Tujuciri	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj. + subst.)

¹⁹² O topônimo *Tuju* apresenta duas descrições etimológicas, zootopônimo e litotopônimo, por ora, optou-se por registrar a definição de Sampaio (1987, p. 336).

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Dourados (MR 10)	Amambai	Córrego	Tujuri	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj. + grau diminutivo -i)
Dourados (MR 10)	Amambai	Cabeceira	Tujuri	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Tujuri	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Eldorado	Córrego	Tujuri	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Córrego	Tujuri	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj. + grau diminutivo -i)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (continuação)

Iguatemi (MR 11)	Iguatemi	Cabeceira	Tujuri	Tupi	Tuju: s. lodo, barro, limo; pântano. Zool. Nome de uma ave da fam. Dos fringilídeos (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 170). Tuyú: s. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a tuyuca ou ty-yuca, no tupi costeiro (SAMPAIO, 1987, p. 336). Tuyuca: corr. Ty-yuca, o brejo, a lama, o charco, a paul. Alt. Tijuca, Tijuco, Tujuco, Tuyu (SAMPAIO, 1987, p. 336). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328). Yuca: maguado, machucado, assassinado, morto (GALVÃO 1879, p. 233).	Litotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj. + grau diminutivo -i)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Turumã	Tupi	Turuna: tyr-una, o cano preto, membrum nigrum (SAMPAIO, 1928, p. 331). Turuma: s. de tyr-uma, o cano preto, o membro genital masculino, preto, escuro (BUENO, 2008, p. 364).	Somatopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Rio Brilhante	Córrego	Uruê	Tupi	Uererê: corr. y-ererê, a água em giro ou redemoinho (SAMPAIO, 1987, p. 335).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Dourados (MR 10)	Maracaju	Córrego	Urumbeba	Tupi	Urumbeba: corr. Ymirá-mbeba, alterado para ur-mbeba, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha (Coereus) (SAMPAIO, 1928, p. 339).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Urumbeba	Tupi	Urumbeba: corr. Ymirá-mbeba, alterado para ur-mbeba, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha (Coereus) (SAMPAIO, 1928, p. 339).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Urumbeva	Tupi	Urumbeba: corr. Ymirá-mbeba, alterado para ur-mbeba, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha (Coereus) (SAMPAIO, 1928, p. 339),	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Córrego	Urumbeva	Tupi	Urumbeba: corr. Ymirá-mbeba, alterado para ur-mbeba, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha (Coereus) (SAMPAIO, 1928, p. 339)	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 43 – Mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul (conclusão)

Iguatemi (MR 11)	Tacuru	Córrego	Valente-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Animotopônimo eufórico	Composto híbrido (adj. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Córrego	Vito-i-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Mundo Novo	Córrego	Vito-I-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)
Iguatemi (MR 11)	Naviraí	Córrego	Xexim	Tupi	Xanchim: corr. chan-chin, ou çam-ci, acorda lisa, a fibra macia [...] (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Bodoquena (MR 09)	Nioaque	Cabeceira	da Ximbuíva	Tupi	Timbaúva: A árvore do sabão, pois, os frutos espumam como se fossem sabão. Var. timbaúba, timboubá, timboíba (BUENO, 2008, p. 354). Timbauba: corr. timbó-yba, a árvore de espuma. O fruto desta planta, quando tratado com água, dá espuma. Alt. timboíba, timbouba (SAMPAIO, 1987, p. 329). Timbó: s. o bafo, a fumarada, o vapor, Planta cujo suco mata o peixe (SAMPAIO, 1987, p. 329). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Dourados (MR 10)	Dourados	Córrego	Zoila-Cuê	LP + Guarani	Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indiacr o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Antropotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Fonte: Elaboração da autora.

A *Mesorregião Sudoeste* cobre **três** microrregiões que, por sua vez, abriga **38** municípios em uma área de 82.428 km² e aproximadamente 832.446 habitantes¹⁹³. Foram documentados, nessa mesorregião, **805** topônimos de origem indígena, sendo **106** pertencentes à microrregião Bodoquena (MR 09), **295** à microrregião Dourados (MR 10) e **404** à microrregião Iguatemi (MR 11).

Por fim, por meio do quadro 44 é apresentado o conjunto de topônimos que se representam à mesorregião dos Pantanaís.

¹⁹³ Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-centro-norte-de-mato-grosso-do-sul.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continua)

Microrregião	Município	Elemento geográfico	Topônimo	Língua de Origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura morfológica
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Acôco	Tupi	Acô: v. madrugar. Acoca: v. abraçar a cabeça de alguém (BUENO, 2008, p. 35). Cô: interjeição toma! Boca! A roça, a plantação. Este, esta, estes, estas (BUENO, 2008, p. 106).	Não Identificada	Não Identificada
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Aguaçú	Tupi	Guaçú: s. no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simples (pref. a- + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Aguaçú	Tupi	Guaçú: s. no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçú, aliás çoó-açú, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simples (pref. a- + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Lagoa	do Aguapé	LP + Tupi	Aguapé: s.c. Aguá-pe, coisa redonda e chata; a planta vulgarmente chamada guapé, guapéba, guapéva, que cobre a superfície dos lagos e das águas remansadas (Nymphéa) (SAMPAIO, 1987, p. 191). Guapé: c. Gua-apé, o que serve de caminho; alusão às folhas desta planta que cobrem a superfície das águas estagnadas e dão caminho às aves. Pode ser também corrupção de guá-peba, o que é chato ou plano. Alt. Aguapé (SAMPAIO, 1987, p. 236-237). A: s. A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções (SAMPAIO, 1987, p. 188). Apé: s. o caminho, a estrada. Alt. Pé. Casca, escama (SAMPAIO, 1987, p. 195). Apeba: s. c. a-peba, coisa baixa, plana, chata; a superfície. Alt. Apé, Pé (SAMPAIO, 1987, p. 195). Peba: adj. Plano, chato, baixo, rasteiro, inferior. É o nome de uma qualidade de tatu, o <i>Dasyus seynctus</i> , L. Alt. Pé, Péua, Peva (SAMPAIO, 1987, p. 297).	Fitotopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + pref. a- + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Aguassuzinho	Tupi + LP	Guaçu: s. no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simples híbrido (pref. a- + adj. + suf. dim. - zinho)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Amonguipa	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Angico	Tupi	Angico: s. árvore de grande porte <i>Piptadenia peregrina</i> (BUENO, 2008, p. 46).	Fitotopônimo	Simples (substantivo)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Morro	do Anu	LP + Tupi	Anú: variedade anum, passaro preto. É pássaro carrapatófago (BUENO, 2008, p. 48).	Zootopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Rio	Apa	Tupi	Apa: adj. desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153).	Não Identificada	Simples (adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Rio	Aquidabã	Terena/ Tapuíá	Aquidabã: cid. E mun. de Sergipe; rio do Mato Grosso do Sul; nome de origem terena, numerosa nação indígena que ocupou grande parte desse Estado e está confinada hoje, em pequenos redutos, nos municípios de Aquidauana e Miranda (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Aquidabã: s.m. riacho do Paraguai. Nome de um cruzador da Marinha Brasileira, que explodiu, fazendo numerosas vítimas, origem tapuíá (BUENO, 2008, p. 54). Os naturais de Aquidabã são aguidabanenses ou aquidapolitanos. Aquidabaense é um erro do povo, que descobre a origem etimológica da palavra, que é guarani e quer dizer em idioma português, terras entre rios, lagoas, ilhas, terras férteis e aguadas. Gentílico: aquidabãense.	Hidrotopônimo	Não Identificada
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Baía	Aquidabã	Terena/ Tapuíá	Aquidabã: cid. E mun. de Sergipe; rio do Mato Grosso do Sul; nome de origem terena, numerosa nação indígena que ocupou grande parte desse Estado e está confinada hoje, em pequenos redutos, nos municípios de Aquidauana e Miranda (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Aquidabã: s.m. riacho do Paraguai. Nome de um cruzador da Marinha Brasileira, que explodiu, fazendo numerosas vítimas, origem tapuíá (BUENO, 2008, p. 54). Os naturais de Aquidabã são aguidabanenses ou aquidapolitanos. Aquidabaense é um erro do povo, que descobre a origem etimológica da palavra, que é guarani e quer dizer em idioma português, terras entre rios, lagoas, ilhas, terras férteis e aguadas. Gentílico: aquidabãense.	Hidrotopônimo	Não Identificada
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Rio	Aquidauana	Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Rio	Aquidauana	Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Serra	de Aquidauana	LP + Terena/ Guaicuru	Aquidauana: rio e cid. de Mato Grosso do Sul; nome de origem terena (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). O nome Aquidauana se origina da língua Guaicuru e significa “Rio Estreito, fino” (IBGE, 2017).	Hidrotopônimo	Composto justaposto híbrido (prep. + subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Vazante	Arara	Tupi	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simples (subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Morro	da Arara	LP + Tupi	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simples com soldadura (prep. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	das Araras	LP + Tupi + LP	Arara: s. voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 158).	Zootopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Bacuri	Tupi	Bacuri: fruto da palmeira do mesmo nome, de ybácuri, que dá frutos depressa (BUENO, 2008, p. 69). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá. (1987, p. 346). Curí: corr. Curĩ, o pinhão, fruto do pinheiro (<i>Araucaria brasiliensis</i>) (SAMPAIO, 1987, p. 227).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Baguaçu	Tupi	Baguaçu: s.m. Var.: bagussú, bagassú, iuuassu, baguassú, uauassú, babassú, babasú [< T. iuaua'su, iua<i'ua 'fruta' + ua'su 'grande'. Espécie de palmeira, cujo fruto é o coco-baguaçu (CUNHA, 1999, p. 67). Aiuá: s. c. A-iuá, a fruta de espinho; o juazeiro (<i>Ziziphus</i>). Alt. Yuá (SAMPAIO, 1987, p. 192). Açu: adj. Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. Alt. oçú, uçú, guaçu (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Baguari	Tupi	Baguari: corr. mbaguari, espécie de garça (SAMPAIO, 1928, p. 164). Mbaguari: zool. Certa ave pernalta que habita as regiões pantanosas (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 100). Mbaguari: adj. vagaroso, tardo, que caminha pesadamente, pesadão, (mbegué com suff. rí? ou com ri inf. de 1 estar?) é um nome genérico de cegonhas e garças (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbaé: s. a coisa, o objeto; bens, haveres; prefixo para formar verbos e substantivos abstratos. Alt. Mãe, mã, baé, ba (SAMPAIO, 1987, p. 281). Guariba: Guar-ayba, o indivíduo feio; a gente ruim. Designa uma casta de macacos (<i>Mycetes</i>). Alt. Guariva, Guarí (SAMPAIO, 1987, p. 239).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Baguari	Tupi	Baguari: corr. mbaguari, espécie de garça (SAMPAIO, 1928, p. 164). Mbaguari: zool. Certa ave pernalta que habita as regiões pantanosas (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 100). Mbaguari: adj. vagaroso, tardo, que caminha pesadamente, pesadão, (mbeguê com suff. rí? ou com ri inf. de 1 estar?) é um nome genérico de cegonhas e garças (GALVÃO, 1879, p. 227). Mbaé: s. a coisa, o objeto; bens, haveres; prefixo para formar verbos e substantivos abstratos. Alt. Mãe, mã, baé, ba (SAMPAIO, 1987, p. 281). Guariba: Guar-ayba, o indivíduo feio; a gente ruim. Designa uma casta de macacos (Mycetes). Alt. Guariva, Guarí (SAMPAIO, 1987, p. 239).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Ladário	Morro	Bocaina	Guarani	Bocaina: s. depressão, aberta numa serra. Cidade do Est. De S. Paulo (BUENO, 2008, p. 76).	Geomorfotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Vazante	Bocaina	Guarani	Bocaina: s. depressão, aberta numa serra. Cidade do Est. de S. Paulo (BUENO, 2008, p. 76).	Geomorfotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Morro	Bocaina	Guarani	Bocaina: s. depressão, aberta numa serra. Cidade do Est. De S. Paulo (BUENO, 2008, p. 76).	Geomorfotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Serra	da Bocaina	LP + Guarani	Bocaina: s. depressão, aberta numa serra. Cidade do Est. De S. Paulo (BUENO, 2008, p. 76).	Geomorfotopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Bodoquena	Tupi	Bodoquena: tem origem no tupi e quer dizer atoleiro em cima da serra (TEIXEIRA, 1989, p. 3 <i>apud</i> GONSALVES 2004, p. 99).	Litotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Miranda	Serra	Bodoquena	Tupi	Bodoquena: tem origem no tupi e quer dizer atoleiro em cima da serra (TEIXEIRA, 1989, p. 3 <i>apud</i> GONSALVES 2004, p. 99).	Litotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Aquidauana (MR 02)	Miranda	Córrego	Bodoquena	Tupi	Bodoquena: tem origem no tupi e quer dizer atoleiro em cima da serra (TEIXEIRA, 1989, p. 3 <i>apud</i> GONSALVES 2004, p. 99).	Litotopônimo	Simple com acomodação fonética (subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Serra	da Bodoquena	Tupi	Bodoquena: tem origem no tupi e quer dizer atoleiro em cima da serra (TEIXEIRA, 1989, p. 3 <i>apud</i> GONSALVES 2004, p. 99).	Litotopônimo	Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Buriti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Buritizal	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. -zal)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Cabeceira	Buritizal	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. -zal)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -zinho)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Buritizinho	Tupi + LP	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -zinho)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Aldeia	Buruti	Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Caeté	Tupi	<p>Caeté: corr. caá-etê, a mata real constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga. Alt. Caheté, Cahité (SAMPAIO, 1928, p. 175).</p> <p>Caetê: (caá-etê) a mata virgem, a floresta, a mata grande, a verdadeira mata. Form. de CAÁ, mato, folhas, ervas, vegetal; ETÉ, muito, verdadeiro, legítimo, real. ETÉ é partícula de superlativo. Segundo Padre A. Lemos Barbosa, ETÉ dá aos substantivos o sentido de valor, preciosidade, genuidade, grandeza (PONTES, 1970, p. 134). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Etê: adj. Corpóreo, material; real, positivo; verdadeiro; bom, honrado; são; ilustre, grande. É um adj. Conexo com o seg. s.; (GALVÃO, 1879, p. 125).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	do Caetetu Magro	LP + Tupi + LP	<p>Catête: corr. tatetú ou tãytetú, o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez. Alt. Caitetú, Catêto (SAMPAIO, 1928, p. 185).</p>	Zootopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Camaquã	Tupi	<p>Camaquã: cid. Do Rio Grande do Sul; de cama-acuã, lit. peito saliente, elevação do terreno semelhante a peito de mulher (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 35). Camacuã: s. c. cama-cuã, ou cama-guã, o bicho do peito; colina ponteaguda; cabeça íngreme (SAMPAIO, 1987, p. 213). Cama: s. O peito, os seios; o papo; elevação, proeminência, cabeça. Alt. Cam, Cã (SAMPAIO, 1987, p. 213). Cuã: s. cascalho, seixo, pedras miúdas, (cu-áb corpo partido) [...], faz supor que cuã é modificado de quaí cortado, picado; [...] (GALVÃO, 1879, p. 78).</p>	Geomorfotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Cambará	Guarani	<p>Cambará: s.m. nome de um arbusto forrageiro. Var. camará. De caa, folha, planta; mbará pintalgado (BUENO, 2008, p. 89). Camará: corr. Caá-mbará, a planta variegada; a planta de folhas de várias cores (<i>Latana C.</i>). Alt. Cambará, Capará (SAMPAIO, 1928, p. 177). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Pará: o memso que mbará ou mará, s., o mar [...] significa também variedade, policromia, e, como derivado de parab, funciona como adjetivo, significando: vários, variegado, multicolor (SAMPAIO, 1987, p. 293).</p>	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Ilha	do Capão Queimado	Tupi + LP	Capão: caá – pãu, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928, p. 179). Capão: mancha de mata em meio a um descampado [de Ka'a – mata + 'ypa'ũ - ilha: ilha de mata] (NAVARRO, 2013, p. 553). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). Ypaú: c. Y-pa~u, entre águas, o meio entre elas; a ilha. Alt. Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upíon (p. SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Capim Branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Capim Branco	Tupi + LP	Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Caá: s. A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (<i>Ilex paraguayensis</i>). Alt. Cá (SAMPAIO, 1987, p. 210). * 73 – As vogais duplas aa e ii contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje capim por caapy ou caapiĩ [...] (SAMPAIO, 1987, p. 125). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	Capivara	Tupi	Capivara: corr. caapiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (<i>Hydrochoerus Capybara</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 180). Capivara: s.f. [T. kapii'uaara<ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u</i> , o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. Alt. Guara. V. Guara (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	Capivara	Tupi	Capivara: corr. caapiiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (Hydrochoerus Capybara) (SAMPAIO, 1928, p 180). Capivara: s.f. [T. kapii' uara < ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u</i> , o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. <i>Alt. Guara. V. Guara</i> (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Capivara	Tupi	Capivara: corr. caapiiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (Hydrochoerus Capybara) (SAMPAIO, 1928, p 180). Capivara: s.f. [T. kapii' uara < ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u</i> , o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. <i>Alt. Guara. V. Guara</i> (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Capivara	Tupi	Capivara: corr. caapiiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (Hydrochoerus Capybara) (SAMPAIO, 1928, p 180). Capivara: s.f. [T. kapii' uara < ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u</i> , o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. <i>Alt. Guara. V. Guara</i> (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Capivara	Tupi	Capivara: corr. caapiiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (Hydrochoerus Capybara) (SAMPAIO, 1928, p 180). Capivara: s.f. [T. kapii' uara < ka'pii 'capim' + uara 'comedor'. Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (CUNHA, 1999, p. 97). Capim: corr. caapiĩ, a planta da folha fina; a erva miúda (SAMPAIO, 1928, p. 179). Uara: <i>Part. do fut. do vb. u</i> , o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo. O indivíduo. <i>Alt. Guara. V. Guara</i> (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Capivari	Tupi	Capivary: s. o rio das capivaras. Cidade de S. Paulo e bairro dos Campos do Jordão (BUENO, 2008, p. 93). Capivara: corr. caapiuára, o comedor de capim; o herbívoro. (HydrochoerusCapybara) (SAMPAIO, 1928, p. 180). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural do tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + grau dim. -im + subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Caracará	Tupi	Caracará: carãe-carãe, o arranhador, uma espécie de gavião. Alt. Carcará (SAMPAIO, 1928, p. 180).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. onom. + subst. onom.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Ilha	Caraguatá	Tupi	Caraguatá: corr. carauá-tã, o carauá rijo, duro (SAMPAIO, 1928, p.181). Carauá: corr. cará-uã, talo armado de espinhos, nervura farpada; bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. Alt. Crauá (SAMPAIO, 1928, p. 182). Antã: adj. Forte, duro, rijo. Alt. Atã (SAMPAIO, 1987, p. 195).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Caraguatá	Tupi	Caraguatá: corr. carauá-tã, o carauá rijo, duro (SAMPAIO, 1928, p.181). Carauá: corr. cará-uã, talo armado de espinhos, nervura farpada; bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. Alt. Crauá (SAMPAIO, 1928, p. 182). Antã: adj. Forte, duro, rijo. Alt. Atã (SAMPAIO, 1987, p. 195).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Carandá	Tupi	Carandá: V. Caraná. (SAMPAIO, 1987, p. 217). Caraná: ou carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira Corpenicia cerifera, vulgo carnaúba (SAMPAIO, 1987, p. 217). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acarã, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (adj. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Carandá	Tupi	Carandá: V. Caraná. (SAMPAIO, 1987, p. 217). Caraná: ou carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira <i>Corpenicia cerifera</i> , vulgo carnaúba (SAMPAIO, 1987, p. 217). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (adj. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Carandá	Tupi	Carandá: V. Caraná. (SAMPAIO, 1987, p. 217). Caraná: ou carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira <i>Corpenicia cerifera</i> , vulgo carnaúba (SAMPAIO, 1987, p. 217). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (adj. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Carandalzinho	Tupi + LP	Carandá: V. Caraná. (SAMPAIO, 1987, p. 217). Caraná: ou carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira <i>Corpenicia cerifera</i> , vulgo carnaúba (SAMPAIO, 1987, p. 217). Cará: carã, redondo, circular. Pode proceder acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. V. Acará. Designa também uma planta tuberosa, como o inhame de são Tomé (SAMPAIO, 1987, p. 216). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (adj. + subst. + suf. dim. -zinho)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Serra	do Catimbate	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Morro	do Chané	LP + Aruaque	Os guanás, também referidos como chanés , Chané-Guaná [...] constituem uma etnia indígena sul-americana aruaque ¹⁹⁴ .	Etnotopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)

¹⁹⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guan%C3%A1s>. Acesso em: 13 jan. 2021.

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Rio	Chapena	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Cipó	Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Cipó	Tupi	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Distrito	de Cípolândia	Tupi + LP	Cipó: corr. Içá-pó, literalmente, galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. icepó, cepó, çapó, sipó (SAMPAIO, 1928, p. 188). Içacá: corr. Ycá-çã, os gravetos, os ramos secos (SAMPAIO, 1987, p. 247). Pó: fazer haver, vê mbopor; demais, é o começo de muitos verbos compostos de pó mão e de pó fibra com o pref. mbo, dos quaes apenas se-deduzem alguns (GALVÃO, 1879, p. 253).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + suf. -lândia)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Corixo do Pacu	LP + Guarani	Pacu: corr. pag.ú, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial Prochilodusargenteus (SAMPAIO, 1928, p. 280)	Hidrotopônimo	Composto híbrido com soldadura (subst. + prep. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Coxim Branco	Bororo + LP	Coxim: rio e cid. de Mato Grosso; do bororo cuji, peixe (seg. Levy Cardoso) (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 45) ¹⁹⁵ . Coxim: s. Não é tupi. Na língua kaingáng ou bugre, quer dizer filho. Mato Grosso. Alt. Cuxiim (SAMPAIO, 1987, p. 225).	Zootopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Rio	Dois Irmãos do Buriti	LP + Tupi	Burity: corr. mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. Alt. Murity, Mirty, Morty (SAMPAIO, 1928, p. 171). Burí: s. A palmeira conhecida. (<i>Diplothemium caudescens</i> , Mart.). Alt. Bury (SAMPAIO, 1987, p. 209). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água [...] (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Numerotopônimo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (num. + subst. + prep. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Lagoa	Garba	Tupi	Acangaíba: s.c. Acang-ayba, a cabeçamá; o doido (SAMPAIO, 1987, p. 189). Angaíba: s. c. Anga-ayba, a alma ruim, infeliz, danada; a visão má (SAMPAIO, 1987, p. 194). Nheengaíba: c. nheeng-aíba, a língua má; a fala incompreensível (SAMPAIO, 1987, p. 289). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Animotopônimo disfórico	Simple com acomodação fonética (adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Gibóia	Tupi	Giboa: gihi – boy, a cobra de rãs, o ofídio que se alimenta de rãs (SAMPAIO, 1928, p. 203). Gia: corr. Gihi, a rã grande, de cor escura (SAMPAIO, 1987, p. 233). Boy: corr. Mboy, a cobra, o ofídio em geral. Alt. Boi, Moy (SAMPAIO, 1987, p. 208).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Ladário	Córrego	do Guaçu	Tupi	Guaçu: s. no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).	Dimensiotopônimo	Simple com soldadura (prep. + adj.)

¹⁹⁵ Para a classificação taxionômica do topônimo **Coxim**, no âmbito do Projeto ATEMS, por ora, foi considerada a posição de Tibiriçá (1985), porém esse topônimo é um caso que permite dupla nomeação se considerado o ponto de vista etimológico de Sampaio (1987, p. 225), ou seja, o topônimo permite ser classificado também como etnotopônimo e língua de origem Kaingáng.

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Guaicuru	Guaicuru	Guaicuru: s. tribo de índios cavaleiros do Mato Grosso (BUENO, 2008, p. 135). Guay: Bem estudado o radical Guay , chega-se à conclusão de que ele exprime simplesmente o indivíduo, a pessoa, ou aquele que é. Assim, por exemplo, [...]; Guay-curú, indivíduo sarnento, aquele que tem sarnas; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 146). Acurú: adj. encarçado; contendo seixos ou calhaus; o que tem protuberâncias; o seixo, o calhau. Alt. Curú (SAMPAIO, 1987, p. 191).	Etnotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Vazante	Guaxi	Guaxis	Guaxi: indígena pertencente aos guaxis; relativo a guaxi ou aos guaxis; grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava a região de Miranda MS, no s. XIX (HOUAISS, 2009).	Etnotopônimo	Simples (subst.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Cabeceira	Gurizão	Tupi + LP	Guri: corr. Guiri, o bagre. É o tratamento que, no Sul do Brasil, dão aos meninos; mas, neste caso, o vocábulo pode proceder da corrupção de quiri, que é o mesmo que - pequeno, criança (SAMPAIO, 1928, 213).	Etnotopônimo	Simples híbrido (subst. + suf. -ão)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Indaiá	Tupi	Indayá: corr. Andá-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despençam. É a palmeira Attaleacompta. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223). Andaiá: s. c. Andá-yá, copioso em amêndoas. Alt. Indayá (SAMPAIO, 1987, p. 194). Andá: corr. A-ndá, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura (SAMPAIO, 1987, p. 193). Yá: como sufixo vale pelos adjetivos destro, hábil, capaz (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Vazante	Ingá	Tupi	Ingá: corr. y-igá, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. Engá, Angá (SAMPAIO, 1928. p. 223). Igá: Empapado, y trasminarse. <i>Yñgá</i> , trasminase (MONTROYA, 1876, p. 173). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Ingá	Tupi	Ingá: corr. y-igá, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. Engá, Angá (SAMPAIO, 1928. p. 223). Igá: Empapado, y trasminarse. <i>Yñgá</i> , trasminase (MONTROYA, 1876, p. 173). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Ingazal	Tupi + LP	Ingá: corr. y-igá, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. Engá, Angá (SAMPAIO, 1928, p. 223). Igá: Empapado, y trasminarse. <i>Yñgá</i> , trasminase (MONTROYA, 1876, p. 173). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido (subst. + subst. + suf. -zal)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Itaquira	Tupi + Guarani	Itaquera: s.f. se tomar itá, pedra; coera, cuera, goera como indicante aquilo que já foi e não o é mais, itaquera será a pedreira abandonada. Se tornarmos cuera como sufixo do plural, muito usado no guarani, será então pedreira, pedras (BUENO, 2008, p. 173). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Cué: adj. Contração de cuéra, mais freqüente no guarani. Paraguai. Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Litotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Lagoa	do Jacadigo	Tupi	Jacá: s. de ayacá , cesto tecido de taquara para transporte (BUENO, 2008, p. 179). Ayacá: s. cesto, jaca, caixa dê cannas, de varas, de taquaras; <i>aiy acá</i> busca grãos, ajuncta grãos, ou aii-ñangáb ajunctadouro de grãos, ou mais simplesmente a ñangáb sendo a fructo. Ayaca o-çaingo bae ñote cestos que estavam pendurados só (GALVÃO, 1879, p. 54). Aya: adj. azedo, podre, decomposto; vê ái s. papo, o que pende, vê ái, báí, páí (GALVÃO, 1879, p. 54). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga.	Ergotopônimo	Não Identificada (com soldadura)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Morraria	do Jacadigo	Tupi	Jacá: s. de ayacá , cesto tecido de taquara para transporte (BUENO, 2008, p. 179). Ayacá: s. cesto, jaca, caixa dê cannas, de varas, de taquaras; <i>aiy acá</i> busca grãos, ajuncta grãos, ou aii-ñangáb ajunctadouro de grãos, ou mais simplesmente a ñangáb sendo a fructo. Ayaca o-çaingo bae ñote cestos que estavam pendurados só (GALVÃO, 1879, p. 54). Aya: adj. azedo, podre, decomposto; vê ái s. papo, o que pende, vê ái, báí, páí (GALVÃO, 1879, p. 54). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga.	Ergotopônimo	Não Identificada (com soldadura)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Lagoa	do Jacadigo	Tupi	Jacá: s. de ayacá , cesto tecido de taquara para transporte (BUENO, 2008, p. 179). Ayacá: s. cesto, jaca, caixa dê cannas, de varas, de taquaras; <i>aiy acá</i> busca grãos, ajuncta grãos, ou aîi-ñangáb ajunctadouro de grãos, ou mais simplesmente a ñangáb sendo a fructo. Ayaca o-çaingo bae ñote cestos que estavam pendurados só (GALVÃO, 1879, p. 54). Aya: adj. azedo, podre, decomposto; vê aí s. papo, o que pende, vê aí, báí, páí (GALVÃO, 1879, p. 54). Acã: s. A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de acanga.	Ergotopônimo	Não Identificada (com soldadura)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	Jacaré	Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) toma-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Vazante	Jacaré	Tupi	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Vazante	Jacaré	Tupi	<p>Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá, eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Ilha	do Jacaré	LP + Tupi	<p>Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquelle que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquelle que toma; inf. (de ar nascer) aquelle que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajunctar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá, eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Jacarezinho	Tupi + LP	Jacaré: corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). * aa: [...] ichaba vem de teçá ou techá, olhos, donde procedem eçá, ou echá , eçaba ou echaba, reçá ou rechá, e significa a vigilância, a atenção, o cuidado (SAMPAIO, 1987, p. 171). Carê: adj. Em círculo, em arco, arcado, torcido, torto (GALVÃO, 1879, p. 70).	Zootopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + adj. + suf. dim. -zinho)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Jacuba	Tupi	Jacuba: s. rio afluente do Jaguarí, S. Paulo. De y-acub, água quente (BUENO, 2008, p. 610). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1987, p. 345). Acú = acúb: v. intr. quente, cálido ser, dar calor, (t, r, h, gu).	Hidrotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Cabeceira	Jacutinga	Tupi	Jacutinga: "jacu + tinga" = jacu branco (GREGÓRIO, 1980, p. 1165). Jacu: corr. de yacú, adj. Esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. É o nome da ave Penélope. Batista Caetano decompõe o vocábulo em y-acú e o traduz – o que come grãos (SAMPAIO, 1928, p. 242). Tinga, tin, pitinga: branco, alvo (SAMPAIO, 1987, p. 93).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Cabeceira	Jaguatirica	Tupi	Jaguatirica: corr. Yaguá-tirica, a onça tímida, fujona (Felismilis) (SAMPAIO, 1928, p.244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	Jaguatirica	Tupi	Jaguatirica: corr. Yaguá-tirica, a onça tímida, fujona (Felismilis) (SAMPAIO, 1928, p.244). Jaguar: corr. Ya-guara, aquele de devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi: yauara. No guarani, yauá. Alt. Jaguá, Jaguará (SAMPAIO, 1987, p. 265).	Zootopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanais de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Jaraguá	Tupi	Jaraguá: corr. Yara-guá, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de iara-quã, que significa o dedo de Deus, a ponta do senhor (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá , Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Uá: corr. uã, s., o talo, a haste, o caule, o grelo, a coluna vertebral, o dorso (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ja.ra. guá: sm. 1. Bras. Bot. Erva da fam. das gramíneas (<i>Hyparrhenia rufa</i>), de or. africana, bastante difundida no Brasil, com inflorescências cor de ferrugem, us. como forragem para o gado bovino. [F.: Do tupi yara'ua] (AULETE DIGITAL).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Jaraguá	Tupi	Jaraguá: corr. Yara-guá, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de iara-quã, que significa o dedo de Deus, a ponta do senhor (SAMPAIO, 1928, p. 246). Yara: c. Y-ara; aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. Alt. Yá (SAMPAIO, 1987, p. 346). Yara: s. o dia d'ele; part. (de é) aquele que diz; inf. (de ar abs. tar) tomá-lo, e aquele que toma; inf. (de ar nascer) aquele que nasce; adj. nascido, caído, ocorrido, isto é, o que nasce; v. trans. Colher, apanhar, coligir, ajuntar, tomar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 572). Yara: adj. Destro, hábil. Nascido, ocorrido, brotado (CARVALHO, 1987, p. 121). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá , Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Uá: corr. uã, s., o talo, a haste, o caule, o grelo, a coluna vertebral, o dorso (SAMPAIO, 1987, p. 337). Ja.ra. guá: sm. 1. Bras. Bot. Erva da fam. das gramíneas (<i>Hyparrhenia rufa</i>), de or. africana, bastante difundida no Brasil, com inflorescências cor de ferrugem, us. como forragem para o gado bovino. [F.: Do tupi yara'ua] (AULETE DIGITAL).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Jatobá	Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Volta	de Jatobá	LP + Tupi	Jatobá: corr. yatay-ybá, contrato em yat-ybá, o fruto do yatahy. Alt. Yatybá, Jatubá, Jatobá (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jatahy: corr. yá-atã-yba, contrato em Ya-atã y, árvore de fruto duro (yá-atã). Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore (SAMPAIO, 1928, p. 247). Jataí: s. de ya-atã-yba: a árvore de fruto duro; o mesmo que jatobá (BUENO, 2008, p. 186). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Jenipapo	Tupi	Genipapo: corr. yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe – yand-ipab e significa – fruto das extremidades que dá suco. O termo yandi ou nhandi exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final ipab é o composto de ibápab, contracto em í-pab, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantos as extremidades de seus galhos (SAMPAIO, 1928, p. 202).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Jibóia	Tupi	Giboia: gihi – boy, a cobra de rãs, o ofídio que se alimenta de rãs (SAMPAIO, 1928, p. 203). Gia: corr. Gihi , a rã grande, de cor escura (SAMPAIO, 1987, p. 233). Boy: corr. Mboy , a cobra, o ofídio em geral. Alt. Boi, Moy (SAMPAIO, 1987, p. 208).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Landi	Tupi	Landy: V. Guanandí (SAMPAIO, 1928, p. 253). Guanandi: corr. guá-nhandi, o que é grudento, alusão ao líquido visquento, de um amarelo fino, que tem a árvore desse nome. Alt. guanantim, oanandy, olandy, urandy, landy, lantim (SAMPAIO, 1928, p. 207). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá , Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Nhandi: s.c. Nhã-dí, a seiva, o líquido que escorre; o óleo, o látex, o grude (SAMPAIO, 1987, p. 289).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Landin	Tupi	Landy: V. Guanandí (SAMPAIO, 1928, p. 253). Guanandi: corr. guá-nhandi, o que é grudento, alusão ao líquido visquento, de um amarelo fino, que tem a árvore desse nome. Alt. guanantim, oanandy, olandy, urandy, landy, lantim (SAMPAIO, 1928, p. 207). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá , Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Nhandi: s.c. Nhã-dí, a seiva, o líquido que escorre; o óleo, o látex, o grude (SAMPAIO, 1987, p. 289).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Landizinho	Tupi + LP	Landy: V. Guanandí (SAMPAIO, 1928, p. 253). Guanandi: corr. guá-nhandi, o que é grudento, alusão ao líquido visquento, de um amarelo fino, que tem a árvore desse nome. Alt. guanantim, oanandy, olandy, urandy, landy, lantim (SAMPAIO, 1928, p. 207). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá , Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235). Nhandi: s.c. Nhã-dí, a seiva, o líquido que escorre; o óleo, o látex, o grude (SAMPAIO, 1987, p. 289).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética (subst. + subst. + suf. dim. -zinho)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Lau-de-já	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Composto (Não Identificada)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Lau-de-já	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Composto (Não Identificada)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Lagoa	Mandioré	Não Identificada	Mandy: (mandiy) - nome dado aos bagres e a outros peixes de pelle (AYROSA, 1933, p. 153).	Não Identificada	Não Identificada
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Vazante	Manduná	Não Identificada	Mandú: Modo incorreto de pronunciar - Manuel, entre os mdios catecúmenos. Era o nome de uma espécie de fantasma que, nas mascaradas das aldeias, se apresentava envolvido em palha, como um feixe de folhas secas. Mand-u, o feixe que vem, ou anda. Designa, também, uma ave pequena, impassível, da família das Bucconinae, chamada Mandú-tolo (SAMPAIO, 1987, p. 278).	Não Identificada	Não Identificada
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Vazante	Mangabal	Tupi + LP	Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pintar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. lugar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i> ; s. feixe, rollo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá</i> , <i>Ubá</i> , <i>Ivá</i> , <i>Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -al)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Mangabal	Tupi + LP	Mangaba: corr. Mongaba, o grude, o visco; alusão ao látex abundante na planta deste nome. Alteração Mongaba, manguaba (SAMPAIO, 1928, p. 260). Mong: adj. pegajoso, viscoso; v. trans. enviscar, pegar ou prender com visco, grudar, collar, segurar; pôr colla ou grude; unctar, ungir; passar um líquido sobre; pinctar, brunir, envernisar, enfeitar; conj. a ñomong, reñomong, o ñomong = omong, etc; ger. monga, part. mongáb, mongár. Comp. mû ligado (GALVÃO, 1879, p. 288). Manga: ger. amarrando, enfeixando, vê manda que é preferível. Mangáb: part. logar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar; vê <i>mandáb</i> ; s. feixe, rolo, bola, bala; comp. <i>mong</i> e seus derivados. Parece vir daqui os. <i>mangaá</i> s. as bolas de borracha, de que se-serviam para jogos, e também <i>mangáb</i> fructo cujo leite fornece borracha, principalmente vendo-se que em Piso a <i>mangába</i> é dicta <i>mangaíbá</i> (<i>Haancornia speciosa</i>). Mangaíb: s. a arvore de <i>mangá</i> , isto é, ou das bolas ou do visgo, (vê <i>mong</i>). Em M. vem ás vezes <i>mangaí</i> . Mangaíbá: s. o fructo do <i>mangaíb</i> s. o fructo do <i>mangaíb</i> (GALVÃO, 1879, p. 217). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. <i>Ibá, Ubá, Ivá, Uvá</i> (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + subst. + suf. -al)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Serra	de Maracaju	LP + Tupi	Maracaju: corr. Maracá-y-u, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1928, p. 261). Maracayu: s. nome de uma serra, pode ser interpretado “o maracá amarello” (vê yub amarello) [...] (GALVÃO, 1879, p. 220). Maracá: corr. Marã-acã, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço [...] (SAMPAIO, 1987, p. 279). Yú: em vez de yub adj. amarello (GALVÃO, 1879, p. 596).	Ergotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01))	Corumbá	Volta	do Mirim	LP + Tupi	Mirim: adj., pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. mirĩ, mĩ, minĩ, im, ã (SAMPAIO, 1928, 266).	Dimensiotopônimo	Simples híbrido com soldadura (prep. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Moquém	Tupi	Moquem: corr. mocaẽ ou mô-caẽ, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem (SAMPAIO, 1928, p. 269). Mocaẽ: tornar secco, seccar, enxugar; fazer sarar, curar; tostar, assar em grelha (GALVÃO, 1879, p. 275).	Ergotopônimo	Simples com acomodação fonética (verb.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Moquém	Tupi	Moquem: corr. mocaẽ ou mô-caê, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem (SAMPAIO, 1928, p. 269). Mocaê: tornar secco, seccar, enxugar; fazer sarar, curar; tostar, assar em grelha (GALVÃO, 1879, p. 275).	Ergotopônimo	Simples com acomodação fonética (verb.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Ilha	do Mucunã	Tupi	Mucunã: corr. Mo-co-n-ã, faz arrimo alto, a trepadeira. Planta sarmentosa que sobe pelas árvores grandes, lançando ramas como vides e dá umas favas redondas, aleonadas, tendo estas um círculo preto ao redor e na cabeça um olho branco. São favas peçonhentas, mas que o povo sabe tratar e comer em tempo de seca (SAMPAIO, 1987, p. 287).	Fitotopônimo	Não Identificada com soldadura
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mi'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítu: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra coisa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuidoo que às vezes há troca; tapanũ o africano, póde ser tabũi ũn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pintar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Mutum	Tupi	Motum: My-t-ũ, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum (SAMPAIO, 1928, p. 270). Mutum: Do tupi mi'tu 'ave galiforme da fam. dos cracídeos' (CUNHA, 1999, p. 444). Mítu: mÿtu nome do Crax, vulgo mutum, que alguns dão como onom (GALVÃO, 1879, p. 271). Tû: adj. O que tem pelle negra; não aparece esta voz nem para designar o africano nem outra coisa de pelle preta; parece fixado para designar o Crax, vulgo mutum, que comtudo alguns dão como onom.: pir = mbir é pelle, tab é pello, mas cuidoo que às vezes há troca; tapanũ o africano, póde ser tabũi ũn o que tem pello grenho, negro (GALVÃO, 1879, p. 232). Û: tornar-se negro ou preto, enegrecer-se; pintar-se, sujar-se de preto (GALVÃO, 1879, p. 335).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Rio	Naitaca	Tupi	<p>Mbaitá: zool. Certa ave ruidosa, da fam. Dos psitacídeos (Tupi: maitaca) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 100). Humaitá: corr. mbaitá, o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca. Nome da famosa fortaleza à margem esquerda do rio Paraguai, que tão importante papel representou na guerra da Tríplice Aliança, de 1864 a 1870 (SAMPAIO, 1928, p. 215). Mbaitá: s. espécie de papagaios (Psittacus); de mboe-etá dizer muito? como mboé é trans. pode se-suppor nemboeetá o que falla muito, e a queda da primeira syllaba é cousa que se-dá a cada passo em grande número de dicções (GALVÃO, 1879, p. 227). Mboé: v. trans. Fazer dizer; dictar, declarar, mandar, ensinar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 246). Ta e tâ: v. intr. Abundar, ser muito ou multiplicado [...] de etá adj. muito, [...] (GALVÃO, 1879, p. 467).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + adv.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Naitaca	Tupi	<p>Mbaitá: zool. Certa ave ruidosa, da fam. Dos psitacídeos (Tupi: maitaca) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 100). Humaitá: corr. mbaitá, o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca. Nome da famosa fortaleza à margem esquerda do rio Paraguai, que tão importante papel representou na guerra da Tríplice Aliança, de 1864 a 1870 (SAMPAIO, 1928, p. 215). Mbaitá: s. espécie de papagaios (Psittacus); de mboe-etá dizer muito? como mboé é trans. pode se-suppor nemboeetá o que falla muito, e a queda da primeira syllaba é cousa que se-dá a cada passo em grande número de dicções (GALVÃO, 1879, p. 227). Mboé: v. trans. Fazer dizer; dictar, declarar, mandar, ensinar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 246). Ta e tâ: v. intr. Abundar, ser muito ou multiplicado [...] de etá adj. muito, [...] (GALVÃO, 1879, p. 467).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + adv.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Morraria	Naitaca	Tupi	<p>Mbaitá: zool. Certa ave ruidosa, da fam. Dos psitacídeos (Tupi: maitaca) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 100). Humaitá: corr. mbaitá, o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca. Nome da famosa fortaleza à margem esquerda do rio Paraguai, que tão importante papel representou na guerra da Tríplice Aliança, de 1864 a 1870 (SAMPAIO, 1928, p. 215). Mbaitá: s. espécie de papagaios (Psittacus); de mboe-etá dizer muito? como mboé é trans. pode se-suppor nemboeetá o que falla muito, e a queda da primeira syllaba é cousa que se-dá a cada passo em grande número de dicções (GALVÃO, 1879, p. 227). Mboé: v. trans. Fazer dizer; dictar, declarar, mandar, ensinar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 246). Ta e tâ: v. intr. Abundar, ser muito ou multiplicado [...] de etá adj. muito, [...] (GALVÃO, 1879, p. 467).</p>	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + adv.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01))	Porto Murtinho	Rio	Naitaka	Tupi	Mbaitá: zool. Certa ave ruidosa, da fam. Dos psitacídeos (Tupi: maitaca) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 100). Humaitá: corr. mbaitá, o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca. Nome da famosa fortaleza à margem esquerda do rio Paraguai, que tão importante papel representou na guerra da Tríplice Aliança, de 1864 a 1870 (SAMPAIO, 1928, p. 215). Mbaitá: s. espécie de papagaios (Psittacus); de mboe-etá dizer muito? como mboé é trans. pode se-suppor nembroetá o que falla muito, e a queda da primeira syllaba é cousa que se-dá a cada passo em grande número de dicções (GALVÃO, 1879, p. 227). Mboé: v. trans. Fazer dizer; dictar, declarar, mandar, ensinar; [...] (GALVÃO, 1879, p. 246). Ta e tâ: v. intr. Abundar, ser muito ou multiplicado [...] de etá adj. muito, [...] (GALVÃO, 1879, p. 467).	Zootopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (verb. + adv.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Rio	Nioaque	Guaicuru /Tapuia	Nhuac: clavícula quebrada, de origem guaicuru (GUIMARÃES, 1992, p. 153). Nioac: Cidade de Mato Grosso. Não é tupi, mas tapuia (BUENO, 2008, p. 628).	Somatopônimo	Não Identificada
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Morro	da Paca	Tupi	Paca: s. Mamífero roedor cuja carne tem o sabor de carne de porco (BUENO, 2008, p. 261).	Zootopônimo	Simplex híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Morro	Pacu	Guarani	Pacú: corr. Pag-ũ, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial Prochilodus argenteus (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pág: v. intr. acordar, depertar-se, sair do somno; extender-se; adj. acordado, desperto; esperto, vivo [...] (GALVÃO, 1879, p. 359). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	do Pacu	LP + Guarani	Pacú: corr. Pag-ũ, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial Prochilodus argenteus (SAMPAIO, 1987, p. 292). Pág: v. intr. acordar, depertar-se, sair do somno; extender-se; adj. acordado, desperto; esperto, vivo [...] (GALVÃO, 1879, p. 359). U: [...]. Como verbo, u e muitas vezes hu, gu, cu, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar (SAMPAIO, 1987, p. 337).	Zootopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (prep. + adj. + verb.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Pandovi	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Paraguai	Tupi	Paraguay: c. paraguá-y, o rio dos papagaios. Pode também significar - o rio dos cocares ou das corôas. V. Paraguá [...] (SAMPAIO, 1987, p. 294). Paraguá: c. Paraguá-r-y, o rio dos papagaios (SAMPAIO, 1987, p. 293). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Ilha	Paraguai	Tupi	Paraguay: c. paraguá-y, o rio dos papagaios. Pode também significar - o rio dos cocares ou das corôas. V. Paraguá [...] (SAMPAIO, 1987, p. 294). Paraguá: c. Paraguá-r-y, o rio dos papagaios (SAMPAIO, 1987, p. 293). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Rio	Paraguai	Tupi	Paraguay: c. paraguá-y, o rio dos papagaios. Pode também significar - o rio dos cocares ou das corôas. V. Paraguá [...] (SAMPAIO, 1987, p. 294). Paraguá: c. Paraguá-r-y, o rio dos papagaios (SAMPAIO, 1987, p. 293). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Paraguai Mirim	Tupi	Paraguay: c. paraguá-y, o rio dos papagaios. Pode também significar - o rio dos cocares ou das corôas. V. Paraguá [...] (SAMPAIO, 1987, p. 294). Paraguá: c. Paraguá-r-y, o rio dos papagaios (SAMPAIO, 1987, p. 293). Ará: s. Nome dos papagaios grandes (Psittacus) (SAMPAIO, 1987, p. 197). Y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345). Mirim: adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo; adv. um pouco. Alt. miri, mi, im, i (SAMPAIO, 1987, p. 283).	Hidrotopônimo	Composto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Ilha	Patativa	Tupi	Patativa: s.f. var., patatiba, patativa [< T. ?] Pássaro da família dos fringílídeos (CUNHA, 1999, p. 229).	Zootopônimo	Não Identificada

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Volta	da Patativa	LP + Tupi	Patativa: s.f. var., patatiba, patativa [< T.?] Pássaro da família dos fringilídeos (CUNHA, 1999, p. 229).	Zootopônimo	Não Identificada com soldadura
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Piauí	Tupi	Piauhy. Corr. py-yaú-y, o rio dos pias (SAMPAIO, 1928, p. 288). Piáu: corr. Py-yáu, a pele manchada. É o nome de um peixinho d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 300). Piáu: adj. de pelle suja ou manchada; qualificativo de peixes e outras cousas; e então recebe o pref. y como em todos os comp. d'esta natureza, dizendo y piáu (GALVÃO, 1879, p. 374). y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Pindaivinha	Tupi + LP	Pindahyba: corr. pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol, pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim [...] (SAMPAIO, 1928, p. 288). Pindá: s. anzol, isto é, aquilo com que se-fisga, engata, agarra; gancho, garra, fisga; [...] (GALVÃO, 1879, p. 376). Aiba: adj. Ayba, ruim, mau, azedo, acre, ardente. Alt. Aí, Aiva (SAMPAIO, 1987, p. 192).	Fitotopônimo	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética (subst. + adj. + suf. dim. -inha)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Pindó	Tupi	Pindoba: corr. a folha da palmeira; c. pind-oba, a folha de anzol, aquela cujo talo serve para vara de anzol. Alt. Pindó, Pindova (SAMPAIO, 1928, p. 289). pindo =! pindob: s. folha de palmeira, palma em geral; nome também da mesma palmeira, e então vejam-se os diversos signif. de pî; como também se-diz mîndob, parece que a derivação deve ser de mî esconder, porque das folhas de palmeira se-serviam para cobrir as casas (mî-tob folha de cobrir); porém pode ser também min-tob folhas de lança ou púa, e pin-tob folha de raspar ou alisar, porque para isso serviam; note-se também que mindob pode ser part. pass. tob tapar, assim como mindog o-é de çog (GALVÃO, 1879, p. 377).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Pinhé	Não Identificada	Pinhé: 1. Zool. Ver carrapateiro (AULETE DIGITAL). Carrapateiro: Zool. Ave falconiforme, da família dos falconídeos (Milvago chimachima), das Américas Central e do Sul, de dorso marrom-escuro, cabeça, peito e barriga branco-amarelados e cauda branca com listras marrom-escuras; se alimenta, entre outros itens, de carrapatos e bernes retirados do gado.; GAVIÃO CARRAPATEIRO; GAVIÃO-PINHÉ; PINHÉ; XIMANGO (AULETE DIGITAL).	Zootopônimo	Simplex (subst. onom.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Pipoca	Tupi	Pipoca: corr. py-poca, a epiderme partida ou estalada. O grão de milho que arrebenta em flor por efeito da torra (SAMPAIO, p. 289). pi-póca: ger. (de pipog) estalando a pelle, a ou para estalar. - pocá v. trans. torcer a pelle, beliscar; part. (de pipóg) lugar, tempo, modo de estalar a pelle, ou de rebentar, mas então é preferível o part. do v. trans. pimbopocab (GALVÃO, 1879, p. 378). Pir = mbir: s. pelle, epiderme, lellica, lellicula, cútis, couro [...] (GALVÃO, 1879, p. 378).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Piquiri	Tupi	Piquiry: c. Piquir-y, o rio dos peixinhos. V. Piquira (SAMPAIO, 1987, p. 301). Piquira: corr. Py-quira, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 301). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Piquiri	Tupi	Piquiry: c. Piquir-y, o rio dos peixinhos. V. Piquira (SAMPAIO, 1987, p. 301). Piquira: corr. Py-quira, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce (SAMPAIO, 1987, p. 301). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347).	Hidrotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Pirainha	Tupi	Piranha: corr. pir-ãi, o que corta a pele; nome de um peixe voraz da fauna fluvial do Brasil; a tesoura, a tenaz (SAMPAIO, 1928, p. 291). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	Piranha	Tupi	Piranha: corr. pir-ãi, o que corta a pele; nome de um peixe voraz da fauna fluvial do Brasil; a tesoura, a tenaz (SAMPAIO, 1928, p. 291). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Baía	Piranha	Tupi	Piranha: corr. pir-ãi, o que corta a pele; nome de um peixe voraz da fauna fluvial do Brasil; a tesoura, a tenaz (SAMPAIO, 1928, p. 291). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Vae.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Pitanga: adj. Vermelho, corado; fino, delicado, macio; a cútis fina; s. a criança, o menino. Vale o mesmo que piranga. É o nome da fruta ácida de pele delicada e corada da Eugenia uniflora (SAMPAIO, 1987, p. 304).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Piraputanga	Tupi	Piraputanga: s.f. Vae.: paraputanga, pirapitanga, [< T. pirapi'tana<pi'ra 'peixe'+ pi'tana 'avermelhado']. Peixe da família dos carcídeos (CUNHA, 1999, p. 240). Pirá: peixe (SAMPAIO, 1987, p. 87). Pitanga: adj. Vermelho, corado; fino, delicado, macio; a cútis fina; s. a criança, o menino. Vale o mesmo que piranga. É o nome da fruta ácida de pele delicada e corada da Eugenia uniflora (SAMPAIO, 1987, p. 304).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Vazante	Pirizal	Tupi + LP	Piri: s. o junco, a planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO, 1928, p. 292).	Fitotopônimo	Simples híbrido (subst. + suf. -zal)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Cabeceira	Piúva	Guarani	Ipeúva: corr. ypé-yba, a árvore de casca, a casquenta. Alt. Ipeiba, Ipeúba, Peúba, Piuva (SAMPAIO, 1928, p. 226). Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda [Tecomalπέ] (SAMPAIO, 1928, p. 225). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	Piúva	Guarani	Ipeúva: corr. ypé-yba, a árvore de casca, a casquenta. Alt. Ipeiba, Ipeúba, Peúba, Piuva (SAMPAIO, 1928, p. 226). Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda [Tecomalπέ] (SAMPAIO, 1928, p. 225). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	da Piúva	LP + Guarani	Ipeúva: corr. ypé-yba, a árvore de casca, a casquenta. Alt. Ipeiba, Ipeúba, Peúba, Piuva (SAMPAIO, 1928, p. 226). Ipê: corr. y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda [Tecomalπέ] (SAMPAIO, 1928, p. 225). Ybá: c. Tb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pintar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Quati	Tupi	Quati: c. qua-tí, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. Alt. Coatí (SAMPAIO, 1928, p. 297). Quatiá: = quatiar v. trans. Riscar, pintar, escrever; s. riscas, pintura, desenho, escripta, escripto (talvez de gua listrado, riscado, ti punçar ou punçado e ar suff.) [...] (GALVÃO, 1879, p. 432). Aguá: adj. (a pluma, gua = qua , listrado) listrado de plumas, pintado ou bordado com plumagens em listras, com riscas de pennujens, (y, o); vê guag e aguam (GALVÃO, 1879, p. 25). Ti: s. corr. Ty, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca (SAMPAIO, 1987, p. 328).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (adj. + verb.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	Sabiá	Tupi	Sabiá: corr. çoó-biã, o animal aprazível, mavioso. É o Turdus sabiá. Alt. Sobiá (SAMPAIO, 1928, p. 301). Zoó: corr. çoó, a caça, a carne, o animal, o bicho, a veação em geral (SAMPAIO, 1987, p. 347).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Morraria	do Sajutá	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Sanga Funda	Tupi + LP	Sanga: corr. çanga, o espriado, derramado, o alagado, a solta (SAMPAIO, 1928, p. 303).	Hidrotopônimo	Composto híbrido (subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Sapé	Tupi	Sapé: corr. eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (<i>Saccharum sapé</i>) (SAMPAIO, 1928, p. 304). Eçá-pé: (Ç). Verbo transitivo: iluminar = mo-endy (CARVALHO, 1987, p. 70). Eçá: s. olhos [...]. Admite t, r, h, gu, e tem grande número de comp. Nos quaes por vezes se-reduz a çã; correlato com o v. echag vêr (GALVÃO, 1879, p. 108). Çá: s. olhos, contracto de eçá, e muitíssimo usado, mormente em compostos (GALVÃO, 1879, p. 85). Pé: v. tr. Aquecer, allumiar; vê pé para o primeiro sentido, e eçapé para o segundo, que são preferíveis (GALVÃO, 1879, p. 364).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Seriema	Tupi	Sariema: corr. çariama, c. çarí-ama, a crista levantada. Alt. Seriema (SAMPAIO, 1928, p. 305). Seriema: s.f. Var. siriema, seriema, ceriema, seriêma, sariema, syiema. [do Tupi sari'ama]. Ave gruiformes da família dos cariamídeos (CUNHA, 1999, p. 262). Çaria: s. (contr. Hariábãe ou çariamãe, armada de crista ou cristada em espiga, vê har) nome de uma pernalta, vulgo siriema (GALVÃO, 1879, p. 90). âma: amba ger. estando em pé, a estar em pé (GALVÃO, 1879, p. 30). am: v. intr. Estar em pé, estar quedo, firme; erguer-se, elevar-se; estar erguido, sobranceiro, armado [...] (GALVÃO, 1879, p. 30).	Zootopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + verb.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuú-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática <i>Eunectes murinus</i> . Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuú: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuú ramo como a cobra o-mordesse; ore çuú potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Ilha	Sucuri	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Sucurí	Tupi	Sucuri: corr. çuí-curí, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática Eunectes murinus. Alt. Socorí. Designa também uma espécie de caça ou tubarão (SAMPAIO, 1928, p. 308). Çuí: v. trans. Morder; parece onomatopaico, mas também pode reportar-se a u; mboy o çuí ramo como a cobra o-mordesse; ore çuí potahápe com vontade de nos morder (GALVÃO, 1879, p. 97-98). Curi: = cori = curí adj. Por isto, com isto, nisto, (co rí) sendo isto, logo, depressa, já, agora, por pouco, um nada; adj. Com pressa, apressado, instante, urgente, s. momento, instante; [...] (GALVÃO, 1879, p. 83).	Zootopônimo	Composto aglutinado (verb. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Rio	Taboco	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-Ias? tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Rio	Taboco	Tupi	Taboca: corr. ta-bóca, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. ta. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó (SAMPAIO, 1928, p. 312). Tabôg: perm. de bog que eu me-fenda; tobóg que se-fenda; d'aqui taboca, nome de uma gramínea arborescente? ou de itábog fende pedra (bóg trans.), do uso d'estas taquaras mui rijas em escarvar com água as pedras para fendê-Ias? tabôg cobrir ou proteger aldêa, fazer cerco em torno do povo (mais usado em tupi); como, segundo o visc. de Porlo-Seguro, empregavam no cerco das aldeas as tabocas, pode o s. provir d'este verbo (GALVÃO, 1879, p. 469). Ta: s. contração de taba ou taua, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; [...] (SAMPAIO, 1987, p. 317). Bóca: ger. de bog fendendo-se, a ou para fender-se (GALVÃO, 1879, p. 61).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Brejo	do Taguari	Tupi	Taguahy: Itaguay (SAMPAIO, 1928, p. 313). Itaguahy: antigamente, Taguahy, c. itaguá-y, o fio dos barreiros, ou dos tauás. V. Itaguaba (SAMPAIO, 1928, p. 230). Itaguaba: c. itá-guaba, a comida de pedra, isto é, o barreiro salitroso que os animais comem; o barreiro, como vulgarmente se chama. Alt. Itaguá, Tagua, Tauá; Itaguava, Tabá (SAMPAIO, 1987, p. 255). Itá: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). Guaba: s. A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é uaba, do verbo u e do sufixo substantivador aba ou aua. Alt. Guava, Guá, Guab (SAMPAIO, 1987, p. 235).	Litotopônimo	Composto aglutinado com soldadura (prep. + subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Taiamain	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada	Não Identificada
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Tamanduá	Tupi	Tamanduá: corr. ta-monduá, o caçador de formigas. O componente -ta- é como uma forma contracta de tacy, a formiga. É o nome tupi dos Myrmecophagas (SAMPAIO, 1928, p. 313). Tacy: Substantivo: formiga (em geral), como elemento de composição. O "t" é temático. (CARVALHO, 1987, p. 275). Mónduá: Caçar. V. Caá. (MONTROYA, 1876, p. 228). Kaá-mo-ndo: Verbo intransitivo: caçar, fazer caçada (CARVALHO, 1987, p. 140).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Tamanduá	Tupi	Tamanduá: corr. ta-monduá, o caçador de formigas. O componente -ta- é como uma forma contracta de tacy, a formiga. É o nome tupi dos Myrmecophagas (SAMPAIO, 1928, p. 313). Tacy: Substantivo: formiga (em geral), como elemento de composição. O "t" é temático. (CARVALHO, 1987, p. 275). Mónduá: Caçar. V. Caá. (MONTROYA, 1876, p. 228). Kaá-mo-ndo: Verbo intransitivo: caçar, fazer caçada (CARVALHO, 1987, p. 140).	Zootopônimo	Composto aglutinado (subst. + verb.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Tapera	Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado (subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Aquidauana (MR 02)	Dois Irmãos do Buriti	Córrego	da Tapera	LP + Tupi	Tapéra: corr. de tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma povoação. Alt. Taguéra. V. Taba (SAMPAIO, 1928, p. 316). Taba: s. A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, taba; no tupi amazônico, táua. Alt. Tab, Táuba, Tá, Tap (SAMPAIO, 1987, p. 318). Tab: s. povo, aldeia, povoação arraial, pouso, sítio (GALVÃO, 1879, p. 467). Era: V. Cuéra (SAMPAIO, 1987, p. 231). Cuéra: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).	Ecotopônimo	Simple aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Ribeirão	Taquaraçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Taquaraçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Taquaraçu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquí (SAMPAIO, 1928, 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484).	Fitotopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética (subst. + suf. -al)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquí (SAMPAIO, 1928, 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484).	Fitotopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética (subst. + suf. -al)
Baixo Pantanal (MR 01))	Corumbá	Vazante	Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquí (SAMPAIO, 1928, 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484).	Fitotopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética (subst. + suf. -al)
Aquidauana (MR 02)	Miranda	Córrego	Taquaral	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquí (SAMPAIO, 1928, 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484).	Fitotopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética (subst. + suf. -al)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Taquaralzinho	Tupi + LP	Taquara: c. Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquí (SAMPAIO, 1928, 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484).	Fitotopônimo	Simples híbrido com acomodação fonética (subst. + suf. -al + suf. dim-zinho)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). *28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo suf. - i)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Taquari	Tupi	Taquari: c. taquar-i, a canna pequena, ou fina, o taquaril" (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar – î: s. taquara pequena, taquara fina; nome dado às cannas do reino (GALVÃO, 1879, p. 485). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). * 28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini , <i>pequeno</i> , ou simplesmente da partícula y ou im , [...] (SAMPAIO, 1987, p. 90).	Fitotopônimo	Simple híbrido (subst. + grau diminutivo suf. - i)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Taquarucu	Tupi	Taquaruçú: c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçú: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aquí o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só uçú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Córrego	Taquaruçu	Tupi	Taquaruçu: c. taquar-uçu, a canna grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). Taquar: s. (com t fixo) taquara, canna, nome genérico das Bambusa e outras gramíneas (arundinarcas) de grande crescimento e em geral ôcas; de quar com a prep. podia vir aquar. Que admitindo o pron. T fixo, pode significar taquar o furado, o ôco, o acanudado ou tubular (GALVÃO, 1879, p. 484). Uçu: adv. longe (vê cû), adj. Longo, comprido, extenso, extendido, dilatado, demorado (r. cû extender-se, ir longe, ocû vai longe); d'aqui o adj. pucû comprido, mas em muitos comp. vê-se só ucú, como em ábucú cabellos compridos (GALVÃO, 1879, p. 551).	Fitotopônimo	Composto justaposto (subst. + adj.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Córrego	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarima ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns coccos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Vazante	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarima ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns coccos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Morro	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarumã: Fruta muy parecida a la azeytuna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarima ou taribá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns coccos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simple (subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Porto Murtinho	Rio	Tarumã	Tupi	Tarumã: s.m. e.f. Var.: taruman, turuman, tarumã, [T. taru'mã], planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro (CUNHA, 1999, p. 284). Tarômã: Fruta muy parecida a la azeituna [...] (MONTROYA, 1876, p. 356). Tarumã de tarîma ou tarîbá: s. fructa de espiga, de cacho ou penca, nome dado a fructos semelhantes à azeitona e à uva (olivas e vides) e em geral a fructos em cacho, inclusive alguns cocos (GALVÃO, 1879, p. 487). Tar: s. espiga [...] (GALVÃO, 1879, p. 485). Ybá: c. Yb-á, o que se colhe da árvore, o fruto. Alt. Ibá, Ubá, Ivá, Uvá (SAMPAIO, 1987, p. 346).	Fitotopônimo	Simples (subst. + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Aquidauana	Ilha	Taunay	Tupi	Taúna: s. de ta-una. O indivíduo preto; o tronco escuro. Pode proceder de itá-una, a pedra preta, o ferro (BUENO, 2008, p. 341).	Antropotopônimo	Composto Aglutinado (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Rio	Tereré	Guarani	Tereré: s., o fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a arrebentação. S. Paulo, Bahia (SAMPAIO, 1928, p. 323). Tereré: bebida preparada com mate e água fria (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 166). Terereg: v. onom. bater os dentes; tirlar; estalar, quebrar-se estalando, romper-se com rumor, rasgar-se; esmigalhar-se, espatifar-se; rebentar (como milho ou taquara ao fogo, etc); adj. corresp.; yy ao píahu o terereg yy-atá aramo a roupa nova d'ella estralava quando ella andava (GALVÃO, 1879, p. 513).	Ergotopônimo	Simples (verb. onom.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Ilha	Tira Catinga	LP + Tupi	Catinga: de caá-tinga, mato branco, esbranqueçado, ralo, próprio das regiões semi-áridas do nordeste brasileiro (BUENO, 2008, p. 99).	Dirrematopônimo	Composto Híbrido (verb. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Traíra	Tupi	Traíra: s. correto toraíra. Peixe d'agua doce (BUENO, 2008, p. 360). Traíra s. f. Var. tareíra, taraíra, tararira, tarayra, tarerire, tarreira, trahira, traira, trahya, tariira. [< T. tare'ira]. Peixe da família dos caracídeos" (CUNHA, 1999, p. 295). Tará: [...] adj. O que varia de pêllo; furta-cor; s. camelião; qualificativo de animais e plantas (GALVÃO, 1879, p. 486). Pi-rá: s. peixe (talvez part. contr. do proc dizendo « o que tem pelle ou cutis; o que é nu, limpo, vê cará); peixe em geral, mas especialmente o peixe de pelle, porque o de escama é designado na costa ou em tupi por cará e acará [...] (GALVÃO, 1879, p. 378).	Zootopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (adj. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (continuação)

Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Corixo	Tungo	Tupi	Tunga: s., a nigua, o bicho do pé. Alt. Tum, Tun" (SAMPAIO, 1928, p. 330)	Zootopônimo	Simples (subst.)
Aquidauna (MR 02)	Anastácio	Cabeceira	Turuno	Tupi	Turuna: tyr-una, o cano preto, membrumnigrum (SAMPAIO, 1928, p. 331).	Somatopônimo	Composto Aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Lagoa	Uberaba	Tupi	Uberaba: corr. y-beraba, a água brilhante, clara, transparente, cristalina. (SAMPAIO, 1928, p. 334). Y: s., a água, o líquido; o rio, a corrente (SAMPAIO, 1928, p. 347). Berá: corr. Beraba, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. verava, vera, uerá, virá, birá (SAMPAIO, 1987, p. 205).	Hidrotopônimo	Composto Justaposto com acomodação fonética (subst. + adj.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Córrego	Urucum	Tupi	Urucú: s., o vermelhão, a planta que o produz (SAMPAIO, 1928, p. 338). Urucú: s. vermelhão; nome dado ao Bixa Orellana ou Achiote do México; parece ser ã rícu líquido de árvore, mas attendendo-se ao uso ja de pintarem os corpos, já de adubarem as comidas com elle, pode ser ub rocú pincta pernas, ou ú recú faz tragar comida; tambem pode ser yu-recúí vaso ou cuia de espinhos, da fôrma e modo de ser do fructo (GALVÃO, 1879, p. 558).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Corumbá	Morraria	Urucum	Tupi	Urucú: s., o vermelhão, a planta que o produz (SAMPAIO, 1928, p. 338). Urucú: s. vermelhão; nome dado ao Bixa Orellana ou Achiote do México; parece ser ã rícu líquido de árvore, mas attendendo-se ao uso ja de pintarem os corpos, já de adubarem as comidas com elle, pode ser ub rocú pincta pernas, ou ú recú faz tragar comida; tambem pode ser yu-recúí vaso ou cuia de espinhos, da fôrma e modo de ser do fructo (GALVÃO, 1879, p. 558).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)
Baixo Pantanal (MR 01)	Ladário	Córrego	Urucum	Tupi	Urucú: s., o vermelhão, a planta que o produz (SAMPAIO, 1928, p. 338). Urucú: s. vermelhão; nome dado ao Bixa Orellana ou Achiote do México; parece ser ã rícu líquido de árvore, mas attendendo-se ao uso ja de pintarem os corpos, já de adubarem as comidas com elle, pode ser ub rocú pincta pernas, ou ú recú faz tragar comida; tambem pode ser yu-recúí vaso ou cuia de espinhos, da fôrma e modo de ser do fructo (GALVÃO, 1879, p. 558).	Fitotopônimo	Composto aglutinado (subst. + subst.)

Quadro 44 - Mesorregião dos Pantanaís de Mato Grosso do Sul (conclusão)

Baixo Pantanal (MR 01)	Ladário	Morraria	do Urucum	Tupi	Urucú: s., o vermelhão, a planta que o produz (SAMPAIO, 1928, p. 338). Urucú: s. vermelhão; nome dado ao Bixa Orellana ou Achiote do México; parece ser ã rîcú líquido de árvore, mas attendendo-se ao uso ja de pintarem os corpos, já de adubarem as comidas com elle, pode ser ub rocú pincta pernas, ou ú recú faz tragar comida; tambem pode ser yu-recúí vaso ou cuia de espinhos, da fôrma e modo de ser do fructo (GALVÃO, 1879, p. 558).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com soldadura (prep. + subst + subst.)
Aquidauana (MR 02)	Anastácio	Córrego	Urumbela	Tupi	Urumbeba: corr. Ymirá-mbeba, alterado para ur-mbeba, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha (Coereus) (SAMPAIO, 1928, p. 339).	Fitotopônimo	Composto aglutinado com acomodação fonética (subst. + adj.)

Fonte: Elaboração da autora

Resumindo, a *Mesorregião Pantanaís Sul-Mato-Grossenses* possui **02** microrregiões e **07** municípios em uma área de 110.778 km² e aproximadamente 244.224 habitantes¹⁹⁶. Foram classificados nessa mesorregião **192** topônimos de origem indígena, sendo **74** da microrregião Aquidauana (MR 02), **118** da microrregião Baixo Pantanal (MR 01).

O capítulo subsequente traz a análise dos dados relativos às quatro mesorregiões, 11 microrregiões e 79 municípios sul-mato-grossenses.

¹⁹⁶ Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-centro-norte-de-mato-grosso-do-sul.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo discute aspectos pontuais evidenciados pelos dados apresentados no capítulo anterior por meio dos quadros que registram a análise linguística e motivacional dos topônimos que compõem o *corpus* da Tese. Assim, são examinadas, nesta fase da análise dos dados, em termos quantitativos e qualitativos, tendências gerais observadas no conjunto toponímico examinado. A abordagem quantitativa considerou a síntese dos topônimos em termos de produtividade, de taxionomia toponímica e de língua de origem dos designativos. Já a abordagem qualitativa priorizou a análise da estrutura morfológica dos topônimos (tipos de derivações, marcas sufixais...), com destaque para o processo de soldadura ortográfica. Assim por meio do resgate dos dados lexicográficos e toponímicos disponibilizados no capítulo anterior, apresenta-se, nesta etapa, a análise qualitativa (taxionomia, língua de origem, estrutura morfológica etc.) com foco na motivação semântica dos designativos, pautada no estudo etimológico dos topônimos.

É preciso esclarecer aqui um dado particularizante no que diz respeito ao montante de dados que compõe o *corpus*. Trata-se do fato de um mesmo topônimo (elemento específico) ter sido documentado em várias regiões/municípios do Mato Grosso do Sul para designar diferentes acidentes geográficos (elemento genérico). Na apresentação dos dados (Capítulo 5), os topônimos repetidos figuraram nos quadros que, por sua vez, tiveram como objetivo fornecer um panorama da toponímia de cada mesorregião/microrregião/município e, sobretudo, porque esses topônimos representam a toponímia das áreas em que figuram e refletem o olhar do denominador e o contexto histórico, social e cultural em que ele se insere, além das características ambientais do espaço nomeado.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, são apresentadas as tabelas fazendo referência a valores numéricos, seguidas de gráficos para facilitar a leitura e interpretação dos dados estatísticos e, na sequência, destaca-se a discussão dos dados extraídos de tabelas e gráficos. Foi adotado o modelo teórico de Dick (1992) para a classificação taxionômica dos designativos. No entanto, alguns topônimos não foram incluídos em nenhuma das taxes, razão pela qual foram marcadas como “não identificada” na coluna da taxionomia. Essa mesma estratégia foi adotada quando não foi possível recuperar a origem linguística e a estrutura morfológica de alguns topônimos.

6.1 Topônimos indígenas sul-mato-grossenses: abordagem quantitativa

Na Tabela 2, apresentam-se informações quantitativas dos topônimos indígenas analisados, em termos de valores absolutos, distribuídas segundo as mesorregiões e microrregiões¹⁹⁷.

Tabela 2 - Distribuição quantitativa dos topônimos segundo as mesorregiões e microrregiões de Mato Grosso do Sul

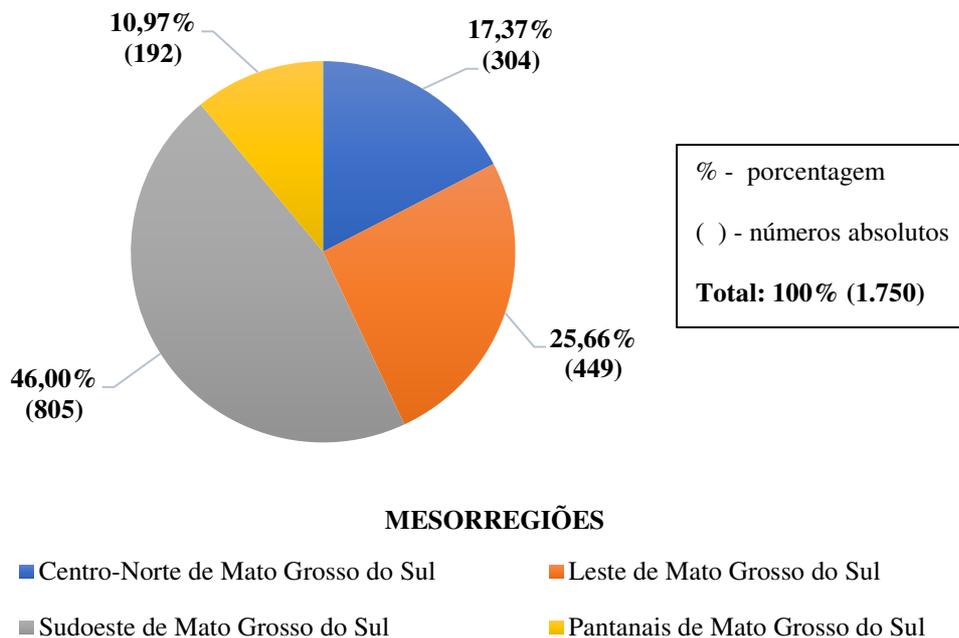
Mesorregião	Ocorrências		Microrregião	Ocorrências	
	Números absolutos	%		Números absolutos	%
Centro-Norte de Mato Grosso do Sul	304	17,37	Alto Taquari	175	10,00
			Campo Grande	129	7,37
			Cassilândia	88	5,03
Leste de Mato Grosso do Sul	449	25,66	Paranaíba	123	7,03
			Três Lagoas	160	9,14
			Nova Andradina	78	4,46
Sudoeste de Mato Grosso do Sul	805	46,00	Bodoquena	106	6,06
			Dourados	295	16,86
			Iguatemi	404	23,08
Pantaneais de Mato Grosso do Sul	192	10,97	Baixo Pantanal	118	6,74
			Aquidauana	74	4,23
Total	1.750	100%	-----	1.750	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Os gráficos 1 e 2, a seguir, trazem a representação quantitativa dos topônimos indígenas, conforme a divisão geográfica regional brasileira, mesorregiões e microrregiões, associada ao número absoluto de ocorrências e à distribuição percentual dos topônimos.

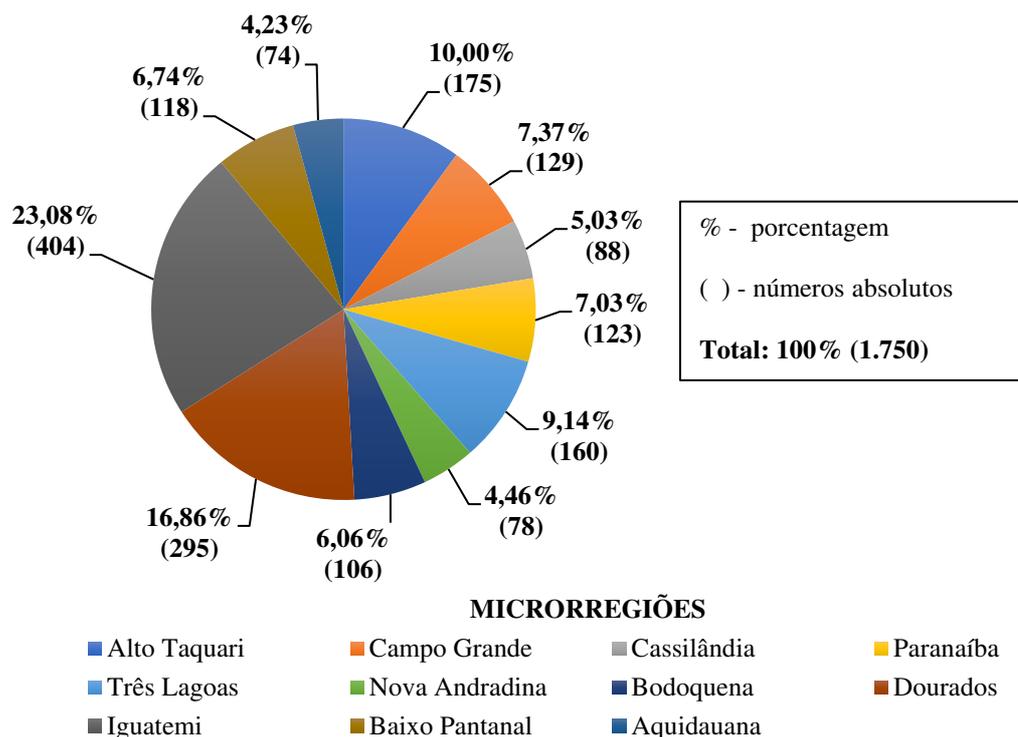
¹⁹⁷ Como já mencionado no Capítulo 4, a divisão geográfica regional em mesorregião e em microrregião aqui utilizada era a vigente no Brasil entre 1989 e 2017, período em que a equipe do Projeto ATEMS realizou o levantamento do *corpus* por meio de consulta aos mapas oficiais do IBGE. Essa divisão foi substituída, respectivamente, pelas regiões geográficas intermediárias e imediatas, na revisão da divisão regional brasileira em 2017.

Gráfico 1 – Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses por mesorregiões



Fonte: Elaboração da autora.

É possível constatar nos dados do Gráfico 1, a importante contribuição da *Mesorregião Sudoeste*, como a mais produtiva em termos de topônimos de base indígenas, atingindo **46,00%** do *corpus* analisado, seguida da mesorregião *Leste* com **25,66%**, *Centro-Norte* com **17,37%** e *Pantanaís de Mato Grosso do Sul*, com a menor produtividade, representando somente **10,97%** dos dados analisados.

Gráfico 2 - Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses por microrregiões

Fonte: Elaboração da autora.

No que se refere aos aspectos microrregionais, a pesquisa constatou que, entre as onze microrregiões, *Iguatemi* com **23,08%** e *Dourados* com **16,86%** foram as que demonstraram maior índice de produtividade de topônimos de base indígena, ratificando, assim, a hipótese estabelecida de que os nomes dos acidentes geográficos também podem refletir a presença de comunidades indígenas na localidade, em especial porque ambas as regiões abrigam uma concentração expressiva de povos indígenas.

A tabela 3, na sequência, registra os dados do *corpus* em termos de produtividade das taxionomias (DICK, 1992) identificadas no estudo. Os dados são apresentados em números absolutos e foram agrupados conforme a divisão geográfica regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões (IBGE).

Tabela 3 - Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses segundo a taxionomia toponímica (continua)

TAXIONOMIA	Ocorrências	
	Números absolutos	%
CENTRO-NORTE	304	17,37
Alto Taquari (MR 03)	175	10,00
Dimensiotopônimo	1	0,06
Ecotopônimo	6	0,34
Ergotopônimo	7	0,40
Etnotopônimo	2	0,11
Fitotopônimo	82	4,69
Geomorfotopônimo	4	0,23
Hidrotopônimo	4	0,23
Litotopônimo	1	0,06
Numerotopônimo	3	0,17
Sociotopônimo	1	0,06
Zootopônimo	64	3,66
Campo Grande (MR 04)	129	7,37
Cronotopônimo	1	0,06
Ecotopônimo	5	0,29
Ergotopônimo	7	0,40
Fitotopônimo	79	4,51
Hidrotopônimo	9	0,51
Não Identificada	1	0,06
Somatopônimo	1	0,06
Zootopônimo	26	1,49
LESTE	449	25,66
Cassilândia (MR 05)	88	5,03
Animotopônimo Eufórico	1	0,06
Ecotopônimo	3	0,17
Ergotopônimo	4	0,23
Fitotopônimo	41	2,34
Hidrotopônimo	6	0,34
Hierotopônimo	1	0,06
Não Identificada	1	0,06
Zootopônimo	31	1,77
Nova Andradina (MR 08)	78	4,46
Antropotopônimo	1	0,06
Dimensiotopônimo	1	0,06
Ecotopônimo	2	0,11
Ergotopônimo	4	0,23
Etnotopônimo	4	0,23
Fitotopônimo	32	1,83
Hidrotopônimo	13	0,74
Litotopônimo	3	0,17
Não Identificada	2	0,11
Zootopônimo	16	0,91
Paranaíba (MR 06)	123	7,03
Animotopônimo Eufórico	2	0,11
Dimensiotopônimo	1	0,06
Ecotopônimo	7	0,40
Ergotopônimo	3	0,17
Fitotopônimo	57	3,26
Geomorfotopônimo	1	0,06
Hidrotopônimo	11	0,63

Tabela 3 - Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses segundo a taxionomia toponímica (continuação)

Hierotopônimo	1	0,06
Litotopônimo	1	0,06
Não Identificada	2	0,11
Numerotopônimo	1	0,06
Zootopônimo	36	2,06
Três Lagoas (MR 07)	160	9,14
Antropotopônimo	1	0,06
Dimensiotopônimo	1	0,06
Ecotopônimo	12	0,69
Ergotopônimo	1	0,06
Etnotopônimo	3	0,17
Fitotopônimo	80	4,57
Geomorfotopônimo	1	0,06
Hidrotopônimo	13	0,74
Litotopônimo	4	0,23
Sociotopônimo	1	0,06
Zootopônimo	43	2,46
PANTANAIS SUL-MATO-GROSSESES	192	10,97
Aquidauana (MR 02)	74	4,23
Antropotopônimo	1	0,06
Ecotopônimo	2	0,11
Ergotopônimo	1	0,06
Etnotopônimo	2	0,11
Fitotopônimo	39	2,23
Geomorfotopônimo	1	0,06
Hidrotopônimo	4	0,23
Litotopônimo	2	0,11
Não Identificada	2	0,11
Numerotopônimo	1	0,06
Somatopônimo	2	0,11
Zootopônimo	17	0,97
Baixo Pantanal (MR 01)	118	6,74
Animotopônimo disfórico	1	0,06
Dimensiotopônimo	5	0,29
Dirrematopônimo	1	0,06
Ergotopônimo	6	0,34
Etnotopônimo	2	0,11
Fitotopônimo	35	2,00
Geomorfotopônimo	4	0,23
Hidrotopônimo	13	0,74
Litotopônimo	4	0,23
Não Identificada	10	0,57
Zootopônimo	37	2,11
SUDOESTE	805	46,00
Bodoquena (MR 09)	106	6,06
Animotopônimo	1	0,06
Ergotopônimo	5	0,29
Etnotopônimo	2	0,11
Fitotopônimo	49	2,80
Geomorfotopônimo	6	0,34
Hidrotopônimo	2	0,11
Litotopônimo	6	0,06
Não Identificada	5	0,06
Numerotopônimo	1	0,11
Somatopônimo	3	0,06
Zootopônimo	26	2,06

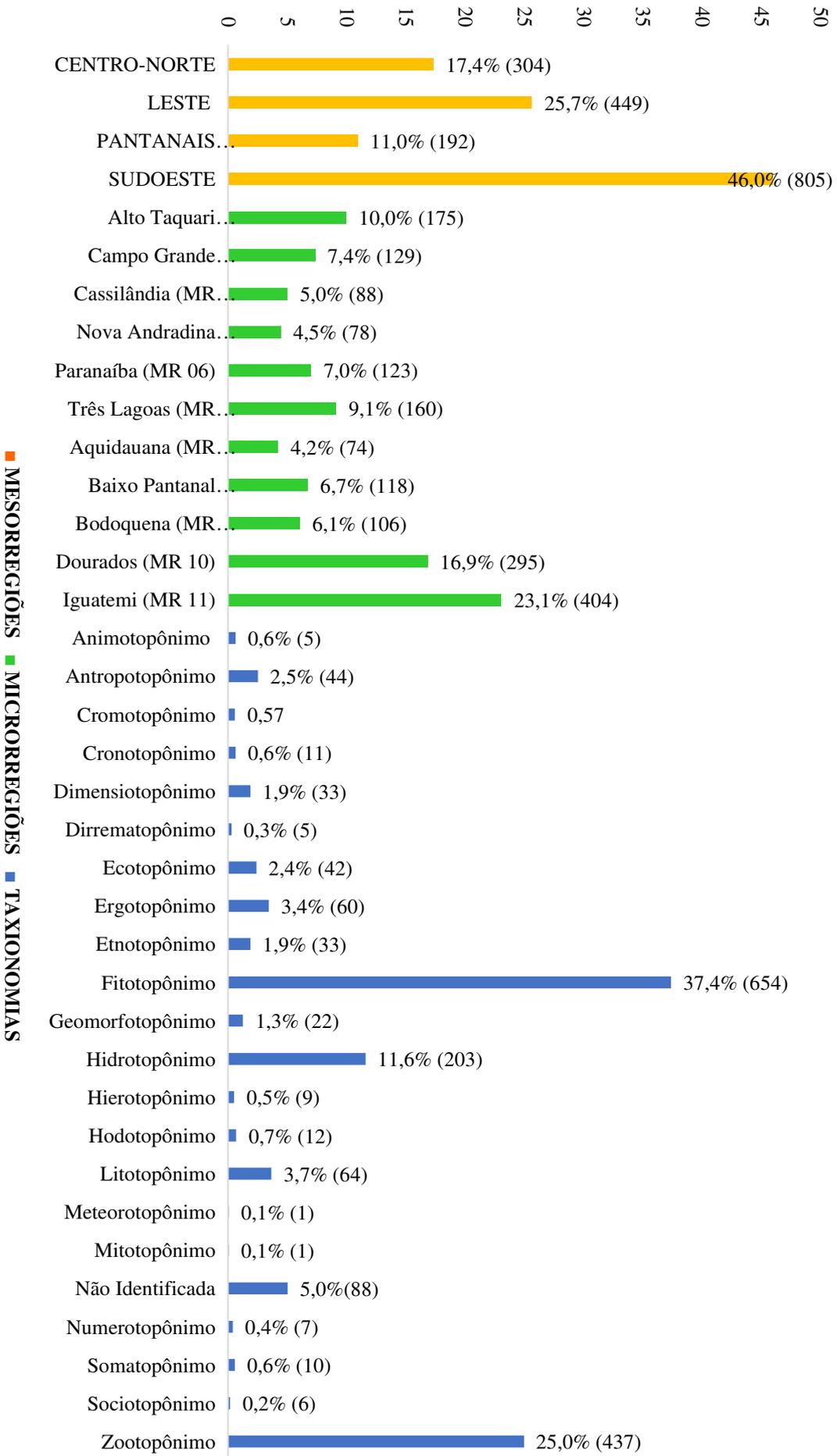
Tabela 3 - Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses segundo a taxionomia toponímica (conclusão)

Dourados (MR 10)	295	16,86
Animotopônimo Eufórico	1	0,06
Antropotopônimo	16	0,91
Cromotopônimo	3	0,17
Dimensiotopônimo	3	0,17
Ecotopônimo	5	0,29
Ergotopônimo	10	0,57
Etnotopônimo	5	0,29
Fitotopônimo	90	5,14
Geomorfotopônimo	4	0,23
Hidrotopônimo	42	2,40
Hierotopônimo	4	0,23
Hodotopônimo	3	0,17
Litotopônimo	17	0,97
Meteorotopônimo	1	0,06
Não Identificada	25	1,43
Numerotopônimo	1	0,06
Sociotopônimo	1	0,06
Somatopônimo	3	0,17
Zootopônimo	61	3,49
Iguatemi (MR 11)	404	23,09
Animotopônimo	5	0,29
Antropotopônimo	25	1,43
Cromotopônimo	7	0,40
Dimensiotopônimo	21	1,20
Dirrematopônimo	4	0,23
Ergotopônimo	12	0,69
Etnotopônimo	13	0,74
Fitotopônimo	70	4,00
Geomorfotopônimo	1	0,06
Hidrotopônimo	86	4,91
Hierotopônimo	3	0,17
Hodotopônimo	9	0,51
Litotopônimo	26	1,49
Mitotopônimo	1	0,06
Não Identificada	40	2,29
Somatopônimo	1	0,06
Zootopônimo	80	4,57
Total	1.750	100%

Fonte: Elaboração da autora

Na sequência, o gráfico 3 informa esse montante de dados expressos em valores absolutos e percentuais.

Gráfico 3 - Distribuição quantitativa dos topônimos indígenas segundo as mesos e microrregiões de Mato Grosso do Sul e conforme a taxionomia (DICK, 1992)



Fonte: Elaboração da autora

Como demonstram os dados do gráfico 3 a *Mesorregião Sudoeste* se destaca entre as demais no que se refere ao quantitativo de topônimos indígenas, retendo **46,00%** dos dados documentados. A microrregião *Iguatemi* destaca-se com a presença de **23,08%** dos dados. Já na perspectiva taxionômica, são os *fitotopônimos* com **37,37%** e os *zootopônimos* com **24,97%** que representam o maior número de designativos do *corpus* analisado.

O quantitativo de dados analisados é representado, na sequência, segundo a perspectiva da sua distribuição em termos da motivação semântica do topônimo, só que agrupados segundo as categorias de natureza física e de natureza antropocultural, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos de Dick (1992).

A tabela 4, a seguir, demonstra que, no conjunto dos dados, as taxes de natureza física, com **1.424** ocorrências, prevaleceram sobre as de natureza antropocultural, com **238** registros, isso descontando-se os **88** topônimos que não foram classificados quanto à taxionomia.

Tabela 4 - Distribuição quantitativa de topônimos indígenas distribuídos segundo as taxionomias de natureza física e antropocultural (DICK, 1992)

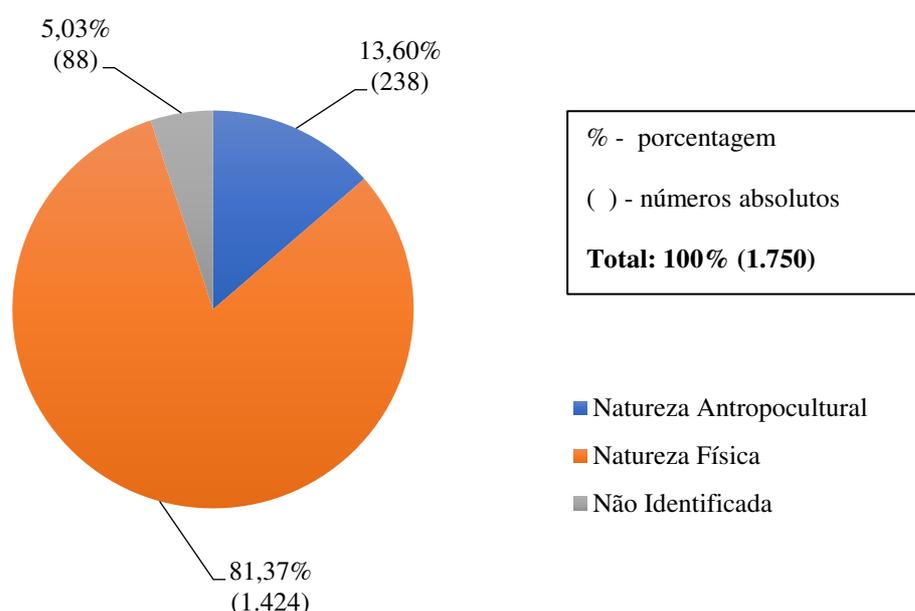
TAXIONOMIAS	Ocorrências	
	Números absolutos	%
Natureza Antropocultural	238	13,60%
Animotopônimo	11	0,63
Antropotopônimo	44	2,51
Cronotopônimo	1	0,06
Dirrematopônimo	5	0,28
Ecotopônimo	42	2,40
Ergotopônimo	60	3,43
Etnotopônimo	33	1,89
Hierotopônimo ¹⁹⁸	9	0,51
Hodotopônimo	12	0,68
Mitotopônimo	1	0,06
Numerotopônimo	7	0,40
Sociotopônimo	3	0,17
Somatopônimo	10	0,57
Natureza Física	1.424	81,37%
Cromotopônimo	10	0,57
Dimensiotopônimo	33	1,89
Fitotopônimo	654	37,37
Geomorfotopônimo	22	1,26
Hidrotopônimo	203	11,60
Litotopônimo	64	3,66
Meteorotopônimo	1	0,06
Zootopônimo	437	24,97
Não Identificada	88	5,03%
Total	1.750	100%

O gráfico 4, na sequência, fornece uma visão totalizante dos dados detalhados na tabela anterior, a predominância das taxionomias de natureza física **81,37%** dos dados do *corpus*, ao

¹⁹⁸ Os *hierotopônimos* podem apresentar, ainda, duas subdivisões: *hagiotopônimos* e *mitotopônimos*.

contrário das de natureza antropocultural que alçaram **13,60%** de registros. Esses dados corroboram uma tendência da toponímia brasileira tão reiterada por Dick (1990), qual seja a grande incidência de nomes descritivos na nomeação espontânea dos acidentes geográficos de natureza física, ou seja, a força do meio ambiente influenciando o processo de nomeação. Do conjunto de dados analisados, apenas **5,03%** dos topônimos não foram classificados em termos de motivação por falta de registros confiáveis acerca da etimologia do item lexical da língua investido de função toponímica.

Gráfico 4 – Produtividade de topônimos indígenas segundo a natureza da motivação semântica (DICK, 1992)

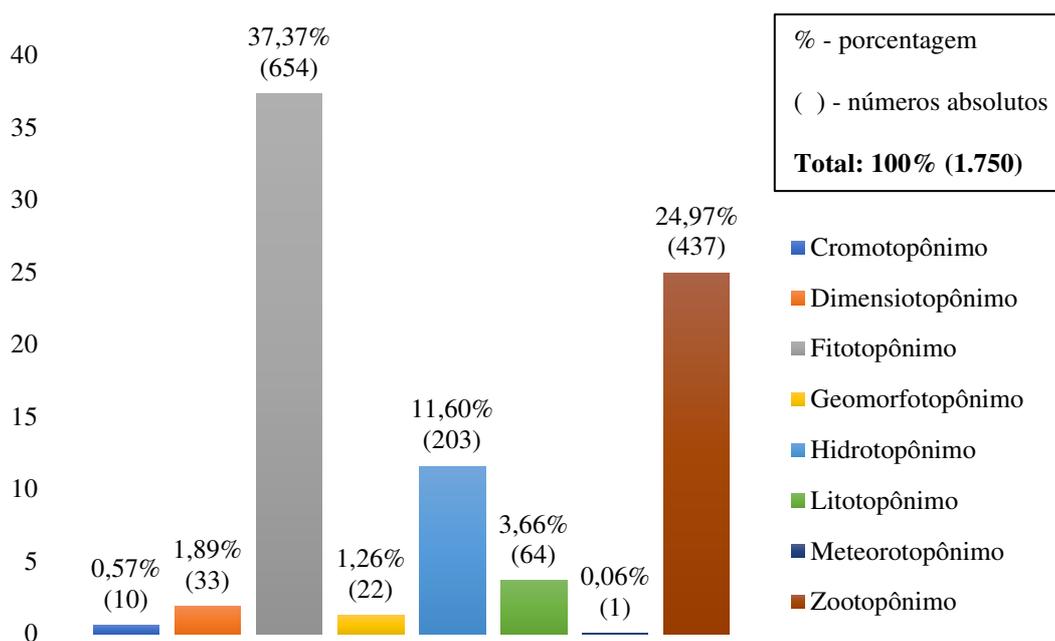


Fonte: Elaboração da autora.

Ao cruzar os dados da tabela 4 com os do gráfico 4, verifica-se que as taxas que se reportam a características do ambiente físico são muito frequentes na toponímia indígena, confirmando a hipótese da maior influência das línguas indígenas na nomeação de acidentes físicos, predominando as taxas de natureza física, sobretudo, por se referirem ao ambiente cuja nomeação faz parte do universo lexical do denominador, principalmente os motivados pela presença de plantas e animais.

Afunilando-se um pouco mais o olhar, tem-se nos gráficos 5 e 6 a distribuição percentual dos topônimos indígenas, conforme a natureza da motivação semântica que, por sua vez, se reporta às duas grandes categorias estabelecidas por Dick (1992): natureza física e natureza antropocultural. Das 11 taxas relacionadas ao ambiente físico, oito foram representadas no *corpus* deste estudo.

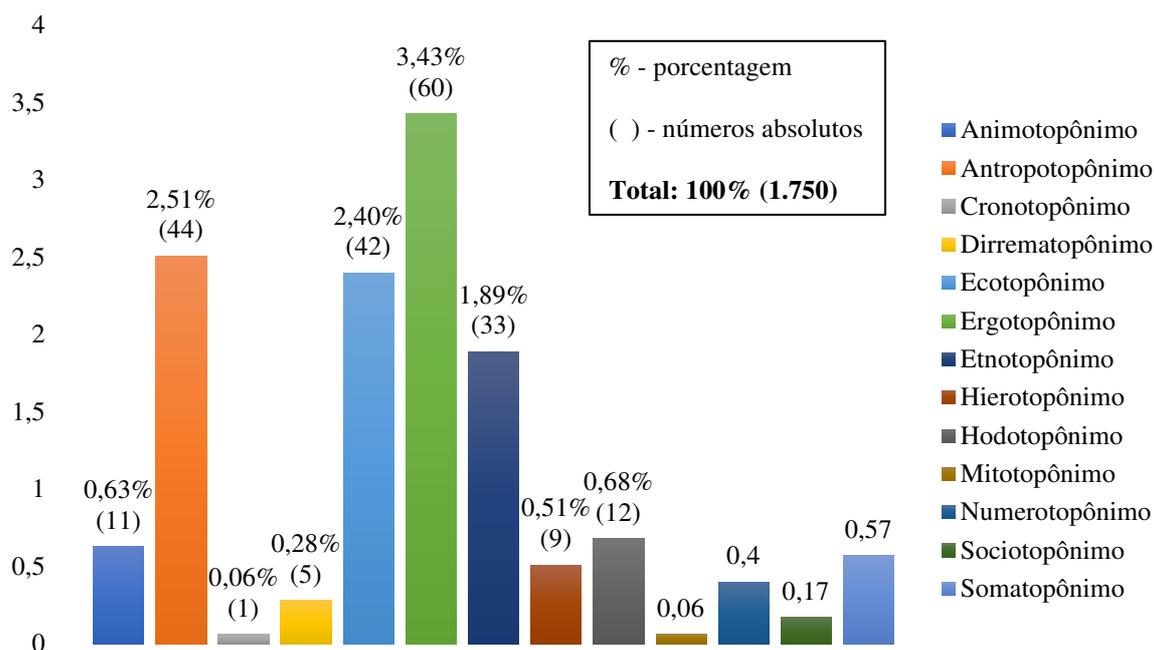
Gráfico 5 - Distribuição quantitativa das taxas de natureza física (DICK, 1992) na toponímia indígena de acidentes físicos de Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaboração da autora.

Já das 16 taxas relacionadas ao ambiente antropocultural, propostas por Dick (1992), 13 tiveram representatividade no *corpus* deste estudo. Cabe observar que a taxa dos *hierotopônimo* divide-se em *hagiotopônimos* e *mitotopônimos*. No *corpus* analisado, foi identificado apenas uma ocorrência de *mitotopônimo* representados, no gráfico 6, separadamente dos *hierotopônimos* com nove ocorrências.

Gráfico 6 - Distribuição quantitativa das taxas de natureza antropocultural (DICK, 1992) na toponímia indígena de acidentes físicos de Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaboração da autora

Na sequência, são discutidas as taxionomias com maior nível de recorrência, dentre as 27 taxas do modelo classificatório adotado neste estudo (DICK, 1992, p. 32-34).

6.2 Taxionomias com maior recorrência na toponímia indígena de Mato Grosso do Sul

Como já assinalado, 21 taxas do modelo de Dick (1992) tiveram representação no *corpus* desta pesquisa, tendo três delas se sobressaído no conjunto dos dados: *fitotopônimos* (37,37%), *zootopônimos* (24,97%) e *hidrotopônimos* (11,60%), todas de natureza física. A proeminência dessas três taxas confirma que os dados analisados possuem um peso significativo para sancionar a hipótese de que aspectos da realidade extralinguística, no caso dos topônimos indígenas, a realidade física, refletem-se nos nomes dos acidentes geográficos, sendo privilegiados os principais elementos da natureza: vegetação, animal e água.

Com representação inferior às três taxas de maior ocorrência, tem-se outras seis taxas com produtividade expressiva: *litotopônimos* (3,66%), *ergotopônimos* (3,43%), *antropotopônimos* (2,51%), *ecotopônimos* (2,40%), *etnotopônimos* (1,89%), *dimensiotopônimos* (1,89%), sendo quatro de natureza antropocultural e duas de natureza física, com o maior número de ocorrências na mesorregião Sudoeste, nomeadamente nas microrregiões de Iguatemi e Dourados, como retrocitado.

Na sequência tecem-se considerações sobre as taxionomias que alçaram maior grau de representatividade no *corpus* analisado¹⁹⁹.

6.2.1 Fitotopônimos

Segundo Dick (1992, p. 31), os *fitotopônimos* são “topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade [...], em conjuntos da mesma espécie [...], ou de espécies diferentes [...], além de formações não espontâneas individuais [...] e em conjunto”. Entre as taxes toponímicas, foi a mais produtiva com **654** topônimos, o que corresponde a **37,37%** do *corpus* analisado. Nota-se, sobretudo, que a recorrência aos *fitotopônimos* decorre da abundância e diversidade da **flora** da região estudada. Acredita-se que o nomeador tenha sido motivado pela própria existência da vegetação encontrada ao redor do acidente geográfico no momento de atribuir-lhe um nome. São exemplos de *fitotopônimos* no *corpus* analisando: rio **Bacuri**, córrego **Baguaçu**, córrego **Açaí**, córrego **Bambu**, córrego **Buriti**, córrego **Cambaúba**, córrego **Genipapo**, córrego **Guariroba**, entre outros.

6.2.2 Zootopônimos

Para Dick (1992, p. 32), *zootopônimos* são “topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos [...] e não domésticos [...] e da mesma espécie em grupos”. Os *zootopônimos* também evidenciaram alta produtividade neste estudo; com **437** ocorrências, representando um percentual de **24,97%** do *corpus*. Assim como os topônimos motivados pela vegetação, os topônimos de índole animal também refletem os nomes dos acidentes geográficos de forma significativa. Destaca-se, mais uma vez, a influência do ambiente físico no ato de batismo de um acidente geográfico.

Diante disso, percebe-se que a **fauna** exerce um papel importante como fonte de nomeação toponímica no estado de Mato Grosso do Sul. Foram registrados *zootopônimos* como córrego **Arara**, rio **Ariranha**, córrego **Capivara**, córrego **Cateto**, córrego **Cotia**, Morro **Jabuti**, córrego **Jararaca**, córrego **Lambari**, entre outros.

¹⁹⁹ O conjunto de taxes toponímicas (DICK, 1992) identificadas no *corpus* deste estudo foi evidenciado nos quadros 41, 42, 43 e 44 que compõem o Capítulo 5 desta Tese.

6.2.3 Hidrotopônimos

De acordo com Dick (1992, p. 31), os *hidrotopônimos* são “topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral [...]”. Do total de topônimos analisados, houve o registro de **203** topônimos, ou seja, **11,60%** do *corpus* estudado. Esse resultado atesta a importância da água para os seres humanos e confirma a declaração de Dick (1990, p. 196) de que o “aparecimento de topônimos, nos mais diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos de água para as condições de vida humana”. São exemplos produtivos de hidrotopônimos no *corpus* analisado: córrego *Anhanduí*; rio *Aporé*, rio *Ivinheima*; córrego *Jacuba*; represa *Jupiá*; rio *Paraná*; rio *Paranaíba*, córrego *Parauna*; córrego *Uerê*; entre outros.

6.2.4 Ergotopônimos

Outra categoria com representatividade no *corpus* é a dos *ergotopônimos*. Segundo Dick (1992, p. 33), os *ergotopônimos* se caracterizam como aqueles designativos que recuperam “elementos da cultura material” do homem. Dick (1990, p. 343) acentua que designativos desse tipo “avultariam sua importância”, se possível fosse relacioná-los aos “avanços técnicos de um povo ou, pelo menos, os mais significativos produtos de um grupo qualquer”.

Para a autora, os *ergotopônimos* de origem indígena refletem “um estágio cultural que se viveu no país”, ou seja, fazem parte da cultura dos grupos indígenas sul-mato-grossenses de um modo geral. Dos **1.750** topônimos analisados, **60** classificam-se nessa categoria com um percentual de **3,43%**. São exemplos produtivos de *ergotopônimos* no acervo toponímico analisado: córrego *Bocó*, córrego *Garapa*, córrego do *Jacá*, córrego *Mbaracá*, córrego *Paçoca*, cabeceira *Tereré* etc.

6.2.5 Litotopônimos

Os *litotopônimos* são definidos como “topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos, conjunto da mesma espécie ou de espécies diferentes” (DICK, 1992, p. 32-33). Totalizaram neste estudo **64** ocorrências, um percentual de **3,66%** do total de topônimos analisados.

Dick (1990, p. 125) destaca que, geralmente, os topônimos de índole mineral aliam-se à natureza constitutiva dos solos ou dos terrenos onde estão inscritos. Esse fenômeno se aplica

à região estudada, uma vez que a maior recorrência dos *litotopônimos* ocorreu com designativos formados com o substantivo tupi *itá* que corresponde “a *y-tá*, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. *Tá*”. (SAMPAIO, 1928, p. 229). São exemplos de *litotopônimos*: córrego *Ita*, córrego *Itacuru*, córrego *Itaipá*, córrego *Itaipu*, córrego *Ita-Porã*, córrego *Itaverá*, citando apenas alguns.

6.2.6 Antropotopônimos

Conforme Dick (1992, p. 32), os *antropotopônimos* são “topônimos relativos aos nomes próprios individuais”. Referem-se aos designativos de lugares que surgem como homenagem a pessoas da localidade e podem ser constituídos por prenomes (aqueles escolhidos), por sobrenomes (apelidos de família ou patronímicos), por um onomástico completo (prenome + sobrenome – apelido de família ou sobrenome) ou por hipocorísticos (designativo carinhoso que outros aplicam ao indivíduo) (DICK, 1990, p. 290). Na toponímia indígena sul-mato-grossense, foram registrados **44** *antropotopônimos* que correspondem ao percentual de **2,51%** dos topônimos analisados.

Na perspectiva de Dick (1990, p. 206-207), não importa se a nomeação de acidentes físicos foi resultado de “criações espontâneas” ou “sistematizados pelo cunho oficial”; os *antropotopônimos* refletem aspectos históricos e socioculturais da região onde foram registrados e, por esse motivo, os “toponimistas, de um modo geral, são contrários às alterações dos designativos”. Cabe ressaltar que a maior produtividade dos *antropotopônimos* examinados neste estudo são compostos com nomes próprios da língua portuguesa associado ao sufixo guarani *cué*: “adj. contração de *cuéra*²⁰⁰, mais freqüente no guarani. Paraguai” (SAMPAIO, 1987, p. 226), como em córrego **Cristiano Cué**, córrego **Diogo-Cué**, córrego **João Cué**, rio **Felix-Cué**, cabeceira **Lúcio-Cué**, entre outros.

6.2.7 Ecotopônimos

Segundo Dick (1992, p. 33), os *ecotopônimos* são “topônimos relativos às habitações de um modo geral”. Neste estudo, verificaram-se **42** ocorrências que representam um percentual de **2,40%** do *corpus*. Os *ecotopônimos* demonstraram produtividade expressiva em designativos formados pela lexia *tapera* que corresponde a “*tab-era*, a aldeia extinta, a ruína,

²⁰⁰ **Cuéra**: “adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé” (SAMPAIO, 1987, p. 226).

local onde existiu uma povoação. Alt. *Taguéra. V. Taba*". (SAMPAIO, 1928, p. 316). Também são exemplos de *ecotopônimos* no *corpus*: córrego *Tapera Queimada*, córrego *Tapera Velha*, córrego *Taparão*, córrego *Taperas*, córrego *Taperinha*, Córrego *Tapuí*, entre outros.

6.2.8 Etnotopônimos

Já os *etnotopônimos*, conforme Dick (1992, p. 33), são “topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)”. Nesta pesquisa, foram registradas, nessa categoria, **33** ocorrências, o que atinge o percentual de **1,89%**. A categoria dos *etnotopônimos* demonstrou produtividade significativa em designativos formados por topônimos que representam nomes de grupos indígenas como córrego *Xavante*, córrego *Guaicuru*, córrego *Guarani*, Vazante *Guaxi*, córrego *Carioca* etc.

6.2.9 Dimensiotopônimos

De acordo com Dick (1992, p. 31), os *dimensiotopônimos* são “topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade”. Os *dimensiotopônimos* registrados no *corpus* totalizaram **33** topônimos que correspondem a um percentual de **1,89%**, essa produtividade pode estar relacionada a uma característica do próprio acidente, uma vez que a escolha do nome pode estar baseada em um dos aspectos do local a ser nomeado. Verificou-se, nessa categoria toponímica, uma produtividade significativa de nomes formados com o adjetivo tupi *guaçú* que exprime a ideia de “grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se *uaçu*; com o contato do português, apareceu a letra *g* inicial e passou a dizer, na língua geral, *guaçu*, como em quase todas as palavras começadas por *u*, da língua primitiva. Alt. *açu*, *oaçu*, *uçu*”. (SAMPAIO, 1928, p. 206). Citam-se, como exemplo, os seguintes topônimos: vazante *Aguaçú*; vazante *Aguassuzinho*; córrego *Guaçu*; córrego *Guaçu-Grande*; córrego *Guassuri*, Ribeirão *Mirim*, córrego Fundo do *Mutuca*, entre outros.

Em síntese, o objetivo deste tópico foi fornecer um panorama dos resultados obtidos nos dados analisados, em termos de taxionomia toponímica, com destaque para as que alçaram maior índice de produtividade no *corpus* em estudo.

Por fim, dois pontos merecem registro em relação ao *corpus* examinado: 1) o não registro de *astrotopônimos*, *axiotopônimos*, *cardinotopônimos*, *corotopônimos*, *historiotopônimos*, *morfotopônimos* e *poliotopônimos*; 2) **88** topônimos, representando (**5,03%**) do *corpus* ainda permanecem sem identificação taxionômica.

A tabela 5 reúne topônimos com características de idiomas indígenas, porém, sem classificação taxionômica definida, em virtude da ausência de fontes que elucidassem o significado desses topônimos.

Tabela 5 - Topônimos com taxionomia não identificada

Topônimo	Ocorrências Números absolutos	Topônimo	Ocorrências Números absolutos
Acôco	1	Jaceri	1
Amonguipa	1	Jacori	1
Ançaipa	1	Janara	1
Apa	1	Janção	1
Apongaraí	1	Jatebu	1
Areba	1	Jhoverá	1
Boivevê	1	Jogui	4
Bopeí	1	Joguí	1
Cai-Cuê	1	Jupé	1
Cambú	1	Lalima	1
Cangueri	1	Lau-de-já	2
Chapena	3	Ledesma	1
Culcho	1	Livé	1
Culicho	1	Loma Puitá	1
Curubaí	1	Maitaré	1
Curuhai	2	Maitoré	1
Curuhaí	1	Mandéi	1
Curunhaí	1	Mandioré	1
da Ouricaca [1]	1	Manduná	1
Daicuai	2	Moron	2
Dalcuri	1	Nhaquiráí	1
do Catimbate	1	Pandovi	1
do Culicho	1	Panduí	2
do Guatapará	1	Panterrum	2
do Sajutá	1	Pe-í-Pocu	1
Gerorê	1	Pio poçu	1
Geverê	1	Piquiceri	1
Guapapã	1	Piquiciri	1
Guatapará	1	Pitiri	1
Ibiru	1	Poíque	1
Imboraca [1]	1	Ponteí	2
Invaum	1	Pucovu	1
Ipona	1	Seputã	1
Iputã	1	Suíte-Cuê	1
Iretan	3	Taiamain	1
Ivaé	1	Tapoti	1
Ivaé-Mi	2	Total	88

Fonte: Elaboração da autora

Apesar de a quantidade de topônimos sem classificação ser significativa, a não classificação taxionômica justifica-se pela impossibilidade de recuperação do significado das unidades lexicais investidas de função toponímica, ou seja, o problema não está no modelo taxionômico de Dick (1992).

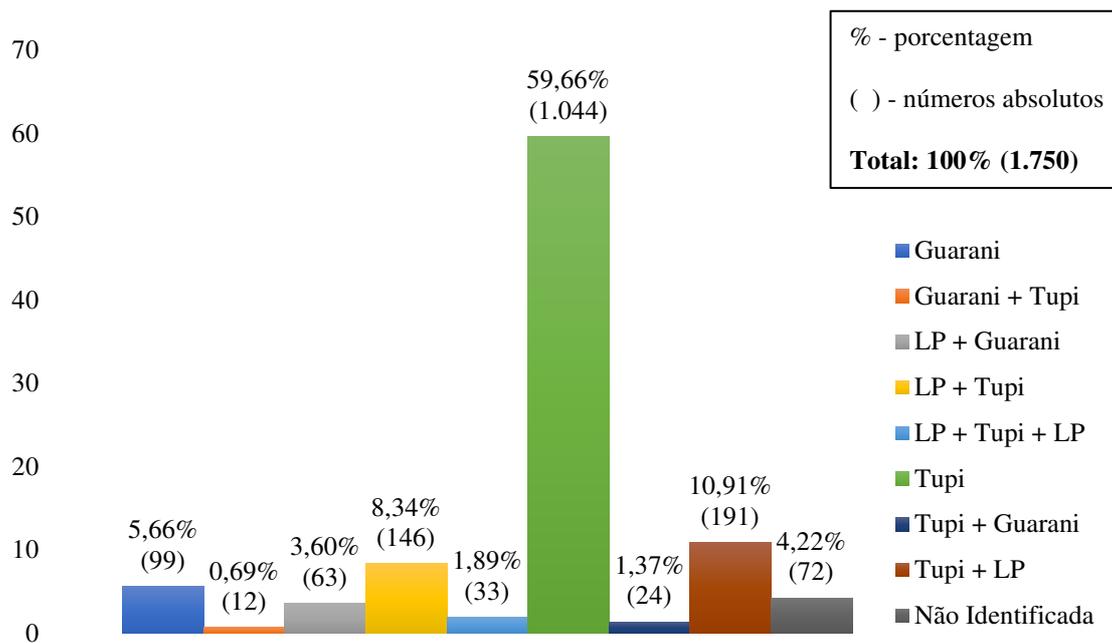
Com relação à língua de origem dos topônimos, os dados demonstraram a predominância de topônimos de origem tupi no *corpus* em estudo, com **1.044** ocorrências, seguido do guarani, com **99** ocorrências. Já os topônimos híbridos, que se formam pela combinação de elementos mórficos provenientes de línguas diferentes, foram menos produtivos: a categoria Tupi + LP destaca-se com **191** ocorrências; LP + Tupi foi representada com **146** registros; LP + Guarani marca presença com **63** casos; LP + Tupi + LP registrou **33** ocorrências; Tupi + Guarani alçou **24** registros e Guarani + Tupi atingiu **12** ocorrências, citando apenas as seis categorias mais produtivas. Além disso, **74** topônimos, representando **(4,22%)** do *corpus* ainda permanecem sem identificação de língua de origem.

A seguir, a tabela 6 e o gráfico 7 apresentam a distribuição desses dados relacionados à base indígena dos topônimos no *corpus* analisado. Optou-se por representar na tabela todos os casos de línguas de origem encontrados, com o número absoluto de ocorrências e no gráfico o número absoluto e percentagem das *oito* línguas de origem mais produtivas e dos topônimos com língua de origem não identificada, o restante dos casos aparecem como “outros” por apresentar ocorrência de números significativamente menores.

Tabela 6 - Línguas de origem dos topônimos indígenas sul-mato-grossenses

Línguas de origem	Ocorrências Números absolutos	Línguas de origem	Ocorrências Números absolutos
Alemão + Tupi	3	LP + Guarani	63
Árabe + LP + Guarani	1	LP + Guarani + LP	1
Árabe + Guarani	1	LP + Não identificada	2
Bororo	5	LP + Terena/Guaicuru	2
Bororo + LP	1	LP + Tupi	146
Cariri	1	LP + Tupi + LP	33
Espanhol + Guarani	1	Não Identificada	72
Espanhol + Tupi	1	Não identificada + Guarani	2
Grego + Guarani	2	Quíchua	2
Guaicuru	1	Terena/Guaicuru	7
Guaicuru/Tapuia	5	Terena/Tapuía	3
Guarani	99	Tupi	1044
Guarani + LP	6	Tupi + Espanhol	1
Guarani + Tupi	12	Tupi + Guarani	24
Guarani + Tupi + LP	1	Tupi + Guarani + Tupi	1
Guarani/Paraguai	3	Tupi + LP	191
Guaxis	2	Xavante	2
Karajá/Macro-Jê	4	Xavante + LP	2
Karajá/Macro-Jê + Guarani	2		
LP + Aruaque	1	Total	1750

Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 7 - Distribuição dos topônimos indígenas de Mato Grosso do Sul quanto à língua de origem

Fonte: Elaboração da autora.

Como o assinalado, no Capítulo 2, a análise quantitativa dos dados evidencia que a toponímia sul-mato-grossense dá mostras de uma significativa influência tupi na nomeação dos acidentes geográficos. A respeito dessa influência no patrimônio lexical do português brasileiro e na toponímia, Dick (1992, p. 39) pondera que

[...] o sistema léxico tupi, como reflexo de uma sociedade de economia mista, deixou uma gama variada de contribuição linguística ao português, que preservou, nos vocábulos fossilizados, as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiência. Se muitos desses designativos, hoje, escapam ao linguajar corrente do brasileiro, impulsionado, constantemente, pela dinâmica da língua, outro tanto não ocorre na Toponímia, que se vale deles como uma fonte contínua de motivação, mantendo, assim, vivas, as tradições culturais indígenas (DICK, 1992, p. 39).

Essa assertiva de Dick (1992) foi visivelmente percebida neste estudo, pois se verifica que realmente o léxico tupi permanece, por meio de “vocábulos fossilizados”, nos topônimos da região estudada, o que demonstra a importância da herança indígena na formação do que hoje se considera como povo brasileiro e, também, na constituição da língua portuguesa em sua variante brasileira, sob influência das línguas ameríndias.

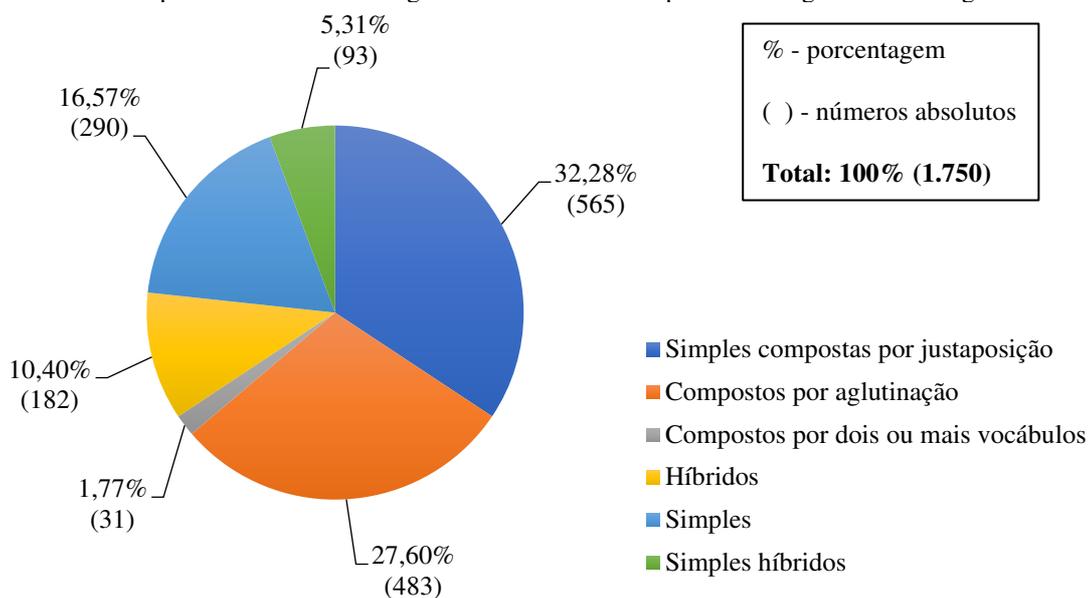
Em síntese, nota-se que das línguas indígenas identificadas no *corpus* toponímico analisado, é natural que o tupi tenha sido aquele que maior influxo exerceu no português, porque era a língua mais falada do Brasil, durante a colonização, e funcionava como uma

espécie de segunda língua dos grupos indígenas não Tupi. Assim se compreende como, em regiões onde jamais habitou povos Tupi, a nomenclatura geográfica atesta a presença de topônimos oriundos dessa língua indígena.

6.3 Considerações sobre a estrutura morfológica dos topônimos

Quanto à estrutura morfológica, a maioria dos topônimos apresentam estrutura simples de origem composta, ou seja, em sua gênese, eram formas compostas que se transformaram, em razão de um processo aglutinador responsável pela transformação de um topônimo originalmente polilexical em um designativo monolexical, como pode-se observar, a seguir: *Guariroba, Itambé, Guçuvirá, Jaguapiru, Tamandaré, Iguatemi, Guaraguará, Taquaruçu, Caaporã, Umbaúba* entre outros. De modo geral, nota-se que a maior parte dos topônimos analisados, por terem origem em línguas predominantemente incorporantes, apresentam estrutura complexa. O gráfico 8 demonstra, de forma resumida, as principais estruturas de topônimos observadas neste trabalho.

Gráfico 8 - Principais estruturas morfológicas identificadas na toponímia indígena sul-mato-grossense



Fonte: A autora.

Assim, em grau de produtividade os topônimos de estrutura simples, porém de origem composta por justaposição, destacam-se com **565** ocorrências (**32,28%**), como ocorre em nomes de lugares como: *Caácaíquê, Paranaíba, Pirapitanga, Urubu,*

Jurubeba, Urutu, Jaboticaba etc. Já os compostos por aglutinação²⁰¹ avultam **483** casos (**27,60%**). Atestam esse processo topônimos como: *Urucum, Bocajá, Sucuri, Maracujá, Sucuriú*, para citar apenas alguns exemplos.

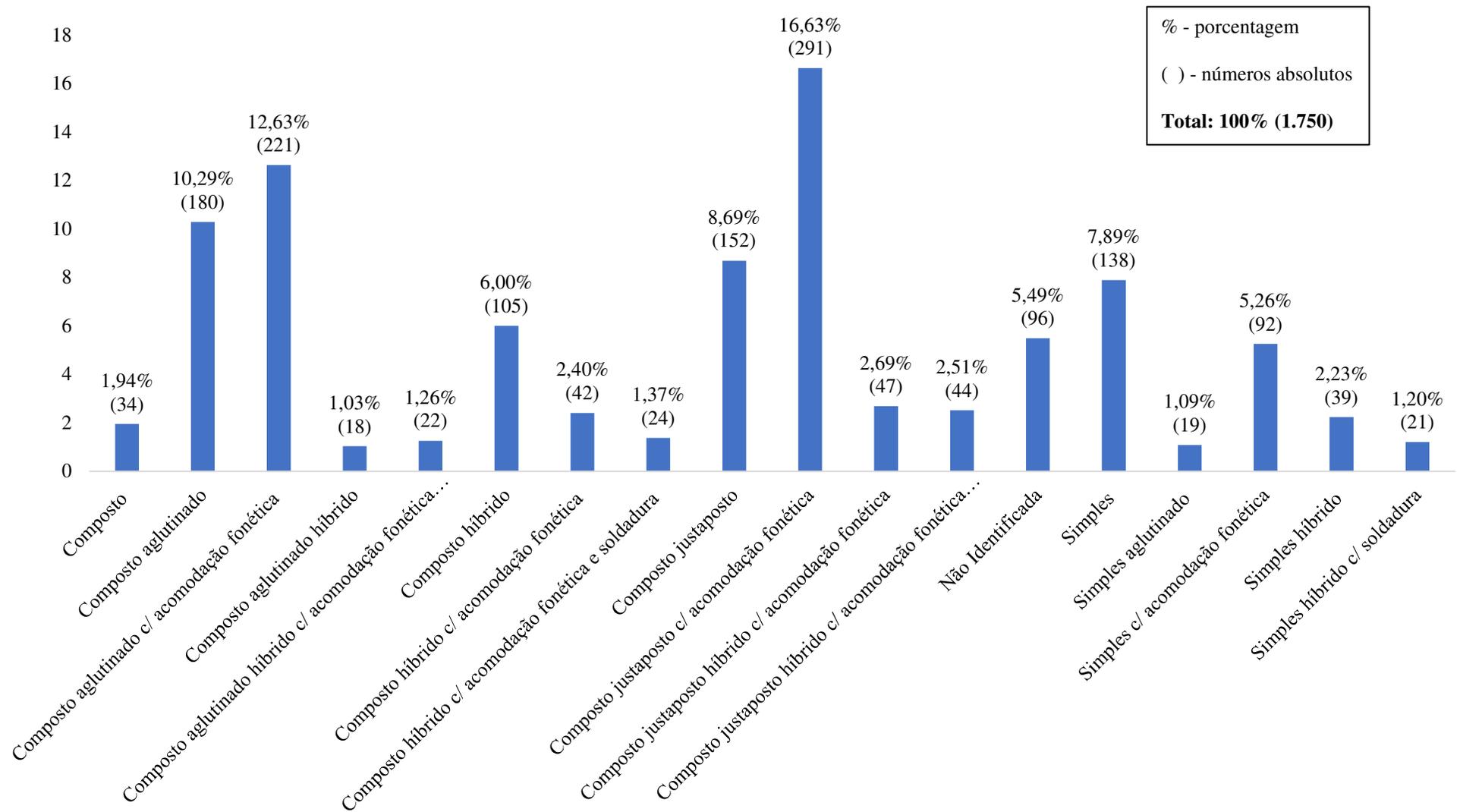
Os compostos por dois ou mais vocábulos com o uso ou não de hifenização marcam **31** registros (**1,77%**), como se pode observar em: *Mboi-Jaquá, Piripucu-açu, Nhu-Guaçu, Guju-Mirim, Loma Puitá, Ibirá Peteim* etc. E os compostos híbridos sinalizam **182** ocorrências (**10,40%**), para exemplificar: *Guaçu-Grande, Lúcio-Cuê, Barreiro Puitã, Islã Guaçu, Tapera Queimada* etc.

Já os topônimos de estrutura e origem simples ocorrem em **290** casos (**16,57%**), em designativos como: *Guaçu, Apa, Mirim, Aguará, Jupé, Pariri, Pinhé, Açai, Borá* etc., e os simples híbridos representam **93** ocorrências (**5,31%**), como em: *Laranjaí, da Arara, Taquarizinho, Taquaral, das Morangas, Mumbequinha, Gurizão, Anhumas, do Mutuca*, entre outros.

Resumindo, os dados analisados evidenciam que os topônimos de estrutura e/ou origem **composta** alçaram um índice significativo de registro no *corpus*, considerando-se aqui apenas as categorias mais produtivas. O gráfico 9 sintetiza a distribuição percentual dessas estruturas.

²⁰¹ Segundo Lyons (1979), as línguas aglutinantes unem afixos comumente invariantes a uma raiz de tal forma que pode haver vários morfemas facilmente identificáveis em uma palavra. De outra forma, a palavra se compõe de morfemas, sendo que cada um representa um morfema, havendo conservação da identidade fonológica dos morfemas.

Gráfico 9 - Distribuição quantitativa dos principais* tipos de estrutura morfológica identificadas na toponímia indígena sul-mato-grossense



*Estruturas morfológicas que apresentaram uma porcentagem de identificação maior ou igual a 1%.

Fonte: Elaboração da autora.

Por fim, por meio da tabela 7 é possível verificar o quantitativo de ocorrências de cada caso, de acordo com as meso e microrregiões.

Tabela 7 – Dados quantitativos em termos de estrutura morfológica (continua)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA	OCORRÊNCIAS (NÚMEROS ABSOLUTOS)
CENTRO-NORTE	304
Alto Taquari (MR 03)	175
Composto	2
Composto aglutinado	15
Composto aglutinado com acomodação fonética	26
Composto aglutinado híbrido	2
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Composto aglutinado híbrido com soldadura	2
Composto híbrido	2
Composto híbrido com acomodação fonética	10
Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Composto híbrido com soldadura	1
Composto justaposto	8
Composto justaposto com acomodação fonética	41
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	10
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	7
Composto justaposto híbrido com soldadura	1
Não Identificada	3
Simple	11
Simple aglutinado	1
Simple aglutinado híbrido	2
Simple aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	3
Simple aglutinado híbrido com soldadura	2
Simple com acomodação fonética	11
Simple híbrido	4
Simple híbrido com acomodação fonética	1
Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Simple híbrido com soldadura	6
Campo Grande (MR 04)	129
Composto	1
Composto aglutinado	14
Composto aglutinado com acomodação fonética	16
Composto aglutinado híbrido	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	4
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Composto com acomodação fonética	1
Composto híbrido com acomodação fonética	6
Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	2
Composto justaposto	10

Tabela 7 - Dados quantitativos em termos de estrutura morfológica (continuação)

Composto justaposto com acomodação fonética	23
Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura	2
Composto justaposto híbrido	1
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	7
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	7
Composto justaposto híbrido com soldadura	1
Não Identificada	3
Simples	6
Simples aglutinado	2
Simples aglutinado com acomodação	1
Simples aglutinado híbrido com soldadura	3
Simples com acomodação fonética	13
Simples híbrido	2
Simples híbrido com acomodação fonética	1
Simples híbrido com soldadura	1
LESTE	449
Cassilândia (MR 05)	88
Composto aglutinado	12
Composto aglutinado com acomodação fonética	8
Composto aglutinado híbrido	2
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	2
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	2
Composto híbrido com acomodação fonética	5
Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	4
Composto híbrido com soldadura	1
Composto justaposto com acomodação fonética	16
Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura	2
Composto justaposto híbrido	1
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	5
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	4
Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura	1
Simples	3
Simples aglutinado	2
Simples aglutinado híbrido	1
Simples com acomodação fonética	4
Simples com acomodação fonética e soldadura	1
Simples com soldadura	1
Simples híbrido	5
Simples híbrido com acomodação fonética	1
Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura	2
Simples híbrido com soldadura	3
Paranaíba (MR 06)	123
Composto aglutinado	11
Composto aglutinado com acomodação fonética	13
Composto aglutinado com soldadura	1

Tabela 7 - Dados quantitativos em termos de estrutura morfológica (continuação)

Composto aglutinado híbrido	2
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	7
Composto aglutinado híbrido com soldadura	2
Composto com acomodação	1
Composto híbrido	2
Composto híbrido com acomodação fonética	4
Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	8
Composto híbrido com soldadura	1
Composto justaposto	1
Composto justaposto com acomodação fonética	23
Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura	2
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	2
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	13
Não Identificada	3
Não Identificada com soldadura	1
Simples	1
Simples aglutinado	3
Simples aglutinado com soldadura	1
Simples aglutinado híbrido	2
Simples com acomodação fonética	5
Simples com acomodação fonética e soldadura	3
Simples híbrido	2
Simples híbrido com acomodação fonética	1
Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura	2
Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)	5
Três Lagoas (MR 07)	160
Composto	1
Composto aglutinado	23
Composto aglutinado com acomodação fonética	27
Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura	1
Composto aglutinado híbrido	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	4
Composto aglutinado híbrido com soldadura	1
Composto híbrido	2
Composto híbrido com acomodação fonética	2
Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	4
Composto híbrido com soldadura	1
Composto justaposto	6
Composto justaposto com acomodação fonética	44
Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura	4
Composto justaposto híbrido	1
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	5
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	1

Tabela 7 - Dados quantitativos em termos de estrutura morfológica (continuação)

Não Identificada	1
Simple	7
Simple aglutinado	6
Simple aglutinado com soldadura	1
Simple aglutinado híbrido	3
Simple aglutinado híbrido	1
Simple com acomodação fonética	7
Simple com soldadura	1
Simple híbrido	2
Simple híbrido com acomodação fonética	1
Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Nova Andradina (MR 08)	78
Composto aglutinado	5
Composto aglutinado com acomodação fonética	14
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	2
Composto híbrido	2
Composto híbrido com acomodação fonética	1
Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Composto justaposto	4
Composto justaposto com acomodação fonética	24
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	1
Não Identificada	2
Simple	7
Simple aglutinado	2
Simple aglutinado com acomodação fonética	1
Simple com acomodação fonética	7
Simple híbrido (subst. + desinência -s de plural)	5
SUDOESTE	805
Bodoquena (MR 09)	106
Composto	1
Composto aglutinado	9
Composto aglutinado com acomodação fonética	11
Composto aglutinado híbrido	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Composto híbrido	4
Composto híbrido com acomodação fonética	2
Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Composto híbrido com soldadura	1
Composto justaposto	17
Composto justaposto com acomodação fonética	8
Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura	1
Composto justaposto híbrido	2
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	2
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Não Identificada	11

Tabela 7 - Dados quantitativos em termos de estrutura morfológica (continuação)

Não Identificada com soldadura	3
Simples	15
Simples aglutinado com acomodação fonética	1
Simples híbrido	7
Simples híbrido com acomodação fonética	2
Simples híbrido com soldadura	4
Dourados (MR 10)	295
Composto	4
Composto aglutinado	40
Composto aglutinado com acomodação fonética	26
Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura	2
Composto aglutinado com soldadura	1
Composto aglutinado híbrido	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	3
Composto aglutinado híbrido com soldadura	2
Composto com acomodação fonética	2
Composto híbrido	26
Composto híbrido com acomodação fonética	8
Composto híbrido com soldadura	3
Composto justaposto	38
Composto justaposto com acomodação fonética	33
Composto justaposto híbrido	1
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	4
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	3
Composto justaposto híbrido com soldadura	1
Não Identificada	24
Não Identificada com soldadura	1
Simples	31
Simples aglutinado	2
Simples aglutinado com acomodação fonética	1
Simples aglutinado híbrido	1
Simples aglutinado híbrido com soldadura	1
Simples com acomodação fonética	18
Simples com soldadura	1
Simples híbrido	7
Simples híbrido com acomodação fonética	1
Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura	2
Simples híbrido com soldadura	2
Simples híbrido	4
Iguatemi (MR 11)	404
Composto	16
Composto aglutinado	33
Composto aglutinado com acomodação fonética	39
Composto aglutinado híbrido	6

Tabela 7 - Dados quantitativos em termos de estrutura morfológica (continuação)

Composto aglutinado híbrido com soldadura	4
Composto híbrido	65
Composto híbrido com acomodação fonética	1
Composto híbrido com soldadura	2
Composto justaposto	61
Composto justaposto com acomodação fonética	52
Composto justaposto híbrido	9
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	4
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	5
Composto justaposto híbrido com soldadura	2
Não Identificada	36
Simple	44
Simple aglutinado com acomodação fonética	6
Simple com acomodação fonética	18
Simple híbrido	1
PANTANAIS SUL-MATO-GROSSEENSES	192
Aquidauana (MR 02)	74
Composto aglutinado	7
Composto aglutinado com acomodação fonética	9
Composto aglutinado híbrido	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura	2
Composto híbrido com acomodação fonética	3
Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Composto justaposto	4
Composto justaposto com acomodação fonética	19
Composto justaposto híbrido	1
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	6
Não Identificada	3
Simple	5
Simple aglutinado	1
Simple aglutinado híbrido com soldadura	1
Simple com acomodação fonética	3
Simple híbrido	3
Simple híbrido com acomodação fonética	3
Simple híbrido com soldadura	1
Baixo Pantanal (MR 01)	118
Composto	2
Composto aglutinado	18
Composto aglutinado com acomodação fonética	32
Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura	2
Composto aglutinado com soldadura	2
Composto aglutinado híbrido	1
Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética	1
Composto híbrido	2

Tabela 7 - Dados quantitativos em termos de estrutura morfológica (conclusão)

Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura	2
Composto híbrido com soldadura	1
Composto justaposto	3
Composto justaposto com acomodação fonética	8
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética	1
Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura	1
Não Identificada	10
Não Identificada (com soldadura)	5
Simple	8
Simple com acomodação fonética	6
Simple com soldadura	2
Simple híbrido	2
Simple híbrido com acomodação fonética	2
Simple híbrido com acomodação fonética e soldadura	3
Simple híbrido com soldadura	4
Total Geral	1.750

Fonte: Elaboração da autora

6.4 O processo de *soldadura* ortográfica

Este tópico foi reservado para as considerações a respeito do processo de *soldadura* ortográfica. Reitera-se que a *soldadura* permite o estabelecimento de unidade de sentido a uma unidade léxica. Em termos teóricos, o estudo orienta-se, fundamentalmente, em Gross (1996), Mejri (1997) e Marques (2017).

Ao discutir a unidade toponímica composta com características fraseológicas, Marques (2017), pautando-se nas ideias de Gross (1996, p. 154), esclarece que o autor “já alertava para a parcialidade da fixidez ao afirmar que nem toda sequência é totalmente fixa. Existem graus de liberdade que oscilam de um ponto que vai das formas totalmente fixas às formas que sofrem algum tipo de variação” (MARQUES, 2017, p. 26).

Marques (2017, p. 26) ainda pondera que a fixidez, denominada, também, de cristalização, se configura como estabilidade da forma e ocorre nos planos formal e semântico: “no plano formal, a cristalização diz respeito à *soldadura* entre os itens lexicais que integram a unidade fraseológica ou, neste caso, o fraseotopônimo”²⁰², enquanto no plano semântico “cada item lexical que compõe o nome deixa de expressar isoladamente o significado que comporta”.

²⁰² Neste trabalho, toma-se o termo *fraseotopônimo*, na acepção em que foi cunhado por Marques (2017), com base no diálogo estabelecido pela autora entre a Fraseologia e a Toponímia.

Desse modo, o foco da hipótese de *soldadura* centra-se na estrutura do sintagma toponímico, examinando-se as combinações sintagmáticas e os diferentes graus de fixidez existentes no âmbito dos topônimos. Em face disso, reitera-se a proposta de Marques (2017, p. 26) de reputar o topônimo como um caso de “soldadura²⁰³ entre os itens lexicais que integram os fraseologismos ou, neste caso, o fraseotopônimo”, como pode-se observar nos exemplos: (córrego) Fundo do **Mutuca**, (rio) Dois irmãos do **Buriti**, (córrego) do **Tatu**, (ilha) do **Jacaré Grande**, (córrego) da **Macaúba**, (córrego) Cabeceira da **Samambaia**, (serra) das **Araras**, citando apenas alguns exemplos.

O Quadro 45, a seguir, relaciona os **203** topônimos indígenas, ou seja, **11,60%** dos dados estudados, que evidenciam o processo de *soldadura* ortográfica no *corpus*. A análise desses dados ressalta, sobretudo, a estrutura morfológica desses topônimos e conclui que topônimos formados por preposições e substantivos são os mais produtivos no conjunto de topônimos com soldadura.

Quadro 45 – Topônimos indígenas na toponímia sul-mato-grossense com *soldadura* ortográfica (continua)

ELEMENTO GEOGRÁFICO	TOPÔNIMO	ESTRUTURA MORFOLÓGICA
Cabeceira	do Angico	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Serra	de Aquidauana	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	das Araras	Simples Híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + subst. + desin. -s de plural)
Serra	das Araras	Simples Híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + subst. + desin. -s de plural)
Córrego	das Araras	Simples Híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + subst. + desin. -s de plural)
Córrego	Buriti do Cervo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Cabeceira	do Buriti	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Córrego	do Buriti	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Córrego	Cabeceira do Pindaíba	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Serra	de Camapuã	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Cabeceira	Capão da Anta	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)

²⁰³ De acordo com Gross (1996, p.7), “la soudure est le critère utilisé en allemand pour définir un mot composé (Kompositum). La définition est donc morphologique dans cette langue: un mot composé est un mot soudé fusionnant graphiquement deux ou plusieurs autres, indépendamment du caractère opaque ou non de la signification”. - “A soldadura é o critério utilizado em alemão para definir uma palavra composta (Kompositum). A definição é, portanto, morfológica nesta língua: uma palavra composta é uma palavra soldada fundindo graficamente duas ou mais outras, independentemente do caráter opaco ou não do significado”. (Tradução da autora).

Córrego	do Capim	Simples aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + grau dim. -im)
Córrego	do Capim	Simples aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + grau dim. -im)
Cabeceira	do Capim	Simples aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + grau dim. -im)
Córrego	dos Cuês	Simples híbrido com soldadura (prep. + desin. -s de plural + adj. + desin. -s de plural)
Ribeirão	Furna do Mutum	Composto híbrido com soldadura (subst. + prep. + subst.)
Córrego	do Indaiá	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Indaiá	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Lagoa	do Jacaré	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Ribeirão	da Mutuca	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Ribeirão	do Mutum	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Paçoca	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Córrego	da Pindaíva	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Pindaíva	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Porproca	Composto Justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Córrego	do Sapé	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + verb.)
Córrego	da Sucuri	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + verb. + adj.)
Córrego	da Taboca	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Taboca	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Taboca	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Taboco	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Taperá	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Cabeceira	da Taperá	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Cabeceira	da Taperá	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Córrego	da Taperá	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)

Córrego	da Tapera	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Serra	do Taquari	Simples híbrido com soldadura (pref. + subst. + grau diminutivo suf. -i)
Rio	Aporé ou do Peixe	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + conj. + prep. + subst.)
Serra	do Aporé	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Salto	do Aporé	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Córrego	do Arapuá	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Arara	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Ribeirão	das Araras	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Córrego	das Araras	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Serra	das Araras (da Cabeleira) (Selada)	Composto híbrido com soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + desinência de plural -s + prep. + subst. + subst.)
Lagoa	do Babaçu	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Bambu	Simples com soldadura (subst.)
Córrego	do Banguá	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Ribeirão	Barreiro do Ariranha	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Córrego	Buriti de Baixo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + adj.)
Córrego	Buriti de Cima	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + adj.)
Córrego	do Buriti	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Córrego	do Buritizal	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + suf. -zal)
Córrego	do Buritizal	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + suf. -zal)
Córrego	Cabeceira da Samambaia	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Córrego	Cabeceira da Tapera	Composto híbrido com soldadura (subst. + prep. + subst.)
Córrego	Cabeceira do Capão	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst. + subst.)
Córrego	Cabeceira do Indaiá	Composto híbrido com soldadura (subst. + prep. + subst.)
Córrego	Cabeceira Grande do Buriti	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + adj. + prep. + subst.)
Córrego	do Cancã	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst. onomatopaico)
Córrego	do Cancã	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst. onomatopaico)
Córrego	do Capão Alto	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Capão Limpo	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Cabeceira	do Capão	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)

Cabeceira	dos Capões	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + subst. + Marca de plural)
Córrego	do Carandá	Composto aglutinado com soldadura (prep. + adj. + subst.)
Rural	do Cateto	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Cipó	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Córrego	do Cupim	Simples com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Córrego	dos Cupins	Simples com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + desinência -s de plural)
Córrego	dos Cupins	Simples com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + desinência -s de plural)
Ribeirão	da Curicaca	Não Identificada com soldadura
Ribeirão	da Embaúba	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (adj. + subst.)
Córrego	Fundo do Mutuca	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (adj. prep. + subst.)
Córrego	da Goiaba	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Córrego	Imbaúba	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (adj. + subst.)
Córrego	Imbaúba	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (adj. + subst.)
Ribeirão	Imbaúba	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (adj. + subst.)
Córrego	da Imbaúba	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + subst.)
Salto	Indaiá do Sul	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Córrego	do Jacá	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + verb. + subst.)
Cabeceira	do Jacaré	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)
Cabeceira	do Jacaré	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)
Córrego	Lagoa do Guapé	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Córrego	da Macaúba	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + subst.)
Córrego	das Macaúbas	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + adj. + subst. + desinência -s de plural)
Córrego	da Mangaba	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + subst.)
Morro	da Mangava	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + subst.)
Serra	das Morangas	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência -s de plural + adj. + desinência -s de plural)
Córrego	do Mucujê	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + verb. + adj.)
Córrego	da Mumbeca	Simples com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj.)
Córrego	da Mumbequinha	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + adj. + suf. dim. -inha)

Ribeirão	da Mutuca	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Córrego	da Mutuca	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Córrego	da Mutuca	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Ribeirão	do Mutuca	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Ribeirão	do Mutum	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Mutum	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	dos Mutuns	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + adj. + desinência -s de plural)
Córrego	do Mutunzinho	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj. + suf. dim. -zinho)
Córrego	da Ouricana	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Paraúna	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + adj.)
Ribeirão	da Piaba	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Pindaíba	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Pindaíba	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Lagoa	Praia do Rio Paraná	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst. + subst.)
Cachoeira	do Rio Indaiá	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Foz	do Rio Paranaíba	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Salto	Saltão do Aporé	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (subst. + prep. + subst.)
Ilha	do Sapé	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + verb.)
Córrego	do Sucuri	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + verb. + adj.)
Córrego	da Taboca	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Taboca	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	das Tabocas	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + adj. + desinência -s de plural)
Córrego	da Taboquinha	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Tamanduá	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + verb.)
Córrego	da Tapera	Simples aglutinado com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Córrego	da Tapera	Simples aglutinado com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Córrego	da Taquara	Simples com soldadura (prep. + subst.)
Serra	do Taquari	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst. + grau diminutivo suf. -i)
Córrego	do Tatu	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)

Lagoa	dos Tatus	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + desinência -s de plural + subst. + adj. + desinência -s de plural)
Córrego	do Tereré	Simples híbrido com soldadura (prep. + verb. onom.)
Córrego	dos Três Buritis	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (pre. + desinência de plural -s + num. + subst. + desinência de plural -s)
Rio	das Araras	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Córrego	das Araras	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Córrego	das Araras	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Córrego	das Araras	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Passo	da Ariranha	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Bocó	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + verb. + verb.)
Serra	da Bodoquena	Não Identificada com soldadura
Serra	da Bodoquena	Não Identificada com soldadura
Serra	da Bodoquena	Não Identificada com soldadura
Córrego	do Borevi	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (verb. + subst.)
Cabeceira	do Cambaí	Simples com soldadura (prep. + subst. + grau dim. -i)
Córrego	do Cipó	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cabeceira	do Guatapará	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + verb. + adj.)
Cabeceira	do Iguatemi	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adv.)
Cabeceira	do Iguatemi	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adv.)
Córrego	do Jacaré Grande	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Jacaré	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)
Cabeceira	do Jaguari	Composto justaposto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cabeceira	do Mangaí	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cabeceira	do Mangaí	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Serra	de Maracajú	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	do Morotim	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (pref. + pref. + adj.)

Barra	do Morotim	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (pref. + pref. + adj.)
Córrego	do Mutum	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Cabeceira	do Nioaque	Não Identificada com soldadura
Lagoa	da Peroba	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Lagoa	da Peroba	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Peroba	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Pindaíba	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Cabeceira	da Pindaiva	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Cabeceira	do Rio Amambai	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cabeceira	do Rio Amambai	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cabeceira	do Rio Amambaí	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Cabeceira	do Rio Apa	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Cabeceira	do Rio Apa	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Cabeceira	do Rio Maracaí	Composto híbrido com soldadura (prep. + subst. + subst. + subst.)
Mata	do Tacuru	Composto aglutinado com soldadura (prep. + subst. + subst.)
Córrego	da Tapera	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Cabeceira	do Taquaral	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst. + suf. -al)
Cabeceira	do Taquaral	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst. + suf. -al)
Cabeceira	do Tatuí	Composto aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. + verb.)
Cabeceira	da Ximbuíva	Composto justaposto com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Lagoa	do Aguapé	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + pref. a-+ subst.)
Morro	do Anu	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Morro	da Arara	Simples com soldadura (prep. + subst.)
Córrego	das Araras	Simples híbrido com soldadura (prep. + desinência de plural -s + subst. + desinência de plural -s)
Serra	da Bocaina	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Serra	da Bodoquena	Simples híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst.)
Vazante	do Caetetu Magro	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Ilha	do Capão Queimado	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Morro	do Chané	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Distrito	de Cipolândia	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + suf. -lândia)
Vazante	Corixo do Pacu	Composto híbrido com soldadura (subst. + prep. + subst.)
Rio	Dois Irmãos do Buriti	Composto híbrido com acomodação fonética e soldadura (num. + subst. + prep. + subst.)
Córrego	do Guaçu	Simples com soldadura (prep. + adj.)
Lagoa	do Jacadigo	Não identificada (com soldadura)

Morraria	do Jacadigo	Não identificada (com soldadura)
Lagoa	do Jacadigo	Não identificada (com soldadura)
Ilha	do Jacaré	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst. + adj.)
Volta	de Jatobá	Composto aglutinado com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Serra	de Maracaju	Composto justaposto híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + adj.)
Volta	do Mirim	Simples híbrido com soldadura (prep. + adj.)
Ilha	do Mucunã	Não identificada com soldadura
Morro	da Paca	Simples híbrido com soldadura (prep. + subst.)
Volta	da Patativa	Não identificada com soldadura
Córrego	da Piúva	Composto aglutinado híbrido com acomodação fonética e soldadura (prep. + subst. + subst.)
Brejo	do Taguari	Composto aglutinado com soldadura (prep. + subst. + adj.)
Córrego	da Tapera	Simples aglutinado híbrido com soldadura (prep. + subst. (pret.) + suf. -era/-cuéra)
Morraria	do Urucum	Composto aglutinado com soldadura (prep. + subst + subst.)

Fonte: Elaboração da autora.

6.5 A questão da toponimização

De modo geral, o processo de toponimização ocorre quando o elemento genérico se transforma em elemento específico, ou seja, o termo que designa um elemento geográfico passa a ser parte do nome próprio ou o topônimo propriamente dito. Dick (1992, p. 64) esclarece a toponimização do fator geográfico, quando descreve “o aparecimento dos chamados vocábulos toponímicos básicos”. De acordo com a toponimista:

Sinteticamente, podem ser considerados como o elemento genérico, definidor de um determinado estrato do ambiente, o qual na medida em que o homem o transforma em uma das peças nucleares de suas condições de existência, ganhará um interesse e uma utilidade que passam a ser, então, consideradas por ele significativamente. A frequência vocabular positiva que o sistema linguístico registra pode ocasionar a sua integração nos chamados nomes geográficos, ou topônimos, de um país (DICK, 1992, p. 64-65).

Resumidamente, Dick (2007, p. 463) define o processo de toponimização como "emprego do designativo do acidente em função denominativa, como se fosse um nome". Desse modo, pode-se dizer que no ato de denominação de um acidente geográfico, o elemento genérico do sintagma toponímico é ressemantizado, passando para a categoria de topônimo. No âmbito do corpus examinado para este trabalho, pode-se observar os seguintes exemplos: córrego **Cabeceira do Pindaíba**; córrego **Cabeceira da**

Samambaia; córrego *Cabeceira da Tapera*; córrego *Cabeceira do Capão*; córrego *Cabeceira do Indaiá*; córrego *Cabeceira Grande do Buriti*; ribeirão *Córrego do Cateto*; córrego *Lagoa do Guapé*; cachoeira *Rio Indaiá*; foz *Rio Paranaíba*; salto *Saltão do Aporé*, entre outros.

Vale registrar que Figueiredo (2020), pautando-se em Dick (1992), ao estudar os *hidrotopônimos* de Mato Grosso do Sul, estabeleceu diferentes situações em que o processo de toponimização pode se manifestar. Para a autora:

o processo de toponimização se dá por meio dos seguintes processos: a) ou de dois acidentes hidronímicos (ex: Cabeceira d'água, Cabeceira do Açude); b) ou do acidente geográfico seguido de um nome descritivo referente ao solo, à fauna ou à flora (ex: Cachoeira da Pedra, Água do Peixinho, Cabeceira da Mata); c) ou do acidente somado a uma característica aspectual desse (ex: Água Turva, Cabeceira Suja, Cachoeira Preta); d) ou do acidente junto a uma impressão psíquica do denominador em relação ao lugar nomeado (ex: Água Santa, Cabeceira Bonita); e ou do acidente seguido de designativos de locais de trabalho, de pontos de encontro de membros de uma comunidade (ex: Cabeceira do Engenho, Cabeceira do Cemitério) e f) ou, ainda, da relação de posse entre o homem e o acidente geográfico (ex: Cabeceira do João Teodoro, Cabeceira da Carla) (FIGUEIREDO, 2020, p. 112).

Considerando-se o exposto por Figueiredo (2020), no universo do *corpus* deste trabalho os dados analisados indicam toponimização, sobretudo, em *hidrotopônimos* formados com os afixos *i* e/ou *y* que significa “s. água, rio, líquido [...]” segundo (BUENO, 2008, p. 389). Cabe ressaltar, que nessas ocorrências o elemento genérico transforma-se em elemento específico, gerando o fenômeno da toponimização desses nomes, como pode-se observar em (córrego) *(I)guaçu* e (córrego) *Iguape(i)*, sendo **córrego** e *(i)* 'rio' o elemento genérico e *guaçu* e *iguape* o elemento específico. Observa-se, nesses exemplos, que o termo genérico do sintagma toponímico, especificamente, constituído por **córrego** e *(i)* 'rio' apresenta a união de dois acidentes hidronímicos, justificando a toponimização. No primeiro exemplo, o elemento genérico *(i)* 'rio' se aglutina, por prefixação, ao topônimo *guaçu*. Já no segundo exemplo, o elemento genérico *(i)* 'rio' se aglutina ao elemento específico *iguape*, por sufixação. Em ambos os casos, tem-se como elemento genérico "córrego" e "(i) rio", porém o segundo elemento genérico (i) 'rio' aparece de forma aglutinada ao topônimo ou elemento específico.

Em síntese, os dados evidenciam, sobretudo, que topônimos resultantes de nomes de correntes hídricas ou que recuperam o valor semântico de água foram bastante produtivos no *corpus*, ratificando uma tendência significativa de toponimização na toponímia indígena sul-mato-grossense. São exemplos de toponimização no *corpus*

analisado: rio *Anhanduí*, córrego *Guaraí*, córrego *Icaraí*, córrego *Iguaçu*, córrego *Iguapeí*, córrego *Ipané*, córrego *Ipoí*, ilha *Iporã*; córrego *Itororó*; córrego *Ijataí*, córrego *Itaquiraí*, rio *Laranjaí*, cabeceira do *Mangaí*, rio *Maracaí*, córrego *Piraí*, rio *Pirajuí*, cabeceira do **Rio Amambaí**, cabeceira do **Rio do Apa**, cachoeira do **Rio Indaiá**, cabeceira do **Rio Maracaí**, foz do **Rio Paranaíba**, salto **Saltão do Aporé**, córrego *Sanga Bonita*, córrego *Sanga Funda*, córrego *Sanga Puitã* entre outros.

6.6 Marcas sufixais

6.6.1 Sufixos diminutivos

Os dados analisados evidenciam uma significativa incidência de topônimos formados pelo processo de derivação com sufixo diminutivo que sugere duas hipóteses em termos de causa denominativa: 1) o denominador pode ter recorrido a esse recurso com o objetivo de marcar a dimensão do acidente nomeado; 2) o denominador desejou expressar seus sentimentos de afeto, desprezo, ou ironia frente ao acidente físico-geográfico nomeado.

A tendência de topônimos formados com sufixo diminutivo, em especial, os formados por *-zinho* e *-inho/-inha*, manifesta-se claramente no *corpus* analisado predominando em topônimos como: rio *Anhanduizinho*, rio *Inhanduizinho*, córrego *Jacarezinho*, córrego *Jaguarizinho*, vazante *Landizinho*, córrego *Mandioquinha*, córrego *Maruinha*, córrego *Matuzinho*, córrego *Mombuquinha*, córrego *Morumbizinho*, córrego *Mucujezinho*, córrego *Mutunzinho*, córrego *Mutuquinha*, ilha *Pacuzinho*, córrego *Pindaivinha*, córrego *Pitanguinha*, ribeirão *Sucurizinho*, córrego *Taboquinha*, córrego *Tamanduazinho*, córrego *Taperinha*, córrego *Taquaralzinho*, citando apenas exemplos. No entanto, nota-se que o uso dos sufixos diminutivos na formação dos topônimos nem sempre está associado ao tamanho do acidente. Topônimos como *Mutuquinha* e *Jacarezinho* parecem denotar mais um sentimento afetivo que a qualidade de um acidente geográfico pequeno.

Sampaio (1987, p. 90) explica que “o **grau diminutivo** se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de **mirim** ou **mini**, *pequeno*, ou simplesmente da partícula **y** ou **im**”, como se pode atestar nos exemplos do quadro 46:

Quadro 46 - Grau diminutivo no tupi

Positivo	Diminutivo
itá, pedra	itamirim/itaim/itay, pedrinha
pirá, peixe	pirahim/piray, peixinho
abá, homem	abay/abaim, homenzinho

Fonte: Sampaio (1987, p. 91)

Ainda de acordo com Sampaio (1987, p. 91, grifo do autor), “o diminutivo no feminino se forma com a posposição do vocábulo **tahim**, **tay**, ou **tem**, como: de **cunhã**, *mulher*, **cunhã-tahim** ou **cunhã-tem**, *menina*”. Observa-se que o **y** também aparece sob a forma **i**, ou ainda, que o diminutivo pode ser expresso por **ĩ**, resultando, por exemplo, o elemento **itaĩ**, que significa pedrinha ou **itaĩ-tin-diba** > **itaitindiba**, com a desnasalização do **ĩ** > **i** no decorrer do uso da palavra, como fenômeno histórico.

Vale registrar, como já citado anteriormente, que o fonema /i/ pode significar “s. água, rio, líquido [...]” de acordo com Bueno (2008, p. 389), marcando o processo de toponimização. No entanto, Isquierdo e Tavares (2005, p. 139), assinalam que o fonema /i/ “água/rio”, também se refere a uma indicação de diminutivo, ocorrência que pode ser corroborada nos exemplos, a seguir: (córrego) *Lambari*²⁰⁴, (córrego) *Mocoim*²⁰⁵ e (córrego) *Nundaí*²⁰⁶. Nota-se que nesses casos o *corpus* registra topônimos indígenas formados pelo sufixo diminutivo **-i**, levando em consideração, sobretudo, as acomodações fonéticas, como em (córrego) *Itajaí*, (ilha) *Piauí*, (rio) *Guareí*, (cabeceira) *Guaviraí*, (córrego) *Itaqueraí*, (córrego) *Tejuí*, (córrego) *Jacareí*, entre outros.

6.6.2 Sufixos aumentativos

Já a presença de topônimos formados por sufixos aumentativos foi menos expressiva, como as formações toponímicas com o sufixo **-ão** muitas vezes tomado pejorativamente ou afetivamente. Esse sufixo é, por excelência, o responsável pela formação dos aumentativos no português, confirmando o legado das línguas indígenas em conexão com a língua portuguesa na toponímia. No *corpus*, ilustram esse processo topônimos como córrego *Perobão*, córrego *Pindaivão*, córrego *Sanharão*, córrego

²⁰⁴ *Lambari*: corr. *Aramberí*, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. *Araberí*, *alambary*. (SAMPAIO, 1928, p. 253).

²⁰⁵ *Mocoim*: corr. Mocoó-ĩ, o que punge ou rói miudinho. Inseto minúsculo e vermelho que morde. Alteração mucuim, miquim (SAMPAIO, 1928, p. 267).

²⁰⁶ *Nundaí*: índia pequena (lenda) (FO) (TAVARES, 2004, p. 203).

Tapirão, córrego *Jaguarão*, cabeceira *Gurizão* entre outros. Diferentemente dos topônimos formados por sufixos diminutivos, os designativos formados por sufixos aumentativos parecem estar mais associados ao tamanho do acidente geográfico do que a uma emoção ou a um sentimento afetivo.

Topônimos formados pelo adjetivo tupi *guaçu/guassu*²⁰⁷, por sua vez, também destacam, de forma significativa, a formação dos aumentativos nos topônimos indígenas analisados, como se pode observar em: córrego *Baguaçu*, córrego *Guaçu*, córrego *Guaçu Grande*, córrego *Guassu*, córrego *Iguaçu*, córrego *Nhu-Guaçu*, córrego *Pirajuí-Guaçu*, vazante *Aguaçu*, córrego *Curussu-Ambá*, citando apenas alguns exemplos.

Para Sampaio (1987, p. 90, grifo do autor), “o **grau aumentativo** no tupi se forma com a posposição ao nome, no grau positivo de algum dos termos: **guaçu** ou **açu**, **etê** ou **têy**”. Os exemplos citados no quadro 47 exemplificam melhor esse processo:

Quadro 47 - Grau aumentativo no tupi

Positivo	Diminutivo
pará , rio	paraguaçu , rio caudal, grande
yaguara , cachorro	yagueretê , cachorrão, onça
tamanduá , tamanduá	tamanduatêy , tamanduá grande

Fonte: Sampaio (1987, p. 90)

Ainda de acordo com Sampaio (1987, p. 90), a repetição de nomes para exprimir abundância, por frequência ou multiplicação, equivalendo a aumentativo, é um recurso gracioso e elegante dessa língua. Para o autor, “o aumentativo, no tupi, é ainda suscetível de aumento, pela repetição do sufixo, como por exemplo: **caetetê**, *mato virgem*, *matão*, **caaêtetê**, que se contrai em **caetetê**, o *matão multiplicado*, *grandíssimo*”.

Em síntese, conclui-se que topônimos com sufixos diminutivos e/ou aumentativos são recorrentes e ratificam uma característica do processo de formação de palavras da língua portuguesa em comunhão com a herança toponímica indígena sul-mato-grossense.

6.6.3 Outras derivações sufixais

A sufixação resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva; pela derivação sufixal, formam-se novos substantivos, adjetivos e até advérbios. Dessa forma, pode-se

²⁰⁷ **Guaçu**: s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-se suaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu (SAMPAIO, 1928, p. 206).

dizer que o sufixo é o elemento que se agrega após o radical para modificar o significado ou modificar a classe gramatical da palavra primitiva. O sufixo nominal **-al**, por exemplo, é um dos principais sufixos formadores de adjetivos, registrado no *corpus* desta pesquisa. Na sequência, apresenta-se alguns exemplos encontrados: córrego **Goiab(al)**, lagoa **Mangab(al)** e córrego **Taquar(al)**. Além disso, o sufixo **-al** pode significar abundância, aglomeração e coleção, assim, os topônimos: córrego **Acuri(z)+al**, córrego **Buriti(z)+al** e lagoa **Piri(z)+al**, presentes nos dados analisados, são substantivos masculinos acrescidos de sufixação que ganharam, por seu turno, o significado de aglomerado ou conjunto de coisas.

Outro sufixo em destaque no *corpus* são os sufixos nominais **-eira/-eiro**, formadores de substantivos para a formação de nomes de agente, instrumento e/ou lugar. Cita-se como exemplo desse sufixo, o adjetivo e substantivo masculino **catigueiro**²⁰⁸, que marca o topônimo cabeceira **catingu(eiro)**. O sufixo **-eira**, por sua vez, também pode significar abundância, aglomeração e coleção, como em: córrego **catingu(eira)**, córrego **Jaqu(eira)**, córrego **Mangab(eira)** e córrego **Pitangu(eira)**, citando apenas alguns exemplos.

Por fim, cita-se a formação do plural com acréscimo da desinência morfológica indicativa de plural **-s**, também marcada de forma expressiva no *corpus*. Nos dados analisados, forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) **-s** em: córrego **anhuma(s)**; serra das **Moranga(s)**; arroio **Mutun(s)**; córrego **Taboca(s)**; Lagoa dos **Tatu(s)**; ilha **Xavante(s)**, entre outros.

Em síntese, o *corpus* examinado evidencia que as línguas indígenas sobrevivem, apesar das pressões sociais e políticas que as empurram para seu enfraquecimento e desaparecimento. Apesar do avanço de estudos e pesquisas nas últimas décadas, muito resta a fazer, por meio desta análise foi possível recuperar aspectos etnolinguísticos e históricos das regiões estudadas, confirmando que o estudo dos nomes de lugares permite abstrair aspectos dos sentimentos do denominador, a sua expectativa frente à realidade e a maneira como o seu grupo lê e interpreta a realidade.

Os topônimos analisados assinalam de maneira expressiva a influência indígena na toponímia sul-mato-grossense, atestação que referenda a contribuição pretendida no projeto que deu origem a esta Tese que teve como um dos seus propósitos fornecer elementos para a análise da toponímia indígena a partir desse caminho de conhecimento.

²⁰⁸ De acordo com o dicionário Houaiss (2009), **catigueiro** trata-se de um regionalismo brasileiro que significa “que ou que é natural ou habitante da catinga”.

Novos estudos se fazem necessários, sobretudo, sobre o léxico de línguas indígenas, pois, como já atestara Teodoro Sampaio:

As construcções dos selvagens, os productos da sua indústria rudimentar, os seus usos e costumes em sociedade tambem concorreram para as denominações geographicas do país. Estudemos este assumpto com mais vagar e havemos de verificar quão larga foi a cópia de nomes e palavras que dahi passaram para a Geographia e para a linguagem commum, alguns já assimilados, outros resistindo ainda á força modeladora da lingua culta prevalecente. (SAMPAIO, 1928, p. 92).

À guisa de conclusão deste Capítulo, pode-se referendar que a língua portuguesa falada no Brasil se enriqueceu, ampliando a sua capacidade de expressão, com os empréstimos oriundos do tupi, língua que nos faz remontar às nossas raízes. O estudo de topônimos de base indígenas tem, assim, singular relevância, pois pode apurar afinidades linguísticas porventura existentes, deduzir a evolução desde a dispersão do grupo primitivo e reconstituir, ao menos aproximadamente, a língua matriz que o dominava, sobretudo, as línguas indígenas que tiveram maior contato com o português.

CONCLUSÕES

Esta Tese teve como objetivo realizar um estudo acerca da toponímia indígena em Mato Grosso do Sul, tendo priorizado os topônimos que nomeiam os acidentes físicos, rurais circunscritos aos 79 municípios sul-mato-grossenses que, por sua vez, estão distribuídos geograficamente em quatro mesorregiões e em 11 microrregiões de acordo com a divisão regional do IBGE até 2017.

É fato assente que, ao ocupar um determinado espaço físico e precisar se dispor geograficamente nesse meio, o homem sente necessidade de nomear o ambiente que o cerca. Assim, nesta pesquisa, considerou-se que o topônimo, por ser influenciado por particularidades físicas e sócio-histórico-culturais da região e preservado na nomenclatura geográfica dos acidentes físicos, pode revelar estratos linguísticos oriundos das línguas das diferentes etnias presentes na formação da população que habita e/ou habitou o espaço geográfico onde está situado.

A opção pelo estudo dos topônimos de acidentes físicos rurais foi motivada pelo interesse em investigar em que proporção o homem, tendo ao seu dispor as várias possibilidades de denominações disponíveis na língua, selecionou os nomes atribuídos aos acidentes geográficos alocados ao ambiente físico rural e quais particularidades ambientais como as riquezas naturais, a fauna, a flora e os cursos de água que compõem o cenário da região estudada se manifestam no sistema de nomeação dos acidentes geográficos, levando em consideração fatos históricos, linguísticos, etnológicos e sociais incorporados ou não ao léxico da língua portuguesa e perpetuados na toponímia indígena objeto de investigação desta pesquisa.

A análise dos dados confirmou que aspectos da realidade extralinguística, no caso dos topônimos indígenas, refletem-se nos nomes dos acidentes geográficos, em especial os relacionados a elementos da natureza como vegetação, animal, água e solo. Da ligação que se verificou entre o colonizador europeu e o indígena em vários setores da cultura, um dos mais interessantes é, sem dúvida, o que se realizou na botânica. O indígena trouxe ao não índio uma experiência diversa em muitos aspectos da natureza tropical.

Os fatores antropoculturais também estão presentes nos topônimos investigados, especialmente, os relacionados a elementos da cultura material e em topônimos formados com nomes próprios individuais. Nesse sentido, os dados demonstram que as taxionomias de natureza física, com 81,37%, prevaleceram sobre as de natureza antropocultural, com 13,60%, confirmando a hipótese de que a influência da língua indígena é maior nos

topônimos de natureza física, por se referirem ao ambiente cuja nomeação faz parte do universo lexical do denominador, principalmente os motivados pela presença de plantas e animais.

Dessa forma, os dados confirmaram que a cultura e a língua indígenas tem uma forte influência na toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul, o que pode ser explicado pela grande concentração de povos indígenas que habitam o território sul-mato-grossense. O produto deste estudo atesta que os designativos de origem indígena da *Mesorregião Sudoeste* foram os mais produtivos, representando 46,00% do *corpus* analisado, seguida da *Mesorregião Leste*, com 25,66%, da *Centro-Norte*, com 17,37%, e da dos *Pantanaís de Mato Grosso do Sul*, com a menor produtividade, com 10,97% dos topônimos de base indígena analisados.

No que se refere aos espaços microrregionais, a pesquisa demonstrou que, entre as onze microrregiões do Estado, Iguatemi, com 23,08%, e Dourados, com 16,86%, foram as mais produtivas do *corpus*, justamente as que abrigam o maior contingente de populações indígenas, sobretudo a de Dourados²⁰⁹. O fato de ambas as regiões reterem uma concentração expressiva de povos indígenas ratifica a hipótese estabelecida de que os nomes dos acidentes geográficos refletem a intensa presença indígena nesses locais, no passado e atualidade.

Quanto à motivação, os dados atestaram que, considerando a totalidade dos topônimos, sobressaíram-se oito *taxes* toponímicas (DICK, 1992) de natureza física – *fitotopônimos* (37,37%); *zootopônimos* (24,97%); *hidrotopônimos* (11,60%); *litotopônimo* (3,66%); *dimensiotopônimo* (1,89%); *cromotopônimo* (0,57%); *geomorfotopônimo* (1,26%) e *meteorotopônimo* (0,06%) – e 13 *taxes* de natureza antropocultural – *ergotopônimos* (3,43%); *antropotopônimo* (2,51%); *ecotopônimos* (2,40%); *etnotopônimo* (1,89%); *hodotopônimo* (0,68%); *animotopônimo* (0,63); *somatopônimo* (0,57%); *hierotopônimo* (0,51%); *numerotopônimo* (0,40%); *dirrematopônimo* (0,28%); *sociotopônimo* (0,17%); *mitotopônimo* (0,06%) e *cronotopônimo* (0,06%).

O exame dos dados revelou, ainda, que 88 topônimos, ou seja, 5,03% do *corpus* estudado não foram classificados em termos de motivação, em virtude do não acesso desta pesquisadora a fontes confiáveis sobre a etimologia desses topônimos, fato que aponta para a necessidade de intensificação de pesquisas na área das línguas indígenas,

²⁰⁹ Cf. Figuras 7 e 8, na página 114, no Capítulo 2 desta Tese que registra a distribuição de povos indígenas em Mato Grosso do Sul.

particularmente as dos povos que habitam o território sul-mato-grossense. Não houve representatividade no *corpus* das seguintes taxionomias: *astrotopônimos*, *axiotopônimos*, *cardinotopônimos*, *corotopônimos*, *historiotopônimos*, *morfotopônimos* e *poliotopônimos*.

Um olhar mais pontual para as vinte e uma taxes (DICK, 1992), com representatividade neste estudo, revela que três delas alcançaram maiores índices de produtividade: *fitotopônimos* (37,37%), *zootopônimos* (24,97%) e *hidrotopônimos* (11,60%), todas categorias de natureza física. Destacam-se, ainda, embora com menor representação, quatro outras taxes: *litotopônimo* (3,66), *ergotopônimos* (3,43%); *antropotopônimo* (2,51%); *ecotopônimos* (2,40%); *etnotopônimo* (1,89%), *dimensiotopônimo* (1,89%), *geomorfotopônimo* (1,26%), quatro de natureza antropocultural e três de natureza física. Esse resultado confirma a influência dos ambientes físico e social no léxico de uma língua, como atestara Sapir (1969), neste caso, no léxico toponímico, ou seja, “o universo de topônimos de uma língua que [...] estão circunscritos a diferentes espaços geográficos do território coberto por esse sistema linguístico” (ISQUERDO, 2012, p. 116), no caso deste estudo, o território que compõe o estado de Mato Grosso do Sul.

Com relação à língua de origem, merece destaque, no *corpus* estudado, a massiva predominância de topônimos de origem tupi, com 1.044 ocorrências (59,65%), seguidos pelos do guarani, língua falada no sul de Mato Grosso do Sul, com 99 ocorrências (5,65%). No universo dos dados examinados merecem também destaque os topônimos com estrutura híbrida, ou seja, nomes próprios de lugares formados por meio da combinação de elementos mórficos provenientes de línguas distintas, sendo as seguintes composições as mais produtivas entre os topônimos com estrutura híbrida: Tupi + LP com 191 ocorrências (10,91%); LP + Tupi com 146 casos (8,34%); LP + Guarani com 63 registros (3,60%); LP + Tupi + LP com 33 ocorrências (1,88%); Tupi + Guarani com 24 registros (1,37%); Guarani + Tupi com 12 ocorrências (0,68%), citando apenas as mais produtivas. Uma particularidade observada, nesse âmbito, pela razão já apontada, foi o fato de 74 topônimos permanecerem com a língua de origem “não identificada”, representando (4,22%) do *corpus*.

Outro aspecto investigado foi a estrutura morfológica dos topônimos. A maioria dos designativos possui estrutura composta justaposta, com 565 ocorrências (32,28%) e

composta aglutinada²¹⁰, com 483 casos (27,60%). Os compostos por duas ou mais unidades lexicais com o uso ou não de hifenização marcam 31 registros (1,77%) e os compostos híbridos sinalizam 182 ocorrências (10,40%). Já os topônimos de estrutura e origem simples ocorrem em **290** casos (**16,57%**) e os simples híbridos representam **93** ocorrências (**5,31%**). Em síntese, os dados analisados evidenciam que os topônimos de estrutura e/ou origem composta alçaram um índice significativo de registro no *corpus*, considerando-se aqui apenas as categorias mais produtivas.

Ademais, destacam-se no *corpus* 203 topônimos indígenas (11,60%) que evidenciaram *soldadura* ortográfica. A análise desses dados ressalta, sobretudo, a estrutura morfológica desses topônimos e conclui que topônimos formados por preposições e substantivos são os mais produtivos no conjunto de topônimos com evidência de *soldadura*.

Além desse processo, outras particularidades foram analisadas por apresentarem um número significativo de ocorrências. A *toponimização* e a *derivação sufixal*, especialmente, além dos casos de sufixos diminutivos com significativa recorrência no *corpus* que ratificam uma característica do processo de formação de palavras da língua portuguesa em comunhão com a herança toponímica indígena sul-mato-grossense. Vale ainda destacar o aspecto positivo da distribuição dos dados em quadros toponímicos inspirados no modelo proposto por Dick (2004), o que favoreceu, consideravelmente, a visualização da análise dos topônimos indígenas, no que diz respeito à distribuição quantitativa dos topônimos de acordo com a divisão geográfica do IBGE, a categoria taxionômica, a etimologia, a estrutura morfológica e a língua de origem.

Para tanto, na conclusão desta Tese partiu-se do fato que, dos **1.750** topônimos de origem indígena que foram investigados, a *Mesorregião Sudoeste*, com **805** ocorrências, destacou-se em números de topônimos com, praticamente, o dobro de ocorrências do das outras três mesorregiões; a *Mesorregião Leste* reuniu **449** topônimos indígenas, ocupando o segundo lugar nesse comparativo; em terceira posição destaca-se a *Mesorregião Centro-Norte* com **304** registros e, por fim, a dos *Pantaneais de Mato Grosso do Sul* que registra **192** ocorrências (ver tabela 2).

Entretanto, observa-se que esse resultado já havia sido de certa forma empiricamente aventado, pois, retomando-se os mapas apresentados como figuras 6 e 8, no segundo Capítulo, é possível notar a representatividade das Terras Indígenas, nas

²¹⁰ Cf. definição de Lyons (1979), apresentada na nota 196, constante do Capítulo 6 deste trabalho, p. 588.

Mesorregiões Sudoeste e Leste, sobretudo, no sul do estado, justamente a região em que se concentra os maiores contingentes de sociedades indígenas.

Com relação à língua de origem, os dados confirmaram que o guarani é a segunda língua com o maior número de ocorrências no *corpus* analisado. Dos **99** topônimos provenientes do guarani, **79** pertencem à *Mesorregião Sudoeste*, mais uma vez evidenciando que a influência indígena, na região sul, é bastante significativa.

Um particular a ser considerado é o fato de a *Mesorregião Sudoeste* fazer fronteira com o Paraguai, país cujo idioma oficial é o guarani, a par do espanhol, e carrega, nomeadamente, evidências linguísticas do guarani como língua viva, em contato com o português e o espanhol nessa faixa de fronteira. Exemplifica essas evidências, dentre outros casos, a produtividade do prefixo guarani *cué/cuê*²¹¹ na formação de topônimos com estrutura híbrida, na *Mesorregião Sudoeste* que, mais uma vez, se sobrepôs às demais com **62** registros de topônimos formados com esse prefixo, distribuídos em três microrregiões e 18 municípios. Ilustram o exposto, topônimos como córrego *Blanco-Cuê*; córrego *Carajá Cuê*; cabeceira *Conchita-Cuê* e córrego *Cristiano Cuê*, que atestam a influência do guarani na toponímia dessa região; a *Mesorregião Leste* registrou duas ocorrências desse fenômeno morfológico com um caso no município de Nova Andradina – córrego *Chapéu-Cuê* – e outro no município de Bataiporã – ilha *Moreira Cuê*; na *Mesorregião Centro-Norte*, município de Sidrolândia, foi registrada apenas uma ocorrência, o córrego *Cuês, dos*. Na *Mesorregião Pantanaís de Mato Grosso do Sul* não houve ocorrência dessa marca prefixal.

O maior agrupamento de povos indígenas, como informado no Capítulo 2 (ver quadro 7, páginas 105 e 106), se concentra em municípios do sul do estado, assim, relacionando-se essa realidade populacional com a toponímia comprova-se a estreita relação entre o léxico toponímico e as bases étnicas da população. Nesse sentido, referenda-se aqui a posição de Dick (2008, p. 178): “entendemos, porém, que, qualquer que seja a região estudada, do ponto de vista físico ou de sua constituição étnico-social, os nomes escolhidos para os locativos refletem essa formação sociológica, conscientemente ou não”. Em outras palavras, confirma-se neste estudo que as tendências toponímicas de um espaço geográfico trazem subjacente um traço cultural oriundo das bases étnicas dos indivíduos que dividem, no cotidiano de suas relações intersociais, os diversos saberes que comandam e coordenam seus conhecimentos de mundo. Esse traço

²¹¹ Segundo Tibiriçá (1989, p. 50), o prefixo *cuê* "conota ideia de passado, o que foi".

característico da toponímia a vincula à Etnolinguística que se ocupa do estudo das relações entre a língua e o grupo social caracterizado pela sua comunidade cultural, ou seja, por sua etnia.

Desse modo, é clarividente afirmar-se que, quando se tem à disposição o léxico da língua, é possível analisar peculiaridades ambientais, físicas, sociais e culturais do grupo étnico que faz uso dessa língua, pois “o léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (SAPIR, 1969, p. 45). Transferindo esse raciocínio para o *corpus* aqui investigado identifica-se um número expressivo de topônimos que expressam características ambientais e culturais, de base indígena, denominando, sobretudo, acidentes geográficos de natureza física e confirmando a hipótese de que a influência indígena é maior nos topônimos formados com itens lexicais relacionados ao ambiente físico, como se observa em rio *Araras*; córrego *Açaí*; córrego *Água da Tapera*; rio *Amambai*; córrego *Bacuri*; córrego *Cateto*, que perenizam marcas da fauna, da flora e de recursos hídricos, nomes que remetem à língua indígena que está na base da formação cultural e linguística dos habitantes do estado de Mato Grosso do Sul. Em síntese, o topônimo relaciona o homem ao seu ambiente, considerando um dado histórico, por exemplo, pode-se compreender aspectos sociais, culturais e linguísticos e, além disso, é considerado um fenômeno da linguagem aplicado a elementos geográficos, uma vez que por meio do topônimo o homem nomeia e diferencia aspectos linguísticos e extralinguísticos do espaço geográfico em que habita.

Finalizando, cabe reiterar a expectativa de que o resultado deste estudo possa ter trazido uma contribuição para a pesquisa toponímica de base indígena do Estado de Mato Grosso do Sul e, conseqüentemente, possa tornar-se fonte de consulta, tanto para pesquisadores interessados na área, como para o público não especialista. Espera-se, também, que o produto deste estudo possa enriquecer o Sistema de Dados do Projeto ATEMS com informações sobre os nomes de base indígena que poderão subsidiar a revisão final dos dados já armazenados, à medida que esta pesquisa teve como um dos seus propósitos descrever as bases linguísticas dos topônimos de base indígena reunidos no *corpus* de pesquisa. Tem-se também a expectativa de que o produto desta Tese possa motivar outras investigações, na busca de novas descobertas sobre a realidade da toponímia indígena sul-mato-grossense, buscando também novas evidências acerca da influência da história social no léxico toponímico e a importância das pesquisas desse recorte do léxico para o resgate de aspectos culturais e ideológicos de uma comunidade de falantes.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileiro. São Paulo: Blucher, 2020.

AMORIM, Bianca da Silveira de. **A toponímia urbana de Campo Grande/MS**: um estudo etnolinguístico da região do Segredo. 2017. 234f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins**: Projeto ATITO. 2006, 187 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-24032008-132238/pt-br.php>. Acesso: 08 fev. 2020.

ASSIS, Ceci Fernandes de. **Avañe'ẽ-portuge/portuge-avañe'ẽ**. Dicionário guarani-português/português-guarani. São Paulo: Edição da autora, 2008.

ATEMS – Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul. **Sistema de Dados**. Campo Grande/MS: UFMS, 2019.

AYLWIN, José. **Os direitos dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul, Brasil**: confinamento e tutela no século XXI (Informe 3, International Work Group for Indigenous Affairs). São Paulo: Ed. Iwgia, 2009.

BACKHEUSER, Everardo Adolpho. Toponímia: suas regras, sua evolução. **Revista Geográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História, v. IX-X, n. 25, p. 163-195, 1949/1950. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40996352?seq=1> Acesso em: 08 fev. 2020.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Língua e discurso**: contribuições aos estudos semântico-sintáticos. 2. ed. São Paulo: Global, 1981.

BARBOSA, Pe. A. Lemos. **Curso de Tupi Antigo**: Gramática, Exercícios, Textos. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:barbosa-1956-curso/p/6>. Acesso em: 04 set. 2019.

BARBOSA, Pe. A. Lemos. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Abarbosa-1951-pequeno/barbosa_1951_tupi-portugues.pdf. Acesso em: 04 set. 2019.

BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

BEARZOTI FILHO, Paulo. **Formação linguística do Brasil**. Curitiba: Nova Didática, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 1998, p. 12-22.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª ed. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf Acesso em: 23 ago. 2020.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Fundamentos da Lexicologia. In: BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 71-166.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Glossário. **ALFA: Revista de linguística**. São Paulo, n. 28 (supl.), p. 135-144, 1984.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, n. 40, p. 27-46, 1996.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

BITTENCOURT, Karla Porto. **Toponímia urbana da cidade de Três Lagoas – MS: interfaces entre léxico, cultura e história**. 2015. 227 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2015.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

BORDONI, Orlando. **Dicionário: A língua tupi na geografia do Brasil**. Campinas/SP: Gráfica Muto Ltda. (s/d).

BRAND, Antônio. “O bom mesmo é ficar sem capitão”: o problema da “administração” das reservas indígenas Kaiowá/Guarani, MS. **Tellus**, Campo Grande/MS, ano 1, n. 1, p. 67-88, out. 2001.

BRASIL, Fundação Nacional do Índio. **Manual de Redação Oficial da Funai**. Organizado pela Comissão Especial de Elaboração do Manual – Portaria nº. 540/2015/Pres-Funai. – Brasília: Funai, 2016. Disponível em: http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/Outras_Publicacoes/Manual_de_Redacao_Oficial_da_Funai/Manual%20de%20Redacao%20Oficial%20da%20Funai.pdf

Acesso em: 22 ago. 2020.

BRASIL. Mato Grosso do Sul. **Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico (SEMADE) Perfil Estatístico de Mato Grosso do Sul 2015**: Ano base: 2015, Campo Grande: SEMADE, 2016. Disponível em: http://www.seinfra.ms.gov.br/wpcontent/uploads/2017/06/Perfil_Estat%C3%ADstico_MS_2016.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. 7º vol., 2ª tiragem. São Paulo: Saraiva, 1968.

BUENO, Silveira. **Vocabulário tupi-guarani-ortuguês**. 7ª. ed. São Paulo/SP: Vidalivros, 2008.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965.

CANESE, Natalia Krivoshein de; ALCARAZ, Feliciano Acosta. **Gramática Guaraní**. Asuncion: Servilibro, 2007.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro/RJ: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1986.

CASADO VELARDE, Manuel. **Lenguaje y cultura: La etnolingüística**. Madrid: Editorial Síntesis, 1988.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. **Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense**. 2008. 279f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2008.

CAVALCANTE, Letícia Barbosa da Silva. **Léxico toponímico urbano na cidade de Campo Grande/MS: região do Imbirussu**. 2016. 272f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2016.

CAZAROTTO, Suely Aparecida. **Glossário de fitotopônimo sul-mato-grossenses: uma proposta**. 2010. 319f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2010.

CAZAROTTO, Suely Aparecida. **Interfaces entre a toponímia brasileira e a paraguaia em área de fronteira: perspectiva etnodialetológica**. 2019. 472f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2019.

CHAMORRO, Isabelle Combès. **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transfirmações sociais**. Dourados/MS: Ed. UFGD, 2015.

COSERIU, Eugenio. Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística. In: MELLO, Linalda de Arruda (Org.) **Sociedade, Cultura & Língua**. Ensaios de sócio e etnolinguística. João Pessoa: SHORIN, 1990, p. 28-49.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário histórico das palavras portuguesa de origem tupi**. 4. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 5. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense**. 2003. 261 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2003.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício; ISQUERDO, Aparecida Negri. Projeto ATEMS: parâmetros metodológicos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul**. Vol. II. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2019, p. 20-64. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3549>. Acesso em: 18 nov.2020.

DAUZAT, Albert. **La Toponymie Française**. Paris: Payot, 1946.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux: Origine et évolution – villes et villages, pays, cours d'eau, montagnes, lieuxdits**. 5. ed. Paris: Librairie Delagrave, 1947.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos**. 2ª ed. São Paulo/SP: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo/SP: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Aspectos de etnolinguística: a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 180-191, dezembro/fevereiro 2002-2003.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de Caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa

de (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte/MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 90-117.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Interrelação léxico e cultura na América Indígena: estudo de caso. **Acta semiótica et linguística**, São Paulo: Editora Plêiade, vol. 8, p. 295-308, 2000.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Método e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. **Investigações**. Linguística e Teoria Literária. Recife/UFPE, v. 9, p. 119-148. 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª ed. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2001, p. 79-90.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. v. II. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2004, p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Toponímia e cultura. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo/SP, n. 27, p. 93-101, 1987.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Etnia e etnicidade. Um outro modo de nomear. Projetos ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Vol. IV. Campo Grande/MS: Editora UFMS; Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2008, p.177-198.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Origens históricas da toponímia brasileira: os nomes transplantados. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 24, p. 75-96, 1982. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69706> Acesso em: 20 set. 2016.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo, 1554-1897**. São Paulo: Annablume. 1997.

DRUMOND, Carlos. **Contribuição Bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: EDUSP, 1965.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

DURANTI, Alessandro. **Antropología lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

EDELWEISS, Frederico G. **Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: confrontos e revisões**. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/edelweiss_1969_estudos. Acesso em: 10 set. 2019.

EDELWEISS, Frederico G. **O caráter da segunda conjugação Tupí**. Salvador: Livraria Progresso Editôra, 1958.

FERNANDES, Aducto. **Gramática Tupi**: histórica, comparada e expositiva. 2. ed. Rio de Janeiro: A Coelho Branco, 1960.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. Os hidrotopônimos de Mato Grosso do Sul: o que os dados do ATEMS revelam. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **Toponímia**: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul, v. 2, Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2020, p. 94-120. (Série Toponímia). Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3549>. Acesso em: 20 set.2020.

GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da conquista espiritual do Padre A. Ruiz de Montoya. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, vol. VII (1879-1880). Rio de Janeiro: Typographia Nacional 1879.

GENDRON, Stéphane. **L'origine des noms de lieux en France. Essai de toponymie**. Paris: Éditions Errance, 2008.

GONSALVES, Doraci da Luz. **Um estudo da toponímia da porção sudoeste de Mato Grosso do Sul**: acidentes físicos e humanos. 2004, 188f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2004.

GREGÓRIO, Irmão José. **Contribuição indígena ao Brasil**: lendas e tradições, usos e costumes, fauna e flora, língua, raízes, toponímia, vocabulário. Belo Horizonte/MG: União Brasileira de Educação e Ensino: 1980.

GROSS, Gaston. **Les expressions figées en français**. Noms composés et autres locutions. Paris: Editions Ophrys, 1996. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=R-OtRa4p8S4C&printsec=copyright>. Acesso em: 16 ago. 2019.

GUASCH, Antonio; ORTIZ, Diego. **Diccionario Castellano-Guaraní. Guaraní Castellano**. 13^a. ed. Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción, Paraguay, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Objetiva, 2009. Versão digital 1.0

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Vários acessos.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão Regional do Brasil em Mesorregião e Microrregião Geográfica**. v.1. Rio de Janeiro,

1990. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**: 2017/IBGE. Coodenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>. Acesso em: 23 ago 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indígenas**. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>. Acesso em: 23 ago.2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras - Revista de História**. Campo Grande/MS, v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez,1997.

ISQUERDO, Aparecida Negri. La recherche toponymique au Brésil: une perspective historio graphique. **Cahiers de lexicologie**, Paris: Classiques Garnier, v. 2, n. 101, p. 15-35, 2012.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2012, p. 115-139.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade socio-cultural**. 1996. 420f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara/SP, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município. um estudo etno-linguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. **Revista Prolíngua**. João Pessoa/PB, v.2, n.2 p. 34-52, jul/dez., 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/13403>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. A macrotoponímia dos municípios sul-mato-grossenses: mecanismos de classificação semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul**, v.2, Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2020, p. 229-272. (Série Toponímia). Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3549>. Acesso em: 20 set.2020.

ISQUERDO, Aparecida. Negri; TAVARES, Marilze. A presença indígena na fitotoponímia da região sul de Mato Grosso do Sul. **Signum – Estudos da Linguagem**. Londrina: Editora UEL, n. 8/2, p. 127-147, dez. 2005.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LONGNON, Auguste. **Les noms de lieu de la France: leur origine, leur signification, leurs transformations**. E. Champion in Paris. Written in French, 1920. Disponível em: https://openlibrary.org/books/OL24165500M/Les_noms_de_lieu_de_la_France. Acesso em: 03 set. 2019.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; USP, 1979.

MANGOLIM, Olívio. **Povos indígenas no Mato Grosso do Sul: viveremos por mais 500 anos**. Campo Grande/MS: Conselho Indigenista Missionário Regional de Mato Grosso do Sul, 1993.

MARILÍN, Eva; BENÍTEZ, O. **Gramática de la Lengua Guaraní**. Asuncion: Atlas Representaciones, 2010.

MARQUES, Elizabete Aparecida. Fraseotopônimos: estabelecendo diálogos entre a fraseologia e a toponímia. **Revista Guavira**, Três Lagoas/MS, n. 25, p. 23-33, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/589/435>. Acesso 17 ago. 2020.

MARTINS, Gilson Antônio. **Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul**. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2002.

MASUCCI, Oberdan. **Dicionário Tupi Português e Vice-Versa**. Rio de Janeiro: Brasilivros, 1979.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical, descriptions linguistiques structuration sémantique**. Tunis, Publications de La Faculté des Lettres, Université de La Manouba, 1997.

MELIÀ, Bartomeu. Prefácio. In: CHAMORRO, Isabelle Combès. **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados/MS: Editora UFGD, 2015, p. 15-17.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2007.

MILANI, Patrícia Helena. **Dinâmica territorial da rede urbana na mesorregião Leste em Mato Grosso do Sul**. 2011, 141f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/52379949-Dinamica-territorial-da-rede-urbana-namesorregiao-leste-de-mato-grosso-do-sul.html>. Acesso em: 08 fev. 2020.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4. ed. revista e ampliada. Campinas: Pontes, 2002.

MUNIAGURRIA, Saturnino. **El Guarani**: elementos de gramática guarani y vocabulario de las voces más importantes de este idioma. Buenos Aires, Perú: Imprenta y casa editora «Coni», 1947. Disponível em: http://etnolingüística.wdfiles.com/local--files/biblio%3Amuniagurria-1947/Muniagurria_1947_ElGuarani_OCR.pdf. Acesso em: 28 out. 2019.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo**: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 3. ed. rev. São Paulo: Global, 2005.

NEVES, Janaína Domingues Verão das. **Toponímia urbana de Campo Grande/MS**: um estudo etnolinguístico dos nomes das ruas da região do Prosa. 2019. 248 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro de Ciências Sociais e Humanas – UFMS. Campo Grande, MS, 2019.

OLIVEIRA, Letícia Alves Correia de. **Toponímia urbana da região central de Campo Grande/MS**: um olhar socioetnolinguístico. 2014. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2014.

PEREIRA, Renato Rodrigues. **A Toponímia de Goiás**: em busca da descrição dos nomes de lugares dos municípios do Sul Goiano. 2009. 204f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2009.

PONTES, Salvador Pires. **Nomes indígenas na geografia de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970.

PONTES, Salvador Pires. **Noções da Gramática Tupi**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (PibISA). **Guarani**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani>. Acesso em: 23 ago. 2020.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (PibISA). **Guató**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guat%C3%B3>. Acesso em: 23 ago. 2020.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (PibISA). **Kadiwéu**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u>. Acesso em: 23 ago. 2020.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (PibISA). **Kinikinau**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kinikinau>. Acesso em: 23 ago. 2020.

QUISNAU, Cesar Adilon Canhete. **A toponímia urbana da região do Anhanduizinho/Campo Grande/MS: um estudo etnolinguístico**. 2019. 248 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

RADIMSKÝ, Jan. **Lescomposés italiens actuels**. Thèse de doctorat. Faculté des Lettres Institut D'études Romanes, Université Charles. Prague, 2005, p. 186. Disponível em: <https://is.cuni.cz/webapps/zzp/download/150020815>. Acesso em: 16 ago. 2019.

REVISTA DE ANTROPOLOGIA, São Paulo: Companhia Editorial Nacional, vol. 2, n. 2, dez. de 1954, p. 152. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/8378/558>. Acesso em: 12 out. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global, 2015.

RIBEIRO, Priscila do Nascimento. **Religiosidade na toponímia urbana de Campo Grande/MS: entrelaçamentos históricos e linguísticos**. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

RODRIGUES, Alexandra Soares. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In: RIO-TORTO, Graça. *et al.* **Gramática derivacional do português**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 35-133. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/13485/3/Gram%C3%A1tica%20Derivacional.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história**. Belém: UFPA, 2002, p. 327-337.

RODRIGUES, AryonDall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, AryonDall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **D.E.L.T.A.** v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

RODRIGUES, AryonDall'Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. (Org.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 164-206.

RODRIGUES, AryonDall'Igna. A composição em Tupi. **Logos** (separata), Curitiba, ano VI, n. 14, p. 1-8, 1951. Disponível em: <http://biblio.wdfiles.com/local-->

files/rodrigues-1951-composicao/rodrigues_1951_composicao.pdf. Acesso em: 20 jun. de 2019.

RODRIGUES, AryonDall'Igna. A Estrutura do Tupinambá. [1981]. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; DUARTE, F. B. (Ed.). **Línguas e Culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010, p. 11-42.

RODRIGUES, AryonDall'Igna. Análise morfológica de um texto Tupí. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 45-62, jul. de 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/camil/Downloads/16234-Texto%20do%20artigo-32091-1-10-20181111%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/camil/Downloads/16234-Texto%20do%20artigo-32091-1-10-20181111%20(2).pdf). Acesso em: 05 nov.2019.

RODRIGUES, AryonDall'Igna. Argumento e predicado em tupinambá. **Boletim da Abralín** 19, p. 57-66, 1996.

RODRIGUES, AryonDall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (org.). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

ROSTAING, Charles. **Lesnoms de lieux**. 12^a édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La toponimia e Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciências Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Mário Arnaud. (Org.). **Vocabulário guarani-português**. Porto Alegre: L&PM, 1986-1987.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 3. ed. Bahia: Secção Graphica da escola de Aprendizes Artífices, 1928.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo: Typ. da Casa Eclectica. 1901. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1901_tupi. Acesso em: 19 abril. 2021.

SAPIR, Edward. **A Linguagem**: introdução ao estudo da Fala. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971, p. 205-216.

SAPIR, Edward. A posição da linguística como ciência. In: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**: ensaios. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 17-27.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**: ensaios. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SAPIR, Edward. O gramático e a língua. In: SAPIR, Edward. (1949) **Linguística como ciência**: ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 29-42.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEIDER, Marlene. **Um olhar sobre os caminhos do Pantanal Sul-Mato-Grossense: a toponímia dos acidentes físicos**. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2002.

SEKI, Lucy. A linguística Indígena no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, p. 257-290, N. Especial, 1999

SEKI, Lucy. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. **Impulso**, Universidade Metodista de Piracicaba, v. 12, n. 27 (edição sobre os 500 anos do Brasil), p. 233-256, 2000. Disponível em: http://www.muitaslinguas.ufscar.br/wp-content/uploads/2018/12/seki_2000-linguas-indigenas-do-brasil.pdf. Acesso em: 16 ago.2020.

SILVA, Camila André do Nascimento da; ISQUERDO, Aparecida Negri. A hipótese da «soldadura» na formação de topônimos indígenas monolexicais de estrutura poliléxica na língua de origem. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 241-264, abr.2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2698>. Acesso em: 23 ago. 2020.

SOUZA, Bernardino José de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1961.

SOUZA, Carla Regina. **Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da retirada da laguna**. 2006. 233f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2006.

STEWART, George Rippey. A classification of place-names. **Names**. Berkeley, v. II. n. 1. Março, 1954, p. 01-13 (Tradução de Erasmo d'Almeida Magalhães).

STRADELLI, Ermanno. **Vocabulário Português-Nheengatu, Nheengatu-Português**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

TAVARES, Marilze. **Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina**. 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2004.

TAVARES, Marineide Cassuci. **Estudos toponímicos da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história**. 2005, 239f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2005.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. **Dicionários de topônimos de origem tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi**. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. **Dicionário Guarani-Português**. São Paulo: Traço Editora, 1989.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

URQUIZA, Antonio Hilário Aguilera et al. (orgs.). **Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo**, módulo 2. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2010.

URQUIZA, Antonio Hilário Aguilera et al. (orgs.). **Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo**. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2016.

VASCONCELOS, José Leite de. **Opúsculos**. Onomatologia. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VOLKER, Noll; DIETRICH, Wolf (org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

WIKIPÉDIA, A enciclopédia livre. **Lista de mesorregiões e microrregiões de Mato Grosso do Sul**. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_e_microrregi%C3%B5es_de_Mato_Grosso_do_Sul#Mesorregi%C3%A3o_do_Centro-Norte_de_Mato_Grosso_do_Sul. Acesso em: 23 ago 2020.

WIKIPÉDIA, A enciclopédia livre. **Lista de regiões geográficas intermediárias e imediatas de Mato Grosso do Sul**. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_regi%C3%B5es_geogr%C3%A1ficas_intermedi%C3%A1rias_e_imediatas_de_Mato_Grosso_do_Sul. Acesso em: 23 ago.2020.